

Manuel Tiago

Até Amanhã,  
Camaradas





Editorial "Avante", S.A. - Lisboa 1989

Editora Planeta DeAgostini, S.A.,  
Lisboa - 2001, para a presente edição

Todos os direitos reservados.

ISBN: 972-747-534-5

Depósito legal: 170493/01

impressão: Rodesa (Rotativas de Estella, S.A.)

Villatuerta (Navarra) Printed in Spain - Impresso em Espanha

## NOTA BIOBIBLIOGRÁFICA

Manuel Tiago é o pseudónimo literário de Álvaro Cunhal, que nasceu em Coimbra no ano de 1913. Ex-secretário geral do Partido Comunista Português, ex-ministro, ensaísta político, revolucionário constante, artista de talento como desenhador e como escritor, foi na prisão, onde passou onze anos, que compôs o seu grande romance *Até Amanhã Camaradas*, que só depois da Revolução do 25 de Abril de 1974 pôde ser publicado. É o mais importante documento ficcional sobre a resistência ao fascismo e a luta na sombra, por vezes empolgante, mas objectivo e crítico quer no estudo dos comportamentos humanos quer no relato de eventos que foram o quadro histórico desses anos escuros, como as greves, então proibidas, e a repressão, os encontros dos clandestinos, as fugas, a organização dos movimentos democráticos unitários.

Extremamente visual, com olhar de pintor ou mesmo de cineasta, Manuel Tiago descreve admiravelmente os cenários da acção e apresenta as personagens em bosquejos flagrantes, como em *Cinco Dias Cinco Noites* (1974), relato vibrante e ao mesmo tempo lúcido de uma passagem da fronteira a salto, que opõe (e de certo modo irmana) um jovem intelectual perseguido pela PIDE e um rude passador; como na admirável narrativa, ou pequeno romance, *A Casa de Eulália* (1997), que nos dá a ver e a sentir os dias dramáticos e arrebatadores da defesa de Madrid contra as tropas de Franco, o povo em armas, a paixão, o heroísmo, a morte, os desentendimentos e a fraternidade dos republicanos e até, no meio de tudo isso, o amor.

*A Estrela de Seis Pontas* (1994) é um romance-crónica da vida de clausura na Penitenciária, feito de diversos retratos de criminosos de delito comum, em que se revelam o bem e o mal que habitam todos os seres humanos. *Fronteiras* (1998) é um precioso e humaníssimo documento, entre a realidade e a ficção, sobre as passagens a salto e aventureiras peripécias dos lutadores clandestinos.

Com o seu próprio nome, Álvaro Cunhal deu à estampa, em 1996, um ensaio muito rico esteticamente e de grande abertura na avaliação das várias escolas e tendências, *A Arte, o Artista e a Sociedade*.

### **Nota sobre o Autor**

O original dactilografado do romance *Até Amanhã, Camaradas* foi encontrado, junto de outros originais, num arquivo formado, no decurso dos anos, ao sabor de incidentes e de acidentes na vida agitada daqueles mesmos dos quais o romance dá alguns exemplos típicos.

Desconhece-se quem é o autor o único exemplar encontrado não tem assinatura. Só, numa pequena folha apensa e agraphada, podia ler-se, em rabisco apressado, o nome Manuel Tiago, pseudónimo de certeza.

Foram consultadas pessoas que poderiam dar eventualmente indicações conduzindo a uma identificação. Sem resultado, o autor fica assim merecendo o título de “homem sem nome”, tal como as personagens do seu romance.

*(Em 14 de Dezembro de 1994, quando do lançamento do livro Estrela de Seis Pontas, Álvaro Cunha] assumiu como seu o pseudónimo literário Manuel Tiago, por razões que então publicamente explicitou. (Nota Editorial “Avante!”.)*

## Capítulo I

### I

Súbitas rajadas de vento bufaram do Sul. Com estardalhaço, uma chapa de zinco vinda não se sabe donde, voou de um lado da estrada, deu quatro pinotes grotescos e foi engarrafar-se, silenciosa e miserável, na valeta do outro lado. Logo uma bâtega varreu a estrada. Os homens, já encharcados pelos chuviscos que caíam desde o alvorecer, procuraram abrigo junto aos troncos esbeltos dos pinheiros. Só dois rapazitos se deixaram ficar a britar pedra, rindo dos homens que fugiam à chuva. Encolhidos e colados às árvores, os homens gritaram que se abrigassem. Vendo-se observados, os rapazitos mais riram ainda e um deles, sempre britando pedra, começou a esticar o pescoço alto e esgalgado, pondo os olhos em alvo e lambendo a água que lhe escorria cara abaixo. O outro, piscando os olhos, olhava o companheiro, olhava os homens e parecia dizer: “Somos engraçados, não somos?”

- Vejam aqueles diabos - disse um velho, procurando enrolar-se num casaco tão pequeno que dir-se-ia de criança.

O homenzinho magro a quem se dirigia encolheu os ombros.

- Já não temos outro dia - disse numa voz branda e cansada.

Como para lhe dar razão, o vento soprou mais forte, o ar escureceu, o céu pegou-se à terra, os fios de água continuaram a engrossar. Um a um, os homens largavam então os fracos abrigos. Alguns em passo forçado, outros em corridas curtas, outros com seu passo natural, como achando indigno apressar-se por coisa tão pouca, dirigiram-se a uma casa isolada que a uma centena de metros parecia agachar-se debaixo da chuva. Havia ali uma taberna e, se nem todos estavam dispostos a beber, ao menos sempre teriam um tecto em cima.

Vendo os companheiros afastarem-se, os dois garotos atiraram as marretas ao chão. O do pescoço alto partiu como uma flecha, espadeirando as poças de água com os pés nus e agitando os braços em gestos largos e desengonçados, a querer possivelmente significar que era um grande nadador. O outro seguiu, sacudido de riso. Chegaram antes de todos à taberna, mas o engraçado, incapaz de ali esperar, veio para a chuva, chamando os homens com os braços e reivindicando assim a iniciativa e a descoberta de tão magnífico abrigo.

Foram-se juntando no pequeno e escuro compartimento. Amontoados à porta, olhavam para fora a insinuar ao taberneiro que estariam ali só um instante a abrigar-se da chuva. As ocasiões de negócio eram porém raras e o taberneiro, apressado, pôs-se a lavar os copos já lavados, olhando os homens a pedir desculpa da demora em os servir. Seja pela vergonha de negar tão claro convite, seja porque lhes parecesse não poderem ali ficar todos sem gastar um tostão, seja pela força do pecado, três homens, com ar solene, chegaram-se para beber. Então todos os outros se instalaram mais à vontade, sentando-se uns à roda da mesa, fugindo outros do vão da porta, onde a chuva martelava trazida pelo vento.

- Já não temos outro dia - repetiu o homenzinho magro.

- Era bem precisa, era bem precisa - disse o velho, que não conseguira ainda, nem conseguiria nunca, ajeitar pelos ombros o minúsculo casaquinho.

Todos aqueles homens eram mais camponeses que operários, alguns tinham mesmo a sua leira de terra, e, como a estiagem fora grande, sentiam-se tentados a perdoar a molha e a tarde de trabalho perdida. Silenciosos, repassados, fitavam no rectângulo de claridade da porta a cortina de água que quase vedava à vista o outro lado da estrada e apuravam o ouvido ao ruído surdo e amplo perdendo-se na profundidade do pinhal e acusando o peso da bâtega. Até os garotos estavam silenciosos, e o engraçado, com um ar triste que se julgaria impossível naquele rosto minutos antes, fazia esforços para reter as tremuras de frio dos membros arroxeados.

Num momento em que a chuva caía mais forte, uma sombra passou rápida diante da porta e, antes de alguém ter ido ver do que se tratava, a sombra voltou a aparecer e um homem entrou. Vinha curvado para a frente, abanando os braços e a cabeça para fazer escorrer a água das mangas do casaco e do boné. Quando julgou completada a operação, endireitou-se e, dando os bons-dias, mostrou um rosto largo, anguloso, de pele branca e de expressão severa, onde os olhos se destacavam pela sua fixidez.

Um dos garotos, reparando nas calças metidas por dentro das meias, chegou à porta, espreitou para fora, disse qualquer coisa a um dos homens e este dirigiu-se ao desconhecido.

- Meta a máquina dentro. Há muito lugar.

O desconhecido pareceu não ouvir. Limpava a cara e o pescoço com um lenço.

- Algum dos senhores sabe dizer-me o caminho para o Vale da Égua? - perguntou.

Os homens entreolharam-se. Alguns mostraram um sorriso mal-disfarçado.

- Para onde? - perguntou de um canto uma voz.

- Vale da Égua.

Fez-se um breve silêncio e os homens voltaram a olhar-se.

- Ná, isso não é para aqui - disse outra voz do lado da mesa.

- Como disse?

- Vale da Égua.

Com certeza estava enganado, informou o velho do casaquinho. Nascera ali no sítio e ali vivera sempre. Nunca ouvira falar. Decerto se enganava. O velho falava e alguns sorriam.

- Esta não é a estrada para V...? - perguntou o desconhecido.

- É, sim - respondeu um dos homens. - V... é já adiante. Se n40 estivesse tanta chuva, viam-se daqui as casas.

O desconhecido chegou à porta, olhou a estrada, tirou e torceu o boné e voltou para dentro, batendo violentamente com ele numa das mãos e mostrando o cabelo empastado na testa.

- Então nenhum dos senhores sabe?

- Caminho para onde? - perguntou lá do fundo o taberneiro, que ouvira tudo muito bem, mas entendia dever chamar a atenção do desconhecido para a casa onde se encontrava.

- Vale da Égua - disse um dos rapazitos.

O taberneiro estendeu o beijo inferior, o que tanto podia mostrar não conhecer tal sítio como descontentamento porque o forasteiro se não decidia a fazer despesa.

- Bom, obrigado! - disse o desconhecido. E ajeitando o boné, puxando para- cima a gola do casaco, chegou-se à porta, olhou ainda o céu e fez-se de novo à chuva.

## 2

Logo adiante encontrou as primeiras casas, acotoveladas ao longo da estrada inundada. Escorrendo em água, a grande aldeia parecia deserta. Só já no coração da terra descobriu, abrigado num telheiro, um homem gordo em mangas de camisa, com os polegares metidos nas cavas do colete. A sua pergunta, o homem acenou ligeiramente com a cabeça, convidando-o a abrigar-se também. Sempre na mesma posição e no mesmo sítio, mirava atentamente o forasteiro, reparando no seu fato modesto repassado.

- Não, não, vou vencer-te com o lenço a cara e o pescoço.



O outro ficou uns instantes silencioso. Parecia hesitar, Observou com muito interesse o lenço com que o ciclista se limpava e voltou depois a olhar para a pasta de couro, para o fato encharcado, para a estrada inundada e para a chuva caindo.

- O senhor não é destes sítios.

- Não, não sou.

E acrescentou, batendo vigorosamente com os pés no chão para não arrefecer:

- Quem havia ontem de dizer o dia que hoje ia estar,

- Não era difícil - disse o gordo. - Ontem choveu toda a tarde e de noite a chuva não parou.

O ciclista compreendeu perfeitamente estas palavras. Elas significavam: "Se não quiseses dizer, não digas o que te obriga a meteres-te ao temporal. Mas não julgues que me comes por parvo." Ao compreendê-las assim, pensou que Fizera mal em abrigar-se ali.

- Tanta chuva é capaz de dar cabo das culturas.

- Não dá cabo de nada - replicou o gordo com voz irritada. - O mal é se não chovesse. Vê-se bem que o senhor não trabalha no campo. Se calhar é viajante.

- Não, não sou viajante - respondeu o forasteiro. - Estou a arrefecer por estar parado - acrescentou esfregando as mãos e continuando a bater com os pés.

- Meter-se a esta chuva é que com certeza não dá saúde - disse o gordo.

O ciclista compreendeu também perfeitamente estas palavras: "O que tu queres é ir-te embora para evitares conversa, mas eu entendo-te muito bem."

- E o caminho para Vale da Égua? Sai daqui da terra?

O gordo, sempre com os dedos nas cavas do colete, não bulia do mesmo sítio. O rosto parecia inalterável. Mas nos olhitos avermelhados adivinhava-se a profunda irritação da curiosidade insatisfeita.

- Eu sei lá onde isso fica! - exclamou como se a pergunta fosse um disparate.

Sempre a bater os pés no chão, o forasteiro suspendeu o movimento das mãos que esfregava e voltou bruscamente a cabeça para o outro. Instintivamente o gordo deu um passo atrás, como esperando uma agressão. Já o forasteiro, com gestos lentos, ajustava as peúgas por fora das calças encharcadas, aconchegava o boné à cabeça e a gola do casaco ao pescoço, agarrava a bicicleta e saía à estrada.

- Então, bom-dia.

- Vá com Deus! - respondeu debaixo do telheiro a voz colérica do gordo.

Abrandara o vento, chovia menos, mas na estrada inundada e cheia de covas, a bicicleta rolava com dificuldade. O ciclista lembrava-se do que lhe haviam dito: “Apeias-te na estação, perguntas aí e logo te dizem.” Não lhe conviera vir de comboio, mas deveria ter-se dirigido na mesma à estação. Pensando que se havia de ver da estrada, resolveu não perguntar nada a ninguém até lá chegar.

### 3

Diante de um lago lamacento, ensopado em humidade, a estação, tal como a aldeia, parecia deserta. Ninguém no átrio, ninguém no balcão das bagagens, ninguém à bilheteira, ninguém no cais. Nem o ruído de uma voz, nem de qualquer trabalho. Só o tiquetaque da chuva e o gorgolejar de um ralo invisível. Chegado ao fim do cais o forasteiro, ao voltar para trás, deu de súbito com um empregado de calças de ganga e samarra de surrobeco, parado junto ao relógio e olhando distraidamente a linha.

A pergunta respondeu calmamente:

- O Zé Cavalinho deve estar por aí e já lho indica. Ele é lá desses sítios. E, olhando a chuva, acrescentou:

- E um grande ponto, o Zé Cavalinho.

Tirou do bolso uma lata com tabaco, serviu-se e ofereceu:

- Uma cigarrada?

O forasteiro limpou as mãos e fez o seu cigarro. Entretanto o ferroviário enrolara lentamente o tabaco, lambera a mortalha e procurava os fósforos no bolso.

- É um grande ponto, o Zé Cavalinho - repetiu pausado, ao mesmo tempo que expelia a primeira baforada. O forasteiro teve a clara ideia de que, antes de saber o que queria, teria de ouvir o outro, enquanto durasse o cigarro.

- Quando para cá veio trabalhar, ninguém o conhecia - começou ele. - Como te chamas, como não te chamas, soubemos que era Zé. Passados dias perguntou-lhe um colega, que por sinal nós cá chamamos o Ruço: “Donde é você, ó sócio?” “De Vale da Égua”, respondeu ele. Isto não tem nada de extraordinário. Mas a rapaziada achou-lhe graça, e para que nos havia de dar?

O ferroviário chupou nova fumaça e continuou, numa voz calma, olhando distraidamente a chuva de novo mais densa e expelindo o fumo enquanto falava:

- Começámos a chamar-lhe o Zé da Égua. Não julgue que ele se zangou. Não senhor. Não o conhece? É bom sujeito, mas tem assim uma maneira um

pouco cômica de dizer as coisas. Um dia disse-nos: “Ouçam lá, rapazes! Se eu sou da égua, sou cavalo, e como sou pequeno, sou cavalinho. Melhor será chamarem-me Zé Cavalinho.” Eu não sei fazer como ele e isto dito por mim não vale nada, mas, se você o ouvisse e visse, havia de achar graça.

E, dando de quando em quando uma chupada no cigarro e expelindo lentas baforadas, o ferroviário continuou:

- Aquilo pegou e daí em diante ficou sendo o Zé Cavalinho. Todos lhe chamávamos assim, até o chefe, e ele não se mostrava nada zangado. “Aqui está um tipo fixe”, dizíamos nós. “Ao menos não desconfia.” Até que uma vez o correio deixou uma carta para ele. “Que diabo”, pensei eu até pelo nome do Zé Cavalinho. Não consinto abusar assim do homem, que já não é nenhuma criança. Cada qual tem o seu nome.” Isto pensava eu e parece-me que não pensava mal. Quando depois o encontrei, disse-lhe assim: “Ouça lá, Sr. Zé. Tenho estado a pensar e não acho bem a paródia que temos consigo. Há ocasião para tudo e por vezes não fica bem brincar. Qual é o seu apelido?” “o meu apelido?”, disse ele. “Sim, o seu apelido”, disse eu. “Apelido de quê?”, tornou ele. “o seu apelido, o seu verdadeiro nome”, disse eu. “o meu nome?”, disse ele. “Mas sou Zé Cavalinho!” “Deixe-se de brincadeiras, Sr. Zé, eu pergunto-lhe isto a sério”, disse eu. “Mas eu também lhe estou a falar a sério”, disse ele, “chamo-me José Cavalinho, José dos, Santos Cavalinho.” No momento eu julguei que era a brincar. Mas não. E assim mesmo o nome dele: José dos Santos Cavalinho.

Puxando mais uma fumaça, o ferroviário, sem se preocupar com o efeito das suas palavras, continuou a olhar a chuva que escorria do beiral.

- Andámos muito tempo a pensar que nos divertíamos com ele e era o patife que se divertia connosco.

E encaminhou o forasteiro até à porta.

- Aproveite que agora chove menos. Siga sempre junto ao muro. Já aí adiante encontra o barracão. Ele está lá de certeza e diz-lhe o que você quer.

#### 4

O barracão era um verdadeiro barracão. Enorme, de chão térreo e telha-vã, conservava no interior toda a humidade e desconforto do ar livre. Parecia até que o vento era ali mais forte. Só não chovia. Um ferroviário conversava com o taberneiro e com um camponês. Era um homem baixo, magrito, de bigode branco e boné puxado estouvadamente para a nuca. De copo na mão, preparava-se para beber. Ao ver o desconhecido, suspendeu o gesto, encostou o queixo ao pescoço, mirou-o de alto a baixo com uns olhos que brilhavam por

detrás de umas sobranceiras espessas e já grisalhas e repetiu várias vezes as últimas palavras que dissera:

- ... para as ocasiões... para as ocasiões... para as ocasiões...

“Eis o Zé Cavalinho”, pensou o forasteiro. E disse alto:

- Algum dos senhores me sabe indicar o caminho para o Vale da Égua?

O ferroviário pousou num gesto brusco o copo no balcão, puxou o boné ainda mais para trás, dirigiu-se ao desconhecido e, agarrando-lhe rapidamente o braço, conduziu-o até à porta.

- Venha cá, meu amigo. Desça ali à linha e siga sempre a linha até encontrar unias casas. Não tem que enganar porque não há outras. Em chegando às casas, atravessa a linha e há-de ver na sua frente um pinhal. Meta-se ao pinhal, sempre a direito, há-de ver o cartão-de-visita do Grémio (e o ferroviário piscou o olho), mas siga sempre, sempre, até encontrar urna estrada. Também não tem que enganar porque aí não há outra. Corte à sua esquerda, que a esquerda é o bom caminho (e tomou a piscar o olho) e siga essa estrada. Há-de passar um ribeiro, por uma correnteza de pedras, depois não tem que enganar. Vá sego, seguindo sempre, não há caminhos à direita nem à esquerda e há-de chegar a umas azenhas. Aí corte à direita... Não. Se eu lhe explico agora, não dá com o caminho. Pergunte nas azenhas, que a mulher que lá vive logo lhe diz. Um rico pedaço de mulher - acrescentou arregalando os olhos depois de uma ligeira pausa.

- Quanto tempo posso demorar?

- A pé aí uma hora e meia. Com a bicicleta claro que demora menos.

- Veja se digo bem - disse o desconhecido. - Sigo a linha até às casas, atravesso a linha, atravesso o pinhal até à estrada e sigo a estrada à esquerda até às azenhas. Só não percebi essa coisa que disse do cartão-de-visita do Grémio.

Os olhos do ferroviário brilharam mais, pêlos grisalhos e das sobranceiras. Eram uns olhos gaiatos e juvenis.

- Isso é cá uma história muito interessante...

E teve um riso seco, atrevido e tossicado, como que a dizer: “Sim, senhor, é uma riquíssima história, mas não ta conto.”

- Obrigado, então.

O ferroviário nada disse. Sem fugir da chuva, continuou com o seu risinho e fazendo que sim com a cabeça até perder o outro de vista.

O forasteiro seguiu a linha e já estava desconfiado de ter passado pelas casas sem as ver, quando distinguiu, mesmo à sua beira, dois pequenos edifícios escuros, cada qual com a sua porta, tão velhos e desmantelados que dir-se-ia não poderem resistir a chuva. “Serão estas as casas?”, pensou. Mas, lembrando-se de que o Zé Cavalinho lhe dissera serem as únicas, pôs a bicicleta ao ombro, atravessou a linha e meteu-se a um pinhal sombrio e triste, de terreno acidentado e solo coberto de mato rasteiro. Ao chegar a uma vasta clareira devastada pelo machado, descansou um pouco. Agora sabia-lhe bem a frescura da chuva e a humidade do ar que respirava às golfadas, saboreando o acentuado odor a resina. Quando o coração serenou, continuou a marcha, e já de novo se preparava para parar um pouco quando, depois de uma descida brusca de terreno, se viu num caminho arenoso e largo. “Bom, é esta a estrada”, e cortou à esquerda. Logo adiante, um ribeiro se lhe atravessou na frente. Era um ribeirito insignificante, mas coma agora numa enxurrada terrosa, mal deixando adivinhar as pedras polidas da passagem. “Se me meto pelas pedras, caio de certeza”, pensou. E depois de olhar para um lado e para outro, para a chuva e para o seu próprio fato ensopado, disse alto, numa voz grave e calma:

- Assim como assim, não atrasa nem adianta - e meteu-se à água.

Dava-lhe pelas coxas. Em meia dúzia de passadas cautelosas a tactear o fundo, ganhou o outro lado. Nova e desagradável surpresa o esperava. O caminho era um lodaçal, alongando-se entre o ribeiro e uma inclinada vertente. Ou voltava para trás ou seguia por ele. Não havia outra solução. Torceu as calças, arregaçou-as e seguiu.

Quanto tempo patinhou naquela lama nunca o poderia dizer. Logo de princípio os sapatos lhe ficaram agarrados e só com grandes trabalhos conseguiu recuperá-los. Escorregava, sentia afundar-se, parava esfalfado, prosseguia com desespero para parar de novo adiante, apetecia-lhe atirar a bicicleta ao charco para aligeirar os movimentos. Por vezes, assaltava-o a ideia de que lhe faltariam as forças e acabaria por cair de fadiga. Quando por fim a lama diminuiu e o piso se tomou mais firme pousou a máquina no chão, apoiou-se ao quadro e ficou-se com a respiração ofegante, pernas e braços a tremer de cansaço, o suor a banhar-lhe o corpo e a correr em fileiras das fontes ao queixo. Tendo repousado um pouco, agora em piso arenoso, apressou a marcha. Mas caminhava com passo incerto, não podendo desprender a atenção da lama que lhe subia às coxas e do pláf-pláf dos sapatos, que bufavam como foles. De quando em quando, o caminho apresentava troços inundados, outros lamacentos, mas tudo isso parecia um nada em comparação com o mar de lama que atravessara.

Saíra da estação antes das 11 horas. Cerca das 2, numa curva do caminho, viu o vulto negro das azenhas. Tirou então o melhor que pôde a lama dos sapatos, das peúgas e das pernas, puxou as calças, limpou o rosto com o lenço, ajeitou o boné e aproximou-se da porta. De dentro vinha um choro de criança, abafado pelo marulhar da água no rodízio. Depois de bater algumas vezes, ouviu um arrastar de chinelos e apareceu uma mulher forte vestida de preto, com um lenço escuro emoldurando o rosto largo e trigueiro, onde sobressaía um buço bastante acentuado. “Um rico pedaço de mulher”, dissera o Zé Cavalinho.

- Boa tarde. A senhora pode indicar-me o caminho para o Vale da Égua?

- Veio pelos juncais? - perguntou a mulher.

- Vim por aqui - disse o forasteiro apontando o caminho.

Dentro da casa a criança chorou mais.

- Pois quem lhe ensinou o caminho não tinha o juízo todo - disse a mulher.

- Valha-o Deus. Como conseguiu passar? Quando o tempo está assim, não há ninguém que lá passe. Valha-o Deus. Já lá ficou uma vez um homem e o burro que levava.

O choro extinguiu-se e, do escuro da casa, junto às saias da mulher, apareceu um rosto infantil, ainda molhado de lágrimas, ainda o lábio superior a tremer, mas mostrando, pelos olhos abertos para o desconhecido e para a bicicleta, que se esquecera das tristezas de há um instante. A mulher reparou na criança e, afastando-se para lhe dar lugar, deixou ver um menino nu da cintura para baixo e com um grande ventre vermelho do frio. Então pegou-lhe ao colo, beijou-o ruidosamente repetidas vezes e, ajeitando o lenço que tombava, sorriu-se com um bom sorriso para o desconhecido.

- Não tem que enganar - explicou. - Vê este olival? Vá sempre à sua beira e, quando chegar a uma picota, caminhe para este lado. É logo aí.

- Eu queria pedir-lhe mais um favor - disse o desconhecido. - A senhora podia dar-me uma pinga de água?

- O quê? - perguntou a mulher.

- Uma pinga de água.

- Água?

- Sim, para beber.

- Mas é água mesmo que quer?

- Sim, é uma pinga de água para beber.

Só então a mulher pareceu reparar naquele que tinha na frente. Viu-lhe o fato e o boné repassados de chuva, os sapatos e calças enlameados, a bicicleta inútil naquele caminho, Olhou-lhe o rosto seco, pálido e severo. Reparou-lhe nos olhos fixos e serenos. Não pensou em nada, não fez qualquer juízo - que

havia ela de pensar?, que juízo podia ela fazer? -, mas correu lá dentro, como envergonhada de não se ter lembrado de tal coisa, e trouxe uma enorme caneca de água. E não se admirou quando o forasteiro a levou a boca e bebeu avidamente, em grandes e infindáveis goles. Quando ele se afastou, patinhando na lama e encolhendo levemente os ombros como para abrigar o pescoço da chuva, apertou mais o filho ao peito, ainda sem pensar nem ajuizar, mas sentindo-se cheia de ternura e piedade.

## 6

Vale da Égua. Uma dúzia de casas pequenas e escuras espreitando por entre pinhos e oliveiras. Na primeira casa, aparecem uma mulher e uma petiza, descalças e em cabelo. A mulher tinha um rosto bonito e agitado e um corpo magro e gasto. Tanto se dá dar-lhe 20 como 40 anos. A petiza era parecida com a mulher, estava muito bem penteada com as tranças em arco e quase se sumia na roupa desbotada demasiado grande para ela.

- Sabe dizer-me onde mora o Sr. Manuel Rato?

- Mora aqui - respondeu a mulher numa voz rápida, que lhe tornava mais salientes as maçãs do rosto e mais chupadas as faces -, mas saiu e não sei se voltará hoje.

Dizendo isto, a mulher lançou um rápido olhar aos olivais. Seguindo esse olhar, o forasteiro viu, a certa distância, voltado para a casa, um homem com a cabeça e as costas cobertas por uma saca de serapilheira a servir de capuz.

- Que lhe quer o senhor?

- Sou o sapateiro de Santarém - respondeu o desconhecido.

- Isabel - disse a mulher à rapariga, olhando-a direito nos olhos.

- Vai a casa do meu irmão ver se o teu pai lá está. Se estiver, diz-lhe que está aqui o sapateiro de Santarém que lhe quer falar. Percebeste?

A rapariga lançou também um olhar aos olivais, onde o homem da saca se afastava.

- Sim, mãe.

A mulher levou-a lá dentro e a rapariga saiu em passo apressado com uma saia escura pela cabeça.

- Abrigue-se - disse a mulher recuando para o interior da casa.

Passados minutos reapareceu a rapariga acompanhada pelo homem da saca. Este tinha um rosto escuro e um bigode negro, largo e muito rente, que lhe dava uma expressão de sargento da guarda. Parecia não ter pressa e deixou-se ficar à chuva em frente da porta, fitando o desconhecido. Por fim perguntou:

- Que queria o senhor?
- Procuro o Sr. Manuel Rato.
- E que lhe queria?

O desconhecido olhou a mulher como para perguntar se devia responder, mas só lhe viu uns olhos negros cheios de ansiedade.

- Sou o sapateiro de Santarém - repetiu.
- Traz as medidas? - perguntou o homem da saca.

- Sim, trago - disse o desconhecido, e tirou do bolso uma palmilha recortada em papel, à qual faltava um bocado.

- Bom - disse o homem da saca.

Entrando em casa, perguntou alguma coisa à mulher em voz baixa e sumiram-se ambos no interior. Voltou logo em seguida com um pedacito de papel na mão, que ajustou ao sítio cortado da palmilha de papel que o desconhecido lhe estendia. A palmilha ficou completa.

- Bom - repetiu o homem. - Entra.

E ele mesmo levou a bicicleta para dentro.

## 7

Era um compartimento térreo, de telha-vã, sem qualquer janela. Como único mobiliário, um banquito arrumado a um canto junto de dois tijolos enegrecidos e dos restos apagados de uma fogueira. Além da porta da rua, apenas uma frágil porta interior por onde desapareceram a mulher e a rapariga.

Tal como a mulher das azenhas, Manuel Rato admirou-se do caminho tomado e, tal como ela, contou a história do homem e do burro, que em tempos se haviam afundado na lama. Dada a impossibilidade de o forasteiro regressar por onde viera, propôs-lhe que passasse ali a noite, comprometendo-se a acompanhá-lo de madrugada por melhor trilho. Quando o recém-vindo lhe contou como perguntara o caminho na taberna e ao gordo do telheiro sem que ninguém lho soubesse indicar, Manuel Rato ficou pensativo.

- É esquisito - disse. - Custa a acreditar que entre tanta gente ninguém o soubesse.

- Nem sabiam o caminho - disse o recém-vindo -, nem tinham ouvido falar em Vale da Égua.

- Impossível! - exclamou Manuel Rato.

O recém-vindo contou então com mais pormenores a conversa havida na taberna e a resposta do velho do casaquinho, dizendo que ali nascera e sempre ali vivera e nunca ouvira falar em tal sítio.



- Francamente, não percebo - disse Manuel Rato.

Pedindo então ao visitante que esperasse um pouco, enquanto ia buscar um banco para se sentar, encaminhou-se para a porta interior.

- Camarada - chamou-o a voz do outro. - Podes arranjar uma pinga de água para beber?

Manuel Rato voltou-se e, de rosto contraído, ficou observando seriamente o visitante, ensopado de chuva e arroxado de frio. Ao contrário da mulher das azenhas, não fez qualquer pergunta.

- Sim, arranjo - foi tudo quanto disse.

Ouviu-se um sussurro de vozes no compartimento vizinho e o dono da casa reapareceu com um banquito numa das mãos e uma bilha na outra. Logo a seguir entrou a filha, com uma caneca de barro, pingando ainda da água com que haviam acabado de enxaguá-la. Inclina ligeiramente a cabeça bem penteada e todo o seu rosto encaracolado parecia dizer ao desconhecido: “Vês como sou bonita? Sou já uma mulherzinha, que pensas tu?” De facto, agora não parecia a criança que surgira à porta, sumida nas desbotadas e remendadas roupas grandes de mais para ela. Era bem uma mulherzinha e uma encantadora mulherzinha.

O visitante bebeu duas canecas de água, enquanto a rapariga sorria admirada. Logo chegou a mulher com metade de uma grande broa. Manuel Rato fez sentar o visitante num dos banquitos, no canto de paredes enegrecidas, junto aos restos apagados da fogueira.

- Queres saber? - disse para a mulher, pegando no pão de milho que ela estendia. - Lá baixo ninguém soube indicar o caminho e disseram que nunca tinham ouvido falar cá do sítio.

- Não!

- Sério - insistiu Manuel Rato. - Perceber, não percebo, mas é verdade.

A mulher ficou um momento calada. Depois os olhos negros brilharam, o rosto agitado animou-se com alvoroço e foi quase gritando que disse:

- O Grémio!

“Claro”, disse a expressão alegre e inteligente da rapariga, nesse instante extremamente parecida com a mãe. Rosto contraído e duro, o marido acenou afirmativamente com a cabeça (“Claro, é isso”). E, enquanto tirava do bolso uma navalhita e a passava, junto com a broa, ao visitante, explicou em poucas palavras como “lá para baixo” os homens do Grémio estavam obrigando ao corte de pinheiros, pagando a lenha por uma ridícula. Agora o pessoal desconfiava de toda a gente de fora que aparecia, e devia ser por terem desconfiado dele que lhe não haviam indicado o caminho. Se o Zé Cavalinho indicara é porque sabia que alguém havia de vir procurá-lo a ele, Manuel Rato.

“Aqui está o cartão-de-visita do Grémio”, pensou o visitante, lembrando-se do corte que encontrara no pinhal e da frase do Cavalinho: “Isso é cá uma história muito interessante.”

O visitante cortou um pedaço de broa e começou a comê-la sem nada dizer, olhando a navalha e a fatia. De pé, diante dele, o dono da casa, agora silencioso, fitava-o com atenção. Reparava no cabelo revoltado e empastado sobre a testa, na energia involuntária com que mastigava, na precipitação com que engolia, no vestuário e calçado ensopados de água e lama e na posição desastrada das pernas, estendida uma pelo chão fora e tombada a outra para o outro lado, acusando profunda fadiga.

- Come, come! - insistiu.

## 8

Tendo saído a mulher e a rapariga, o dono da casa tirou finalmente a saca da cabeça, descobrindo um chapéu que muitos anos atrás devia ter sido preto. Já sentado, tirou também o chapéu e pô-lo no chão em cima da saca. Assim, a testa ampla e arqueada, de pele mais clara que a do rosto, quebrava um tanto a expressão invulgarmente dura, acentuada pelo escuro da pele, o bigode negro e raso, os fortes vincos na cara e as sobrancelhas franzidas.

- Esta é a nossa primeira ligação - disse o visitante num tom sereno, conciso e seco. - Seria bom que desses uma ideia do que aqui há, quantos sois, que possibilidades de trabalho vês e quanta imprensa queres.

Manuel Rato apoiou nos joelhos as mãos magras e nervosas.

- Não sei se sabes que não sou camponês - começou ele. - Trabalho agora no campo num pedacito de minha companheira, porque não tem jeito estar sempre separado dela e da filha. Mas sempre fui operário e pouco tempo aqui gasto. Ultimamente trabalhava em Lisboa na construção civil. Foi lá que deixei a senha que trouxeste.

Calou-se um instante e o rosto contraiu-se mais ainda, num visível esforço para arrumar ideias.

- Como vês, isto aqui é pequeno e isolado. Cada qual tem o seu bocadito, mas o que cada um tem não dá para viver. Nem bem, nem mal. Não dá. Nas outras casas não é melhor que nesta. Por isso todos têm de trabalhar fora. Uns vão para a reparação de estradas. Outros vão a jornal para a terra de alguns ricos. Mas todos estes trabalhos por aqui são de pouca dura e mal pagos. O resultado é não haver casa onde um ou outro não vai trabalhar nos ranchos. Dentro de semanas é a apanha da azeitona. Depois são as mondas do arroz e as

ceifas no Sul. Alguns passam mais tempo fora do que em casa. A mulher e a filha também já têm ido e eu gostaria que nunca fossem.

A voz era pausada, o tom tão enérgico como o rosto. Manuel Rato pegara num cavaquito queimado e fazia riscos sobre riscos nas cinzas da fogueira.

- Que queres, amigo? Eu penso muitas vezes que melhor seria dar a terra aos pardais e ir fazer vida nova para longe. Vai lá dizer-lho! Convince-la tu a abandonar isto? Eu também não. Trabalha no campo como um homem, e a pequena faz o mesmo. As vezes que tem ido nos ranchos só se preocupa em poupar para pagar os impostos, para pagar o juro de uma dividazita, enfim, para manter o bocadito que o pai lhe deixou. Chegámos aqui a uma situação, amigo, em que a terra, em vez de dar independência aos homens, os toma as mais dependentes das criaturas. Cá no sítio é tudo assim. E aqui tens o que isto é.

Manuel Rato calou-se um pouco. Tinha o rosto terrivelmente contraído e desenhava agora nas cinzas uma enorme circunferência. O amigo colocara um bloco nos joelhos e escreveu qualquer coisa com a mão, que tremia.

- Camaradas aqui, sou só eu - continuou Manuel Rato. - Lá baixo há muita gente, mas não conheço ninguém em condições. O Cavalinho lê a nossa imprensa e podia fazer alguma coisa, se não fosse tão bêbado. Assim não há que pensar nele. Propriamente aqui no sítio são todos contra o governo, mas por ora muito verdes. Talvez seja eu que não sei trabalhar, mas estou aqui há mais de sessenta dias e ainda não fiz um único recrutamento.

Manuel Rato largou o cavaquito queimado e olhou o companheiro pela primeira vez desde que começara a falar. O outro fitava-o, os olhos fixos e atentos, apoiando numa das mãos o queixo, que tremia também.

- Quanto à imprensa - continuou o dono da casa, agarrando de novo o cavaquito e recomeçando os enérgicos riscos - são dois *Avantes*: um para mim, outro para o Cavalinho. Seria bom que, quando cá viesses, me deixasses dez ou vinte, mesmo atrasados. Quando vim de Lisboa trouxe bastantes e todas as semanas tenho ido de noite a um lado e até duas léguas daqui e deixo alguns pendurados nas árvores ou lá por debaixo das portas. Isso tem feito sucesso, porque um sujeito que trabalha lá baixo na reparação da estrada já ouviu falar. É a única coisa que aqui se pode fazer.

Dito isto, largou o cavaquito, sacudiu as mãos e chamou a companheira. Quando Joana apareceu, disse apenas:

- Traz aquilo.

Joana decerto adivinhara, pois já trazia “aquilo”. Com os olhos brilhando no rosto bonito e agitado, tirou do bolso do avental um embrulhito.

- Podes ir - disse o homem.

Como poderia ela obedecer-lhe? Encostada à filha, que também viera espreitar, deixou-se ficar junto à porta, um tanto solene, vendo o marido desembulhar cuidadosamente o papel e ouvindo-o dizer na sua voz pausada.

- Pago o meu e o, do amigo de que falámos. Quanto à quotização, a última vez que paguei foi em Lisboa. Tenho nove semanas em atraso: aqui tens dez tostões da imprensa e quatro mil e quinhentos da quotização. Sobram dez tostões que eram para os jornais atrasados. Ficam para vez.

E, embrulhando vagarosamente a moeda no papel, estendeu o embrulhito à mulher, que de novo se aproximou.

- Guarda...

O visitante metera o dinheiro no porta-moedas e, com as mãos trementes de frio, escrevia com dificuldade qualquer coisa no bloco. A mulher, corada, parecia agora mais jovem. Fitava o marido com os olhos brilhantes e todo o seu rosto magro e bonito manifestava alegria e orgulho.

## 9

Os dois homens preparavam-se para continuar a conversa quando a mulher voltou seguida da rapariga, cada qual com a sua abada e Começaram a acender a fogueira.

- Já? - perguntou Manuel Rato,

Sem deixar de soprar os gravetos, Joana moveu a cabeça em direcção ao visitante, que fazia baldados esforços para dominar os estremeções que o sacudiam.

- Sim, arrefeci - murmurou com dificuldade.

Subitamente a lenha estralejou como se tivessem deixado sal ao fogo. As chamas ergueram-se espavoridas. Deslocando-se com ligeireza nos pés descalços, a rapariga veio pôr uma panela nos dois tijolos e fechou a porta da rua. Os homens ficaram sós, iluminados pelo vermelho do fogo.

- Bem, amigo... - começou o visitante. Mas teve que suspender, a língua e os queixos atados pelo frio. Como insistisse, não conseguiu articular palavra.

Manuel Rato foi buscar umas varas e o visitante, que entretanto já se descalçara, despiu o casaco e pô-lo a enxugar ao calor da fogueira.

Estiveram longo tempo silenciosos. Olhando o fogo com estranha imobilidade, Manuel Rato lembrava-se as duas vezes que estivera com funcionários do Partido, ainda em Lisboa. Lembrava-se das longas exposições que eles haviam feito e esperava agora também do visitante uma exposição do mesmo tipo, demorada e fundamentada, com a qual certamente teria muito que

aprender. Ouviam-se os estalidos da fogueira e a chuva a tamborilar no telhado. Por fim, ainda com a voz dificultosa e abanado por estremeções, o visitante falou:

- Sim - disse ele -, isto é pequeno e isolado. Mas lá baixo em V.. é já um centro Importante. É para lá que devem dirigir-se as nossas atenções. A iniciativa de ires de noite deixares jornais em povoações distantes é muito positiva. O fundamental é, porém, criar organização do Partido em V.. E é isto, amigo.

Manuel Rato ficou esperando que o outro continuasse. Pelo muito que ele próprio falara, pelas longas intervenções dos dois únicos funcionários do Partido que conhecem, por lhe parecer que o camarada não teria feito uma tão longa viagem para lhe dizer apenas isso, contava com longo discurso. Mas não. O camarada esfregava as mãos junto as chamas e, pela forma como o fazia, via-se ter dito tudo.

- Acabaste? - perguntou Manuel Rato.

- Sim, acabei - respondeu o outro, sempre esfregando as mãos.

O dono da casa voltou então a falar. Esquecem-se de dizer que, dentro de mês e meio a dois meses, deixaria novamente Vale da Égua para ir trabalhar numas minas para o norte. Deveriam combinar nova senha para lá ser procurado, ou pela organização da mina se a houvesse, ou por um delegado do Partido se a não houvesse. Em dois meses não via possibilidades de deixar alguma coisa em V..

- A ponta existe - disse o visitante, - A questão é tu saberes pegar-lhe. Há o Zé Cavalinho.

Os olhos de Manuel Rato, fitos no fogo, ao qual com um cavaco ajuntava brasas fugidias, quase se sumiam na sombra das sobranceiras cerradas. Que não, que o Zé Cavalinho não oferecia condições. Era bom homem, mas metia-se demasiado nos copos e não tinha discernimento para influenciar, abordar e escolher simpatizantes e novos camaradas.

- De tudo o mais difícil é ter uma ponta - replicou o visitante. - Temo-la: há que aproveitá-la.

Interrompendo a conversa, a rapariga apareceu com um alguidar de barro e lançou na panela couves e batatas cortadas. Uma nuvem de vapor perdeu-se no escuro do tecto, espalhando um vago cheiro a gordura quente. O arrulhar da fervura cessou.

Os dois homens continuaram longo tempo a conversa, até que (já lá fora em noite) a mulher e a rapariga voltaram.

- Vão sendo horas - disse a mulher sorrindo para o hóspede. E espreitando a panela, com gestos rápidos e nervosos, puxou com um garfo um feixe de

hortaliça para uma colher. Depois, soprando e erguendo alto a colher, trincou com os dentes brancos e luzidios os fios verdes da couve pendurados e fumegantes.

A rapariga tirou a panela do lume. A mulher saiu e voltou com duas malgas. Os olhos negros da mulher brilharam estranhamente no rosto magro e agitado, enquanto cortava dois grandes pedaços de broa que lhes entregou também. As duas ficaram em pé junto deles. Apoiada ao ombro da mãe, a rapariga sorria sempre.

Os homens comeram o caldo e, só depois deles, comeram pelas mesmas malgas a mulher e a rapariga. Comido o caldo, Joana tirou da panela um bocado de toucinho, colocou-o sobre um bocado de broa e estendeu-a ao visitante. Este olhou Manuel Rato como perguntando: “E vocês?” Manuel Rato respondeu a esse olhar:

- Estás hoje mais precisado, amigo.

Em silêncio, a severa expressão inalterável, o camarada pôs-se a comer a broa com o toucinho.

Visivelmente satisfeito, Manuel Rato levantou-se, saiu por uns instantes e voltou com uma tábua, que colocou no chão térreo, junto à fogueira..

- Sentai-vos aí! - disse à mulher e à filha.

Elas acomodaram-se na tábua e ficaram os três silenciosos, vendo o camarada comer.

## 10

No telhado, a chuva tamborilava sempre. A mulher pusera um monte de achas e gravetos junto à fogueira. Quando esta esmorecia, deitava-lhe um pouco de lenha, a luz avivava uns instantes e nas paredes escuras dançavam sombras de cabeçorras desconformes. Depois de comerem, Manuel Rato pediu ao visitante que contasse alguma coisa da União Soviética.

- Ela não me acredita - justificou.

Como o camarada olhasse a pequena na dúvida se deveria falar diante de uma criança, Manuel acrescentou:

- A rapariga é segura e já tem idade de ir aprendendo.

Como que movida pelas palavras do pai, coradas as faces e orelhas, os olhos húmidos, Isabel acomodou-se melhor na tábua em que se sentava e endireitou o tronco, inclinando ligeiramente a cabeça sobre o alto pescoço branco e tenro. “Que pensavas tu?”, - perguntava a sua figurinha esbelta e orgulhosa.

Havia uma semana que o visitante percorria o sector, caminhando horas e horas, a pé e de bicicleta, de dia e de noite, quase sem dormir nem comer. Sentia-se esgotado, com vontade de se deitar, de se agasalhar e de dormir. Uma manta e um canto abrigado e silencioso, tal em nesse momento o seu máximo desejo - tão vivo e imperativo, que olhava insistentemente o chão térreo ali junto à fogueira, como se ele o estivesse esperando e chamando. A água que lhe repassava a roupa, como que lhe repassava também a cabeça, amolecendo os pensamentos numa pasta confusa e indecifrável. Mas veio uma pergunta, e outra, e outra, e Manuel Rato, em voz pausada, fazia observações e encaminhava a conversa, e Joana, numa sede insaciável, perguntava mais e mais, o belo e magro rosto agitado com as respostas. O camarada foi despertando e a conversa prolongou-se.

Batido pela luz das chamas, o rosto da rapariguinha brilhava de alegria e inteligência. Parecia beber e aprovar todas as palavras. Mas quem pudesse adivinhar-lhe os pensamentos! Como supor na verdade que só de longe em longe ela tomava atenção ao que se dizia? E que aquilo que entendia não eram tanto os problemas abordados e, as respostas que lhes eram dadas, como o estímulo ao curso dos seus próprios pensamentos? “Sim, assim está muito bem”, - pensava ela. - A mãe aqui sentada com o pai e com este amigo e todos a conversarem destas coisas. Mas porque diz a mãe que eu poderei vir a casar com o Tónio da Carriça, se ele também é rico? Não, eu não quero casar com o Tónio, nem com um homem rico. Quero casar com um homem como o pai ou como este amigo (que é muito simpático, sim, que é muito simpático), que seja bom e queira o bem dos pobres e não bata na mulher e converse assim com ela como agora aqui estamos fazendo. Poderia ser pobrezinha, mas também a mãe é pobrezinha. E quanto não vale ter um marido como ela tem? Sim, quanto não vale?” E os olhos da rapariguinha brilharam mais e mais, de entusiasmo e aprovação.

Já ia avançada a noite, Joana pediu para interromper um pouco a conversa. Saiu e a rapariga acompanhou-a. Quando, daí a instantes, as mulheres voltaram, o camarada dormia profundamente.

- Anda, amigo - disse Manuel Rato.

O camarada não respondeu. Só quando Manuel Rato o sacudiu, abriu muito os olhos - uns olhos espantados que não viam. Manuel Rato arrastou-o adormecido até ao outro compartimento, onde o ajudou a deitar-se na única cama da casa. Ele teve noção disso, mas já não deu pela manta com que o cobriram.

Três horas depois, Manuel Rato chamou-o.

- São horas - disse pela quarta vez sem resultado.

Só sacudindo-o violentamente conseguiu acordá-lo.

O camarada ficou sentado na cama, no escuro, ainda sem compreender o que acontecera, onde estava e que injustiça o arrancava à tranquilidade de um sono que lhe parecia não ter durado mais de um minuto.

No compartimento vizinho, Joana continuava sentada na tábua, junto aos restos do lume, tal como ao serão, apenas agora com os olhos mais brilhantes da excitação e da insónia. Enrodilhada e com a cabeça no regaço da mãe, Isabel dormia. Manuel Rato verificou os pneus da bicicleta.

Com a madrugada, corria uma aragem fria. Uma morrinha misturada à névoa baixa e espessa pegava-se a tudo. Caminharam em silêncio cerca de uma hora, por entre pinhais e campos tranquilos. Começava a clarear, desembocaram na estrada alcatroada.

- Daqui a quinze dias, volto cá - disse o camarada. - Tem-me pronta a ligação para o Cavalinho. Lembra-te bem: a tarefa fundamental é criar organização em V...

E, aconchegando a pequena gola ao pescoço, ajeitou o boné, saltou para a bicicleta e partiu.

## 11

Às 8 horas falava, num adro de igreja, com um homenzinho baixo e roliço de fato-macaco, Entregou-lhe papéis, conversou uns minutos, recebeu papéis e partiu. Pelas 10 horas, entrava na mercearia de uma pequena aldeia. O merceiro disse-lhe apenas “Nada”, e ele saiu. Ao meio-dia, estava a uma centena de metros de uma fábrica de serração junto à estrada. Aí o foram procurar três operários à saída do trabalho e, no meio da conversa, ele disse várias vezes: “A Comissão não deve ser imposta. E o pessoal que a deve escolher ou pelo menos achá-la bem escolhida.” Uma hora mais tarde estava num olival falando com dois camponeses e insistia: “Podeis pôr gente honrada na direcção da Casa do Povo. O que é preciso é que confieis poder fazê-lo.” A meio da tarde sentou-se no banco de uma pequena oficina de sapateiro noutra vila e falou com securo o rispidez: “Tínhamos combinado ser hoje a reunião do Comité Local. Há dois meses que andamos nisto.” Algum tempo depois, junto a um regato, uma mulher surpreendeu-o debaixo de uma árvore, fazendo a barba. A mulher persignou-se e afastou-se assarapantada, sempre a olhar para trás.

Já caía a noite, apeou-se, debaixo da chuva que tombava, junto de uma tabernita à beira da estrada. Entrou, arrumou a bicicleta a um canto, instalou-se



à mesa e pediu um quarto de pão, um queijo fresco e um copo de vinho. Em a primeira vez que comia naquele dia e fazia grande esforço para mastigar e engolir pausadamente. Uma esperança o animava: o bom comer que talvez o esperasse em casa do doutor.

O taberneiro olhava-o surpreso, encontrando qualquer coisa de estranho naquele freguês. Por um lado, a roupa e o boné enxovalhados e ensopados, por outro lado, o rosto lavado e bem parecido, o olhar sereno, as maneiras seguras de si, a voz firme. Por um lado, qualquer coisa na expressão, na palidez, nas olheiras, nos gestos, na maneira como se deixam cair no banco e estendera as pernas, acusando uma velha fadiga. Por outro lado, em tudo isso mesmo, uma afirmação de terrível energia e vigor físico. O taberneiro não teve, porém, muito tempo para pensar. Tendo comido o pão com queijo e bebido o vinho, o freguês pagou e saiu.

Noite fechada, chegou a uma cidade, clara de luz eléctrica e de edifícios novos. Numa rua estreita, hesitou um pouco e acabou por bater à porta de urna casinha rasteira, em frente da qual estava parado um automóvel vazio. Lembrou-se da frase de Ramos, quando ali o levava a primeira vez: “Até tem automóvel à poria”, dissera alegremente, com um riso trocista, aludindo ao facto de ser motorista o dono da casa. Veio abrir uma mulher que chamou para dentro:

- Afonso!

Apareceu um vulto alto e esguio. Sem uma palavra, pegou na bicicleta e levou-a para dentro. Voltou logo a seguir e beijou a mulher.

- Não venhas tarde! - disse ela numa voz suplicante.

Os dois homens caminharam rua fora em silêncio. Ao fundo da rua, meteram por uma quelha que seguia irregular por entre quintais. Afonso era nitidamente mais alto, embora ligeiramente curvado, e marchava num passo largo, cadenciado e um tudo-nada indolente, Atravessaram uma rua iluminada e tomaram um novo carreiro, quase despercebido num terreno vago de atmosfera sombria, cortada tristemente por uma distante correnteza de luzes da cidade. Passados alguns minutos, saltaram o muro baixo de um quintal e dirigiram-se a uma casa onde se destacavam as frinchas iluminadas de uma janela. Afonso trauteou nos vidros com os dedos. Ouviram-se vozes baixas dentro da casa. As frinchas iluminadas desapareceram, a porta abriu-se com cuidado e uma voz ciciou no escuro:

- Entrem.

Quando a porta se fechou, a luz eléctrica voltou a acender-se. Em pé, sorridente, um homem moreno de camisa de ganga estendia a mão larga e espessa aos recém-vindos. Sentados a uma mesa estavam outros dois homens.

Atrás das lentes espessas dos óculos de um, os olhos inteligentes e interrogativos pareciam comer-lhe a cara. O outro, de cabelo cuidadosamente penteado e de cotovelo apoiado na mesa, encostava o queixo à mão, que segurava um cigarro aceso. Agora à luz, Afonso parecia extremamente jovem. Na testa caía uma madeixa rebelde e no rosto fino pairava uma vaga expressão de melancolia e bondade.

- Como sempre - disse o da camisa de ganga - o camarada Vaz chegou à tabela.

Sentaram-se todos e começaram a reunião.

## 12

Numa aldeia próxima, todas as segundas-feiras, os assalariados rurais se juntavam na praça para serem contratados. Vinham patrões e manajeiros e ofereciam jornas como quem oferece numa feira o preço do gado.

- É nosso dever acabar com estes vestígios de servidão! - dissera tempos atrás o carpinteiro Marques, numa voz aguda e incisiva, <os olhos a luzirem atrás das grossas lentes.

Todos estiveram de acordo. Afonso, que controlava os camaradas da aldeia, deu indicações nesse sentido. Doravante os jornaleiros não poriam mais os pés na praça de homens, obrigando os patrões a irem procurá-los às suas próprias casas. Mas, na aldeia, José Sagarra opusera-se terminantemente à decisão.

- Na praça estamos todos juntos e podemos fazer o nosso preço - disse ele na sua voz anasalada. - Se esperamos cada qual em sua casa, ou se vamos bater à porta dos patrões, apanham-nos separados e impõem--nos os preços que quiserem. Acabar a praça é baixar as jornas, acabar com sextas, fumaças e molhaduras, é tirar o trabalho aos mais velhos e mais fracos.

Afonso insistira no cumprimento da orientação traçada. Mas, José Sagarra, agitando desajeitadamente as mãos sem saber onde colocá-las, mantivera-se na sua: que não, que não, que não, que era um erro grave. Como Afonso não conseguisse fazer levar por diante a resolução, o Comité Regional resolvera chamar o camarada a uma reunião para o convencer. No dia aprazado, José Sagarra apareceu com um ar culpado e arisco, olhando de soslaio os camaradas desconhecidos. Cada qual por sua vez, primeiro o carpinteiro Marques, com os olhos luzindo atrás dos óculos, depois o empregado Vítor, falando com aprumo, depois o electricista Cesário, com um sorriso aberto na cara larga e morena, depois ainda Afonso, insistiram na necessidade de terminar com a

praça. de homens como instituição medieval degradante para os trabalhadores. José Sagarra repetiu o que já dissera a Afonso e nada acrescentou mais. Baixava os olhos e, a cada argumento dos outros, limitava-se a encolher os ombros e a mudar a posição dos braços e das mãos.

- Ouve, camarada - disse-lhe Marques por fim, com os olhos observadores espreitando por detrás das lentes. - Sabes ler?

José Sagarra abanou a cabeça.

- Pouco.

- Quantos anos tens de Partido?

- Apenas um ano.

- Bem vêes - disse o carpinteiro. - Por que não atendes à opinião de camaradas mais experientes que tu, com mais conhecimentos, mais tempo de Partido e mais responsáveis?

Todos ficaram esperando a resposta. José Sagarra tomou a encolher os ombros. E já pensavam que nem sequer responderia, quando de súbito levantou o rosto seco e sardento e deixou ver inesperadamente uns olhos de um azul puro e luminoso, que uma pequena nódoa não ofuscava.

- Pois muito bem, o Comité Central que resolva - disse numa voz baixa ardente de exaltação.

Como os camaradas não compreendessem bem o que ele queria, repetiu:

- O Comité Central que resolva! - na forma como o dizia, apercebia-se que, sem o Comité Central resolver, nada feito e que, se o Comité Central resolvesse contra a sua opinião, ele cumprir cumpriria, mas não deixaria de ser um grandessíssimo disparate com graves prejuízos, de que os camaradas tomariam a responsabilidade.

Agora o Comité Regional estava de novo reunido e Marques dificilmente podia acreditar no que transmitia Vaz. O Secretariado dava razão a José Sagarra e opunha-se à palavra de ordem do Comité Regional. Mas não só isso. Fundamentando-se nas experiências de várias localidades daquela e doutras regiões, o Secretariado não só entendia que se devia fazer tudo para manter as praças de homens como que se devia fazer um esforço para as transformar em instrumentos de luta dos assalariados rurais. Aconselhava a criar em cada praça uma Comissão de Praça, eleita pelos trabalhadores, a fim de tratar das condições de trabalho com os patrões, capatazes e manajeiros. Num artigo, era criticado o Comité Regional e outros organismos pelo seu débil trabalho no sector camponês, pelo seu desconhecimento dos problemas dos trabalhadores do campo e pela leviandade de decisões e métodos burocráticos de trabalho.

Extremamente pálido, compondo constantemente o lápis atrás da orelha, o carpinteiro Marques seguiu a exposição de Vaz com manifesta impaciência.

- As comissões só servirão para queimar gente - disse por fim.

Também Vítor se não mostrou convencido.

- O pessoal do campo não está preparado para isso - comentou numa baforada de fumo. - Ninguém me convence de que as praças sejam uma instituição progressiva.

Cesário disse sorrindo.

- Faz-se como os camaradas indicam. Nós temos ainda que aprender muito.

Afonso sentia-se perturbado. A resolução superior não deixava de parecer-lhe bem fundamentada, embora duvidasse do seu êxito prático. Mas tornava-se-lhe difícil mudar repentinamente de opinião, que tanto defendera, e chocava-o a crítica ao Comité Regional, quando todos tinham pretendido apenas acertar. Lia no rosto de Marques profundo descontentamento e de certa forma o partilhava, pois não podia esquecer que Marques era um velho militante que já sofrera muito nas prisões. Manifestou-se entretanto de acordo com Vaz, comprometendo-se a transmitir a resolução. Vaz tinha porém mais alguma coisa a dizer a esse respeito. Trazia indicações para falar directamente a José Sagarra. Ao ouvir isto, Marques riu abertamente com ar de chacota. Voltando para ele o rosto severo, Vaz olhou-o fixamente. O riso de Marques foi-se apagando, mas, por detrás das lentes espessas, os seus olhos inteligentes aguentaram o olhar de Vaz. Antes de passarem a outro ponto, disse ainda:

- Os camaradas do Comité Central estão lá muito, muito em cima e nem sempre são bem informados.

Vítor não mexeu o queixo de cima da mão em que o apoiava. Por entre o fumo do cigarro, voltou os olhos para Vaz, espreitando ironicamente a reacção. Como se nada tivesse ouvido, Vaz passou a outro ponto. Marques interrompeu-o:

- Ainda te quero dizer mais duas palavras. Se fosse com o camarada Ramos, as coisas não ficavam assim.

Cerca das dez horas, deram a reunião por terminada e Vaz chamou Afonso a um canto.

- Falaste com a amiga? - perguntou-lhe. Afonso corou.

- Ainda não pude procurá-la. Vaz esteve uns momentos calado, com o rosto inalterável, os olhos fixos no camarada. Via-se que hesitava em manifestar a dúvida acerca do que Afonso lhe estava dizendo.

- Não me disseste que a amiga falou da sua disposição de ir para a clandestinidade por sua própria iniciativa?

- Sim - disse Afonso corando de novo. - Mas ainda não tive ocasião para lhe falar nisso.

Vaz ficou novamente uns momentos calado. Só os músculos, contraindo-se, lhe animavam o rosto.

- Pois bem - disse por fim. - A próxima vez que eu cá vier, deves poder marcar um encontro meu com a amiga. Se eu não vier, o Ramos virá e tratará de tudo.

Afonso acenou com o rosto jovem e bondoso. Mas havia nele qualquer coisa de tão profundamente implorativo que foi dando-lhe no braço uma pancada cordial que Vaz fechou a conversa.

- Ficamos combinados, há! Regressaram a casa de Afonso pelo mesmo caminho. A mãe esperava-o à janela. Vaz pegou na bicicleta, certificou-se de que a pasta estava bem segura no quadro, meteu as calças por dentro das peúgas, aconchegou a gola do casaco ao pescoço, ajustou o boné e partiu.

### 13

Uma hora mais tarde, encontrava-se, a léguas de distância, sentado no escritório do advogado. Eram já 11.30 da noite, mas o camarada entendia ser a melhor hora para o encontro se não tomar reparado. Não era raro ficar até tarde e ninguém iria ali importuná-los.

O advogado era um homem baixo, de rosto seco, pele enrugada e morena e uma cabeleira ondulada onde brilhavam fios brancos. Sentado num cadeirão em atitude de extrema confiança em si próprio, falava com voz bem articulada:

- Ninguém mais do que eu aprecia o esforço dos camaradas. Parece-me porém que à prática do trabalho não corresponde um nível teórico aceitável. As publicações poderão ser muito úteis em certos meios, não contesto. Para pessoas com alguma cultura, têm efeito negativo. O jornal parece dizer sempre a mesma coisa e a redacção é num português pobre, onde não é raro encontrarem-se erros ortográficos. Faltam artigos com nível teórico, artigos de divulgação doutrinária, em especial de filosofia e de economia política.

Vaz sentia-se esgotado. A cadeira, em que se sentara, mais o amodorrava ainda. Um peso enorme caía-lhe sobre as pálpebras, uma angústia funda cerrava-lhe o peito e assaltava-o o desejo absurdo de se deitar ali mesmo no chão do escritório, naquele tapete que adivinhava macio e morno.

O advogado falava sem pressas, passando de quando em quando a mão pelo cabelo ondulado e insistindo na crítica ao trabalho do Partido. Via-se que tinha preparado cuidadosamente o seu discurso e que de há muito ansiava a ocasião de o pronunciar. Vaz decidiu esperar que ele acabasse para tratar algumas questões práticas e poder depois repousar um pouco. Sem querer, a

imaginação fugia-lhe para a cama asseada e confortável que certamente o esperava essa noite em casa do advogado e para a refeição que este lhe ofereceria. Por muito que se esforçasse por acompanhar as falas do outro, via agora diante de si lençóis frescos, e uma travesseira, e pão, e uma bebida quente e açucarada.

Já perto da uma hora, o advogado levantou-se, espreguiçando-se e sorrindo. Via-se estar satisfeito consigo próprio e certo do efeito esmagador das suas palavras.

- Acabámos, não? - disse ele, significando que o encontro estava terminado.

- Há mais umas coisas pequenas a ver - disse Vaz, reparando com certa surpresa na súbita expressão de enfado que estas palavras provocavam. - Quantos jornais quer? - perguntou, evitando o "tu" com que tratava habitualmente os camaradas. - E só um para si, ou quer para mais alguém?

Que não, que não tinha mais ninguém. E entendia ser um erro ficar ele com algum exemplar. Os camaradas deviam saber que estava queimadíssimo, que toda a gente na terra o conhecia como comunista e por isso seria condenável imprudência e um desrespeito pelos métodos conspirativos receber jornais clandestinos.

Como se fadiga e sono fossem varridos pela mão que passara pela fronte, os olhos de Vaz espreitavam agora o advogado com a serenidade e fixidez habituais. A exagerada imobilidade do rosto severo anunciava grande esforço para se conter.

- Bom, amigo. Outra coisa. Tinha ficado de arranjar elementos sobre o caso das negociatas do governador civil com a Câmara. Que há sobre isso?

O advogado sentara-se na borda da secretária e acendia um cigarro. Em gestos lentos, tão lentos que pareceram a Vaz destinados a ganhar tempo para pensar na resposta, puxou algumas fumaças, apagou o fósforo e esmagou-o no cinzeiro. Não fora possível, disse por fim. Além do mais, as negociatas não eram aquilo que inicialmente se dizia. Questões dessas são questões muito delicadas, não é verdade? E o advogado procurava sorrir, confiante na sua razão. Mas nos olhos baixos bailava um fulgor novo, fugidio e interrogativo.

Vaz não replicou. O rosto e os olhos conservaram-se impassíveis,

- Bom, amigo - tomou a dizer. - Desculpe roubar-lhe o seu tempo, mas há ainda outra pequena coisa. Tem o Diário do Governo que ficou de comprar? Pode entregar-mo?

No rosto do advogado era cada vez mais visível a intranquilidade. Num gesto brusco e um tanto teatral, deu uma palmada na testa.

- Passou-me completamente! - disse abanando a cabeça. - Tenho tido tanto que fazer, tantas complicações de vida, que me passou completamente. Além disso...

Antes que continuasse a justificação, Vaz atalhou secamente e mudou novamente de assunto. Parecia ter agora pressa de arrumar a conversa. O rosto continuava impassível, mas, na voz com que voltou a falar, tratando pela primeira vez por tu o camarada, notava-se um vago tom de desprezo e mofa:

- Ouve, camarada. Durmo em tua casa ou aqui mesmo?

Uma visível agitação pintava-se agora no rosto do advogado. Perdera a compostura e segurança com que recebera o camarada e lhe comunicara as suas ideias. Puxou de uma cadeira para junto de Vaz, sentou-se inclinado para a frente, fazendo menção de lhe bater com a mão na perna e foi com voz lamuriosa que falou. Que compreendesse a situação. Ficar ali seria extremamente imprudente. As 7 da manhã viria a mulher da limpeza, e, se saísse antes, podiam vê-lo e tomá-lo por ladrão. Quanto à sua casa, tinha infelizmente uma família burguesa, a sua senhora não compreendia estas coisas, tinha criada e portanto o camarada devia compreender, não é verdade? E a dicção do advogado, de ordinário fluente e bem articulada, tomava-se confusa, hesitante e dolorosa.

Vaz levantou-se. O pensamento voava-lhe para muito longe, Via diante de si a mulher de Manuel Rato sentada no chão junto aos restos da fogueira, com os olhos brilhantes de insónia e alegria e a filha encolhida e adormecida junto da mãe. A imagem era tão nítida e reconfortante que no rosto severo lhe aflorou um breve sorriso. O advogado julgou ver nesse sorriso a aceitação da sua explicação e serenou um pouco.

- Bom - disse Vaz estendendo-lhe a mão. - Saúde!

O advogado acompanhou-o pelo corredor, onde ficara a bicicleta, e foi espreitar se a rua estava livre. Quando, na penumbra, Vaz se preparava para sair, o advogado sentiu-se repentinamente assaltado por uma multidão de pensamentos insistentes e terríveis.

- Amigo! - chamou ainda - e, como Vaz se voltasse, acrescentou, levando a mão ao bolso interior do casaco: - Talvez precise de dinheiro!

Vaz não respondeu e fez-se à rua. Então o advogado voltou ao escritório, pôs-se a fumar furiosamente um cigarro e, depois de andar algumas vezes de um lado para o outro, correu a cortina da janela e ficou-se a olhar a rua escura e deserta. A chuva voltava a cair.

Só na manhã seguinte Vaz se poderia dirigir a casa dos Pereiras. Para o caminho, pouco mais de uma hora era bastante. Tinha à sua frente mais de cinco horas. Procurar uma pensão, não podia pensar em tal. Já era demasiado tarde e provocaria perigosas suspeitas. Além disso, tinha consciência do grande desarranjo do seu traje e calçado, ensopados de água e lama, amarfanhados, gastos. Sentia-se tão enfraquecido pela fome e pela falta de dormir que não aguentaria andar de um lado para o outro até ao fim da noite. Tinha que descansar, nem que fosse deitado na lama de uma valeta. Havia mais de uma semana que iniciara a volta ao sector e, durante essa semana, passara já duas noites em branco, em nenhuma das outras dormira mais de três ou quatro horas, fizera centenas de quilómetros de bicicleta, andara léguas e léguas a pé, e tudo isto comendo em média uma fraca refeição por dia.

Lembrou-se então de um encontro, meses atrás, perto daquela estrada, junto a um riacho tranquilo, à sombra das ruínas de um velho aqueduto. Fora numa tarde luminosa e soalhenta e comera com os camaradas um grande pão mioludo tendo dentro uma omeleta de um amarelo-vivo salpicado do verde da salsa. A recordação para ali o atraiu. Escorregando na lama do atalho, ganhou o ribeiro e logo viu a mancha escura do aqueduto. Encostou a bicicleta, procurou uma pedra e sentou-se. A pedra estava molhada e fria. O chão, um charco. O arco do aqueduto nem chegava para abrigar da chuva, tocada por um vento que corria em lufadas brandas, frias e silenciosas. No escuro da noite, adivinhava-se o vulto triste de dois salgueiros e ouvia-se o correr da água do regato.

Aconchegou a gola do casaco, enterrou o boné até aos olhos e, apoiando os cotovelos nos joelhos, enfronhou o rosto nas mãos. Viu ainda a companheira e a filha de Manuel Rato aninhadas no chão térreo junto aos restos da fogueira e caiu depois nas trevas de um sono doloroso, constantemente interrompido e constantemente triunfante. Dezenas de vezes acordou para, depois de breves instantes de lucidez, em que o ouvido se aguçava para o ruído da água do ribeiro e a pele estremecia ao vento e à chuva, voltar a cair, por breves instantes também, num pesado torpor. A cada vez que acordava, saltava-lhe a imagem de um camarada, ou da companheira, com o seu rosto magro e triste e a voz e gestos delicados e temos. E, a cada vez que adormecia, apareciam-lhe em sonhos precisamente as mesmas imagens. De forma que, quando de manhã começou a clarear e, tiritando de frio e fraqueza, se fez de novo ao caminho, não saberia dizer se estivera a dormir todo o tempo passado junto das ruínas do aqueduto, ou se não chegara sequer a passar pelo sono.



Pereira não estava em casa, mas não demoraria, disse Conceição, numa voz arrastada e cantante, com os braços cruzados sobre o peito. Era uma mulher gorda e corada, de dentes muito brancos, que mostrava a cada instante, e de cabelo negro e anelado repuxado por cima das orelhas rosadas e carnudas e enrolado atrás num volumoso rolo preso com travessas.

- Dou-te café, queres? - disse, mudando de conversa. Como Vaz acenasse afirmativamente, levantou-se e acrescentou:

- Antes vem ver o meu menino.

Puxando-o pelo braço, quase o obrigou a levantar-se e conduziu-o para outro compartimento.

- Chiu! - Pé ante pé, olhando a cada instante para o hóspede e levando o dedo ao nariz a recomendar silêncio, aproximou-se de um açafate e afastou o pano que o cobria. Num monte de roupa, sumia-se um rosto minúsculo, franzido e arroxado, envolvido numa enorme touca branca. Junto ao rosto, a criança conservava um punho fechado, também roxo e engelhado, de dedos tão finos e frágeis que dava medo mexer-lhes.

- Bonito, há? - ciciou Conceição. E, com lentidão e cautela, baixou-se e aflorou com os lábios essa adorada mãozita,

Quando voltaram à cozinha e enquanto acendia o fogareiro a petróleo perguntou:

- Sabes alguma coisa do amigo? Dois anos antes, pouco depois do casamento, Pereira aparecera em casa a uma hora avançada da noite acompanhado por um desconhecido. Vinha passar com eles alguns dias, mas ninguém na vizinhança devia saber da sua presença ali. Conceição olhara com desconfiança o intruso. Quando, no dia seguinte, depois do almoço, ele a quisera ajudar a limpar a louça, não se contivera que não dissesse:

- Que disparate!

O desconhecido apenas sorriu e limpou a louça. Era um homem alto e magro, com um rosto comprido marcado por rugas profundas e uma testa a perder-se na calvície incipiente. Todo esse rosto era animado por uma expressão de tão profunda tranquilidade e amabilidade que era difícil um sentimento de antipatia. Falava pouco, mas, quando falava, dizia tão bem e claramente as coisas numa voz baixa e grave que, ao calar-se, Conceição sentia pena que não continuasse falando, pois nunca ouvira falar assim. Vendo-o com o seu ar calmo, amável e feliz, mal se podia imaginar tratar-se de um homem sobrecarregado de responsabilidades e atravessando uma situação extraordinariamente difícil, o marido dissera-lhe que o amigo acabava de fugir a um

cerco, que a polícia lhe assaltara a casa, o perseguira a tiro e que em toda a região lhe estavam fazendo uma autêntica batida. Passara ali cinco dias, escrevendo a maior parte do tempo, fazendo sempre a sua cama, ajudando silenciosamente a descascar batatas ou a limpar a louça, e manifestando interesse por tudo, um interesse discreto nas perguntas e franco nas opiniões. Quando, ao fim de cinco dias, numa madrugada escura, se foi embora, acompanhado por um camarada que o viera buscar, fortes laços de estima e compreensão mútua se tinham criado, e o Pereira, durante alguns dias, não fazia senão suspirar, enquanto Conceição limpava de quando em quando os olhos com a mão fechada.

- Se o apanham, matam-no - dissera o Pereira.

Para Conceição era impossível compreender como se podia perseguir e querer matar um tal homem.

Aquela visita ligara definitivamente os Pereiras ao Partido. A casa dos Pereiras tomara-se primeiro um “ponto de apoio” do aparelho clandestino e depois, quando Pereira se tomou responsável da organização local, o ponto de ligação do controleiro com a organização. Nesses dois anos, vários funcionários do Partido ali tinham vindo regularmente. Mas a saudade dos Pereiras por “o Amigo” mantinha-se sempre viva. Todos os outros tinham um nome. Aquele, para eles, ficou sendo sempre “o Amigo”. A primeira vez que Vaz ali fora, nada respondera quando lhe perguntaram por ele, pois não sabia de quem se tratava e os Pereiras também nada mais podiam dizer porque nada mais sabiam. Depois Vaz perguntou à Direcção e os Pereiras vieram a saber quem era o camarada, o seu nome e o seu pseudónimo mais conhecido, mas nunca utilizavam nem um nem outro. O amigo era para eles apenas “o Amigo”.

Estava Vaz a acabar de tomar o café, Pereira voltou. Era um homem baixo e entroncado, com o rosto negro das chapadas de sol e uns olhos verdes e frios como os dos gatos.

- Eles já vêm! - disse ao entrar.

## 16

Além de Pereira, faziam parte do Comité Local Jerónimo e Gaspar. Jerónimo era homem dos seus 50 anos, forte, de movimentos vagarosos, com o cabelo muito curto, ralo e completamente branco, a pele clara e flácida onde se destacava a barba crescida e irregular, uns olhos cinzentos e mortiços e o lábio inferior descaído e desdenhoso. Era o camarada mais antigo, já estivera preso, e falava numa voz pausada e condescendente, nunca olhando o interlocutor

enquanto falava. Gaspar era homem bastante alto, de rosto comprido e sério, ao qual uns lábios finos sempre a chuparem em si próprios davam uma expressão de segurança e voluntariedade. Era daquelas figuras que chamam a atenção pelo físico e pelo arranjo aos domingos menos facilmente podia passar pelo operário que realmente era do que por funcionário público ou professor dos liceus. Falava numa voz fluente e expressiva e era visível que ele próprio sentia prazer em ouvi-la.

Gaspar era operário na Cicol, a maior fábrica da terra. Havia comissões operárias criadas nas várias empresas, mas a mais activa era de longe a da Cicol. O próprio Gaspar escolhera os outros membros da comissão, ele próprio a conduzira várias vezes aos escritórios e aí expusera as reclamações que ele próprio determinara. A gerência ficara surpreendida pela amplitude e organização do movimento e prometera o aumento de salários pedido, além de satisfazer desde logo algumas pequenas exigências.

- Eles julgam que estão a tratar só com ignorantes - dizia agora Gaspar na reunião do Comité Local. - Mas, se os operários aparecem sabendo o que querem e expondo com fundamento o que pretendem, são forçados a dar-nos razão.

Gaspar descreveu a vitória com certo orgulho, salientando o seu papel pessoal sem qualquer fingida modéstia, pois estava convencido de que a ele e aos seus argumentos se devia o rápido êxito.

- E que fazia o pessoal enquanto a comissão foi aos escritórios? - perguntou Vaz.

Gaspar apertou os lábios, como era seu costume ao começar falando.

- Continuou naturalmente a trabalhar - respondeu.

E como Vaz salientasse as vantagens de que o pessoal suspendesse o trabalho e se juntasse diante dos escritórios enquanto lá estivesse a comissão, Gaspar discordou com voz segura:

- Isso só complicaria as coisas. Se assim se obteve bom resultado, porque se havia de fazer de outra forma?

- Nem sempre o sucesso é a melhor prova da justeza de uma orientação - disse Vaz e insistiu no seu parecer.

Pereira pensava como Gaspar e, na sua intervenção, lamentou não possuir as qualidades do amigo. Falava como se a opinião de Vaz atingisse e diminuísse pessoalmente Gaspar e se sentisse na obrigação de o defender. Quanto a Jerónimo, não se percebeu bem qual a sua posição.

- O camarada Gaspar - disse ele olhando distraidamente para a janela, de beijo descaído e desdenhoso = é um camarada que, pelas suas qualidades, se

destaca muito. E esse é o perigo. Se o camarada falta, a organização perde cinquenta por cento.

E, depois de uma pausa, corrigiu:

- Talvez mesmo sessenta por cento. Estas palavras eram de grande elogio para Gaspar, mas de certa forma implicavam uma crítica irónica aos seus processos de trabalho.

Gaspar pareceu não reparar nem na crítica nem na ironia. Recebendo com manifesto agrado as palavras de Jerónimo, continuou defendendo a sua opinião, insistindo no sucesso alcançado.

- Façam nos outros lados assim, se entenderem que assim dá melhor resultado. Na Cicol deixem-me seguir cá a meu modo.

Em reforço, citou o progresso da organização na fábrica que, além de passar trinta jornais, contava já doze camaradas.

- E não são amigos ao acaso. Conheço-os todos e eu próprio os recrutei para o Partido.

- Tens feito muito, amigo - disse Vaz. - Como diz o camarada Jerónimo, é esse o perigo.

## 17

Já passava do meio-dia, Gaspar e Jerónimo abalaram e Vaz almoçou com os Pereiras. Conceição apresentou uma posta de bacalhau para cada um e uma enorme panela de batatas que chegariam habitualmente para meia dúzia de pessoas. Os Pereiras sabiam bem da vida dos funcionários do Partido e levavam a capricho encher-lhes a barriga quando os recebiam de visita. Era coisa que já não tinha qualquer discussão. Mas, se um estanho assistisse àquele almoço, achá-lo-ia deveras extraordinário. Ficaria surpreso ao ver Vaz amontoar uma pilha incrível de batatas no seu prato e devorá-las gulosamente em pouco tempo, acompanhando-as de pedacinhos de bacalhau, de bocados de pão e de goles de vinho que Conceição lhe ia deitando num copito cor-de-rosa reservado exclusivamente para os camaradas. A surpresa transformar-se-ia em espanto quando visse Vaz voltar à panela, tomar a servir-se de outras tantas batatas e comê-las com igual prazer, ante a calma e indiferença do casal. E o espanto subiria ao nível de indignação quando Vaz, depois de derrotar as suas batatas, voltasse ainda à panela, se servisse de mais algumas, hesitasse ao ver ainda uma meia dúzia no fundo e acabasse por servir-se delas, rindo inesperadamente para os amigos e dizendo:

- Por pouca saúde mais vale nenhuma...

A primeira vez que Pereira dissera a Conceição que os camaradas passavam fome e era preciso dar-lhes comer em abundância quando lá fossem a casa, Conceição cozera abundantes batatas com peixe. Pereira pusera o camarada à vontade. Conceição vira que o camarada comem tudo e comeria mais. Na vez seguinte fizera mais e verificara admirada- que não lhe matara a fome. “Como pode este homem comer tantas batatas?”, pensara ela. Só mais tarde alcançou o que significa a fome atrasada, a fome de meses e anos de trabalho intenso, em corpos saudáveis e enérgicos. E agora, quando ouvia contar que um camarada subira a uma figueira e comera de uma assentada cento e cinquenta figos, que outro comera a seguir dois copiosos jantares “para não descontentar nenhuma das duas famílias que o convidaram”, ou quando via Vaz levar ao fundo a panela de batatas que na verdade daria para meia dúzia de pessoas, achava isso natural e só tinha pena de não ter condições para oferecer comida de mais substância e mais saborosa.

Depois do almoço, Conceição trouxe a roupa de Vaz, enxuta a ferro, e Vaz preparou-se para partir. Quando se despediu, Conceição, agarrando-o pelo braço, quase gritou:

- O quê! Vais-te embora sem ver o meu menino?

E puxou-o, levando o dedo ao nariz a impor silêncio.

## 18

Fora o último encontro. Agora tratava-se de regressar a casa. Às 10 da noite, vendo-se na estrada livre e escura, acomodou-se melhor no selim, apressou o pedalar e ouviu com prazer o chiar dos pneus no asfalto molhado. De quando em quando, um automóvel em sentido contrário cegava-o com os faróis. Então chegava-se à direita e fazia por olhar apenas para a berma da estrada, até sentir passar ao lado o furacão do carro. Numa terra iluminada gritava numa taberna a telefonia. Três garotos fizeram-lhe continência. Junto a um muro, um par de namorados desprende-se à luz do farolim. Na valeta, luziram os olhos de um cão vadio. E todos estes pequenos sucessos pareciam a Vaz dignos de atenção e de registo. Só quando chegou à subida das oliveiras teve a noção da própria fadiga. Não foi além do primeiro marco. As pernas recusavam-se, tinha o corpo alagado em suor e respirava fundo, como se o ar pudesse ir desalojar-lhe do peito a angústia crescente. Tendo andado mais de cem quilómetros de bicicleta contra o vento e aguentado algumas cargas de água, as batatas que comera ao meio-dia estavam moídas e esmoídas e o organismo cansado pedia novo auxílio. “Tenho que comer alguma coisa”,

pensou. E lembrou-se que dali por légua e meia encontraria ainda certamente aberta aquela pequena venda do homem curioso. Ao cimo da ladeira, embalou e deixou correr. A aragem fresca e húmida fustigava-lhe rosto e pescoço e entrava-lhe pelos punhos, braços acima, revigorando o corpo fatigado. Mais um pouco, comeria um quarto de pão com o mais que houvesse e o resto seguiria melhor.

A venda estava fechada. Na rua escura e silenciosa da aldeia não se enxergava viva alma. Vaz viu então na sua frente todo o longo percurso até casa. Viu as subidas que lhe faltavam e os quilómetros que seria obrigado a andar a pé, e os pedaços de trilho esburacados e pedregosos obrigando a constantes travagens e desvios. Viu as aldeias, os casais, as matas, as pontes. E, sentindo a lassidão do corpo e a crescente vontade de se deitar e de se cobrir, lembrou-se do rosto indignado de um camarada médico discordando do ritmo de trabalho nos últimos dois anos: “Andais a matar-vos!”

Sentia por aquela recta uma verdadeira aversão. Eram dois quilómetros na planura chata, com raros troncos marginando a estrada, sem uma casa, sem um marco, sem um acidente. Agora só se ouviam as rãs nos charcos e o ruído do dínamo, monótono e doce. Todo o cansaço lhe tombava nos olhos. O médico não tinha razão. Há muitas formas de morrer. Via-o como se fosse hoje. Parecia zangado. Depois sorria. Há?! A roda resvalou. Procurou ainda segurar-se, mas uma força invencível o atirou pelo ar de encontro à terra, enquanto a bicicleta, dando cambalhota estranha, se ia enrolar na valeta. O farolim apagou-se. Na fundura da noite, em que só muito ao longe se via um salpico de luzes, de novo ouviu o coaxar das rãs, indolente e repousante.

O dínamo funcionava. Ajeitou um ombro dorido, endireitou o guiador e seguiu um bocado a pé, batendo ruidosamente com as botas a espantar o sono.

Na primeira aldeia havia um chafariz. Deitou a bicicleta, tirou o boné e lavou a cara muitas vezes, com as conchas das mãos bem cheias de água. Um vulto apareceu, parou a olhar, murmurou quaisquer palavras e sumiu-se no escuro, com um ruído arrastado de solas de madeira.

Aquilo fez-lhe bem. Mas, quando já passada a meia-noite, chegou a uma comprida ponte que separava as duas metades de uma aldeia e imaginou a íngreme subida que tinha pela frente, dobrou-se-lhe o cansaço, o peito apertado numa tenaz. Se tudo corresse bem, não chegaria a casa antes das 3 horas. Agora tinha na frente, já, uns bons quilómetros para marchar a pé. Uma vez, ao chegar ali, um outro ciclista, com uma cesta no porta-bagagens, colara-se-lhe à roda e, quando ele se apeara, apeara-se também:

- No sobreiro é o apeadeiro! - dissera o desconhecido com os olhitos vivos ardendo de ironia.

Reparara então haver ali um enfezado sobreiro solitário e passara a tomá-lo como referência para se apeiar.

À medida que andava, as raras luzes da aldeia junto à ponte iam ficando abaixo, cada vez mais abaixo. Conhecia já de cor todos os acidentes da estrada, a inclinação da rampa metro a metro, os troços de pavimento arenoso, ou esburacado, ou de pedra solta, e as bermas relvosas por onde o andar é macio. Por muito que tentasse aproveitar o tempo pensando em coisas úteis, não conseguia afastar a atenção do caminho que ia fazendo, imaginando a paisagem desolada que a noite escondia e o muro branco que o esperava ao cimo do primeiro lanço da subida. Depois viria aquela recta de três árvores, e a curva de areia, e o bocado plano com a casita de onde uma vez uma miudinha lhe dissera adeus, e a rampa encurvada e enganadora cuja inclinação é muito maior do que parece, e mais a grande serpentina da estrada cortando com largueza o planalto, e depois a pequena aldeia, primeiro sinal de vida após três quilómetros de deserto, e de novo subir, subir, subir, até ao alto dos moinhos. Quando ali chegava e sentia vindo do Norte o bafo frio da noite afagar-lhe a pele suada, costumava pensar: “Estou aqui, estou em casa.” E era com novas forças e nova alegria que se lançava a mais uma hora e meia de caminhada, mais trinta quilómetros de estrada dura e difícil.

Agora faltava ainda muito para “estar em casa”. Ainda algumas luzes tímidas da aldeia junto à ponte se viam abaixo, muito abaixo, como enterradas na massa informe da noite. Adivinhava lá no fundo o rasto sinuoso do ribeiro e as encostas despidas olhando-se por cima das curvas do vale. Parou um instante. Nem vento, nem chuva, nem uma voz humana, nem um grito de ave, nada perturbava o belo e trágico silêncio da noite. Mas, ao chegar ao muro branco, bateu-lhe em cheio nos ouvidos o cantar distante dos moinhos: Uuu.... Uuu... Uuu...

Com que alegria recebeu aquele anúncio do alto. Não era só a antecipação do momento em que teria vencido a grande subida. Era também uma companhia amistosa no descampado. Sabia bem que aquele canto, umas vezes ténue e amortecido pelas encostas que se interpunham, outras vezes ousado e aberto como se toda a atmosfera fosse sua, umas vezes melancólico e fugitivo, outras ameaçador e exaltado, e cada vez mais próximo, mais sentido, mais arrebatador, não o abandonaria até chegar lá cima. Apesar do cansaço, da fome, do sono que voltava e da fatigante escuridão, sentia-se embalado pela canção estranha e pensava que só por isso valeria a pena passar por ali a horas mortas. ó Portugal! Como és belo, na diversidade acolhedora da tua paisagem, na pureza e nos caprichos da tua atmosfera, na melancólica bondade da tua gente!

o Portugal, país querido! Sairás do longo pesadelo, sairás dele, decerto. O povo acorda e luta. O Partido está finalmente à altura do seu povo.

Na noite, os moinhos cantavam. Um cheiro doce a erva e a terra molhada andava na negrura do ar. Arfando, Vaz caminhava sempre, num passo certo e arrastado, e as pálpebras pesavam mais e mais. Ia acordado ou adormecido?



## Capítulo II

### 1

De um e de outro lado da estrada, as casitas espreitavam silenciosas e tímidas. Algumas juntavam-se em pequenos grupos, separadas por escassos metros de terra ou muros de pedra solta. As mais pareciam querer evitar companhias: rodeavam-se de pinheiros e oliveiras, encarrapitavam-se nos combros ou mergulhavam na verdura pálida de figueiras e silvados.

A casa da menina Ermelinda ficava junto à estrada. A mais próxima, a uns bons trinta metros de olival, fora alugada havia pouco a uma família de Lisboa. A menina Ermelinda interviera nisso. Um dia apareceram-lhe à porta dois sujeitos com bicicletas à mão perguntando se a casa estava para alugar. A menina Ermelinda deixara muito para trás a sua meninice. Era feia e fiei. Mas gostava de tagarelar e galhofar, sobretudo com homens jovens e simpáticos. Como era esse o caso, interessara-se pelo assunto, fora buscar a chave à irmã do senhorio e ela própria mostrara a casa. Um dos sujeitos tinha um rosto largo e de pele clara, com uma expressão severa e uns olhos de invulgar fixidez. Falava com voz calma e a tudo respondia com segurança e prontidão. Perguntara-lhe donde era, que fazia, se tinha os pais vivos se vinha para estar muito ou pouco, tempo, se era doente, se utilizaria a camioneta da carreira, se tinha racionamento em Lisboa. E o sujeito, olhando-a com os seus olhos fixos e serenos, respondera satisfatoriamente a todas as perguntas. “Mas é esquisito”, contara mais tarde a menina Ermelinda, “tudo perguntei, a tudo me respondeu e fiquei sem saber nada.” Só quando perguntara como trariam a bagagem, obteve uma resposta concreta que pôde fixar. Quem a deu foi o outro sujeito, um homem alto, moreno, de traços finos e expressão alegre, que falava em tom de brincadeira e que, por isso e pela forma brejeira como a olhava, agradara muito à menina Ermelinda.

- A bagagem? - disse ele. - Vem no quadro da bicicleta. A menina Ermelinda dera uma gargalhada e o homem moreno, batendo-lhe familiarmente nas costas, dera outra.

Um dia de manhã a menina Ermelinda abriu a janela e viu gente na casa vizinha.

- Vieram esta noite e não dei por nada! - disse ao marido, no tom sibilante usado para as grandes confidências.

O marido era muito diferente da menina Ermelinda. Sempre deixara para ela o cuidar da leira que possuíam; ele trabalhava de sapateiro em casa, com o seu vagar, pondo os beijos em jeito de assobio e assobiando só para dentro. Ela falava com animação e rapidez; ele era pacato e de palavras lentas. Ela tinha uma pele trigueira, um corpo musculado, o peito chato, modos enérgicos; ele era de carnes moles, cheio sem ser gordo, de pele branca, de modos calmos, e exibia no rosto vários sinaizinhos pretos que pareciam pintados. Bocejava ainda, pouco satisfeito do dormir.

- Vieram esta noite! - tomou a menina Ermelinda, abarcando, nesta afirmação, interrogações, dúvidas, curiosidades e projectos.

O marido limitou-se a dizer na sua voz arrastada, que parecia formar eco dentro da boca:

- E de-po-is? A tarde a menina Ermelinda encontrou-se com a Amélia e perguntou-lhe se tinha ouvido os vizinhos chegarem.

A Amélia franziu o sobrolho, como era seu costume, e respondeu:

- Eu quero lá saber da vida dos outros, menina Ermelinda. A menina Ermelinda foi-se embora, resmungando e olhando com estranha atenção o piso do atalho.

- O que me faz ferro - disse ao chegar a casa - é que nem ouvi o automóvel nem se vêem sinais das rodas. A pé é que eles não podiam ter vindo.

O marido gostava de a ver irritada e riu-se com o seu riso cavo e lento:

- Bó-bó-bó!

A menina Ermelinda gostara entretanto dos novos vizinhos. Era gente educada sem ser tola. Às vezes, no Verão, vinham para ali famílias de Lisboa. Quando muito, davam-se com as Pim-Pa-Pum, as pessoas mais ricas do lugar, a quem a menina Ermelinda pusera esse nome porque não podiam ouvir barulho na estrada sem saltarem logo à janela, cabeças de fora, rodando nos pescoços, espiando para um lado e para o outro. Os novos vizinhos eram um casal apenas, embora com frequência viesse visitá-los o irmão da Senhora: o homem alto, moreno e simpático que dera a resposta do quadro da bicicleta. Eram amáveis para toda a gente e a Senhora não passava por crianças que lhes não falasse com modos carinhosos. Faziam porém uma vida muito isolada. Passavam-se dias e dias em que só a Senhora aparecia à porta ou à janela, a sacudir um pano com gestos brandos. Ou a olhar uns instantes com expressão triste as árvores e o céu.

A menina Ermelinda embrulhara-se num velho xaile, sentara-se no degrau da porta e olhava a janela aberta e iluminada da casa próxima. Não se via qualquer sombra passar diante do candeeiro, nem se ouvia qualquer ruído de vozes. Só a luz quieta anunciava a presença de alguém. O marido, de casaco pelos ombros, viera sentar-se a seu lado. Ali se deixara ficar, atraído igualmente pelo quadrado iluminado da janela dos vizinhos. Do outro lado, mal se adivinhava a fita branca da estrada, descendo por entre a mancha sombria das árvores até se perder lá baixo na curva grande. De longe em longe, uma voz distante ou o ladrar de um cão. Depois ficava de novo o silêncio no ar escuro, húmido e morno.

De repente, da colina fronteira do outro lado da estrada, onde mal se apercebia a nódoa clara do casal do Ernesto, vozes alteradas se ouviram. Depois tudo recaiu no silêncio e a noite ficou de novo vazia e sossegada. Só para os lados do casal do tio Luís, o Magano ladrava, exaltado e rouco. Já o marido da menina Ermelinda bocejava e, estirando os braços no escuro, se levantava para ir à deita - um grito de mulher, aberto e distinto, chegou até eles:

- A-cu-dam! A-cu-dam! Ao grito sucedeu um novelo de vozes de mulheres e crianças. Parecia que as casas se haviam subitamente aproximado por cima da estrada e que toda a atmosfera sorvia e espalhava o grito. A menina Ermelinda pôs-se de pé num salto, olhou o marido, olhou a janela iluminada dos vizinhos e gritou:

- Sr. Francisco! Sr. Francisco! À janela iluminada apareceu a sombra da Senhora e logo a seguir a de um homem. E, enquanto na colina fronteira continuavam os gritos aflitivos, a voz serena do Sr. Francisco veio até ela:

- Que há?

- Acuda, Sr. Francisco, que se matam!

As sombras desapareceram da janela. A da Senhora voltou e encostou-se ao parapeito. Logo dois vultos desceram o olival em largas passadas. "Dois?", pensou a menina Ermelinda. "Não dei por que tivessem visitas." Pouco depois os gritos cessaram e \*tudo voltou ao sossego, à escuridão e ao mistério. Só aqui e além, dispersos na noite, se ouviam vozes nos outros casais, alarmados pelos gritos.

- Se fosse eu, não ia lá - disse com voz pastosa o marido da menina Ermelinda.

- Não ias? - sibilou a mulher, aproximando a cara da dele como se o quisesse chicotear com o bafo das palavras. - Não foste, ca-ga-ro-la!

O homem sorriu contrafeito - bó-bó-bó - e logo depois cantaram as pedras soltas do atalho fronteiro. Apercebeu-se o som mais aberto dos passos cortando a estrada e vultos muito juntos (um parecia amparado) subiram o olival em direcção à casa vizinha. Os vultos sumiram-se atrás da casa, a sombra da Senhora retirou-se da janela e depois a luz deslocou-se, dançando no interior até desaparecer.

Ouviram-se outros passos, novo vulto surgiu na estrada e subiu o olival pelo mesmo piso.

Os dois ficaram calados ante a noite, agora sinistra e insignificante, pela falta da janela iluminada. Ao longe, o Magano voltara a ladrar, exaltado e rouco. O tempo passava e ninguém voltara a aparecer.

- Eu vou lá! - disse a menina Ermelinda, só para dizer alguma coisa.

Mas como o homem resmungasse “Que vais lá cheirar?”, decidiu-se e subiu o olival, pisando os restolhos num passo apressado e nervoso. Nas traseiras da casa, por debaixo da porta da cozinha, um risco de luz. Bateu. Abriram. O que viu deixou-a sem fala.

À mesa estava sentado o Ernesto com uma malga de café fumegante na sua frente. Fitava a malga com ar concentrado e, de quando em quando, levantava os olhos congestionados, olhava um e outro e voltava a fitar a malga. Depois de lhe abrir a porta e de lhe dizer para entrar, o Sr. Francisco foi para junto da chaminé e, com o rosto mais pálido do que de costume, pôs-se a observar atentamente a Senhora. O irmão da Senhora, encostado ao parapeito da janela, um pouco afastado, parecia divertido. A mulher do Ernesto estava também sentada junto à mesa, com os olhos pretos e os cabelos pretos destacando-se na pele branca e bonita. Tinha ao colo a filha mais pequena e encostado ao ombro, com ar sonolento e aborrecido, um garoto parecido com ela. A Anica tentava pegar na chávena de café com as duas mãos, escaldava-se, dizia oh! oh! com ar indignado, soprava-lhe para arrefecer, batia as palmas e ria. E a Senhora, em frente do Ernesto, voltava o rosto magro e triste para a Anica e dizia num tom meigo e grave:

- Espera um bocadinho, minha linda, que ele arrefece.

A menina Ermelinda, compreendendo pelos olhares trocistas do irmão da Senhora que estava a mais, teve de voltar para casa sem nada saber nem compreender.

### 3

Eis o que se passara.

Estavam todos à cancela do Sapo.

- Os filhos estragam a gente - disse a mulher do Ernesto. - Tenho três filhos e pareço uma velha.

Encostado ao muro, o Sapo riu-se:

- Parece uma velha, mas faz ver a muitas novas. Conversaram mais um pouco. Já todos davam as boas-noites, o Ernesto voltou-se para o Sapo.

- Repita lá essa palavra que disse há pouco.

O Sapo gaguejou qualquer coisa e riu, sem saber se era a sério ou a brincar. Mas o Ernesto trazia aquilo atravessado. Ele bem via como o Sapo lhe olhava a mulher. O Sapo? Ele e todos os mais. Ao notá-lo, enraivecia-o a pele branca e fresca da mulher e os olhos e cabelos de um negro provocante. Era disso que ele gostava nela e era isso que lhe não perdoava. Agora, com uma ponta de vinho, desabafando velhos rancores, insultou a mulher, insultou o Sapo e acabou por avançar para ele de mau modo. As mulheres gritaram e arrastaram-no para casa. Quando tudo parecia ficar por ali, o Ernesto, num brusco repelão, correrá ao telheiro e agarrara num sacho.

Prudentemente, o Sapo entrou no pátio murado, deitou a mão tremente a um fueiro e cerrou a cancela. Em alta grita, aí se amontoaram mulheres e crianças para não deixar passar o Ernesto. Num momento em que a mulher do Sapo se estatelara guinchando e o Ernesto dava uns passos atrás para lançar novo assalto, um vulto surgiu da sombra, filou-lhe o braço armado levando-lho atrás das costas e uma voz desconhecida soprou-lhe ao ouvido:

- Quietinho, hã?

O Ernesto deu um sacão a tentar libertar-se. Depois outro mais desesperado. Mas o desconhecido, mais alto que ele, acompanhou os seus movimentos como sem esforço, mantendo-lhe o braço apertado numa tenaz. De relance, Ernesto viu outro vulto de homem a alguns passos e, pela atitude, não teve dúvida de que se preparava para intervir. Uma súbita lembrança lhe revelou o que se estava passando: “Estou preso”, pensou. (Anos antes, fora preso nas ruas de Lisboa e também então o polícia que o prendera lhe agarrara assim o braço.)

- Tira-lhe isso da mão - disse ao outro aquele que o agarrava.

O Ernesto sentiu que mãos nervosas lhe prendiam vigorosamente os dedos, os torciam e os abriam até o sacho cair por terra. O desconhecido empurrou-o atalho abaixo, enquanto o outro dizia algumas palavras à mulher do Ernesto que, choramingando, perguntara para onde o levavam. Tropeçando nos calhaus do atalho, Ernesto sentia um misto de raiva, vergonha, alívio e curiosidade: “Vamos lá ver o que isto dá”, pensava.

A porta abriu-se e à luz do candeeiro vira um rosto magro de mulher, sério e inteligente. Mandaram-no entrar e entrou. Mandaram-no sentar: sentou-se. Seriam realmente polícias? Estaria preso? E, sendo assim, viria ali uma furgoneta buscá-lo? o homem mais alto, aquele que lhe agarrara o braço, estendeu-lhe uma onça e mortalhas. Querendo recusar, Ernesto viu-se com as mortalhas e o tabaco nas mãos. Enquanto ouvia na chaminé o bufar do fogareiro a petróleo, pôs-se a fazer desajeitadamente o cigarro. Tão grosso que a mortalha mal podia dar a volta. Ernesto corou até às orelhas sem perceber como pudera servir-se de tanto tabaco.

Logo depois chegou a mulher com a Anica ao colo e o João agarrado a um braço. Ofereceram-lhe um banco. O Ernesto continuava esmagado pela surpresa e pela vergonha, mas os donos da casa parecia não repararem nisso. Não lhe dirigiam palavra e apenas falavam com a Anica. A dona da casa apagou o fogareiro e o Ernesto ouviu bater a tampa de uma cafeteira e logo lhe veio ao nariz um apetitoso cheiro a café. A mulher sorria pelo perigo passado e a pele parecia ainda mais branca e os olhos e os cabelos pareciam ainda mais negros e brilhantes, e isso agradava agora ao Ernesto sem saber porquê. A dona da casa, com um sorriso que contrastava com a expressão triste, perguntou a idade da Anica, fez-lhe a medo uma festa com as pontas dos dedos e, ao deitar-lhe café numa chávena, meteu-lhe na boca a colher suja de açúcar. A Anica hesitou, chupou a colher e riu-se, E o Ernesto, levantando a vista da malga de café que lhe haviam posto em frente, olhou a Anica, olhou aquela mulher desconhecida e sentiu fugir-lhe o desespero e renascer o gosto pela vida. Apeteceu-lhe sorrir, mas conteve-se de tal despropósito e carregou ainda mais violentamente o sobrolho.

A mulher do Ernesto recusou delicadamente o café e o filho recusou-o de mau modo. Viera a menina Ermelinda, os olhos inflamados de curiosidade. Fora-se a menina Ermelinda. O Ernesto bebeu o seu café. Ninguém lhe dirigia a palavra. Só a dona da casa, quando lhe pusera diante o cartucho de açúcar, lhe dissera fitando-o com os olhos tristes:

- Sirva-se à vontade.

E ele, querendo fazer cerimónia, servira-se à vontade. Esperava a todo o momento ouvir uma referência à desordem e preparava-se mesmo para interrogatórios, censuras e insultos. Nada, Nem a dona da casa perguntou sequer o que se tinha passado.

- Ouve, queridinha - disse ela à Anica, ao porem-se em pé meia hora mais tarde.

- Quando quiseses, vem cá visitar-me. Combinado? - e fez-lhe novamente uma festa fugidia com a ponta dos dedos, uma festa que acusava, a um tempo,

desejo e receio de carinho e que reflectia o mesmo contraste existente entre o seu sorriso e o seu ar de tristeza.

Anica respondeu numa voz aguda e molhada:

- Combinado.

#### 4

Quando Ernesto saiu com a mulher e os filhos, a Senhora veio à janela vê-los descer o olival e os dois homens dirigiram-se a um compartimento interior, cuja atmosfera cheirava fortemente a tabaco.

Vagarosa, a luz do candeeiro correu pelos cantos. De tronco deitado sobre a mesa, estava um homem de rosto redondo e avermelhado, cabelos grisalhos e óculos de tartaruga. Pela lentidão com que se endireitou na cadeira, via-se ter estado assim longo tempo, receando fazer barulho e traír a sua presença, e tê-lo entorpecido a imobilidade absoluta. Os olhos sonolentos e amedrontados pela luz espreitavam timidamente por cima das lentes para os recém-vindos. A um canto, estendido numa cama, de papo para o ar, um rapaz magro de bigodinho negro com as mãos espalmadas por detrás da nuca. Deixou-se ainda ficar imóvel uns instantes. Levantou-se depois num salto ágil e aproximou-se da mesa com um sorriso espalhado pelo rosto, os olhos maliciosos envoltos em pequeninas rugas. Parecia apreciar antecipadamente as novidades que iam dar-lhe.

Era a primeira reunião do organismo do Partido criado para dirigir a actividade num vasto sector, até então a cargo de Vaz (Sr. Francisco, como lhe chamavam na terra onde vivia), ajudado e controlado por Ramos (que acompanhara Vaz quando este fora alugar a casa e se fazia passar por seu cunhado, quando o visitava). O desenvolvimento da organização tomava impossível um camarada dar conta do recado. A criação de organismos de direcção em localidades há pouco ligadas ao Partido era particularmente difícil, porque se tratava de quadros novatos e inexperientes. Em centros maiores, onde o Partido tinha mais sólidas raízes, formaram-se de facto Comitês Regionais, que tomaram à sua conta diversas localidades. Mas, na maior parte dos casos, para que continuassem os progressos, para dar verdadeira atenção às ligações que a todo o momento surgiam e lhes dar consistência orgânica, era necessário que o grosso do trabalho estivesse entregue a pessoas inteiramente dedicadas a essa actividade. Assim fora resolvido, e tinham sido designados. para trabalharem com Vaz, os camaradas António e Paulo, Ramos largaria todo o contacto com as organizações de base, mas continuaria a controlar o sector.

Enquanto Ramos, numa voz rápida e alegre, contava o que se passara com Ernesto, António acompanhou a narrativa, afagando lentamente o bigode, os pequenos olhos brilhando de satisfação e de malícia. Paulo parecia ensonado e conservava-se de pálpebras descidas, folheando placidamente uma agenda, como se não tivesse qualquer interesse em ouvir aquela história e quisesse mostrar aos outros a sua falta de interesse.

- É isto - concluiu Ramos. - o homem lá foi com o seu café, Vaz arranjou aqui na terra um amigo que lhe pode ser útil em qualquer altura e nós vamos ao nosso trabalho, que já perdemos mais de meia hora.

Com o rosto redondo mais corado que de costume, Paulo ergueu um instante os olhos tímidos por cima dos aros de tartaruga, como se quisesse dizer alguma coisa, mas acabou por voltar à sua agenda, folheando-a com os dedos curtos, grossos, de unhas cortadas muito rentes.

- Tínhamos acabado de dar uma vista de olhos pela organização - disse Ramos continuando a reunião interrompida. - Alguém quer ainda falar?

Paulo tomou a olhar um e outro camarada com ar interrogativo, em que Ramos não reparou. Reparou Vaz.

- Um momento - disse com a sua voz serena. - Desejo dizer algumas palavras sobre o que se acaba de passar. Quer-me parecer que eu e o Ramos nos precipitámos.

Paulo olhou os camaradas por cima dos óculos, como perguntando se alguém podia duvidar do acerto das palavras de Vaz. Ramos duvidava.

- As coisas não se devem levar ao trágico - disse. - Quanto a mim, foi só isto. Chamaram por socorro e acudi. Vi o homem com o sacho e tirei-lho. Vi que, se ficasse lá, acabaria por ir-se ao outro e trouxe-o para aqui para se acalmar. Tudo correu bem e fortalecemos consideravelmente a situação conspirativa desta casa. É muito importante que haja quem nos deva favores, e o de hoje não é dos mais pequenos. Além do mais, queridos camaradas - acrescentou sorrindo -, sempre sabe bem exercitar os músculos, Continuamos o nosso trabalho?

António sorriu satisfeito. Paulo olhou Vaz.

- Ainda duas palavras - disse Vaz pausadamente. - As coisas podiam ter corrido de outra forma e, seja porque nos quisessem dar como testemunhas, seja porque nos víssemos directamente envolvidos na questão, podíamos ter posto a segurança desta casa em perigo. Precipitámo-nos.

- Continuamos o nosso trabalho? - insistiu Ramos. O tom era agora incisivo e duro.

- Poderemos continuar - disse Vaz calmamente, fitando Ramos com os olhos serenos e fixos. - Mas fazes mal não reconhecer coisa tão evidente.



- Além do mais, estávamos aqui - reforçou Paulo, corando e olhando os outros como a pedir desculpa do atrevimento.

- Continuamos? - perguntou Ramos pela terceira vez. Continuaram. Uma hora mais tarde, entrou no compartimento a companheira de Vaz. Pôs sobre a mesa uma cafeteira, duas malgas, duas chávenas e um cartucho de açúcar com a colher de sopa metida lá dentro.

- Ouve, amiga - disse Ramos, pondo-lhe a mão no ombro. - As colheres também estão racionadas?

A camarada fugiu com o ombro e nada respondeu. Antes de sair, olhando Vaz com um sorriso triste, passou-lhe lentamente a mão pelos cabelos. Vaz seguiu-a com um olhar observador e ficou ainda um instante fitando a porta fechada, pensando qualquer coisa de confuso e distante.

## 5

Tratava-se de dar uma vista de olhos por todos os aspectos da actividade do sector para que os novos camaradas, António e Paulo, ficassem ao corrente antes de pegarem no trabalho. Tratava-se de distribuir tarefas entre os três escolhendo as organizações que cada qual passaria a controlar. Tratava-se de tomar resoluções para uma série de lutas em curso. Tratava-se de decidir a orientação em algumas delicadas questões de quadros, como no Comité Regional, onde alguns amigos, influenciados pelo carpinteiro Marques, continuavam a manifestar graves incompreensões quanto às praças de jornas, atribuindo a orientação adoptada ao mau trabalho de Vaz e pedindo que Ramos fosse lá. Tratava-se ainda de assentar em definitivo o difícil e urgente problema das instalações.

Na verdade, tirando Ramos, que não era propriamente do sector e tinha a sua instalação algures noutro lado, dos três camaradas do novo organismo só Vaz tinha companheira e casa instalada. O caso de António requeria urgente solução. Havia dois anos que António era funcionário do Partido. Na região donde viera, vivera sempre em quartos alugados. Retirado dessa região, onde fora localizado e a sua segurança estava em perigo, chegara precipitadamente ao novo sector e vivia agora em casa de Vaz, mantendo a sua presença completamente ignorada na localidade e tendo extrema dificuldade em sair e entrar sem ser visto. Além disso, a direcção opunha-se a que vivessem permanentemente na mesma casa dois funcionários do Partido com tarefas de organização. Era preciso portanto instalar imediatamente uma casa para ele. Vaz já falara com a amiga que Afonso, contrafeito, lhe apresentara. António fora

procurar casa. Como Ramos tinha de ir ao Comité Regional, de que Afonso e Marques faziam parte, e como Vaz tinha que ir ligar António a outras organizações e dar assistência sem demora a lutas que haviam sido obra sua, decidiram que Ramos aproveitasse a ida ao Comité Regional para trazer a amiga e a ligar a António, que, por sua vez, a conduziria à casa já alugada.

Quanto à instalação de Paulo, estava provisoriamente resolvida e Ramos não mostrava pressa em resolvê-la de outra forma. Paulo estava a viver em casa de um padeiro, numa terra pequena, apresentado a vizinhos e conhecidos como familiar que tinha um negócio na região e viera ali instalar-se umas semanas. Mas, no dizer de Paulo, só à noite podia trabalhar. A casa era acanhada, não havia um compartimento onde pudesse estar à sua vontade, surgiam a todo o instante pessoas de família e fregueses com perguntas indiscretas e, sobretudo, havia quatro crianças em casa que não o deixavam um instante quieto, lhe mexiam nos livros, lhe queriam mexer nos papéis, o iam importunar, o abanavam, o agarravam, o desafiavam para brincadeiras, o beliscavam, o esguedelhavam, fazendo constantemente as mais variadas partidas e tentando teimosamente, embora até à data sem sucesso, roubar-lhe os óculos do próprio nariz.

- Aguenta, velhote - disse Ramos, rindo e falando ao mesmo tempo, na sua maneira especial de fazer de cada palavra uma espécie de gargalhada. - Precisas de te ir treinando.

Paulo olhou-o timidamente por cima dos óculos e nada respondeu. Via-se que ficara pouco satisfeito por não se pensar mais a sério na sua instalação.

A falta de atenção de Ramos por esse problema não resultava apenas da ideia de que a instalação de Paulo era boa e das dificuldades arranjar melhor. Resultava principalmente da ideia de que Paulo não tinha condições para funcionário do Partido e que, dentro de pouco tempo, na medida em que não correspondesse às exigências das suas novas tarefas, se veria que a razão estava da parte dele. Ramos, nas discussões que tivera a esse respeito com camaradas do Secretariado. Ramos não negava que Paulo era um camarada honesto, pois, além do mais, o conhecia há muitos anos. Mas, para ele, Ramos, em cujos mínimos gestos e atitudes se revelava imediatamente uma fogosidade fora do comum, prontidão e audácia nas decisões, optimismo ao defrontar as dificuldades e os perigos, para ele, o camarada Paulo, tímido, receoso das próprias opiniões, corando a qualquer objecção, e mole, mole, mole como papas, não poderia corresponder às exigências da vida e da actividade de um funcionário do Partido. Por isso também, quando se tratou de distribuir pelos três camaradas o controlo das organizações do sector, Ramos procurou que não fossem confiadas a Paulo senão aquelas mais simples, sem grandes

perspectivas, como a do advogado que nem imprensa queria, ou a de Manuel Rato isolado no seu lugarejo, ou a do sapateiro que havia meses prometia convocar a reunião do Comité Local.

- As mais pacatas, as mais pacatas - disse ironicamente, sem reparar no olhar implorativo que Paulo lhe deitava por cima dos óculos.

Embora fosse esta a terceira vez que via Paulo, Vaz compartilhava também das apreensões de Ramos: o camarada dificilmente daria conta do recado. Reparando nos olhos tímidos de Paulo, na forma como corava ao distribuírem-lhe as tarefas, concluía que o próprio camarada tinha a noção da sua falta de condições. Isso era tão evidente que ele próprio se sentiu envergonhado pelo embaraço de Paulo.

- Eu ajudo-te no que puder - disse para o consolar.

## 6

De manhã cedo, antes de recomeçar a reunião, Vaz chegou à porta da cozinha e ficou observando a companheira. Rosa viera acender ao ar livre o fogareiro de carvão e, enquanto o vento aticava as brasas, instalara-se no degrau da porta. Num gesto muito seu, fincara o cotovelo no joelho, apoiara o queixo no punho e ficara imóvel, olhando distraidamente a curva mais distante da estrada. Há três anos que viviam juntos, consideravam-se satisfeitos um com o outro, estimavam-se e respeitavam-se. Entretanto Vaz sentia que alguma coisa da maneira de ser e da vida de Rosa lhe escapava ainda. Quando resolveram unir as suas vidas, Rosa dissera com a sua voz calma e a expressão triste no rosto magro:

- Ouve, José - nesse tempo, Vaz não era ainda Vaz, nem Francisco -, ouve, José. Gosto de ti como nunca gostei de ninguém e tenho a certeza de que ficarás satisfeito comigo. Mas vamos combinar uma coisa: não falamos do passado. Nem do meu nem do teu. Não há nada de que me possa envergonhar, mas sabes que já fui de alguém e prefiro nunca mais falar nisso.

Havia três anos que viviam juntos e o acordo fora sempre respeitado. Rosa era dedicada como mulher e como camarada. Vaz sentia-se cada vez mais afeiçoado a ela e, de si para si, pensava como era feliz por ter encontrado uma companheira assim. Mas, apesar da confiança e compreensão mútuas, da ternura, do respeito, uma presença estranha se manifestava a cada passo nas distrações de Rosa, na sua tristeza, no seu modo de olhar e de acarinhar. Essa presença chamava constantemente a atenção de Vaz que, contra a própria vontade, se via observando a companheira e tentando adivinhá-la.

Durante muito tempo, Vaz julgou ter achado o segredo da maneira de ser de Elisa (também nesse tempo Rosa não era ainda Rosa) na lembrança do primeiro homem que conhecera. Vaz encontrara Rosa na vida do Partido, camarada firme com muitas provas dadas, mas nunca ouvira dizer nada acerca da sua passada vida pessoal. Ignorava completamente quem fosse ou fossem os homens que haviam passado na vida de Rosa. A lembrança de um grande amor passado, tal pareceu ser durante algum tempo a Vaz aquela imponderável presença no espírito de Rosa. Um dia resolveu dizer-lho.

Rosa ficou uns instantes calada, com os olhos tristes e vagos ligados a recordações muito distantes, franzindo o rosto magro num esforço de atenção. Depois pareceu vir de muito longe, olhou a testa de Vaz, olhou-lhe os olhos, voltou a olhar-lhe a testa, e o seu rosto triste foi-se animando com um sorriso honesto. Encostando a cara à dele, abraçou-o longamente, num abraço calmo e amigo, dizendo apenas:

- Tonto, tonto...

Desde esse momento, Vaz ficara convencido de que Rosa gostava dele como nunca havia gostado de ninguém.

Depois passou a reparar mais no interesse de Rosa pelas crianças, na maneira esquiua e quase receosa como as acariciava, na frequência com que, ao falar com alguma, abanava de repente a cabeça, como sacudindo um pensamento importuno. Concluía ser tal invisível presença o desgosto por não ter um filho. Quando chegou a esta conclusão, guardou-a para si. Nas condições existentes de momento na vida partidária, por razões de segurança, pelas dificuldades de dinheiro e sobretudo pela incerteza do futuro, considerava seu dever evitar ter filhos. Nunca falara nisso a Rosa e estimulava a sua amizade pelas crianças dos vizinhos. Mas o problema não ficara resolvido. A todo o momento o lembravam a expressão triste da companheira, o seu olhar distante, as suas distrações, a maneira quase maternal como o tratava. Agora, no limiar da porta, vendo-a com o queixo apoiado no punho e olhando a curva da estrada, enquanto a seu lado no fogareiro o carvão estalava batido pela aragem, Vaz pensava uma vez mais que faltava ainda qualquer coisa para que a vida de Rosa estivesse completamente ligada à sua.

E, em boa verdade, o pensamento de Rose estava nesse instante muito longe, para trás, muito para trás nos anos. Então ainda a mãe era viva. Rosa não tivera trabalho na fábrica e ficara em casa. Havia muito que as duas estavam silenciosas, cosendo os seus trapos uma ao pé da outra. De súbito, Rosa levantou os olhos da costura, olhou para a mãe e deu uma gargalhada. Havia naquele riso qualquer coisa de tão falso e insólito que a mãe, sem saber porquê, se sentiu profundamente inquieta. E levantando também a vista da costura, deu

com os olhos ardentes da filha, uns olhos húmidos e desesperados, que brilhavam de febre no rosto crispado.

- Que tens, filha? - e o trabalho começou a tremer-lhe nas mãos. A resposta veio imediata e terminante:

- Mato-me!

Batido pelo, vento, o carvão estralejou no fogareiro, vomitando uma saraivada de agulhas incandescentes. Rosa abanou a cabeça e tirou a mão do queixo.

- Estavas aí? - perguntou vendo Vaz encostado à ombreira da porta. Levantando-se, chegou-se a ele e pousou-lhe no rosto um beijo suave e casto.

Vaz mirou-a atentamente e foi ter com os camaradas.

## 7

Já tarde na noite, depois de discutirem as lutas em curso, viram a necessidade de publicar um manifesto. Tratava-se de apresentar os êxitos alcançados em algumas fábricas, os aumentos de salários conseguidos pela acção de comissões escolhidas pelos operários e por eles apoiadas, e procurar levar essas experiências a fábricas com as quais não havia ligação. A reunião foi suspensa, enquanto Ramos, baixando sobre a mesa o rosto enérgico e concentrado, escrevia o manifesto.

Rosa, embora não pertencendo ao organismo, assistia a essa parte da reunião, pois, por decisão superior, as camaradas das casas deviam assistir às reuniões aí efectuadas naqueles pontos em que se tratavam questões de ordem geral. Logo que a reunião foi suspensa, António passou-lhe um papel. Rosa teve para ele o sorriso triste e atencioso que tinha para as crianças e olhou: um desenho tosco e desajeitado de uma mulher façanhuda empunhando uma grande pá; a seus pés, polícias e burgueses barrigudos, ou moribundos ou aflitos. Por baixo, em letras cuidadosamente desenhadas: "A nova padeira de Aljubarrota." A graça do desenho estava em que aquela mulher façanhuda e atlética pretendia ser Rosa, embora esta fosse franzina e magra, e isso via-se (e via-se claramente) porque "a nova padeira de Aljubarrota" tinha um dedo espetado e atado com um trapo, tal como Rosa, que se cortara dias antes ao picar cebola.

- Não podes negar que estás parecida - disse António, com os olhos negros a brilharem de malícia.

Um sorriso infantil destoando dos cabelos grisalhos animou o rosto de Paulo.

- Não está mal - disse ele, e logo se calou, porque, não querendo desanimar o artista, via estar a ser pouco amável para a camarada.

- Deixa ver, deixa ver - disse Ramos, suspendendo a redacção do manifesto. E pôs-se a olhar, ora o desenho, ora Rosa, como quem compara um retrato com o original. - Sim, o dedo está parecido.

Vaz fora recostar-se na cama e dormia profundamente. Vendo-lhe o rosto pálido e o amplo arfar do peito, Rosa lembrou-se de como dias antes, alta noite, chegara a casa morto de fadiga, os lábios brancos e os olhos encovados e como depois de lavar o tronco, a cara e os pés e de comer dois pratos de sopa requentada, fora ainda para o quarto de trabalho fazer o que sempre fazia ao chegar a casa fosse a que horas fosse: pôr na mesa os seus papéis em ordem, marcar as despesas feitas fora de casa, ler os comunicados de guerra e mudar as bandeirinhas no mapa da frente russa. Era essa energia sobre-humana o que Rosa mais admirava no seu companheiro. Vendo-o agora adormecido e prostrado, enquanto os camaradas riam e brincavam, os gracejos e risos pareciam-lhe uma injusta censura a Vaz, acusando-o de fraqueza e preguiça. Por isso, ligeiramente enfadada como sucedia sempre que Ramos gracejava, levantou-se e cobriu com um casaco as pernas do companheiro.

Quando Ramos acabou o trabalho, acordaram Vaz, leram o manifesto e fizeram, por proposta de um e de outro, várias emendas.

Ramos entregou o manuscrito a Rosa:

- Já tens com que te entreter amanhã - disse. - É para picares o stencil. O António depois faz o resto.

Como entrassem em questões conspirativas, disseram a Rosa que se fosse deitar. Minutos depois ouviram escrever à máquina.

- Não perde tempo, a amiga - disse Paulo. Durante uma meia hora ouviram o bater da máquina. Depois o resto da casa ficou em silêncio. Os quatro homens trabalharam noite fora. Falavam em voz baixa e só de quando em quando, se a discussão animava, o tom das vozes crescia, saindo do compartimento.

- Não, camarada - disse Ramos elevando a voz para Paulo, que o olhava com o seu ar humilde por cima dos óculos. - Não é assim que se deve falar das dificuldades. Quando surge um obstáculo, o nosso primeiro dever é procurar encontrar as formas de o vencer. O resto é paleio. \_ Fala mais baixo - disse António. - Vais acordar a amiga.

Ramos baixou a voz, que, abafada e contida, parecia ainda mais exaltada. "Em tudo quanto Paulo diz e faz", pensava Ramos, "em tudo se reflecte a sua moleza. É mole, mole como as papas. Não vai longe?"

De madrugada, ainda escuro, deram o trabalho por terminado. Paulo, e Ramos arrumaram as suas coisas, arranjaram-se e prepararam-se para sair. Quando passaram ao corredor, viram luz acesa na cozinha.

Rosa trabalhara toda a noite. O rosto cansado e sereno parecia ainda mais afilado. Esticando exageradamente o dedo entrapado para o não sujar, passava o rolo negro de tinta sobre a rede do copiadador e, levantando a rede, tirava os exemplares que amontoava ao lado.

- Mil chegam-te? - perguntou a Ramos.

A voz era seca, desagradável, quase, agressiva.

## 8

Vaz já reparara há muito na impaciência e má vontade de Rosa para com Ramos. Ela, que para todos os camaradas era atenciosa e amável, embora pouco amiga de confianças, mostrava-se extremamente reservada ao falar com Ramos. No feitio expressivo e alegre de Ramos, ou na sua simples presença, qualquer coisa a indispunha e irritava. Um dia Vaz tocou-lhe no assunto, perguntando se tinha alguma coisa contra o camarada. Rosa ficou uns instantes pensativa.

- Não, nada tenho - respondeu por fim. - Conheço-o há muitos anos e sei que é um bom camarada, digno de consideração.

E a conversa ficara por ali.

Na verdade, quem podia negar a Ramos as suas qualidades? Alguns episódios da sua vida corriam de boca em boca entre os membros do Partido. Sabia-se que combatera na guerra de Espanha e fora dos primeiros a entrar no quartel da Montanha, quando da sublevação dos fascistas em Madrid. Sabia-se que estivera preso várias vezes, que numa delas fugira e que de todas elas fora espancado e torturado. Contavam-se respostas que dera à polícia, algumas das quais lhe haviam valido violentos espancamentos. Assim, por exemplo, estando no segredo, buraco subterrâneo, húmido, abafado, sem qualquer luz ou arejamento, foram dar com ele em pelota. “Que está você a fazer nu aí dentro?”, perguntou o guarda. “Que pergunta!”, respondera Ramos. “Não vê que estou a tomar um banho de sol?” Contavam-se muitas histórias semelhantes, todas mostrando um homem enérgico, corajoso, dinâmico, de inalterável boa disposição e alegria mesmo nos mais difíceis momentos. Mas os camaradas que mais de perto privavam com ele, muitas vezes notavam a facilidade com que se irritava e como a boa disposição ocultava então na realidade um invencível mau humor. Nessas alturas, os seus gracejos eram violentos e até cruéis, magoando os outros injustamente.

Rosa dissera nada ter contra Ramos. Era porém evidente a diferença entre a forma como o tratava e a forma como tratava os outros camaradas. António estava ali em casa havia apenas duas semanas e, entretanto, Rosa tinha para com ele atenções e carinhos que nunca Vaz lhe vira ter para com Ramos. Assim, sem se saber quando esse hábito começara, sempre que António saía de casa, despedia-se de Rosa beijando-a na face e Rosa retribuía-lhe o beijo. Se tratava de Ramos, bastava que ele lhe pusesse a mão no ombro, um gesto que fazia frequentemente com qualquer, para Rosa fugir contrafeita, contraindo a cara aborrecida.

Vaz voltara ao assunto:

- Por que falas sempre ao Ramos com duas pedras na mão?

Rosa semicerrou os olhos, a pensar. Por momentos pareceu fugir para longe, para aquele passado que Vaz desconhecia.

- Não gosto da maneira como olha para as mulheres - respondeu por fim.

## 9

Sentada no degrau da cozinha, apoiando o cotovelo no joelho e o queixo no punho, Rosa observa a última curva da estrada.

Lembra-se como se fosse hoje. Ela fizera os 16 e ele passava já dos 30. Chamara-a com pretexto de serviço e pusera-lhe a mão no ombro com ar paternal, uma mão pesada e de unhas limpas, que se lhe moldava à carne. Os olhos alegres brilhavam no rosto de feições finas e não se dirigiam para os dela, não, antes lhe procuravam a boca e as orelhas vermelhas de embaraço.

- Fazes mal em não querer - disse ele.

Vendo-lhe uma sombra de tristeza passar nos olhos geralmente tão alegres, recebendo por aquela mão toda a insinuação de uma intimidade, Rosa sentiu que na verdade fazia mal em não querer. Oh, estúpida que então era! . Um ruído próximo e inesperado arrancou o olhar de Rosa à última curva da estrada e ao passado distante. A uns metros, olhando-a atentamente, estava uma cadela. De um branco-sujo, pequena e esquelética, logo chamavam a atenção os olhos de coelho avermelhados e umas tetas enormes, pendentes e desproporcionadas naquele pequeno corpo.

Vaz, que estava à mesa da cozinha a ler o jornal, levantou-se e veio cá fora ver do que se tratava.

- Chiu! Fora daí! - e fez menção de atirar qualquer coisa. A cadelita deu uns passos, mas não pareceu impressionada pela ameaça. Continuou a olhá-los com curiosidade.



- Tens fome, bicha? - perguntou Rosa na sua voz calma e triste.

- Se calhar ainda não comeste hoje, hã?

O focinho da cadelita animou-se subitamente ao tom amável daquela voz, as orelhas mortijas retesaram-se num estremeção e os olhos dançaram de alegria e inteligência.

- Parece que compreende - sorriu Rosa. Vaz voltou para dentro. A cadelita deitou-se a uns metros da porta, com o focinho mergulhado entre as patas dianteiras, gozando o sol e olhando de baixo para cima, sem perder de vista um momento a mulher sentada no degrau da porta. Rosa já a vira por mais de uma vez junto à casa da menina Ermelinda, mas não sabia de quem era.

- Ouve lá! - perguntou. - De quem és tu? A cadelita ergueu a cabeça, as orelhas de novo estremeceram, um relâmpago de alegria passou-lhe novamente pelos olhos e pôs-se compassadamente a bater no chão com o rabo, um lamentável rabo, de um branco-amarelado e sujo.

- E feia, mas é gira - comentou Vaz que voltara à porta. Passado um bocado, quando saíram para ir a um casal próximo comprar batatas, disseram-lhe:

- Se queres, vem daí.

A cadelita ergueu-se num salto e seguiu-os, quase arrastando pelo chão as tetas disformes. Ao voltar a casa, deram-lhe um naco de pão, e desde então ficaram amigos.

## 10

Era a segunda vez depois da reunião que a menina Ermelinda lhes batia à porta. Na primeira, sob o pretexto de trazer novidades acerca da desordem do Ernesto, viera certificar-se se eram verdade as versões que corriam na terra. Agora aparecia minutos depois de Vaz ter saído, como se tivesse querido apanhar Rosa sozinha.

- Venho trazer-lhe este raminho de salsa - justificou. - Faz-lhe arranjo?

- Calcule - continuou logo na sua voz metálica e chocarreira.

- Hoje fui à vila e quis comprar um bocado de toucinho. Aquilo era mais sal, que toucinho. “Ô homem”, disse eu, “então o toucinho é tão caro e, mesmo assim, traz tanto sal?” Quer a senhora saber o que ele me respondeu? “Acha caro?”, respondeu-me ele, “Pois deixe ficar o toucinho, meta o dinheiro na panela e vai ver a gordura que deita.”

A menina Ermelinda quis mostrar-se indignada, mas a graça era mais forte que a indignação e não conteve uma gargalhada.

“Que quererá ela?”, perguntou Rosa de si para si. “Não vinha cá para me dar um ramo de salsa, nem para contar esta história.”

- Está tudo caríssimo - disse Rosa - e ainda por cima falsificam os géneros de toda a maneira.

- Pois... - disse a menina Ermelinda. - Eu até me admiro como a senhora se consegue governar sem racionamento - e fixou de lado a vizinha com os olhos penetrantes brilhando no rosto escuro. - Ali, é verdade! - emendou logo a seguir. - Os senhores têm o racionamento em Lisboa.

Via-se pela forma como o dizia que não o acreditava.

“A que propósito vem isto?”, pensava Rosa. “Há qualquer coisa por detrás.”

- Vá lá, vá lá - disse Rosa. - o nosso merceeiro de Lisboa arranja sempre as coisas a tempo e horas e o meu marido e o meu irmão vão arranjando por fora mais alguma coisita.

Dissera isto com tanta convicção que ela própria se admirou. A menina Ermelinda pareceu partilhar dessa admiração, pois ficou a olhá-la uns instantes em silêncio. Depois os olhos sorriram-lhe, vendo-se que a resposta de Rosa, em vez de a desconcertar, lhe abria novo caminho.

- A senhora tem sorte. Tem o seu marido que está sempre a ir à cidade e tem o seu irmão que também vai aparecendo sempre que pode, seja de dia, seja de noite...

Estas palavras “seja de dia, seja de noite” foram ditas com intenção. Rosa pensou: “E este o caso.” E compreendeu que, ao procurá-la para saber coisas, a menina Ermelinda guardava na mão trunfos para jogar.

- Sim - disse Rosa, na sua voz sempre calma e triste -, devo muito ao meu irmão.

Procurava encontrar rapidamente uma explicação para as entradas nocturnas de Ramos, que, via agora, haviam já sido notadas, mas não lhe ocorria uma explicação aceitável e preferiu mostrar segurança sem responder directamente. Os olhos penetrantes da menina Ermelinda fitavam-na com insolência, parecendo perguntar “Então, não explicas?”

- A menina Ermelinda contou-me há pouco o que se passou consigo quando foi comprar toucinho. Quer saber como o meu irmão compra carne? Entra num talho e diz, por exemplo: “Dê-me meio quilo de carne de 14\$40.” E, quando o cortador se prepara para cortar, meu irmão interrompe-o e toma a dizer: “Eu disse de 14\$40.”

As mais das vezes o homem do talho deixa a peça que se prepara para cortar e vai cortar de outra melhor. Não julgue que meu irmão percebe alguma

coisa de carne. Não, não percebe nada, Mas, como dá a entender que percebe, têm medo de intrujá-lo e vendem-lhe sempre da melhor.

Habitualmente esta pequena história teria deleitado a menina Ermelinda. Desta vez, pareceu desagradar-lhe, “Não era isto que querias”, pensou Rosa, “mas tem paciência.” A menina Ermelinda não se deu porém por vencida e regressou um pouco mais atrás na conversa a procurar o fio perdido.

- Ai, a senhora tem sorte. A nós, que somos uns saloios, que não temos amigos na cidade, negam-nos os géneros, roubam-nos no peso e na qualidade e até nos enganam nos preços da tabela. Mas a senhora tem o seu marido, tem o seu irmão, tem os amigos do seu marido e do seu irmão, e claro isso é muito diferente.

“Os amigos do seu marido e do seu irmão”, dissera a menina Ermelinda. Não se tratava já só de Ramos. A menina Ermelinda sabia ou desconfiava de qualquer coisa mais. Teria já notado, por qualquer descuido, a presença de António ali em casa? ou as suas embora raríssimas saldas e entradas? ou que Paulo saíra com Ramos depois da reunião? ou aquelas inquietantes palavras “os amigos do seu marido e de seu irmão” reflectiam uma desconfiança directa da actividade política de Vaz e de Ramos? Agora era ela, Rosa, que precisava absolutamente de *tirar coisas* da menina Ermelinda, pois se tratava da segurança da casa.

- Tenho sorte? - disse desviando o rumo da conversa. - Tinha sorte se tivesse sempre meu marido e meu irmão ao pé de mim. Mas, como a senhora sabe, meu irmão só muito raramente cá vem e meu marido tem de tratar da vida e passa muito tempo fora de casa. Assim estou quase sempre sozinha. É fraca sorte, esta.

A menina Ermelinda ficou pensativa. “Não”, pensou Rosa, “não desconfia da presença de António cá em casa.” E, pensando assim, veio-lhe um medo violento e repentino de que António, nesse momento, fizesse lá dentro algum ruído, ou se visse obrigado a tossir, Apesar da sua calma, sentiu o coração bater apressado e temeu que a outra o notasse.

Depois apurou o ouvido e reparou sem sombra de dúvidas que a menina Ermelinda não apurava o seu. “Não, disto não desconfia”, pensou.

A menina Ermelinda deu uma súbita gargalhada e perguntou:

- A cadelita tem estado por aí, não tem? Para a inquietação de Rosa, esta pergunta parecia dizer: “Quando eu quis tirar, não quiseste dar. Agora queres tu tirar, não te dou eu.”

- Sim, tem - disse Rosa.

- Sabe o que dizem as Pim-Pa-Pum? - e os olhos da menina Ermelinda brilharam de ironia e maldade. - Dizem que não estão para criar filhos para irem servir em casa alheia - e deu nova gargalhada.

Rosa não apreendeu todo o sentido da frase, mas percebeu que a cadela era das Pim-Pa-Pum e que estas viam com maus olhos a permanência da cadela ali à porta.

- O animal anda cheio de fome - não pôde deixar de dizer.

- Elas querem lá saber da cadela! - explodiu a menina Ermelinda cada vez mais animada. - Já teria morrido há muito tempo se só comesse o que elas lhe dão. Enquanto andava por aí na vadiagem, ora à porta dum, ora à porta doutro, elas nunca se lembraram da cadela, pois ninguém lha queria. Agora, como lhes parece que a cadela pode arranjar novo dono, não querem perder a propriedade dessa rica prenda. Elas são assim - e a menina Ermelinda cerrou a mão para indicar a sovinice das mulheres mais ricas da terra - e a senhora desculpe mas nem um bocado de trampa dão a um pobre. Comem toucinho a dente e está tudo dito.

O rosto escuro contraiu-se e os olhos brilharam mais.

- Deixe-as falar - acrescentou. - Se a cadela se sente aí bem, é porque é bem tratada e, se elas querem a cadela em casa, dêem-lhe de comer. A senhora não se importe com o que elas dizem.

Estas palavras tranquilizaram Rosa um pouco mais, Mostravam que, acima da desconfiança ou curiosidade, a menina Ermelinda continuava a simpatizar com os vizinhos e a tomar o seu partido nas coscuvilhices da terra. Mas Rosa continuava a ignorar o que havia sido notado de suspeito na vida da casa.

- Bom - disse a menina Ermelinda, pondo-se de pé -, tenho de ir tratar do meu Coelho Manso (era assim que ela designava o marido ao falar com gente estranha).

Quando saiu, Rosa foi logo contar a conversa a António. António concordou que a menina Ermelinda, ou alguém com quem ela falava, tinha dúvidas acerca da vida que se fazia ali na casa e haviam decerto notado coisas estranhas (possivelmente entradas e saídas de noite).

O merceeiro, que era primo das Pim-Pa-Pum e ouviu contar a história da desordem do Ernesto, procurou essa noite a Amélia para lhe fazer uma pergunta acerca dos vizinhos. Se havia coisa de que a Amélia não gostasse era de falar na vida dos outros. Disse ao merceeiro que nada sabia do Sr. Francisco nem da menina Rosa, e ficou por aí. Apenas, a qualquer coisa que o merceeiro lhe perguntou, franziu a testa e resmungou:

- Fiscais? Não.

## Capítulo III

### 1

- As camaradas são precisas nos sectores - disse o carpinteiro Marques, os olhos inteligentes brilhando por detrás das lentes. - Se nos levam as poucas que temos, como podem depois criticar-nos por não desenvolvermos trabalho feminino?

Afonso recebeu alvoroçado estas palavras. Até então pensara que o único motivo do seu descontentamento pela ida da Maria para a clandestinidade era de carácter pessoal: gostava de Maria, Maria gostava dele e a nova vida em que Maria ia entrar comportava o perigo de um definitivo afastamento. No fim de contas, ele mais do que ninguém contribuíra, para isso. Fora ele que desenvolvera em Maria a dedicação ao Partido. Fora ele que, depois de uma conversa com Ramos, lhe falara na necessidade de mulheres firmes e corajosas para a instalação de casas clandestinas. Fora ele que comunicara a Vaz as palavras de Maria, quando esta afirmara estar disposta a uma tal tarefa. Sim, fora ele que preparara, passo a passo, o acontecimento que menos desejava: o afastamento de Maria, possivelmente para sempre. Compreendia agora que o levava a isso @em grande parte a vaidade de ser amado por uma tal rapariga. Compreendia agora também que, durante algum tempo, pensara tratar-se de mostras de dedicação apenas em palavras, afirmações para registar e nada mais. Depois, quando vira que os camaradas pegavam na palavra, procurara recuar, atrasando a conversa com Maria e esperando no seu íntimo que Maria recusasse também. Mas não. Verificou com surpresa que Maria recebeu com tranquilidade a notícia. Desde a entrada de Maria no Partido, travara-se uma espécie de competição de dedicação entre um e outro, competição estreitamente ligada à simpatia mútua que sentiam. A, intensa actividade partidária de Afonso estava em grande parte, ligada ao desejo de se elevar aos olhos de Maria. E, na actividade de Maria, pensava ele ver também a vontade de lhe agradar a ele, Afonso. Maria ganhara a competição. Afonso via agora com certo despeito que era realmente o amor ao Partido que impulsionava Maria, e o desencanto levava-o mesmo a admitir que a simpatia por ele, Afonso, era uma expressão do amor pelo Partido.

Na longa e triste conversa que no domingo haviam tido, ela agarrara-lhe com os dedos a ponta da gravata e dissera naquele seu jeito tão pessoal:

- Então, amiguinho? Que valem os nossos problemas ante os do Partido? Vá, não seja mau, fique contente.

E ele, o camarada do Comité Regional, o controleiro da camarada Maria, lamentava que ela levasse tão longe a dedicação e sentia-se desiludido por não ver da parte dela hesitação ante a separação próxima.

Eis que Marques apontava agora um argumento político contra a ida de Maria, um argumento de que nunca se lembrara e que poderia ter valido tanto junto de Maria como junto dos camaradas “de cima”.

- A culpa disto - continuou Marques - é pôr a dirigir os sectores quem não tem preparação bastante. O Comité Central está lá muito, muito em cima (esta frase tornara-se uma frase predilecta de Marques). Não sendo bem informado, não pode decidir como convém. Neste caso, por um lado, a camarada Maria faz-nos falta e o movimento na fábrica da juta pode ter-se por perdido. Por outro lado, Maria é muito boa rapariga, muito cheia de vontade, mas daí até estar preparada para uma vida clandestina vai uma grande distância, Fica prejudicada a nossa organização regional, e os camaradas da Direcção, em vez de solucionarem dificuldades, é natural que venham a arranjar novos trabalhos.

Tudo isto parecia a Afonso tão claro e fundamentado que se admirou por nunca lhe ter ocorrido. Reconhecia uma vez mais a superioridade do camarada Marques e verificava, com um misto de admiração e de inquietação, como, em muitos aspectos, Marques via melhor as coisas do que os camaradas dos escalões superiores. Já na questão das praças de jornas lhe parecera (e continuava a parecer) estar a boa razão do lado de Marques, e não do lado de José Sagarra, de Vaz e da Direcção do Partido. Agora, no caso de Maria, Marques abrira-lhe uma vez mais os olhos. “A gente quer ser tão séria a tratar das coisas”, justificava-se Afonso, “temos tal preocupação em não fazer valer os nossos interesses pessoais, que acabamos por não ver o que está à vista, com medo de que julguem serem interesses pessoais que nos movem.” o erro, o grande erro, fora não ter procurado Marques, não ter falado com ele, não ter ouvido a sua opinião, apesar de Vaz ter dito não ser assunto a tratar no Comité Regional.

Agora era demasiado tarde. Vaz viera falar com Maria e ficara tudo assente para que Vaz ou Ramos a viessem buscar. Afonso esperava dolorosamente esse dia.

Desorientado, perdera o gosto por tudo. Na oficina, o patrão estava sempre a chamar-lhe a atenção para descuidos. Esquecia-se e faltava a encontros. Quase não comia. Em casa, o pai olhava-o de soslaio e de mau modo.

A mãe espiava-lhe os movimentos, via tratar-se de qualquer desgosto ligado à actividade política do filho, afagava-o ainda com mais frequência e, compondo-lhe a madeixa que teimava em tombar para a testa, dizia-lhe docemente:

- Deixa-os, filho, eles não merecem os teus sacrifícios.

Afonso perguntava de si para si como podia ela adivinhar o que lhe ia na alma.

## 2

Se perguntassem aos rapazes se Maria era bonita todos ficariam perplexos. Se perguntassem se Maria lhes agradava, todos sem hesitar diriam que sim. Duma forma ou doutra, num ou noutro grau, numa ou noutra altura, os rapazes que a conheciam haviam estado apaixonados. Era a maneira de andar que os seduzia? Aquele andar sem pressas, com as pernas muito juntas e oscilando modestamente a cada passo? Eram os olhos negros e húmidos, sobre os quais passavam com lentidão as pálpebras pestanudas? Era a voz cantante e mimenta que parecia pedir, mas que mandava sempre? Ou eram os seus gestos infantis como aquele de agarrar a ponta da gravata ou do colarinho aberto para dizer por exemplo:

- Não, amiguinho, não tens razão. Se todos fôssemos a cuidar só de nós, quem fazia as coisas? Tratas disso amanhã, não é verdade?

Afonso tomou pela primeira vez consciência do seu interesse por Maria num incidente com o Higino, homenzinho médio e abafadiço, de pele pálida e cabelos lustrosos, que fora um cacique da Oposição local e estivera por isso varias vezes preso. Não se sabia com precisão quais eram as suas ideias, mas dizia bem da União Soviética e mal da ditadura do proletariado, bem dos comunistas estrangeiros e mal dos comunistas portugueses. Quando, na classe operária da terra, o Partido começou a ganhar influência, o Higino passou a dizer que estava velho, que já não havia ninguém que prestasse, que agora só se faziam disparates, e concentrou a sua actividade na porta da livraria, onde, com um canhenho debaixo do braço, passava as tardes rodeado de dois ou três admiradores. Vendo um dia passar Maria com Afonso e Marques, disse aos do grupo:

- Com militantes destes, o Partido faz um recrutamento formidável.

Não o disse tão baixo que Afonso o não ouvisse e, nos murros trocados, Higino perdeu dois dentes. Não se sabe por que estranho reflexo, deixou de dizer bem da União Soviética e dos comunistas estrangeiros. Quanto a Afonso, percebeu ter procedido assim não tanto pela ofensa feita ao Partido como pela

ofensa feita à rapariga querida. Nessa tarde, quando se despedia de Maria, ela levantou o braço e compôs-lhe a madeixa rebelde. “Ela gosta de mim”, pensou Afonso.

Maria vivia com um irmão casado, com uma irmã mais velha e o pai. A mãe morrera há muito. O pai era um velho anarquista. Mas, nos últimos anos em que trabalhara, dizia a cada passo aos amigos:

- Sempre fui anarquista e anarquista morrerei. Não concordo com o sistema de governo que os comunistas defendem nem com muitas coisas da sua teoria e da sua organização. Mas são eles que ganham o coração da juventude e são afinal os únicos que fazem alguma coisa. Estar contra eles é estar com os patrões e com o fascismo contra os trabalhadores. Isso nunca farei eu.

Depois viera o ataque que o inutilizara. Agora só com grande dificuldade se movia apoiado a uma bengala e só com grande dificuldade articulava algumas palavras. Em meia dúzia de anos, envelhecera muito e deixava-se ultimamente ficar em casa, vendo lidar a filha mais velha e a nora. Quando Maria chegava da fábrica, ia sempre beijar o pai e dizer-lhe algumas palavras. Para o velho, era este o melhor momento do dia, momento que esperava com impaciência, com lágrimas senis, mordiscando os pêlos brancos do bigode num prolongado trejeito, não se percebendo se em para falar, se para lhe não saírem da boca os sons mal articulados que a ele próprio metiam horror. No dia do incidente entre Afonso e Higino, ao chegar a casa, Maria foi sentar-se ao pé do pai, beijou-o na testa, compôs-lhe a almofada em que ele se encostava e disse-lhe:

- Então, meu avôzinho? - era assim que ela o tratava. - Sabe que a sua pombinha vai ter um namorado? Um grande valentão, sabe?

Maria não tinha segredos para o pai. Contava-lhe agora a inclinação para com Afonso, e o incidente com Higino, como lhe tinha contado a primeira luta em que participam na fábrica da juta, a sua entrada para a juventude, a primeira comissão a que pertencera e até a sua entrada no Partido.

- Ouve, avôzinho! - dissera-lhe dessa vez. - Tu sempre foste anarquista, mas sei que me vais compreender. Entrei para o Partido Comunista, sabes? Achas bem ou mal?

O velho ficou-se a mordiscar o bigode, com o olhar fito nela, os olhos rasos de lágrimas. Maria, que o conhecia, bem via serem lágrimas de aprovação.

Mais difícil, muito mais difícil, fora comunicar-lhe a decisão de se entregar à vida revolucionária. Agora não se tratava apenas da luta. Tratava-se de abandonar o velho pai, o pai que adorava e para quem ela era a melhor alegria da vida. Mas disseram-lho, no seu modo entre travesso e ingénuo, e repetira-lho várias vezes em várias ocasiões para que ele acreditasse. O irmão, a irmã e a



cunhada fizeram troça dela enquanto supuseram tratar-se de brincadeira, fizeram-lhe guerra aberta quando perceberam que era a sério. Só o velho, silencioso na sua cadeira, lhes lançava olhares de reprovação e apoiava Maria. Maria compunha-lhe a almofada, penteava-o, fazia-lhe festas e dizia-lhe:

- Gosto cada vez mais de ti, meu avôzinho. Vales mais que eles todos juntos. Estás cada vez mais jovem, sabes?

Depois fora a longa conversa com Vaz, que, em palavras secas como era seu costume, lhe explicara como funcionava uma casa do Partido e o que seriam as tarefas dela. Vaz fixara o dia em que ele ou Ramos viriam buscá-la e ela devia ter preparadas as coisas - uma maleta pequena ou uma cesta.

- Leva só o que te pareça mais necessário. Nós arranjaremos o que te faltar.

Depois dessa conversa, que dava um rumo novo e inteiramente diferente à sua vida, Maria estivera com Afonso no jardim e beijara-o pela primeira vez, um beijo receoso e triste que nada lhe disse ao sangue e à juventude. Caminharam silenciosos até à porta de Maria e ela então disse:

- É isto, amiguinho. Se ninguém fizesse sacrifícios, como se poderia andar para a frente?

Olhou-o com os olhos húmidos, as pestanas negras muito afastadas e, deixando Afonso sufocado e triste, fugira rápida para casa.

No seu permanente trejeito, o velho mexia os lábios, como se os estivesse a mastigar. Olhou a filha, esperando a festa e as palavras habituais e notou-lhe logo qualquer coisa de estranho. Antes porém de poder adivinhar do que se tratava, Maria correu para ele:

- O pai querido!

E abraçou-o, chorando convulsivamente.

### 3

Ramos apareceu no dia indicado.

Ainda bem que vieste - disse Marques com visível satisfação.

- Vamos ver se podem ainda emendar algumas asneiradas.

Ramos viera fundamentalmente para falar com Marques, o mais velho camarada da organização local, responsável do Comité Regional, que pedira expressamente para falar com ele, por não estar de acordo com as directrizes dadas ou transmitidas por Vaz. A questão respeitava às praças de jornas. Marques continuava a pensar que as praças eram uma instituição reaccionária e que a formação de comissões de praça e a luta nas praças, em vez de êxitos, só

trariam dificuldades, afastamento dos camponeses e repressão contra os melhores camaradas.

Marques vivia com a mãe, uma velha magrita de grandes olhos desconfiados, que, sem aparente motivo, girava pela casa em passos silenciosos. Marques levou o amigo para o quarto, onde um mapa na parede e uma pequena mesa com livros e papéis bem arrumados contrastavam com o desarranjo de tudo o mais: a cama por fazer, uma serra e urna plaina sobre o travesseiro, calças e meias amarfanhadas num banco e umas botas cheias de lama seca no meio do sobrado. Marques puxou para cima do travesseiro o velho cobertor e, oferecendo a cadeira ao amigo, sentou-se na borda da cama.

- Se o Comité Central tivesse uma boa informação, nunca poderia ter dado essas directrizes. Os resultados estão à vista.

Com os olhos luzindo por detrás das lentes a comerem-lhe o rosto magro, tirou do bolso com um gesto lento um papel averdugado, desdobrou-o cuidadosamente e pô-lo na frente de Ramos. Era um edital do Governo Civil, ainda com sinais de cola e cal. O edital estabelecia multas pesadas para os proprietários rurais que pagassem mais de quinze escudos diários.

Com impaciência, mal contendo a fala, Marques espreitava Ramos, enquanto este lia o edital. Quando Ramos chegou ao fim, continuou com uma voz ardente e imperativa:

- Aí tens o primeiro resultado. Em vez do esperado aumento, de salários, imediata repressão e fixação de salários máximos.

Ramos não se mostrou impressionado com as palavras de, Perguntou-lhe primeiro o que diziam os camponeses. Marques informou que a organização do Partido, por onde lhes chegara o edita], tinha a mesma opinião. Ramos pôs-lhe a mão no ombro e disse:

- Os camaradas vêem mal e tu vês mal, velhote. O que apresentas em defesa da tua opinião é, pelo contrário, a melhor prova da justeza da, orientação do Partido. E que prova, amigo!

Ramos calou-se uns momentos, como que gozando a contrariada expressão de Marques, cujos olhos atrás das lentes pareciam brasas.

- Vês mal - repetiu. - A intervenção do Governo Civil, estabelecendo multas para os proprietários que paguem mais, mostra sem qualquer dúvida que os camponeses estão impondo e conseguindo salários mais altos. Para se ver isto não são necessários óculos.

Tendo dito as últimas palavras meio a falar, meio a rir, Ramos deu unia palmada no ombro de Marques, uma palmada amiga, condescendente, protectora, que logo viu ser mal recebida. O gesto enfadado de Marques pareceu dizer: "Estás enganado, se pensas ter dito a última palavra."

- Responde-me a isto - disse Marques com a voz ligeiramente trémula. - É ou não verdade que, ameaçados pelo próprio Estado no caso de pagarem mais, os proprietários não só por receia não pagarão mais como terão um belíssimo pretexto para justificarem a recusa perante os trabalhadores? É ou não verdade que se trata de uma ofensiva do patronato contra os trabalhadores?

Olhando-o de lado, Ramos parecia divertido com a exaltação de Marques:

- Não, não é verdade. Nem sequer reparas que as ameaças se dirigem não contra os trabalhadores, mas contra os próprios patrões. Sabes tu o que significa esse edital? Significa que os grandes proprietários, os maiores proprietários, estão aterrados pelas vitórias alcançadas pelos camponeses, estão vendo em toda a parte o patronato obrigado a ceder às reclamações feitas pelos trabalhadores e querem organizar a resistência e pôr um travão a esse recuo da sua própria classe. Este edital deve ser mostrado a todos os trabalhadores como sinal das vitórias alcançadas seguindo a linha justa do Partido. Amigo, o caminho é o indicado: formar comissões de praça e, na praça, por intermédio da comissão, exigir melhores jornas. O que tu e o Comité Regional têm a fazer é dar a maior assistência às organizações camponesas para levarem por diante esta orientação.

Depois de um ligeiro silêncio, como se não tivesse reparado no gesto de enfado de Marques uns momentos antes, Ramos tornou a pôr-lhe a mão no ombro e disse no mesmo tom condescendente:

- Meteste a pata, velhote, só tens que reconhecer o teu erro. Sombrio, Marques calou-se. Quando voltou a falar, não aludiu mais à questão das praças de jornas.

- Muitas vezes - disse ele -, se erramos, isso deve-se a que não temos a assistência devida. Os Comités Regionais precisam de controleiros preparados politicamente, que saibam explicar as coisas, que saibam justificar as decisões, e não de controleiros que sejam correios só para levar e para trazer e deturpando (quantas vezes) as informações da base e as instruções da Direcção.

Os olhos inteligentes de Marques observaram Ramos como que perguntando: "Devo ir mais longe?" E o leve sorriso divertido que pairava na boca de Ramos parecia responder: "Diz, diz, que já vejo onde queres chegar."

Marques hesitou e acabou por falar longamente. Segundo Marques, Vaz não tinha condições para as suas tarefas. Colocava os problemas de uma forma seca e definitiva, impunha as decisões do Comité Central sem as justificar devidamente, não sabia responder às dúvidas ou argumentos dos camaradas. Marques citou casos e mais casos, que se via terem sido guardados e catalogados cuidadosamente.

- Para falar com franqueza - concluiu Marques -, qualquer dos camaradas do Comité Regional tem uma melhor preparação política que o camarada Vaz que os dirige.

- Parece-te! - disse secamente Ramos.

- Não é só a minha opinião - disse Marques

- O camarada Vítor pensa tal como eu.

- O camarada Vítor? - perguntou Ramos, como se perguntasse: "O que, essa grande autoridade?", e lembrou-se de Vítor, apoiando o queixo na mão e expelindo lentas baforadas de fumo.

Os dois ficaram novamente silenciosos. Os olhos de Marques brilhando como brasas no rosto empalidecido. Ramos com uma súbita expressão concentrada e severa.

- Mais alguma coisa? - perguntou Ramos.

- Sim, há - disse Marques numa voz quase colérica. E referiu o trabalho feminino no sector, o movimento na Juta, a falta que Maria ia fazer e o erro que constituía levarem a camarada.

- O movimento na Juta pode ter-se por liquidado - concluiu.

- E que medidas tomaram vocês ante a perspectiva da saída da camarada Maria? - perguntou Ramos.

- Medidas? Que medidas? As vozes soaram alto na casa e a velha apareceu à porta, silenciosa, com os seus grandes olhos desconfiados.

- Está bem - disse-lhe Marques, e baixou a voz. Ramos, num evidente esforço para também falar baixo, o que dava à voz um tom mais exaltado, falou primeiro do trabalho feminino no sector, da necessidade e possibilidade de assegurar a continuidade do movimento na Juta depois da saída de Maria--- e da necessidade de todas as organizações considerarem como um dever sagrado ajudar o aparelho central.

- O egoísmo dos sectores, o bairrismo, é ainda um dos grandes males com que lutamos. Há camaradas que esquecem que são membros do Partido para passarem a ser membros da organização local de Vila Verde de Alguidares ou de Casal Novo dos Frades.

Os dois homens conversaram ainda pela noite dentro. Depois deitaram-se sobre a cama e cobriram-se com a mesma manta. Ramos adormeceu logo. Marques conservou-se longo tempo com os olhos abertos, olhando o escuro.

De manhã cedo, lusco-fusco, Marques preparou-se para sair. Ramos fizera a barba e parecia bem-disposto.

- Bom, velhote - disse sorrindo e pondo a mão no ombro de Marques. - Ainda havemos de tomar a falar de tudo isto.

- Ai, havemos, havemos... - respondeu Marques com os olhos fuzilando atrás das grossas lentes, no rosto pálido pela insónia.

Ramos passou a manhã em casa de Marques, escrevendo. Antes do meio-dia, apareceu Afonso que o vinha buscar para o apresentar a Maria.

#### 4

O comboio seguia devagar, aos sacolões. Em cada estação, tempos esquecidos, sem se saber porquê. Ouvia-se o resfolegar da velha locomotiva, um apito, uma cometa, um choque de vagões. Depois um silêncio triste pegado às sombras da noite. Além dos vagões de mercadorias, levava apenas uma carruagem iluminada frouxamente por candeias mortícias. Num compartimento três passageiros. De um lado, um velho, os braços apoiados num saco assente nos joelhos, a cabeça desengonçada no pescoço magrito, a dançar ao sabor da marcha do comboio. Do outro, sentados frente a frente, Ramos e Maria.

A nuca apoiada no tabique de madeira, olhos fixos no belo rosto do camarada, Maria recorda os acontecimentos desse dia extraordinário. Vê o abatimento de Afonso e a sua atitude de desespero ao ficar para trás, cada vez mais sumido e distante, no meio da estrada deserta. Vê os gestos decididos e ágeis de Ramos ao subir para a camioneta, levando-lhe a maleta numa mão e a pasta dele na outra. Vê-se descendo no meio da estrada, uma estrada enlameada e bordada de pinheiros. Vê-se depois sentada num pinhal com o camarada, comendo um farnel que ele algures fora comprar. Vê as curvas da estrada por onde haviam caminhado longo tempo, sentando-se de quando em quando, até à pequena estação.

Vê-se depois, já noite, sentada ao lado de Ramos, na triste e escura sala de espera, e ele a sair e a voltar com pão, queijo e uma garrafa de água. Vê aparecer por fim, num estardalhaço de metal e vapor, a locomotiva e o comboio. De tudo quanto recorda, qualquer coisa procura afastar da memória: o rosto do velho pai, mordiscando silenciosamente a ponta do bigode branco e (caso estranho!), ele que chorava sempre, mesmo sem razão, não chorara no momento da despedida. Quando lhe vem à memória essa imagem, Maria procura afastá-la logo, sem se deter nela. Se o não consegue, as lágrimas saltam-lhe aos olhos, tem de puxar do lenço e fazer um grande esforço para não soluçar. Então vem aquela mão forte de Ramos poisar-lhe no ombro e vem aquela voz segura e alegre:

- Então, rapariga?

Oh, como se sentira abandonada e só, terrivelmente abandonada e só, nas primeiras horas de viagem. Como aquela camioneta lhe parecera sufocante e odiosa. Como lhe parecera feio e hostil o sítio da estrada onde descera. Quantas vezes não perguntara a si própria nessas horas como pudera resolver-se àquele passo e se não teria sido um erro grave e irremediável o seu oferecimento para ir viver numa casa do Partido. Quantas vezes, como se esquecesse tudo, não se encontrara perguntando a si própria o que tinha ela a ver com esse homem alto e moreno, que comandava agora o seu destino.

Depois as horas passaram, e Ramos falara e rira, e encorajara-a, e dissera graças acerca do farnel, e contara histórias, e olhava-a de frente com um ar divertido e observador, e Maria foi serenando e pôde sorrir. Quando do pinhal desceram à estrada, deram com uma vala na berma da estrada.

- Saltas? - perguntou Ramos.

Maria hesitou. Não, não conseguiria saltar. Ramos saltou então primeiro, com a maleta e a pasta na mão. Já do outro lado, pousando a maleta em terra e abrindo os braços, incitou-a.

- Vá!

Saltara desastradamente, ele teve-a presa um instante e ela sentiu, junto do seu, o corpo vigoroso do camarada e, levantando os olhos, deu com os dele, uns olhos que lhe diziam qualquer coisa de amável, confuso e inquietante. Maria corou, baixou as pálpebras pestanudas e separou-se. Mas parecia-lhe agora que uma recordação ou uma ideia vinda muito de trás e correndo no sangue a aproximava daquele homem.

## 5

Na luz frouxa da carruagem, Maria olha o camarada e sente viva pena de ter de separar-se dele daí a poucas horas. Já estava tão habituada à sua presença e ao seu modo! Porque não iria viver com ele? Depois das terríveis separações da manhã, esta nova separação afigura-se-lhe igualmente dolorosa. Ramos dissera-lhe que ela iria viver com outro camarada. Ramos não fazia mais que conduzi-la até ele. “E nunca mais te vejo”, perguntara Maria. Ramos rira-se da pergunta e dissera-lhe que sim, que veria muitas vezes, e ficou a olhá-la com ar divertido e experiente. Então, Maria, ligeiramente confundida, chamou à memória a imagem de Afonso. Mas Afonso, com a sua madeixa caída sobre a testa, os seus modos melancólicos e respeitosos, aparecia-lhe distante e apagado, fraco e infantil, e a essa imagem sobrepunha-se aquela figura que tinha diante de si, aquele homem moreno, forte e alegre, e via-o a pousar a

maleta no chão, a abrir os braços e a dizer “vá!” e ela a saltar e ele a prendê-la um instante encostada a si e a olhá-la, a olhá-la Como seria o outro? Seria Vaz? Metia-lhe medo a ideia de poder ir viver com um homem como ele, seco de expressão e de palavras e com aqueles olhos fixos, terrivelmente frios e indiferentes.

No outro canto do compartimento, o velhote tossiu, uma tosse molhada e rouca.

- Tens sono? - perguntou Ramos.

- Assim...

- Senta-te aqui - disse Ramos indicando o lugar ao pé do seu.

- Encosta-te ao meu ombro que dormes melhor.

Maria foi sentar-se ao lado de Ramos e, por conselho deste, aninhou-se no banco, de costas para ele e tapou as pernas com o casaco. O velho tomou a tossir. O comboio parou e, durante longo tempo, como se tivesse parado inutilmente, só se ouviu a locomotiva a largar vapor, num ruído longínquo, monótono e fatigante. Depois recomeçou a penosa marcha. Cansada pelos sucessos e fadigas do dia e pelo trepidar do comboio, Maria caiu numa estranha sonolência, em que nada pensava e nada recordava, mas mantinha sempre presente aquele compartimento mal iluminado e o velho tossindo e o ombro e o braço de Ramos aos quais se encostava mais e mais procurando apoio. A cabeça resvalou em direcção ao peito do camarada e Maria sentiu vagamente o rosto dele aflorar os seus cabelos, enquanto uma mão forte lhe amparava o ombro. Num apeadeiro deserto, o velho saiu. Só com Ramos, parecia ainda mais repousante a semi-obscuridade do compartimento. Quantas vezes passara brevemente pelo sono? Quantas vezes, meio acordada, meio a dormir, procurou ajustar-se mais ao camarada, a ganhar apoio e conforto? Agora tinha um dos braços apoiado na coxa de Ramos, uma coxa rija e comprida. Sentiu o queixo do camarada encostado à testa e ela própria procurava manter-se assim.

- Dormes? - ciciou Ramos.

- O quê?

E sentiu a mão largar-lhe o ombro, procurar-lhe o pescoço e a nuca e voltar-lhe lentamente a cabeça. Não fez qualquer esforço para se defender. Num segundo, viu o belo rosto do camarada muito próximo e, na penumbra, esse rosto tinha qualquer coisa de inesperado, convidativo e violento. Depois, como se outra pessoa dentro dela lhe comandasse os movimentos, desprendeuse num salto e afastou-se, A mão de Ramos procurou ainda segurá-la, mas, num gesto brusco, Maria soltou-se.

- Que é isso, amigo?

Sentados lado a lado ficaram um instante a olhar-se e a adivinhar-se. Maria viu ainda a mão de Ramos soerguer-se e o rosto ganhando uma expressão dum e desagradável, onde se lia, a um tempo, decepção e ameaça. Então levantou-se e foi-se sentar em frente, no seu antigo lugar, aninhando-se no banco. Ramos não disse palavra. Cruzara os braços, encostara a cabeça para trás, fechara os olhos e parecia adormecido, oscilando ao bate-bate do comboio.

“Como é possível?”, perguntava Maria de si para si.

Talvez pelo súbito desconforto ou pelo frio da noite, toda ela tremia.

Não saberia dizer o que mais a surpreendia. Se a atitude do camarada, se não sentir qualquer indignação ou vergonha por essa atitude. Não, não sentia indignação nem vergonha. Nesse momento, julgava sentir pena dele e nada mais.

## 6

De madrugada, desceram num apeadeiro deserto. Corria uma aragem fria e uma névoa branca pegava-se à coberta de madeira e a uns eucaliptos esgalgados que se erguiam tragicamente à beira da linha. Na cancela, cortaram à estrada. Andados uns metros, deram com António.

Maria adiantou-se uns passos e os dois camaradas seguiam-na conversando. António fora já ligado às organizações locais e a camaradas isolados, tomara conhecimento directo de várias lutas em curso, ficara conhecendo questões de quadros e obtivera promessas de novas ligações e de pontos de apoio para deixar volumes. A organização, que lhe caberia controlar a partir de agora, era mais ampla e incomparavelmente mais forte que todo o sector onde ultimamente estivera. António sentia-se levemente perturbado pela debilidade do seu trabalho anterior em comparação com o que via, pela intensidade e dificuldade do trabalho que o esperava, e sentia-se assombrado por verificar que Vaz não só criara ou desenvolvem em cerca de seis meses todas essas organizações, que ele agora, António, passava a controlar, como tivera a seu cargo, animara e impulsionara as organizações que Paulo controlaria e ainda aquelas que ele próprio, Vaz, continuaria a dirigir e eram as mais numerosas, abrangendo quase todas as organizações camponesas do sector.

- Como pôde Vaz fazer tanta coisa? - perguntou António a Ramos, como já perguntara vezes sem fim a si próprio.

- Olha, amigo - respondeu Ramos -, Vaz não é um homem, é um toiro!



Uma organização sobretudo entusiasmava António: a do mais importante centro industrial, a cujo Comité Local pertenciam Pereira, Gaspar e Jerónimo. António reunira com os camaradas e verificara tratar-se de uma organização sólida e com profundas raízes, com vida intensa ligada às massas trabalhadoras e com quadros firmes, activos e inteligentes. Sob muitos aspectos, tinham mais experiência que ele próprio, e daí a sua dificuldade em ajudá-los. Compreendia agora a resistência que Vaz pusera ao ser decidido entregar a António o controlo dessa organização.

- Tu não podes ficar com tudo! - dissera Ramos. - Já ficas com o fundamental do trabalho camponês e, além disso, esta organização, pela qualidade dos seus quadros e do seu trabalho, já anda pelo próprio pé e dispensa a tua assistência.

Vaz conformara-se, mas António compreendia a sua pena de largar uma tal organização.

- Nunca trabalhei com uma organização tão boa - disse a Ramos,

- Sim, é uma das boas organizações do Partido - concordou Ramos.

- Gaspar é um grande quadro.

- Sim, é um bom camarada.

Um pouco à frente, envolvida na névoa, Maria ia seguindo, cansada, cheia de sono, aturdida pelos acontecimentos das últimas vinte e quatro horas. “Nunca mais acabam a conversa?”, pensava. E ia seguindo sempre, ouvindo atrás, a pouca distância, os passos e as vozes. Quando, ao lado da longa recta da estrada, passadas umas centenas de metros do apeadeiro, o branco de algumas casas apareceu à luz frouxa da madrugada, Maria pensou: “Será aqui?” E olhou para trás, a interrogar com os olhos os camaradas. Os vultos aproximaram-se. Na névoa, Ramos parecia mais alto e mais largo, o outro mais franzino.

- Segue, segue - disse Ramos.

Depois de uma boa meia hora de caminhada, Ramos chamou-a. Quando os dois homens se aproximaram, Maria notou que a maleta passara para António. Ramos pôs uma mão no ombro de Maria, a outra, segurando a pasta, pelas costas do camarada:

- Trata-me bem dela, ouviste? Os olhos pestanudos de Maria conservavam-se muito abertos, fitando Ramos, que parecia agora subitamente envelhecido. Também a Ramos, Maria parecia diferente, nem atraente, nem bonita. Estendeu-lhe a mão.

- Saúde, amiga. E nada, hã?

Ramos apertou a mão fina e magra e, dando meia volta, seguiu em passos rápidos e decididos.

- Anda, amiga - disse António.

Maria começou a caminhar a seu lado.

## 7

A mais de uma légua do apeadeiro, sentaram-se numa vertente, donde se enxergava a via-férrea. A casa ficava perto, mas era necessário esperar ali que passasse o comboio da manhã para justificar perante os vizinhos a hora da chegada.

Maria já não fazia para si as mesmas perguntas que tantas vezes fizera antes: Como seria a casa? Como seria o sítio? Como seriam os vizinhos? Nem sequer se mostrava apressada em ver bem o camarada com quem ia viver. Reparara apenas que usava um bigodinho. Ansiava chegar, fechar os olhos e repousar.

António falava pouco. De quando em quando, uma voz amável e delicada, fazia perguntas soltas, por vezes repetidas: Estás cansada? Comeste ontem alguma coisa? Conseguiu dormir no comboio? Doem-te os pés? Tens frio? Maria respondia também com um mínimo de palavras: Um pouco. Comi. Passei pelo sono. Assim. Não.

O comboio surgiu cheio de arrogância, deixando atrás de si uma confusa Agitação do ar e um esfarrapado manto de vapor abraçado à névoa, pegando-se teimosamente às árvores ou baixando tristemente sobre as terras. Depois foi parar a umas centenas de metros adiante, com um lamentável apito.

- Podemos ir - disse António. Junto a umas casas, mandou-a esperar, meteu por uma quelha e voltou pouco depois com uma pesada mala.

- Leva tu a minha pasta - disse, - Eu levo as malas.

Maria insistiu para levar a sua.

- Mais adiante, mais adiante - disse ele. - Quando estiver cansado, digo.

António dissera que a casa ficava perto. Decerto para animar. Haviam metido por um atalho, desembocaram numa estrada com grandes covas tapadas de areia, seguiram pela estrada, cortaram a outro atalho, foram deixando atrás de si casitas isoladas, ladearam duas aldeolas, e Maria nunca mais ouvia as palavras esperadas a todo o instante: "É aqui!" seu lado a respiração ofegante de António e de vez em quando perguntava.

- Levo agora a mala?

- Ainda não - respondia António. - Em estando cansado.

Já pousara várias vezes durante um instante as malas no solo, a mudar para a outra mão a mais pesada. Pela voz e pelo andar, percebia-se que dificilmente aguentava o esforço. Por fim, parou ofegante e pousou uma vez

mais as malas no chão. Maria olhou-o de frente pela primeira vez: uns olhos sorridentes espreitavam por debaixo da aba repuxada do chapéu demasiado grande para ele.

Mais adiante, à beira da estrada, por onde agora caminhavam, deram com um grande telheiro assente em vigas enegrecidas pela idade e pelos temporais. Debaixo do telheiro, alguns homens sentados. Um lia o jornal. À vista dos recém-vindos, um homenzinho baixo em mangas de camisa aproximou-se da estrada.

- É hoje? - perguntou.

- Sim, viemos agora - disse António.

- Chegou à tabela? - perguntou o homem.

- Atrasado cinco minutos - disse António, Aquele homem dera indicações a António quando andara a procurar casa, acompanhara-o à aldeia próxima. e levara-o depois à adega, onde o obrigara a provar do seu vinho.

- É a sua senhora? - perguntou.

- É, sim! - respondeu António.

Olhando Maria viu que corara.

- Está melhorzinha? - perguntou o homem, pois António explicara a ida para ali por motivos de saúde.

- Melhorzita, obrigado.

Debaixo do telheiro os homens olhavam o grupo. O que lia o jornal era um estranho tipo de barba crescida e roupa em farrapos, com rasgões tão grandes que dir-se-ia feitos de propósito para deixarem ver um braço roliço e o peito gordo e felpudo, Olhava insolentemente Maria, mirando-a de alto a baixo, e, sem se importar com a impaciência dos outros pela continuação da leitura, seguiu-a com a vista até ela desaparecer.

Na aldeia vieram rostos às portas. Uma mulher cumprimentou António. Dois garotos começaram a andar a seu lado, Finalmente Maria ouviu as palavras que havia tanto esperava.

- É aqui!

Era uma casinha rasteira, com uma porta e uma janela para a frente. António meteu a chave à porta e entraram. Na escuridão do interior, sem saber que fazer, Maria parou. No silêncio da casa, ouviu-se o dificultoso ranger de fechos enferrujados. Ao fundo a casa iluminou-se e António voltou, pegou nas malas e, vendo Maria quieta e indecisa, disse, tal como tinha dito quando se separaram de Ramos:

- Anda, amiga.

Na cozinha, deixou-se cair num banco e olhou à sua volta, perplexa, e reservada.

A casa era muito pequena, tinha apenas duas camas, duas mesas, três cadeiras e três bancos como mobiliário, mas estava caiada de novo e a madeira das portas exalava um agradável cheiro a resina. António já para lá levava anteriormente louça e alguns géneros e trazia agora na pesada mala alguma roupa de cama. Isso aliviava de certa forma as preocupações de Maria.

O que verdadeiramente a atormentava era o constrangimento que sentia, vendo-se só naquela pequena casa com um camarada desconhecido, rapaz novo, que a apresentava como mulher. Esse constrangimento era tanto maior quanto adivinhava outro igual no camarada com quem ia viver. Pareciam ambos envergonhados de uma falsa situação e, em todos os seus gestos e palavras, notava-se uma invencível falta de à-vontade. Além da cozinha, a casa tinha só dois quartos: um para a frente, para a rua, outro, tal como a cozinha, para um pátio murado. António propôs ficar ele com o da retaguarda, pois seria ali que trabalharia e receberia os amigos. Ao dizer isso, uma outra ideia estava porém presente no espírito de ambos, a ideia de que para os vizinhos teriam de representar o papel de pessoas que dormiam na mesma cama. Hipóteses, expectativas, receios, dificuldades de convívio, normas de conduta, tudo se misturava nesse instante no espírito dos dois jovens. Ficaram dolorosamente silenciosos.

## 8

Na madrugada seguinte, António saiu. Com a ideia de ficar só durante cinco dias, Maria sentiu um súbito alívio, por se ver à vontade em toda a casa, sem a presença do camarada. Logo no primeiro dia, apareceram numerosas visitas.

Acabara de voltar do padeiro e estava fazendo uma pinga de café com a porta da cozinha aberta, viu assomar por cima do muro do pátio urna cabeça de mulher envolta num enorme xaile sem idade e sem cor. A cabeça voltava-se, para um lado e para o outro, e, quando fixava a porta da cozinha, a mulher fazia: “pchiu!”, a chamar. Maria saiu ao pátio e a mulher fez-lhe um gesto para se chegar mais. Maria aproximou-se e estacou, presa pela invulgar fisionomia da mulher: na sombra do xaile, uns olhitos escuros e vivos espreitavam dum lado e doutro do nariz adunco como o bico de uma ave de rapina.

- Quer comprar? - perguntou uma voz baça e sumida. E, abrindo o xaile, deixou ver uma cesta com cenouras de belo aspecto.

Maria perguntou o preço, e a mulher, que tomara a tapar o cesto cingindo o xaile, pediu por tudo uma quantia irrisória.

- Está bem - disse Maria, e foi buscar o dinheiro.

A compra pô-la radiante. O salário, que António dissera ser o dos funcionários do Partido, em tão baixo que ela já perguntara muitas vezes de si para si como poderia o dinheiro chegar até ao fim do mês. Além de baratíssimas, as cenouras eram de primeira qualidade, viçosas e tenras. “Temos cenouras para mais de meia dúzia de vezes”, pensava Maria, contente por tão auspicioso começo de vida numa casa do Partido. Entretanto, não lhe saíam do espírito os olhitos vivos da mulher espreitando na sombra do grande xaile. E interrogava-se com certa estranheza porque não viera a mulher pela porta da frente. Como para responder a este pensamento, bateram, e Maria foi abrir. Em o homem que no dia anterior havia visto a ler o jornal no telheiro. Os monstruosos rasgões da roupa deixavam a descoberto o peito gordo e felpudo. As barbas negras cobriam-lhe o rosto. Vinha perguntar se queriam as suas senhas do racionamento do petróleo e do azeite.

- Bem vê - disse olhando para si próprio de alto a baixo -, para mim não preciso.

O homem falava de modo agradável, com palavras fáceis e correctas. Apesar dos farrapos e do aspecto de vagabundo sem eira nem beira, mantinha uma atitude de dignidade e orgulho, a casarem com o corpo nutrido e a barba imponente, que dava mais realce a uns dentes brancos e limpos. Maria recusou a oferta.

O homem, olhando-a com um ar misto de submissão e insolência, baixou a cabeça com um ar inesperadamente senhoril e foi-se.

Veio ainda uma vizinha do lado, escanzelada e faminta, queixar-se da vida, da falta de trabalho e dos maus tratos do marido e pedindo roupa, quando a senhora tivesse alguma fora de uso. Veio uma mulherzinha baixa, gorda e mesureira dizer que costumava ir à vila todos os sábados e que poderia trazer, como trazia para outros, carne do talho ou o mais que quisessem. Veio uma rapariga vermelhaça oferecer-se para ir buscar água à fonte. Veio uma mulher propor palha de milho para colchões e a filha para lavar roupa. Veio um homem contar que a terra em pequena e não dava para uma mercearia, que havia duas, uma em dele, e pedir que gastassem de lá. Vieram duas crianças, que nada disseram, abrindo os olhos enormes e chegando-se mais uma à outra, como querendo defender-se de um ataque imprevisto. Veio um velhote sorridente que disse ser sapateiro. Veio um garoto oferecer leite de cabra.

E quase toda essa gente apresentava roupa suja e gasta, coberta de remendos, a deixar adivinhar, atrás dos sorrisos e das ofertas, velhas necessidades insatisfeitas. Todo esse desfilar de miséria desfez a alegria que sentira com a compra das cenouras. Ao tombar a noite, ao ver-se só no silêncio

da pequena casa, tomou-a uma profunda sensação de desamparo e abandono, Só quando António voltar, trará livros e jornais. Como leitura para cinco dias, deixou-lhe apenas um folheto de uma dúzia de páginas, que Maria devorara logo ao levantar-se. Agora não tem nada mais para ler. Já lavou a saia e a blusa, já areou panela, tacho e cafeteira, já esfregou as mesas e a chaminé, já passou revista aos ferros das camas, já lavou os vidros das janelas, já recortou papéis para as prateleiras da cozinha. A pobre casita está em ordem, em ordem a pobre roupa. E Maria tem de passar mais quatro dias, quatro longos dias, e, pior que isso, quatro longas noites de Inverno, só, completamente só, sem uma actividade que a ocupe e distraia. Já cantou, já chorou, já lembrou, já sonhou, já voltou ao folhetito três, seis, dez vezes, já o sabe quase de cor, já arrumou outra e outra vez as suas coisas. Fica-lhe agora um imenso tempo vago, que a deprime e entristece. É a primeira vez que se sente numa casa sem qualquer pessoa amiga, sem vozes, sem barulho de actividade, sem vida. Vaz dissera-lhe que teria de trabalhar muito e, se tivesse vontade de estudar, não lhe faltaria ajuda. Mas isso será mais tarde, depois de António voltar, quando a vida da casa entrar no seu ritmo normal. Agora Maria tem diante de si mais quatro dias, quatro longos dias e quatro longas noites de solidão.

“Ouves-me, meu avôzinho?”, pensa Maria, lembrando-se do velho pai a quem sempre contava as suas dúvidas, tristezas e alegrias. “Ouves? A tua filha está muito só e muito triste, meu avôzinho. E a noite é tão feia! E é tão feio o soprar do vento! Ela sabe que a casa onde se encontra é necessária, que dá uma base a um camarada perseguido para poder trabalhar para o bem do povo, que permitirá aos camaradas reunirem-se com segurança, guardarem materiais, fazerem documentos. Ela sabe tudo isso, meu avôzinho, e por isso considera-se satisfeita por cumprir a tarefa. Mas está tão só e tão triste, avôzinho querido!”

## 9

Na tarde do próprio dia em que haviam chegado, António dissera-lhe para darem uma volta. Já fora da aldeia, a umas centenas de metros das primeiras casas, António parara.

- Fixa bem este muro - dissera ele. - É o primeiro deste lado. Fixa bem.

Quando chegaram ao fim do muro, tomara a parar:

- Repara nesta pedra saliente. Na sexta-feira à tarde vens aqui escrever uma cruz com o lápis azul que em casa te darei. Não te enganas?

Assim ficara combinado o sinal para que, ao regressar a casa, António tivesse a certeza de que não havia novidade. Essa em uma medida instituída em

todas as casas do Partido para evitar a repetição de desastres anteriores. A polícia assaltara casas do Partido na ausência dos camaradas e estes, ao regressarem, iam meter-se na boca do lobo.

Sexta-feira à tarde, Maria saiu e foi pôr o sinal. Segundo indicação de António, caso alguém falasse nisso, deveria justificar aquela saída fora da aldeia dizendo ir comprar umas hortaliças ao casal do telheiro, onde no dia da chegada vira o vagabundo das barbas a ler o jornal aos camponeses. Não encontrou ninguém no caminho, pôs o sinal, voltou a casa e preparou um guisado de batatas e cenouras com uma satisfação como não sentira nos últimos quatro dias. Quando o comer estava quase pronto, estendeu na mesa da cozinha um pano que lavara e corara nos dias anteriores, pôs dois pratos um em frente do outro, dois talheres de chumbo, dois copos, o pão e a faca ao lado, e no meio da mesa um potezinho de barro com um ramo de uma erva de mimosa folhagem que colhera na berma da estrada. Ficou um instante a contemplar a mesa, cantarolando. Depois chegou à porta da cozinha a olhar para fora. A luz do dia morria na atmosfera carregada de humidade. A distância, os objectos perdiam a nitidez dos contornos. Dir-se-ia que mão invisível ia espalhando no ar uma névoa de silêncio e de melancolia. Nos dias anteriores, esses momentos eram os mais angustiosos para Maria, quase lhe inspirando medo e horror a aproximação da interminável noite. Agora ansiava que a noite caísse depressa, bem depressa, envolvendo a aldeia na escuridão.

- Chegarei pouco depois do escurecer - dissera António.

Quando a noite se cerrou por completo, Maria partiu dois ovos dentro do guisado e ficou-se a espreitá-los por entre o vapor apetitoso, vendo-os escalfar lentamente e apurando o ouvido, como se o escalfar dos ovos devesse ser necessariamente o aviso da chegada de António. Na verdade ouviram-se passos na rua. Maria esperou. Não, não era ainda. Tirou umas brasas do fogareiro, apagou-as dentro da bacia e pô-las na pá. O lume mortício mal mantinha já a fervura do guisado. Tudo estava pronto, era só esperar a chegada do camarada. Tardava tanto! Maria foi espreitar à janela da frente. Como a vizinha estava à porta e não convinha agora facilitar conversas, voltou para dentro. Na cozinha, compôs a posição dos talheres, passou um pano pelos pratos, entretanto irrepreensivelmente limpos, e, julgando ouvir novamente passos na rua, apurou o ouvido. Ah, como é doloroso ouvir a aproximação de passos quando se espera alguém! Como demoram até confirmarem ou desmentirem a esperança! Quem era seguiu. “Por que demorará tanto?”, perguntava Maria. E de repente assaltaram-na pensamentos sombrios. Se tivesse sido preso? Se lhe tivesse acontecido alguma coisa? Como saberia ela? Que fazer no caso de ele não aparecer? Esperar que aparecesse outro camarada? Mas isso era impossível,

pois António lhe dissera que nenhum outro camarada conhecia ainda a casa. Quantos dias esperar? E depois, dirigir-se a quem? Oh, como o tempo passa lentamente! Como é infundável cada minuto de angústia e inquietação! Como se agita o coração ao menor barulho vindo do exterior, o tempo passa, e a mesita modesta, que compusera com tanto gosto, e as cenouras e as batatas com ovos que fizera com tanta alegria, são agora coisas tristes como belas lembranças de pessoas falecidas. Maria baixa a,, luz do candeeiro e vai deitar-se de costas em cima da cama. Fica com os olhos abertos, o ouvido alerta, sentindo-se desamparada no vazio da casa, subitamente engrandecida pelo sossego, a obscuridade e a expectativa., Assim está um tempo que lhe parece muitas e muitas horas, contadas estranho relógio de que os estalidos do caruncho marcam o compasso no silêncio inquietante.

Depois batem, abre a porta, vê António com uma bicicleta à mão. Não, não é um rapaz desconhecido, cuja presença debaixo das mesmas telhas a constrange e apoquentava. É um velho conhecido, um velho camarada.

- Enfim, amiguinho, és tu!

E correu a ajudá-lo a meter a bicicleta para o quarto de trás, e arrumar-lhe o chapéu, e a ajudá-lo a desatar um grande embrulho do porta-bagagens, e a deitar-lhe água na bacia para ele se lavar, e a dar-lhe toalha para se limpar, e a pôr finalmente em cima da mesa o belo tacho de cenouras, batatas e ovos ainda fumegante.

António está pálido e cansado. Mas os olhos cercados de rugas sol riem para a camarada tão profundamente contentes que Maria som também e não pára de sorrir.



## Capítulo IV

### 1

Paulo mostrou-se muito reservado. Olhando timidamente os camaradas, não interveio nas discussões e limitou-se a fazer perguntas. Muitas eram perguntas naturais de informação. Outras pareceram a Vaz pouco sensatas. Assim, perguntou ao advogado se costumava levantar-se cedo e costumava sair à noite com a mulher. A Manuel Rato perguntou se estava em casa na altura em que nascera a filha. “Bom”, pensava Vaz, “vamos a ver se o amigo dá conta do recado.” E, reparando nos seus modos acanhados e nos cabelos grisalhos, recordando-se que o camarada estivera cinco anos preso, sentia pena dele. Quase certo, iria falhar nas novas tarefas.

Alguns pequenos incidentes nessa primeira viagem provocaram-lhe porém certa perplexidade.

Uma vez, cerca das 2 horas da tarde, pararam a descansar nos arredores de uma vila. Tinham já tido dois encontros de manhã, haviam feito uma grande marcha e gastavam agora tempo para ir procurar um camarada à vila depois das 5, horas. Apenas haviam comido alguma coisa de madrugada, e Vaz propôs esperarem pelas 5 horas, pois o camarada lhes poderá oferecer em casa alguma coisa e não fariam assim essa despesa ao Partido. Mas, olhando Paulo, viu-o tão cansado e abatido, que lhe disse:

- Vê-se bem que estás cansado, camarada. Vamos aí a uma tasca comer uma bucha.

Paulo deixou-se ficar sentado e imóvel.

- Espera-se - disse ele. Por compaixão, Vaz insistiu na ideia de irem procurar uma tasca e levantou-se. Paulo repetiu:

- Espera-se. E continuou na mesma posição, olhando por cima dos óculos, como a pedir desculpa da teimosia.

Já no fim da viagem, depois da reunião no campo com um comité local, ao desembocarem numa velha estrada à entrada da terra, Vaz reparou uma vez mais na extrema fadiga de Paulo.

- Eu não gosto de utilizar a estação - disse parando e voltando-se para o camarada. - Não há nada de especial, mas não acho prudente. Quando não

venho de bicicleta, vou sempre a pé até ao próximo apeadeiro. Mas ainda são quatro quilómetros. Tu estás cansado e uma vez não são vezes.

Paulo olhou-o com os olhos humildes, quase implorativos. Parecia nesse momento extraordinariamente mais velho.

- É esta a estrada? - perguntou. E ante a resposta afirmativa de Vaz, voltou as costas à vila e recomeçou a marcha, no seu passo curto e ligeiramente trôpego.

“Não”, pensou Vaz com surpresa. “Não é tão mole como parece.”

## 2

Paulo regressou há pouco a casa. É noite, Vem da padaria um suave cheiro a vides queimadas e ouve-se no pátio correr água de uma torneira aberta. As crianças dormem e Paulo pode agora trabalhar tranquilamente. Ao lado um copo de água, uma carcaça e queijo fresco que Madalena lhe levava ao chegar. Enquanto escreve, vai comendo com dentadas pequenas e discretas entremeadas com curtos golos de água que bebe sem ruído. Por vezes sucede ficar pensando, agarrando o lápis com a mão sapuda e batendo lentamente com ele no lábio superior. Depois, ajeitando-se na cadeira, espreita o pão por cima dos óculos, dá-lhe mais uma dentada e continua a escrever.

Paulo está contente com as tarefas que lhe foram destinadas. Como era diferente o trabalho quando fora preso anos atrás! Então, distribuía-se o jornal e consumiam-se as energias em ligações e mais ligações, cuja única finalidade eram as próprias ligações. Agora, as mais pequenas organizações e ligações estavam orientadas no sentido de um trabalho prático, de movimentação de massas e de alargamento orgânico. Algumas tarefas ingratas foram-lhe é certo confiadas: a ligação para uma localidade cujo Comité Local há mais de dois meses não reúne, embora o responsável o prometa sempre para a próxima vez que lá voltar o funcionário; a ligação com o advogado, sozinho na sua localidade que Vaz lhe disse ser “um tagarela que não faz nada”; e ainda a ligação com Manuel Rato, obrigando-o a uma grande deslocação sem grandes perspectivas e quase apenas para não perder de vista o camarada e tentar por seu intermédio “furar” para a grande aldeia próxima. Esta última ligação, Paulo recorda-a porém muitas vezes, e, quando o faz, fica ligeiramente cismador.

Manuel Rato viera ter com eles à beira da estrada. Não viera só. Acompanhava-o a filha, as tranças ligadas num arco atrás da nuca e um vestido de chita estampada de flores miúdas e gola branca. Toda ela - o rosto, o cabelo, as mãos, o vestido - pareciam esmeradamente asseados, daquele asseio natural

e evidente que só em seres raros assim salta à vista, Manuel Rato explicou a presença da filha.

- É bom que a rapariga se vá habituando - disse ele.

Nestas palavras, cuja ternura contrastava com o rosto duro, a que o bigode negro e rijo emprestava um ar marcial, adivinhava-se uma íntima e profunda satisfação e o acarinhado projecto de fazer da filha uma camarada. Isabel sorria, endireitando mais o tronco firme e esbelto e olhando os camaradas afectuosamente. “E para que vejam”, parecia ela dizer. “Julgais que sou uma criança. Não, já não sou nenhuma criança. Sou uma mulherzinha pronta para vos ajudar, uma camarada vossa, como vedes.” E, de facto, quem assim a visse não podia deixar de compartilhar tais sentimentos.

Vaz apresentara Paulo a Manuel Rato, e os três homens seguiram, através dos pinhais, em direcção a Vale da Égua. Um pouco à frente seguia Isabel, parando sempre que os homens paravam e voltando para eles o rosto sorridente.

“Ah!”, pensou Paulo. “o que não daria para ter uma filha assim!” Era este o sincero pensamento de Paulo. Mas, se não fora a idade, os cabelos brancos, o organismo envelhecido por longos anos de privações e de cadeia, teria talvez pensado: “Ah! o que não daria para ter uma companheira assim.”

Agora Paulo recorda as organizações e ligações que lhe foram confiadas, pensa no que deve fazer para ajudar os camaradas e escreve o projecto de um caderno de reivindicações. Das deslocações, das marchas, das refeições e da falta delas, das dormidas e das vigílias, nada lhe vem ao espírito, senão muito vagamente, como coisas banais e sem interesse. E, entretanto, muitos homens activos e saudáveis, se tivessem uma só vez na vida feito o esforço que ele fizera nesses dias, tê-lo-iam considerado a maior façanha de toda a sua vida.

### 3

Paulo trabalhou noite dentro. A excitação do primeiro contacto com as organizações que passavam a estar-lhe confiadas não o deixava dormir. Um minuto perdido parecia-lhe neste momento um minuto roubado ao Partido. Nem se lembrava de que havia muitas noites não dormia o suficiente. Vira o violento ritmo de trabalho dos outros. Lembrava-se de Rosa, magra e extenuada, perdendo a noite a imprimir manifestos. Via diante de si Vaz, pálido e enérgico, nunca poupando passos, fadigas e privações. Via Ramos chalaceando da dureza da vida. E sentia-se ele próprio arrastado no grande esforço colectivo. Assim, depois de escrever um caderno de reivindicações e de

tomar várias notas relativas às suas novas tarefas, apesar de já serem 2 da manhã e estar esgotado, continuou a leitura, há dias interrompida, de um livro de Lénine. Não, não podia perder tempo.

Saindo ao pátio e vendo, tão tarde, luz no quarto de Paulo, Evaristo, o dono da casa, todo enfarinhado, veio perguntar se precisava de alguma coisa.

Era um homem forte, de braços e peito felpudos como os de um macaco, do que destoava um rosto redondo e rosado com a pele esticada e luzidia pela barba escanhoada. Tinha ainda agarrados aos pêlos dos braços bocados de massa e trazia na mão uma bilha de barro.

- De certeza não precisas de nada? - tomou a perguntar.

- Não, não preciso de nada - respondeu Paulo. - Faz diferença estar até tão tarde com a luz acesa?

- Diferença? A quê? - disse Evaristo. - o rapaz é que pode reparar - referia-se a um operário que com ele trabalhava durante a noite na padaria -, mas encontra-se qualquer explicação e por aí não há novidade. E verdade que se gasta um pouco mais de petróleo, E preciso, paciência.

Evaristo foi-se. Paulo continuou a ler. Sente um peso crescente na cabeça e o pensamento foge-lhe na leitura nas mais diversas direcções. Lembra-se das crianças que dormem, sobretudo da Rita com as suas duas tranças espetadas, do caderno de reivindicações, de Vaz, de Rosa, da filha de Manuel Rato, da mocidade passada, da prisão. Imagens e mais imagens em desordem interpõem-se entre ele e o livro. Depois espalha-se pela casa o cheiro a um tempo ácido e doce de pão quente. E esse cheiro traz consigo recordações da ilha distante, da ilha onde nascera e onde nunca mais voltara desde os 12 anos, idade em que partira sozinho para Lisboa a trabalhar numa oficina, da ilha onde pai e mãe haviam morrido e da qual nada mais guardara além das recordações da infância. Esse cheiro a pão cozido (apenas mais ácido) era o cheiro característico do lar de seus pais.

A mãe escaldava o pão, amassava-o e, fazendo uma cruz na massa, punha-lhe no centro um dente de alho e recitava:

Maria cozinheira  
filha de Jesus Cristo,  
pelo caminho que andaste  
com Jesus Cristo te encontraste.  
Assim como cresceu a graça  
de Deus pelo mundo todo,  
assim cresça este pão até ao  
cimo do forno.

Depois abafava a massa com uma toalha, punha por cima todas as mantas da casa, acrescentava umas calças de homem viradas do avesso, quando desconfiava da massa, e punha-se a aquecer o forno com ramada seca, animada com a esperança numa boa fornada: “Até ao cimo do forno!” Ele ia buscar ao quintal a pá e o varredouro, sempre encostado à chaminé da casa. Ao voltar, varria o forno, enquanto a mãe tendia o pão com uma tigela polvilhada de farinha e o ia colocando sobre as folhas de conteira estendidas na pá. Com o pão já a cozer, a mãe dizia-lhe:

- Chico - neste tempo também Paulo não era ainda Pauto. - Acorda os pães, filho!

Ele abria a porta do forno e, com uma varinha, batia em cada pão para ficar bem favado:

- Deus te acorde e te abra os olhinhos! Deus te acorde e te abra os olhinhos! Deus te acorde e te abra os olhinhos!

Como tudo isso ia longe. E como tudo isso estava vivo na sua memória despertada pelo cheiro a pão cozido que se espalhava cada vez mais intenso por toda a casa.

Agora Paulo já não lê, A cabeça pende-lhe para a frente, apoia-se nas mãos sapudas, os óculos descaem-lhe mais sobre o nariz e os olhos quase fechados deixam de ver.

Um dia (acabada a fornada, tinham colocado na mesa o pão coberto com uma manta) o pai chegou. Fora buscar o bode negro comprado para esconjurar o mal das vacas e parecia fatigado pela longa marcha. Contra o costume, sentou-se e encostou-se à mesa, como que a respirar o hálito quente do milho cozido. De repente a mãe gritou:

- Que tens, homem?

Paulo viu o pai empalidecer mais, tirar a mão da borda da mesa, fazer um gesto como que a erguê-la e logo depois cair no chão, o corpo a um tempo mole e firme como uma saca de farinha. Morreu daí a instantes e, durante a vela ao cadáver, Paulo só via os vizinhos alargarem as ventas, respirando o bafo do pão quente.

- Adormeceste! - disse Evaristo, que voltava com um pão saído do forno para presentear o amigo.

- Há! - murmurou Paulo sobressaltado. Levantando-se com dificuldade, arrastou-se com passos trôpegos até junto da cama, sentou-se na borda e disse a Evaristo:

- Apaga, faz favor.

Evaristo pôs o pão sobre a mesa, soprou o candeeiro e saiu.

Paulo já não o ouviu fechar a porta. Tombara de lado sobre a cama e dormia profundamente, com a respiração espaçada e rouca, que dentro em pouco se transformou num barulhento ressonar.

#### 4

Deixando a Delita e o Zeca no pátio, Rita e Elsa estão à porta do quarto de Paulo. Rita tem 4 anos, Elsa 2. Rita usa duas tranças com laços encarnados e tem uns olhos enormes e redondos como os de uma boneca. Elsa tem o cabelo puxado para cima e atado no alto da cabeça com uma Fita. Rita encostou-se à porta fechada e dá a mão à irmã mais pequena. Elsa espera com paciência, pois já sabe que das iniciativas de Rita saem sempre coisas boas.

- Primo - diz Rita numa voz suplicante. - Primo bonito, abre a porta.

Do outro lado da porta não se ouve nenhum ruído. As pequenitas ficam uns instantes silenciosas.

- Primo - volta Rita. - Abre a porta! Primo bonito, primo lindo, primo flor, abre.

Elsa levanta os olhos para a irmã e esses olhos perguntam: “Então9 Nunca mais?”

- Primo querido, primo adorado, abre! - diz Rita. Ouve-se Zeca choramingar no pátio e logo depois a voz trocista da Delita:

- Não és capaz! Não és capaz!

- Primo - insiste Rita com a voz ligeiramente impaciente -, abre a porta.

Nada. Uma ruga inesperada cava-se na fronte da pequena.

- Primo, primo maroto, abre.

Como não venha resposta, Rita larga a mão de Elsa e começa a bater com as duas mãozitas cerradas na porta de madeira, a bater sempre e sempre, dizendo a cada pancada as mesmas palavras em cadência:

- Primo feio!... primo mau!... primo maroto!... primo feio!... primo mau!... primo maroto!...

Elsa procura imitar a irmã e, vendo que chega o grande momento, dá gargalhadas e pequenos gritos.

- Que há? - Paulo entreabre a porta, ar estremunhado, despenteados os cabelos grisalhos, sem óculos, olhando as crianças com os olhos míopes extremamente franzidos.

E, como sempre, as crianças entraram. E, como sempre, vieram pouco depois juntar-se-lhes a Delita, rapariguita de 7 anos, magra e desgrenhada, e o Zeca, de 5 anos, gordo e rosado. E, como sempre, sem saber como entreter as

crianças, Paulo satisfaz-lhes as vontades (menos a de lhe tirarem os óculos do nariz), mostra ilustrações, desenha bonecos, põe duas em cada joelho a cavalgar, transforma as próprias mãos em máquinas terríveis sempre a abrir e a fechar e nas palmas das quais as crianças batem com as mãozitas, a medo e de fugida, para não serem apanhadas. No quarto de Paulo só se ouvem gargalhadas, gritos de alegria, de surpresa, de admiração, dos quatro diabinhos. E, como sempre, só passada meia hora, ou uma hora, aparece Madalena.

- Então, meninos, não lhes disse para deixarem o primo sossegado?

As crianças escapam-se como bando de pássaros assustados, procurando fugir às nalgadas que, à toa e em força, Madalena lhes atira.

Paulo fica sozinho, limpa os óculos e lamenta o tempo perdido: “É sempre isto! Nem me deixam descansar, nem me deixam trabalhar! o que eu precisava era de uma casa sem crianças!” Paulo pensa assim sinceramente e repete tantas vezes a si próprio essa ideia que acaba por convencer-se de que só numa casa sem crianças se sentiria verdadeiramente bem.

Mas, quando às vezes sonha com um Portugal libertado do fascismo, vê-se sempre numa casita rodeada de um pequeno pomar, e o grande prazer que sente ao imaginar esse pomar é ver crianças entrarem e colherem frutos. Imagina-se, então, satisfeito e feliz, ouvindo à sua volta as risadas e a gritaria da pequenada, risadas e gritarias iguais, absolutamente iguais, às da Rita, da Elsa, da Delita, do Zeca e das quais agora lhe parece gostaria de se ver livre.

Um dia a irmã de Madalena veio buscar as crianças para irem passar a manhã com uma filha que fazia anos. Passado um bocado, no silêncio da casa, Madalena ouviu o andar brando das chinelas de Paulo. Este parou no limiar da porta, olhando-a inquieto por cima dos óculos.

- As crianças? - perguntou.

E depois de saber onde tinham ido, regressou ao quarto arrastando as chinelas.

## 5

Três semanas depois de ter estado pela primeira vez em Vale da Égua, Paulo dirigiu-se novamente lá. Apeou-se da camioneta na estrada alcatroada e cortou pelo caminho que lhe indicara Manuel Rato. Era um tosco caminho marcado apenas pelo sulco profundo das rodas de carros, alongando-se em curvas preguiçosas por entre os pinheiros e procurando mansamente as vertentes brandas das colinas. Estava um dia frio e luminoso, com o Sol a brilhar na pureza azul do céu e um nordeste teimoso e cortante.

Caminhando com o seu passo irregular, Paulo viu passar dois carros de bois carregados de cavacas e logo se recordou da conversa ouvida na camioneta. Fizera a viagem nos últimos bancos, espécie de terceira classe da camionagem, onde os burgueses só em último recurso viajam e que muitos camponeses procuram mesmo havendo lugares vagos à frente. A camioneta ia cheia, e dois camponeses discutiam em voz baixa.

- Quer você saber o que é a Junta dos Produtos Pecuários? - perguntava um deles, homenzinho magro e nervoso, com o bigode e os olhos tão negros como o chapéu e o colete. - Quer saber? Pois eu lhe digo. Dantes o chouriço era a 24 escudos e em vivo pagavam a arroba a 250. Agora o chouriço está a mais de 30 e não querem pagar 200 pela arroba em vivo. O consumidor paga mais e o produtor recebe menos. Aqui tem o meu amigo o que é a Junta.

O outro era um homem de uns 50 anos, com rosto enrugado e sério. Enquanto o primeiro falava, acenava afirmativamente com a cabeça, produzindo uns sons guturais. Quando o outro acabou, olhou em volta a verificar a qualidade dos companheiros de viagem mais próximos e ficou-se uns instantes a observar Paulo. A impressão não foi desfavorável, pois se resolveu a falar:

- Isto das Juntas e Grémios só servem para fazer mal aos pequenos. Se deixassem o lavrador vender a quem quisesse, o lavrador ganhava mais e o consumidor pagava menos. Não senhor. Obrigam-no por força a vender-lhes a eles, são eles que marcam o preço e depois vendem por três ou quatro vezes mais. Desta forma, quando o lavrador vende os preços são sempre baixos e, quando compra, são sempre altos. Juntas e Grémios só servem para fazer mal ao pequeno.

O homem parou uns instantes, tomou a olhar em roda e Fixou novamente Paulo antes de continuar.

- Repare no que se está a passar com os pinhais. Vem o Grémio, marca os pinheiros que quer sem dar satisfação ao proprietário e paga 24\$40 o metro. E sabe a quanto vende às fábricas? Pois a 65, a 70 e até a 80 mil réis o metro.

Paulo tomara assim contacto com o descontentamento dos camponeses pelos organismos corporativos, via a necessidade de orientar e organizar esse descontentamento, mas como, como? o conhecimento destes problemas vinha-lhe ao acaso de uma viagem de camioneta, e não por via da organização do Partido. A ele que, ainda há dias, ao tomar conta das suas organizações e ao verificar os progressos do Partido, pensara que este ganhara já de facto um, papel determinante na luta de todo o povo, parecia agora haver muito é muito que fazer para chegar a isso. O Partido aparecia-lhe de repente desligado dos camponeses, ignorando os seus problemas, não sabendo como auxiliá-los. Os



camponeses eram obrigados a vender o metro cúbico de pinho a 24 escudos, que o Grémio vendia logo a seguir a 65 e mais. Mas que fazer? Levar directamente a lenha ao consumidor não era certamente viável. Paulo sentia necessidade de conhecer melhor toda a questão, mas onde colher informações? Quando, na camioneta, se resolvera a fazer uma pergunta, os homens responderam com meias-palavras e mudaram de assunto. Agora ia falar com Manuel Rato, mas já da última vez que lá fora com Vaz, Manuel Rato pouco soubera dizer. Paulo caminha no seu passo irregular, absorvido nos seus pensamentos, não encontrando um plano para melhor se informar e actuar.

Mal pensava ele que, de um momento para o outro, lhe iam ser dados ao vivo novos e importantes esclarecimentos.

## 6

Vozes alteradas soaram no pinhal. O nordeste imprimia-lhes estranhos altos e baixos, desviando-lhes a direcção e confundindo-se com o seu próprio sibilar e com o gemer das ramadas. De repente, numa dobra do terreno, à beira de um pinhal rarefeito, Paulo deu com os homens que discutiam. Eram vários e estavam junto de um carro de bois carregado de cavacas. Os bois babavam-se penosamente, mostrando nos olhos enormes e parados completa indiferença pela discussão. Os homens acharam decerto natural o aparecimento e a aproximação de um desconhecido, pois não fizeram caso dele.

- Isso foi coisa dos lenheiros! - dizia um de chapéu verde e samarra com gola de pele, olhando para outro que envergava um blusão de lã. - Nós só marcámos os vinte e cinco por cento.

- Mas cortaram o dobro e só as melhores árvores! - respondeu um outro em colete e mangas de camisa, cuja voz tremia de cólera e emoção. - Um quarto já é abuso, mas ainda lhes não chega. Derrotaram-me o pinhal.

- Só marcámos os vinte e cinco por cento - insistiu o homem de samarra com gola de pele. - Além disso, se os lenheiros cortaram mais, mais o senhor receberá.

- Uma fortuna! - replicou o outro com desprezo. - Vocês nem respeitam já a propriedade de cada um. Podiam ter marcado coisa razoável, mas não senhor. Cortaram tudo quanto havia de melhor. Árvores boas para madeira, vendidas por este preço.

- Só marcámos os vinte e cinco por cento - disse pela terceira vez o da samarra voltando-se de lado, olhando para longe e mostrando assim querer dar a conversa por terminada.

- Fazem as leis contra o pobre - disse um camponês alto e magro, de barba loura e rala e uns olhos parados e inexpressivos -, mas, quando as leis lhes não chegam, são os primeiros a faltarem a elas.

- Já lhes disse mil vezes que foram os lenheiros - berrou o outro com a paciência esgotada, - E sabem que mais? Não estão satisfeitos, queixem-se ao Salazar.

O homem da samarra, procurando um olhar aprovativo no do blusão para esta última saída, voltou as costas aos camponeses e, seguido pelo do blusão, a quem disse alguma coisa baixo e rindo, afastou-se rapidamente através dos pinhais.

Junto do carro de bois ficou só o carreiro, o dono do pinhal derrotado e o camponês da barba loura, que procurava agora fechar a camisa junto ao pescoço para se defender do vento agreste.

O dono do pinhal sentou-se num tronco e, esmagando o queixo nos punhos cerrados, ficou-se a olhar para os cepos tristes das árvores cortadas e para os metros de lenha, bem distribuídos nas vastas clareiras. O carro de bois arrancou num sacolão brusco para logo amansar, chiando. O camponês da barba loura e rala afastou-se umas dezenas de metros e ficou inexplicavelmente quieto no meio do pinhal.

- Vou bem para Vale da Égua? - perguntou Paulo.

- Também vou para esses lados - disse o homem, suspirando, e levantou-se a custo.

## 7

Pelos pinhais por que seguiam via-se estranho movimento. Nuns lados, árvores abatidas a machado caíam no meio dos estalidos da madeira esgarçada, terminando a queda com um baque surdo que fazia tremer o chão. Noutros, serravam-se os troncos em toros e em cavacas de metro. Aqui um homem com uma lata de tinta da cor da fábrica compradora ia borrifando com um pincel o topo das cavacas já cortadas e medidas. Acolá outro borrifava com a cor de outra fábrica. Mais adiante o homem da samarra e o do blusão, cirandando num pinhal cerrado, descarrascavam com a boca da marca as árvores que os lenheiros viriam cortar, ou gravavam com o outro lado da machadinha o selo do Grémio no topo das cavacas. Sobre algumas pilhas via-se uma cavaca atravessada, a indicar que o corte não estava aberto, isto é, que os carreiros ainda não podiam levar a lenha. De espaços a espaços, carros de bois

carregando. Passavam outros lentamente, rangendo e chiando, com o pisar surpreendentemente silencioso dos animais.

Pelo seu companheiro, Paulo ficou a saber os principais motivos de queixa dos camponeses, o corte obrigatório de vinte e cinco pinheiros em cada cem marcados pelos homens do Grémio sem a participação dos proprietários representava uma grande quebra no valor das propriedades. Mas com frequência iam além dos vinte e cinco por cento, umas vezes sem qualquer explicação, outras dizendo ter havido engano, outras ainda procurando escudar-se com disposições da lei. Depois era o preço: um escandaloso roubo aos pequenos proprietários, obrigados a vender ao Grémio a 24 escudos o metro cúbico, para que o Grémio (servindo apenas de intermediário imposto pelo governo e tendo como única despesa vinte e cinco tostões por metro pagos aos lenheiros desde o cortar ao carregar) vendesse às fábricas a 65 e mais a lenha sobre o terreno. Ainda quando eram as fábricas, a coisa não era a pior. Quando a madeira era para a CP, para travessas da via-férrea, os do Grémio então não poupavam pinheiros de mais idade, árvores feitas, com muito mais valor, e pagavam ao mesmo preço. A isto juntavam-se os mais variados abusos, como a mistura da lenha dos proprietários contíguos antes de medirem e de pagarem, de forma que cada qual não recebia quanto lhe pertencia.

- E que fazem os senhores? - perguntou Paulo.

- Que fazemos, como? - perguntou o homem.

- O que fazem para impedir a roubalheira?

O homem suspirou.

- Que podemos nós fazer? Aí noutros sítios foram falar ao governador civil, mas tudo ficou na mesma. Ou melhor. Ele atendeu uma coisa e foi o mesmo que não atender nada: que, para evitar mistura de lenhas, marcassem as extremas antes de cortar. Mas isto era para os que reclamaram, e já não viriam a ter razão para reclamarem outra vez, porque lhes tinham levado logo quase todos os pinheiros. Aqui marcam as extremas e misturam a lenha à mesma. Que havemos de fazer? - repetiu o homem.

- Por que se não juntam e não vão também reclamar? - perguntou Paulo.

- Reclamar a quem? Fazer figura de parvos como os outros? E, se não podemos reclamar, que podemos fazer mais? Olhe. O senhor viu aquele sujeito louro? Pois foi com ele que começou a altercação. Também lhe derrotaram o pinhal pegado ao meu. E ele disse ao Valadinhas: "Este levaram-mo. Mas garanto-lhes que no outro não tocam." Mas que vai ele fazer? Desgraçar-se?

O homem calou-se uns instantes.

- Que havemos nós de fazer? Quem pode, manda.

As palavras não podiam ser mais humildes e conformadas. Mas, por detrás da humildade das palavras, adivinhava-se um descontentamento próximo do desespero. Seguiram-se uns instantes silenciosos. Paulo reconhecia que a reclamação às autoridades não era o processo de luta indicado. Para irem à cidade a dezenas de quilómetros de distância, só alguns pequenos proprietários poderiam deslocar-se. Uma vez lá chegados, ou não seriam recebidos ou não lhes ligariam importância alguma. Que fazer então? Paulo olhava o seu abatido companheiro e ele próprio sentia o peso tremendo, brutal e odioso de toda a máquina do Estado fascista caindo sobre os pequenos agricultores isolados e esbulhando-os sem piedade.

## 8

Manuel Rato confirmou o que contara o dono do pinhal. O governo estendia a garra cada vez mais longe das vilas e estradas, levando terra dentro a destruição, a ruína e o desespero. Dentro de dias os pobres pinhais de Vale da Égua sofreriam, como os dos lugarejos próximos, a criminoso razia. Em voz rápida e nervosa, que lhe tomava mais salientes as maçãs do rosto bonito e agitado e mais chupadas as faces, a mulher de Manuel Rato contou o que ouvira sobre o assunto. Muito direita, com a cabeça penteada de tranças e firme no pescoço alto e tenro, Isabel ouvia; com estranha atenção o que os outros diziam, e na sua expressão reflectiam-se como num espelho as expressões e as palavras do pai e da mãe. Quando Paulo falava, olhando timidamente por cima dos óculos, Isabel sorria.

- O que tu ouves dizer à minha companheira - disse Manuel Rato - podes ouvi-lo a qualquer pessoa daí. Cada qual tem uns pinheiritos e agora o caso toca a todos. A caminharem assim, daqui por quinze dias ou um mês chegarão a Vale da Égua.

- Que achas que se pode fazer? - perguntou Paulo.

- Que se pode fazer? - respondeu por ele a mulher, corando e comendo o cabelo num gesto rápido e nervoso. - É juntar o povo e não os deixar marcar nem cortar!

Isabel olhou para Paulo como se dissesse: “Assim mesmo, que pensas tu?” Manuel Rato olhou também para Paulo e, embora com as sobrancelhas ferozmente unidas num só traço negro destacando-se na fronte ampla e mais clara que as faces, transparecia-lhe nos olhos uma evidente satisfação pelas palavras da mulher.

Discutiram depois a forma de unir e chamar o povo dos raros lugarejos próximos e dos casais dispersos pelos montes.

A companheira e a filha de Manuel Rato acenderam a fogueira, puseram ao lume a panela com água, trouxeram um alguidar, couves e batatas para junto dos homens e ali mesmo, acocoradas no chão, começaram a preparar a ceia.

- A dificuldade - disse Manuel Rato - é que cada um por si não tem força para defender os seus pinheiros e é difícil trazer cada qual das suas casas para defender os pinhais dos outros.

Segundo Paulo, o importante era reunir o povo num dia determinado e num sítio determinado e daí irem todos aonde estivessem na ocasião os do Grémio e os lenheiros. Manuel Rato, a mulher, a filha e o cunhado poderiam pôr a correr a ideia, mas não podiam chegar a número suficiente de pessoas, nem tinham influência pessoal que assegurasse o êxito.

- Um pequeno manifesto ajudaria - disse Manuel Rato. Combinaram então que Paulo iria ver se conseguiam fazer rapidamente um manifesto, sem data e chamando à concentração na Aldeia do Mato (o lugarejo maior das cercanias) de forma a que, quando se entendesse ser altura de agir, se distribuísse o manifesto na noite anterior.

Eu e a rapariga nos encarregamos de o distribuir - disse Manuel Rato, enquanto Isabel alvoroçada fixava o pai agradecida e feliz.

Os dois camaradas passaram a discutir outras questões. Um ponto em que falaram longamente dizia respeito à aldeia da estação. Por recomendação de Vaz, Paulo insistiu na ligação com o Zé Cavalinho, e Manuel. Rato insistiu em que, quando saísse do lugar para ir para as minas, então deixaria a ligação montada.

- Mais vale devagar e seguro - justificou. - Muitas vezes para chegarmos depressa temos de ir mais devagar.

## 9

Enquanto os homens conversavam, a mulher e a rapariga prepararam a ceia. Por só haver em casa duas malgas e três colheres, serviram primeiro a sopa aos dois homens, tal como haviam feito com Vaz, a primeira vez que lá fora.

- Tua companheira e tua filha? - perguntou Paulo vendo que só os dois eram servidos.

- Comerão depois - disse calmamente Manuel Rato.

Quando terminaram a sopa, Joana tirou da panela um bocado de toucinho e, tal como havia feito com Vaz, colocou-o na malga de Paulo. Manuel Rato cortou uma fatia de broa e estendeu-lha.

Paulo corou, olhou timidamente por cima dos óculos e foi com dificuldade que falou:

- Não, camaradas. Como só o que vocês comerem.

E olhou-os com um ar a um tempo culpado e obstinado: “Reconheço que tendes razão”, parecia ele dizer, “peço-vos humildemente desculpa se vos ofendo, mas comer não como.”

A mulher fez um gesto reprimido, encolheu os ombros e, corando também, olhou um e outro. A rapariga agarrou o braço da mãe e deixou de sorrir. Parecia que num momento se desvanecia a íntima camaradagem da conversa anterior.

- Estás hoje mais precisado do que nós - disse Manuel Rato, tal como dissera a Vaz, e a ampla testa clara distendeu-se e todo o escuro rosto se contraiu ainda mais, numa expressão quase feroz.

- Não - repetiu Paulo, corando de novo. - Comeremos todos.

E estendeu a malga com o toucinho à mulher. Mal o fizera, percebeu que a sua atitude era recebida com desagrado. A mulher olhou o marido, este acenou-lhe com a cabeça e ela, num gesto contrafeito, deitou de novo o toucinho na panela e encheu as malgas da sopa para ela e para a filha. A rapariga ajeitou-se acorçada junto ao pai e começou a comer, soprando ruidosamente grandes bochechadas de ar para romper o silêncio, agora incómodo. Sempre de pé e visivelmente agitada, abanando de quando em quando ligeiramente a cabeça, Joana por mais de uma vez compôs o cabelo num gesto rápido e nervoso e começou a comer sem levantar os olhos da malga. Quando o fez, deu com o visitante olhando afectuosamente a pequena por cima dos óculos. O marido observava-o e, naquele rosto duro, por detrás das sobrancelhas mais franzidas que nunca, ela viu (teve bem a certeza de ver) os olhos húmidos de lágrimas. E adivinhou com surpresa que não eram lágrimas tal como ela própria sentia subir aos olhos, lágrimas de vergonha, de indignação e de tristeza, mas lágrimas que diziam: “Sim, camarada, é esta a minha miséria, nada mais te posso oferecer, nada mais. Obrigado porque o compreendes e porque o sabes aceitar.”

Quando a mulher e a rapariga acabaram de comer a sopa, Paulo, olhando os outros com ar humilde, como pedindo perdão do seu acto, cortou quatro bocados de broa, tirou o toucinho da panela, pô-lo na malga, partiu-o em quatro, entregou a cada um o seu bocado de broa com um pedacinho de toucinho em cima e pôs-se a trincar o seu, com calma e importância.

“Corno vedes”, parecia ele dizer, “chega perfeitamente para os quatro e ficamos todos muito bem.”

Só a rapariga não conseguia comer a broa com toucinho. Todos os seus esforços estavam concentrados em reprimir o riso. Mas não o conseguiu e, embora enfronhando a cabeça no ombro da mãe, as gargalhadas, que a sufocavam, acabaram por romper altas e frescas.

- Está maluca, esta rapariga - disse a mulher. Era evidente que apoiava agora aquela alegria.

## 10

Ao jantar, Paulo observa as crianças com atenção. A, Delita come já como pessoa crescida, com compostura e desembaraço. A Elsa é a mãe que prepara e dá o comer, metendo-lhe com certa rudeza e impaciência grandes colheradas na boca. O Zeca e a Rita nem comem com acerto, nem têm quem lhes meta o comer na boca. Comem pela sua mão, mas que trabalhos! Rita pega na colher com gestos decididos, leva-a muito direita até perto da boca, mas aí começa a tragédia: a colher bate de lado no rosto ou no queixo e urna parte da sopa escorre novamente para o prato, deixando o rosto da pequenita marcado de couves e gordura. Os olhos de Rita são tão implorativos por ver a indiferença da mãe e de todos perante a sua aflição que Paulo lhe dá uma ajuda.

- Deixe, deixe - diz Madalena. - Ela já está em idade de comer sozinha.

Paulo dá-lhe algumas colheradas, alegre e comovido por ouvir os fundos suspiros de satisfação da criança e por ver os seus olhos enormes fitos nele, temos e agradecidos.

Olhando Rita, lembra-se de Isabel, rindo no ombro da mãe, sem conseguir comer o pão com toucinho. Surpreende-se por encontrar parecidas Rita e Isabel. Parecidas em qualquer coisa que não sabe definir, mas qualquer coisa que o toca da mesma forma e com a mesma intensidade. Parece-lhe também que Rita e Isabel não poderiam existir se não existisse o Partido e que há um qualquer misterioso laço entre a sua actividade revolucionária, o manifesto que redigiu, a luta dos pequenos proprietários dos pinhais e o encanto da criança e da rapariga.

Paulo não percebe que é no amor que lhes tem que elas se parecem e que esse amor está ligado por todas as fibras à sua actuação como militante revolucionário.

## Capítulo V

### 1

Vaz chegou a casa, lavou-se, comeu alguma coisa, conferiu o dinheiro com a nota de despesas, leu os comunicados de guerra, mudou as bandeirinhas no mapa e sentou-se à mesa, arrumando papéis e escrevendo.

Nas últimas semanas deram-se passos decisivos na luta dos assalariados rurais. A criação de comissões de praça foi-se alargando a todo o sector. Pela acção nas praças, os camponeses estão obtendo salários mais altos e obrigando os patrões a darem trabalho aos homens mais velhos e fracos anteriormente desprezados. Os sucessos tomam-se conhecidos e servem de rastilho a novas iniciativas. Em muitas localidades os camponeses constituem comissões de praça, e em localidades onde não há praça reclamam a sua criação. Gorou-se a reacção dos grandes proprietários, fixando salários máximos e multas para quem pagasse mais. Contra o que pensava Marques, o edita] fora simplesmente ignorado. Agora Vaz esforça-se para que a organização acompanhe a movimentação das massas, para que dos contactos estabelecidos com camponeses sem partido, a fim de defenderem os seus interesses imediatos, resulte o recrutamento de novos membros do Partido e criação de novas organizações locais. Dando balanço ao trabalho realizado com a nova orientação quanto às praças de jornas, Vaz verifica que, além de várias vitórias, foram recrutadas dezenas de proletários rurais e estabelecidas ligações com quase uma dúzia de novas localidades.

Tudo iria pelo melhor se não fora o que lhe contara José Sagarra na última conversa que com ele tivera. Na zona mais importante do sector, precisamente onde há mais importantes concentrações de proletários rurais, a organização do Partido e o movimento estão praticamente estacionários em virtude da intervenção do Comité Regional. Fora decidido que José Sagarra tomasse conta das ligações com camponeses isolados até aí controlados pelo Comité Regional. Afonso ficara de dar ligações. Nada fora ainda feito.

- A primeira vez, o camarada prometeu trazer-me a ligação dois dias mais tarde - disse José Sagarra -, mas faltou ao encontro. Agora tenho que esperar que apareça, pois não sei onde procurá-lo.



Vaz dera logo um salto a casa de Afonso. Não estava. Fora a casa de Marques para lhe deixar um recado escrito. A casa fechada, ninguém respondeu. Como tinha que fazer noutros lados, fora obrigado a deixar as coisas assim durante mais quinze dias.

Vaz lembra-se, como se fosse hoje, da reunião do Comité Regional em que pela primeira vez colocara as instruções sobre as praças de jornas. Ainda lhe soa nos ouvidos a gargalhada de Marques, quando dissera ter indicações para falar pessoalmente com José Sagarra. Ainda vê o olhar irónico de Vítor, espreitando por entre o fumo do cigarro. Na falta de Afonso ao encontro com José Sagarra, no atraso do movimento e da organização camponesa, Vaz adivinha urna resistência passiva dos camaradas do Regional. “Enganam-se”, pensa Vaz, “enganam-se redondamente. Se Afonso não der as ligações a José Sagarra, agarro-o e vai de seguida comigo a todas as localidades. E dá-mas, não tenho a menor dúvida que mas dá! “

Sentada do outro lado da mesa em frente de Vaz, Rosa suspendeu um instante a leitura e olha atentamente o companheiro. O rosto calmo e severo de Vaz parece impassível, mas na contracção dos maxilares e na secura dos mais ligeiros gestos Rosa reconhece-lhe a profunda arrelia.

- Puseste o sinal? - perguntou Rosa (Ramos. devia chegar essa noite).

- Pus.

Vaz fita por sua vez o rosto magro e triste de Rosa. Chegou a casa há já uma boa hora depois da ausência de quase uma semana e só agora olha de frente a companheira. Sim, precisa de conversar com ela, de saber o que se passou na terra durante a sua ausência e de lhe dar um Pouco de atenção e de carinho. Lê-lhe nos olhos tristes e inteligentes essa exigência, e ele próprio sente vontade de a satisfazer. Ainda lhe vem à ideia uma primeira pergunta, mas logo se lembra de que não arrumou ainda todas as coisas como é seu velho hábito ao chegar a casa.

- Já falamos - diz.

E voltou ao trabalho.

## 2

- A burguesia da terra põe-se agora às nossas ordens - disse Rosa, quando Vaz lhe deu finalmente atenção.

Apesar de irónico, o tom conservava a tristeza habitual. E contou como, indo à mercearia comprar umas linhas; o merceeiro a recebera com exagerada amabilidade e por fim lhe dissera:

- Os senhores, se precisarem alguma coisa, não se acanhem. Se for coisa que possa arranjar, dentro do possível, claro. Quanto mais não seja, tenho a minha parte no racionamento e essa está às vossas ordens.

Na mercearia estava apenas a Amélia, vizinha magrita e nervosa, sempre de sobrolho franzido e ar zangado. Rosa viera com ela estrada abaixo e Amélia dissera, franca e desembaraçada:

- A senhora sabe por que ele lhe disse aquilo? É porque cuida que seu marido e seu irmão são fiscais.

- Onde vão inventar essas coisas? - perguntou Rosa. Amélia encolheu os ombros.

- São tão ladrões, tão ladrões, têm a consciência tão negra, tão negra, que em todo o lado vêem fantasmas.

Rosa falara depois com a menina Ermelinda e com a mulher do Ernesto. As opiniões acerca da casa estavam repartidas em dois grupos. De um lado, o merceiro, as Pim-Pa-Pum e de certa forma a menina Ermelinda, inclinando-se para acreditar que Vaz era fiscal da Intendência ou tinha qualquer outro cargo semelhante. Do outro lado, a Amélia, a família do Ernesto e, de forma geral, todos os outros vizinhos, acreditando na explicação que lhes fora dada ou, pelo menos, procedendo como se acreditassem: que Vaz era agente de publicidade e de venda de produtos farmacêuticos.

- Mais nada? - perguntou Vaz

- Mais nada - disse Rosa. Ao dizer isto, lembrou-se da cadelita das tetas grandes aparecendo de quando em quando a fazer-lhe visita (as Pim-Pa-Pum estavam já decerto conformadas) e da Anica descendo do casal do Ernesto e atravessando medrosamente a estrada para vir conversar com ela. Rosa poderia contar todos esses pequenos sucessos, todos eles importantes na sua vida de solidão. Na verdade não lhe apetece agora conversar. Olha com cuidadosa atenção as faces pálidas do companheiro e diz-lhe:

- Devias aproveitar enquanto o Ramos não vem para ires descansar um pouco.

- Estas palavras são justas, porque Vaz está esgotado e porque, quando Ramos vier, ficarão trabalhando noite dentro. Mas na expressão de Rosa, num mal perceptível clarão de astúcia, Vaz lê alguma coisa mais.

Afasta a cadeira da mesa e estende as mãos.

- Anda cá!

Rosa levanta-se e, contornando a mesa, aproxima-se, com um sorriso inesperado no rosto magro e triste, um sorriso enleado e comprometido, como que pedindo desculpa de ser mulher.

Lá fora, junto à casa, ouviu-se o débil latir de um cão.

- Ouves? - ciciou Rosa. - Vem alguém, Vaz não respondeu. Respirava espaçada e profundamente. Rosa tirou com cuidado o braço debaixo do tronco do companheiro e afastou com igual cuidado o braço de Vaz que a enlaçava.

Ouviram-se passos junto à casa e na porta da cozinha soaram três pancadas - duas seguidas, outra pouco depois. Rosa levantou-se, compôs a roupa, pegou no candeeiro e foi abrir.

- Não faças barulho - disse a Ramos quando este entrou, - Enquanto comes alguma coisa, deixa-o dormir.

Ramos foi pôr a pasta no quarto de trabalho, pendurou a velha gabardina atrás da porta e o casaco nas costas de uma cadeira, pôs em cima da mesa a pistola que trazia à cinta, depois de lhe tirar a bala da câmara, e voltou à cozinha, arregaçando as mangas da camisa para se lavar.

- Ouve lá - disse voltando-se do lavatório, com as mãos e braços cheios de espuma e os dentes a brilharem. - Onde arranjaste esse cão de guarda? - As palavras saíam-lhe meio a falar meio a rir.

A pobre cadelita latira uma só vez e, ao ver o vulto desconhecido, aproximara-se afavelmente com as enormes tetas a rasarem o chão e o rabo a abanar.

Enquanto desembrulhava o tacho envolto em jornais para conservar o calor da comida, Rosa contou em poucas palavras, calmas e espaçadas' oferecendo estranho contraste com o ar zombeteiro de Ramos, corno aparecera a cadelita e como se habituara a vir por ali todos os dias. De noite era a primeira vez que dava por ela nas proximidades da casa.

Ramos limpou as mãos e sentou-se à mesa, enquanto Rosa lhe enchia um prato de caldo de couves.

- O que mais me espanta é a ferocidade do bicho! - disse Ramos. Além de invulgar corpulência, tem um ladrar horroroso, de meter medo aos assaltantes mais destemidos. Aproximou-se com uma atitude tão agressiva que estive vai não vai para voltar para trás.

Enquanto falava e ria, Ramos sorvia ruidosamente colheradas de caldo e esgarçava com os dedos pequenos bocados de pão que ia metendo na boca de uma só vez.

- Bichos destes devem trazer-se açaimados - insistiu. Rosa sentara-se também e observava o rosto enérgico, belo e alegre do camarada. Quando ele assim ri despreocupado, alguma coisa de confuso, triste e opressivo se apodera

de Rosa. Parecido, parecido, parecido. Não propriamente nas feições, mas no modo de falar e de rir, espontâneo e comunicativo, e na maneira de olhar, observador e provocante. Fora esse modo e essa maneira que a haviam cativado no outro, sim, fora isso, e nunca mais o pudera perdoar a si mesma.

- Não achas? - repetiu Ramos pela terceira vez. E deu com o olhar frio e hostil da camarada.

- Que Perguntavas?

- Nada, nada - resmungou Ramos.

- Desculpa, amigo - disse Rosa na sua voz calma e triste -, mas não ouvi. O que era?

- Nada, nada - repetiu. Tendo acabado de comer o caldo em silêncio, levantou-se.

- Vai chamar o Francisco, sim?

#### 4

Vaz pôs Ramos ao corrente dos últimos acontecimentos. Na organização confiada a António, no principal centro industrial, estavam em curso importantes lutas. Sobretudo na Cicol, onde trabalha Gaspar. Depois de várias pequenas concessões, a direcção da fábrica entrara pelo caminho da intimidação, despedira os membros da comissão de unidade, dizendo que esta era um organismo ilegal e que todas as questões deviam ser tratadas pelo sindicato. Só Gaspar não fora despedido, sem dúvida pelo seu grande prestígio. Voltara aos escritórios com uma nova comissão e, por sua iniciativa, o pessoal acompanhara-o, ameaçando largar o trabalho se os seus companheiros não fossem readmitidos. António tivera uma reunião em casa do Pereira com Gaspar e com Túlio, seu braço direito na Cicol, e viera entusiasmado. Além da importância do movimento, novas possibilidades se abriam.

- A gerência da fábrica - dissera Gaspar - está sempre a atirar-me para o sindicato, porque a direcção do sindicato é uma cambada de fascistas às ordens dos patrões. A sede do sindicato está a mais de cinquenta quilómetros. Qualquer reclamação escrita que façamos, ou qualquer viagem que faça uma comissão, é o mesmo que não fazer nada. Mas, se o Partido me auxiliar a estabelecer contacto com outras empresas noutras localidades, e se nessas localidades se desenvolver também a luta em cada empresa, então sim, ao mesmo tempo que pressionamos os patrões em cada empresa obrigaremos os dirigentes fascistas dos sindicatos a apresentarem as nossas reivindicações ao governo para serem satisfeitas a toda a classe e acabaremos por deitar pela

borda fora essa canzoada. Segundo os estatutos, as eleições são agora no princípio do ano. Devemos trabalhar para que, pela primeira vez, se cumpram os estatutos.

- Na minha opinião - diz agora Vaz a Ramos -, devemos seguir esse caminho. Temos organização em três fábricas da indústria no nosso sector. Em qualquer delas estão em curso movimentos e há comissões formadas. É altura de começar a unificar o movimento reivindicativo na indústria, e isso será também a forma de atingirmos rapidamente novas empresas para as quais procuramos ligação. Temos falado muito do trabalho nos sindicatos fascistas. Já é tempo de falarmos menos e fazermos mais.

Ramos e Vaz trocaram depois impressões acerca do sector de Paulo e das perspectivas de luta dos pequenos proprietários dos pinhais.

- Paulo não é tão mole como parece - disse Vaz. - Tem-se a impressão que lhe custa a andar, mas, quando damos por ela, já fez uma boa caminhada.

- Antes assim! - disse Ramos.

E estas palavras pareciam dizer: "Gostaria muito de poder acreditar no que dizes, mas não posso."

Vaz referiu a necessidade de se imprimir o manifesto que Paulo redigira e perguntou a Ramos se haveria possibilidades numa tipografia do Partido.

Ramos leu o projecto do manifesto. Achou bem. A parte técnica é que punha problemas.

- Para se fazer numa tipografia clandestina do Partido - disse Ramos - tenho de esperar quinze dias pelo encontro com os camaradas do Secretariado e, mesmo que aprovem e decidam fazê-lo, demorará muito tempo, pelas ligações necessárias e pelos problemas de distribuição que cria ao aparelho central. A meu ver, o melhor é contentarmo-nos com fazê-lo em cópiógrafo e tratarmos disso sem perder tempo.

- Bom - disse Vaz sem pensar sequer que estava a passar em claro mais uma noite, depois de cinco dias sem repouso nem alimento. Amanhã estou em casa. Eu mesmo o faço.

- Não é preciso que tu o faças - disse Ramos. - Não é bom querermos ser só nós a fazer tudo. Rosa pode fazê-lo.

E pediu a Vaz que fosse chamar a companheira. Acordada no primeiro sono, Rosa apareceu com os olhos vermelhos, a cara pálida e franzida, o cabelo despenteado.

- Amiga - disse Ramos. - E preciso que amanhã piques um manifesto no stencil e o tires ao copiador e sejas tu a fazer esse trabalho, não o deixando fazer ao teu companheiro. Eu preciso de uma cópia para levar comigo. És capaz de tirar agora uma cópia à máquina?

Encostada à mesa, Rosa olhava Ramos e, ou fosse de sonhos que tivera, ou fosse por se encontrar num estado de torpor e sonolência, mostrava uma expressão atenta e de simpatia, a que Ramos não estava habituado.

- O original? - perguntou.

Deram-lho e disseram-lhe que podia instalar-se ali mesmo à mesa para o dactilografar. Rosa já começara a escrever na pesada máquina e os dois homens continuavam a reunião, quando lá fora, junto à porta, se ouviu um fraco latido. Rosa parou de escrever. Os dois homens calaram-se, escutando.

- E melhor ir ver - disse Rosa.

Vaz levantou-se, dirigiu-se à cozinha e abriu a porta com cautela. Lá fora, no escuro, corria uma lufada húmida vinda do Sul. No silêncio, a cadelita voltou a latir. Evitando fazer ruído, colado à parede, Vaz aproximou-se do cunhal da casa e espreitou para o olival que descia em direcção à estrada. Tudo silencioso. Apenas chamava a atenção uma luz acesa em casa da menina Ermelinda. Tão tarde! Completamente imóvel, de ouvido atento. Vaz procurava descortinar alguma coisa de estranho entre os vultos esbatidos das oliveiras. Fungando, a cadelita veio encostar-se-lhe às pernas e deixou-se ficar, imóvel também, como a abrigar-se da humidade da noite. Na casa vizinha a luz apagou-se. Só escuridão, humidade e silêncio.

- Nada! - disse Vaz ao voltar para dentro. - Talvez alguém da casa do sapateiro que veio cá fora. Tinham luz acesa.

- Arranjaste-la bonita - disse Ramos a Rosa, olhando-a trocista.

- O teu feroz cão de guarda não poupa sequer as sombras da noite. Nunca mais vos deixa em sossego.

Por um instante, Rosa levantou o rosto magro do teclado da máquina. Nem vestígios da expressão atenta e de simpatia de momentos atrás. Olhava-o novamente com frieza e hostilidade.

“Estúpido que sou”, pensou Ramos. “Sei que não gosta de brincar e insisto sempre.”

## 5

Falando da distribuição do manifesto, Ramos abordou o problema mais geral da distribuição da imprensa, indicando novas soluções e novas tarefas.

- Se trata de ligações dispersas, os funcionários responsáveis da organização poderão continuar a fazer esse trabalho. Mas nas organizações maiores e mais consolidadas é preciso arranjar um outro camarada só para isso,

tal como já se faz noutras regiões, em que existe aparelho de distribuição. Se for desenrascado, poderá também ter em casa um copiógrafo.

No entender de Vaz, estas ideias complicavam inutilmente as coisas. A organização crescem, é certo, desde a vinda de Paulo e António para o sector. Mas, até então, ele, Vaz, aguentara à sua parte bastantes mais ligações do que qualquer dos camaradas agora tinha e em ele que levava a toda a parte a imprensa, sem que nunca tivesse havido falta ou percalço.

Ramos pareceu adivinhar-lhe o pensamento.

- A Direcção do Partido está decidida a acabar com os homens-orquestra, velhote - disse prazenteiro. - Eu sei que, pela minha parte, ainda também o sou. Tu não o és menos. Com o desenvolvimento do Partido, esse tipo de actividade, que em certo momento foi útil, necessário e indispensável, toma-se um entrave ao progresso do nosso trabalho e um perigo para a sua continuidade e segurança.

Compreendendo as razões de tal orientação, Vaz pressentia, porém, que, em muitos casos, tudo passaria a andar mais devagar, com duplicação de energias e despesas e sem aquela pronta e imediata solução dos problemas a que estava habituado. Já quando for criado o organismo de direcção do sector, embora lhe não fosse humanamente possível manter sozinho o trabalho, só com desgosto dera a Paulo e António a ligação com organizações que ele próprio criara e desenvolvera. Por muito que apreciasse os dois camaradas, no íntimo estava sempre intranquilo pelo que iriam fazer e sofria por não poder ele próprio executar as tarefas que lhes cabiam. Um novo camarada para a distribuição seria talvez mais seguro. Seria de certeza menos eficiente. A experiência ensinara-lhe a confiar mais na própria energia e na própria iniciativa do que em esquemas complicados de organização, onde com facilidade se criam burocracias, resistências, travões de toda a espécie. E citou o caso de José Sagarra e dos camponeses.

- Repara nesse caso. Aí há um Comité Regional, há Comités Locais, há uma organização numerosa. E, entretanto, nas aldeias controladas José pelo Comité Regional não se tem dado um passo. Salvo a aldeia de os Sagarra, que era controlada pelo Comité Regional, mas que está ligada directamente a mim, ainda não há uma única comissão de praça formada, não há notícia de uma luta por melhores jornas, não há quaisquer progressos de organização camponesa. Em compensação, partindo de ligações dispersas e do trabalho individual de alguns camaradas, há noutros lados movimentação de massas e progressos da organização. Teoricamente devia ser o contrário. A verdade é que a nossa mais forte organização regional nesse sector é a mais parada e a mais morta de todas elas.

Ramos concordou em parte com Vaz. De facto, um funcionário do Partido leva à organização um dinamismo, uma direcção e uma assistência que não levam os quadros locais do Comité Regional, presos pelos seus afazeres profissionais. Mas não se deve ajuizar da eficiência dos processos de trabalho apenas pelos sucessos mais imediatos. Dada a impossibilidade de construir os Comités Regionais com funcionários do partido, o trabalho de organização em vastos sectores assente no controlo individual dos três funcionários, sobrecarregados além disso com a entrega do material nem oferece segurança bastante, nem garante a conveniente assistência.

- Na medida em que a organização se desenvolva, impõem-se medidas de descentralização - insiste Ramos. - No caso que citas, o mal não está na existência do Comité Regional, mas, admitindo que é correcta a tua apreciação dos quadros, nas incompreensões e debilidades dos camaradas que o constituem.

- Perfeitamente - atalhou Vaz como se há muito esperasse essas palavras. - Na minha opinião, o Comité Regional emperra tudo. Ou lhe damos sangue novo, ou temos de lhe saltar por cima.

Ramos lembra-se da última conversa que teve com Marques e da opinião desfavorável deste acerca de Vaz. Ele próprio reconhece haver graves incompreensões e deficiências do Comité Regional, mas parece-lhe que a pressa de Vaz em tomar medidas radicais resulta em grande parte de má vontade pessoal, especialmente para com Marques, camarada já antigo, com provas dadas na prisão e uma forte personalidade.

- Andemos mais devagar - disse Ramos. - Marques é um velho camarada e os outros também já cá andam há um par de anos. Apesar de tudo, são os melhorzinhos que temos.

- Não, não são os melhorzinhos que temos - interrompeu Vaz mansamente. - o José Sagarra faria de certeza melhor trabalho no Comité Regional do que qualquer dos que lá estão. Tem um espírito de sacrifício e um espírito de Partido que faltam ao Marques, ao Vítor, mesmo ao Afonso, e não digo ao Cesário, porque o Cesário, embora calado, é o melhor dos quatro. Quanto a mim, se queremos desenvolver trabalho, temos que remodelar o Comité Regional.

E depois de uma pausa repetiu:

- Ou lhe damos sangue novo, ou temos de lhe saltar por cima. Ramos sorriu. Vaz diz que Se agarraria melhor trabalho que os camaradas do Comité Regional e Marques dissera que qualquer dos camaradas do Comité Regional faria melhor trabalho que Vaz.



- Mais devagar, mais devagar - insiste Ramos. - Repara que, apesar de tudo, o Comité Regional controla cerca de meia centena de militantes. Procura ainda convencer os camaradas, discute novamente com eles, faz-lhes ver a necessidade de uma melhor assistência às organizações e combina tu mesmo com Afonso a entrega das ligações ao Sagarra.

Vaz ficou uns instantes silencioso, o rosto pálido e severo extremamente concentrado, o olhar colado à chama do candeeiro.

- Muito bem - disse por fim. - Assim farei, Uma coisa porém te digo. O Comité Regional continua tal como está. Mas se o Afonso não dá as ligações camponesas ao José Sagarra e se vamos esperar por elas, o movimento camponês fica ali parado e emperrado, quando caminha em toda a parte. Pois eu digo-te que não fica emperrado. Se Afonso não dá as ligações, qualquer dia vai por elas e já me encontra lá a mim ou a José Sagarra, a animar a luta dos camponeses.

Olhando o rosto pálido e severo de Vaz, os seus olhos claros e fixos e lembrando-se de toda a história do desenvolvimento daquela organização, Ramos teve a certeza que de facto assim sucederia.

## 6

Era já noite quando Vaz bateu à porta da casa de Afonso.

- Ah! - fez a mãe de Afonso ao abrir a porta. "Foi preso!", pensou Vaz ao ouvir essa desusada exclamação. Mas logo, tão vertiginosamente como aparecera, essa suspeita se afastou do seu espírito e pareceu-lhe adivinhar na exclamação, mais que surpresa ou susto, desagrado.

A mulher costumava chamar o filho da porta e ali se deixava ficar até ele meter a bicicleta de Vaz dentro de casa antes de sair com o camarada. Desta vez procedeu de forma diferente.

- Não sei se ele está - disse ela. - Espere um momento que eu vou ver.

Semicerrando a porta, sumiu-se no interior. Pareceu a Vaz ouvir palavras baixas e sufocadas e depois como que uma porta a fechar-se entre ele e as vozes. Seguiu-se dentro da casa um grande silêncio. Esperou um bocado e já se preparava para bater novamente à porta quando esta se abriu e apareceu o vulto alto e esguio de Afonso. Contra o costume, não guardou a bicicleta. Saiu ao passeio e ficou uns instantes parado.

- Vamos? - perguntou Vaz. Nem sequer lhe perguntou se não guardava a bicicleta, pois, na exclamação da mãe de Afonso, no ciciar de palavras dentro da

casa, na demora, via existir qualquer razão desconhecida, mas bastante. Não se tratava de esquecimento.

Seguiram rua fora até àquelha por onde costumavam ir para casa de Cesário.

- Faltaste ao José Sagarra - principiou Vaz. Afonso pareceu hesitar.

- Faltei - disse por fim. - Fui seguido, quando me dirigia ao local do encontro.

- Seguido, como?

Afonso contou então que nos últimos tempos, tanto em frente da oficina como em vários sítios da terra, notava a presença dum tal Chico Maneta, um patifório da Legião, que não arredava pé enquanto ele, Afonso, não arredasse também. Quando se dirigira ao encontro com o José Sagarra, à saída da cidade, viu o Maneta à porta de uma taberna, já perto do local do encontro. Por isso resolvera não ir.

- Lembras-te de te ter falado num tipo suspeito que me seguiu várias vezes de noite? Estou convencido de que era o Chico Maneta.

- Por que dizes isso? - perguntou Vaz. Afonso hesitou novamente.

- Parece-me - disse por fim. - Tenho esse palpite.

- Isto não são coisas de palpites, amigo - disse Vaz numa voz seca e cortante. O que lhe contava Afonso não lhe parecia de nenhuma forma explicar a falta de José Sagarra. Via nisso uma maneira de Afonso procurar explicar não ter dado as ligações com os camponeses. - Por que não o procuraste depois disso? - perguntou.

- Não tenho podido - explicou Afonso. - Na oficina temos tido serões. Amanhã, que é domingo, penso procurá-lo.

Afonso disse estas palavras com voz segura.

- Quando lhe dás as ligações? - perguntou ainda Vaz.

- Combino com ele e levo-o às localidades. Se ele amanhã puder sair da terra, uma pode já ficar.

“Bom”, pensou Vaz, “ele está disposto a dar as ligações. O caso não é o que eu pensava.”

- Quero dizer-te francamente uma coisa - disse Vaz. - Julguei que tinhas faltado a José Sagarra por má vontade em dares as ligações com os camponeses, pois vocês têm fraca opinião do camarada e não estavam convencidos da justeza da orientação do Partido. Quanto à explicação que deste da falta, quero também dizer-te francamente que no que contas não veio razão bastante para que tivesses faltado.

Afonso andou uns passos silencioso. Na penumbra, a sua figura esguia parecia mais curvada que de costume. Quando voltou a falar, a voz tremia-lhe ligeiramente.

- Eu não sou mentiroso, camarada. Noto que sou vigiado e, a não se tomarem medidas, não me responsabilizo pelo que houver.

- Que medidas? - perguntou Vaz.

- Aqui na terra não posso fazer mais nada - disse Afonso de uma maneira exaltada que lhe não era habitual.

Nessa maneira, na lembrança do que se passara à chegada, Vaz percebeu que Afonso exprimia uma opinião pensada e amadurecida. Aí está, Afonso não queria fazer mais nada! Por pressões de família? Por desânimo?

- Que queres então? - perguntou num tom de censura, quase de desprezo.

- Queres abandonar o Partido?

- Abandonar o Partido?! - interrompeu Afonso.

A voz era acalorada e cheia de indignação.

## 7

Não. Agora Afonso não pensava abandonar o Partido.

Pensara-o por instantes nós dias que se seguiram à partida de Maria. Quando vira a camioneta desaparecer ao longe levando-lhe, talvez para sempre, a rapariga querida, voltara tristemente a pé pela estrada, olhos enevoados, um peso no peito, segurando-se apenas de soluçar pelo espanto que os acontecimentos lhe causavam. Fora tudo tão rápido e inesperado. Sentia-se como preso e esmagado por uma máquina poderosa que o agarrara nas suas engrenagens e o fora inexoravelmente arrastando até à abdicação dos seus próprios interesses e desejos, até contribuir para o que menos desejava, até perder Maria. Por que não reagira enquanto era tempo? Por que não lutara pela sua felicidade? Vaz e Ramos apareciam-lhe como peças dessa máquina poderosa, abusando da sua boa-fé e da sua sinceridade, para lhe roubarem o tesouro mais querido. Ali!, nesse instante desejou libertar-se para sempre das terríveis obrigações que contraíra, não mais ter de submeter-se a homens que, sendo seus iguais, se sentiam no direito de lhe destruir o bem-estar e os sonhos, e fugir, fugir, fugir para algum lugar ermo, isolado e silencioso, onde pudesse ficar sozinho com a sua dor.

Nesse dia não voltara à oficina e fora meter-se no quarto, deitado sobre a cama, a cabeça apertada nos braços encurvados. A mãe, que havia muitos dias acompanhava o seu estado de espírito, fora sentar-se na borda da cama sem se

mostrar admirada de ali o ver à hora do trabalho, sem fazer qualquer pergunta, nem qualquer censura. Embora não soubesse nada do que se passava, falara como se na verdade tudo soubesse.

- Não queiras saber mais disso, filho - disse numa voz suave, enquanto lhe pousava levemente a mão nos cabelos. - Por muito grande que seja um desgosto, não pode destruir uma vida. Tu és novo, encontrarás consolações para aquilo que agora te faz sofrer e daqui a algum tempo terás já esquecido o que agora sofres.

Afonso puxou-lhe a mão, encostou-a aos lábios e ficou assim, de olhos cerrados.

- Até agora só tens pensado nos outros - continuou a mulher, sentindo no gesto do filho uma aprovação às suas palavras. - É justo pensares um pouco em ti.

Assim continuou Afonso nesse dia e nos dias seguintes tentando a construir uma nova vida, onde cuidasse dos próprios interesses e do próprio prazer e onde se visse libertado das preocupações opressivas que lhe criara a actividade do Partido. Por uma razão fundamental, a mãe não conseguiu convencê-lo: porque não lhe podia dar aquilo que ele mais queria e que queria agora mais por não ter ao seu alcance e por lhe sentir a perda.

Por Maria esteve Afonso para perder o Partido. Foi também Maria que o reconduziu a ele.

## 8

Numa cidadezinha da província podem ignorar-se muitas coisas da vida pessoal de cada um, das suas preferências e hábitos. Uma coisa não se ignora: quem é pelo governo e quem é contra o governo, Os fascistas são apontados a dedo e, nos casos raros de trabalhadores fascistas, são objecto de desprezo e abandono. Os democratas mais ferrenhos e em especial os simpatizantes comunistas também muitas vezes são conhecidos, sobretudo pelos fascistas. Nos lugares de trabalho, ou de recreio, e mesmo na simples passagem da rua, cada qual observa e segue com a vista os do partido contrário ou suspeitos de o serem. Alguns não se limitam porém a estes olhares carregados de ódio e desconfianças. Observam, registam e informam. Se, por exemplo, alguém é visto a falar frequentemente com o carpinteiro Marques, ou se de noite é visto um grupo de operários falando em voz baixa, ou se é apanhada no ar uma frase suspeita, tudo isto é comunicado ao tenente da GNR, que vai fazendo

investigações por sua conta e, de tempos a tempos, quando a matéria o justifica, faz os seus relatórios à polícia.

Por tudo isso, acontecia a Afonso topar com fascistas e sentir-se observado por eles. Era particularmente frequente topar com o Chico Maneta (valdevinos e legionário sem profissão nem trabalho) parado à porta duma taberna ou dum café, ou à esquina duma rua, ou em- frente dos correios, do tribunal ou do mercado.

Se Maria não tivesse partido, Afonso não daria a esses maus encontros mais valor do que sempre dera. De repente, sem ele mesmo se aperceber bem porquê, começou a vê-los com um- carácter ameaçador e a encontrar neles uma razão para faltar às reuniões e reduzir a actividade. De mistura com isto, uma outra ideia foi lentamente ganhando raízes: a ideia da impossibilidade de desenvolver ali na terra actividade partidária e de um perigo iminente para a sua segurança e liberdade. Por Fim, esta evolução dos seus sentimentos revelou-se-lhe de súbito de uma forma acabada e completa. A necessidade de passar à clandestinidade.

Ocorreram-lhe então recriminações contra si próprio. Por que não propusera aos camaradas passar à vida clandestina com Maria? Um mês atrás, não teria posto sequer a questão, pois se sentia demasiado preso à mãe, à terra, aos seus hábitos de vida. Agora parecia-lhe absurdo não ter sequer pensado em pô-la. Sozinho, corara pela sua indecisão e falta de iniciativa e pelo único beijo que dera a Maria e nunca teria dado se não fora ela. Sim, podia ter provocado uma situação de intimidade com Maria e fortalecer com essa situação a proposta de passarem os dois juntos à clandestinidade. Por que o não fizera? Sim, por que o não fizera? Agora Maria está vivendo com outro camarada, quando podia estar vivendo com ele e (quem sabe?) tendo talvez criado já uma situação pessoal com esse camarada desconhecido, quando era dele, Afonso, que ela gostava. Esta ideia é tão dolorosa e tão difícil de aceitar que Afonso sente necessidade de a pôr de lado e de crer ainda que o afastamento de Maria não é irremediável.

A mãe de Afonso, que, durante alguns dias, julgara triunfar e arrancar o filho aos perigos da sua actividade política, vê com surpresa e inquietação como ele de um dia para o outro começa a ter reacções bruscas às suas palavras, ainda na véspera recebidas com interesse, como se elas lhe fossem e tivessem sido sempre profundamente desagradáveis. Quando Afonso se resolveu a receber Vaz, viu ter perdido a partida.

É por isso que Afonso agora se indigna quando Vaz lhe pergunta se quer abandonar o Partido e lhe transmite a sua disposição de passar à clandestinidade.

Aliviado da desconfiança que o assaltava, Vaz lembrou-se da conversa com Ramos acerca da necessidade de um funcionário para a distribuição no sector. E diz:

- Falarei aos amigos. Em qualquer caso, se te vires apertado, não te deixes prender.

Tinham chegado ao muro do quintal de Cesário. Como de costume, encontraram, além do dono da casa, Marques e Vítor.

## 9

Com grande surpresa de Vaz, o carpinteiro Marques não só se manifestou de acordo com a orientação quanto às praças de jornas como fez uma autocrítica pela sua atitude anterior.

- Reconheço que errei - diz Marques, numa voz que procura aparentar completa calma, desmentida pelo fulgor dos olhos detrás das lentes espessas. - Não oferece dúvida que a luta dos camponeses se está desenvolvendo na base da orientação do Partido. O dever do Comité Regional é rectificar as suas deficiências e lançar-se com decisão à mobilização e organização dos camponeses seguindo a orientação traçada pelo Comité Central.

Ao ouvir estas palavras, Cesário abriu um largo sorriso no rosto moreno.

- Ora ainda bem que pensas assim - disse ele. - Os camaradas de cima vêm mais a dormir que nós acordados.

A obstinada posição anterior de Marques justificava plenamente estas palavras, mas elas foram recebidas por Marques e Vítor com manifesto desagrado. Até com irritação.

- Estou completamente de acordo com o camarada Marques - disse Vítor sem desencostar o queixo da mão em que o apoiava e expelindo lentamente uma baforada de fumo. - Vimos mal o problema e temos que recuperar o tempo perdido.

Vaz perguntou a Afonso o que pensava. Afonso parecia distraído. A madeixa tombada para a testa dava um aspecto ainda mais jovem ao rosto melancólico.

- Estou de acordo com os camaradas - disse apenas.

Vaz fez então uma curta intervenção, sublinhando a atitude positiva dos camaradas ao fazerem uma autocrítica (embora ele, Vaz, a não achasse ainda suficiente) e salientando com regozijo a disposição de se lançarem ao trabalho e recuperarem o tempo perdido. Aliás, Vaz já falara com Afonso e, no referente às

ligações que ficara de dar e não dera a José Sagarra, estava convencido de que isso se ia agora resolver rapidamente.

Ao ouvir estas palavras, Vítor lançou a Marques um olhar interrogativo por entre o fumo do cigarro, enquanto na boca se lhe desenhava um vago sorriso. Marques dirigiu por sua vez para Vítor um rápido olhar.

- Deixemos isso para o fim - disse Marques. - Antes de mais nada devemos estudar medidas práticas a tornar pelo Comité Regional para rectificar as suas deficiências no sector- camponês.

Marques expõe então um plano de trabalho seguindo a orientação superior do Partido. O plano de Marques era afinal a reprodução das ideias gerais expostas na imprensa clandestina sem qualquer consideração acerca da situação concreta no sector. A Vaz parecia que Marques estava apenas a querer mostrar o seu acordo com a linha do Partido e o perfeito conhecimento desta. Dir-se-ia que recitava uma lição, dando indicações e instruções muito vagas, embora muito bem encadeadas, sem uma só referência a condições particulares numa ou noutra localidade.

- Parece-me bem - disse Vaz, quando Marques terminou a sua exposição. - E de desejar que os camaradas levem por diante essa orientação.

Marques olhou novamente de relance para Vítor como perguntando “agora?” e disse:

- Parece-me que a medida prática imediata e fundamental a encarar é a questão de controlo. Até agora, Afonso tem tido a seu cargo praticamente todas as ligações com as aldeias. Apesar da sua boa vontade, ele não pode chegar a todo o lado e isso tem sido uma das razões principais do atraso do nosso trabalho nesse sector. Na minha opinião, o controlo das organizações camponesas e de camponeses isolados deve passar a ser feito por outros camaradas. Excluo o Cesário, porque tem já a seu cargo o controlo das principais empresas da cidade. Mas eu e o camarada Vítor, mesmo com pequena participação do camarada Afonso, cuja situação conspirativa o obrigará possivelmente a afastar-se durante algum tempo do trabalho, podemos assegurar a realização da tarefa.

Vaz acompanhou as exposições com o rosto severo e impassível. Mas os olhos claros estavam agora fixos em Marques e apercebia-se-lhe uma ligeira contracção dos maxilares. Por entre o fumo do cigarro, Vítor espreitava atento.

- Muito bem - disse Vaz secamente. - Os camaradas Marques e Vítor passarão a ter também algumas ligações camponesas. Mas aquelas que Afonso ficou de dar ao Sagarra serão à mesma dadas a esse camarada.

- Ah, isso não! - quase gritou Marques, os olhos a fuzilar.

Vítor riu, como se Vaz acabasse de dizer um autêntico disparate.

“Cá está!”, pensou Vaz. “Estamos afinal no mesmo ponto, sem termos dado um único passo.” E lembrou-se da conversa que tivera com Ramos e das palavras que lhe dissera: “Ou damos sangue novo ao Comité Regional, ou temos que lhe saltar por cima.”

Vaz insistiu em que essas ligações deviam ser dadas a José Sagarra, que ele próprio, Vaz, estava controlando, com vistas à rápida mobilização e organização dos camponeses do sector. Todo esse trabalho camponês seria mais tarde ligado ao Comité Regional, mas, nas circunstâncias presentes, este não estava em condições de o realizar.

Marques preparara-se porém cuidadosamente para a reunião. Com os olhos inteligentes brilhando atrás dos óculos, referiu princípios orgânicos e métodos de trabalho indicados na imprensa do Partido, citou os mestres do comunismo e concluiu por afirmar que os processos de trabalho de Vaz, saltando por cima do Comité Regional, tirando ligações ao Comité Regional e dando-as a um camarada de base, eram no fim de contas não processos de organização, mas processos de desorganização, de desautorizar os organismos dirigentes do sector, de desagregar a organização regional.

- A questão é muito simples - disse Vaz sentindo a hostilidade de Marques, de Vítor e, parecia-lhe, de Afonso. - Enquanto o Comité Regional controlava as raras ligações do sector, passaram-se meses e meses sem um movimento e não houve qualquer progresso da organização. Depois, destes directrizes erradas sobre as praças de jornas, contrárias à orientação do Partido. Só por essas razões foi decidido que um camarada da Direcção tomasse directamente conta do sector camponês. Desde que esse trabalho passou a ser controlado directamente por funcionários (Vaz não citou o seu próprio nome) e a ser dirigido e impulsionado por outros camponeses (Vaz não citou o nome de José Sagarra) levaram-se a cabo dezenas de movimentos e lutas, melhorou-se em muitos casos a situação dos proletários rurais e fizeram-se numerosos recrutamentos para o Partido. Pois bem, camaradas, não só neste momento esse trabalho não vos será entregue como insisto para que Afonso dê as ligações, sobretudo duas - e Vaz citou duas localidades.

Procurando com visível esforço conservar-se calmo, Marques falou ainda:

- Quando nós defendíamos uma orientação que agora reconhecemos ser errada, ainda se compreendia que a Direcção do Partido entregasse a outros camaradas o controlo das organizações camponesas do sector. Agora que reconhecemos o nosso erro e não só mostramos estar de acordo com a linha do Partido como mostramos conhecê-la e poder levá-la à prática, nada justifica que esse controlo não seja exercido pelo Comité Regional.



Vaz não respondeu logo. Verificou impassível as reacções dos camaradas às palavras de Marques e deteve apenas um pouco mais o olhar na expressão trocista de Vítor.

- Parece que os camaradas - disse por fim - fizeram uma autocrítica apenas como última forma de incompreensão e resistência, apenas como processo de continuar a enterrar a actuação do Partido no sector camponês.

A discussão prosseguiu acalorada. Cesário procurou algumas vezes, sorridente e com palavras calmas, que destoavam no ambiente tempestuoso, convencer Marques a concordar com Vaz. Afonso quase nada disse, insistindo apenas que faria o que Ficasse resolvido. Vítor teve algumas intervenções irónicas e maliciosas em apoio de Marques. Marques argumentou longamente em defesa do seu ponto de vista, respondendo taco a taco às palavras de Vaz. Mas se, quanto ao desenvolvimento geral do trabalho camponês, Vaz concordou com a futura actuação de Marques e Vítor, não arredou um passo no que respeita às duas ligações principais a serem dadas a José Sagarra ou a ele, Vaz.

- Far-se-á assim - disse Marques por fim, pálido de cólera e com os olhos como brasas atrás das lentes. - Mas faz-se apenas por disciplina.

- Perfeitamente - disse Vaz numa voz seca e fria, olhando os camaradas com fixidez. - Fazei-o por disciplina e estará muito bem.

Estas palavras soaram aos ouvidos irritados de Marques como que dizendo: "o que é preciso é que as coisas se façam tal como eu digo. A vossa opinião é-me completamente indiferente."

## 10

Quando Marques, Afonso e Vítor saíram, Cesário pediu a Vaz (que pela primeira vez passava a noite em sua casa) para esperar um pouco, e foi à casa vizinha, onde moravam os sogros, chamar a companheira. Conforme o costume quando havia reunião, fora para lá seroar. Passado um bocado, voltou com uma rapariga magra, alta e loura, com uma expressão envergonhada e doce.

Cesário apresentou-a e, enquanto a rapariga, com a cabeça ligeiramente inclinada para a frente, olhava com curiosidade o hóspede e os papéis que ele tinha sobre a mesa, Cesário tinha estampado no rosto moreno um largo sorriso que parecia perguntar: "Então, que tal achas a minha rapariga?" Via-se estar verdadeiramente contente com ela. Quando a rapariga saiu do quarto para ir arranjar a cama para Vaz, Cesário disse sorrindo ainda:

- Se um dia tivesse de mergulhar, tinha ali mulher para ir comigo. Vaz lembrou-se nesse instante de Rosa e disse ser muito importante ter uma boa companheira, pensando como nós e acompanhando-nos na difícil vida clandestina.

- Se uma mulher não compreende nem aceita a nossa luta, se não está disposta a ajudar nela o seu companheiro e a arrostar os perigos, contingências e dificuldades que a luta comporta, uma tal mulher não pode nem deve ser a companheira de um militante. Na minha opinião, os nossos camaradas devem casar cedo, mas só casar com uma mulher capaz de compreender, aceitar e ajudar a nossa luta. Não sendo assim, o único caminho é ficar solteiro.

- Sim - disse Cesário -, isso deveria ser assim. Infelizmente há ainda camaradas que, em vez de procurarem arranjar uma companheira honesta, simples e dedicada, só se sentem bem com prostitutas ou doidivas.

Embora Cesário não tivesse nomeado qualquer nome, pareceu a Vaz que o camarada não falava apenas na generalidade, antes se queria referir a algum caso concreto passado na organização regional.

- Por que pensas tu que os camaradas Marques e Vítor são solteiros? - perguntou.

De mangas arregaçadas da camisa de ganga, Cesário cruzou os braços escuros.

- Marques esteve alguns anos preso e, enfim, não se toma simpático às raparigas, sabes? Já não é uma criança e elas têm-lhe medo. Quanto ao Vítor, olha, amigo, prefiro não falar nisso.

Esta atitude surpreendeu Vaz. Disse não pretender coscuvilhar a vida de cada um, mas ser necessário ao Partido conhecer a vida e a conduta pessoal dos seus membros. Só por isso fizera a pergunta e insistia na conversa.

Cesário suspirou contrafeito.

- Tu vais pensar que a minha opinião resulta de razões familiares, pois o Vítor namorou uma cunhada minha. Mas a verdade é que essa minha cunhada é uma rapariguinha séria e modesta, é hoje a nossa melhor camarada na fábrica da juta, e ele andou a entretê-la dois anos e no fim não quis saber mais da rapariga para se ligar aí a uma boneca qualquer.

Cesário parou um pouco.

- Para falar com franqueza: julgo impróprio de um camarada ligar-se a mulheres dessas.

E descreveu-a. Era empregada nos correios. A propósito e a despropósito, abanava a enorme cabeleira, atirando-a com golpes secos do pescoço, ora para um lado ora para o outro, como se quisesse com ela- passar à capa aqueles com quem falava ou com quem tropeçava no caminho. As suas gargalhadas ouviam-

se a cinquenta metros e dava-as não porque tivesse vontade de rir, mas apenas para chamar a atenção e mostrar os dentes.

- Aquilo é mais uma égua do que uma mulher - concluiu Cesário.

Vaz não se apressou em concordar. Só por si (parecia-lhe) o facto ser um pouco tola, de se pintar e de rir às gargalhadas, não queria dizer que não pudesse ser uma pessoa aproveitável.

- Aproveitável! - espantou-se Cesário.

E contou como se dizia e toda a cidade que ela era amante do comandante da Legião.

- Em que ficamos? - perguntou Vaz. - Não disseste que o Vítor anda metido com ela? É amante do Vítor ou do comandante da Legião?

- Dos dois, amigo, dos dois, e possivelmente de mais alguns. E acrescentou que Vítor aparecia com ela em público, no café, nos cinemas, na rua. Mas não só isso. Vítor era visto por vezes com outras mulheres de má fama, em leitarias ou no café, comendo pastéis e bebendo o que calhava.

- Agora repara. Que confiança podem ter no Comité Regional os camaradas que conhecem o Vítor e o vêem proceder assim? Olha! Até já houve quem dissesse que Vítor gastava em proveito próprio dinheiro destinado ao Partido.

- Já lhe falaste alguma vez nisso? - perguntou Vaz.

- Não, nunca lhe falei a ele nem a ninguém. É agora a ti que o digo pela primeira vez.

- Teria sido melhor teres levantado a questão no Comité Regional. E é lá que tem de ser levantada.

Cesário ficou embaraçado.

- Para ser franco, parece-me que não serei capaz.

- Coloco eu, não te apoquentes - disse Vaz com uma expressão de troça e ameaça.

## 11

Cesário tinha prevenido Vaz de que na manhã seguinte muito cedo passaria ali por casa um camarada da mais importante oficina da cidade e perguntou-lhe se queria evitar que ele o visse.

- Escusas de dizer quem sou e que passei cá a noite, mas até vantagem em conhecê-lo - respondeu Vaz.

E pelo espírito voltou-lhe a passar a sua ideia acerca do Comité Regional, agora fortalecida pelas informações de Cesário sobre a vi pessoal de Vítor: “Ou sangue novo, ou saltar-lhe por cima.”

Era um homenzinho baixo e magro, de rosto afilado e olhos piscos. Numa voz cortante, que tomava um tom de falsete quando procurava falar mais depressa ou se entusiasmava, contou o que se passara na tarde anterior.

- Como sabeis, o cartola queria formar uma comissão de engraxadores, dizendo só reconhecer essa como representando os operários da casa e chamando à outra um grupo de indisciplinados e desordeiros, Mas quem foi ele escolher? Foi escolher o Zé Augusto, que é contramestre, o Joaquim Coxo, que é um desgraçadito que vai para onde o levam, e quem mais? Pois o Borralha, meus filhos, o Borralha, que nunca soube fazer outra coisa senão beber vinho. Ontem o patrão mandou reunir o pessoal e disse que a comissão estava formada, que eram homens sérios e que quando o pessoal pretendesse alguma coisa da gerência devia tratar com a comissão. O Miguel saltou logo, e disse que estava já formada uma comissão escolhida por todos e que aquela que o patrão indicava não podia merecer a confiança do pessoal. O cartola tomou a falar, ameaçou, barafustou, e a rapaziada começou a encolher-se. “Muito bem!”, disse eu então. “Pela minha parte estou de acordo com essa comissão.” Se querieis ver o cartola! Interrompeu-me logo, disse que eu era um dos melhores operários da casa, que sempre respeitara as minhas ideias, etc., etc., etc. “Aqui o Henriques”, disse ele, “é um homem sensato e foi pena não me ter lembrado dele.” “Bom”, disse eu então, “estou de acordo com a comissão, mas penso que ela deve dar provas.” “Sem dúvida, sem dúvida”, concordou logo o cartola, julgando ver já a nossa comissão dissolvida e a dele reconhecida pelo pessoal. “Pois muito bem”, disse eu. “As provas podem começar já: que o nosso camarada Borralha nos diga como pensa orientar o seu futuro trabalho como membro da comissão. Se querieis ver! “Fala, Borralha!”, gritava um. “Ó Borralha, discursa, homem, não percas a ocasião!”, dizia outro. “Dá-lhe, Borralha, agora ou nunca!”, gritava um terceiro. E o Borralha, com o seu focinho de borracho, baixava a cabeça, olhava a gente de baixo para cima e fazia uma figura tão cómica que tudo desatou a rir. “Ah, Borralha da minha alma que hás-de chegar a ministro!” o chinfrim foi tão grande, o pessoal riu tanto, tanto, que o cartola acabou por fugir para o escritório. Então o Borralha, corrido, disse “gaita!” e atirou o boné ao chão, e nós, os da comissão, fomos atrás do cartola. Recebeu-nos logo. Que não ganhávamos nada com a indisciplina e o desrespeito, mas que estava bem, que nos receberia na segunda-feira conforme tínhamos pedido.

Vaz tomou nota num papel daquilo que o camarada acabava de contar, fez-lhe ainda algumas perguntas (quantos operários eram, quais as principais reivindicações e outras) e disse ser muito interessante a maneira como estavam a conduzir a luta.

Henriques piscou os olhos e sorriu satisfeito.

- Na segunda-feira já sei o que nos vai dizer. Nós pedimos aumento de 5 escudos e o arranjo dos vidros partidos das janelas. Quanto aos vidros vai prometer mandar arranjá-los. Quanto aos 5 escudos vai dizer que não pode. E eu então digo-lhe assim: "O senhor não pode? Pois nós também não podemos. Isto sem carvão não marcha. Dá os cinco, tudo continua muito bem. Não dá, temos que andar mais devagar."

- É isso mesmo - disse Vaz, e, com pena de não poder continuar a conversa, despediu-se e partiu.

Nas ruas, quase desertas, viam-se aqui e além homens parados, esperando ver passar mulheres para o mercado e para a missa. Uma vendedeira de leite arrumava cuidadosamente algumas bilhas reluzentes de encontro à parede de um prédio. Um gato vadio espreitou de um muro, com os olhos comprometidos e espantados, a inquirir do caminho para dar o salto e fugir.

Numa ruazinha inclinada de empedrado irregular, Vaz, que seguia com a bicicleta à mão, olhando para o lado, deu subitamente com Vítor, recuado na porta de uma leitaria. Estava acompanhado por um desconhecido, e, embora tanto este como Vítor desviassem rapidamente o olhar, Vaz ficou com a certeza de que falavam dele.

"Que quer isto dizer?", perguntou Vaz de si para si. "Confidência a um camarada? Tagarelice? Ou quê?"

E desejou galgar por cima das três semanas que faltavam para a nova reunião do Comité Regional.

## Capítulo VI

### 1

- Ui!, que cara tens! - exclamou Ramos. - Calo agravado ou males do coração?

Nem uma coisa nem outra: apenas uma dor de dentes. Passara a última semana agarrada aos queixos, sem disposição para nada. Até experimentara um cigarro, ela que andava sempre a protestar contra o tabaco e o mau cheiro que deixava em casa.

- Sabes de que é? - disse Ramos, enquanto despia o casaco.

- É de comeres tantos doces. O açúcar faz mal aos dentes.

Cotovelos apoiados na mesa, rosto batido pela luz do candeeiro, olhos sorridentes cercados de rugas, António apreciava as graças do camarada.

- Nem por isso tenho comido muitos doces - respondeu Maria, a sério. - Fora o açúcar que deitamos no café não entram outros cá em casa.

Ainda não tinha terminado, já Ramos explodia numa gargalhada, enquanto acendia o cigarro.

Bateram à porta. Maria foi abrir. Cansados, carregados de pastas e embrulhos, Paulo e Vaz entraram. Vaz tirou o boné, que lhe deixou vincado na testa pálida um duplo risco vermelho.

- Também te doem os dentes, velhote? - perguntou Ramos, ainda a rir.

Emagrecido e contraído, olheiras fundas e lilases, Vaz não respondeu. Como se não tivesse ouvido, saiu do quarto de trabalho e dirigiu-se à cozinha. Encheu uma tigela de água e bebeu em grandes goles, até ao fim. Lavou a tigela, colocou-a no sítio donde a tirara e regressou para junto dos camaradas.

- Também não trazes noticias de meu pai? - perguntou Maria.

Na verdade, não trazia. Esquecera-se por completo. Mas, mesmo que se não tivesse esquecido, nada poderia ter feito. Na sua ida à cidade, houvera desta vez muitas coisas importantes a discutir.

- Está tranquila e sossegada, amiga - concluiu Vaz. - A primeira vez que cá voltar trago notícias de teu pai.

- Acredita nele - disse Ramos. - o difícil é meter a moeda. Como já meteste a moeda, tens o prémio garantido.

Maria olhou-o magoada e voltou-se para Vaz.

- Dizes que posso estar tranquila, amiguinho. Isso é bom de dizer. Quando vim para a clandestinidade, disseram-me que teria notícias regulares de meu pai. Até hoje ainda não as recebi. Uma vez por isto, outra por aquilo, ainda ninguém mas trouxe. Como posso estar tranquila?

- Terás razão - condescendeu Vaz. - Mas não foi possível, Tinha coisas importantes e urgentes a tratar.

- Coisas importantes e urgentes, amigo. E não será importante e urgente trazer a uma filha inquieta notícias do pai doente? É fácil dizer: "Está tranquila e sossegada que te trago notícias quando cá voltar." Mas quando voltas tu cá? Daqui a um mês? Daqui a três semanas? Como podes tu dizer para eu ficar tranquila e sossegada, amiguinho?

Ramos levantou os olhos da mesa, onde arrumava uns papéis, e disse dirigindo-se a Vaz:

- Que tunda apanhaste, velhote!

Paulo também arrumava os seus papéis. Por cima dos óculos, fitou timidamente um e outro e acabou por dizer com uma leve tremura na voz:!

- O problema é outro, camarada. Ramos não percebeu o que ele queria dizer e não lho perguntou.

- Começamos? - disse numa voz ríspida, que perdera subitamente o tom de brincadeira.

## 2

Trabalharam toda a noite, apenas se deitando uma escassa hora já sobre a madrugada. Maria fez café e serviu para todos um pedaço de pão que mal daria para um. Voltaram ao trabalho. Para saírem antes do almoço, tal como haviam planeado, havia que dar-lhe bem. O rápido desenvolvimento do sector requeria uma atenção minuciosa. Saltavam para a mesa inúmeros problemas de movimentação de massas, de organização e de quadros. Sentia-se que, a continuar o presente ritmo, dentro em pouco o Partido seria no sector o verdadeiro guia dos trabalhadores. De facto, e não apenas em teoria. Quase maravilhados, tomavam consciência dessa transformação que entretanto lhes saía das mãos. Tinham arrancado a partir de um pequeno núcleo de camaradas separados da classe e das massas. Agora a classe e as massas começavam a seguir e a apoiar o Partido.

Nem tudo, porém, eram rosas. Alguns problemas delicados apareciam a ensombrar o quadro. Entre eles, Vaz continua a dar particular importância à

situação no Comité Regional, de que Marques faz parte. Uma vez mais traz o caso à discussão. A seu ver, requer medidas urgentes. O Comité não tem condições para dirigir a região. Só Cesário está bem. Afonso, pela sua situação conspirativa, está agora com um pé dentro e outro fora e propõe a sua passagem ao quadro de funcionários. Quanto a Marques, Vaz considera-o o principal travão ao desenvolvimento do trabalho regional.

- De Vítor, há várias coisas a apurar. De qualquer modo, pouco vale.

- Calma, calma! - interrompeu Ramos. - Estás aqui, estás a ver inimigos em toda a parte.

- Talvez - insistiu Vaz sem alterar a voz. - Adivinhar não posso, mas posso ver. E o que vejo chega para concluir que aquele Comité Regional está ali a mais. Nem trabalha, nem deixa os trabalhar os outros. O futuro dirá se não há coisas mais sujas.

E contou o caso da rapariga dos correios e o incidente passado à porta da leitaria.

- Não se deve ser desconfiado - defendeu Ramos. - Que procures averiguar o incidente, muito bem. Mas, se partes já da ideia que Vítor te indicou a qualquer patife não poderás fazer uma análise objectiva dos factos. É perigoso ir atrás de impressões. Temos de ser compreensivos. Os nossos militantes são homens, não são bonecos de palha. Sobre todos nós pesa a influência da sociedade em que vivemos. Não devemos esperar fazer a revolução com homens ideais.

- No Partido precisamos de mais gente séria e de elevada moral disse Paulo. - Não acredito muito na seriedade para com o Partido daqueles que não são sérios na sua vida particular.

- Não é com Vítores que podemos andar para a frente - apoiou Vaz. - Precisamos de mais Cesários, de mais Sagarras, de mais Henriques, de mais gente simples, honesta e dedicada e de menos fumadores de cigarros de cu aberto.

Ramos batia precisamente nesse momento um cigarro. Um brilho expressivo passou-lhe pelos olhos, como se Vaz o quisesse atingir a ele com essas palavras. A expressão impassível de Vaz evitou que lho perguntasse.

- No fim de contas - disse Ramos, impaciente e mal humorado -, o que estamos a discutir não é tanto o caso do Vítor como toda a nossa política de quadros. O que importa determinar é se devemos proceder como numa associação de puritanas inglesas, se devemos ser fechados e sectários, ou se devemos compreender os homens tal como são, com as suas dificuldades, os seus defeitos, mas também as suas qualidades essenciais...

- Resta definir quais são as qualidades essenciais...



A discussão animou e à hora prevista para terminar a reunião ainda muitos pontos estavam por tratar. Resolveram ficar até ao fim da tarde e chamaram Maria.

- Uma boa notícia - disse-lhe António. - Andas sempre a queixar-te de que os amigos estão cá pouco tempo. Aqui os tens um dia inteiro. Ficam para o almoço.

Todos esperavam que Maria recebesse alegremente a notícia. Seria natural que dissesse qualquer coisa como: "Ai que bom, amiguinhos, como sois simpáticos."

Mas não. Ficou visivelmente embaraçada e não fez qualquer comentário.

- Parece que não gostaste - disse Ramos. - Será o caso de teres entrevista marcada com o teu noivo? (Ramos designava assim o vagabundo, desde que lhe haviam falado nele.)

- Não, amiguinhos, gosto muito de vos ver cá - respondeu Mana, e, como desmentindo estas palavras, voltou as costas aos camaradas e saiu num repente.

### 3

Ao chegar à cozinha teve um estranho comportamento. Parecia fazer uma busca policial, minuciosa, rápida e frenética. Vasculhou as duas gavetas, remexeu todos os cantos, desembrulhou tudo o que estava embrulhado, deu volta a tachos, a uma cesta, a um caixote e, já com a cozinha completamente desarrumada, sempre em gestos rápidos e nervosos, voltou outra vez ao princípio repetindo as mesmas operações. Ajoelhada no chão, estava uma vez mais espreitando para debaixo da chaminé quando um ligeiro ruído a fez voltar a cabeça. Junto à porta, de rosto impassível e olhos serenos e frios, Vaz observava-a.

- Estavas aí, amigo? - disse Maria com voz ofegante de surpresa. - Não te tinha ouvido entrar. Queres alguma coisa?

Dos quatro camaradas que ali em casa se encontravam, era Vaz o que ela menos gostava a viesse encontrar naquele preparo, da mesma forma que era Vaz aquele com quem menos gostaria de viver. Sentia respeito pelo camarada, mas a sua expressão e os seus modos severos inspiravam-lhe um misto de receio e de constrangimento.

Vaz conservou-se silencioso alguns momentos, dando volta à cozinha com uma mirada calma. Depois foi beber água, pois isso ali o levava.

- Há novidade? - perguntou depois de esvaziar uma caneca.

Maria hesitou, os olhos pestanudos fixos no camarada, e de repente, sempre de joelhos, dobrou o tronco sobre o banco, meteu a cabeça nos braços e desatou a chorar. Bem queria reprimir o choro, mas quanto mais esforços fazia para isso mais os soluços rompiam.

Maria adivinhava Vaz atrás de si na mesma posição, sem um gesto de interesse ou de afecto, com o rosto inalterável e os olhos límpidos observando a cena. Nenhum dos outros camaradas ficaria assim. António teria uma palavra amável; Paulo ficaria talvez silencioso, mas viria sentar-se ao pé dela, no chão, e Ramos, ah!, se fosse Ramos, há muito a sua mão teria vindo afagar-lhe o ombro a dar-lhe confiança. Maria sentia entretanto que qualquer desses gestos dos outros camaradas intensificariam a sua comoção e a precipitariam em soluços mais convulsivos, ao passo que o silêncio e a imobilidade de Vaz lhe estavam apagando, apagando até extinguir a vontade de chorar. Levantou o rosto.

- Que há, amiga? - repetiu Vaz, que não se mexera do mesmo sítio e falava como se não tivesse assistido à crise de choro.

Maria limpou os olhos às costas da mão.

- Não tenho que vos dar de comer - respondeu precipitada. - Não contava com vocês para o almoço. Não tenho nada em casa.

- Só isso? - A voz de Vaz era tão imperturbável como a expressão.

- Não tenho mesmo nada, amigo. Nem sequer batatas ou arroz. Ao todo tenho uma dúzia de sardinhas pequenas e salgadas e um quarto de pão. Que vos dou de comer?

Num passo calmo, Vaz aproximou-se de Maria, aninhada no chão, e sentou-se no banco.

- Não podes ir comprar?

- Comprar? E o dinheiro!? Tenho doze tostões até ao fim do mês e a voz de Maria, com um estranho tom de indignação e ironia, parecia dizer: "Julgavas que me ia ralar por não ter as coisas se as pudesse ir comprar? Anda, diz agora, só isso! Anda, fica agora impassível!"

- Tu ainda não me conheces - disse Vaz na mesma voz. - Tenho passado muitos mais dias sem almoçar do que podes supor. Mais um, menos um, pouco importa. Os outros camaradas dirão o mesmo. Não te apoquentes. Não vale a pena - e, levantando-se, voltou à casa de trabalho.

Maria ficou uns instantes quieta, olhando distraída a desarrumação da cozinha. Depois começou com lentidão a pôr as coisas no seu lugar. Mal o começou a fazer, chamaram por ela.

- Maria! - Era a voz de Ramos, alegre, alegre.

Maria foi.

- Com que então - disse Ramos, quando ela entrou. - Tinhas u petisco e deixavas-nos partir sem o provarmos.

- Não fales assim, amiguinho - interrompeu Maria -, não sejas mau.

- Por acaso também gosto - disse Paulo. Corado, olhando por cima dos óculos, a farripa branca caída sobre a testa, falara solenemente, a querer afastar qualquer ideia de que pudesse estar ironizando. O desejo de consolar Maria era porém tão evidente que o seu declarado apreço pelas sardinhas salgadas não convenceu ninguém.

- Diz lá - insistiu Ramos -, diz lá tudo quanto tens em casa.

- Onze sardinhas salgadas e pequenas e um quarto de pão. Nada mais.

- Não supunha que estivéssemos tão em baixo - disse António, comprometido. - Não havia ainda um bom bocado de bacalhau?

- Um bom bocado!? - repetiu Maria irritada. - Comeste-lo ontem e não achaste muito.

- Quê mais? - perguntou Ramos.

- Mais nada - insistiu Maria. - Ou melhor, tenho uns restos que nem vale a pena referir..

- Diz sempre, diz sempre! Ou queres guardar o melhor?

- Eu te digo - respondeu Maria com um ligeiro e fugitivo sorriso. - Tenho também duas cebolas, um cartucho de farinha de milho e uma pinga de azeite.

- Ainda há dias comprámos meio litro - comentou António, sombrio.

Estava visivelmente embaraçado com o estendal ali feito da situação financeira da casa.

- E sal, não tens? - perguntou Ramos, sem fazer caso das palavras de António.

- Sim, tenho sal.

- Com isso faz-se um banquete! Um autêntico banquete! - gargalhou Ramos.

- Ensina-me, amiguinho, que eu não sei - e os lábios de Maria começaram a tremer.

- Combinado! Anda comigo.

E levou-a para a cozinha, onde estiveram os dois cochichando.

Coisa estranha! Estavam ali três camaradas que não eram da casa, viam os camaradas da casa embaraços de recursos e nenhum oferecia a sua ajuda. Coisa não menos estranha: os camaradas da casa não se admiravam por essa falta de ajuda. O caso era que, embora aqueles homens tivessem no bolso dinheiro mais

que suficiente para ocorrer àquelas necessidades, embora alguns tivessem mesmo consigo quantias relativamente elevadas, nenhum deles tinha um tostão a que pudesse chamar seu.

Voltaram pouco depois, muito animados. Maria vasculhou pastas de papéis e escondeu precipitadamente qualquer coisa debaixo do avental. Sorria agora e dir-se-ia que se preparava para dizer alguma coisa de divertido.

Vaz pegou no lápis e voltou-se para ela antes que falasse.

- Está o caso arrumado - disse na sua voz tranquila. - Queres deixar-nos um pouco para continuarmos a trabalhar?

## 5

Na cozinha, Maria faz preparativo surpreendentes. Recorta rendas caprichosas em papel de seda de variadas cores. De duas folhas encarnadas faz naperons vistosos com o seu meio metro de comprimento. Corta em papel branco cinco quadrados, cujo rebordo rendilha cuidadosamente. Arranca duas tábuas a um caixote de sabão, lava-as e põe-nas a enxugar. Num prato coloca uma mão-cheia de caruma. E faz tudo isto cantarolando baixinho e espreitando de quando em quando a panela que está ao lume. Sempre que levanta o testro, um torvelinho de vapor rápido sobe para o tecto e um bafo morno a sal e ranço espalha-se pela casa.

Estava uma vez mais espreitando as sardinhas, Ramos apareceu. Passou-lhe um braço pelas costas, pousou-lhe o queixo no ombro. e debruçou-se também sobre a panela.

- Então?

Vê-se porém que as sardinhas pouco interessam Ramos. Dos cabelos aos pés, Maria sente o corpo do camarada colado ao seu. O rosto dele está tão próximo que as pestanas lhe roçam a cara sempre que o camarada fecha os olhos. Orelhas em fogo, Maria não protesta, nem foge. Aceita o contacto de Ramos com a mesma firmeza com que ele o procura. Espera que, tal como no comboio no dia em que o conhecera, a mão do camarada lhe largue o ombro, lhe procure a nuca e lhe volte lentamente a cabeça. Espera ver de novo a expressão convidativa e violenta. Sabe que desta vez lhe não fugirá nem se soltará num gesto brusco.

- Então? - toma a perguntar Ramos. - Estão prontas?

- Quase - respondeu Maria em voz sumida.

A mão de Ramos larga o ombro. O coração de Maria bate apressado. "Agora? Agora?" Mas não. Ramos solta a camarada com tanta indiferença e

segurança como se dissesse. a um público imaginário: “Sois tontos em fazerdes juízos precipitados. Que tem de extraordinário que ponha a mão pelo ombro da camarada a fim de espreitar para dentro panela?” E dirige-se para a mesa a ver as tábuas, as carumas, os papéis de seda recortados.

- Vamos a isto?

Vaz consulta os seus papéis enquanto Paulo e António têm o sendo no que se passa na cozinha, nos murmúrios das vozes de Ramos Maria que até eles chegam. Ouvem-se risos e palavras ditas em voz baixa. Depois o tinir de talheres, um silêncio e novos risos. António não resiste e corre a ver.

Maria ouviu-lhe porém os passos. Empurrando a porta, deita o nariz pela fresta e não o deixa entrar:

- Vai embora, amiguinho. Já te servimos o banquete.

- Venho ajudar! - diz António, e os seus olhos vivos cercados de rugas sorriem de malícia.

- Não - insiste Maria, implacável. - Não tens nada a fazer aqui, Vai-te embora que o almoço já lá vai.

Deixa entrar - implora António. E, como Maria se não decida, tenta empurrar a porta. Com inesperado vigor, Maria bate a porta, corre o trinco e ri.

- Espera, amiguinho, espera, que o esperar abre o apetite. António dá ainda uma pancada na porta, mas não insiste. Volta ao quarto e começa a ler uma folha dactilografada com exagerada atenção.

## 6

Foi sensacional. Maria entrou primeiro. Nas tábuas armadas em tabuleiros e vistosamente enfeitadas com papel de seda vêem-se cinco pratos artisticamente dispostos. Atrás entra Ramos. Com um pano branco habilidosamente armado na cabeça, parece um chefe cozinheiro. Ergue numa só mão outro tabuleiro improvisado, ainda com enfeites mais vistosos. No meio do tabuleiro, um único prato, erizado com tão numerosas carumas que se poderia tomar como a imitação de um porco-espinho.

O olhar de Maria encontrou o de António, que o ergueu lentamente dos papéis. Que olhar, santo Deus! Agora não era o habitual olhar alegre e malicioso nos olhos vivos cercados de rugas, mas um olhar triste e ressentido como nunca lhe vira.

Abriram espaço na mesa. Maria e Ramos pousaram os tabuleiros. Paulo riu com o seu riso infantil. Vaz apoiou sem exuberância. António observou os pratos.

- Ora sebo! - exclamou. - Papas de milho e sardinhas cozidas espetadas com carumas!

A refeição correu apesar disso alegremente. Ramos de novo perguntou pelo “noivo” de Maria e António deu algumas novidades a seu respeito e a respeito da mulher que lhes vendera as cenouras. A mulher voltara a aparecer, sempre envolta no xaile, os olhitos escuros e vivos espreitando da sombra. Afastando rapidamente o xaile, deixara ver desta vez um enorme coelho amarelo e pedira também por ele um preço ridículo. Entusiasmada, Maria quis ir mostrar o coelho a António, mas a mulher só com relutância lho deixou levar.

- E barato de mais - disse António. - A mulher é esquisita. Não compres.

O vagabundo voltara também, exibindo o corpo nutrido através dos rasgões da roupa. Em silêncio, oferecera a Maria uma magnífica laranja. António fora também à porta, mas o vagabundo, fingindo não reparar nele, continuou a olhar com insistência Maria, a apreciá-la.

- Onde arranjou você isso? - perguntou Maria.

Indicando campos longínquos, o vagabundo fez um gesto largo, imponente e burlesco:

- Nas minhas propriedades, senhora.

E fora-se, cheio de importância. António resolvera então pedir informações acerca da mulher e do vagabundo e para isso dirigiu-se ao homem do telheiro, que o guiara quando ali fora procurar casa. O homem recebeu-o com satisfação e levou-o à adega para conversarem. Arregalando os olhos indignados, disse que a mulher era useira e vezeira em ladroíces. De seu não tinha sequer um pé de couve. - Ora cá está - disse António -, razão tinha para ter logo desconfiado do baixo preço das cenouras.

O homem teve um sorriso sacudido.

- Desconfiou, mas comeu-as! - e fez a reprimenda, como se as cenouras lhe tivessem sido roubadas a ele, que entretanto não tinha nenhuma.

Do vagabundo contou uma longa história. Aparecera por ali e por ali ficara. Chamavam-lhe o Elvas, porque dizia ser natural de Elvas, mas o seu nome era Damião. Estivera preso, ninguém sabia porquê. Uns suspeitavam de roubo, outros de homicídio. Já lhe haviam perguntado. Depois da, resposta ficaram ainda a saber menos. O Elvas comprava o jornal, lia-o e comentava-o aos camponeses analfabetos. Escrevia-lhes correspondência e fazia-lhes as contas. Por esses pequenos serviços e por piedade, lhe dava um uma sopa, outro um pedaço de pão, outro o deixava dormir no palheiro. O Elvas não aceitava essas dádivas como esmola, antes como pagamento devido: Apesar de ser um farroupilha sem eira nem beira, infundia certo respeito.

- O senhor ali onde o vê - concluiu o do telheiro - não dá nada por ele. Mas de parvo nada tem. Aquilo é homem com estudos que teve um azar na vida.

António e Maria tinham-lhe comprado as senhas do racionamento, mas António não gostava do vagabundo, sobretudo pelos constantes pretextos que encontrava para lhe bater à porta, pela maneira insolente como olhava Maria e pela indiferença completa, para não dizer desprezo, que mostrava por ele, António.

- Não me agrada ver um tipo desses rondar-te a porta - disse Paulo, pensando nos longos dias que Maria ficava só em casa.

Se conhecesse o Elvas, ainda menos lhe agradaria.

## 7

Durante o almoço, ao beber água, Maria fez uma careta e levou a mão à cara. Voltara a dor de dentes. Ramos contou várias anedotas a propósito. Vaz ouvia, António ria e Maria sorria. Só Paulo mostrou evidente enfado pelo rumo da conversa. Quando, depois de contar nova anedota, Ramos deu forte gargalhada, Paulo não se conteve mais.

- Brincar não resolve nada - disse. - o que é preciso é tratar a amiga.

Ramos acabou gostosamente a sua gargalhada e voltou-se depois para Paulo num tom condescendente:

- Querer tratar não resolve nada, velhote. O que é preciso é ter condições para o fazer.

Paulo não respondeu logo. De farripa branca caída sobre as costas, fitava Ramos por cima dos óculos. Dir-se-ia não ter resposta. A voz acabou por sair-lhe ligeiramente trémula, mas convicta:

- Quando se quer verdadeiramente fazer alguma coisa, ela faz-se. Quando se não quer, as justificações aparecem.

- Faz tu esta! - disse Ramos rispidamente. A resposta de Paulo mal se ouviu, como se a garganta se apertasse, mas não deixou de ser perceptível:

- Faço.

No fim da reunião viram o caso. Paulo propôs a casa do advogado com quem estava em ligação.

- Quem? - interrompeu Ramos. - O tagarela?

- Desgraçadamente - disse Vaz - nem para isso serve.

- Talvez sirva - disse Paulo com surpreendente segurança. E contou que tivera longas conversas com o advogado, que viu com ele a possibilidade de interessar também a mulher na actividade do Partido e que da última vez o

advogado, passando a mão lentamente pela cabeleira ondulada e sorrindo, lhe dissera satisfeito.

- A minha companheira - e o advogado, querendo dizer esta palavra com toda a naturalidade, não deixava de salientá-la com exagero -, a minha companheira tem também vontade de nos ajudar. Se algum camarada precisar de utilizar a nossa casa, para estar um ou dois dias e sobretudo para passar a noite, ela está às ordens do Partido.

Ao dizer isto, a expressão do advogado carregara-se subitamente e esmagara nervosamente o cigarro no cinzeiro. Paulo não compreendia tão despropositada manifestação de mau humor. Nem poderia compreendê-la. Como poderia imaginar que, na lembrança do advogado, passava nesse momento a imagem de Vaz no corredor do escritório, voltando-lhe com desprezo as costas para sair à chuva e ao relento, depois de ele lhe ter recusado guarida?

- Fizeste bom trabalho! - disse Ramos. De facto o fizera, mas nem por isso a voz de Ramos deixou de ser chocarreira. - o advogado já tu levaste. Agora o sapateiro não consegues - Ramos referia-se ao camarada que prometia há longos meses a convocação do Comité Local sem que até então cumprisse o prometido.

Paulo olhou Ramos por cima dos óculos, com a timidez habitual. Mas um ligeiro sorriso animou-lhe o rosto. Vaz leu esse sorriso: "A ver vamos, camarada", dizia o leve sorriso de Paulo. "A ver vamos se consigo ou não consigo."

## 8

António apareceu a bocejar, maldispuesto das poucas horas de sono. Ainda não estava refeito das noites anteriores mal dormidas. À mesa da cozinha Maria lia e escrevia. Absorvida no seu trabalho, apenas respondeu aos bons-dias de António com uns sons ininteligíveis e sem levantar os olhos. António esperou uns instantes que Maria respondesse, mas a camarada continuava a ler e a escrever como se não desse pela sua presença.

- Hoje não se toma café? - perguntou António.

- Hã? - fez Maria.

- Não se come hoje cá em casa?

- Um instantinho, um instantinho - disse Maria sem reparar no mau humor de António e sem largar os papéis.



António aguardou “um instantinho”, mas, como a camarada continuasse absorvida no trabalho sem qualquer pressa em atendê-lo, saiu de mau modo para o pátio das traseiras. Esperava que a voz de Maria o chamasse, ou que Maria fosse atrás dele a perguntar-lhe que tinha ele, se estava maldisposto ou doente, se tinha ficado zangado por ela não dar atenção. Junto ao muro, ficou olhando tristonho os campos húmidos. Sem nada fixar nem apreciar, esperando apenas ouvir dentro de casa a voz da camarada, ou ouvir os seus passos rápidos aproximando-se. Mas Maria nada disse, nem veio ter com ele. António acabou por voltar para dentro e sentar-se a um canto da mesa,

- Que se come hoje?

A voz era tão impertinente que Maria levantou. Finalmente os olhos pestanudos.

- Que feio ele está! Mordeu-lhe bicho ou acordou sobre o lado esquerdo?

- Que se come hoje? - repetiu António, e parecia querer acusar

Maria das dificuldades da casa.

- Não te apoquentes, amiguinho - respondeu Maria. - Agora dou-te cacau com torradas, ao almoço pescada com grelos e ao jantar vitela assada. Serve-te?

António compreendeu que estava a ser ridículo e como era injusto o tom em que falava, mas não foi capaz de corrigir.

Maria serviu finalmente o café, sem pão. E preveniu que o almoço seria apenas um pouco de açorda e o jantar café e um naco de pão. Empregara em pão e café os magros tostões que lhe sobravam. Não lhe dera para mais. Numa inesperada reacção e com inesperado calor, António discordou do emprego do dinheiro. Que teria sido mais acertado comprar batatas. Que poderia ter comprado dois quilos de batatas, pois dois quilos de batatas sempre enchem mais.

- Talvez tenhas razão - disse Maria. - Mas o que está, está. Hoje é o último dia do mês e amanhã já comes melhor.

- É estúpido! - disse António. - Ter dinheiro no bolso para o entregar amanhã e passar hoje fome para não mexer nesse dinheiro. Podíamos perfeitamente fazer um adiantamento de dez ou vinte escudos do nosso salário do próximo mês. Não temos qualquer necessidade de passar hoje mal.

- Como podes dizer isso? - indignou-se Maria. - Pois não tens tu dito que não são admitidos défices nas casas do Partido?

- Unia coisa são regras, outra esquematismos. O esquematismo sempre conduziu ao disparate. Se adiantasse para hoje dez ou vinte escudos do salário do próximo mês, que amanhã entra para a casa, que mal tinha isso? Comíamos no próximo mês menos dez ou vinte escudos e pronto. O contrário é pura estupidez.

Maria olhou o camarada com estupefacção.

- Como podes dizer isso, amiguinho? Como podes querer fazer aquilo que proíbes aos outros?

António encolheu os ombros num repelão e falou com urna ironia mordente e desagradável.

- A camarada Maria quer agora ensinar o padre-nosso ao vigário... Maria ficou uns instantes silenciosa. Arrumou as malgas e de novo se sentou com os seus papéis.

- Tu és o responsável da casa - disse por fim. - Faz o que entenderes, compra o que entenderes e come o que entenderes. Eu corno a açorda e bebo o café. Chega-me.

António nada mais disse. levantou-se com brusquidão e foi meter-se no quarto.

Passado um bocado, Maria foi lá e abriu a porta. Deitado de costas na cama, as mãos debaixo da cabeça, fitou-a contraído e sério, corri o mesmo olhar, precisamente o mesmo olhar triste e ressentido que Maria lhe vira quando aparecera com Ramos e as sardinhas salgadas.

Abanou a cabeça duas ou três vezes e foi-se embora, fechando a porta com cuidado.

## 9

Paulo preparara as coisas. António e Maria dirigiram-se ao escritório do advogado. Este chegou pouco depois, apressado e sorridente. Mandou-os entrar para o gabinete, ofereceu-lhes cadeiras, sentou-se à secretária, recostou-se e, pousando as palmas das mãos muito afastadas na secretária, teve um sorriso amável.

- Têm de esperar um pouco. Minha companheira vem aqui ter e sublinhou a palavra “companheira”, que apesar de tudo pronunciou com dificuldade.

- Arranjou médico? - perguntou António.

O advogado encostou-se melhor na poltrona e passou lentamente os dedos pelo cabelo ondulado.

- Havia várias hipóteses a estudar - começou numa voz pausada. - Isto é fraca terra. Quem pode vai tratar-se fora, quem não pode, não se trata nem dentro, nem fora. Vou contar-vos uma história significativa. Há uns cinco anos um garoto do Casal do Pereiro, que andava aos figos, caiu duma árvore e ficou sem se poder mexer. Chamaram o Dr. Cirilo e o velho foi. É um velho curioso, que usa botas, anda em cabelo e bebe água nas fontes públicas.

O advogado parou um momento observando o efeito das suas palavras e da sua ironia. Decerto ficou satisfeito, pois continuou animado.

- O doutor observou o garoto e deu a sentença: "Aqui, gente, ou hospital, ou talas de piteira."

Riu-se, mirou as unhas limpas e tratadas e ia continuar quando a porta do gabinete se abriu e no limiar apareceu uma mulher forte e arranjada com esmero, cujo corpo logo se adivinhava desenvolvido por debaixo do amplo casacão claro. Da porta lançou aos visitantes um olhar rápido, curioso e um tanto insolente. Depois, em passadas rápidas e miúdas, martelando a alcatifa com os tacões de nove centímetros, aproximou-se da secretária e estacou com tal pirueta que dir-se-ia ir apresentar um número de circo.

- Podemos ir - disse com ar decidido.

O advogado, um tanto murcho por não poder concluir a sua história, fez solenemente as apresentações.

- Os *nossos* camaradas... a minha companheira - havia qualquer coisa de pouco natural e forçado nestas expressões.

Maria levantou-se e estendeu a mão. A mão da mulher do advogado, mimosa e de unhas pintadas, veio rápida, na ponta de um braço roliço de pele fina, sacudindo e fazendo tilintar pulseiras metálicas de fantasia.

- Muito prazer - e fitou Maria de alto a baixo, demorando um pouco mais o olhar nos sapatos, de modelo antigo e gastos.

Braços desajeitadamente escorridos ao longo do corpo, o casaquito preto afanico e de mau corte, Maria corou. Então a mulher do advogado deu nova meia volta sobre os saltos altos e, abrindo acalorada o casacão claro, deixou ver uma vistosa camisola de lã, em cima da qual brilhava, junto ao pescoço, um colar de esferas brancas.

- Ainda não te disse - atirou a despropósito dirigindo-se ao marido. - Estive há pouco com a Bebé. Desta vez ia havendo desastre. Calcula que se lembrou de deitar gasolina no depósito da água! - e soltou uma gargalhada, cheia e musical, dando ao pescoço e mostrando os dentes bem lavados.

O advogado e António riram também. Maria ficou desorientada e confusa. Sentia que aquela gargalhada não vinha da história da gasolina e da água, mas dela própria, Maria, da sua posição desajeitada, da sua expressão deformada pela dor de dentes, do seu fatinho coçado e mal feito, dos seus braços escorridos ao longo do corpo, da sua mão mal cuidada e incerta que apertara a medo a da mulher do advogado. Logo sentiu por esta uma antipatia irreprimível.

Na impossibilidade de expor detalhadamente todo o problema, o advogado explicou então em breves palavras o plano: A sua "companheira" (e o advogado sublinhou novamente esta palavra com um tom de voz muito

especial) acompanharia Maria ao dentista da Caixa. Iriam depois os dois almoçar a sua casa. A ideia fora da sua “companheira”, que tratara de tudo e tudo resolvera. Estaria bem assim?

Aprontaram-se para sair. Antes, porém, a “companheira” do advogado abriu a vistosa carteira de couro, remexeu lá dentro, tirou um leve lencinho verde, que espalhou pelo ar intenso perfume, levou-o à ponta do nariz, fungou, tomou a guardar o lencinho e fechou a carteira de couro com um estalido metálico, que aos ouvidos de Maria pareceu o do portão de uma quinta jogado nas costas de um pobre.

## 10

Era um homenzinho baixo e roliço, de cabelo ensebado colado ao crânio e um rosto largo estranhamente achatado, como se estivesse esmagado contra um vidro. Havia quem dissesse que se parecia com um porco de raça inglesa, mas a verdade é que os porcos não usam óculos e o dentista da Caixa usava-os. Usava uns óculos sem aros, daqueles que dão um ar culto e inteligente (pelo menos é o que julgam os seus portadores). Decerto isso tivera influência na escolha. Com tais óculos, um canudo da Universidade, um irmão padre e outro funcionário corporativo, o dentista exercia o seu ofício com completo à-vontade. O pior eram as más-línguas.

As más-línguas diziam por exemplo que o nosso homem era um porcalhão. Diziam que, depois de tratar um paciente, ia com os ferrinhos a uma bacia próxima lavá-los com uma pequena escova de unhas e que essa escova de unhas servia para tudo e muito especialmente para tirar o sangue e o pus das tinas de pensos do posto de socorros. Isso diziam as más-línguas. Mas como acreditá-las? Será concebível que um dentista da Caixa, médico, irmão de padre e de funcionário corporativo, membro da União Nacional, lave os ferrinhos com uma tal escova e vá depois metê-los sem qualquer desinfecção na boca do senhor que se segue? Más-línguas decerto. Más-línguas e vingança. E, se aqui se fala em vingança, é justo reconhecer que lá para vingança havia razões. Porque, se acontecia animar-se a conversa entre os que estavam amontoados à porta do consultório, o nosso homem nem perdia pitada, nem interrompia a faina. Voltando a cara achatada para a porta, os olhitos dilatados pelas espessas lentes, continuava pelo tacto a fazer o tratamento. E inspeccionava, abanava, picava, espicaçava, raspava, escavava, esgravatava, esfuracava, escarafunchava, até que um urro do paciente lhe cortasse a distração.

Claro que as coisas se passavam de modo diverso quando raramente ia ao consultório pessoa grada da terra. Então, bamboleando o corpo roliço, animado e sorridente, era todo atenções, amabilidades, álcoois, desinfecções, novocaínas. De dedinho no ar, as mãos pareciam penas.

Foi sorte para Maria ir com a mulher do advogado. Decerto pela mulher do advogado, e não por ela, mas em qualquer caso em sua vantagem, o dentista tratou-a com deferência. Teve o cuidado de passar os ferros pela chama do álcool e arrancou-lhe o dente apenas com uma dúzia de abanões e outra dúzia de arrancões. Perfeito!

Enquanto o doutor procedia à extracção, a mulher do advogado conservou-se à porta, a observar, recuando o queixo e olhando de cima para baixo. Com ares protectores e condescendentes, apresentara Maria como filha de um caseiro. Mas como podia ser de outra forma, se Maria estava tão pobremente vestida? Maria compreendia que era a melhor forma de não levantar qualquer estranheza, mas, sem saber porquê, essa situação indispunha-a e amargurava-a. De quando em quando, a mulher do advogado fazia tilintar as pulseiras de metal ou dava uma gargalhadinha a propósito de nada. Isso mais a entristecia ainda.

Quando o dentista deu o trabalho por findo, a mulher do advogado, num gesto espectacular, abriu a grande carteira de couro lustroso e, estendendo uma nota na ponta dos dedos, fechou a carteira com o grande alarido do fecho metálico. “Aqui estou eu a proteger a pobre filha do meu caseiro”, parecia dizer o seu gesto. “Como vedes, sou uma pessoa importante e generosa.” Bochechando ainda o desinfectante violeta e tépido, Maria sentia-se constrangida e envergonhada. Porquê? Porquê? Pois não a estava a ajudar? Não arriscava a mulher do advogado a sua liberdade por acompanhá-la ali? Não era útil para a sua defesa a explicação que a outra dera? Sim, tudo isso era verdade. Mas a amargura e o constrangimento eram superiores à sua vontade.

O dentista deu o troco. De novo tilintaram as pulseiras e estalou o fecho da carteira. O doutor curvou-se em mesuras e estampou no rosto achatado de porco inglês um sorriso tão sebooso como o seu cabelo. As duas mulheres dirigiram-se para a porta. Maria, encolhida no casaquinho preto, a mão a afagar o queixo. A outra martelando impertinente o sobrado com os saltos de nove centímetros.

Na rua, a mulher do advogado fê-la parar diante de uma montra:

- Bonitas meias, não são? A Maria pareceram esplêndidas: transparentes, leves, de um castanho-acinzentado e baço.

- Parecem boas - respondeu, e corou até às orelhas, porque lhe pareceu ter respondido a querer dar um insincero tom de indiferença às próprias palavras.

Entraram na loja. Com novo tilintar das pulseiras e novos disparos do fecho da carteira, a mulher do advogado comprou as meias.

“Esta mulher só pensará nela e na sua toleima?”, pensava Maria. E sentia cada vez menos simpatia por ela. E sentia-se cada vez mais triste.

## 11

Nunca Maria vira uma tão linda casa de jantar. Móveis amarelo-pálidos sem lustro. Cortinas transparentes, claras, com florzinhas discretas. Uma enorme alcatifa toda em azuis-mates. Umas cadeiras pequenas, com fundos de palha rugosa. Dois quadros com desenhos coloridos. E a mesa! Pratos, guardanapos, tudo tão alegre e arrumado! E tantos talheres e tantos copos! Juntinhos em grupos e enfiadas. Para quê tantos? Tudo polido e reluzente! Entre a loiça disposta na mesa, chamavam particularmente a atenção uns potezinhos castanhos com barra branca. Como ficaria bem um deles, como jarra de flores, em cima do caixote de sabão que servia de mesinha-de-cabeceira no seu pobre quarto na casa do Partido!

A mulher do advogado, logo que chegara da rua, vestira outra camisola de malha, que mais lhe realçava os seios seguros e compridos. As pulseiras continuavam a chocalhar ao mínimo gesto. O advogado fez passar os hóspedes à frente, com delicadeza e um sorriso. Também António se mostrou sorridente e delicado e deu passagem à mulher do advogado, fazendo uma pequena vénia que surpreendeu desagradavelmente Maria.

A dor de dentes havia passado. Apenas Ficara uma ligeira impressão desagradável e o sabor quente a desinfetante. De volta do dentista, ainda no caminho, Maria pensava que, com a fome passada nos últimos dias, seria bem capaz de comer três ou quatro pratos de sopa. Quanto mais o riquíssimo almoço que decerto lhe ia ser servido! Agora, porém, deslumbrada por aquela casa de jantar, não sabia dizer se tinha fome ou não.

Sentaram-se à mesa. Uma criada vestida de preto e avental branco, trouxe uma terrina fumegante, donde a dona da casa serviu um caldo castanho e pastoso, que exalava um vago cheiro a peixe. Aturdida pelo ambiente, Maria mal notou o cheiro. O seu grande problema de momento era descobrir com qual das três colheres havia de comer o caldo.

- Não quer? - perguntou a voz amável e decidida da dona da casa.

E estendia a Maria um dos tais potezinhos castanhos listrados de branco. Maria aceitou e corou novamente. Não sabia o que havia de fazer com o potezinho, nem o que ele teria dentro. O que eram e para que serviam aqueles

pequenos cubos loiros não o saberia dizer. A dona da casa veio mais uma vez em seu socorro.

- Não quer deitar um pouco na sopa?

Vexada, Maria agradeceu, disse que sim e preparou-se para se servir. Mas com quê? Confundida, tirou com as pontas dos dedos alguns daqueles cubos loiros (pão frito, afinal) e deixou-os cair na sopa. Oh, desgraça! Com tão pouca sorte o fez que lhe caíram também na toalha imaculada uns quatro ou cinco, que, na imaginação de Maria, logo deixaram outras tantas nódoas.

- Só? - disse a dona da casa, como se não tivesse reparado no desastre.

Maria recusou delicadamente, sentindo subirem-lhe aos olhos lágrimas de confusão.

- Ouve! - disse de repente a dona da casa, numa voz alta e estridente, dirigindo-se ao marido. - Sabes que a maluca da tua irmã foi para Lisboa? - e atirou uma gargalhada, como se a ida da cunhada para Lisboa fosse uma coisa muito engraçada.

Talvez que a graça estivesse aí, mas Maria viu que aquela gargalhada (como a outra que dera no escritório ao contar a história de uma tal Bebé) se lhe dirigia a ela, Maria, e que era agora provocada pela sua inexperiência em comer numa mesa como aquela, pela sua falta de jeito para se servir dos cubos loiros, pela infelicidade que tivera em deixá-los cair sobre a toalha. Congestionada e envergonhada até às lágrimas, o almoço começou a transformar-se para ela numa tortura. Desejou ver-se dali para fora o mais depressa possível.

Os donos da casa e António pareciam não dar por nada. Conversavam e riam com entusiasmo. Falavam de coisas que Maria não entendia com palavras que Maria não entendia (talvez pela sua extrema confusão) e pareciam completamente felizes com tal tagarelice. Mas, de tudo quanto se estava passando, o que verdadeiramente mais chocava Maria era António. Desde que entrara em casa do advogado parecia outro. Nos modos, nas expressões, na maneira de bater com o cigarro na unha do polegar esquerdo, no sorriso, no tom amaneirado com que falava aos donos da casa, e até nas palavras que dizia e agora Maria não entendia, António parecia completamente diferente do António que ela até então conhecera: o António simples e fraterno de uma simples casa do Partido, e agora igual, completamente igual, ao advogado e sua mulher. Maria lembrou-se de que António fora estudante, viera de uma família como aquela, talvez mais rica, e isso agora mais aumentava a sua amargura.

A criada veio retirar os pratos de sopa. Trouxe depois uma travessa vistosa, com legumes verdes, pinceladas de cenoura, rabanetes carmim cortados em flor, e uma iguaria invisível coberta por um creme torrado. A Maria tudo parecia naquele almoço confuso e amachucante. À parte, mal ouvia as palavras

da conversa, que prosseguia animada. A certa altura, a dona da casa, desprendendo-se uns instantes da conversa, disse-lhe rápida num tom que lhe pareceu entre protector e trocista: "Coma, coma!" Mas como seria ela capaz de se servir, trazendo em equilíbrio da travessa ao prato (como via fazer aos outros) colheradas de alimentos indefinidos, batatas fritas que de secas fugiam como se tivessem vida, pastas finas a desagregarem-se e ameaçarem cair na toalha a todo o momento? Ah!, que saudades nesse momento sentia da modestíssima casa do Partido! Como sentia saudades das pobres refeições, das míseras sardinhas salgadas, comidas com Ramos, com Paulo, com Vaz, tão simples, tão francos, tão naturais.

A seu lado, com um sorriso e um jarro na mão, o advogado serviu-a.

- Não tenha receio, é vinho de senhoras.

A criada voltou, tirou pratos e talheres, trouxe pratos e talheres, trouxe nova travessa (o que continha nunca Maria o saberia dizer), levantou pratos e talheres, trouxe doce, e fruta, e café, e bombons. No ar espalhava-se e confundia-se um único odor adocicado a cremes, molhos de manteiga, pastelaria e frutas.

Levantaram-se para sair. Já de pé, a conversa prosseguia ainda com entusiasmo entre o casal e António. Como se estivesse ali a mais, Maria não sabia onde pôr as mãos. Já se tinham despedido, a mulher do advogado bateu com dois dedos na testa num gesto espectacular.

- Um momento, um momento - e, martelando com os saltos, saiu do compartimento.

Voltou pouco depois e estendeu a Maria um embrulhinho.

- É uma lembrança. Desculpe. Maria logo reconheceu o embrulho das meias e corou confundida. Viu, num momento, que o seu juízo, em frente da montra, fora injusto. Apesar disso, só não rejeitou o presente porque lhe faltavam os termos para fazê-lo, A mulher do advogado chegou-se a ela e, pondo-lhe as mãos nos ombros, deu-lhe dois sonoros beijos perto das faces, sem lhes tocar com os lábios, para não as esborratar de bâton.

Maria e António saíram. Durante muito tempo pouco falaram. António parecia distraído e Maria tristonha. Foram tomar o comboio na mesma pequena estação em que Maria o tomara com Ramos no dia em que passara à clandestinidade. Sentaram-se na sórdida sala de espera.

- António - disse de súbito Maria. - Se fosses comprar pão e um bocado de queijo? Estou cheia de fome.

Fome? Sim, que tem comprar um pouco de queijo? Agora já o podemos fazer, E o primeiro dia do mês.

- Mas tens fome?!



Sim, tinha fome. Apesar das privações das últimas semanas, Maria, na sua confusão e acanhamento, mal tocara naquele rico almoço em casa do advogado. Animados na conversa e no convívio, nem o doutor, nem a mulher, nem o próprio António, haviam reparado que ela de quase nada se servira e quase tudo deixara nos pratos. Só uma pessoa nisso reparara, só uma pessoa compreendera: a criada. Essa tinha porém ordens terminantes dos patrões para não meter conversa com as visitas da casa.

## 12

Desceram no mesmo apeadeiro em que Maria havia descido com Ramos no dia em que viera para a clandestinidade. Mas que diferente agora da primeira imagem que lhe ficara! Agora não era aquela madrugada triste com névoa pálida e pegadiça agarrada a tudo. Era uma tarde luminosa, soprava uma aragem fresca e os eucaliptos à beira da linha apontavam alegremente o céu. Largaram a estrada e meteram por carreiros desertos. Só de longe em longe enxergavam, aqui e acolá, camponeses isolados ou aos pares trabalhando nos campos. Um ou outro interrompia por momentos o trabalho e acompanhava-os de longe com olhar interrogativo.

Maria estava agora bem-disposta, falando e rindo do que iam vendo: de um burrico melancólico, de uma sardanica sem rabo fugindo apressada, de um carreiro de formigas vermelhas, de um isolado e calmo pinheiro manso, de um bando atrevido de pardais. De quando em quando, dava o braço ao camarada, e seguiam assim conversando contentes.

Já perto da terra, seguindo novamente pela estrada, viram ao longe, caminhando em sentido contrário, o vulto pesado e arrogante do Elvas.

Por entre os farrapos, oferecia ao ar o peito felpudo e percebia-se que gozava a brisa fresca de encontro ao corpo. Ao passar por ele, António cumprimentou-o.

- Boa tarde, Sr. Damião. Era quase para rir. Todos lhe chamavam o Elvas, ele próprio assim dizia referindo-se a si, e mal imaginaria, quando dias antes António lhe perguntara o verdadeiro nome (que aliás já sabia), que viria a tratá-lo por ele.

- Boa tarde, Sr. Lemos - respondeu com altivez (Lemos era o nome que António havia dado na terra). Foi a António que respondeu, mas foi para Maria que olhou apreciando-a com descaro.

Afastados uns passos, Maria começou a rir, com alegria infantil.

- Ai, amiguinho, agora é que o partiste!

E pendurou-se no braço do camarada rindo às gargalhadas. António amparou-a, fitando-a de lado com os olhos pequenitos e negros que brilharam com malícia por baixo da enorme aba do chapéu.

Ao chegar a casa, António começou a arrumar papéis. Nada fazia com jeito. A atenção fugia-lhe a todo o instante para Maria. “Porquê esperar?”, pensava. “Porquê esperar? Talvez não esteja apaixonada por mim (e daí quem sabe?). Mas de certeza simpatiza comigo e gosta de estar comigo. Leio-lhe bem nos olhos e nos gestos.” E António recorda a frequência com que ultimamente, quando lhe fala, ela o toca num ombro, lhe dá o braço, lhe compõe a gravata ou o colarinho e, até às vezes se encosta sorrindo. Ainda há pouco, quando passou pelo Elvas, António sentia ainda no braço o peso da camarada pendurada a rir e sente nesse braço a tenra rijeza dos seios que o tocaram um instante, Vê-a corada pela caminhada, a animação e a brisa. “Não sejas tímido (aconselha António a si próprio). Que queres tu mais para te convenceres de que te aceita, quem sabe mesmo se gostando já de ti?” Depois não é certo que irão viver juntos anos inteiros? Não é ele livre e não é ela livre? Seriam felizes de certeza. Porquê esperar?

Estava António assim pensando, Maria riu no corredor, Sozinha não era costume. Admirado, António apurou o ouvido. Um grande silêncio tombou em toda a casa. Depois Maria tomou a rir, ali perto da porta. António preparava-se para ir ver, ouviu um bater desusado de saltos de sapatos e Maria entrou. Com passadinhas curtas, martelando o chão e dando um pouco ao corpo, imitava a mulher do advogado.

- Que tal? - perguntou apontando com o dedo para as meias novas que calçara.

E, mal mexendo os pés, deu uma volta sobre si, macaqueando a pirueta que a mulher do advogado dera junto da secretária do marido. Com que graça o fazia!

Num momento, António viu-se levantado, ao pé de Maria, agarrando-a pelas espáduas e beijando-a com avidez. Maria não se debateu com gestos bruscos. Encostou-lhe as mãos ao peito e empurrou-o sem impaciência, quase com mansidão, mas empurrando sempre. António esperava ver afrouxar a pressão das mãos, sentir a boca de Maria responder à sua, sentir o corpo afrouxar a posição retraída e fria. Mas o vigor dessas mãos aumentou e a boca furtava-se agora com decisão. Por um instante, António afastou o rosto para ver Maria. Maria tinha os olhos abertos e observado. res. Não se lia neles, nem na sua restante expressão, nem animação, nem repugnância, nem rancor. As mãos de Maria empurraram um pouco mais e a voz dela soou, ligeiramente repreensiva, mas tão desinteressada como o rosto e o olhar.

- Isso não, amigo. Tem juízo.

A noite tiveram uma longa conversa, confusa e dificultosa. António insistiu para que Maria fosse sua companheira, afirmando-se apaixonado (e estava-o bastante mais do que ele próprio supunha) e, tomado por uma súbita loquacidade, apresentou argumentos sem fim. Depois, ante a recusa obstinada de Maria, fez perguntas e insistiu para que ela explicasse porquê. Maria ouviu-o com paciência, talvez mesmo com curiosidade e simpatia. Mas à pergunta feita e repetida, respondia sempre da mesma maneira, a um tempo precisa e indeterminada: “porque não”.

Na manhã seguinte, António apareceu aborrecido e de poucas falas. Lançou-se ao trabalho, com frenesim. Tratava-se de um relatório sobre lutas de massas que devia apresentar dentro de dias.

Maria veio interrompê-lo, trazendo na mão os sapatos:

- Vês como ficaram? - perguntou. - Estamos no princípio do mês. Talvez fosse bom mandarmos agora consertá-los - com as grandes caminhadas da véspera, os saltos tinham ficado reduzidos a metade.

- Se não mandamos consertá-los e se for preciso sair, não tenho que calçar. Não tenho outros.

António fitou-a com uma expressão indefinida, seca, como se estivesse a pensar noutra coisa.

- Não é só a ti que falta calçado. Todas as amigas se queixam do mesmo. Ainda há dias o Ramos disse que a companheira estava descalça.

- A companheira de quem?! - perguntou Maria. António teve um pequeno riso desagradável.

- A companheira de Ramos, de quem havia de ser? - e fitava-a observador, com uma malícia fria nos olhos.

Maria pegou nos sapatos e foi-se embora sem nada mais dizer. António acendeu um cigarro, deu alguns chupões sôfregos, aspirando profundamente o fumo e amachucou um papel com raiva.

- Não está em condições - justificou-se. - Tenho que fazer outro. Pouco depois reapareceu Maria. Sentou-se à mesa e, com um livro em frente e papel ao lado, começou a estudar silenciosa.

- Não sei porque não dizes nada - atirou António passados instantes. - Não te fiz mal, parece-me.

Maria levantou os olhos do seu trabalho e fitou-o repreensiva.

- Podes mandar consertar os sapatos - continuou António. - Não te disse que estava em desacordo.

Maria encolheu os ombros e continuou a estudar.

António não estava porém satisfeito. Pegou em papéis, pousou papéis, arrumou papéis, começou a ler, começou a escrever, interrompeu uma coisa e outra, e acabou por sair do quarto, assobiando. Aquela história da falta de calçado e da companheira de Ramos era completa invenção. Nem Ramos havia falado a António em quaisquer faltas de calçado, nem António sabia sequer se Ramos tinha companheira.

## Capítulo VII

### 1

Numa manhã soalhenta, a mulher das azenhas chegou esbaforida a Vale da Égua. Viera a correr carreiro acima, arrastando o corpo pesado, soprando, agitando os braços para facilitar a respiração e metendo de quando em quando o cabelo por debaixo do lenço escuro que teimava em fugir para a nuca com a correria.

Não faziam ruído os pés, nem ela gritou, nem bateu a qualquer porta. Numa pequena aldeia há porém permanentemente olhos que espreitam, que observam o caminho, que vigiam, que vêem quem vem e quem passa. Mal a mulher parou hesitante ante as primeiras casas, logo se lhe juntaram algumas vizinhas.

- Andam no pinhal do Elias - comunicou, sufocada. Duas mulheres ajudaram-na a sentar-se, cansada e ofegante, numas pedras musgosas e ofereceram-lhe uma caneca de água que alguém trouxe.

Passados minutos, um homem atarracado, de chapéu desbotado enfiado até às orelhas, passou apressado e aflito para o lado das azenhas. Viram-no passar e seguiram-no com os olhos apreensivos.

- Calhou-lhe a ele a desgraça - disse uma das mulheres brandamente. - Nunca teve sorte na vida.

- A desgraça não é só para ele - disse uma voz agitada. - Agora toca a todos. Começam no pinhal do Elias. Outros irão de seguida.

Nessa tarde, Manuel Rato colheu mais informações. Começara o ataque do Grémio aos pinhais das cercanias. O próprio Valadinhas, já no pinhal do Elias, ameaçara impudente:

- Os bons negócios não são só para os outros. Todos tereis ocasião.

Ao cair da noite, Manuel Rato regressou a casa. Enquanto o caldo cozia na fogueira, falou com a mulher e a filha. Não podiam perder tempo. Tinham de distribuir imediatamente o manifesto. O manifesto fora redigido chamando os camponeses a concentrar-se no próprio dia na Aldeia do Mato a fim de resistirem à marca e ao abate dos pinhais. O momento era aquele. No dia seguinte seria tarde.

- Pai - perguntou Isabel corando. - Eu também vou?

- Vais.

- E a mãe?

- A mãe?

Os olhos negros de Joana brilharam ansiosos ao clarão vermelho das chamas. O rosto magro parecia agora mais belo, mais jovem e tão parecido com o de Isabel que, de relance e na penumbra, se confundiram talvez,

- Tua mãe também vai - respondeu Manuel Rato numa voz grave.

Enquanto comiam o caldo, decidiram sair noite avançada, já com o povoado adormecido. Espertaram a fogueira com achas secas e aninharam-se em volta a fazer tempo.

- Gostava de ser presa... - disse inesperadamente Isabel, interrompendo o silêncio como se falasse consigo própria.

- Que tola é esta rapariga - comentou Joana.

Com um graveto, Manuel Rato chegou à fogueira algumas pequenas brasas fugitivas.

- Pai - insistiu Isabel. - Se fosse presa e me portasse bem, podia entrar no Partido, não podia?

- Lá irás, mesmo sem seres presa - respondeu Manuel Rato, e, levantando-se, abriu a porta e saiu.

Encostou-se à parede da casa e a filha veio ter com ele. A noite já fechara escura, embora por cima do horizonte se visse ainda uma faixa tênue e esmaecida do poente. O ar sereno e silencioso refrescara. Num casal, abriu-se, chiando para a noite, o rectângulo iluminado da porta. Um vulto tapou-o por momentos, o rectângulo reapareceu e logo outro vulto o ocupou.

- Há-de ser sempre como queres - disse uma voz suave de homem, tão nítida como se estivesse ali ao pé.

Um ruído de água chocalhada, uma voz feminina mal distinta, socos arrastando-se em degraus de pedra.

- Antes assim fosse - voltou o homem na mesma voz suave.

O rectângulo iluminado reapareceu por instantes, tão nítido como as vozes, uma sombra voltou a ocupá-lo, reapareceu ainda e de novo a noite se fechou, negra e silenciosa.

Manuel Rato e Isabel voltaram para dentro. Manuel Rato sentou-se no banquito e Isabel acorrou-se junto da mãe. Assim estiveram calados e sonolentos ao clarão incerto das chamas até que Joana adormeceu. Embora querendo resistir ao sono, Isabel acabou também por adormecer. Com a cabeça no regaço da mãe. De rosto sombrio e carregado, Manuel Rato continuou brincando com o pauzito, chegando incansavelmente à fogueira as brasas

fugitivas. De longe em longe, atirava um pequeno ramo ou graveto e ficava distraído a ver o fogo pegar dificultoso à lenha seca até romper numa chama mais viva que agitava convulsivamente as sombras na parede. Assim esteve matando o tempo. Depois levantou-se, olhou sem pressa a mulher e a filha, atravessou o pequeno compartimento, abriu a porta, saiu e tomou a fechar a porta com cuidado.

## 2

Arrefecera. Aconchegando nos bolsos os maços de manifestos, Manuel Rato meteu-se pelos campos e pinhais até desembocar num caminho arenoso que mal se via no escuro. Adiante parou no silêncio. Depois de se certificar bem dá local, fixou cuidadosamente um manifesto no ramo de um arbusto, logo voltando para o caminho que seguiu longo tempo. Depois, atravessando um pinhal, foi parar frente a uma casita isolada, sumida numa clareira. Pôs um manifesto no degrau e colocou-lhe em cima, a segurá-lo, uma pedra que antes apanhara no caminho. Cortando carreiros, seguindo por extremas de leiras semeadas, rondando pequenos poços que na noite se abriam como alçapões, Manuel Rato de novo parou defronte de uma cancela, cuja madeira nova e clara se adivinhava na escuridão. Estava procurando fixar um manifesto, um cão rosnou inquieto e logo apareceu, do outro lado da cancela, saltando possante num ladrar furioso. Manuel Rato acabou de fixar o papel e recuou na noite. O ladrar do cão subiu de tom, adivinhando-se que saltara para cima do muro. Uma porta rangeu. De certeza alguém espiava a noite. Manuel Rato recuou mais por entre mato e silvas.

- *Douro!* - era uma voz de homem, forte e imperativa.

O cão não rosnou e ouviu-se o estalido de ramos secos sob passos pesados.

Manuel Rato afastou-se rápido. Ninguém o podia ver. Mas ele imagina a própria figura deslocando-se furtiva e apagada na tranquilidade e na penumbra da noite como se fora um vagabundo ou um ladrão. Acabou por desembocar no olival, que atravessou direito a casa. Ao chegar à porta, ainda se ouviu à distância o possante ladrar do cão.

Isabel acordara pouco depois do pai sair. Ao dar pela sua ausência, supôs que tivesse ido ao quarto. Esperou uns instantes de ouvido à escuta, a surpreender qualquer ruído acusando a presença do pai no compartimento vizinho. Como nada ouvisse, levantou-se em sobressalto.

- Pai - ciciou.

Correu à porta da rua e saiu.

- Pai! - repetiu em voz baixa, que se ouviu nítida e alarmante na noite tranquila e fria. - Pai! - repetiu ainda, e teve um arrepio, a estremecer-lhe o corpo quente da fogueira.

Voltou para dentro. A mãe não acordara e Isabel anichou-se de novo junto dela. Indignada e desiludida. Como lera possível que o pai tivesse feito aquilo? Como é possível que lhe tivesse prometido levá-la e a deixasse adormecer para partir sozinho? Esperaria tudo, tudo, menos isso. De todos, menos do pai. Que fazer agora? Acordar a mãe e irem-se deitar? Na verdade, que faziam agora ali junto do borralho? Mas não, não podia acordar a mãe. Não tinha coragem para lhe dizer que o pai as enganara e fora fazer sozinho a distribuição dos manifestos, Sentia vergonha do pai, pela mãe e por si própria. As chamas frouxas da fogueira foram morrendo até ficar só o velado clarão das brasas. Reprimindo a vontade de soluçar, angustiada de indignação, sofrendo cada minuto e cada segundo de espera, Isabel dispôs-se a passar ali a noite. Muito depois ouviu passos lá fora e, sem se mover, viu na penumbra o vulto do pai assomar à porta. Como iria Manuel Rato justificar-se. Que explicação lhes daria, fingiu dormir. Sentiu o pai aproximar-se e passar junto delas. Depois a mão ossuda do pai tocou-lhe a fonte e logo lhe deu uma pancada cautelosa no rosto. As palavras de Manuel Rato, graves e pausadas, fizeram-lhe bater o coração a descompasso.

- Isabel, vamos!

### 3

Cá fora, no escuro, ao ar frio e parado, juntaram-se uns momentos porta. Manuel Rato tinha saído para ir deixar manifestos em casais desgarrados e voltava agora para fazer a distribuição em Vale da Égua com a mulher e a filha. Tropeçando na terra irregular do olival e ziguezagueando por entre as árvores, foram sair em frente da última casa, num sítio tão esconso e sombrio que nenhuma forma se distinguiam na noite. Ali Ficaram junto a uns silvados, encostados e quietos, de ouvido à escuta e olhos bem abertos a adivinhar o que não viam.

Nenhum ruído se ouvia além da respiração de Joana e nada conseguiam distinguir e identificar apesar de conhecerem o sítio palmo a palmo.

- Vai - ciciou Manuel Rato, e entregou a Isabel um manifesto.

A rapariga segurou o papel com a mão incerta e sumiu-se. Ficaram os dois ainda mais chegados, procurando inutilmente e com ansiedade seguir com os olhos a rapariga. A porta era a dez passos, mas Isabel tardava em voltar. Que



estaria fazendo? Sobressaltou-os um estalido de árvore num local indeterminado e um isolado e frio bafo de vento. Depois escuridão e silêncio. Haveria novidade? Já porém o vulto da rapariga aparecia como nascido do chão. Detendo a respiração ofegante, vinha de novo encostar-se aos pais, de costas, rosto voltado para o escuro. Manuel Rato pousou-lhe a mão no ombro e pareceu-lhe sentir o bater apressado do coração da moça.

Esgueirando-se por entre árvores e muros de pedra solta, pararam de novo. Agora via-se a mancha de outra casa, de perfil, ligeiramente recuada do caminho, tão tranquilo na atmosfera parada que dir-se-ia ninguém ali viver.

Era a vez de Joana. Pegou no manifesto e aproximou-se. Atravessando um pequeno terreiro, contornando um monte de mato e pisando lenha espalhada pelo solo, logo deu com o clarão dos degraus de pedra a meia dúzia de passos. Nesse preciso momento, partiu-se-lhe debaixo dos pés uma ramada seca. No silêncio, o ruído pareceu um grito atirado de encontro à casa a acordar os moradores, correndo pelos caminhos e ecoando nos campos e pinhais a alarmar a noite. Joana ficou imobilizada. Teriam acordado? Saltaria o dono cá fora a investigar? Assim esteve esperando, um tempo que lhe pareceu uma eternidade, imaginando como apareceria o seu próprio vulto à vista de alguém que espiasse da porta e a visasse com uma caçadeira. De repente decidiu-se e, três passos dados, alcançou os degraus de pedra. Em maré de pouca sorte. Um pé bateu numa lata abandonada, num som aberto e penetrante. Não havia agora que recuar, nem tempo a perder, e em gestos decididos procurou meter o papel por baixo da porta. Fosse por nervosismo, fosse porque a folga da porta era pequena, duas, três vezes, tentou meter o manifesto sem resultado. Procurava fazê-lo em silêncio, mas, a cada gesto, estalavam areias nos degraus e soava o frufu do papel de encontro à madeira.

Ouviu-se dentro uma voz de mulher, depois um voz grave e monótona de homem e de novo a de mulher, agora mais alto. Joana tentou uma vez mais e o manifesto passou a frincha. Então levantou-se, atravessou o terreiro e correu. Preparava-se para sair ao caminho e contornar a casa, para se ir juntar ao marido e à filha, estes apareceram ali mesmo, à espera, os dois vultos muito chegados e hirtos como sentinelas.

Assim foram correndo as casitas da aldeia. Uma vez cada um, iam metendo os manifestos por debaixo das portas. Faltavam agora apenas três casas pegadas no extremo da povoação. Numa resolveram não pôr, porque o cão, um molosso que era o terror dos pedintes, daria de certeza alarme. A seguinte cabia a Isabel.

Desafrontada a casa de pinheiros, o perfil do telhado apercebia-se indeciso sobre o fundo escuro da atmosfera. A frente da casa desaparecia por detrás das

manchas informes de montes de estrume e de lenha. Era difícil avançar sem fazer ruído e sem tropeçar, pois todo o chão em frente da casa era um tapete de ramadas e gravetos. Devagar, tacteando com os pés antes de dar cada passo, agora sumida na garganta de dois enormes montes de lenha, Isabel ia-se aproximando da casa. De repente, aconteceu alguma coisa de monstruoso. Um vulto levantou-se-lhe mesmo ao lado dos pés, pulou como accionado por uma mola e, lançando três gritos estridentes, roçou-lhe impetuoso pelas pernas e numa restolhada de asas e penas foi silenciar alguns metros adiante, no escuro. Colhida de surpresa, Isabel deu um grito. O cão da casa vizinha rompeu a ladrar. Ainda não tivera tempo de reflectir se deveria ou não insistir em ir meter o manifesto por debaixo da porta, Manuel Rato e Joana estavam ao pé dela. Manuel Rato pegou-lhe docemente num braço e afastou-a. Era preferível ficarem por ali.

De novo atravessaram o olival para regressarem a casa.

Abriram a porta e ficaram os três juntos na soleira. Manuel Rato iria ainda fazer a distribuição à distante Aldeia do Mato e a casais em redor. Só pela madrugada estaria de volta. Chegou o rosto ao da mulher e sentiu-lhe o macio dos lábios procurando-o. Chegou depois o rosto ao da filha, sentiu-lhe o narizito gelado e percebeu que ela fazia esforços para não rir. Aconchegou melhor nos bolsos o maço dos manifestos e desceu ao caminho. Pedras estalaram debaixo das botas. A mulher e a rapariga deixaram-se ficar à porta, olhos abertos para a noite e ouvindo, até desaparecer por completo, o ruído cada vez mais distante das passadas pesadas do homem no caminho irregular. Só então entraram e fecharam a porta, procurando não fazer ruído.

#### 4

Bailando num imenso rodízio, os campos arborizados envolvem o comboio. No primeiro plano junto à linha, as árvores passam em voo, para logo, sonolentas, ficarem para trás. Mais longe, desdobram-se em círculos, passam e repassam umas pelas outras, cruzam-se em corridas curvas e sem destino. No horizonte, enquanto os pinhais no seu conjunto rodopiam melancólicos e vagarosos, os pinheiros cruzam rápidos o perfil negro dos troncos, desenhando um denso e vibrante quadriculado sobre a funda claridade do céu.

Paulo olha distraído. A tudo se sobrepõe ainda a trágica imagem do cão que viu horas antes na berma da estrada.

Dera com ele imóvel a uns metros do asfalto. Um belo animal castanho-dourado, o focinho nobre e altivo apontado em frente. O que lhe chamara a

atenção não fora tanto a imobilidade, como a rigidez. Na atitude do cão, molemente deitado mas arrogantemente soerguido nas patas dianteiras, havia qualquer coisa de insólito e inquietante. Dir-se-ia formado por duas metades de seres diversos coladas por engano. O que a metade anterior tinha de força, vigor e nobreza, tinha a metade posterior de vulgaridade e preguiça.

Paulo parou na estrada a ver. Um camponês baixinho e desempenado, de cuja aproximação Paulo não dera nota, parou também uns passos adiante.

- Pobre bicho! - exclamou numa voz fraca e melodiosa.

Saindo do leito da estrada, o homem dirigiu-se ao cão e apontou-lhe a vara que trazia. Paulo seguiu-o e pôde então ver a expressão do animal: uns olhos fixos e assombrados, que, com toda a evidência, nada estavam vendo. Alguma coisa absorvia o animal e o mantinha em imobilidade completa. O camponês tocou-lhe levemente com a vara no dorso. Então o cão teve um rugido rápido e rouco e, como que fazendo grande esforço para trazer o olhar cá para fora, fitou o camponês com ódio. Depois, abrindo a boca, mostrou as presas fortes e afiadas. Paulo recuou um passo com horror. A boca era uma pasta de sangue vivo, que logo correu em grossos fios. O corpo do animal continuou completamente imóvel.

- Pobre bicho! - repetiu o camponês voltando à estrada. - Ficou com os quartos esmagados.

Paulo regressou também à estrada e seguiu o seu caminho. A imagem do cão com os olhos assombrados de dor e impotência, a boca cheia de sangue, não o largará tão cedo. Paulo é há muitos anos membro do Partido, mas um traço lhe ficou da infância que não conseguiu ainda completamente eliminar: é supersticioso. Sente-se triste e inquieto. Quando dentro em pouco receber as más notícias que o esperam, não deixará de associá-las à imagem do cão esmagado e rígido com os olhos cheios de ódio e impotência.

## 5

O comboio abrandou a marcha. Já se vê o barracão junto do qual Manuel Rato o apresentou ao Zé Cavalinho. Com ar de poucos amigos, Manuel Rato parara na soleira. De boné atirado para a nuca, Zé Cavalinho estacara o copo no ar e repetira três vezes as últimas palavras da frase que acabara de dizer ao taberneiro.

- ... um tostão furado... um tostão furado... um tostão furado...

Por detrás das sobranceiras grisalhas, os olhos atentos no camarada reflectiam astúcia e contrariedade. Demasiado sabia a opinião que dele fazia o

outro e aborrecia-o que o topasse a bebericar. A hesitação foi porém curta. Bebeu o copo e saiu.

Junto à vedação de cimento da linha férrea, juntaram-se a Paulo. A alguns passos, Isabel, cabeça direita, o rosto emoldurado pelo arco das tranças, observava o grupo sorrindo. Ali, precisamente ali, naquele ponto da vedação em ruínas, onde um buraco se abria sobre a linha como uma goela negra. Ali também, dias depois, lhes dera os manifestos.

A carruagem em que Paulo seguia, a última da composição, parou ainda antes do cais. O chão apareceu tão abaixo que a carruagem parecia ter ficado pendurada no ar sustida por qualquer misteriosa força. Com dificuldade, esticando as pernas curtas para alcançar o estribo, Paulo saltou.

Carregados de cestos e sacos, outros passageiros seguiam em pequenos grupos em direcção à saída. Logo à frente de Paulo, uma mulher coxa de ancas disformes transportava um pesado cabaz. A cada passo que dava, sapateando o chão com o pé enfermo, baixava o braço que segurava o cabaz e, numa contorção, projectava as ancas em sentido contrário. Por cada passo, repetia rigorosamente esse jeito. A atenção de Paulo fixou-se uns instantes no andar da mulher e foi depois atraído para a saída da gare, lá adiante.

Alguma coisa de anormal se passava. Embora não fossem muitos, os passageiros, estranhamente parados, formavam grupos junto à poria. Uma patrulha da GNR, de capacete e espingarda, observava qualquer coisa no meio do grupo, enquanto uma mulher, ligeiramente à parte, abria os braços num gesto de enfado.

“Candonga”, pensou Paulo. Na sua frente, com a regularidade de uma máquina, a mulher coxa seguia, pé no chão - braço abaixo - anca ao lado, sem qualquer fadiga aparente. Mais dois passageiros pararam junto à porta de saída. Já Paulo se encontrava a poucos passos do grupo, sentiu-se agarrado violentamente por um braço.

Segurando-o com ambas as mãos, Zé Cavalinho teve um riso tossicado e artificial:

- Olá, colega! Com que então mal pesado? Não há como ver para tirar dúvidas.

Paulo não percebia o que Zé Cavalinho queria dizer com estas palavras. O boné atirado para a nuca, o tom irónico da voz, os olhitos vivos espreitando por detrás das sobrancelhas grisalhas, eram bem do Zé Cavalinho. Mas uma quase imperceptível rouquidão e o olhar fugitivo e inquieto anunciavam novidade.

- Venha ver com os seus olhos que fira daí a ideia - continuou o ferroviário dando uma pequena gargalhada forçada, e obrigou Paulo a voltar para trás até ao depósito das bagagens.

Embora sem perceber o motivo da atitude do camarada, Paulo seguiu-o, Zé Cavalinho fê-lo entrar no edifício, conduziu-o por entre pilhas de caixas e volumes e saiu com ele no largo da estação, já do lado da aldeia. De fuga, Paulo reparou que, junto à porta, do lado de fora, estava postada outra patrulha da GNR.

Num passo rápido e irregular, o ferroviário conduziu-o ao longo da vedação de cimento e, contornando o barracão onde Vaz o vira pela primeira vez, meteu-se por entre rimas de madeira. Só então parou.

De frente para Paulo, agarrou-lhe os braços e fitou-o profundamente. Nada de irónico e divertido havia agora na sua expressão. Olhos húmidos, subitamente envelhecido, três vezes fez menção de falar e três vezes ficou mordendo os lábios trémulos. O boné estouvadamente atirado para a nuca mais acentuava por contraste a comoção do rosto magrito. Ainda mordendo os lábios, acenou algumas vezes com a cabeça, num oscilar tão rápido e certo que mais parecia um tique nervoso. Conseguiu finalmente falar. E o que contou deixou Paulo sufocado de amargura, triste, triste, triste, como nunca se sentira.

## 6

Caíram as primeiras árvores. Inclínavam-se, primeiro demoradas e hesitantes, para depois baixarem em correria, esgarçando ramos de passagem, até amassarem soturnamente as copas no chão de caruma. Deitadas, enormes, pareciam cadáveres de gigantes ceifados por metralha. A aragem fria levava pinhais fora o estalar dos ramos quebrados, e o estrondo surdo da queda de cada árvore abafava por momentos o ranger das serras dos lenhadores. Depois, aqui e acolá, continuava o vaivém das serras como ilhotas de ruído no amplo silêncio dos pinhais.

O Valadinha, e o seu acólito de blusão cirandavam de um lado para o outro, lavrando na carrasca das árvores escolhidas a sentença de morte. Estavam bem-dispostos e de quando em quando davam gargalhadas. Depois foi a surpresa. Mal se tinham apercebido de passos no pinhal, viram-se rodeados de camponeses, homens e mulheres que estacaram indecisos a alguns passos. Apercebendo-se dessa indecisão, o Valadinhas não perdeu a compostura.

- Boa tarde, ó gente! - ironizou, como se não adivinhasse ao que ali iam.

Lançando porém a vista em redor, a medir os adversários, sentiu-se intranquilo. Ligeiramente à frente dos companheiros, um camponês de barba loura, alto e esquelético, fitava-o com expressão baça e indefinida. Trazia a

camisa por fora das calças, ampla e solta, e os compridos braços escorriam-lhe ao longo do corpo. O olhar do Valadinhas seguiu esses braços até parar novamente inquieto: na mão enorme, nervosa, ossuda e coberta de pêlos ruivos, o camponês de barba loura segurava uma machada, que prolongava o braço até quase tocar no chão. O Valadinhas logo reconheceu no homem o proprietário do pinhal onde se encontrava.

- Vindes ver e aprender? - insistiu no mesmo tom. - Não é difícil, eu ensino.

E, como professor que vai ao quadro explicar um exercício, aproximou-se de um pinheiro e descarregou o golpe.

Logo ouviu atrás de si uma voz rouca e espaçada:

- Larga-a!

O Valadinhas olhou de relance o camponês, fitou por momentos uma blusa azul tufada pelos seios fortes de uma moça, aproximou-se doutro pinheiro e descarregou novo golpe.

Mal o tinha feito, sentiu o braço agarrado pela tenaz de uns dedos ossudos e compridos e viu a seu lado, um pouco acima, o rosto parado do camponês de barba loura.

- Derrotaste-me o outro - disse o camponês na mesma voz rouca e espaçada. - Neste não tocas, malandro.

O Valadinhas quis ainda sorrir e troçar. Mas o olhar fugiu-lhe para a mão ossuda coberta de pêlos ruivos que segurava o cabo da machada. Procurando em volta o companheiro do blusão, não o encontrou. De ouvido apurado, surpreendeu-o não ouvir o trabalho dos serradores. Lançou em volta um olhar furtivo e só então pareceu avaliar a situação. A sua expressão foi decerto lamentável, pois soaram em volta risos e gargalhadas.

- Então não ensinas? - perguntou uma voz fresca de rapariga.

Com cautela, não fosse provocar um golpe da machada, o Valadinhas procurou libertar-se da mão ossuda. O camponês da barba loura largou-o. Lépidamente, Valadinhas esgueirou-se. Deixaram-no passar. E ter-se-ia ido embora sem mais trabalhos se não fora o seu orgulho. O Valadinhas, funcionário do Grémio, possuidor de um cartão que infundia terror aos camponeses, autoridade todo-poderosa que decidira do destino de dezenas de milhares de pinheiros, certo da sua força que se revelaria a curto prazo, não aceitou fugir assim batido, sem reacção. A alguns passos do grupo, voltou-se para trás e acenou uma ameaça obscena com o rosto irado.

Viu uma mulher baixar-se e logo caiu a seu lado uma pinha seca, que deu três saltos no fofo da caruma. Não concluía ainda se a pinha caíra de um

pinheiro ou lhe fora arremessada pela mulher, logo outras vieram atrás. Uma, pesada e cheia, bateu-lhe num braço.

- Então não ensinas? - insistiu a mesma voz fresca de rapariga. O Valadinhas voltara as costas e começara a afastar-se rápido, quando uma pinha mais certa lhe derrubou o chapéu.

- Olha o cabresto! - gritou um homem. De novo se voltou entre gargalhadas.

Confusamente, viu os camponeses virados para ele, a blusa azul, um braço atirando uma pinha, o camponês da barba loura parado e hirtos e, medindo rapidamente as distâncias, calculou que o chapéu tombado estava mais próximo dos camponeses que dele próprio. Fez ainda menção de ir atrás apanhar o chapéu e lembrou-se nesse momento que o comprara há poucos dias por 90 escudos e que era um bonito chapéu verde de que muito gostava. Uma pinha, atingindo-o com força no ombro, estacou-o. Então voltou costas e deitou a fugir.

- Olha o cabresto! - gritaram-lhe ainda. E a aragem fria espalhou pelo pinhal novo coro de gargalhadas. Um camponês aproximou-se do chapéu e com a bota enorme deu-lhe um pontapé. O chapéu verde do Valadinhas, comprado havia poucos dias por 90 escudos, levantou voo e caiu a uns metros. O camponês perseguiu-o com fúria, pisou-o repetidas vezes, esmagou-o com as solas cardadas e só sossegou quando o viu reduzido a uma massa informe. Então deu com desprezo novo pontapé e o chapéu, rasando a caruma, desapareceu numas camarinheiras.

Agora os camponeses não riam.

## 7

A meio do dia a situação permanecia a mesma. Dispersos nos pinhais, camponeses e lenheiros, em grupos, uns sentados outros de pé, falavam mansamente. Os lenheiros não haviam retomado o trabalho, mas, por indicação do encarregado, ali se deixaram ficar esperando ordens. Conversando com uns e com outros, Manuel Rato procurava convencê-los a largarem o trabalho e a irem-se embora. Eles eram porém poucos e temiam perder o ganha-pão. Foram ficando, comprometidos e envergonhados, mas sem coragem para acompanhar a luta dos camponeses. Rasgando pequenas clareiras no chão de caruma, tinham acendido fogueiras e coziam batatas em latas enegrecidas pelo fumo.

- Isto aqui acabou, meus filhos - dizia uma velha a dois lenheiros. Aqui não vos governais. Eles não apanharam para o susto e já não voltam.

Um dos serradores, homem magro e bexigoso, abanou a cabeça.

- Está enganada, tiazinha. Eles voltam e não voltam sós.

O serrador tinha razão. Pouco tempo depois apareceu o ajudante do Valadinhas com duas praças da GNR, de capacete e espingardas a tiracolo. Ficaram à distância dos grupos. Depois, o ajudante do Valadinhas olhou para um lado e para o outro a escolher as árvores, aproximou-se de um belo pinheiro, empunhou a marca e com um, dois, três golpes certos, feriu a carrasca e pôs a nu uma tira do lenho amarelo e lustroso. Os golpes surdos ecoaram ameaçadores pinhais fora, calando as conversas.

De blusão aberto, o ajudante do Valadinhas parecia um louco. Marcava a eito, sem respeitar a escolha que o seu olhar de profissional involuntariamente fazia. Costas quentes pelos guardas, já quase se convencera de que nada o impediria de fazer uma razia, quando de novo se viu envolvido pelos camponeses que o invectivavam. Procurando os guardas com os olhos, deu com eles molengões e condescendentes.

- Deixem o homem trabalhar - aconselhava um deles em voz pachorrenta.

- Ordens, são ordens, temos de as cumprir.

Mas, falando assim, não mostrava qualquer disposição em empregar a força. O companheiro, de rosto pálido e seco, parecia muito mais interessado em olhar os seios fortes da rapariga da blusa azul do que em atender o homem do Grémio. O ajudante do Valadinhas teve de suspender novamente o trabalho. Mas na sua expressão não se lia a desilusão nem a derrota. No rosto contraído, baixava-lhe um sorriso maldoso e, relanceando em volta um olhar inquietante, ameaçou:

- Esperem pela pancada!

Não foi preciso esperar muito.

## 8

Conduzida pelo Valadinhas, a guarda irrompeu pelos pinhais e formou rapidamente em linha, frente aos camponeses. Na sua atitude não se via a hesitação e desinteresse das duas primeiras praças, que apareceram desgarradas com o ajudante do Valadinhas. Botifarras negras solidamente assentes no chão, capacetes enfronhados sobre os olhos, correame e cartucheiras cingidas, armas na mão, aparentavam força, determinação e brutalidade. E coisa estranha! Os soldados da guarda não são escolhidos pelas caras que têm, mas todos eles exibiam ali rostos maldosos e violentos. Até os dois que haviam



aparecido primeiro, condescendentes e moles, adquiriam agora, integrados no conjunto, a mesma monstruosa expressão.

Protegidos pela guarda, o Valadinhas e o ajudante corriam de um lado para o outro e, dentro em pouco, o vaivém das serras e o ruído brusco das machadas encheu de novo a atmosfera. Um pinheiro tombou esgalhando ramadas na passagem. Depois outro.

Aprimorado na sua farda de bom corte, rosto fino e ameninado, o tenente empunhava uma pistola-metralhadora. Pôs-se à frente das praças, afastando as pernas em atitude estudada e provocante. Numa voz fina e áspera, que no amplo espaço dos pinhais soou com entoação de falsete, berrou uma palavra dirigida aos camponeses:

- Dis-per-sar!

Passos lentos, os guardas avançaram de armas aperradas. Sem pressas, os camponeses foram recuando até ficarem separados em pequenos grupos tristes, que olhavam de longe os trabalhos. O tenente teve um sorriso de vitória, os guardas puseram as armas a tiracolo e separaram-se também, uns aqui, outro acolá, junto dos lenheiros e dos marcadores. Recompuesto, rindo de novo, o Valadinhas deitava olhares trocistas para os camponeses e dirigia chalaças ao ajudante. Demasiado elegante naquele meio, o tenente observava os trabalhos sem interesse. Movia-se lento, enfadado e distraído, como se andasse numa propriedade sua a fazer tempo. Embalado pela cadência das serras e dos machados, pensava certamente noutras coisas.

Vozes alteradas tiraram-no da distração. Olhando na direcção das vozes, viu com surpresa, a uma centena de metros, os camponeses de novo agrupados numa massa compacta. As serras calaram-se nesse sítio do pinhal. Juntando as praças, o tenente correu para lá. A massa dos camponeses moveu-se incerta, foi adquirindo forma e de novo ficaram frente a frente a linha ameaçadora dos soldados de armas aperradas e o largo semicírculo de homens e mulheres parados, silenciosos e solenes.

Lançando raivoso o olhar em volta, o tenente viu a figura alta e hirta do camponês de barba loura, um rosto de velha enrugado e severo, a blusa azul tufada por fortes seios, uns olhos negros e ansiosos, um homem de expressão carregada e bigode negro e a expressão gentil de uma rapariga de tranças que a seu lado sorria.

- Vamos ficar assim? - soou uma voz fresca de rapariga.

Ilusão ou realidade? o semicírculo estreitava-se e envolvia lentamente a guarda.

- Parem com isso! - disse uma voz forte e serena.

Era o homem de expressão carregada e bigode negro que falara, agora dois passos à frente dos outros. Não longe, lenhadores, possivelmente envolvidos também por camponeses, pararam de serrar.

Os olhitos negros chispando no rosto ameninado, o tenente olhou de novo em volta caras, vultos, roupas. E sempre e sempre, atraindo irresistivelmente a sua atenção, a figura airosa e o rosto gentil da rapariga de tranças, a sorrir.

A aragem fria agitou mansamente as copas dos pinheiros sob o fundo azul e luminoso do céu. E de surpresa um trovão explodiu no ar e foi em ressaca e ecos pinhais fora.

- Tra-tra-tra-tra-tra-tra-tra!

Gritos. Depois um grande silêncio. Em alguns segundos, tudo se modificara. Uma parte do semicírculo humano desfizera-se em grupos. Tendo carregado à coronhada, os guardas estacavam, apontando as armas em direcções diversas. Como árvore sobrevivente do vendaval, a figura longa e hirta do camponês de barba loura parecia implantada na terra. Um outro camponês agarrava um braço por cima da camisa ensanguentada. Um rapazinho amparava dificultosamente uma mulher pesada vestida de negro, que, de joelhos e mãos no ventre, gemia docemente. Paralisados de espanto, Manuel Rato e Joana olhavam o chão. A seus pés, de borco na caruma, desarticulada como uma boneca de trapos, estava Isabel, morta.

## 9

Ao funeral de Isabel para o cemitério distante correu todo o povo das cercanias. À frente, suspenso em seis braços, que se iam revezando, seguia o pobre caixão de madeira, forrado de branco, que o povo caprichou em manter descoberto. O rosto de Isabel sumia-se em flores, fino, infantil e pisado pela morte. Engrossado por pequenos grupos escuros, que o esperavam por carreiros e caminhos, desfilou o triste cortejo pelos campos silenciosos. Ao chegarem à aldeia, onde se encontrava o cemitério, as estreitas filas desarrumadas e trôpegas de mulheres embuçadas em grandes lenços, de homens de cabeça descoberta e de crianças de todas as idades arrimadas aos familiares, estendiam-se por muitas centenas de metros. Nem GNR nem polícia apareceram e tudo decorreu sem incidentes. Findo o funeral, formaram-se nas ruas e tabernas pequenos grupos comentando os acontecimentos, com vozes moderadas e atitudes compungidas. Depois o povo regressou às aldeias, tal como delas viera, e a noite caiu pesada e amarga em centenas de lares.

Nos dias seguintes, os homens do Grémio não voltaram e a vida retomou nos campos o curso habitual. Só os rostos se mantinham mais fechados e em parte alguma se ouviam gargalhadas. Corria de boca em boca que iria haver prisões, mas os dias passavam sem que nada de novo ocorresse.

Até que uma semana depois apareceram a bater às azenhas, no caminho do Vale da Égua, três desconhecidos.

Tal como quando Vaz ali passara a primeira vez, ouviu-se o chorar de uma criança no interior e, tal como então, veio abrir a porta a mulher forte e morena. Logo a seguir, por entre o umbral da porta e as saias da mãe, a criança de ventre nu apareceu curiosa.

- A senhora sabe indicar-nos onde mora o Manuel Rato?

A mulher ficou silenciosa, olhando com atenção os desconhecidos. Eram três homens como muitos outros, apenas mais bem vestidos do que o vulgar por aqueles sítios. Poderiam talvez ser amigos de Manuel Rato, que o procuravam para lhe dar os pêsames. Talvez. Mas, sem ela própria saber porquê, a mulher fez-se surda. Os homens tiveram de lhe repetir a pergunta em voz mais alta.

- Ah! - admirou-se a mulher a ganhar tempo. E apontando uma direcção errada acrescentou: - Sigam sempre a direito. De caminho, já encontram - e logo que os homens se sumiram na primeira curva, agarrou o filho e correu ofegante para Vale da Égua, tal como fizera dias antes a prevenir dos cortes no pinhal do Elias.

No dia seguinte, os três homens voltaram. Acusaram-na de os ter enganado para dar tempo a Manuel Rato de fugir e intimaram-na a acompanhá-los. Ela continuou a fazer-se surda e desmentiu-os com vigor.

- Não percebo dessas conversas. Os senhores não perguntaram por Rato nenhum. Os senhores perguntaram o caminho para a Aldeia do Mato e foi esse que lhes indiquei. A gente ouve cada uma!

Dois dos homens olharam para o terceiro e este teve um riso escarninho que deixou ver uns dentes amarelados e compridos como os de um cavalo.

- Feche a botica e venha daí, santinha... A mulher fez-se desentendida, atirou o lenço para trás e continuou a Protestar, já exaltada.

- Afinal que querem vocês? Perguntam pela Aldeia do Mato, indiquei-lhes o caminho. Que querem mais? Julgam que tenho medo por ser mulher e estar só? Não tenho medo de ladrões, meninos! Larguem-me a Porta e vão à vossa vida.

As expressões dos homens endureceram.

- Basta de paleio - disse o dos dentes de cavalo. - Prepare a trouxa e marche!

- Aaaah! - fez a mulher, mostrando finalmente perceber o que dos três Pipis?! Por não haver guarda por queriam dela. - Quem o diria que querem... Ir com eles?! Eu ir com estes sítios?! - e tendo dado uma gargalhada ameaçadora, deixou de falar e começou a berrar em altos gritos que espalharam o alarme no vale.

Chamou-lhes ladrões salteadores, vagabundos, carteiristas, malandros, vigaristas, candongueiros e contrabandistas. Ameaçou-os de ficarem por ali amassados à cachaporra, cortados à foice e picados à forquilha. Gesticulou, esbracejou, despenteou-se e descompôs-se. À medida que gritava o rosto trigueiro congestionado foi tomando uma expressão violenta e irada, a que o buço forte emprestava um ar de ferocidade.

Entreolhando-se surpresos, os homens procuraram acalmá-la, mas, a cada uma das suas palavras ou gestos, ela respondia berrando e gesticulando de forma ainda mais desesperada. Porque não tinham ordens terminantes para a levarem, porque concluíram que a mulher não sabia sequer com quem estava falando e porque temiam o que pudesse resultar de tudo aquilo, os três pides acabaram por deixá-la, Quando se afastavam. O dos dentes de cavalo teve um desabafo!

- Que bicha!

A mulher continuou berrando até ele, desaparecerem. E só então se calou e, pegando na criança e compondo o cabelo por debaixo do lenço, teve um amplo e largo sorriso que iluminou de candura o seu rosto trigueiro.

## 10

Paulo está sentado à mesa. Olha o papel branco, Os dedos grossos seguram trôpegos a velha caneta. Está assim há muito sem conseguir escrever e sem conseguir pensar.

Tudo quanto lhe contou o Zé Cavalinho lhe passa em tropel pela ideia amargurada, desarrumada e confusa. Nítida só uma imagem: a figura gentil de Isabel, inclinando ligeiramente o rosto emoldurado pelo arco das tranças e sorrindo no seu sorriso puro e confiante. E vê Isabel caminhando à frente no pinhal, parando e voltando-se de quando em quando. Vaz o fora apresentar. E vê-a observando irónica e sem malícia o seu primeiro encontro com José Cavalinho, junto à vedação de cimento da linha férrea. E vê-a quando ele distribuía o toucinho com broa, sufocando o riso no ombro da mãe até a gargalhada estoirar irresistível. E ouve a voz cantante de Joana: “Está maluca, esta rapariga.” E essas imagens são agora tão dolorosas que Paulo sacode-as,

procura fixar a atenção no papel branco e na cabeça, faz por afastá-la para dedos grossos que seguram a velha caneta e faz baldados esforços se concentrar e escrever.

Ele vai escrever “Vitória dos pequenos proprietários dos pinhais”. Sim, vai escrever “Vitória” e escreverá justo. Mas porquê aquele golpe? Porquê Isabel? Porquê tão elevado preço? E a mão de Paulo, que se agitou um momento para escrever, pára de novo e de novo aparece diante de Paulo aquela figurinha gentil e asseada, e aquele cabelo bem penteado e aquele rosto sorrindo: “Sou já uma mulher, uma camarada vossa, que pensais? Podeis confiar em mim.” E, tanto ou mais dolorosa, aparece ante Paulo a imagem de Manuel Rato e Joana olhando a filha com orgulho e amor. E agora... ó desgraçados, desgraçados!

Rita entra mansinho. Olha Paulo e, contra o costume, nada exige. Chega-se silenciosa à sua beira e fica esperando. Paulo passa os dedos pelo cabelo da pequenita e esta fala então, baixinho.

- Primo bonito.

Paulo afasta a cadeira da mesa, senta Rita no colo, voltada para a mesa, e apoia levemente o queixo na nuca da criança.

- Primo bonito - repete Rita, branda e meiga. - Primo lindo.

Paulo quer dizer qualquer coisa, mas não consegue. Os olhos embaciados deixam de ver, os lábios tremem-lhe e todo o seu esforço é para não romper em soluços.

## Capítulo VIII

### 1

No seu modo habitual, Vítor apoia o queixo no punho fechado enquanto expelle lentamente o fumo. Como sempre, olha um e outro com ironia. Não se lhe nota nem impaciência nem inquietação.

Essa calma não tranquiliza Vaz. Quanto mais lembra a cena à porta da leitaria, quanto mais recorda a atitude de Vítor e do desconhecido, mais se convence de que os dois não estavam ali por acaso e de que Vítor o indicara ao outro. Certos olhares e gestos não enganam. Precisamente por serem quase imperceptíveis, acusam compromissos e propósitos. Assim o rápido e simultâneo desvio do olhar dos dois. Não se podia ter enganado. Falavam dele de certeza. “Julgas que não reparei, mas daqui a pouco quero ver como te explicas”, pensava.

Mal porém se tinham sentado, Vítor falou voltado para ele:

- Deves ter mais cuidado nas vindas à cidade, amigo. A tua presença já se toma notada - indolente, expeliu o fumo do cigarro, antes de continuar. - Outro dia vi-te passar com a bicicleta à mão e perguntaram-me se sabia quem eras.

- Quem to perguntou? - disparou Vaz. Incisivo e severo, fixava o outro. Sem mudar de posições, Vítor acabou nova fumaça.

- Foi o Meireles. Vocês conhecem - disse tranquilo, voltando-se para os camaradas. - Não é mau tipo. O chato é Vaz já ser notado.

- Sim, não é mau tipo - confirmou Cesário.

Olhos brilhando atrás das lentes espessas, Marques fazia esforços para não intervir. A desconfiança que transparecia na pergunta rápida de Vaz não lhe escapara.

- É preciso não tomar paus por cobras - comentou irritado. - Se fizesses as coisas com mais naturalidade, nada disso acontecia.

Vaz conteve-se e calou-se. Sentia que urna vez mais Vítor lhe escorregava entre os dedos. Aquela pressa de falar no caso logo ao princípio da reunião, antes que ele, Vaz, pudesse tomar a iniciativa, parecia-lhe acusar não segurança tranquilidade, mas apenas cálculo. A explicação de Vítor mais lhe aumentava a suspeita.

No fim da reunião, deixou Vítor e Marques parte com Cesário e Afonso. Um e outro confirmaram que o Meireles não era mau sujeito. Afonso conhecia-o bem, era mesmo amigo da família. Não sendo camarada, ninguém punha em dúvida a sua honestidade.

Inesperadamente, Vaz perguntou:

- E quem nos diz que era o Meireles?

- Disse o Vítor - responderam ao mesmo tempo Afonso e Cesário.

Vaz não desistiu, propôs que Afonso perguntasse ao Meireles se tivera a conversa com Vítor. Distraído e distante desde o princípio da reunião, Afonso esteve em desacordo.

Considerava excessiva a dúvida e inconveniente a iniciativa.

- Seria estranho - começou. - Se lhe falo nisso, logo conclui que há uma ligação entre mim e o Vítor e não lhe será difícil adivinhar que se trata de trabalho do Partido.

- Também não vejo necessidade - apoiou Cesário mansamente.

Vaz não se deu por convencido. Que não lhe falasse então na conversa com Vítor. Mas lhe perguntasse ao menos se o conhecia. Ou então lhe dissesse que o vira nesse dia à porta da leitaria e notasse a reacção.

Desagradados, os camaradas mantiveram-se na sua. Impaciente, Afonso disse que não lhe parecia bem falarem assim sem Vítor estar presente,

- Trata-se da segurança do Partido e de vigilância revolucionária - insistiu Vaz numa voz fria.

Afonso acabou por aceitar com um gesto de cabeça, não porque estivesse de acordo mas porque a discussão se estava prolongando demasiado e esperava ansioso o fim da reunião para tratar a sós com Vaz o seu caso. Decerto o camarada trazia uma resposta.

- Então? - perguntou finalmente, empalidecendo um pouco.

Vaz julgou que Afonso falava ainda de Vítor.

- Então está decidido - disse severo. - Falas com o Meireles e depois dirás o resultado.

- Não é isso - atalhou Afonso. - Sobre o meu caso?

- Já lá vamos - disse Vaz.

E, passados uns instantes, depois de saber por Afonso que fora finalmente dada a Sagarra a ligação com a organização camponesa mais numerosa controlada pelo Comité Regional, comunicou-lhe haver acordo que passasse aos quadros de funcionários. Trazia mesmo data marcada.

“Por que esperou até agora para mo dizer em duas palavras?”, interrogava-se Afonso. “Ou não avalia o que isto representa para mim?”

- Não estás a prestar atenção - disse Vaz depois de repetir algumas vezes o local do encontro e a maneira de se dirigir lá.

Como podia Afonso prestar atenção? Nesse momento via diante de si, a olhá-la por entre as pestanas espessas, uns olhos negros húmidos de lágrimas e via Maria fugir rápida para casa do pai depois da despedida.

- Desculpa, camarada, repete - murmurou.

Marcado o encontro, Vaz preparou-se para sair.

- Gostaria de falar ainda contigo - disse Afonso.

- E importante e urgente? - perguntou Vaz.

- Importante e urgente? - repetiu Afonso. - Deixa...

- Já estou atrasado, amigo - justificou Vaz. - Tenho que lhe dar bem.

## 2

Vaz tinha indicado uma camioneta. Afonso achara mais cómodo ir de comboio. Por isso chegara demasiado cedo. Conforme o que lhe havia sido aconselhado, deu a maleta a guardar numa taberna da vila. Depois, não sabendo que fazer, justificando-se com a ideia de que sempre é melhor aparecer adiantado que atrasado, foi-se aproximando do local do encontro.

Não há ninguém que não tenha alguma vez na vida partido com atraso com um destino a que não quer faltar. Então, a mais pequena pausa forçada no caminho provoca angústia, irritação, sofrimento. Quem parte e chega adiantado goza absoluta serenidade. Chegar adiantado é repousante, faz bem à saúde, acalma os nervos.

Assim filosofando, Afonso chegou muito antes da hora marcada à fonte que Vaz lhe havia indicado. Resolveu seguir pela estrada, saboreando o ar fresco carregado de odores silvestres.

De súbito, olhando para uma estrada secundária, deu com dois homens que o fitavam com atenção. Um alto e de óculos, elegantemente vestido. O outro, de estatura mediana, tinha um cabelo negro e lustroso como as asas de um corvo e uns olhos pequenos e penetrantes que se moveram rápidos sob a pala das espessas sobrancelhas. Não eram evidentemente daqueles sítios e a sua presença em local tão deserto, a sua atitude, os olhares de desconfiança e antipatia, não podiam deixar de levantar suspeitas.

Adiante Afonso encontrou, arrumado fora do leito da estrada e brilhando ao sol, um moderno automóvel de cor esverdeada. Um homem de óculos escuros saiu, olhou Afonso atentamente e afastou-se para trás de uns arbustos. Cada vez mais desconfiado, desejoso de pôr as coisas a claro, Afonso



aproximou-se do carro, espreitou para dentro e leu com atenção o bilhete de visita seguro no tablier.

Umhas centenas de metros adiante, tendo-se sentado à beira da estrada e olhando os campos na direcção da vila, pareceu-lhe ver, entre arbustos, dois vultos voltados para o seu lado. Logo, porém, desapareceram rápidos.

Quando calculou serem horas, levantou-se e, embora um tanto inquieto, voltou para trás. O carro verde já lá não estava. Os dois desconhecidos também haviam desaparecido. Chegado à fonte, bebeu e esperou um bocado. Finalmente apareceu Vaz.

- O camarada não tarda - disse Vaz.

- É melhor não esperar aqui - comentou Afonso. - Vi adiante coisas esquisitas. - E contou dos dois tipos na estrada secundária e do carro com o outro de óculos escuros.

Não teve porém tempo de dar conta das suas apreensões. Na curva da estrada apareceu um homem a caminhar para eles. Tinha um andar firme e decidido, mas, um Pouco em contraste com o ritmo do andar, a cabeça movia-se lentamente para a direita e para a esquerda, como se o homem quisesse ver tudo quanto se passava em volta. Ao aproximar-se, Afonso reconheceu-o: o desconhecido de cabelo negro e lustroso que vira com o elegante na estrada secundária. Afinal em camarada! o olhar que lhe deitou por debaixo das espessas sobrancelhas negras foi porém à mesma desconfiado e inamistoso. Vaz apresentou-o: o camarada Fialho, que passaria a dirigir e a controlar Afonso.

Fialho não perdeu tempo. Perguntou a Afonso que transporte utilizam, porque não viera de camioneta, o que fora cheirar para aqueles lados da fonte mais de uma hora antes do encontro. Falava com secura, lançando como pedras novas perguntas por cada uma a que Afonso respondia. Quando se considerou esclarecido, comentou para Vaz, em palavras que pareciam ter dificuldade em sair por entre os dentes cerrados:

- Começa mal... -

No seu primeiro encontro como funcionário clandestino do Partido, era caso para Afonso se sentir desanimado com a recepção. Graves, severos, rigorosos, implacáveis, Vaz e Fialho pareciam dois juizes. "o dever dos camaradas", pensava Afonso, "não é julgar, mas ajudar," Além do mais, há males que vêm por bem. Porque talvez Fialho não tivesse reparado no automóvel esverdeado com o tipo de óculos escuros. Sabe-se lá se não fora seguido? Falou então do carro e do nome que vira no cartão-de-visita.

Fialho e Vaz entreolharam-se e não deram opinião sobre o caso,

- Começas mal, camarada - repeliu Fialho, secamente,

- Vamos por aqui - disse Vaz indicando a extrema de uma vinha. - Irei à mesma dar à vila e é o meu caminho.

### 3

Afonso falara com o Meireles. Confirmavam-se as suspeitas de Vaz. Meireles não conhecia Vítor, nunca falara com ele e nunca poderia ter estado naquele dia à porta da leitaria pela simples razão de que estivera por essa altura fora da cidade durante duas semanas,

Vaz ouviu impassível o relato de Afonso. Mas, no seu desinteresse em perguntar quaisquer pormenores, adivinhava-se que as conclusões estavam feitas e as decisões tomadas. “Já não escapas, Vitorzinho!”, pensava de facto. “Nem Marques, nem Ramos, nem outros protectores te salvam agora de seres desmascarado.”

Satisfeito com a informação, Vaz parou junto às ruínas dum velho muro de pedra e estendeu a mão a Afonso.

- Até à vista, amigo.

Afonso pareceu surpreendido, quase alarmado, por tão súbita despedida. Decidira pedir, logo que passasse à clandestinidade, um encontro com Maria. Quando fora ela a mergulhar, agira como uma criança. Agora não queria perder um dia que fosse. Ali mesmo marcaria o encontro com Vaz.

- Há uma coisa importante que tenho de tratar - disse corri decisão. - Não te reterei por muito tempo.

- Ainda nos encontraremos para te dar as ligações para a distribuição de imprensa - disse Vaz. - De resto não tenho mais nada a tratar contigo. - Tudo quanto queiras colocar ao Partido, tratarás com Fialho.

E sem reparar no gesto sôfrego de Afonso para o segurar, apertou vigorosamente a mão de Fialho, galgou as pedras do muro em ruínas e sumiu-se do outro lado.

Em passadas rápidas, Fialho seguiu à frente a indicar caminho. Entre uma barreira coberta de silvas e um campo de terra lavrada, o carreirito era tão estreito que não dava para caminharem a par. Desolado, entristecido, Afonso seguiu o companheiro. Reparava na sua maneira de andar, decidida, enérgica e elástica, que sugeria a feroz agilidade de um tigre. Lembrava-se da forma como ele o interrogava sobre a vinda ao encontro, do áspero comentário crítico que fizera, e sentia que iria ter extrema dificuldade em colocar o caso de Maria àquele camarada praticamente desconhecido que, quase de certeza, não tinha nenhuma informação sobre o assunto. Uma vez mais, Afonso sentia a máquina

do Partido a passar por cima dos problemas humanos, a desprezá-los sob pretexto da primazia das tarefas, a magoar, a vergar, a submeter, a tentar deformar e amoldar a esquemas a rica personalidade do homem. Via os olhos doces de Maria fitando-o por entre as longas pestanas, sentia uma necessidade instantânea de chegar até ela, acreditava que reciprocamente ela sentia o mesmo, e ali estava a máquina do Partido interpondo-se entre os dois e impedindo a sua felicidade.

Tão absorvido ia nos seus pensamentos que não deu por que chegasse à vila.

- Onde deixaste a mala? - perguntou subitamente Fialho.

Combinaram novo encontro dentro de meia hora e separaram-se. Afonso foi buscar a mala à taberna onde a deixara. A mala não em grande, mas ao fim de umas centenas de metros o braço doía. Sentou-se a descansar.

À hora precisa, trazendo também uma mala, apareceu Fialho. Quando chegou ao pé do camarada, indicou-lhe com um aceno de cabeça a direcção que deviam seguir.

Um quilómetro adiante, depois de ter passado várias vezes a mala de uma para a outra mão, Afonso parou e pousou a mala no chão. Tinha de descansar novamente um pouco.

Fialho parou também sem fazer qualquer observação. Mas, como para mostrar que a paragem não podia ser grande, não pousou a sua mala e deixou-se ficar em frente do outro...

- É pesada... - justificou-se Afonso.

Por baixo das sobranceiras negras, o olhar rápido de Malho procurou-o.

- Queres trocar?

Afonso sorriu e, como se sentia cansado, aceitou. Logo percebeu a partida. A mala de Fialho pesava que nem chumbo!

- Imprensa... - explicou Fialho com naturalidade.

E, como se não se tivesse apercebido do cansaço de Afonso, pegou na mala deste, incomparavelmente mais leve, e retomou a marcha.

Furioso com o camarada, Afonso não quis dar parte de fraco. Mas, dali a cem metros, encharcado em suor, congestionado e ofegante, teve de desistir.

- Não posso... - gemeu desanimado.

Fialho não fez qualquer reparo. Sem largar a mala de Afonso, agarrou também na outra e continuou a andar no mesmo passo firme e desembaraçado. Apenas os braços esticados e rígidos acusavam o esforço. "É assim que se pega em duas malas!", parecia dizer.

Afonso seguiu-o a alguns metros. Esperando a todo o momento que Fialho parasse para descansar ou para lhe dar uma das malas, deixou-a seguir. Agora

vingava-se ele da partida. Por fim, quando Fialho estava já bem castigado, adiantou o passo e pôs-se a seu lado com a ideia de pegar na sua mala.

- Que querias colocar a Vaz? - perguntou Fialho.

- Fica para depois - respondeu Afonso.

E, concluindo que o outro era um fanfarrão, nada lhe propôs e continuou de mãos a abanar.

#### 4

Embora segurando sempre com firmeza as duas malas e não perdendo o jeito decidido no andar, Fialho atrasava agora visivelmente o passo. “Estás aqui estás a arriar”, pensava Afonso. Depois da maneira como o camarada o tratara, não podia deixar de sentir uma certa alegria com o cansaço do outro.

Como se lhe adivinhasse os pensamentos, Fialho explicou:

- Não é grande coisa esperar na estação. O, comboio é às de, temos tempo demasiado - e atrasou ainda mais o passo.

Quando chegaram às primeiras casas da aldeia, parou, entregou a Afonso a mala que lhe pertencia e, tirando do bolso um lenço amarrotado, limpou lentamente o suor que lhe escorria no rosto, nas orelhas, no pescoço.

Era evidente que Fialho conhecia o terreno a palmos. Saíram da es irada, meteram a um carreiro e foram sair junto da estação. Afonso viu que já passavam cinco minutos das dez. Teriam perdido o comboio?

- Não te inquietes - atalhou novamente Fialho antes que o camarada falasse. - Ainda teremos que esperar. Nesta linha não há comboio que chegue com menos de dez minutos de atraso.

Compraram os bilhetes e entraram no cais. Largos minutos depois chegou o comboio, repleto. Ajeitaram-se o melhor que puderam na coxia de uma carruagem de terceira. Um apito, um silvo de locomotiva lá à frente, um brusco arranco que se propagou de ponta a ponta, um sinistro estardalhaço de ferrarias, e o comboio partiu, aos sacolões.

Fundindo-se com o ruído da trepidação, a vozeria dos passageiros enchia a carruagem. Por todo o lado se conversava, se ria, se discutia. Dir-se-ia um mercado. Sentado à beira dos dois camaradas, quase gritando Para se fazer ouvir, um homem forte e corado retinha a atenção dos vizinhos. Logo se notava um evidente contraste entre a expressão compungida do narrador e os rostos prazenteiros dos ouvintes.

- O doutor bateu-me no braço -- contava ele - e disse-me assim: “O caso é grave. Posso tratá-la, mas não prometo salvá-la.” Que podia eu dizer? “Faça o

que puder, doutor. E seja o que Deus quiser.” O sujeito respondeu-me abespinhado: “Vocês são todos os mesmos. Se o doente morre, a culpa é do médico; se o doente se salva, agradecem a Deus.” Tive vontade de lhe dizer haver casos em que se passa o contrário: se o doente morre, agradece-se a Deus e, se o doente se salva, a culpa é do médico... - os passageiros fim e ele continuou: - Como não gosto de discussões, calei-me. Mas fiquei com a pedra no sapato. Afinal, o doutor era homem sério, e no dia seguinte voltou-se para mim e disse assim: “Para que há-de você gastar um dinheirão em remédios? Não lhe posso fazer nada. Sua mulher está perdida.” “Se o doutor não pode fazer nada”, disse eu, “que posso eu fazer?”

O narrador parou um pouco e tomou subitamente um ar profundamente triste. No fim de contas - comentou -, para salvar minha mulher, sempre teria gastado uns cinquenta escudos... Iria mesmo ate cem escudos - acrescentou suspirando.

Um jovem camponês, que nada perdera na história, gargalhou com gosto. Uma velha acenou com a cabeça, indignada. Outros discutiram animados, pois não se percebia se o narrador falava a sério ou a brincar.

Um homem magrinho e nervoso dizia qualquer coisa, mas, como tinha uma voz velada, ninguém o entendeu no barulho da carruagem. Inclinando-se para a frente e gesticulando, o homem esforçava-se para se fazer entender e para que lhe dessem atenção. Insistiu sem resultado.

- Ouça lá, meu amigo... - ouviu-se finalmente.

Se conseguira porém fazer ouvir estas palavras, é porque nesse momento, por qualquer razão misteriosa, como que abafadas por uma surdina que corresse a carruagem, as conversas se apagaram.

- Ouça lá, meu amigo... - repetiu.

Ninguém deu, porém, atenção. Os passageiros olhavam agora com curiosidade para a ponta da carruagem, onde algo de extraordinário se passava.

## 5

Afonso e Fialho olharam também. Ao fundo da coxia estavam dois homens, que ali não se encontravam minutos antes. Bem vestidos, tinham um procedimento estranho. Um conservava-se quieto, mas dir-se-ia que barrava a coxia para que ninguém passasse. O outro debruçava-se para os passageiros e remexia sem cerimónia no cesto de uma mulher.

De ponta a ponta da carruagem, numa súbita agitação, os passageiros pegavam nas próprias bagagens, como se tivessem resolvido sair todos na estação próxima.

Sobressaltado, pensando no que continha a mala de Fialho, Afonso olhou o companheiro. Sem ter sequer mudado de posição, este observava também o fundo da carruagem. “Não compreenderá ele o que se está a passar?”, pensava Afonso. E acotovelou-o discretamente. Fialho respondeu num olhar rápido de censura. “Sim, uma rusga”, confirmou esse olhar - “Ainda o perguntas?”

Lentamente os fiscais foram-se deslocando. Vasculhavam malas, sacos e cestas, interrogavam, farejavam nas prateleiras superiores e por debaixo dos bancos. Um ou outro passageiro fazia um gesto de indignação, outros encolhiam os ombros, outros tomavam ares matreiros e submissos. Mas todos mostravam a bagagem sem resistência.

Por cada vez que os fiscais se aproximavam, passando de um compartimento a outro, Afonso sentia aumentar a sua inquietação e angústia. Prazia o momento em que os fiscais abriam a mala de Fialho e encontrariam a imprensa clandestina. “Este homem não se lembrará de fazer nada?”, pensou Afonso olhando Fialho. Mas Fialho parecia ter-se esquecido do camarada e não mostrava grande interesse pelo desenrolar da rusga. Cotovelo apoiado contra as costas do banco, olhava agora os campos através da janela, com ar fatigado e sonolento.

- Foi a minha filha que mo deu - ouviu-se uma voz branda de mulher. Onde estava, Afonso não a via. Mas via gestos imperativos de um dos fiscais que escrevia qualquer coisa num papel amarelo. - Foi a minha filha que mo deu - repetiu a mulher. - Que têm os senhores com isso?

O fiscal que vasculhava passou então um garrafão ao fiscal que vigiava e este último passou-o a um homenzinho modestamente vestido, que Afonso julgara ser também um passageiro.

Depois ouviu-se a voz irritada de um dos fiscais.

- De quem é este saco?

Logo a voz do outro, mais alto:

- De quem é o saco?

A princípio Afonso não viu saco nenhum. Mas o homenzinho de ar modesto que recebera o garrafão abriu caminho, abaixou-se até desaparecer e surgiu depois a arrastar um pesado saco para a coxia.

Os fiscais não insistiram na pergunta, ninguém se apresentou e ninguém manifestou admiração. Naquela época, os candongueiros largavam as cargas nas carruagens e, para evitar incômodos, punham-se à distância a ver.

Se os fiscais não reparavam nos sacos, tudo ia bem e no fim da viagem iam buscá-los. Se reparavam, os fiscais levavam, é certo, o arroz ou o azeite, mas quanto a eles, estando de longe a observar, nem iam presos nem pagavam multas.

Afonso tomou a acotovelar discretamente o companheiro. Este fingiu não dar por nada. De mistura com a inquietação, Afonso sentiu crescer em si uma surda irritação contra a passividade completa de Fialho, esperando a fatalidade sem qualquer reacção ou iniciativa. À primeira vista parecia um tigre. Agora ali estava como um gato.

A esperança de Afonso era que o comboio parasse em qualquer estação antes que os fiscais chegassem ao pé deles. Decerto não impediria que saltassem. Por isso espiava o andamento a adivinhar qualquer travagem. Nada. Trepidando, projectando os passageiros uns contra os outros a cada curva mais apertada, o comboio não dava mostras de parar tão cedo. Com um tal andamento, tão pouco seria possível tentarem atirar-se dele abaixo. E daí quem sabe? Tendo já por certo que só por milagre poderiam escapar, que valia mais? Ir apodrecer numa prisão ou, saltando do comboio, arriscar três ou quatro cambalhotas? Assim divagando, Afonso olhava pela janela da carruagem a calcular a marcha.

- É minha - ouviu de súbito ao pé de si a voz de Fialho. Voltou-se. Ali estavam os fiscais. Foi a mala de Afonso que quiseram ver primeiro. Com o coração a descompasso como se fosse a sua que tivesse a imprensa, as mãos tremendo ligeiramente, Afonso abriu a mala. O fiscal meteu a mão por entre as roupas e, de olhos semicerrados, confiando no tacto, procurou cuidadosamente todos os cantos.

Entretanto, em gestos rápidos, Fialho apoiava um pé na borda de um banco, pegava na pesada mala de materiais e pousava-a no joelho flectido. Puxando de um porta-chaves abria agora as fechaduras. “Está doido!”, pensou Afonso, que o olhara de relance, enquanto pousava a sua mala no chão. Exagerando o incómodo da posição, Fialho tocou no cotovelo de um fiscal a chamar-lhe a atenção para o despachar depressa,

- Livros! - disse, quando o outro se voltou para ele.

E, rápido, abriu a tampa da mala.

“E doido!”, tomou a pensar Afonso, sentindo a camisola colada ao corpo, de suor. O fiscal, sem olhar, fechou ele próprio a tampa. A um tempo aliviado e estupefacto, Afonso esperou que, como seria natural depois de passado o perigo, o camarada se voltasse para ele. Fialho parecia, porém, ignorar completamente a sua existência. Olhando novamente os campos através da janela, bocejava sonolento e aborrecido

Fialho parou à beira do caminho, pousou a mala, limpou novamente o suor e, ante a surpresa de Afonso, procedeu a várias operações estranhas. Começou por cuspir no lenço e com o lenço cuspidor limpou cuidadosamente os sapatos. Depois foi a vez das calças. Agarrando e esfregando vigorosamente o tecido, desfez pequenas manchas de lama. Depois puxou de um espelho, mirou-se dum lado e doutro, compôs a gravata e, rapando da metade de um pente, penteou-se sem pressas, puxando e repuxando o cabelo negro, que parecia ganhar lustro a cada passagem.

Findas estas operações voltou-se para Afonso e, sem dizer uma palavra, entregou-lhe o lenço, o pente e o espelho.

Afonso encolheu os ombros e sorriu: “Deixa-te de graças”, parecia dizer. “Quero lá saber de toleimas.”

Pelo olhar rápido de Fialho, viu porém que este não gracejava.

- Limpa-te e arranja-te o melhor que puderes - disse secamente.

- É questão de defesa do Partido.

De má vontade, Afonso limpou os sapatos e desfez uma mancha de lama nas calças. Mas compor a gravata e pentear-se ao espelho pareceu-lhe demasiado. Fialho não teimou. Mirando-o com atenção por debaixo das sobranceiras espessas, guardou o pente, o espelho e o lenço. Antes de pegar na mala e de se pôr a caminho, chegou-se porém a Afonso, pegou-lhe na gravata e ajeitou-lhe o nó ao colarinho, num gesto seco e brusco, que não se percebia se pretendia apenas a precisão do resultado, se mostrar descontentamento e censura.

Dali entraram na vila, atravessaram várias ruas e chegaram a uma loja de fazendas. Ao balcão, um homenzinho calvo de rosto extremamente pálido atendia sorridente e measureiro uma freguesa.

- Já os sirvo. Um momento - disse para os recém-vindos. Fialho pousou a mala e, dizendo a Afonso para fazer o mesmo, começou a ver cuidadosamente os tecidos em exposição. Apalpava a qualidade, observava a ourela, verificava o preço e fazia comentários, que, de princípio, deixaram Afonso bastante admirado.

- Achas que ela gostará disto? o outro que vimos talvez não fosse tão bonito, mas era bastante mais barato - e em frente de outro tecido:

- Já sei que não é do teu gosto. Mas tu, se calhar, fazes tudo quanto a tua mulher quer, e em minha casa quem manda sou eu...



Só passados minutos deste jogo Afonso percebeu que Fialho fazia apenas tempo para esperar que a freguesa se fosse embora.

Assim foi de facto. A mulher pagou e recebeu o embrulho. Amável, sorridente, quase servil, o comerciante acompanhou-a até à porta, onde ficou ainda uns segundos a olhar a rua. Depois voltou para dentro. A fisionomia mudara-lhe num repente. Rosto grave e contraído, olhar penetrante, gestos rápidos, ele próprio pegou na mala de Fialho e, abrindo uma porta ao fundo da loja, conduziu os camaradas para uma arrecadação anexa e interior, onde acendeu a luz eléctrica.

Trocou algumas palavras em voz baixa com Fialho e saiu fechando a porta. Afonso sentiu o correr da fechadura.

Fialho despiu o casaco, foi a um armário buscar papel de embrulho e rolos de guita e pôs tudo em cima de uma mesa. Pediu a Afonso para desenriçar as guias e entretanto foi dividindo a imprensa em pequenos maços que embrulhava cuidadosamente e marcava com uma letra ou um número.

O comerciante voltou a aparecer com a mesma expressão contraída no rosto extremamente pálido. Guardou um monte de pacotes.

- Largámos bom lastro - disse Fialho. Passados momentos saíram. O comerciante foi acompanhá-los à porta. E a sua expressão era tão amável e protocolar, o sorriso e a vénia tão servis, que um passeante comentou para a mulher:

- Para fazerem negócio, estes tipos são capazes de lambar as botas ao diabo...

- Hã? - fez a mulher. E, aproveitando a observação imprudente do marido, obrigou-o a parar para mirar os tecidos.

## 7

Chegados a Lisboa, Fialho conduziu Afonso a um quarto que antes alugara. Só então lhe explicou quais seriam as suas tarefas. Em datas marcadas, iria buscar a imprensa à loja de fazendas, onde haviam estado. Aí faria os pacotes para os vários sectores e iria levá-los aos sítios ou camaradas que lhe seriam indicados. Era só isso.

- O que se quer é calma, cuidado e pontualidade - recomendou. Terás que dar muito às pernas, mas não cansarás a cabeça. Vaz tinha-lhe já dito que iria trabalhar no aparelho de distribuição. Mas, verdade, verdade, supusera outra coisa.

- Não tem muito que aprender - comentou com um sorriso de decepção

- É o que julgas! - disse Fialho.

E as palavras ecoaram tão agressivas como o olhar rápido que lhe lançou por debaixo da pala negra das sobrancelhas.

Logo, para justificar o que dizia, entrou em explicações. Falou-lhe de horários de comboios e de camionetas, dos sítios mais convenientes para se apear, dos caminhos a escolher, da maneira de fazer e transportar embrulhos, dos cuidados a ter nos encontros, da forma de iludir uma patrulha da guarda e de mil e um artifícios para assegurar a defesa da distribuição.

- Neste trabalho nada pode ser feito à aventura. As regras conspirativas têm de ser rigorosamente cumpridas.

Intimamente Afonso sorriu. Fialho era decididamente presumido. Afonso lembrava-se da cena do comboio e do atrevimento com que abrira a mala ao fiscal. A audácia salvara-o. Mas não teria sido uma perigosa aventura? Desejoso de o ver embaraçado, fez-lhe a pergunta.

Fialho não se desconcertou. Levantou-se, foi a um armário e tirou dois volumes que entregou a Afonso. Eram dois folhetos de propaganda religiosa. Como Afonso não compreendesse o que queria dizer com isso, explicou que, na mala que transportara, a imprensa do Partido estava coberta com tais folhetos. O fiscal não olhara, mas se o tivesse feito, não veria outra coisa.

- Não é nenhuma receita - acrescentou. - Neste trabalho não há receitas. É preciso ter imaginação e escolher em cada caso o processo que melhor convém.

Tudo quanto Fialho lhe explicou parecia-lhe artificial, miudinho e de duvidosa eficácia. O extraordinário é que o camarada atribuía decerto enorme importância a essas ninharias, pois esteve falando delas duas horas inteiras.

Por fim, marcou encontro e despediu-se. Quando se dirigia à porta Afonso atalhou-lhe o passo numa súbita decisão. Antes resolvera não falar a Fialho no caso de Maria. Mas no último minuto, sem pensar, procedeu de outra forma. Em meia dúzia de palavras, disse que pretendia ter o mais depressa possível um encontro com a camarada.

- Devias ter tratado isso com Vaz - disse Fialho. - Essa amiga não está no meu sector.

Como Afonso lembrasse que quisera fazê-lo, mas que Vaz dissera para tratar tudo com Fialho, explicou:

- Não sabia de certeza do que querias falar. Expõe-lhe o caso, quando estiveres com ele. Pelo meu lado, porei o problema na primeira altura.

A maneira de Fialho, ao contrário do que Afonso esperava, era compreensiva. Mas o que significaria aquele “na primeira altura”? Na máquina do Partido, isso poderia significar dias, semanas, meses ou anos.

Afinal não esperou muito. Uma semana mais tarde, esteve com Vaz para este lhe indicar onde deveria levar a imprensa para a região. Pediu o encontro com Maria.

- Isso não é comigo - respondeu Vaz. - Encontros desse tipo não os posso marcar nem autorizar.

E, vendo a expressão desolada de Afonso, um tanto para o consolar, acrescentou as mesmas palavras que Fialho pronunciara:

- Porei o problema na primeira altura...

"Na primeira altura, na primeira altura..." , repetiu Afonso para consigo. Via que essa forma de dizer significava o adiamento indefinido, o mal escondido desinteresse, uma satisfação burocrática às exigências dos quadros. Aceitar que a questão fosse assim tratada era o mesmo que desistir. E desistir era destruir todo um sonho que fizera ao decidir passar à clandestinidade. Não, não podia passivamente aceitar que a questão ficasse assim encerrada. Com inesperada veemência, insistiu na importância e na urgência do encontro.

- O Partido tem o dever de olhar com atenção para as questões de ordem pessoal que colocam os quadros - argumentou. - A felicidade pessoal de cada camarada não interessa só a este, interessa também ao Partido.

Vaz ficou imperturbável ante tão súbita animação. Estaria de acordo com ele? Acharia despropositadas as palavras? Saberia alguma coisa sobre Maria que não lhe queria dizer?

- Ainda hoje devo estar com Ramos - disse calmamente quando Afonso acabou de falar. - Tudo quanto posso fazer é marcar-te um encontro com ele. Ele decidirá.

Assim fizeram. Bem-disposto como sempre, Ramos cumprimentou-o com uma pancada nas costas e interessou-se em saber que tal se dava com a nova vida. Na sua maneira habitual, rindo e gracejando, encorajou-o. Quando Afonso lhe falou no encontro com Maria, foi no mesmo tom que respondeu:

- Sabes que isto por cá não é bem uma sociedade recreativa, onde todos se encontram para badalar. Eu gostava de te fazer o jeito, mas os encontros entre funcionários do Partido só têm lugar por razões de trabalho.

Afonso estava porém decidido a lutar e insistiu na importância do encontro. Logo viu um ar de contrariedade no camarada.

- Mas afinal que pretendes com esse encontro? - perguntou Ramos secamente.

- Creio. que sabes que existia uma situação entre nós antes de ela passar à clandestinidade...

- Uma situação? Que situação? Dormias com ela?

Embaraçado, corando, Afonso quis explicar. Mas como explicar a Ramos, quando este lhe punha as coisas tão brutalmente? E afinal que situação existia? Afonso via agora, de súbito, que entre ele e Maria nenhum compromisso existia, nada que pudesse citar a Ramos para o convencer.

- Gostávamos um do outro... - explicou ainda.

Ramos voltou a rir, prazenteiro, mas esse riso agora parecia a Afonso azedo e cruel.

- Namorico?

Como podia Afonso, sem cair no ridículo, falar da profundidade dos seus sentimentos? Se gostar um do outro não era razão bastante, que razão poderia invocar? A sua vontade foi calar-se e ficar por ali. Tinha porém claramente a noção de que, se desistisse agora de ver Maria, nunca mais poderia repetir a pretensão. Além disso, o ar de chacota de Ramos, a sua maneira depreciativa, a sua indelicadeza, mais reforçavam a vontade de lutar.

- A questão é clara, amigo - disse num tom seguro que a si próprio surpreendeu. - Gosto da amiga, ela gosta de mim e quero casar com ela. Estando nos quadros de funcionários, creio que é possível ao Partido encontrar uma solução.

- Ah, bom! - fez Ramos. - Não é fácil, mas enfim. E ela quer casar contigo?

"Ele não está a querer tratar nem resolver um problema", pensou Afonso. "Está apenas a querer derrotar-me." E explicou impaciente que era precisamente para ver isso com ela que pedia o encontro e que lhe parecia ser justificação bastante. Por fim, fosse porque estivesse farto de fazer sofrer o camarada, fosse porque nunca tinha tido essa intenção, Ramos prometeu transmitir o pedido.

- Mas vai demorar, sabes? Não penses depois que a culpa é minha.

"Quem esperou o que já esperei, esperará um pouco mais", pensou Afonso. "o importante é que venha a estar com ela."

Essa perspectiva dava-lhe tamanha alegria que logo esqueceu a 'maneira desagradável como Ramos falara e segurou-lhe amistosamente um braço.

- Obrigado, amigo - disse. - Agradeço-te do coração.

- Nada, nada velhote! - fungou Ramos.

Assim começou Afonso a sua vida de funcionário do Partido. Receber malas e embrulhos. Separar imprensa. Fazer pacotes. Guardar malas. Enrolar guitais. Receber novos pacotes. Esperar comboios. Esperar camionetas. Fazer tempo em sítios descampados. Tomar o comboio. Receber embrulhos. Entregar embrulhos. Passar dias inteiros sem nada que fazer. Esfalfar-se outros dias numa dobadoira de madrugada a madrugada. Não dormir umas noites. Dormir depois dias inteiros. Sempre a mesma coisa, monótona, aborrecida, sem qualquer interesse. Mas Afonso ia cumprindo. Não faltava a um encontro, não se enganava na divisão da imprensa.

Apenas uma coisa não compreendia e considerava absurda e estúpida. Aquilo que tão solenemente os camaradas chamavam as regras conspirativas. Algumas, enfim, podiam-se entender. Chegar a horas, por exemplo. Outras só para rir. Assim, que tinha a ver com o trabalho do Partido essa obrigação de fazer a barba todos os dias? Seria isto assunto que merecesse constar de uma resolução do Secretariado do Comité Central? Era ridículo.

Mas Fialho pensava de outra forma e um dia chamou-lhe a atenção.

- Não fizeste hoje a barba, camarada. O que te impediu de fazê-la?

- Nada - respondeu Afonso. - Não preciso.

- É uma resolução, bem sabes.

- Para ti está bem, que tens a barba cerrada. Mas eu, como vês, não tenho barba quase nenhuma.

- A resolução não é para quem tem a barba cerrada. É para todos os funcionários do Partido.

- Está muito bem, camarada. Mas, se eu não preciso, para que hei-de fazê-la?

Assim começaram a discussão. Fialho explicou que a decisão fora tomada porque havia a esse respeito um grande relaxamento e alguns camaradas tinham-se tomado suspeitos por não terem esse cuidado.

Afonso replicou que as resoluções não se podiam aplicar com esquematismo e, irritado com a teimosia de Fialho, atirou-lhe:

- Ouve lá. Supõe que havia uma resolução para cortar o cabelo. Supõe que eras completamente careca. Como cumpririas a resolução?

Fialho não se vergava porém com tão pouco.

- O que tu não queres é entender, camarada. Não tens muita barba, é facto. Mas julgas que não se vê? Não lhe chames barba, chama-lhe pêlos. Mas julgas que qualquer pessoa não vê que já não rapas esses pêlos há bem duas semanas? Nem tu sabes a figura que fazes. E mesmo que se não visse. Há outro, aspecto da questão. E o hábito da disciplina. É o hábito de cumprir. E o hábito de

pensarmos que, se qualquer resolução que não compreendemos foi tomada, pesaram nela muitas experiências, muitos casos, muitas razões...

- Quer dizer - interrompeu Afonso -, nunca há resoluções erradas. Os militantes não podem pensar. O Secretariado pensa e os outros é para cumprir de olhos fechados.

Os olhos de Fialho fixaram-no rápidos e agressivos. E continuou martelando as palavras:

- Se tens opinião a opor, opõe. Se tens críticas a fazer, faz. Se achas que qualquer resolução deve ser alterada, diz ou escreve. Mas, enquanto não for alterada, tens de cumpri-la.

- Lá voltamos à barba - suspirou Afonso.

- Não, hoje não voltamos à barba. Mas voltaremos de certeza e infelizmente. E só quero acrescentar duas palavras. Que confiança pode haver em que um camarada cumpra as grandes coisas se falha nas pequenas?

- Pode-se falhar nas pequenas e cumprir nas grandes...

- Poder, pode. Mas quem é o juiz do que é importante e do que o, não é? Do que se deve e não deve cumprir? Cada qual por si? Tu? Eu? Para isso não seriam precisas nem normas de trabalho nem direcção do Partido. Mas o Partido não existiria, podes estar certo.

Ao voltar a casa, Afonso viu-se ao espelho. Pôs uma lâmina na gillette e pegou no pincel. Mas logo se arrependeu.

- Que se lixe - murmurou.

Arrumou de novo tudo no seu sítio, recostou-se na cama, pegou num livro e pôs-se a ler.

## Capítulo IX

### 1

Já noite fechada, Vaz despediu-se dos camaradas e fez-se ao caminho. À saída da cidade, passou por ele, para logo se perder no escuro, uma família de camponeses ajoujada de cestas e alfaias. Tempo depois, uma bicicleta, tendo em vez do farol uma vela protegida por um canudo de papel e rangendo a cada pedalada por causa das esferas roídas, ganhou terreno pouco a pouco, passou adiante e foi-se distanciando, até que o frouxo clarão da lanterna improvisada se sumiu de repente, tragado por alguma curva. Ninguém mais encontrou.

A noite apertava-o num estreito círculo na periferia do qual mal se apercebiam os contornos das árvores e arbustos ao longo das bermas.

Uma ligeira névoa tomava ainda mais difusas as sombras. Apagado, insignificante e ignorado como qualquer bicho noctívago, Vaz caminhava já há bem mais de uma hora num passo cadenciado amortecido pelo asfalto quando o lume de dois olhos brilhou um pouco adiante à direita, para logo um vulto rasteiro atravessar a estrada, deslizando sem pressa aparente. Saltou à lembrança de Vaz a cadelita das Pim-Pa-Pum, quase arrastando pelo solo as tetas disformes.

A menina Ermelinda aparecera como sempre com ar de mistério e soprara a grande nova: as donas tinham dado a cadela a um pastor de passagem, que a levava para longe.

- Aquilo é para que a mate! - comentou indignada.

- Não pode ser! - protestara Rosa.

- A senhora não as conhece. Andavam doentes só com a ideia de que a cadela passava aqui os dias. De certeza não foi para outra coisa.

Quando a menina Ermelinda se foi embora, Rosa chamou Vaz e contou-lhe o incidente.

Não se poderia ainda tentar apanhar o pastor? Mas logo viu ser uma ideia disparatada. Na verdade nada havia a fazer, e Vaz retomou o trabalho.

Uma hora depois, voltando cá fora, deu com Rosa silenciosa e quieta, olhando a estrada. Nem deu por que ele se aproximava.

- Não é caso para tanto - disse para a consolar.

- Hã?! - sobressaltou-se Rosa.

Certamente não ouvira o que dissera.

- Não é caso para tanto - repetiu Vaz.

- O quê? - perguntou Rosa, e os seus olhos tristes vindos de muito longe fitavam o companheiro, ainda sem compreender.

- Desculpa, não é nada - disse Vaz, e voltou de novo ao trabalho.

Não, não queria mais pensar nisso. Haviam combinado não falar no passado. Estava combinado e assente. Nem para ele era problema. Mas agora, na escuridão da noite, incapaz de concentrar as ideias no que quer que fosse, mesmo na reunião que ia ter, de novo lhe vinha à lembrança o rosto da companheira e esse quê indecifrável do passado que constantemente a chamava e a prendia.

## 2

Pouco faltava para a meia-noite, Vaz chegou ao cruzamento onde José Sagarra o devia esperar. Dum lado e doutro da estrada, mal se adivinhavam as manchas imprecisas de caniçais e de árvores isoladas. Parou. Ninguém. Avançou uns passos na outra estrada. Ninguém. Chegando-se à berma para esperar, pareceu-lhe então ouvir um leve estalido de arbustos quebrados e, olhando para trás, para a estrada por onde viera, deu com um vulto também colado à berma.

Voltou ao meio da estrada e estacou observando-o. Embora mal distinguido na húmida penumbra, parecia a Vaz um homem alto, de figura elegante e trajado de escuro. Inquieto, reflectiu uns segundos: dirigir-se a ele e perguntar-lhe as horas ou o caminho para qualquer lado? Perguntar-lhe bruscamente o que fazia ali? Não teve tempo para decidir. O vulto saiu da berma, ganhou também o meio da estrada e aproximou-se.

Afinal era o Sagarra, agora inconfundível na sua figura baixa e modesta.

- Não te reconheci quando passaste - disse Sagarra.

- Também não te reconhecia - disse Vaz. - É bem certo. De noite todos os gatos são pardos.

Tinha graça! Se por qualquer razão o vulto desaparecesse, iria jurar que vira um homem alto e elegantemente trajado.

Largaram a estrada alcatroada e seguiram pela outra, uma estradita estreita e de mau piso cuja direcção se perdia no escuro. Umas centenas de metros adiante, Sagarra murmurou:

- Aí está o Tomé.



Ainda Vaz nada distinguira nas manchas confusas da noite já um vulto saía à estrada a esperar por eles. Apercebia-se o claro da camisa e o escuro do colete.

- Por aqui! - disse numa voz que rompeu nítida e aberta o silêncio da noite.

Via-se confiar que ninguém havia nas cercanias que a pudesse ouvir.

Em fila, subir um declive. Mas logo, como se um alçapão se lhe abrisse debaixo dos pés, Tomé desapareceu. Sagarra desapareceu também. Ainda Vaz procurava o caminho quando o claro da camisa de Tomé voltou a aparecer um pouco à esquerda num nível mais baixo. A mesma voz clara repetiu:

- Por aqui!

Tropeçando em pesados torrões, Vaz juntou-se aos camaradas, que quase não distinguia agora no caminho cavado entre duas lombas como uma trincheira. Guiados por Tomé, seguiram em silêncio, serpenteando através dos campos. Depois galgaram um barranco, saíram do carreiro e meteram por uma encosta nua. Ao fim de boa meia hora de marcha, distinguiram árvores dispersas, depois um muro e de repente a massa negra de uma casa. Ao piso duro da encosta sucedeu um chão brando e húmido pelo qual marchavam sem ruído. Um odor doce e acre de estábulo andava no ar.

Tomé deixou os camaradas sós e voltou pouco depois com uma lanterna. As pernas dançando grotescamente à luz avermelhada, conduziu-os até outra construção. Abriu a porta e entraram. Girando, a luz vermelha iluminou montes de palha, um balde, alfaias, bateu bruscamente num homem que se soergueu tapando os olhos e fixou-se num canto.

- E o camarada da Barrosa. Foi o primeiro a chegar - explicou Tomé. - Deitem-se vocês por aí.

O da Barrosa murmurou qualquer coisa. Tomé saiu. O palheiro ficou mergulhado em completa escuridão. Ao cheiro da palha misturava-se o do estábulo vizinho. No silêncio ouviam-se de quando em quando os movimentos sacudidos do corpo pesado dos animais.

### 3

Alagado em suor frio, Vaz acordou sobressaltado. Tomé voltara e a luz da candeia incidia sobre José Sagarra, adormecido.

- São horas - murmurou Tomé. Teve porém de abanar o camarada para que acordasse. Sagarra bocejou ruidosamente e levantou-se, sacudindo a palha que se pegara à roupa. A luz avermelhada da lanterna de novo dançou junto às pernas de Tomé até desaparecer quando os dois homens saíram. Do estábulo ao

lado veio o som mole das patas dos animais pisando o chão molhado. Vaz tossiu.

- Quem é você? - perguntou no escuro o da Barrosa.

- Um camarada - respondeu Vaz.

- Um camarada, um camarada - repetiu o outro. - Também eu sou um camarada...

De novo o silêncio. Resfriado, Vaz subiu a gola do casaco, aconchegou-a ao pescoço, cobriu as pernas com palha e de novo adormeceu. Voltou a acordar com o ruído infernal de uma bâtega de granizo rufando nas telhas do palheiro.

- Você está acordado, sócio? - perguntou o da Barrosa, quase gritando para fazer-se ouvir.

- Estou - respondeu Vaz sonolento.

- Sabe o que isto vai dar?

- Isto, o quê?

- Isto, o quê?! - repetiu o da Barroca, e resmungou ainda qual quer coisa que Vaz não entendeu.

Pouco depois, com a mesma fulminante rapidez como começara, a saraivada cessou. Passado o alarido, ficou apenas o doce murmúrio da água caindo dos beirais e o remexer dos animais inquietos no estábulo.

Pelas frinchas do telhado e da poria começava a clarear. Na sua frente, Vaz apercebia já o vulto do camarada, sentado na palha e encostado à parede.

Aproximaram-se passos, a porta abriu-se e alguns homens amontoaram-se indecisos à entrada.

- Ajeitai-vos por aí - disse Tomé, que os acompanhava. - Os outros não tardam.

- Não te apoquentes, camarada - respondeu uma voz fina e suave. - Ficamos muito bem.

Lentamente, procurando lugar, os homens foram-se sentando.

Lá fora ouviu-se ainda o Tomé, falando para longe. Palavras sumidas pela distância, uma mulher respondeu. Alguém entrou no estábulo ao lado e despejou água para uma vasilha, falando manso aos animais.

- Começa o dia - comentou a mesma voz fina e suave, vinda de um canto do palheiro. O rosto do camponês ocultava-se sob um enorme chapeirão, mas pela voz podia imaginar-se uma expressão afável e calma.

O da Barrosa ia a dizer qualquer coisa, mas uma nova e ruidosa saraivada, desabando sobre o telhado, não lhe permitiu que continuasse.

Filtrada pela estreita janela e pelas frinchas das paredes e das telhas, a luz pálida do amanhecer já permitia se distinguirem os rostos.

Ao todo eram onze. Sentados na palha, formando ampla roda, olhavam-se curiosos. Cada qual fitava com particular interesse aqueles que nunca vira e instintivamente punha-se a adivinhar donde seriam. Alguns lembravam-se vagamente de já ter visto um ou outro dos presentes na cidade, ou na feira, ou em qualquer estrada. Tudo isto lhes parecia porém vago e distante. Embora fossem de povoados próximos, todos sentiram estar a realizar um encontro de um mundo mais vasto do que alguma vez haviam imaginado. Cada qual se sentia fortalecido pela presença dos outros, e o simples facto de, vindos de terras diferentes, estarem ali na penumbra do palheiro, num encontro clandestino, lhes parecia uma revelação da força da classe trabalhadora e do seu Partido. Onze apenas, tinham consciência de estar fazendo uma coisa importante e arriscada e por isso os rostos mostravam-se contraídos, severos, quase ansiosos.

Ajeitando-se na palha, foram-se chegando e estreitando a roda. Apenas um moço moreno de rosto árabe se deixou ficar um pouco mais distante, olhando os companheiros com visível reserva, apreensão e um ar um tanto altaneiro.

Por insistência de Vaz, foi Sagarra quem deu início à reunião. Em poucas palavras explicou o objectivo: ver como coordenar na região as lutas dos assalariados rurais e ver como melhor organizar o Partido. Logo um camponês magrito e nervoso tomou a palavra.

- Pelo nosso lado as coisas marcham bem. A Comissão de Praça continua no seu posto, é pessoal rijo, tem o apoio de todos e é com ela que os patrões têm de tratar...

- E como o Alfredo diz - acrescentou um outro de samarra que estava acorado a seu lado e era da mesma aldeia. - A semana passada conseguimos um aumento de dois escudos.

- Não foi lá muito... - interrompeu a voz fina e suave do camponês do chapeirão.

- Como não? - protestou o camponês magrito e nervoso.

Levantou-se discussão, falaram vários ao mesmo tempo e a conversa geral cindiu-se em diversas conversas de cada qual com os seus vizinhos ou contraditores. Vaz procurava ouvir tudo quanto diziam, mas para dar atenção a uns perdia o que diziam outros. Tranquilo, José Sagarra deixava correr. No ruído confuso e desordenado, ouviu-se então a voz clara e bem timbrada do moço de rosto árabe.

- Peço a palavra!

Surpresos pela solenidade da exclamação, quase todos se calaram.

- Qual quê'? - ouviu-se ainda o camponês magrinho e nervoso. - Prà semana você vai ver.

- Chiu! - fez o da Barrosa.

- Se os camaradas me permitem - começou o moço de rosto árabe -, gostaria de dar a minha opinião. As comissões arbitrais afixaram tabelas de salários, mas muitos patrões não as respeitaram e pagaram salários mais altos. Resultado: esses patrões foram multados e continuarão a sê-lo caso o governo saiba que pagam jornas superiores à tabela. Se as condições de trabalho são traçadas na praça, as coisas têm de se passar assim. Por isso os patrões propõem agora que desapareçam as praças e ia contratar cada qual por si. Parece-me uma proposta razoável. Assim já poderá pagar mais sem serem multados.

- Ah! ah! ah! - gargalhou o da Barrosa.

- Na opinião do Comité Local de que faço parte - continuou o moço sem se desconcertar e elevando mais a voz bem timbrada - há que aceitar tal proposta. Pela primeira vez haverá a possibilidade de unir na luta contra o fascismo os trabalhadores e os patrões...

- Ah! ah! ah! - riu novamente o da Barrosa, enquanto no palheiro soavam exclamações diversas de admiração e protesto.

Vários camponeses intervieram logo, falando ao mesmo tempo, contraditando as opiniões do moço.

- Vocês não vêem dois palmos adiante do nariz - atirou o da Barrosa ainda a rir. - o que os gajos querem é acabar com a praça para depois vos codilharem um a um.

- Não é bem assim - insistiu o outro. - Que eles pagam mais que a tabela é um facto, Que foram multados é outro facto. As coisas não são assim tão simples. E, se os camaradas se, surpreendem pela unidade dos trabalhadores com os patrões, é porque não compreendem a política de unidade nacional do Partido.

- Disparate! - exclamou Alfredo, verdadeiramente excitado.

- O camarada Belmiro que responda - propôs um.

- Ouça, camarada - ouviu-se a voz fina e suave do camponês do chapeirão.

- Vocês tem comissão de praça?

- Para quê? - respondeu o moço de rosto árabe. - Para reconhecermos esse mercado de escravos que é a praça?

Todos a uma lhe caíram em cima, narrando as experiências próprias, as vitórias nas praças de jornas, os aumentos conseguidos.

- Vejam isto! - sublinhou Alfredo olhando excitado um e outro.

- Estes tem praça e querem acabar com ela. Nós lá na terra não a tínhamos e fomos nós a criá-la...

- Ele de certeza não tem estado em Portugal - comentou agressivo um camponês forte e corado, de poucas falas.

- Onde é? - perguntou Vaz ao ouvido de Sagarra. Tratava-se do camarada que há poucos dias Afonso ligara. Era membro do Comité da localidade onde havia a mais importante concentração de assalariados rurais da região. Até então estivera sob o controlo directo do Comité Regional.

Vaz nada disse, mas os músculos da face contrairam-se-lhe visivelmente. Mais uma! o Comité Regional, o próprio Afonso, apesar das discussões feitas, continuavam a transmitir aos camponeses sob o seu controlo as suas opiniões próprias.

Fazendo frente às interpelações dos outros, o moço não perdia a calma, falava bem e defendia-se palmo a palmo.

Vaz decidiu finalmente intervir:

- De facto há aqui duas maneiras diferentes de ver as coisas. A culpa não é tua - disse, voltando-se para o moço de rosto árabe.

- A tua organização tem estado longe da realidade à margem da luta, das experiências e das vitórias, que entretanto todos os dias se registam na região. Desculpa que o repita, mas estou de acordo com o que há pouco disse um camarada: parece que tens estado no estrangeiro...

- A orientação é a orientação do Partido - disse o moço convicto.

- Era a orientação do Comité Regional, queres tu dizer - atalhou Vaz -, mas isso já lá vai. A reunião não terminou ainda e ouvirás o que contam os outros camaradas. Estou certo de que ficarás convencido.

## 5

À medida que a reunião se prolongava, o moço de rosto árabe caía de surpresa em surpresa. Tudo quanto ali se dizia era diferente de tudo quanto antes ouvira. Tudo lhe parecia contrário à orientação do Partido, que sempre recebera do Comité Regional. Tudo lhe parecia desordenado, fora dos esquemas feitos, fora da disciplina das reuniões em que sempre participara. Por momentos chegou a admitir ter caído numa reunião de qualquer grupo antipartido. Ao mesmo tempo, os factos citados e o calor das intervenções revelavam-lhe uma situação nova nos campos da sua própria região, de que nunca se apercebera. A surpresa era tão grande que durante algumas horas pôs em dúvida a veracidade do que ali diziam e quase lhe parecia estar numa

assembleia de narradores de histórias, falando das lutas camponesas como pescadores e caçadores falam das próprias pescarias e caçadas.

Falavam de assembleias de camponeses nas herdades e aldeias, de eleições de comissões de praça, de lutas nas praças de jornas, de imposições de jornas mais altas, de exigências aos patrões para darem trabalho aos jornaleiros velhos e doentes, de concentrações numa Casa do Povo, de paralisações de trabalho e até de pequenas greves.

Desenvolviam toda uma teoria nova, fundada em experiências, partindo sempre de casos concretos para as conclusões de ordem geral. E, apesar de êxitos e vitórias que ali exaltavam, todos mostravam profunda insatisfação pelos resultados obtidos e falavam de alargamento e unificação das lutas que aos olhos do moço pareciam sonhos ou fantasias.

- Temos conseguido jornas mais altas? É certo - disse Alfredo. Mas de que valem jornas mais altas se os preços sobem e faltam os géneros? Se lutamos por jornas mais altas temos também de lutar contra a falta de géneros e sobretudo contra a falta de pão...

- Isso é o que nos tem dito o camarada Belmiro - interrompeu o camponês do chapeirão. - É isso o que temos feito. Ainda a semana passada os obrigámos a distribuir três sacas de farinha...

No decurso da discussão, várias vezes Vaz ouvia os camaradas citarem com respeito as opiniões do camarada Belmiro. Quando falavam nesse camarada, as vozes ganhavam um tom mais solene. Tratava-se sem dúvida de alguém conhecido e prestigiado entre os trabalhadores. Mas quem? Porquê? E qual deles? Num momento dado, quando alguém propusera que o camarada Belmiro respondesse ao moço de rosto árabe e logo a seguir falara o camponês do chapeirão, inteligente e senhor das suas opiniões, supusera ser este o camarada Belmiro. Agora, pelo que dizia, concluía que não podia ser. Qual deles seria afinal?

Perguntou baixo a José Sagarra. Este, talvez por estar atento à discussão, não respondeu.

## 6

Ao meio do dia, Tomé trouxe um garrafão de vinho, pão e um comprido chouriço. Suspensa a reunião, cada qual puxou da sua navalha e, um a um, foram cortando pequenas toras de chouriço e nacos de pão fendidos de viés. Passando o garrafão em volta, de mão em mão, começaram a comer e a beber em silêncio. Mas em breve a discussão recomeçou. Aproveitando o silêncio, o

camponês forte e corado de poucas falas dirigiu-se a Vaz num tom agressivo que se via ser o seu natural.

- Ouça você o que lhe quero dizer e vá repetir lá ao Partido. Eu nunca quis saber de políticas, nem sei nada de políticas. Mas aprendi mais em três meses que antes em toda a minha vida. Tenho quarenta anos e confesso que andei mais de trinta e nove às escuras. O Partido trouxe-me a luz, agora vejo o caminho e acredito que vou bem encaminhado. Até aqui o que o Partido diz tem batido certo. Acredito no Partido porque tem batido certo. Temos estado a discutir aqui como havemos de levar as coisas para diante. De acordo. Vamos por diante. Mas o Partido tome tento. Assim como ganha a confiança, assim pode perdê-la.

- Pega! - disse o companheiro do lado estendendo-lhe o garrafão.

Pegou no garrafão, mas, antes de beber, concluiu ainda, voltado para Vaz:

- Que o Partido resolva, de acordo. Mas atenção. Não chega resolver, é preciso resolver bem.

- Confia no Partido, camarada. Fazemos tudo para acertar - respondeu Vaz.

A resposta não satisfez certamente Sagarra pois, dirigindo-se ao camponês que falara, acrescentou:

- O Partido é grande e tem muita experiência, amigo. Mas o que é o Partido? Aqui nas nossas terras o Partido somos nós. O Comité Central é o Partido, mas tu também o és. Resolver bem ou mal está nas nossas mãos, está também nas tuas.

- Bem dito! - murmurou o da Barrosa de boca cheia.

- De acordo - insistiu o outro. - Vamos por diante. Mas assim como a confiança se ganha, assim se perde.

- Para perdermos a confiança no Partido - ouviu-se a voz fina e suave do camponês do chapeirão - é preciso perder primeiro a confiança em nós próprios.

## 7

O moço de rosto árabe caíra de surpresa em surpresa enquanto falaram da luta por melhores jornas, das comissões de praça, das experiências alcançadas nos últimos meses. As surpresas maiores, que o deixaram não só confundido como indignado, vieram porém ao abordarem os problemas de organização do Partido.

- Já falámos das lutas, camaradas - disse Vaz. - É preciso agora falarmos do Partido. Sem o Partido não se podia ter feito o que se fez. Nisto estamos todos de acordo. É o Partido que nos une e que nos ensina. E organizados no Partido que podemos dirigir as lutas dos trabalhadores. Devemos pois ver como está organizado o Partido e como podemos organizá-lo melhor. Todos os camaradas que aqui se encontram são filiados no Partido. Podemos pois falar abertamente.

Salvo raras exclamações, o da Barrosa, pernas abertas e o forte tronco encostado à parede, mantivera-se até então calado. Ao ouvir estas palavras, interrompeu de mau modo.

- Alto lá, amigo. Isto não é bem como diz. Eu cá não sou afiliado no Partido.

- Como assim? - admirou-se Vaz. - Que quer você dizer? Como o da Barrosa não tratava ninguém por tu, Vaz também o não tratava a ele.

- Quero dizer só o que disse: que não sou afiliado no Partido. Sagarra não se mostrou surpreendido e perguntou paciente ao da Barrosa:

- Tu estás de acordo com o Partido?

- Claro que estou.

- Fazes parte da organização do Partido?

- Faço.

- Pagas a tua quota?

- Pago.

- Pois bem - disse Sagarra. - É isso que se chama ser membro do Partido.

- Que novidade, camarada Belmiro! - berrou o da Barrosa, desvendando com esta frase que o misterioso camarada Belmiro era o próprio Sagarra. - Você já o tinha dito muitas vezes.

- Aqui está um - comentou o moço moreno de rosto árabe - que é membro do Partido sem o saber.

O da Barrosa não se quis dar por vencido.

- Não sei porque você ri - replicou indisposto. - Eu não disse que não era membro do Partido. Disse que não em afiliado. Membro do Partido sou. Agora afiliado não.

- Desculpa que te diga, amigo - insistiu o moço. - Mas vê-se que não sabes o á-bê-cê...

Os outros olharam-no com reprovação. Militante já há alguns anos, seguro da sua razão, o moço limitou-se a encolher os ombros, desdenhando da ignorância geral.



Vaz perguntou quantos membros do Partido se poderiam contar na zona. O camponês do chapeirão respondeu na sua voz fina e suave:

- Pela minha parte posso dar-te duas respostas, camarada. Posso dizer-te que na minha aldeia há cinquenta membros do Partido e posso dizer-te que há apenas cinco. Num caso e noutro, digo a mais pura das verdades.

Como para se desforrar do desaire de há pouco, o da Barrosa lançou nova gargalhada rouca e sufocada.

Olhando para Sagarra, Vaz não notou uma vez mais qualquer surpresa. No rosto sardento e carregado, os olhos azuis e luminosos exprimiam profundo contentamento.

- A mais pura das verdades - repetiu o outro, num tom cada vez mais suave. - Se me perguntares quantos camaradas estão com o Partido, quantos seguem o que o Partido aconselha e diz, quantos querem ir às reuniões, quantos estão dispostos a ajudar o Partido, eu respondo-te: todo o pessoal menos meia dúzia de nhurros. Agora se me perguntares quantos foram convidados para entrar no Partido, então digo-te que só quatro ou cinco.

E depois de olhar em volta gozando maliciosamente o efeito das suas palavras, acrescentou como a querer embaraçar os outros com uma charada:

- Na minha terra as coisas são assim...

Vaz ficou na verdade um tanto embaraçado. Os nítidos limites existentes nas organizações operárias entre membros do Partido e simpatizantes apareciam-lhe naquele caso difíceis de estabelecer. Contraditoriamente ambas as respostas lhe pareciam ao mesmo tempo correctas e incorrectas.

Nada disse e ficou esperando que os outros falassem.

- Tu que dizes, Alfredo? - perguntou Sagarra voltando-se para o camponês magrito e nervoso que tão bem expusera o trabalho das comissões de praça.

Alfredo atirou sem hesitação:

- Talvez vinte, talvez trinta!

- Bom, não é bem assim - corrigiu o companheiro da samarra são todos bons camaradas, mas membros do Partido somos só os dois...

- Essa é boa - discordou Alfredo. - Cuidas tu que somos melhores que os outros?

A conversa animou, quase todos falaram, mas tinham dificuldade em se entender.

Apenas o moço moreno de rosto árabe não manifestou qualquer hesitação. Falando agora da organização do Partido, sentia-se completamente à vontade e encontrava um terreno em que estava certo de levar a dianteira aos demais.

- No nosso canto, as coisas estão bem organizadas - disse ele. - Temos o Comité Local com três camaradas e duas células com dois. O resto do pessoal não tem ainda consciência política. Reunimos todas as semanas e todos pagam regularmente a quota e a imprensa. Reconheço que na luta por melhores jornas talvez estejamos atrasados. Mas no que respeita à organização, podemos dizer que estamos bem organizados.

O moço calou-se satisfeito. Depois das confusões que ali haviam aparecido acerca da organização do Partido, parecia-lhe que o seu Comité Local poderia constituir um verdadeiro exemplo para os demais e esperava mesmo que a informação que acabava de dar levasse os outros a reconsiderarem as opiniões que anteriormente haviam manifestado quando interviera. O comentário que logo provocou deixou-o porém novamente desorientado.

- Bonito serviço! - protestou Alfredo. - Vocês têm as coisas bem organizadas, mas não sabem o que se passa com os trabalhadores, não têm comissão de praça e deixam-se encostar à parede pelos patrões. É para isso que serve o Partido?

## 9

"E para isso que serve o Partido?" Esta pergunta vem agora constantemente ao espírito de Vaz, ao caminhar ao crepúsculo de regresso à cidade. Sim, Alfredo tinha razão. Tudo está aí. Para que serve o Partido? Qual a sua missão? Cumpra-a ou não a cumpra? o Partido não é um fim em si. Se as organizações existem e desconhecem os problemas vivos dos trabalhadores, se estão afastadas das massas, se não as esclarecem e orientam, se não sabem encontrar as formas de organizar e conduzir à luta, para que serve de facto? Pouco vale estar tudo muito arrumadinho, tudo muito nos seus lugares, tudo correspondendo ao esquema indicado, se essas organizações e esses camaradas vivem com os olhos voltados para dentro, fechando o Partido em si próprio. Não, não é para isso que serve o Partido.

Vaz vem de uma reunião de homens que só há pouco encontraram o Partido. Sente-se enriquecido por tudo quanto ouviu. Verifica que como quadro deu muito menos àquelas jovens organizações camponesas do que o Partido, por seu intermédio, delas vai receber.

Recorda momento a momento a discussão e as opiniões dos camaradas, vê diante de si aqueles rostos ontem desconhecidos, hoje tão familiares, que lhe parecem velhos amigos de infância. Vê de novo diante de si Alfredo, magrito, nervoso, convicto e combativo, e o outro do chapeirão e de voz suave, malicioso

e arguto, e o da Barrosa tão insolente como confiante, e o forte e corado de poucas falas, exigente e imperativo, e Tomé dando a casa, conduzindo os camaradas, oferecendo-lhes de comer e de beber. Recorda as intervenções de José Sagarra, a sua calma e a sua segurança, o seu modo de tratar com os outros, revelando um profundo conhecimento dos homens e dos seus problemas. Ele próprio, Vaz, que desde que o conhecera o soubera apreciar, sente-se agradavelmente surpreendido com a capacidade e prestígio desse camarada quase analfabeto. Recorda também o encontro da véspera, no cruzamento, quando no escuro, parado e silencioso na berma, o vulto do camarada lhe parecera o de um homem alto e elegantemente trajado.

“É verdade, camarada Belmiro”, pensa Vaz. “No escuro iria jurar que eras um senhorito.”

## Capítulo X

### 1

Maria arrancou a chibata das mãos de António, despenteou-o com um gesto rápido e fugiu pelos campos. Cortava assim, com uma medida extrema, a questão de saber a quem a chibata pertencia, pois ambos pretendiam tê-la descoberto nas urzes minutos antes. António correu atrás dela. Pulando como uma cabrita brava, mostrando as pernas surpreendentemente brancas e cheias, largando os sapatos no caminho, esquivando-se e cortando as voltas, Maria não se deixava agarrar. Cansado e suplicante, António desistiu de persegui-la. Então, também ofegante, Maria aproximou-se e entregou-lhe a chibata.

- Façamos as pazes, amiguinho. Não quero que te mates a correr. E, cansada, deitou-se na relva à sombra de uns arbustos, as mãos na nuca a servir de almofada, os olhos fechados, a respiração compassada e profunda. António sentou-se a seu lado e observou-a atento e comovido. Depois foi procurar os sapatos, que encontrou com dificuldade e, quando de novo se aproximou, Maria olhou-o fixamente com um sorriso que não conseguiu decifrar. Veio-lhe à ideia o que se passara tempos atrás, quando voltavam de casa do advogado. E disse entristecido:

- Voltamos? São horas. Maria levantou-se sem pressa, a sacudir a roupa.

- Estava-se aqui bem - murmurou. Não longe da aldeia, deram com o Elvas espiando-os. Nessa manhã, fora oferecer-se para lhes comprar petróleo na vila e Maria confiara-lhe uns escudos. Ali estava agora, corpo ao sol, barbas negras à aragem, especado e insolente. "Talvez lá tenha ido a casa levar o petróleo", pensou Maria.

Numa rua da aldeia encontraram a rapariga vermelhaça, que, no primeiro dia, se oferecera para ir buscar água à fonte. Sempre que encontrava Maria, procurava dois dedos de conversa. Em geral, desabafava pequenos desgostos. Não pedia opinião nem compreensão. Queria apenas que a ouvissem. Desta vez, deixara queimar o caldo. Não se julgue que um tal facto se conta em duas palavras. Havia que explicar bem que era caldo de feijão com couves e esmiuçar onde fora apanhar as couves, onde compram o feijão, como acendera o lume,

como preparara o caldo e o que fizera enquanto o caldo cozia e o que estava fazendo quando o caldo esturrara. Tudo isto exige um certo tempo.

- Olha! - disse de repente Maria, acotovelando António. Voltado para eles, encostado indolente à porta da taberna, o Elvas empunhava um copo. Dir-se-ia ter esperado ser visto para se decidir a beber. Logo se sumiu no interior para reaparecer com novo copo, que também emborcou. Feito isso, limpou o queixo ao antebraço felpudo, suspirando ruidosamente.

Maria deixou de ouvir o que a rapariga contava.

- Ai, amiguinho, que nos está a beber o petróleo - exclamou. Ali, na rua, não podia António dar um reprimenda a Maria por ter entregue o dinheiro ao Elvas.

- Petróleo não é de certeza... - limitou-se a comentar sombrio. Decerto Mana não reparou no tom, pois, quando Elvas voltou à porta com terceiro copo, esqueceu o dinheiro e achou graça.

- Que figurão, há? - e riu-se. A rapariga continuara sempre a falar e acabou a história do caldo queimado.

- Nunca me aconteceu uma destas! - exclamou em conclusão. Só desastres, tristezas e aflições. Valerá a pena viver assim? Despediram-se. Regressando a casa, Maria sentou-se na borda da cama, acalorada, as pernas esticadas, olhando António com o mesmo sorriso que ele não conseguia decifrar.

- É pena estares tão mazombo - comentou. - Mal sabes o que estou a pensar..

Vieram à ideia de António várias hipóteses. Todas lhe pareceram tão disparatadas que nada respondeu e foi trabalhar.

Momentos depois, levantando os olhos dos papéis, deu com Maria espreitando-o da porta.

- Que há? - perguntou.

- Estava só a ver-te - disse Maria. - Estás bonito, hoje.

## 2

Alguns dias depois, de madrugada, chegaram os camaradas. Pálida e silenciosa, Maria preparou-lhes o café. Logo depois a reunião começou.

Esforçando-se por dominar a emoção, Paulo começou a relatar os acontecimentos de Vale da Égua. Mas, quando falou da morte da filha de Manuel Rato, não conteve as lágrimas e teve de interromper a narrativa.

Sem qualquer comentário, Ramos propôs que continuassem mais tarde a discussão desse ponto e que Vaz tomasse a palavra para dar a informação sobre o seu sector.

Vaz procurara Marques. Deslizando silenciosa pelo pequeno corredor, a mãe do carpinteiro conduziu-o ao quarto do filho. Olhara-o ainda um momento com os olhos receosos e abalara sem dizer palavra.

Marques recebeu o camarada com manifesta frieza e Vaz foi direito ao assunto. Informou-o do que disse Afonso acerca do Meireles e pediu-lhe uma série de informações. Marques interrompeu impaciente:

- E mau desconfiarmos assim dos camaradas. Pior ainda é tratarem-se as coisas à socapa, à margem dos organismos. Se tens alguma coisa a dizer, é no Comité Regional que o deves dizer. E, se queres saber a minha opinião, eu te digo. Tudo isso são histórias de saias.

- Antes fossem - disse Vaz calmamente. - o caso é grave e obriga-nos a ser vigilantes. Procurei-te, porque tu melhor que ninguém conheces o Vítor.

- Perfeitamente - interrompeu Marques. - Eu falo com ele.

- Não, não vim cá para que tu lhe vás falar. Seria espantar a caça.

Os olhos do carpinteiro fuzilaram atrás das lentes. Deu uma gargalhada seca.

- Também desconfias de mim?

- Não se trata disso, camarada. O que se trata é de apurar antes da reunião o máximo de informações sobre o Vítor e sobre o Meireles. Depois, como dizes, é no organismo que a questão deve ser posta.

- Não nos entendemos - berrou Marques exaltado. - Se há qualquer coisa que não está clara na actividade de um camarada, é com o próprio que se deve esclarecer. Procurar um outro para colher informações, mais parece intriga e inquérito policiais. Não são esses os nossos métodos de trabalho. Não embarco, amigo. Não me levas por esse caminho.

O rosto magro da mãe do carpinteiro apareceu à porta, receoso. Vaz levantou-se.

Fixou atentamente o camarada e estendeu-lhe a mão a despedir-se.

- Pois fique para a reunião - disse a mesma voz calma, em que se adivinhava uma determinação glacial.

Já no corredor, Marques insistiu:

- Eu posso falar com ele...

- Não, tu não falas com ele, camarada - cortou Vaz. - É bom que isto fique assente. Como directriz, como decisão, como o que quiseres. Não falas com ele.

Marques deu nova gargalhada rápida e seca.

- Tu mandas, eu obedeço! É assim?

- Não são essas as palavras justas, mas respondo-te. É assim! - e apertando novamente a mão do camarada, saiu.

Ramos ouviu Vaz, com ar divertido. No fim, limitou-se a dizer:

- Muito bem. Põe as cartas na mesa e logo veremos. As palavras mostravam aprovar as ideias de Vaz. Mas o tom com que eram ditas parecia significar: “Vê lá se vais buscar lã e ficas tosquiado.”

Vaz pareceu não reparar nesse tom e insistiu na necessidade de refundir profundamente o trabalho regional, o que era agora imposto pela saída de Afonso e o previsível afastamento de Vítor. Logo aí reapareceram, grandes diferenças de opinião. Ramos propôs que Sagarra entrasse para o Comité Regional, junto com Marques e Cesário. Vaz insistiu que tal solução atiraria por terra o trabalho camponês.

- Isso corresponderia a dar efectivamente a Marques o controlo do sector camponês, como há muito pretende. Irá confundir, desorientar, até sabotar o trabalho de Sagarra. Que se viu na reunião de quadros que fiz? Por toda a parte, sob a direcção de Sagarra, se desenvolvem as lutas camponesas e a organização do Partido. Só no sector controlado pelo Comité Regional, e por culpa deste, os camaradas vêem tudo ao contrário, estão paralisados, não fazem praticamente nada, de tal modo que os outros lhes perguntam se têm estado em Portugal. Marques poderá ser um bom camarada. Actualmente, na minha opinião, é um estorvo à direcção local, quanto mais à direcção regional.

- Parece que lhe tens verdete - comentou Ramos.

Vaz não replicou à observação. Não se puseram de acordo e resolveram voltar a discutir o problema numa fase mais adiantada da reunião.

### 3

Mais calmo, mas sempre triste, Paulo deu conta do trabalho e puderam então discutir a luta dos camponeses de Vale da Égua. Como não se tratava agora de descrever os factos, mas de os apreciar, era mais fácil evitar a emoção e dar um parecer. Tal como os outros camaradas, Paulo deu o seu. Mas, por muito esforço que fizesse para considerar os factos apenas nos seus aspectos políticos, ali, perante ele, estava sempre o rosto de Isabel, com as tranças em arco, olhando-o a sorrir. Por muito que reagisse, assaltava-o um vago sentimento de culpabilidade, como se ele pudesse ter impedido a morte da rapariga, ou tivesse mesmo de qualquer forma contribuído para ela. Sentiu-se, pois, aliviado quando terminaram esse ponto e passou a informar do resto do sector.

Como não controlava grandes organizações, dava particular relevo a pequenos acontecimentos. Contou que na fábrica de serração, por exemplo, aparecera um quadro jovem, moço de cara de fuinha e barba mal feita, com grande vontade, querendo mais encontros, pedindo livros, distribuindo imprensa. Contou como o advogado ficara contente por Maria lá ter estado em casa, que oferecia agora sempre que fosse preciso.

- Afinal - comentou voltando-se para Vaz -, não era tão mau como supunhas.

- Apanha o pião à unha! - disse Ramos, não se percebendo se simulava alegria para descarregar o ambiente pesado da reunião, ou se não sentia de facto que ele assim o fosse.

Dirigindo-se a Paulo, repetiu o que sempre antes lhe dissera:

- O advogado torceste tu, agora quem não torces é o sapateiro! Referia-se àquele sapateiro que havia meses prometia e adiava sempre a reunião do Comité Local.

Enganava-se. Paulo também já o torcera... Fora lá à terra uma vez mais. Sem largar o trabalho, no seu cubículo escuro, o sapateiro acenou-lhe para que se sentasse num banquinho.

- Então? - perguntou Paulo.

- Nada feito - respondeu o sapateiro. - Estes gajos não estão para se ralar.

"Como sair disto?", pensava Paulo. Se ele, Paulo, falasse com os camaradas, talvez conseguisse convencê-los. Seria de fazer tal proposta? Por qualquer razão instintiva, que não saberia explicar, não a fez. Pela mesma razão, sentiu-se incapaz de ser sincero com o sapateiro e as palavras saíram-lhe sem reflectir.

- Tens razão - concordou. - É melhor não pensarmos mais em fazer a reunião. Passas a imprensa, ajudas no que puderes e já não é mau.

O sapateiro ficou manifestamente contente com estas palavras. Tão contente que, pela primeira vez, deu a Paulo algumas indicações acerca dos outros camaradas. Um era um pequeno camponês que, segundo ele, só queria saber da vaca e do leite. Outro trabalhava numa fábrica distante, saía de madrugada, voltava alta noite e não tinha tempo para nada. Outro era ferreiro, desgraçadamente tão doente que só pensava na morte.

- Ouves? - perguntou.

Paulo apurou o ouvido. Não longe, espaçadas, soavam pancadas de um malho batendo ferro.

- Já não tem força para mais - comentou o sapateiro.

Paulo concordou que, em tais condições, pouco havia a esperar dos camaradas. Mas, novamente pela mesma indefinida intuição que ele próprio



não saberia explicar, acrescentou que talvez o ferreiro lhe pudesse ao menos dar uma explicação sobre o arranjo da chapa de um prelo.

- Se quiseres, pergunto-lhe - ofereceu-se o sapateiro. Paulo disse que não valia a pena, mas logo a seguir propôs que fossem lá os dois.

- Tu apresentas-mo e trato já disso. É perto, não demoramos nada.

O sapateiro levantou os olhos do trabalho, desconfiado.

- Não posso largar isto - e apontou para a mísera bancada e para os montes de calçado velho.

- É só um minuto - disse Paulo, e levantou-se.

O sapateiro acabou também por levantar-se contrafeito.

- Perguntas o que tens a perguntar e voltamos logo. Não posso largar isto muito tempo, bem vês.

#### 4

Malho e tenaz nas mãos, o ferreiro mal suspendeu o trabalho quando chegaram. Era um homem magro e andrajoso, o rosto coberto de fuligem e uns lábios surpreendentemente desmaiados.

- Estás só? - perguntou o sapateiro olhando os cantos da barraca.

O outro acenou afirmativamente com a cabeça.

- É um camarada - disse o sapateiro apontando Paulo.

O ferreiro olhou-o com indiferença e recomeçou a bater o ferro incandescente.

- O amigo tem pressa - disse o sapateiro passados uns instantes. - Quer pedir-te um conselho.

- Deixa, posso esperar - disse Paulo.

E a ideia veio-lhe agora clara e nítida: "Se falar com ele, convenço-o."

Por isso, como o sapateiro, inquieto, lembrasse que tinha deixado a oficina abandonada, Paulo replicou mansamente:

- Vai indo, já lá vou ter.

Contrariado, o sapateiro ficou.

- O camarada tem pressa. Quer pedir-te um conselho - repetiu dali a um bocado.

O braço enfarruscado e esquelético, de veias inchadas de um azul-vivo, ficou um instante suspenso no ar. Do fundo negro da fuligem, um olhar firme voltou-se de relance para os recém-vindos. E, numa inesperada voz, grossa e possante, que se julgaria saída de outro corpo, atirou insolente:

- Se tem pressa, vá andando.

- Vamos! - disse o sapateiro puxando um braço de Paulo.

- Posso esperar - disse Paulo teimoso, sem se sentir ferido pela grosseira resposta do outro.

Olhando inquieto a porta da barraca como se dali pudesse ver a oficina abandonada, o sapateiro não se decidia a abalar. Insistiu ainda para que o ferreiro interrompesse o trabalho e para que Paulo desistisse de esperar. Por fim, enervado, acabou por ir-se embora, quase a correr.

Paulo sentou-se num caixote e esperou tranquilamente. Por fim o outro voltou-se para ele na expectativa. Atabalhoadamente, lembrando-se do pretexto que dera ao sapateiro, Paulo falou na necessidade de consertarem um prelo. Como porém nada sabia disso, pouco soube adiantar.

- Vocês dão-me graça - disse o ferreiro, com a sua voz possante de baixo, que se escoava por entre os lábios desmaiados. - Quando precisam, buscam os camaradas. Quando não precisam, nem se lembram que existem. O que anda a fazer o Partido não sei.

Surpreendido, Paulo não compreendeu imediatamente o sentido destas palavras. Quanto mais o ferreiro falava maior em o seu espanto. Segundo dizia o ferreiro, já há muito os camaradas do Comité Local exigiam que lá fosse um funcionário do Partido. Mas o Partido prometia, prometia e não enviava ninguém.

- Como assim? - perguntou Paulo estupefacto. - o Comité Local recusa-se a reunir, um funcionário anda a correr para aqui meses e meses e agora diz você que o Comité quer reunir, mas que ninguém aparece...

Cada qual teimou na sua. Por fim, embora nenhum deles acreditasse no que o outro dizia, estiveram de acordo em tirar a prova dos nove, marcando eles mesmos uma reunião do Comité Local.

- E o Esteves? - perguntou o ferreiro.

O Esteves em o sapateiro.

- Eu digo-lho - respondeu Paulo.

Disse-lho logo a seguir. O sapateiro não acusou qualquer surpresa. Nem sequer levantou os olhos do trabalho. Comentou apenas:

- És mais feliz do que eu. Conseguiste numa hora o que eu não consegui num ano.

- Onde foste tu buscar tanta ronha? - disse Ramos, quando Paulo acabou de falar.

- A reunião do Comité Local é daqui a uma semana - respondeu Paulo. - Vamos a ver o que sai dali.

Sim, viria a sair bom trabalho, mas não acabariam os mistérios. Paulo viria a reflectir muito no caso. Lembraria minuciosamente palavras, atitudes e

expressões. No fim tomaria como certa uma conclusão. Durante meses o sapateiro respondera à insistência do funcionário do Partido dizendo que os do Comité Local nunca apareciam e respondera ao Comité Local dizendo que ninguém aparecia da parte do Partido. Muitas explicações seriam mais tarde dadas a este procedimento. O que durante longos anos ninguém saberia nem adivinharia é que o sapateiro procedera assim porque havia gasto em seu proveito as quotizações dos camaradas e temia que o caso viesse a apurar-se.

## 5

Nessa manhã, António teve um comportamento estranho. Com vários pretextos, sempre que se terminava a discussão de um assunto, pedia um minuto de intervalo e saía uns instantes do quarto. Contra o costume, não fizera perguntas acerca de nenhuma questão e as suas intervenções haviam sido breves e apagadas. Ramos chegou por momentos a pensar que tivesse ficado impressionado, desanimado e inquieto com o relato de Paulo acerca da luta em Vale da Égua e a morte da filha de Manuel Rato. Observando-o com atenção, concluiu, porém, que ele estava bem-disposto e fazia mesmo um esforço para o dissimular. Por isso, quando António regressava uma vez das suas curtas ausências, atirou-lhe à queima-roupa antes de recomeçarem a discussão:

- Fazes-me lembrar um colega que eu tive na escola. Volta e meia pedia também para ir lá fora. Sabes o que o professor um dia disse? “Meu menino. Isso de estar sempre a correr lá para fora tem de acabar. Se lhe rebentar a bexiga, eu pago ao papá o conserto, mas acabou-se”...

- Não acertaste! - interrompeu António, com os olhos maliciosos a brilharem.

O facto é que não voltou a propor intervalos, embora continuasse, como até aí, um tanto alheado da discussão.

Quando interromperam a reunião para o almoço, já Ramos e Vaz se haviam levantado, António em vez de mostrar pressa em sair, pediu que ficassem ainda um instante.

- Que há? - perguntou Ramos.

- Uma questão de quadros que quero comunicar - disse António com inesperada solenidade.

- Tão urgente que não pode ficar para depois? - perguntou Ramos.

- Preferia tratá-la já - respondeu António.

- Bom... - condescendeu Ramos.

E tomaram a sentar-se.

- Camaradas... - disse António. A voz tremeu-lhe ligeiramente para logo continuar rápida e alvoroçada. - Quero comunicar ao Partido que a camarada Maria é a minha companheira.

Se, com esta declaração, António esperava uma manifestação efusiva dos camaradas, teria razão para ficar desapontado.

Ramos limitou-se a encolher os ombros.

- Ficamos sabendo - disse. - Isso é convosco.

- Bom - balbuciou Paulo. - Que hei-de dizer? Sê feliz.

Impassível, Vaz nada disse.

- Terminou a discussão sobre esta questão de quadros? - perguntou Ramos. - Terminou? - repetiu. - Está suspensa a reunião e passemos ao ponto seguinte da ordem de trabalhos: o almoço.

Sem perder tempo, primeiro que os outros, António correu para a cozinha a ajudar Maria.

## 6

Dando volta à mesa com a panela na mão, Maria foi pondo no prato de cada camarada um grande chicharro cozido. Depois foi buscar um tacho de barro e da mesma forma serviu cada um com batatas fumegantes. Fazia tudo em silêncio e lançava olhares interrogativos a um e a outro. Duas vezes corou ao reparar no invulgar silêncio de todos.

Empunhando uma faca pontiaguda, Ramos cortava com rapidez rodela de cebola. Contra o costume, não gracejava. Contraído, parecia mergulhado ainda nas questões que tinha acabado de discutir. Com a rolha a vedar o gargalo da garrafa, Vaz fez correr serenamente num gesto circular um fio de azeite. Sorridente, levantando insistentemente os olhos para seguir os movimentos de Maria, António ia arrumando meticulosamente o seu prato, puxando o peixe para um lado, dispondo no outro as batatas. Maria acabou por sentar-se com um suspiro. Foi então que deu com Paulo, olhando-a por cima dos óculos, com ar de desaprovação.

- Não está certo - murmurou Paulo. - Tiraste para ti o mais pequeno...

Sem responder, Maria ofereceu a Ramos a garrafa do vinagre. Foi preciso dizê-lo três vezes. Como que despertando, Ramos ajeitou-se melhor no banco, esfregou energicamente as mãos, pegou na garrafa, salpicou as batatas com vinagre e pôs-se a falar.

- O chicharro é um grande peixe - começou. - Os burgueses não o comem porque, como é barato, vêem nele um inimigo de classe. Mas não fica atrás de

qualquer outro. A cabeça de garoupa tem um ar tão estúpido como um banqueiro de charuto. Só de olhá-la se perde a vontade, A pescada frita faz lembrar uma velha tratada com pó-de-arroz. O robalo é ensosso e deslavado como um filho de família. E o salmonete grelhado com manteiga faz lembrar um estudante penteado com vaselina - dizendo isto Ramos olhou António com ar chocarreiro.

Sorridente, boca cheia, António olhava de lado Maria, apreciando as grandes pestanas negras descidas como uma cortina. Segurando com os dedos a cabeça do chicharro, Paulo sorvia o petisco. Limpando lentamente a boca com as costas da mão, rosto parado, olhos fixos, Vaz observava Ramos. Na maneira como o camarada começara falando, na pouca vivacidade dos gracejos, via faltarem a espontaneidade e a naturalidade habituais e adivinhava um esforço para ocultar o mau humor.

- Ramos vai escrever um livro sobre os peixes e a luta de classes comentou António sorridente.

- Podia fazê-lo, velhote - interrompeu Ramos. - A existência de classes manifesta-se em tudo, mesmo nos acontecimentos mais triviais. Até na maneira como se come um chicharro.

Só então os outros repararam na forma bizarra como António comia.

Garfo na mão esquerda, faca na mão direita, separava com a lamina a polpa do peixe, como se se tratasse de uma operação delicada. Não se desconcertou com a alusão do camarada à sua origem de classe e, piscando os olhos, malicioso, meteu nova garfada na boca. Maria lembrou-se do jantar em casa do advogado e corou desgostosa. Paulo olhou Ramos com reprovação.

- Onde os compraste? - perguntou Vaz a Maria.

Maria respondeu com prontidão, a mudar o rumo da conversa. Cada qual contou então as dificuldades em conseguir géneros e António contou como o Elvas lhes ficara com o dinheiro do petróleo e o fora gastar ostensivamente na taberna. António lamentava amargamente a quantia perdida. Maria também ficara aborrecida com o ocorrido, mas ajuizava as coisas de forma diferente.

- Não é tanto pelo petróleo, nem pelo dinheiro, amiguinhos - insistia agora com desproporcionada paixão. - É pela confiança. Pela confiança. Nada custa mais que confiarmos em alguém e enganarmo-nos.

Outras novidades deram do vagabundo. Já depois dessa cena aparecera recentemente muito transformado. Cosera ou fizera coser os rasgões da roupa miserável, que dir-se-ia havia antes feito de propósito. Mas coisa estranha! Abotoado, tapado o corpo, penteado, perdera o ar arrogante, imponente e atrevido e parecia insignificante, mais miserável, profundamente desgraçado. Falava agora de forma ainda mais extravagante.

- Ouves? - gritava ele dirigindo-se ao céu. - Não te esqueças do que te recomendei., Para amanhã, quero sol pela manhã e chuva pela tarde. Não te esqueças, ouviste?

A refeição acabava.

- O desespero dos apaixonados - exclamou Ramos, rindo e falando ao mesmo tempo.

- O pobre sente que perdeu a partida, é o que é!

E, fazendo pela primeira vez alusão à nova situação entre Maria e António, voltando-se para este, acrescentou:

- És tu o responsável!

António riu com gosto. Sem uma palavra, Maria levantou-se e saiu.

## 7

Deitada de bruços, a cabeça enconchada nos braços, os cabelos negros e revoltos espalhados na almofada, Maria não se mexeu quando Paulo entrou timidamente no quarto. Paulo logo adivinhou que ela estava chorando. Melhor: quando a viu sair da cozinha, logo adivinhara que ela ia chorar. Ficou uns instantes de pé, hesitante e comprometido, e acabou por sentar-se na borda da cama, de leve, como se tivesse medo que esta não suportasse o peso. Sem saber o que fazia, a mão sapuda pousou na cabeça da camarada e os dedos curtos e desajeitados procuraram-lhe, por entre os cabelos espessos, o duro do crânio. numa carícia protectora.

- Então, amiga, então... - balbuciou.

Maria não respondeu. Tão quieta que parecia não ter dado pela presença do amigo. Paulo quer dizer uma palavra reconfortante, mas nada lhe ocorre. Um sentimento indefinido de piedade, de tristeza e de ternura apodera-se dele e, contido e sufocado, enovela-lhe as palavras na garganta.

- Então, amiga, então... - repete.

Maria respirou profundamente. Depois, sem pressa, ergueu-se num jeito brando, aninhou-se na cama e afastou do rosto a cabeleira negra.

Os grandes olhos pestanudos, molhados e vermelhos fitaram tristemente o camarada. Acima do joelho, a coxa branca e cheia ficou a descoberto. Não sentiu necessidade de se compor.

- Obrigado, tiozinho - disse numa voz surpreendentemente repousada, usando o tratamento que ultimamente adoptara para Paulo. - Obrigado por teres vindo.

A mão fina pousou na mão sapuda do camarada e ali se deixou ficar uns momentos, parada e indiferente.

- Sou tão infeliz, tão infeliz - acrescentou chorando de novo. Nem tu calculas como sou infeliz.

Paulo continuou silencioso. Que poderia ele dizer? Ele só sabe falar da luta e do Partido, e agora de que vale isso?

- Tu és nova, amiga - disse por fim numa voz lenta e dificultosa. - Tens adiante muitos anos de vida. Tu viverás. Realizarás todos os teus sonhos, acredita.

Maria abanou a cabeça desconsoladamente.

- Viverás e realizarás os teus sonhos, acredita - repetiu Paulo como se ele próprio quisesse convencer-se do que afirmava.

Ficaram longos minutos calados e imóveis. Agora, com dois dedos de uma mão, Maria acariciava infundavelmente um dedo da outra. Pálpebras descidas, olhos pousados no próprio gesto.

- A nossa vida é dura... - suspirou finalmente Paulo. E depois de nova pausa continuou: - Tão dura que, porque a aceitamos e escolhemos, há quem nos considere gente especial, que gosta da dureza, gente fria e indiferente à dor, ao prazer e ao afecto, gente que age e que não sonha.

Surpreendida, Maria levantou os olhos para o camarada. De óculos descaídos, olhava-a de frente. Mantinha a habitual expressão tímida e suplicante, mas havia nesta qualquer coisa de novo e de grave que não lhe vira ainda. As palavras saíam-lhe numa aragem velada e triste,, como se nunca as tivesse pensado nem as estivesse pensando, como se não tivesse necessidade de articulá-las, como se se limitasse a abrir o seu íntimo à observação alheia.

- Muitas coisas diferenciam o homem - continuou Paulo. - Acima de todas, diferencia-o a faculdade de sonhar. Na origem de tudo quanto de belo se fez na história e de tudo quanto de belo possamos fazer, na origem de todas as realizações e façanhas, sempre e sempre encontramos essa maravilhosa faculdade de sonhar. Todos sonhamos, amiga, todos. Sonhamos com um melhor mundo onde uns homens não vivam da dor de outros homens, onde se não matem crianças com metralhadoras, onde o ar se respire com a liberdade. E esse o sonho que nos dá forças para lutar e para sofrer, para nos afirmarmos felizes na nossa dura vida, mesmo quando perdemos muito do que nos é mais querido. Mas não é esse o nosso único sonho. Mentiríamos aos outros e a nós próprios se- negássemos que sonhamos também com a felicidade pessoal, que ansiamos ardentemente o amor, filhos que o inimigo não mate, tranquilidade, um mínimo de conforto. Os militantes dão tudo, amiga, mas não devem

renunciar a nada. Se matássemos o sonho, matávamo-nos também a nós próprios como seres humanos que somos.

Maria olhava com surpresa crescente o camarada, de ordinário tão parco de palavras, agora tão eloquente. E o que mais a surpreende não são tanto as palavras que ouve, mas qualquer coisa de fundo, sentido, dramático e apaixonado que nelas transparece. Contida, a voz de Paulo baixou mais e mais, agora é só quase um sussurro, mas quanto mais baixa, mais velada, mais dita em segredo, maior exaltação íntima revela.

- Hoje temos de dar tudo, tudo sem restrições nem limites, dar talvez a vida, dar de certeza coisas que custa mais a dar do que a vida. Se a luta rouba aos pais uma filha querida, que maior sacrifício lhes pode ser imposto? Temos de dar tudo, amiga, sem lamentarmos o muito que perdemos. E acredita. Isto é mais fácil de dizer quando o mal nos toca a nós próprios do que quando toca aqueles a quem indicamos o caminho da luta. Mas tem de ser dito e tem de ser sentido - e depois de uma pausa acrescentou: - Já se vê sorrir à nossa frente a meta desejada. Cairão uns, outros viverão.

Paulo fez nova pausa, sentindo que se afastara muito da conversa. E concluiu:

- Realizarás os teus sonhos. Acredita e confia. Calou-se finalmente, fitando com humildade a camarada. No contraste entre a sua expressão e a segurança de tudo quanto acaba de dizer, Maria adivinha uma tremenda e inabalável força interior, que nunca em ninguém com tanta evidência se lhe revelara. Sente agora necessidade de falar também. Mas não é agora dos seus problemas que sente necessidade de falar, mas daquele homem que tem diante de si e de quem afinal nada sabe.

- Ouve, tiozinho, tens filhos? - perguntou.

- Eu? - admirou-se Paulo, pois em tudo quanto dissera nada parecia dizer-lhe pessoalmente respeito. - Não, não tenho filhos.

- E tens companheira?

- Também não tenho companheira. Maria hesitou.

- E nunca tiveste companheira?

- Não, nunca tive companheira. Maria agarrou a mão do camarada.

- A tua família?

- Família? A minha família é o Partido, és tu, são os camaradas. Não tenho outra família.

Maria sente necessidade de dizer uma palavra de conforto e fala com voz imperativa como que a apagar com o tom a dúvida que a assalta acerca do que ela própria diz.



- Ouve, tiozinho. Também tu realizarás os teus sonhos. Realizarás, acredita.

- Eu? - perguntou novamente Paulo, e na sua voz transparecia não a dúvida acerca do futuro, pois na verdade não estava pensando nele, mas o espanto por que Maria assim falasse.

Vaz apareceu à porta. Rosto inalterável, olhos fixos, pareceu não reparar na surpreendente atitude e expressão dos dois camaradas.

Paulo disse calmamente:

- Já lavámos a louça. Temos de continuar.

## 8

No sector de António, as coisas andavam depressa e bem. O movimento reivindicativo, conduzido nas empresas pelas comissões, unificava-se sob a direcção da organização local. O número de militantes do Partido continuava a aumentar. Manuel Rato, agora trabalhando lá na terra, já estava ligado aos camaradas. Apesar de todas as tentativas da direcção fascista do sindicato para impedir a participação dos trabalhadores nas eleições, apesar das provocações na assembleia geral, a lista da oposição fora eleita e Gaspar era agora o presidente do sindicato.

- Até dá gosto trabalhar assim! - comentou António radiante. Vaz e Paulo pediram alguns esclarecimentos e manifestaram a sua opinião sobre diversos aspectos da organização e das lutas. Assentaram em que, dadas as novas responsabilidades de Gaspar no sindicato e a necessidade da sua defesa, Manuel Rato o substituisse no Comité Local. E parecia que a discussão geral estava terminada quando Ramos perguntou implicative o que havia acerca das pequenas organizações e ligações do sector.

- Não se pode ir a todo o lado ao mesmo tempo - explicou António. - Preferi agarrar o fundamental e deixar o acessório.

- Mau critério, amigo - disse Ramos, como se, esperando precisamente, aquela resposta, tivesse engatilhada a censura. - o Comité Local anda bem pelos seus próprios pés. Não necessita grande assistência. As pequenas organizações e aos camaradas isolados é que falta iniciativa, se apoio. Por isso patinam e não registam quaisquer progressos. A esses, sim, devias ter dado mais tempo e atenção. Não tens motivo para deitares foguetes.

- Talvez tenhas razão - replicou António. - Entretanto parece-me que a importância decisiva da organização local, as lutas que aí se travam e o progresso geral do trabalho exigem a presença e ajuda do controleiro. Também

me parece que os êxitos alcançados mostram que essa presença e ajuda não foram inúteis.

Ramos sorriu condescendente, mas falou com irritação, que se esforçava por dominar, mas que o dominava a ele.

- Com um Gaspar, com um Pereira, com um Jerónimo, com um Manuel Rato, com uma organização estruturada e quadros dedicados e capazes, seria de admirar se não se registassem progressos. Não é difícil apresentar bom trabalho com o trabalho dos outros.

Paulo procurou justificar António.

- Não compreendo bem - disse olhando Ramos por cima dos óculos. Julgo que já várias vezes te ouvi manifestar precisamente a mesma opinião de António: que, havendo dificuldade para agarrar tudo, se deve agarrar o fundamental e largar o acessório.

- E havia dificuldade em agarrar tudo?! - interrompeu Ramos.

Era manifesto que procurava afirmar uma razão que sentia fugir-lhe. E era visível que esse esforço o exaltava cada vez mais.

Braços cruzados, o rosto largo, anguloso, branco e sereno, os olhos observando sem pressão um e outro, Vaz não entrou na discussão. Apenas, quando António, desorientado, reconheceu a sua falta, disse numa voz tranquila:

- Continua a trabalhar com gosto, camarada. Procura segurar as outras ligações, como diz Ramos, mas continua também a auxiliar como pudeses a organização local. Isso agora é bem preciso.

Rodando a cabeça para ele, enfadado e quase agressivo, Ramos deu com o seu olhar seguro.

- Ainda voltaremos ao caso - disse num tom de ameaça, completamente despropositado.

- Voltemos - disse Vaz, e deixou-se ficar na mesma posição.

## 9

Altas horas, ao suspenderem a reunião, puxaram a mesa para um Canto, puseram a cama ao alto de encontro à parede e dispuseram no chão os enxergões. Paulo sentou-se e começou a descalçar-se. À luz do candeeiro, surgiu um pé branco e sardento, pesado como um martelo. Vaz dobrou cuidadosamente as calças. Bocejando ruidosamente, Ramos pendurou o casaco nas costas de uma cadeira e, depois de meter uma bala na câmara, colocou a

pistola no chão, junto à parede. Foi então que a voz de António veio até eles, afável e contente.

- Durmam bem, camaradas.

Olharam-no. À porta, com a mão esquerda no fecho e a direita segurando um candeeiro, António sorria. O bigodito negro realçava a sua juventude. De olhos brilhantes, tinha uma expressão de completa felicidade.

- Durmam bem - repetiu.

Só então os três pareceram compreender o que talvez já houvessem esquecido. António não ficaria ali como das outras vezes na tarimba improvisada. Tinha agora o seu quarto e a sua companheira à espera.

- Boa noite - respondeu Vaz.

Encurvado, Paulo demorou ainda uns instantes a descalçar a outra meia. Só depois os olhos tímidos apareceram entre os óculos e as farripas brancas de cabelo.

- Boa noite - disse numa voz apagada.

- Durmam bem - repetiu ainda António sorridente.

- Bons sonhos! Bons sonhos! - atirou Ramos sem se voltar.

De ceroulas de flanela azul, fralda de fora, procurava febrilmente o tabaco por entre a papelada.

António desapareceu no corredor.

Em gestos lentos, sério como se estivesse desempenhando uma tarefa, Vaz meteu-se pelas mantas e cobriu-se até às orelhas. Dando grandes sapatadas no chão, Ramos saiu e foi à cozinha beber água. Paulo ouviu o encontrão que deu no banco, a tigela batendo contra o cântaro pesado e o gorgolejar da água correndo-lhe pelas goelas. Depois viu-o voltar limparido ruidosamente a boca às costas da mão e dirigir-se à mesa onde remexeu novamente os papéis, sem se perceber o que pretendia. Compôs ainda a chama do candeeiro, espalitou a roda do isqueiro, dobrou conscienciosamente um jornal, coçou o pé direito, e depois disso pôs-se a enrolar um cigarro, deitando tanto tabaco na mortalha que teve de retirar algum para a onça. Acendeu o cigarro, sorvendo de uma só vez duas fumaças. Voltou-se finalmente para a tarimba. Mas, antes que soprasse o candeeiro, Paulo viu que ele metia ainda debaixo do monte de jornais que lhe serviam de traveseiro o tabaco e o isqueiro. Depois, pesado e turbulento, deitou-se junto de Paulo e ficou soerguido de encontro à parede. Logo o clarão vermelho do cigarro iluminou o compartimento. Por um instante, surgiram um canto da mesa, as pernas da cadeira e a cairia de ferro, que, vista de baixo sem colchoaria, parecia o esqueleto de um animal pré-histórico.

No silêncio da noite, Paulo ouviu vozes baixas e entrecortadas no outro quarto. Quando bastante tempo mais tarde adormeceu, Ramos fumava de novo.

António despiu-se em silêncio, sem perder de vista o vulto de Maria, de costas para ele, a cabeleira negra derramada no branco do travesseiro. Por debaixo do cobertor, adivinhava o corpo ao mesmo tempo delicado e transbordante na sua combinaçãozita esgarçada. Pela primeira vez na vida, António conhecera em Maria a beleza de uma mulher, como só a completa intimidade revela. Como outros estudantes, frequentara prostíbulos e tivera relações fortuitas com uma criada da casa. Tudo isso lhe parecia agora nauseante e quase monstruoso. Maria era bem a primeira mulher que conhecia. E como era bela! Nunca, nunca na sua imaginação de rapaz supusera que uma mulher pudesse ser tão bela. Não apenas na forma, mas na macieza e na temperatura da pele, nas atitudes e nos movimentos, numa qualquer coisa que o chamava, o prendia, o fazia pensar que nunca poderia desejar outra e nunca deixaria de desejar aquela.

António viera à vida clandestina disposto a sacrifícios e só pensando em sacrifícios. Considerava então que a luta só por si lhe daria a felicidade. Nunca sonhara que essa vida lhe trouxesse uma felicidade diferente e inesperada. Agora nada mais desejava na vida, sinceramente nada mais. Tinha a luta e o Partido e tinha aquela rapariga querida que ali estava ainda escondida sob o cobertor, dentro em pouco aninhada nos seus braços.

- Maria - chamou baixinho junto à nuca. a mão colada ao ombro roliço e morno. - Dormes?

Ela não respondeu, nem buliu.

- Maria - repetiu António. Decerto dormia profundamente, pois em geral despertava logo. Mas, coisa estranha! Em vez do habitual respirar fundo, espaçado e manso, conservava-se agora numa imobilidade absoluta.

- Maria - murmurou António pela terceira vez, já inquieto. E já se preparava para a abanar, quando ela falou.

- Que queres? - disse numa voz tão calma e tão nítida que se via não ter ainda adormecido e estar completamente desperta. O tom era desusado e desusada a atitude.

Parecendo não reparar nisso, metendo-se na cama, António chegou-se guloso. Sempre de costas, paciente e inerte, Maria deixou-se abraçar. Mas, quando António pretendeu voltá-la, de novo Maria falou, agora num tom implorativo e desgraçado:

- Deixa-me, amiguinho, deixa-me.

- Que tens? Sentes-te mal?

- Não tenho nada, amiguinho, deixa-me.

- Como não tens nada? Estás doente? Maria não respondeu. De novo António a envolveu, agora com brandura, debruçado sobre um ombro, ciciando-lhe qualquer palavra tema junto ao rosto. Imóvel, sem qualquer reacção, de novo ela aceitou a carícia. Mas, como António insistisse, sacudiu-o num gesto brusco e mal-humorado.

- Deixa-me, já disse!

- Que tens? Que se passa? - perguntou ainda. Num repelão de impaciência, Maria libertou-se.

- Deixa-me, não ouves? - A voz, embora contida, era seca e desagradável, como nunca lhe ouvira.

Acabou por ficar quieto a seu lado, ferido, infinitamente triste. Um braço ficara enlaçando a companheira. A mão desta veio ríspida e implacável retirar esse braço. Maria afastou-se então até não ficar o mínimo contacto entre os dois corpos.

No outro quarto, um dos camaradas começou a rressonar.

## 11

Maria embrulhara o tacho em jornais, para o arroz não arrefecer e, lendo à luz do candeeiro, esperava paciente o fim da reunião, que se prolongara todo o dia. Por fim, já noite, ouviu o arrastar das cadeiras e os camaradas apareceram. Em todos notou uma expressão ao mesmo tempo grave e satisfeita, e daí concluiu que alguma importante decisão haviam tomado e estavam confiantes no sucesso. Não se enganava. Fora decidido preparar a curto prazo uma greve na região e todos se apercebiam que tal decisão correspondia a um balanço positivo do trabalho realizado, todos viam nele o resultado e a justificação da existência e da actividade do Partido todos sentiam as novas responsabilidades e todos tinham a nítida ideia de que dali, daquela pobre casa, daquele pequeno grupo formado por quatro homens apagados, perseguidos e procurados como se fossem feras, partira o primeiro impulso que levantaria para a luta milhares de trabalhadores.

Depois da magra refeição, ficaram ainda a conversar, pois só lhes convinha sair de madrugada. António, depois do que se passara na noite anterior com Maria, mantinha-se menos expansivo que de costume. De quando em quando, fitando a camarada, uma nuvem de apreensão e tristeza lhe ensombrava a expressão. Depois, ao vê-la bem-disposta, falando com gosto,

dirigindo-se a ele com simpatia e atenção, tranquilizava-se um pouco. Ramos parecia tocado pelo mesmo halo de afetividade que nessa noite os tomava. Evitando brincadeiras e alusões impertinentes, mostrava-se particularmente amável para com Maria e António, como se quisesse compensá-los por algum mal que lhes houvesse feito.

A conversa girou solta e irregular. Em certa altura falaram de idades. Gabaram o aspecto juvenil de Ramos e perguntaram quantos anos tinha.

- Os que pareço - respondeu a rir.

Paulo deu com Maria olhando-o. Adivinhou que comparava o seu aspecto desajeitado, pesado e envelhecido com o vigor e a visível frescura de Ramos, que entretanto era mais velho alguns anos. Adivinhou que lhe iriam perguntar também a idade. Uma resposta lhe veio ao espírito e de momento pareceu-lhe bem achada: "Novo bastante para amar a luta, velho bastante para não temer a morte." Quando de facto Maria fez a pergunta, tal resposta afigurou-se-lhe empolada, pretensiosa e ridícula.

- Quarenta e nove - respondeu, corando ligeiramente, não porque sentisse ser um crime ter essa idade, mas porque sentia como falta sua ter chegado a ela sem ter realizado nenhuma das suas aspirações de vida pessoal.

Habitualmente, da parte de Ramos, seria de esperar um gracejo, talvez mesmo depreciativo. Nessa noite, falou de outra maneira.

- Ali onde o vês - disse para Maria -, mal supões o que vale. Nunca serias capaz de imaginar aquilo de que o nosso camarada é capaz.

E contou a fuga audaciosa de Paulo havia uns anos. Serrara grades, caminhara sobre um algeroz suspenso ao longo da fachada a quinze metros de altura, descera até à rua por um cabo de lençóis e, recusando-se a fazer alto como lhe ordenara uma sentinela, afastara-se debaixo de fogo.

Surpresa, Maria olhava atentamente o rosto ruborizado de Paulo, as farripas brancas sobre a testa, o olhar implorativo dirigido a Ramos.

- Não tiveste medo de morrer? - perguntou maravilhada.

"Medo de morrer?", repetiram os olhos de Paulo.

A mesma resposta lhe veio ao espírito: "Sou novo bastante Para amar a luta, velho bastante para não temer a morte." E ficou-se embaraçado, sem saber que dizer. Foi Ramos que respondeu por ele:

- Se tivesse medo de morrer, já não estava vivo...

No rosto largo e anguloso de Vaz, sempre tão severo e impassível, abriu-se um franco sorriso, deixando ver os dentes brancos e biselados.

- E pena rires tão poucas vezes - disse-lhe Mana. - Fica-te bem o riso, sabes?

## Capítulo XI

### 1

Conceição fez entrar António para a cozinha e disse sorrindo:

- Ele não demora. Foi combinar qualquer coisa, mas volta já.

Aproximando-se do açafate pousado no chão, espreitou para dentro e olhou novamente António com um sorriso feliz.

Anda ver.

António foi. Por delicadeza, não por interesse. Crianças naquela idade não as apreciava. Quando ao colo dos outros ainda lhes achava certa graça. Mas se berravam ou serrazinavam, francamente, não tinha paciência. Baixando-se sobre o cesto e estendendo a mão para o menino ensonado, agarrou o que encontrou de mais sólido: uma medalha presa num fio. Agarrou a medalha como poderia ter agarrado num cabelo ou uma mãozita. Conceição interpretou o gesto de outra maneira.

- Parece-te mal? - perguntou.

- Não, amiga. És mãe - respondeu António, seguindo o curso dos seus pensamentos e julgando distraidamente que Conceição perguntara se lhe parecia mal um tal entusiasmo por serzinhos tão sem graça.

- Outro dia o Vaz esteve aí e eu perguntei-lhe o que agora te perguntei a ti. E ele disse-me: “Não, amiga, cada qual tem a sua crença. Nós não acreditamos nessas coisas, mas, se tu acreditas, respeitamos a tua crença.” Foram estas mesmas as palavras que ele disse, decorei-as bem. Que queres? Gosto que o menino use a medalhinha ao pescoço. Parece-me que assim está mais protegido.

Só então António percebeu a que Conceição se referia. Largou a medalha.

- Então, amiga, é a tua crença, não é? Sabes bem que te não censuramos por isso. As palavras eram respeitosas, mas, ao dizê-lo, um sorriso de malícia lhe brilhava nos olhos cercados de rugas.

Num gesto lento, Conceição compôs as travessas que lhe seguravam na nuca o volumoso rolo de cabelo negro. Fitava agora o menino com expressão grave e melancólica.

- Perguntaste se é a minha crença. Sim, é a minha crença. Mas sabes? Sinto que a minha crença já não é tão forte como era, e esta ideia não me dá sossego.

Tenho aprendido convosco muita coisa e o que dantes eram para mim grandes mistérios, onde só via o poder de Deus,. são agora factos da natureza e da vida dos homens tão simples, tão simples, que a grandeza de Deus já lá não tem lugar.

Conceição cruzou os braços cheios sobre o peito.

- Ainda agora falámos da medalha e te disse que com ela sentia o meu menino mais protegido. Mas dantes deixaria entregue a Deus a protecção do meu menino. E agora confio mais na limpeza, nos banhos, no bom ar, em todas essas coisas de que o meu companheiro me fala e me explica. Deus me perdoe pelo que acabo de dizer - acrescentou assustada pelas próprias palavras.

António ouviu calado. Aceitava e seguia a orientação do Partido, mas, ao falar de assuntos religiosos, não conseguia esconder um tom de complacência ou ironia.

- Eu ainda rezo - continuou Conceição. Curvando-se sobre a cesta, compôs a roupa do filho e novamente, parando de falar, se lhe espalhou no rosto aquela expressão tema e mimenta que só as mães têm para os filhos pequenos. - Ainda rezo. Peço a Deus que defenda o meu filho e o meu companheiro, que defenda a liberdade dos camaradas, que faça triunfar o nosso movimento, que proteja o Partido.

E parou sorrindo, com um sorriso satisfeito e vitorioso que parecia dizer: "Se Deus vier para o nosso lado, não é isso importante?"

- Se trabalharmos bem - disse António com malícia -, ele atenderá de certeza o teu pedido.

- Não atende? - e a voz de Conceição era radiante. Nesse momento soaram passos junto à porta e logo a seguir o Pereira entrou, gingando o corpo.

- Está tudo preparado - disse apertando vigorosamente a mão de António, sem quaisquer outros cumprimentos. - Vai tudo de vento em popa.

Ouvindo a voz quente e entusiástica do Pereira, António sentia-se chocado pelos seus olhos verdes e frios, sobressaindo inquietantes na pele enegrecida pelo ar e pelo sol.

- É já?

- Almoças primeiro connosco - respondeu o Pereira. - Há tempo.

## 2

A reunião teve lugar na casita do Jerónimo, já fora da vila, à beira da estrada. Nas traseiras, à sombra da folhada parreira, puseram uma mesa e na mesa um garrafão de vinho e vários copos, não tanto para beberem, como para



justificarem aquela presença num dia de fins de Abril, com sol descoberto e sem vento.

o dono da casa tinha família numerosa. Filhos e filhas de todas as idades, às janelas ou na soleira da porta, girando pela estrada ou pelos campos das cercanias, tinham recomendação de correr a prevenir o pai, caso aparecesse alguém suspeito ou simplesmente qualquer visita. Só um garoto de 9 anos ficou especado a uns metros da mesa onde os homens se reuniam. Sentado no chão, rosto zangado, quase imóvel, ali esteve toda a tarde. Quando o pai, por duas ou três vezes, lhe disse que fosse ter com os irmãos, limitou-se a encolher os Ombros. Quando a mãe o quis dali tirar, sacudiu-a de mau modo. E até quando uma toutinegra, toda de preto e com leque ruivo, veio no seu jeito ingénuo e modesto e no seu voo descompassado pousar na ponta mais alta de um arbusto, ele mal olhou o seu pássaro favorito.

Além do Pereira, que o acompanhara, e de Gaspar e Jerónimo, António encontrou ali Túlio (da fábrica de Gaspar) e um camarada desconhecido. Este último aparentava menos de 30 anos. O cabelo claro cortado curto e rijo como uma escova dava-lhe um aspecto militar. António tomou-o de princípio por Manuel Rato, que não conhecia ainda, pois ficara combinado que este viria à reunião. Mas os camaradas apresentaram-lho como sendo Vicente, que não pertencia ao Comité Local; mas em o responsável de uma das maiores fábricas e pertencia à Comissão de Coordenação do movimento operário.

- Tínhamos combinado outra coisa - disse António. Os camaradas entreolharam-se.

- Fala, fala tu - disse Gaspar a Pereira.

- Sim, tínhamos combinado outra coisa - disse Pereira com desembaraço. - Mas, pensando melhor, vimos que era cedo para substituir Gaspar, sobretudo neste momento. Além disso, o camarada Rato tem feito é certo alguma coisa, mas é ainda novo cá na terra e nós não o conhecemos o bastante para o trazer logo ao Comité Local.

António referiu a importância do trabalho de Gaspar na direcção do sindicato, a natureza legal desse trabalho, desaconselhando a sua participação no trabalho clandestino no Comité Local e, quanto ao Manuel Rato, citou que a informação acerca das suas qualidades era da Direcção do Partido e acerca do seu positivo trabalho recente do próprio Comité Local.

- Sim, também me parece - suspirou Jerónimo voltando os olhos mortícios para o filho. - Mas os camaradas são doutra opinião.

Túlio falou por sua vez:

- Se o camarada Gaspar nos deixasse, que podíamos nós fazer? Ele é que tem os cordéis na mão, não somos nós. Além disso, sempre é o Gaspar.

Gaspar pouco disse, mas António ficou com a impressão de que a sua influência estava por detrás das opiniões expostas. De facto assim era. Gaspar entendia dever ficar no Comité Local e a razão dessa opinião só não a expunha por modéstia. No seu íntimo, estava convencido de que, sem ele, o Comité Local não poderia cumprir as suas tarefas e todo o trabalho se ressentiria.

- O melhor - acabou por dizer - é deixar isso para depois do movimento.

- Era precisamente o que queríamos evitar - disse ainda António.

O movimento é umas das razões a imporem a saída de Gaspar do Comité Local.

António não conseguiu, não pôde ou não quis impor a sua opinião e ficou decidido segundo a do Comité Local.

Todos relataram depois as magníficas disposições de luta dos trabalhadores, a agudização do movimento em curso e não só a possibilidade como a necessidade de se entrar em formas superiores, independentemente do que acontecesse no resto da região.

- Se o Partido não dá a tempo a palavra - disse Vicente -, a classe passa à frente do Partido.

E relatou como numa secção da fábrica tinha havido uma paralisação espontânea de meia hora, contra a opinião e a intervenção dos próprios camaradas dessa secção.

- Neste caso fomos a reboque - continuou Vicente -, e isso é um aviso para o que pode acontecer em toda a fábrica. Os trabalhadores querem lutar. O nosso dever é colocarmo-nos à frente, e não à retaguarda, é orientá-los e indicar-lhes o caminho.

- O camarada é demasiado optimista acerca da sua fábrica - explicou Gaspar, voltando-se para António.

E passou a relatar o que se passava na Cicol e na sua classe. O movimento que pessoalmente dirigia era na verdade importante e o tom das suas palavras não deixava lugar a dúvidas de que tinha a noção dessa importância e da insignificância relativa do trabalho dos outros camaradas. A voz bem timbrada e a fala fluente salientavam os factos. Toda a expressão dizia: "Não será isso evidente?" Na insistência com que referia o seu papel pessoal no movimento, no cuidado com que salientava as experiências do seu trabalho para aprendizagem dos restantes camaradas, lia-se uma profunda satisfação consigo próprio.

Túlio acenava afirmativamente com a cabeça. Pereira comprovava de vez em quando com uma frase curta. Vicente ouvia com atenção, a mão apoiada no cabelo como a pretender domá-lo. Só Jerónimo parecia distraído, olhando o filho e estendendo a beija.

A discussão voltou a acalorar-se quando se tratou da constituição do Comité de Greve e da Participação de Gaspar - António defendeu novamente o sindicato e o facto de ser conhecido por toda a gente. Gaspar não se conte a inconveniência dessa Participação dado o trabalho de Gaspar no formava em ficar de fora. Lembrava-se de que fora o animador do primeiro grande movimento reivindicativo na localidade, que na Cicol dirigira passo a passo e nos mais ligeiros pormenores a acção dos comunistas e dos operários, que todo o trabalho sindical que culminara na eleição de uma direcção honesta a que presidia fora da sua iniciativa, que fora ele o primeiro a mostrar a agudização da luta e a possibilidade de uma paralisação, e sente que, se ficar de fora da direcção efectiva, directa e constante do movimento, os outros camaradas não estarão em condições de assegurar o êxito. Por isso se opõe tenazmente à opinião de António.

Pereira e Túlio apoiaram Gaspar, Jerónimo e Vicente apoiaram António. Mas, depois de longa discussão, Vicente passou a apoiar Gaspar e acabou por assentar-se que o Comité de Greve ficaria constituído pelos presentes, isto é, pelo Comité Local mais Túlio e Vicente. António, vendo-se incapaz de convencer os camaradas das directrizes superiores que trazia, faltando-lhe os argumentos e sentindo-se mesmo com frequência intimamente convencido pelos argumentos expostos pelos outros, não propôs sequer que Manuel Rato fizesse parte do Comité de Greve, apesar da recomendação da Direcção nesse sentido. Via-se perante um núcleo de camaradas capacitados e activos, todos operários industriais ligados às massas, com mais experiência que ele próprio e, passo a passo, foi apagando as suas intervenções e o seu papel na discussão. A efectiva direcção da reunião passou para Gaspar.

- A Cicol é cá na terra a empresa-chave - disse Gaspar, referindo-se à sua própria fábrica, depois de ter apertado violentamente os lábios, como se tivesse de tirar-lhes o sangue para poder falar. - É a fábrica mais, importante, tanto pela sua produção como pelo número de operários. E aquela onde temos uma célula mais numerosa, comissões de unidade mais treinadas e trabalho sindical. A meu ver, o sinal da greve deve ser dado pela Cicol.

Paramos primeiro a Cicol. Nos outros lados os trabalhadores não se precipitam, esperam que a Cicol pare e, logo que ela pare, param também.

- E se a Cicol não pára? - perguntou Vicente

- Pára de certeza - disse Gaspar, castigando a impertinência com um olhar severo. - Se não fôssemos capazes de parar a Cicol, não seríamos capazes de parar mais nenhuma...

Jerónimo conservava-se silencioso, estendendo o beijo inferior com desdém.

- Gaspar tem razão - disse o Pereira na sua voz animada. - Basta ver a importância da célula da Cicol. Temos 24 camaradas e passam-se 52 Avantes, ao passo que na fábrica do Vicente há apenas 7 camaradas e passam 20 jornais, na minha há apenas 6 camaradas e passam-se 15 jornais, e na construção civil, onde trabalha aqui o Jerónimo, há 9 camaradas e passam-se apenas 12 jornais.

- O camarada Rato diz que arranjou mais quatro camaradas e precisa de mais dez jornais - interrompeu Jerónimo, olhando sempre o rapazito sentado e imóvel.

- Bom - continuou o Pereira. - Isso não é tudo para a construção civil. Mas que fosse. A diferença é ainda muito grande em relação à Cicol. Só à sua conta a Cicol tem quase tantos camaradas como o resto da organização local e passa tantos jornais como todas as restantes.

Visivelmente contente por ter mostrado o seu perfeito conhecimento da organização, Pereira olhou um a um os outros camaradas, com os seus olhos verdes e frios, tão em contraste com o entusiasmo e calor da sua voz.

Vicente não se deu por vencido. Passou a mão pela escova dos cabelos e insistiu:

- Somos de facto só sete lá na fábrica. Mas temos uma boa Comissão de Unidade e esta é na verdade uma Comissão de Unidade. Isto é: fazem parte dela não apenas camaradas mas trabalhadores honestos sem partido, com bastante influência na fábrica. Dela, fazem parte mulheres e jovens. Comissões semelhantes existem em todas as secções. A fábrica tem 280 operários e das comissões fazem parte 34. Quando, depois da paralisação espontânea de que vos falei, se discutiu o caso, esses trabalhadores estiveram de acordo em que, bem preparadas as coisas, era de fazer uma paralisação em toda a fábrica. Podemos formar um comité de greve não só com camaradas, mas com trabalhadores sem partido, o que é bom não só sob o aspecto de influência como de segurança da nossa organização. julgo que, neste particular, não estamos mais atrasados que a Cicol. Mesmo que a Cicol não parasse, nós conseguiríamos parar.

- De certeza não tereis necessidade de prová-lo - disse Gaspar com um sorriso. - Mas, se por infelicidade a Cicol não parar, então veremos.

- Veremos! - respondeu secamente Vicente. E o rosto decidido sob a escova do cabelo claro tomou uma expressão ríspida e agressiva, como se estivesse ameaçando um inimigo.

Gaspar não ficou por ali no que respeita ao papel da sua fábrica. Assim como entendia que devia ser a Cicol a dar a voz para a paralisação local, assim entendia dever ser a paralisação local a dar voz para o movimento regional. Mas neste ponto a opinião de Gaspar ia tanto contra tudo quanto fora discutido com Ramos, Vaz e Paulo que António se opôs a ela com um vigor que não mostrara ainda desde o início da reunião. À medida que falava sentia dever-se esse vigor em grande parte à maneira decidida como Vicente, simples responsável de uma célula, fazia frente aos camaradas mais responsáveis e prestigiados, defendendo as suas opiniões com franqueza e firmeza.

- Trata-se de um movimento regional, camaradas - concluiu António. - A data e o momento têm de ser decididos superiormente, também num plano regional, e não num plano local.

Gaspar replicou que, não sendo o momento escolhido e decidido ali na terra, e particularmente na Cicol, nesse caso não se responsabilizava pelo que sucedesse.

- Pergunta ao Pereira, ou ao Jerónimo, ou ao Túlio - disse Gaspar sem chamar Vicente em seu apoio. - Verás que são da minha opinião.

Mas não eram.

- Não, não vejo as coisas como o camarada Gaspar - disse Pereira. - Desculpa - acrescentou voltando-se para Gaspar -, mas não vejo. De facto é preciso andarmos a tempo. Mas dada a importância do movimento regional e especialmente da acção dos camponeses, penso que podemos organizar as coisas de forma a declarar a greve quando for superiormente decidido.

- Claro que podemos! - apoiou Vicente. Jerónimo manifestou-se também de acordo com Pereira. E Túlio, depois de hesitar e corar, disse numa voz apagada olhando Gaspar.

- Também acho que as coisas se podem harmonizar e deixar aos camaradas de cima marcarem a data. Claro que o camarada Gaspar também sabe bem o que diz.

Durante estas intervenções, o rosto de Gaspar mostrava, na evidente expressão de enfado e na agitação com que mordida os lábios, o descontentamento por não ser seguido neste ponto por nenhum camarada. Via-se ser fenómeno novo e inesperado para ele.

- Daí lavo as minhas mãos - acabou por dizer. - Se o movimento falhar, não será à falta de eu ter apontado o perigo.

De orelhas rubras e olhos húmidos, parecia subitamente triste e ofendido.

A reunião efectuou-se no alto de um monte, num planalto erigido de giestas e tojos, fazendo brilhar à chapa quente do sol as flores amarelo-douradas. Ali só se via o mato rasteiro e o azul puro do céu. De quando em quando, um dos presentes afastava-se, dava uma volta, espreitava as vertentes do monte para todos os lados e voltava em silêncio a reunir-se aos demais. Expostos à torreira, os homens suavavam.

Os camponeses relataram que os patrões se estavam negando a pagar as jornas exigidas. Em várias praças aparecera a Guarda, procurando com a sua presença intimidar os trabalhadores. Entretanto, o momento era favorável aos assalariados rurais. A manterem-se unidos e firmes, os patrões acabariam por ceder. Aqui e além, esboçavam-se conflitos, atrasos na desferra, adiantamentos na ferra, demoras na praça. Agravava-se a falta de géneros, por vezes tão escassos que, apesar da magreza das jornas, não tinham, aos preços da tabela, em que gastá-las. No mercado negro tudo aparecia, mas aí, por pouco que comprassem para um dia, ia a jorna da semana.

- Já há muito que o digo - disse Alfredo -, e os camaradas Vaz e Belmiro devem estar lembrados de que o disse na outra reunião. Se não os obrigamos a pôr à venda pão e géneros, de pouco nos vale lutar por melhores jornas.

Todos estiveram de acordo na utilidade e possibilidade de uma paralisação do trabalho nos campos por um dia ou dois, levando as populações a marcharem para as duas vilas da região, juntando-se aos operários grevistas e exigindo, junto das autoridades, pão e géneros. O que era necessário em fixar-se o dia.

- O pessoal ir, vai, de certeza vai - disse na sombra do chapeirão o camponês que também estivera na reunião do palheiro do Tomé. - Mas se chegamos e dizemos "É agora!", o pessoal não vai, de certeza não vai.

E gozando em volta a surpresa pela sua opinião aparentemente contraditória, acrescentou na sua voz fina e suave:

- Na minha terra é assim...

- Que o camarada diga - propôs um.

- O dia não o posso dizer agora - explicou Vaz. - É preciso combinar com as fábricas. O que pergunto aos camaradas é se, sendo o dia comunicado uma semana antes, isso vos chega.

Todos foram dizendo que sim, uns com palavras, outros acenando silenciosamente com a cabeça.

- De certeza? - insistiu Vaz.

- Palavra é palavra - disse um velho magrinho cujo rosto brilhava de suor.

- Nem é preciso perguntar tanto - resmungou o da Barrosa.

A questão podia ter-se por arrumada, quando Sagarra interveio. Apertava uma mão na outra e a voz tropeçou no começo da fala. Mas as ideias saíram tão claras e puras como os olhos azuis que ergueu para os camaradas e iluminaram todo o seu rosto sardento, escuro e encortiçado.

- Assim não fica bem - disse na sua voz nasalada. - Para nós nem todos os dias são iguais. Se, por exemplo, os camaradas mandam parar a uma quinta ou a uma sexta, com que reclamação larga o pessoal o trabalho, quando está já no fim da semana para que foi contratado na segunda?

- Isto, meu amigo - disse um jovem camponês seu vizinho quem vê vê e quem não vê não vê.

- O melhor dia é uma segunda-feira - continuou Sagarra. - As segundas é a praça e aí então, se os patrões não pagarem o exigido (e não pagam de certeza como o não têm feito), então é que é largar. Na terça ou na quarta serão forçados a aumentar porque não terão trabalhadores para a semana e estamos numa altura em que os campos não podem esperar.

- Sim - concordaram vários. - Uma segunda é o melhor.

Vaz lembrou-se então do que lhe haviam dito no dia anterior os operários de uma fábrica de cerâmica: "o pior dia é a segunda", haviam eles dito. "Mete-se o domingo, nesse dia não se pode preparar convenientemente o pessoal e de sábado para segunda muitos arrefecem."

- Camaradas - disse Vaz. - Para vós a segunda é o melhor dia da semana, mas para as fábricas é o pior. As coisas têm de combinar-se o melhor possível. Por isso vos pergunto: E se for outro dia? Pode contar-se também que o pessoal larga o trabalho?

- Se se assentou que o melhor dia é a segunda e se o camarada Belmiro já mostrou claramente que assim é, porque se está agora a ver se poderá ser noutro dia? - perguntou o da Barrosa, encolhendo os ombros e voltando-se para um e para outro.

- Quando os camaradas disserem para se parar, é quando se pára disse o velho magrinho.

- Parar, pode-se parar - disse o camponês do chapeirão. - Mas já é outra coisa. Se for a uma segunda é o dia da praça. O pessoal está todo junto. Faz a greve na praça porque os patrões não pagam o que pede, Se for noutro dia, o pessoal anda no campo, uns num lado outros noutro. Os que foram contratados para a semana têm de procurar o patrão ou o manajeiro e fazer nova questão de

preço, dizendo que querem mais. Assim é quase certo que param alguns, mas não param todos.

- É isso - confirmou Sagarra.

Um rapagão moreno, de camisa aberta, levantou-se e foi dar uma volta a mirar as cercanias. A conversa parou. Todos mudaram de posição, olhando o céu azul e a luz do Sol e relanceando depois em volta, como a procurar a sombra de uma árvore que sabiam bem não haver.

Visto de baixo, o monte parecia ainda mais seco e nu. Àquele sol, a última coisa a procurar-se ali seriam seres humanos.

## 5

Quanto ao caso de Vítor, ficara resolvido pôr as cartas na mesa. Não foi possível. Marques explicou que Vítor tivera de sair da cidade, chamado da aldeia pela mãe moribunda: pedira licença no emprego e contava demorar cerca de um mês.

O problema da participação de Vítor no trabalho do Comité Regional ficava assim simplificado. Vaz sentia, porém, com inquietação que uma vez mais Vítor se lhe escapava como enguia por entre os dedos. De todas as vezes que julgara poder finalmente atingir e pôr a descoberto a sua verdadeira fisionomia, de todas essas vezes, por uma ou outra razão, vira Vítor escapar-se. Agora sente-se particularmente inquieto, porque se lembra da conversa havida com Marques (da insistência deste em expor pessoalmente a Vítor o caso da conversa à porta da leitaria com um desconhecido que, contra o que Vítor dissera, se sabia já não ser o Meireles) e não consegue afastar a suspeita de que Marques não foi estranho a essa súbita partida.

- Falaste com ele? - perguntou.

- Que queres dizer com isso? - perguntou Marques irritado, respondendo não às palavras, mas ao pensamento que adivinhava. - Se tens alguma coisa a dizer, diz.

- Nada - respondeu Vaz com a sua voz calma, onde se percebia uma ponta de emoção. - Mas tanto podias saber isso falando pessoalmente com ele como por ter-te ele mandado recado.

- Não, não mandou recado. Procurou-me em minha casa para me comunicar.

“Tão certo, tão certo, como dois e dois serem quatro”, pensou Vaz, “foste-lhe contar as suspeitas que havia sobre ele e ele inventou então essa história da doença da mãe.”



Com a falta de Vítor, juntando-se à saída de Afonso, o que fora um Comité Regional e tivera depois de regional apenas o nome estava agora reduzido a dois camaradas, Marques e Cesário, e precisava de urgente remodelação. Antes mesmo de Vaz abordar o problema, Marques tomou a palavra e abordou-o ele. A proposta que fez foi mais uma surpresa.

- Tu tens referido mais de uma vez as grandes qualidades do camarada José Sagarra. Confesso que de princípio não confiava muito nessas qualidades. Felizmente enganei-me. Creio que a melhor solução para o Comité Regional e para se entrar numa nova fase de trabalho verdadeiramente regional e dando a importância devida às organizações camponesas seria trazer José Sagarra para o Comité Regional. Ao fazer esta proposta estou certo de que ela corresponde às opiniões que tantas vezes tens defendido.

Os olhos inteligentes de Marques observavam Vaz por detrás das lentes espessas e pareciam dizer: “Desta vez estamos de acordo, hã?” o rosto de Vaz não acusou qualquer reacção. Fitando o camarada, conservou-se algum tempo silencioso. Lembrou-se de que Ramos fizera precisamente a mesma sugestão e com os mesmos fundamentos. Ele não podia, porém, dizer a Marques o que dissera a Ramos: que tinha mudado de opinião porque já não considerava Marques como em tempos o considerara e porque pensava agora que Marques era um estorvo na direcção local, quanto mais na direcção regional.

- O que se trata agora - disse por fim - é de constituir um Comité Local que estude sem perda de tempo as possibilidades de luta na cidade em coordenação com o movimento regional. O sector camponês está preparado e tem os seus organismos próprios. Não é oportuno colocar-se sob a direcção de um Comité Regional feito à pressa.

Notando o ar contrariado e descontente de Marques que tão bem lhe conhecia, Vaz pensou de si para si: “Quanto menos palavras, melhor. Não vale a pena gastar cera com ruins defuntos.”

- No que respeita ao organismo local - continuou com voz seca e rápida, trago instruções superiores quanto à sua constituição. Ficam vocês dois e o camarada Henriques.

Ao ouvir estas palavras, Marques riu com ar de chacota. E Vaz lembrou-se de uma gargalhada absolutamente igual que lhe ouvira alguns meses atrás, quando dissera na reunião do Comité Regional trazer indicações para falar com José Sagarra.

- Gostes ou não gostes - continuou Vaz numa voz ainda mais seca e severa -, gostes ou não gostes fica assim constituído.

Os olhos de Marques fuzilaram atrás das lentes, mas foi ainda a rir que falou:

- Mau sistema de trabalho, amigo, mau sistema. Como podem os camaradas de cima resolver questões de quadros locais sem ouvir os próprios camaradas do local interessado? Aqui anda o dedo de Cesário - acrescentou voltando-se para este e rindo como a desculpar a partida.

Cesário corou, mas respondeu sereno:

- Sabes tão bem como eu que o Henriques é um homem sério, de confiança, e ninguém aqui na cidade tem feito melhor trabalho do que ele. Sobre a vinda do Henriques, Vaz não falou comigo, mas quero dizer que a minha opinião é favorável. Está bem escolhido. Na cidade não conheço melhor - e, depois de uma pausa, cruzando os braços morenos, acrescentou: - Não conheço melhor, entre homens...

Marques ainda mexeu os lábios para fazer qualquer reparo à última afirmação de Cesário. Cesário julgou adivinhar-lhe a pergunta: "E que saias são essas agora?" Marques seguiu outro caminho. Rindo sempre, num riso trocista a denunciar profunda irritação e a possibilidade de uma súbita explosão de cólera, compôs o lápis atrás da orelha e disse:

- Venha, venha o Henriques. Ficamos com um Comité Regional de se lhe tirar o chapéu.

- Não se trata do Comité Regional, camarada - disse Vaz. - o Henriques, a meu ver, estaria bem no Comité Regional, mas não se trata disso agora. Trata-se do organismo para encarar e dirigir imediatamente o movimento aqui na cidade.

- E que movimento, se ousar perguntar?

- Para lidar contigo é preciso muita paciência - respondeu Vaz. Mas não faltará, está sossegado.

Explicou novamente o movimento em preparação, que Marques estava fartíssimo de conhecer, e a necessidade de procurar secundá-lo na cidade. Cesário manifestou-se em sentido afirmativo. A seu ver, tanto na oficina do Henriques como na fábrica da juta havia condições para unia pequena paralisação. Quando falou na Juta, Marques lançou-lhe um rápido olhar divertido e, embora nada dissesse, Cesário julgou adivinhar-lhe o pensamento: "As tais saias, hã?"

- Vamos queimar o pouco que temos - disse Marques com voz sombria.

Mas às insistências de Vaz para desenvolver a sua opinião, limitou-se a acrescentar:

- A Direcção decidiu assim, não é verdade? Assim se fará. Eu sei o que é disciplina.

Paulo deu a volta por todo o sector. Tomava agora consciência do critério a que obedecera a distribuição das organizações, quando ele e António tinham vindo trabalhar com Vaz. Vaz conservam justamente algumas das mais importantes. Mas, enquanto a António haviam distribuído organizações desenvolvidas, com muitos camaradas e movimentos em curso, a ele, Paulo, haviam apenas dado ligações isoladas, sem grandes perspectivas. Na preparação do movimento, isso tomava-se claro. Enquanto Vaz e António trabalham febrilmente e prevêem greves e manifestações, ele, Paulo, por mais voltas que dê, não consegue senão a vaga promessa da suspensão de trabalho numa serração e da tentativa de uma concentração diante da Câmara Municipal de uma vila. Mas que pode ele fazer com o advogado, ou com aquele Comité Local que reúne agora às escondidas do sapateiro, seu antigo dirigente, ou com o Zé Cavalinho, ou com as outras várias ligações de artesãos, empregados e pequenos burgueses? Que pode fazer se, no seu sector, quase não há fábricas, nem proletários rurais?

A sua esperança é a fábrica de serração. É a única célula de empresa do sector que controla. Que ao menos aí os camaradas respondam à luta regional.

O jovem camarada de cara afunhada e barba mal feita conduziu-o silencioso até ao esconso de um pinhal. Ali estavam reunidos seis camaradas da comissão de unidade, dos quais só dois eram membros do Partido. Apresentou Paulo como operário de uma outra localidade, e Paulo contou como se preparava a jornada regional.

- A unidade regional - concluiu - dará mais força às nossas reclamações e tomará mais fácil continuar depois a luta isolada em cada localidade e em cada empresa.

Os trabalhadores fizeram várias perguntas, a que Paulo respondeu cautelosamente. Combinara não se apresentar como comunista, pois na opinião do jovem, se aos trabalhadores da fábrica cheirasse ao Partido, eram capazes de se assustar e fugir. Foi então que um dos presentes, coxo duma perna, fez uma pergunta embaraçosa:

- E que papel tem o Partido Comunista em tudo isto?

A pergunta era tanto mais embaraçosa quanto é certo que dos presentes Paulo só conhecia o jovem que o trouxera, nem sequer sabia qual era o outro membro do Partido e ignorava que disposições em relação ao Partido tinham aqueles que o não eram. Paulo hesitou.

- Não foi disso que vim tratar convosco, amigos - disse por fim. A questão é que se prepare uma greve na região. Foi para tratar disso convosco que cá vim.

- Isso está muito bem - disse outro dos presentes, carregando sobre os olhos o boné de bombazina amarela. - Isso está muito bem. Mas quem dirige o movimento? Alguém o dirige de certeza?

Pela maneira como os dois homens fazem as perguntas, Paulo vê que não são membros do Partido e advertido anteriormente pelo jovem julga adivinhar desconfiança acerca da explicação dada da sua presença ali e até hostilidade para com o Partido. Esta ideia mais foi fortalecida pela intervenção do jovem camarada.

- Estas questões são de interesse secundário - disse este. - o que interessa é que temos lutado na nossa fábrica, que temos obtido alguns sucessos e que encarámos já a necessidade de uma suspensão de trabalho no caso de as coisas assim continuarem. Preparando-se, como agora se prepara, um movimento noutras localidades, o nosso interesse é andar com o nosso para diante. Não vos parece? Que importância tem neste caso o papel do Partido Comunista?

- Pode não ter para si - disse o coxo. - Para mim, tem. E ajeitou a muleta, enchendo as bochechas de ar, com semblante indignado, enquanto procurava com a vista a aprovação dos companheiros.

Paulo começava a sentir-se numa posição falsa. E na verdade o estava, mas por razões opostas às que supunha. O jovem havia-lhe metido na ideia que o apresentar-se como comunista podia afastar ou assustar os trabalhadores sem partido que faziam parte da comissão. A verdade é que os trabalhadores queriam certificar-se da direcção do Partido, como garantia de seriedade e de sucesso.

- Para que não haja confusões - disse o do boné de bombazina -, quero dar a minha opinião. Se é o Partido a orientar a dirigir a luta regional, penso que devemos acompanhá-la. Se não, o melhor é seguirmos cá a nossa luta sem mais misturas.

O coxo agitou vigorosamente a cabeça em sinal de aprovação.

- Falaste como um padre - disse um terceiro, baixo e gordo, com um grande sorriso de criança.

Paulo olhou um e outro por cima dos óculos de tartaruga.

- Bom, camaradas, vejo que podemos falar como homens.

Numa estrada nua, clara e poeirenta, Ramos encontrou-se com Vaz. Seguiram os dois para casa deste. Chegaram ao cair da tarde e a menina Ermelinda, ouvindo passos, veio cá fora espreitar.

- Boa tarde, Ermelindinha - era assim que Ramos a tratava sempre, num misto de amabilidade e troça que ela muito apreciava. - Que tal essa saúde? Que tal essas forças?

Satisfeita, como sempre que via Ramos, a mulher respondeu. Os dois camaradas entraram em casa.

- Então? - perguntou Rosa beijando o companheiro e compondo-lhe com as pontas dos dedos os cabelos desalinhados na testa suada.

- Vai... - respondeu Vaz.

Ramos percebeu que a pergunta e a resposta diziam respeito a conversas anteriores, mas não soube precisar o seu sentido. Notou simplesmente uma atitude mais atenta e carinhosa de Rosa para o companheiro, arrumando-lhe o boné e o casaco, indo-lhe pôr a pasta em cima da mesa de trabalho, apalpando-lhe a camisa suada e insistindo em que a mudasse. Ramos não gastou tempo a pensar, no caso. Sentou-se à mesa e, tirando da pasta um monte de papéis, começou a folheá-los, lendo uns, riscando outros, pondo alguns de lado, metendo outros em envelopes. Entretanto, Vaz lavara os pés, fizera a barba e preparava-se para lavar o tronco em água fria.

- E se te faz mal? - perguntou Rosa, que se conservara junto dele, observando-lhe o corpo emagrecido, em especial as omoplatas salientes, e pensando: “Como pôde ele emagrecer tanto em tão pouco tempo?” - Queres que te aqueça um pouco de água? - perguntou. - é um instantinho. ,

- Não, assim está bem - disse Vaz.

Vertendo a água para o alguidar vermelho, lavou satisfeito o corpo suado e enxugou-se vigorosamente. Rosa ajudou-o a vestir a camisa lavada e fresca e Vaz penteou-se com cuidado.

- Já pareces outro - disse Rosa, prendendo-lhe suavemente o rosto entre os dedos. - Mas estás magro, magro, magro. Precisas de te tratar, José - como sucedia ao abordar algum assunto grave, de novo o tratava pelo seu verdadeiro nome. - Por que não colocas a questão aos amigos? Queres que eu lhes fale?

Vaz puxou-a para si, encostando ao seu o rosto igualmente magro da companheira.

- Assim não aguentas - disse ainda Rosa.

Já noite cerrada, apareceu António. Como de costume, ao chegar beijou Rosa na face. Viera a pé e parecia muito cansado. Pouco depois chegou um camarada que António nunca vira. Um homem dos seus 40 anos, de ar modesto, evidente à-vontade e gestos tranquilos. À primeira vista, o rosto nada

tinha de especial: era um rosto largo, com uma testa ampla e um cabelo liso e mal penteado Mas, quando falava, esse rosto animava-se de vida e a expressão condizia com as palavras e reforçava o seu sentido. Paulo foi o último a aparecer. Vinha em mangas de camisa, com o casaco no braço e, em vez do chapéu do costume, trazia uma boina à espanhola que lhe dava uma expressão completamente diferente.

- Vens da praia? - perguntou Ramos gargalhando.

- Acertaste - disse Paulo sorrindo.

Mas, como não se falou mais nisso, nunca vieram a saber se ele o dissera a sério ou a brincar.

Mesmo antes de comerem o prato de sopa que Rosa lhes serviu, começaram a reunião. Não havia tempo a perder. Cada qual relatou o trabalho feito no seu sector. Pouca discussão houve. Apenas aqui e acolá uma pergunta ou observação dum ou doutro. Quando António contou como Gaspar ficara no Comité de Greve, Vaz comentou:

- Bom será que se não arrependam.

Quando Vaz relatou a reunião com Marques e Cesário, foi Ramos que observou:

- Resmunga, resmunga, mas acaba por fazer as coisas.

E quando Paulo, como pedindo desculpa do seu mau trabalho, referiu que só havia que contar com a serração, foi o camarada desconhecido que disse:

- Consequiste mais do que era de esperar.

Do que se tratava agora era de fixar o dia e a duração do movimento, redigir um manifesto, tratar rapidamente da sua impressão e distribuição e preparar o funcionamento das ligações. O único ponto cuja discussão demorou foi a fixação do dia e da duração. Aqui o camarada desconhecido fez numerosas perguntas e tanto Paulo como António admiraram-se como ele conhecia em pormenor os seus sectores, com nomes de camaradas, número de organizações e movimentos em curso. As perguntas que fazia, só as poderia fazer quem conhecesse aqueles sectores como os seus dedos. Via-se não só que Ramos mantinha os organismos superiores bem informados como que o camarada tinha acompanhado e estudado com atenção todos os relatórios dos últimos meses. A certa altura, estando António embaraçado com uma pergunta, Ramos comentou a rir:

- Parece que conhece o teu sector melhor que tu, há? Não te atrapalhes, velhote.

Por fim assentaram em que se lançaria a palavra de um só dia de greve, com concentrações e manifestações no mesmo dia. Quanto à data, depois de longa discussão, assentaram em que seria numa segunda-feira e passaram a

discutir o tempo exigido pela edição e distribuição do manifesto e preparação final dos organismos e ligações. O camarada desconhecido acabou por tirar do bolso uma agendazinha e, procurando com o dedo, disse:

- Hoje é quinta-feira, dia 7. Será dia 18, segunda-feira. De acordo?

Silenciosos e comovidos, olharam uns para os outros antes de começarem o trabalho. O enunciado daquela data era o resultado de longo e complexo processo, de demorados trabalhos e canseiras, de um sem-número de considerações, análises, discussões e esperanças. A ideia da responsabilidade ensombrou por instantes o rosto dos cinco camaradas.

Enquanto Vaz, Ramos, António e Paulo ficaram resolvendo como deviam funcionar as suas ligações e ter lugar as suas reuniões durante o movimento, o outro camarada foi para a cozinha escrever o projecto de manifesto, pois, apesar da sua insistência em que fosse Ramos a fazer esse trabalho, todos insistiram em que o fizesse ele. Rosa estava sentada à mesa da cozinha.

- Estás satisfeita? - perguntou o camarada numa voz atenciosa e tranquila, enquanto se sentava e se preparava para escrever.

- Tenho só pena duma coisa - disse Rosa.

O camarada começou a escrever: "Trabalhadores! Operários e camponeses!"

- Diz - pronunciou a mesma voz tranquila. Rosa ficou um momento silenciosa, vendo a mão do camarada correr sobre o papel.

- Diz - repetiu.

- Travam-se lutas tão importantes, andais todos tão fatigados e eu estou aqui à boa vida.

A mão do camarada correu mais sobre o papel e escreveu noutra linha, em letras maiores e desenhadas: "Segunda-feira, dia 18 de Maio..." E sublinhou estas palavras com um traço comprido e firme, depois com outro. Isto feito, levantou os olhos do papel e fitou o rosto magro, sério e triste de Rosa.

- Num ponto tens razão, amiga. Não que estejas à boa vida, pois sabes bem a utilidade e necessidade da tua presença nesta casa. Mas na verdade não temos considerado devidamente o trabalho das nossas camaradas funcionárias, cuja tarefa quase tem sido assegurar a existência das casas do Partido. Há amigas que é necessário atirar decididamente para o trabalho de organização, e estamos agora a encarar a sério esse problema. Não é só o seu caso, são muitos.

- Bem sei - disse Rosa.

O camarada voltou a olhar o papel e continuou a escrever, como se não desse mais pela presença de Rosa. Rosa não tornou a interrompê-lo. Ali esteve uma hora, vendo a pena correr sobre o papel, voltar atrás, riscar, emendar,

hesitar, tornar a correr, reflectindo como um espelho quanto se passava na ideia do camarada.

## 8

Uma manhã, antes de pegar ao trabalho, Gaspar reuniu com os responsáveis da Cicol. À hora do almoço, falou com os camaradas duma secção e com o responsável de outra. Durante o trabalho da tarde, com um pretexto ou outro, conseguiu mais de uma vez abeirar-se de outros trabalhadores e trocar algumas palavras com eles. À tarde foi assistir com Pereira à reunião da célula da fábrica deste. À noite reuniu com Vicente, procurou alguns camaradas artesãos e esteve com o amigo da distribuição. Depois de tudo isto, saiu da terra e foi procurar Jerónimo.

Este acabara de chegar e bebia na cozinha um grande copo de água.

- Reúnes amanhã? – perguntou Gaspar.

Jerónimo olhou-o com os olhos cinzentos e mortiços e, antes de responder, bebeu placidamente a água e limpou o queixo branco ensombrado pela barba crescida e irregular.

- Reuno.

- Diz então onde nos havemos de encontrar.

Jerónimo ficou uns instantes silencioso. Limpou melhor o queixo com o lenço que tirou vagarosamente do bolso e passou depois o lenço pelo cabelo ralo e branco.

- Queres assistir? – perguntou numa voz lenta, em que era difícil adivinhar se lhe agradava uma resposta afirmativa ou negativa.

- Sim, quero.

Sem pressa, com o lábio inferior descaído desdenhosamente, Jerónimo arrumou a bilha de água, arranjou a torcida do candeeiro e sentou-se à mesa.

- Senta-te também. Amigo. Julgo que é melhor conversarmos.

Jerónimo sente-se inquieto com a extraordinária actividade de Gaspar. Reconhece que este tem um dinamismo superior ao de qualquer dos outros camaradas do local e vê que a sua influência pessoal e a sua popularidade vão contribuir sem dúvida para levar ao movimento muitos trabalhadores. Entretanto, uma coisa o preocupa e outra o desgosta. Preocupa-o o facto de se tornar inevitavelmente reparada a actividade febril do Gaspar, indo a todo o lado, falando com uns atrás de outros, afastando-se em lugares públicos com camaradas pelo braço a cochichar com eles e comprometendo assim pelo menos a sua tão importante posição no sindicato. Desgosta-o o facto de Gaspar saltar



por cima dos organismos, querer ele tratar de tudo sem nada confiar aos outros e, mesmo no seu caso, sendo dentro da organização membro do Comité Local como ele, querer assistir à reunião do sector de que ele, Jerónimo, é o responsável. Se ele, Jerónimo, dissesse a Gaspar que queria assistir à reunião da Cicol. Para a orientar, que cara não faria Gaspar? Sem dúvida consideraria tal desejo um completo absurdo, uma injustificável e impertinente intromissão na sua actividade. Vê-se que Gaspar se julga no Comité Local mais que os outros e isso causa a Jerónimo uma certa impaciência que se esforça por não mostrar.

- Creio que te andas a expor demasiado – disse Jerónimo, quando Gaspar se sentou. – Lembra-te das recomendações dos camaradas de cima e lembra-te da falta que farias se houvesse azar contigo.

- Alguém tem de fazer as coisas – respondeu Gaspar numa voz branda.

Jerónimo compôs de novo lentamente a torcida. Sem chaminé, o candeeiro espalhou uma luz amarela e fusca que dava ao seu rosto pálido uma expressão fúnebre.

- Trabalhar é dever de todos – disse Jerónimo. – Se tu fazes tudo, os outros encontram nisso desculpa para não fazerem nada. Não tendo quem faça as coisas por eles, têm de as fazer por força.

- Há fazer e fazer – disse Gaspar sorrindo levemente, esse sorriso disse: “Não queiras agora comparar o meu trabalho com o trabalho dos outros.”

Jerónimo foi buscar novo copo de água e bebeu alguns goles.

- Sem dúvida, fazendo tu as coisas, elas ficam mais bem feitas – disse numa voz cada vez mais empastada e lenta, ao mesmo tempo que espreitava com curiosidade para o fundo do copo. – Resta ver se os benefícios compensam os prejuízos. A meu ver, não compensam.

As últimas palavras foram ditas com inesperada rapidez e, ao adivinhar o seu alcance, Gaspar corou:

- Quer dizer que achas mal que eu assista à reunião da construção civil, não é isso?

Jerónimo bebeu mais um gole de água.

- Não é só isso, mas também é isso. O que acho mal é o expores-te como te andas a expor, queres tu fazer tudo e não confiares nos outros.

Jerónimo já dissera mais do que queria dizer. Leu isso na expressão de Gaspar e acrescentou para desfazer um pouco o efeito das suas palavras:

- Repito, amigo, se houver azar contigo, fazes muita falta! Diz tu quem aí há que te substitua.

Gaspar demorou a responder. Depois, apertando de quando em quando os lábios finos, falou na sua voz bem timbrada e fácil, num tom de autoridade e confiança:

- Há batalhas em que se tem de jogar tudo por tudo. Se tu vês que o teu esforço é preciso, se vês que ele é indispensável, má prova darias de ti próprio se recusasses esse esforço. Sei que me tenho exposto, camarada, e sei o que isso pode representar. Não ignoro a falta que faço e não julgues em mim uma falsa modéstia. (“Não, não julgo”, disse o beijo descaído de Jerónimo.) Mas, neste primeiro grande exame da nossa organização local, não podemos ficar reprovados. Tenho ido a muito lado? Sim, tenho ido. Tenho falado com camaradas que escusavam de saber quem eu sou? Sim, tenho-o feito. Tenho procurado mesmo aliciar directamente trabalhadores, alguns dos quais talvez o não mereçam? Também isso é verdade. Mas tenho a certeza, amigo, que o meu esforço é útil e (porque não dizê-lo?) indispensável. (“Sem dúvida, sem dúvida”, apoiou a beija de Jerónimo.) Para que este movimento tenha lugar, se for preciso o meu sacrifício, não sou eu que o regatearei. Não será isto justo?

- Tudo isso é justo - disse Jerónimo num tom sempre igual, que tanto podia ser de lisonja como de mofa. - Seria mesmo muito bom que pudesses ir ainda a mais lados do que aqueles a que tens ido. A tua presença na reunião de amanhã com os camaradas da construção civil seria muitíssimo proveitosa. Muitíssimo. Infelizmente devemos dispensá-la.

Jerónimo fez uma pausa, observando Gaspar com os seus olhos cinzentos e mortícios.

- Bom, vamos assentar nisto: desistes de ir à reunião, não é verdade?

- Já que assim é preciso, pois que assim seja - respondeu Gaspar, como se alguma vez se tivesse encarado a sua ida ao sector de Jerónimo e fosse agora necessário voltar atrás na decisão.

- Ainda bem que assim resolves - disse Jerónimo na mesma voz monótona e lenta. - Fica sossegado. Faremos tudo o que pudermos e soubermos. E talvez se dê um jeito.

Gaspar saiu apressado, pois, apesar de ser já noite avançada, devia ainda encontrar-se com alguns camaradas. Depois de Gaspar sair, Jerónimo bebeu o resto da água do copo e, olhando distraidamente o candeeiro, limpou lentamente ao lenço o queixo molhado.

## 9

A reunião dos camaradas da construção civil realizou-se junto ao rio. No céu azul corriam como cavalos soltos pequenas nuvens brancas. Uma aragem fresca fazia dançar e murmurar as folhas do caniço.

Além de Jerónimo e Manuel Rato, estavam ali sentados no chão fresco quatro camaradas, cada um dos quais controlava outros dois ou três e alguns simpatizantes. Manuel Rato tirara o chapéu, e a testa ampla e arqueada, poupada habitualmente ao sol, destacava-se do rosto, onde o bigode escuro e raso acentuava o moreno. Expressão carregada, sobrancelhas unidas num vinco fundo e único, esgravatava a terra com um pauzito, enquanto Jerónimo falava. Deixou os outros intervir e limitou-se a dizer que Jerónimo tinha dito tudo quanto em necessário. O movimento ficou assente em princípio, bem como as reclamações a apresentar.

- Só outro aspecto aqui quero focar - disse no fim, com semblante ainda mais carregado e esgravatando sempre a terra com o pauzito. - Na nossa classe, aqui na terra estamos todos divididos por pequenas obras e até alguns trabalham individualmente à empreitada ou em casa. Parar, apresentar aos patrões a reclamação de melhor salário é para nós uma coisa simples e, no fim de contas, um movimento muito apagado. Podemos e devemos ajudar de outra forma. Como estamos mais livres que os camaradas das fábricas, podemos ajudar a trazer à rua a população e em particular as mulheres. Mas para isso é preciso que todos nós e cada um de nós não esteja à espera dos outros.

Ouvindo Manuel Rato, Jerónimo pensava na tão grande diferença de processos de Manuel Rato e de Gaspar. Manuel Rato, nas últimas semanas recrutara vários camaradas para o Partido, formara comissões, criara organização no pessoal do rio (coisa que nunca o Comité Local tinha conseguido), indicara para as juventudes duas costureiras (que descobrira sabe-se lá como), mas, ao contrário de Gaspar, fazia tudo silenciosamente, despercebido, sem ninguém dar por ele, nem autoridades nem amigos. Jerónimo notava ainda o seu sentido prático e organizador, procurando dar tarefas a cada qual e levar cada qual a dar tarefas àqueles que controla.

Falaram outros camaradas e Manuel Rato continuou a brincar com o pauzinho.

Para lá do canavial, ouviu-se um chapinhar de remos na água. Os homens calaram-se. O barco vinha certamente rente à margem, pois se ouviam distintamente as vozes dos barqueiros.

- Sim, tem um bote novo - dizia uma voz forte e rouca.

- É já o segundo - disse outra voz, meiga e admirada.

O barco passou. De ouvido à escuta, ficaram ainda uns minutos olhando o céu azul, onde nuvens soltas continuavam a galopar para o sul, sempre para o sul, enquanto a aragem fazia cantar timidamente as folhas do caniço.

Numa reunião com Cesário e Henriques realizada sem a presença de Vaz, Marques expôs um vasto plano para o movimento na cidade. Tudo ali estava previsto: comités de greve a formar, aparelho de distribuição a constituir, esquema de ligações, serviço de defesa para a manifestação, palavras de ordem a vulgarizar, acção das mulheres e da juventude. Encarava-se mesmo as primeiras reacções das autoridades e dava-se uma resposta a cada uma das eventualidades. Durante cerca de uma hora em que Marques falou, Cesário conservou-se quase sempre de braços cruzados, encostado para trás, olhando de quando em quando uma prateleira onde estava um despertador. Henriques, debruçado sobre a mesa, de queixo espetado, boca aberta e olhos ainda mais piscos do que habitualmente, parecia um pobre frango a quem oferecessem de beber.

- Bom, amigos - disse Marques a concluir. - Agora digam a vossa opinião.

Cesário olhou uma vez mais o despertador e, antes de falar, assentou os braços fortes e morenos sobre a mesa.

- Que queres que diga, amigo? Tudo quanto apresentas é muito acertado e muito bem dito, mas não para a nossa organização no estado em que ela está. Tudo isso é muito bonito no papel, mas demasiado complicado. Além disso, seria melhor expores isso quando Vaz cá estivesse. Depois da amanhã está aí.

Os olhos do carpinteiro brilharam mais atrás das lentes.

- Sempre o Vaz, sempre o esperar pelos camaradas de cima, sempre a mesma falta de iniciativa - replicou mal-humorado.

- Acho tudo isso muito complicado - repetiu Cesário.

- E o camarada? - perguntou Marques voltando-se para Henriques.

- Há? - fez Henriques, como despertando de um sonho, pois continuava olhando Marques com o mesmo ar espantado.

- Qual a sua opinião? - repetiu Marques num tom entre protector e irónico.

- De certeza tem opinião.

- Opinião? - perguntou Henriques numa voz de falsete. - Grande marmelo nos deu o camarada a comer! Sim senhor, grande marmelo!

E com os olhos piscos arregalados no rosto afilado, voltou-se para Cesário. "Sim senhor, grande marmelo", repetiu a sua expressão.

Cesário não se conteve que não sorrisse. Demasiado conhecia ele o Henriques e sabia bem como a sua postíça ingenuidade tapava carradas de experiência e manha.

- Coisas concretas, amigo, coisas concretas - disse Marques impaciente.

Henriques olhou-o piscando os olhos, ainda de queixo espetado.

- Eu nada sei, camarada - disse por fim na sua voz cantante.

- E enfim, não alcancei tudo quanto expôs. Sim, só alcancei pouco, pouquinho. Se me disserem que é preciso parar a oficina no dia às tantas horas, talvez que a oficina pare. Mas se me disserem para fazer o que o amigo indicou no seu discurso, no seu importante discurso, confesso não saber que fazer.

E tomou a olhar Cesário com a expressão de há pouco: "Grande marmelo, sim senhor..."

Os olhos do carpinteiro brilharam mais. Os factos estavam de novo dando-lhe razão e mostrando como as decisões de Vaz e dos amigos de cima acerca de quadros, sem ouvir a sua opinião, conduziam a verdadeiros becos sem saída. Mas, enchendo-se de paciência, explicou uma vez mais tudo quanto lhe parecia necessário fazer-se para que o movimento tivesse êxito. Falou muito tempo e agora Henriques já não manifestava o mesmo espanto. Limitava-se a olhá-lo com atenção, piscando os olhos.

- Se para fazer um movimento é necessário fazer tudo quanto o camarada indica - disse ele, quando Marques acabou de falar -, ainda não é desta que lá vamos.

Marques voltou-se interrogativamente para Cesário. Este estava novamente de braços cruzados, recostado na cadeira. "Que queres tu que diga?", parecia perguntar.

## 11

À noite Lisete veio falar com Cesário, seu cunhado. A rapariga era muito parecida com a irmã, igualmente alta e magra, com a mesma expressão envergonhada e doce. Apenas tinha o cabelo mais claro, um cabelo louro e ondulado preso atrás com uma fita e curto à frente sobre a testa. Esse cabelo emprestava-lhe uma garridice destoando da figura.

- Falei com a Bela e com a Isolda. Elas têm a mesma opinião. O pessoal está farto de promessas e a altura é boa. Agora é dizeres o dia.

Nos últimos meses, sob a influência de Vaz, por um lado, e dos acontecimentos, por outro, Cesário mudara muito a opinião acerca do valor e das qualidades fundamentais dos camaradas. Dantes Marques aparecia-lhe como o indiscutível dirigente da cidade, quase como um modelo e, perante o próprio Vítor, ele, Cesário, sentia-se acanhado e insignificante. Toda a sua ambição consistia nesse tempo em ser capaz de expor um problema, de falar e raciocinar com a facilidade e o brilho de Marques ou Vítor. Depois a vida da

organização do Partido ensinara-lhe alguma coisa mais. Que as palavras são importantes, mas mais importantes são os actos. Palavras a que não correspondem actos, ideias que não visam realizar-se, foram perdendo para ele todo o encanto e atracção e, no decurso das discussões acesas de Vaz com Marques e Vítor, foi ganhando pouco a pouco um verdadeiro sentimento de enjoo e antipatia pelos tagarelas. Ao mesmo tempo, fora-se habituando a apreciar, estimar e admirar aqueles seres que, dizendo pouco, fazem muito, que aparecem pessoalmente desinteressados, puros na devoção, simples e modestos no êxito. Tempos atrás, para ele, Marques era um modelo de militante e aquela Lisete uma boa rapariga e nada mais. Agora, imaginando uma grande balança de pesar méritos com desconto dos defeitos, e Marques num prato e Lisete no outro, de certeza, de certeza, seria o prato de Lisete a descer, daquela Lisete que tinha na frente, alta e magra, de expressão envergonhada e doce, de cabelo louro e arranjado, e dizendo em meia dúzia de palavras que se faria aquilo que Marques afirmava em longos discursos que não se podia fazer.

- E os outros? - perguntou Cesário.

- Já sabes - respondeu Lisete. - Na Comissão estamos de acordo e o resto do pessoal tem confiança em nós. O que é preciso é não demorar muito. Falo por agora, claro. Daqui a um mês não digo nada. Já sabes o dia?

- Amanhã ou depois o saberemos - disse Cesário.

Ambos ficaram silenciosos pensando no grande momento que estava chegando. “Ainda bem que o Vítor a deixou”, pensou Cesário.

A companheira veio sentar-se ao pé dos dois.

- Ouve - disse Cesário, pousando-lhe nas coxas as mãos largas e morenas. - Se tiver que mergulhar, acompanhas-me, não é verdade?

A rapariga riu. Como podia ele duvidar?

## 12

Sentado à beira da estrada, apoiando a mão num embrulho de papel pardo e olhando uma nespereira solitária, Afonso sentia fome, sede e cansaço. Desde que iniciara a sua nova vida, poucos dias de repouso tivera. De resto, só marchas, carregos, noites mal dormidas, refeições em branco, viagens incómodas e estafantes, e mais marchas e carregos, e marchas e mais carregos. Acontecia chegar a casa a meio da noite, suado e carregado, e ter de desembulhar e embrulhar à pressa, olhando a todo o instante o relógio, para alta madrugada, sem ter sequer repousado um pouco sobre a cama, se fazer de novo à rua, correndo a apanhar um meio de transporte. Até agora cumprira

sempre o trabalho que lhe fora distribuído. Apenas entendia, e cada vez se lhe enraizava mais essa ideia, que muitas das indicações recebidas com o título de cuidados e regras conspirativas eram exigências absurdas e inoportáveis. Com que direito e com que razão insistiam em exigir-lhe que fizesse a barba todos os dias?, e que andasse uma légua a pé só para não entrar na estação de uma vila onde se supunha (supunha, nada mais) que havia vigilância?, e que não aproveitasse as refeições que numa localidade um camarada lhe dava de boa vontade só porque esse camarada estava “queimado”? Não, Afonso cumpria sem faltas o trabalho que lhe estava destinado (e na distribuição do manifesto para o 18 de Maio bem o estava mostrando), mas submeter-se a essas pretensas regras seria no fim de contas diminuir as suas possibilidades de trabalho, prejudicar a mais fácil execução das suas tarefas, definhar a olhos vistos como estava sucedendo e aniquilar assim a saúde de um quadro do Partido. Bem vistas as coisas e tudo resumido, não cumprir as “regras conspirativas” era defender o Partido e cumpri-las prejudicá-lo.

Eram estas considerações que fazia Afonso sentado à beira da estrada, olhando a nespereira ramalhuda e desengonçada, onde luzia o amarelo dos frutos. Fialho dissera-lhe que, depois de um acidente ocorrido com dois camaradas de que ia resultando a sua prisão, fora expressamente proibido aos funcionários apanharem qualquer fruto sem licença dos donos. Isso é porém mais fácil de dizer, de recomendar, quando se não tem fome, ou quando se tem resistência excepcional. E depois (tomemos o caso presente), que perigo de qualquer espécie pode oferecer neste local raso, sem casas nem esconderijos, onde não se vê viva alma, que perigo pode oferecer estender a mão e colher alguns frutos?

Quando Afonso chegou a este ponto dos seus pensamentos, já se tinha levantado e já estendia a mão para a nespereira. Alto como era, num instante encheu os bolsos e voltou para o seu poiso à beira da estrada, descaroçando na boca os frutos sumarentos, deliciado com o seu açúcarado e frescura. Entretanto, mira com prudência o fundo do caminho, não com receio de que apareça o dono da nespereira (isso são contos da carochinha), mas porque Fialho deve estar a chegar e sempre é bom evitar que ele o veja a comer a fruta, não porque não fosse capaz ele próprio de dizer, porque o era, mas porque assim se evitava uma discussão inútil, donde nada de proveitoso sai e estraga o dia a uma pessoa. Afonso olha o relógio, vê que faltam três minutos para a hora marcada e deseja agora que Fialho venha um pouco atrasado para ter tempo de esvaziar os bolsos. Felizmente nêspereiras é fruta que se come depressa, cada fruto de uma vez, sem mordidelas nem roedelas, e num instante Afonso ficou refrescado e reconfortado.

Foi a tempo. Na curva do caminho, a uns cem metros, aparecia o vulto de Fialho, no seu jeito rápido e decidido de andar. Afonso levantou-se e foi ao seu encontro.

- Estás em branco? - foi a primeira pergunta que lhe disparou Fialho, passando o olhar rápido pelo rosto do camarada, para logo fitar os arredores e o outro extremo do caminho.

Afonso sentiu as palavras como uma chicotada. Teria o camarada estado a observá-lo de longe? Teria ele limpo mal a boca e o queixo lambuzado?

- Sim, estou em branco -- respondeu com voz sumida.

- Estás com sorte - disse Fialho continuando a olhar em roda. Trago aqui qualquer coisa.

E, tendo observado o campo seco e nu dos arredores, acabou por escolher o poiso onde Afonso estivera junto da nespereira como o mais agradável para acampar. Ali se sentaram os dois, e Fialho desembulhou um pão com peixe frito, que partiu rigorosamente ao meio, dando metade a Afonso e começando logo a comer a sua com monumental dentada.

- Já aqui estive hoje um com mais sorte que nós - disse com a boca cheia, apontando os caroços e as cascas de nêspere mesmo a seus pés. - Já entregaste todos?

Confundido com a observação acerca das nêspereas, Afonso teve de fazer esforço para perceber o sentido da pergunta.

- Não, ainda não entreguei todos - respondeu apontando o embrulho de papel pardo. - Faltam estes.

Fialho engoliu com esforço e deu nova dentada que levou o pão até metade.

- É pouco volume - disse de novo com a boca cheia. - Vamos primeiro buscar os outros e vamos depois entregar esses. Faz sede! - acrescentou mostrando primeiro o pão com peixe e olhando depois a nespereira.

Afonso continuou a comer silenciosamente, olhando ainda inquieto as cascas e caroços espalhados pelo chão, fresquinhos ainda, com sinais de cuspo e mastigadelas.

- Já leste? - perguntou Fialho depois de engolir, com aquele grande movimento de pescoço que só fazem os esfomeados. E a um sinal afirmativo de Afonso acrescentou: - Pára tudo, vais ver.

Pela primeira vez nesse momento, Afonso sentiu a utilidade e importância da sua tarefa. E, sem saber porquê, com esse sentimento, veio outro de tristeza e aborrecimento consigo próprio.



Quem, como simples viajante, deambulasse nesses dias pela região, nada notaria de extraordinário. Nas fábricas, nos campos, nas oficinas, nos escritórios, nas pequenas obras, o trabalho corria como sempre. Nas ruas, estradas e caminhos, paravam as pessoas de sempre, com as caras de sempre. O sol da Primavera tudo doirava, emprestando à paisagem e aos homens grandiosa serenidade e alegria. Entretanto o fogo lavrava já, pronto a romper, e havia quem preparasse febrilmente os acontecimentos. Não em reuniões concorridas e exaltadas. Antes em pequenos e rápidos encontros, de dois ou três apenas, onde se trocavam palavras breves.

Na cidade, nas vilas, em aldeias, nas oficinas ou à saída delas, perto de gares tumultuosas ou em campos tranquilos, e, quando a noite descia, em casas pobres ou ruas sossegadas, davam-se indicações rápidas, combinavam-se os últimos pormenores, manifestavam-se dúvidas e esperanças.

Porque nem todos estavam confiantes. O que se preparava não era coisa simples e fácil. Num Estado fascista, levantar para a luta no mesmo dia e na mesma hora milhares de trabalhadores é verdadeiro trabalho de gigantes. Como o podiam realizar aquelas dezenas de homens apagados, forçados ao silêncio e à discrição, com a liberdade ameaçada à mais pequena palavra imprudente? Assim pensava o carpinteiro Marques, por exemplo. Por isso procurou novamente Cesário e, como não tivesse conseguido convencê-lo, procurou Henriques.

- As coisas assim mal preparadas - disse ele - vão de certeza dar mau resultado. Mais vale fazer menos e bem feito do que querer fazer muito sem a necessária preparação. - E, observando o camarada com os olhos inteligentes, repetiu uma frase que já repetira inúmeras vezes nesses dias: - Vamos queimar o pouco que temos.

Henriques pareceu ficar indeciso.

- E o manifesto? - insistiu Marques. - Onde se viu chamar a população à luta só com um manifesto, quando a verdade nos obriga a reconhecer que não temos organização à altura, nem verdadeira influência? Desejar as coisas não basta para que elas aconteçam. Insucessos destes só desprestigiam.

Onde Marques via dificuldades invencíveis, havia quem visse uma acção de extrema simplicidade. Na mesma cidade, Lisete. A várias mulheres da sua fábrica perguntava:

- Se o pessoal for, tu vais?

Quase todas respondiam:

- Se os outros forem, também vou.

Quando comunicou à Bela o dia da greve, Bela perguntou:

- E de certeza o pessoal pára todo?

- Como não ia parar? - respondeu Lisete.

Sim. Eram muito diversas as maneiras como cada qual encarava o movimento. Opiniões discordantes, sentimentos discordantes. O optimismo, a fé, a desconfiança, o medo, a vontade, a serenidade, a ideia do dever, o ânimo, a dúvida, o sobressalto, tudo reinava nos corações.

Num desses dias, ao entardecer, numa estrada deserta junto ao edifício claro de uma serração, três homens conversavam pacatamente.

- Faltam só três dias - murmurava um coxo, apoiando-se na muleta. - Queres acreditar? Só agora me parece que começo a viver.

- Carago! É verdade! - respondeu um outro, baixo e gordo, com um sorriso de criança.

Quem os pudesse ouvir e correr a algumas léguas a ouvir o que os outros diziam no mesmo instante junto a uma taberna, dificilmente acreditaria que todos falavam do mesmo assunto.

- De facto era bem preciso qualquer coisa, mas assim não será ir longe de mais? - perguntava um operário negro de carvão.

- O pior é que somos nós que o pagamos - respondeu outro olhando para todos os lados.

- Preciso é preciso. Mas pagá-lo, pagamos.

- Não seria possível dar contra-ordem? - disse o outro inquieto.

- A máquina já trabalha. Ninguém a pode parar.

Aquele chamava-lhe máquina e lá tinha as suas razões. Admitindo porém tratar-se de uma máquina, era uma máquina muito especial, uma máquina que nada tinha de mecânica, porque não era constituída por peças inertes, sem vontade, regulares, ajustadas, mas por homens e mulheres, seres complexos e diversos. Repare-se no que dizia Gaspar e no que dizia Manuel Rato.

Falando-se da paragem na Cicol, um dos membros da Comissão afirmava a Gaspar:

- Está tranquilo, amigo, pela minha secção respondo eu.

- Eu vou lá - disse Gaspar. - Vocês nada fazem sem eu aparecer. É mais seguro.

- Não é preciso lá ires. Podes ter confiança e estar =quilo.

- Não, amigo - insistiu Gaspar. - Eu vou lá, senão as coisas podem sair mal. Vocês esperem.

Coisa completamente diferente dizia Manuel Rato a dois operários junto a uma cancela da via-férrea:

- Não estejam à minha espera. Contem só convosco. Se não forem vocês a fazê-lo, ninguém o fará por vós.

Apenas diferenças de situação? Ou diferenças de natureza? A diferença da natureza humana é um factor da diferença de situações. Há quem assim o não entenda e daí surpreendentes insucessos. José Sagarra entendia-o.

Encontrou o da Barrosa ao anoitecer, num estreito atalho, ladeado de barreiras de terras e silvas espessas. A passarada, recolhendo, enchia o espaço com o seu chilrear.

- Já assentaram o preço? - perguntou Sagarra.

- Fica o mesmo - respondeu o da Barrosa.

- Todos estão de acordo?

- O que faltava era não estarem - resmungou o da Barrosa.

- E a distribuição?

- Faz-se na noite de domingo para segunda.

José Sagarra ergueu para o outro os seus olhos luminosos, ainda mais puros no rosto escuro e carregado.

- Tu não participas na distribuição, assente?

O da Barrosa acenou afirmativamente com a cabeça,.

- Assente? - repetiu José Sagarra.

- Já disse.

- Assente?

- Assente - condescendeu o outro de mau modo. Um pequeno silêncio.

- Dá-me a tua palavra de honra.

- Para que é tanta palavra? - irritou-se o da Barrosa. - Já disse que não participo. Combinado é combinado.

- A sua palavra de honra.

Descontente, o da Barrosa demorou a resposta.

- Bom, dou a minha palavra de honra.

- Jura pela saúde dos teus filhos.

E o da Barrosa teve de jurar pela saúde dos filhos, e teve de tornar a dizer que o combinado era combinado, e dar ainda outra vez a palavra de honra. Só então Sagarra o largou não sem que lhe dissesse ainda:

- Agora vê lá o que fazes.

## Capítulo XII

### 1

Apesar de haverem já passado muitos dias depois do incidente com Maria, António não encontrara ainda tempo para uma explicação. No dia seguinte saía com os camaradas. Andara alguns dias fora trabalhando na preparação do movimento. Agora, ao voltar a casa, sentia-se tão estafado que não só não procurava tal conversa como teria fugido a ela se Maria a procurasse.

Maria deixou-se beijar, falou-lhe com bom modo, deitou-lhe água na bacia, pôs o jantar na mesa. Mas durante o jantar esteve sempre a ler (o que nas últimas semanas acontecia com frequência) e a seguir ao jantar, depois de fazer algumas perguntas acerca do movimento em preparação, logo voltou ao estudo, escrevendo vigorosamente e metendo de quando em quando na boca o bico do lápis. Encostado à mesa, sentado silencioso, António pegou num jornal por desfastio. A sua vontade não era essa.

- Maria - disse pondo o jornal de lado. - Vou-me deitar, sabes? Estou cansado.

- Hã? - fez ela continuando a escrever e sem Prestar qualquer atenção às palavras de António.

- Vou-me deitar. Não queres vir?

Maria pousou o lápis na mesa e suspendeu o estudo. Pareceu a António que ela corava. Leu-lhe nos olhos uma sombra de contrariedade.

- Já? Tenho ainda que estudar um bocado. Isto tem de ficar pronto - acrescentou mexendo nos papéis, como se António pudesse ver através desse gesto a tarefa que a esperava.

António tomou a pegar no jornal e leu com esforço algumas notícias mais.

- Maria - tornou passado um bocado. - Tenho que sair cedo e cansado. Vou-me deitar. Não vens?

Maria olhou-o novamente.

- É ainda cedo e isto tem que ficar pronto hoje, amiguinho. Primeiro que tudo o trabalho.

António lembra-se uma vez mais da misteriosa atitude de recusa e afastamento de Maria na última noite que com ela dormira, quando da reunião ali em casa. Atribuía essa atitude ao desgosto provocado pela falta de notícias do pai. Agora, nesse zelo pelo estudo, vê uma nova forma indirecta de voltar a recusar-se.

Já a cair de sono, António levantou-se e aproximou-se dela. De novo Maria se deixou beijar e acariciar, mas, quando António esperava poder levá-la consigo, desprende-se amavelmente e disse-lhe numa voz calma e indiferente:

- Vai indo, amiguinho, eu já lá vou ter.

Era a mesma voz calma e indiferente que António lhe ouvira a primeira vez que, contra vontade, a beijara. Ofendido e triste, António deitou-se e esperou. O caruncho estalava no madeirame e, no silêncio da pequena casa, ouvia-se de quando em quando o voltar dos papéis nas mãos de Maria.

- Não vens? - perguntou ainda António, lá do quarto.

- Vou já - respondeu Maria.

António acabou por adormecer. Só tarde, muito tarde, Maria se foi deitar a seu lado. Fê-lo cautelosamente para não o acordar. De noite, António teve vagamente a noção da sua presença. Quando de manhã cedo acordou, já Maria estava de pé, despenteada e descalça, abanando o fogareiro.

## 2

Voltou dois dias depois ao cair da tarde e encontrou Maria no pátio, falando com uma vizinha e com o Elvas. O Elvas mantinha o novo aspecto, de roupa cosida e abotoada, e a António, tal como a Maria dias antes, chocou o facto de o arranjo dar ao vagabundo um ar mais miserável e insignificante do que quando andava seminu, mal coberto pelas badanas dos farrapos propositadamente rasgados.

- Quer saber, senhor Lemos? - disse a vizinha. - o Elvas diz que há-de ir a rir para o outro mundo.

Puxando tabaco para a mortalha, António ofereceu ao vagabundo. Este recusou com um gesto e, depois de observar com atenção a maneira de António enrolar o tabaco, pediu-lhe uma onça emprestada.

António foi buscar a onça. O Elvas olhou Maria com o seu ar desassombrado, onde pairava agora, talvez por efeito do seu novo aspecto, um melancólico sorriso.

- Lembra-se da nossa conversa do outro dia?

- Qual conversa? - perguntou Maria.

- Se no outro mundo não encontrar os meus credores, não lhes poderei pagar as dívidas.

- Que disparates diz este homem! - riu a vizinha. - Hoje deu-lhe para ali, amanhã dá-lhe para outra coisa.

António voltou com a onça e deu-a ao vagabundo. Este agradeceu e despediu-se.

Tendo-se afastado alguns passos, parou e voltou-se para o céu:

- Estás a ouvir? - perguntou dramaticamente. - Manda amanhã um dia bonito como este, que a minha irmã gosta muito. Não te esqueças, ouviste? E manda-lhe sempre o pão nosso de cada dia, e manda-lhe risos e flores.

A vizinha tomou a rir. Maria corou e seguiu com a vista o vagabundo até ele desaparecer logo adiante. Ligeiramente sonhadora, de pálpebras semicerradas, as grandes pestanas negras quase se encontrando, esteve assim alguns segundos fitando as silvas atrás das quais desaparecera o Elvas.

Conversaram um pouco mais com a vizinha e logo depois recolheram. António sentou-se e puxou Maria para si. De pé, de braços corridos ao longo do corpo, Maria deixou-se prender.

- Não tens saudades minhas? - perguntou António.

O seu olhar era a um tempo contente e entristecido. Metendo-lhe os dedos pelo cabelo ondulado, Maria despenteou-o, chegou-se mais a ele e olhou-o profundamente.

Como António se sente de novo feliz! Como tudo foram más impressões e passageiras tristezas! Maria é bem a sua companheira e ali está de novo, morna, tema, palpitante, ainda esmagada e agradecida. Ó companheira querida, companheira querida!

Depois de jantarem, António, que tinha de apanhar o comboio das 2 da manhã, pediu a Maria que se fosse deitar com ele. De novo esquiva, ela recusou e ficou trabalhando à mesa. A meia-noite e meia hora levantou-se e foi acordá-lo. Falou secamente, como querendo evitar qualquer familiaridade.

### 3

Jerónimo esteve com Manuel Rato para combinar a distribuição do manifesto e entregou-lhe à despedida um envelope.

- O amigo que aí esteve deixou isto para ti. Já me esquecia.

Manuel Rato meteu o envelope no bolso e, sem o largar da mão, dirigiu-se para casa. Os dedos inquietos apalpavam a espessura do papel, como se pelo tacto pudessem adivinhar o que continha. Notícias da companheira? Não,

decerto. Ainda há dias recebera carta e ela não lhe escrevia por via do Partido. O que poderia então ser? Amarras pessoais Manuel não tinha outras. A mulher era tudo quanto lhe restava. Tudo. De cabeça baixa, procurando afastar terríveis recordações (sempre as mesmas, sempre as mesmas, sempre aquele pinhal, sempre aqueles guardas, sempre aquele amado rosto sorrindo, sempre aquele pobre corpo morto.) Manuel Rato entrou na casa onde vivia em quarto alugado. As hospedeiras, duas irmãs de meia-idade, ambas vestidas de negro, ambas de óculos de aros de latão ainda costuravam no quartinho da entrada, à fraca luz de uma lâmpada de 25 velas. Como sempre que ele recolhia, preparavam-se para conversar um Pouco, porque julgavam, na sua inocência, Poder distrair o humor sombrio do hóspede.

- Se calhar ainda não sabe! - disse a mais velha levantando os óculos para a testa. - Dizem que na segunda-feira pára tudo.

- Parar o quê? - perguntou Manuel Rato.

- Que pára tudo, que vão para a greve - disse a outra, olhando por cima dos óculos e continuando a costurar.

- Sério, não ouviu dizer?

- Sim, ouvi, qualquer coisa - disse Manuel Rato, apertando entre os dedos o envelope que tinha no bolso. - Mas deve ser boato. Diz tanta coisa.

- É a sério, é a sério - insistiu uma das mulheres. - Quem o disse Ouviu-o ao Gaspar Oliveira e esse sabe o que diz.

Era a terceira vez que nesse dia Pessoas diversas lhe falavam na greve, ligando-a ao nome de Gaspar.

Manuel Rato tirou o chapéu e, à luz da lâmpada, o rosado das grandes entradas e da testa abaulada destacaram-se como um Postiço de actor no rosto tisonado e contraído.

- Tenho de me levantar cedo - disse esquivando-se para o quarto. Boa noite.

O envelope não trazia qualquer indicação e continha uma grande folha de papel com versos gravados a copiadador. "Versos?", pensou Manuel Rato, "Isto não é para mim." o título dizia apenas: "Romance da camponesa." "É engano." E, colocando o envelope e o papel numa cadeira, preparou-se para se deitar. Tinha de se levantar cedo para estar antes do trabalho COM os camaradas encarregados da agitação e estava atrasado no sono. Quando já tinha aberto a cama. voltou-se num repente, pegou nos versos e leu:

Choram os campos de trigo

E as papoilas vermelhas

Numa agitação crescente, Manuel Rato leu as duas páginas de versos. Quando chegou ao fim, com as mãos e os lábios tremendo, voltou a ler ansioso, como se não tivesse compreendido. E quando de novo chegou ao ponto em que dizia:

Mataram a nossa amiga,  
Isabel, flor mimosa,  
A mais valente e a mais linda,

deitou-se sobre a cama com a testa assente no punho nodoso que amarfanhava violentamente o papel.

No quarto ao lado, as duas irmãs Ouvido quarto do hóspede e, apurando o ouviram um ruído, estranho vindo mento que estava lá um cão a ganir. Olhando, pensaram no primeiro momento que estava lá um cão a ganir. Olhando-se uma por cima, outra por baixo dos óculos, perguntaram no seu silêncio: “Viste que o trouxesse? Eu não vi.”

#### 4

O Ernesto e a mulher haviam Partido para o campo sozinha no casal. A Anica desceu o atalho, atravessou a deixando a Anica rampa do olival e foi ter com a sua amiga. Sentada no degrau da porta, Rosa dava pontos e conversava com a menina Ermelinda. Sem dizer palavra, pegou na mão da pequenita e puxou-a de costas, para entre os joelhos. A menina Ermelinda contava uma história das Pim-Pa-Pum, seu tema favorito, quando queria cortar na casaca a alguém, e muitas vezes o queria. No rosto seco e másculo, os olhos brilhavam brejeiros. A voz aflautada parecia dar chicotadas.

- A mais velha andou a aprender para enfermeira e já sabia muita coisa, não se pode dizer que não. Escrupulosa e limpa Como ela não havia outra. Um dia o marido que Deus tenha leu em voz alta um anúncio que dizia assim: “Senhora, muito doente. com doença contagiosa, pede auxílio aos corações generosos.” E ela gritou-lhe logo: “Ai, filho, doença contagiosa, deita já fora esse jornal e vai desinfetar as mãos!”

E a menina Ermelinda deu uma gargalhada metálica, que correu olival abaixo até às orelhas do marido e fez este abanar a cabeça descontente.

- A senhora já lhe reparou na cabeleira? - continuou a menina Ermelinda. - Pois por essa cabeleira quis uma vez matar-se Ela tinha uma grande vaidade nos cabelos. Logo na noite do casamento, a cada gesto ou volta, prevenia o



marido de mau modo: “Não me toques nos cabelos!” Depois de casada a coisa continuou. O desgraçado podia mexer em tudo, mas, se parecia ir tocar na gaforina, logo ela gritava: “Que raiva! Não me toques nos cabelos!” E tanta vez o disse que o pobre homem desesperado deitou uma mistela na água em que ela ia lavar a cabeça e os cabelos ficaram como piaçaba. Ela então quis matar-se e resolveu matar-se com uma injeção. O caso foi sério. Quando o marido deu com ela, já tinha fervido a agulha e desinfectado a pele...

E a menina Ermelinda deu outra gargalhada, tão alta e metálica que a Anita de assustada se encostou mais a Rosa e lá baixo, na casita vizinha, o marido ficou de sovela no ar e orelhas arrebitadas.

- Então, minha linda - disse Rosa à Anica -, estavas sozinha? Anica acenou com a cabeça.

- Tu gostas muito da Senhora - disse a menina Ermelinda. - É o pãozinho, é a pedrinha de açúcar...

Anica embezerrou mal-humorada. E como a menina Ermelinda insistisse para saber porque gostava ela tanto da Senhora, acabou por explicar num desafio:

- Chama-me minha linda, então!

Chegando a cabeça da petiza ao regaço, Rosa ficou a olhar distraída a curva grande da estrada. Se ali estivesse Vaz, não deixaria de pensar uma vez mais nessa parte da vida e do carácter de Rosa que lhe escapa, nessa recordação misteriosa cuja presença tantas vezes sente.

A menina Ermelinda abalou. Abalou a Anica. Depois de seguir a pequenita com avista até ela desaparecer, Rosa continuou a dar os seus pontos, pensativa. Precisou de ir lá dentro buscar alguma coisa e, ao voltar, parou na soleira da porta e gritou:

- Francisco! Anda cá depressa!

Diante da porta, imóvel, estava a cadelita que as Pim-Pa-Pum haviam dado a um pastor distante para que a levasse e matasse. O branco ainda mais sujo, o corpo mais esquelético, as grandes tetas destacando-se na magreza mais pesadas e disformes, os olhos agora vermelhos e chorosos.

- Donde vens? Por onde tens andado? - perguntou Vaz, e interrompem o trabalho e viera ao chamamento de Rosa.

As orelhas da cadelita estremeceram, os olhos animaram-se por entre as pálpebras sem pestanas e debruadas de sangue. Respirava com dificuldade, sacudia a cabeça e fungava, como tentando expulsar qualquer coisa das ventas. Rosa foi buscar um pedaço de pão: não quis comer. Trouxe-lhe um pires com água: ainda fez menção de beber, mas não bebeu. Toda a tarde ali esteve, olhando para os seus amigos, quando apareciam à porta, sacudindo a cabeça e

fungando. À noite, Rosa pôs-lhe o trapo no sítio do costume e a cadelita ali se deitou. Quando, de madrugada, Vaz saiu de casa. estava morta.

## 5

Sentados num banco do jardim, em frente da igreja, Ramos e Paulo esperam por Vaz. Estava uma luminosa tarde de sol, coma uma aragem morna e algumas outras pessoas gozavam o tempo, sentadas pelos bancos.

Belas torres tem a igreja! - disse um jovem eclesiástico ao seu companheiro, num banco próximo.

- Gosto mais do altar-mor da capela - respondeu o outro. A igreja em frente parecia alheia aos elogios.

- Estes tipos, ainda assim, interessam-se pelas obras de arte - disse Paulo baixinho.

Ramos riu-se.

- Ai, velhote, velhote, não sei em que tens gasto a vida olha, olha para aquele banco e lá verás as obras de arte sentadas.

Paulo olhou para o banco apontado e viu três raparigas, conversando e rindo animadamente. Torres da igreja, altar-mor da capela, como será possível? Paulo corou até às orelhas pela sua ingenuidade e pela sem-vergonha dos jovens de sotaina.

Logo depois apareceu Vaz. Os três saíram do jardim, atravessaram a vila e seguiram uma estrada. Ramos comunicou a Vaz que este fora cooptado para o Comité Central. Impassível, Vaz perguntou apenas:

- Tiram-me deste sector?

- Por agora continuas - respondeu Ramos. E marcou-lhe encontro para o dia seguinte com um camarada do Secretariado.

Trocaram impressões sobre as últimas notícias da preparação da greve e combinaram em definitivo o encontro dos três com António no dia 18 à 1 hora. O local foi cuidadosamente escolhido de forma a ficar a uma distância tão curta quanto possível dos pontos fundamentais da região e servido por meios de transporte. Nessa altura, Vaz, António e Paulo deviam ter estado já com os responsáveis dos sectores mais importantes que controlavam e trazer as primeiras notícias acerca do movimento, a fim de coordenarem a acção regional.

Paulo separou-se dos dois amigos e estes seguiram ainda pela mesma estrada. Um pouco adiante, Ramos disse precisar de comprar tabaco e pediu a Vaz que o acompanhasse por uma estrada de desvio. Deram uma grande volta

e Vaz perguntava de si para si para que tinham necessidade de ir tão longe comprar tabaco, quando lá em baixo, na outra estrada, havia uma venda que decerto o tinha. Por fim Ramos entrou numa tabernita, onde ninguém se encontrava. Bateu as palmas. Passados instantes apareceu uma mulher jovem e bonita, com o cabelo negro encrespado e uns olhos húmidos e vivos. Vaz reparou que a rapariga sorria enleada para Ramos e que depois se afastaram os dois para uma ponta do balcão, onde falaram em voz baixa. Era um comportamento pelo menos singular entre um freguês e uma taberneira. A mulher riu e Ramos, antes de a deixar, agarrou-lhe o braço com familiaridade. Só então pediu o tabaco, o recebeu e pagou.

Saíram os dois e, fazendo o caminho de regresso pela mesma estrada, Vaz perguntou a Ramos se também ia apanhar o comboio. Ramos fitou-o com olhar malicioso.

- Hoje fico por estes lados! - respondeu.

Seguiram silenciosos.

- Amigo - disse por fim Vaz na sua voz calma e grave. - Não sei se farei mal em fazer este reparo, mas, se for injusto, tu dirás. Tens tu algum ponto de apoio de confiança aqui nestes sítios? Ou tencionas passar a noite em qualquer local de acaso?

Ramos olhou o camarada e o rosto subitamente contraído tomou uma expressão de irritação e animosidade.

- Julgo, camarada, que nada tens com a minha vida pessoal.

- Sim, nada tenho com a tua vida pessoal - disse Vaz na mesma voz calma.

- Mas qualquer de nós tem alguma coisa com a segurança e actividade dos outros. Muitos males tem vindo ao Partido por se abafarem opiniões e advertências de camaradas modestos e humildes e por se considerar a autoridade como uma espécie de cobre-faltas.

- Arranjei agora um tutor? - explodiu Ramos. - Ou dizes isso porque és há oito dias membro do Comité Central?

Ficaram calados alguns minutos. Depois Vaz voltou a falar com a mesma serenidade:

- Olha, camarada. No Partido não há grandes senhores e pobres diabos. Membro do Comité Central ou de uma organização de base, todos sem excepção têm igual dever de defender a segurança do Partido e dos seus membros e todos têm igual dever de se submeter à disciplina e normas de trabalho. Repito, amigo: todos sem excepção.

Fazendo visível esforço para dominar o mau humor, Ramos recompôs-se um pouco.

- A questão não é essa. A questão é que insinuaste que eu não atendia à minha segurança pessoal, por quaisquer motivos menos próprios.

- Eu não sou teu tutor, amigo - voltou Vaz, depois de nova pausa - e não esqueço que és mais responsável que eu. Mas quero dizer-te francamente que comunicarei amanhã este pequeno incidente, porque a vigilância é um dever de todos nós. A nossa vida pessoal não nos pertence apenas a nós. Tudo quanto não seja prejudicial ao Partido nos é permitido. Mas nada que seja prejudicial nos é autorizado.

- Bom, bom - disse Ramos irritando-se novamente. - Vamos ao que importa - e abordou apressadamente as últimas coisas que tinham a tratar.

## 6

No dia seguinte à tarde, quando Ramos se encontrou com o camarada do Secretariado, já este tinha falado com Vaz. Perguntou a Ramos onde tinha passado a noite. Ramos contou então que, na verdade, tinha um arranjo com a dona da taberna onde comprara o tabaco. A mulher vivia separada do marido e já o recebera três noites em sua casa. Quanto ao marido, contou Ramos, era legionário e já tinha feito umas cenas lá no sítio, mas com ele não as faria, podia o camarada estar sossegado.

- Diz francamente, tu não falias nisto se Vaz não tivesse levantado a questão.

- Sim, talvez não falasse - concordou Ramos com voz sombria.

- Não me parecia ter qualquer interesse falar. Além disso, sabes da minha situação pessoal e que sou completamente livre.

- Sabemos da tua situação pessoal. Sabemos que a companheira que tinhas não te quis acompanhar na clandestinidade e que com a camarada com quem vives há uma situação muito especial, que nem tu nem ela afinal desejam. Isso não são, porém, razões para que te entregues a aventuras amorosas que mais dia menos dia acabam mal.

- Gosto de mulheres, amigo - interrompeu Ramos. - Se os outros não gostam, não sei.

O camarada pareceu não dar pelo tom ofensivo destas palavras.

- Ninguém te critica ou criticou por teres mulher, ou mesmo pelas várias ligações na vida movimentada e incerta que tens tido. O que se critica é o espírito do copo de água, que é na verdade o teu espírito nesta questão. O que criticamos são ligações em circunstâncias impróprias de um comunista, que afectam o prestígio dos militantes e põem em perigo a sua segurança. Repara,

camarada. Num momento em que diriges um sector empenhado numa luta importantíssima, quando estamos a dois dias de uma greve de grande alcance na vida do Partido, jogas tu a liberdade de uma aventura dessas. Infelizmente, não é a primeira vez que têm de ser tratados contigo casos semelhantes. Isto, amigo, não nos limitamos a criticar, bem sabes.

Ramos ficou silencioso. De feições contraídas, olhava o chão um pouco à frente dos passos. Por fim, suspirou e disse na sua voz alegre e espontânea:

- Vejo que mais uma vez meti a pata. Comunica que isto não torna a acontecer.

E depois de uma pausa acrescentou:

- Sei que não é a primeira vez que digo que não toma a acontecer. Mas, desta vez, não toma mesmo.

Andaram alguns passos, silenciosos.

- Como? - perguntou Ramos bruscamente.

- Não disse nada - respondeu o camarada. Na verdade nada dissera. Mas, imerso em pensamentos, Ramos julgara ouvir a mesma palavra que ao mesmo camarada ouvira a última vez que haviam tratado uma questão semelhante:

- Veremos.

## 7

Nunca depois ninguém soube dizer como aquilo fora. Teria o vento levado da fogueira que ardia no pátio uma faúlha para a arrecadação? Teria levado alguma das crianças uma cavaca acesa? Délia disse depois que Rita levava um tição para dentro, mas Rita negou sempre. O certo é que o fogo irrompeu com fúria inesperada. As vides estalaram num fogaréu e chamas claras, erguendo-se raivosas, escaparam-se rápidas pelo telhado, de envolta com um fumo lento, branco e leitoso. As crianças fugiram espavoridas. Rita ficou dentro, do outro lado da lenha.

- Ao canto, ficou ao canto! - gritava a irmã mais velha.

Atraído pelos gritos, Paulo saiu ao pátio. À porta da arrecadação, Madalena, sufocada pelo fumo, tossia, berrava por socorro e pela filha. "Como pode ela ficar à porta?", pensou Paulo. Da arrecadação só vinham os estalidos do fogo, enquanto pelo telhado começava a sair o fumo mais escuro da rama de pinheiro. Sem saber porquê, Paulo tirou os óculos, entregou-os a uma das crianças e precipitou-se, ligeiramente trôpego e lento, para a arrecadação. Sentiu um bafo ardente lambê-lo rosto e olhos, fez por não respirar, afastou com as mãos e pés ramos em fogo e caminhou para a frente, em direcção ao

sítio onde diziam ter ficado Rita. Para o fundo da arrecadação, abrandaram as vergastadas ardentes e, no meio do fumo, ouviu um tossicar fraco e um leve choro de criança. Já fora das chamas, viu confusamente um pequeno vulto que lhe estendia os braços. Depois sentiu aqueles bracitos tenros abraçando-o com inesperada força e um só pensamento e um só sentimento lhe tomaram o espírito. Voltar atrás, atravessar novamente o fogo, cobrir no côncavo do corpo e dos braços a pequenita, defender aquela carne de criança, implorativa e confiante.

Num repente, haviam-se juntado no pátio várias pessoas. No meio duma berraria estridente, corriam com baldes de água a combater o fogo. quando viram sair da arrecadação aquele vulto fumegante curvado sobre si, como que embrulhando qualquer coisa com o próprio corpo, deitaram-lhe baldes de água para cima e ficaram olhando Paulo, que, com o rosto vermelho e enegrecido, sem pestanas, encharcado, parecia um bicho. A seu lado, Rita, apenas chamuscada e com ligeira queimadura numa perna, não dera ainda pela dor e, metendo a mão na boca, abria os olhos espantados e culposos, como se agora se tratasse de defender-se de merecido castigo. O curioso é que Paulo, pondo desajeitadamente os óculos, mostrava em toda a sua atitude uma expressão semelhante à de Rita. Também ele parecia pedir desculpa do que fizera...

Levaram Paulo e Rita à farmácia e a ambos trataram com um líquido amarelo. Apenas nas costas das mãos, numa face e numa perna Paulo tinha queimadelas a precisar tratamento. De resto, preocupavam-no mais as calças queimadas. Havia razões para isto, pois lhe faziam na verdade muita falta, e Evaristo, apesar de ter vários pares, não se lembraria talvez de lhe oferecer umas.

Com a mão entrapada e um penso na cara, Paulo teve de sair no mesmo dia, pois os encontros para a preparação do movimento não admitiam esperas. Durante essa viagem, apesar da importância e interesse das questões tratadas, constantemente lhe vinha à ideia uma lembrança, que lhe havia de culpar o espírito durante largos dias e nunca mais poderia esquecer vida fora: aqueles bracitos tenros abraçando-o com força e exigindo salvação.

- A Rita? - perguntou logo que voltou a casa.

Ora, a Rita! Sentada na cama, com a perna entrapada, ria para a irmã mais velha, que avançava e recuava uma caixita e dizia:

- Não apanhas!... Não apanhas!...

Rita ganhara subitamente tal importância que Elsa e Zeca a olhavam com uma vaga inveja por não terem ficado dentro da arrecadação no seu lugar.

Ninguém como as crianças para tirar partido das situações! Rita conseguiu nesse dia o que nunca conseguira antes, apesar de numerosas tentativas.

Devagarinho, ainda duvidando do sucesso, fez uma festa na cara de Paulo. Depois mexeu-lhe no nariz, ao de leve, com dois dedos. Finalmente decidiu-se. Agarrou sem força nos óculos de Paulo e suspendeu o gesto, como que perguntando: “Posso?” Inundado de felicidade, Paulo nada disse, mas à falta de um protesto respondeu: “Podes!” Então a pequenita tirou os óculos do camarada e pôs-se a gozar mansamente o triunfo.

## 8

Domingo 17, acabara o Pereira de sair, bateram à porta. Na soleira, Conceição hesitou um momento, fitando o homem alto que estava na sua frente, certa de já ter visto aquele rosto, mas incapaz de identificá-lo. Subitamente recuou para o interior da casa, escancarada a porta:

- És tu! Entra, entra. Nem te reconhecia.

E ficou corada de surpresa e emoção. Era “o Amigo”, o primeiro camarada que conhecera, aquele que ali estivera cinco dias em casa dois anos atrás e ligara para sempre os Pereiras ao Partido. Mas como parecia diferente! A barba crescida, as covas e rugas das faces como marcadas a ferro, o rosto ainda mais comprido e magro e todo ele - fato, mãos, rosto e em especial pestanas e sobrancelhas - coberto de uma espessa poeira cinzenta. Parecia ter acabado de rebolar-se num monte de cimento.

- Vens por causa da greve? - perguntou Conceição.

- Greve?

“O Amigo” de nada sabia. “Como pode isso ser?”, perguntou Conceição de si para si. E olhou-o com nova atenção, quase receando ter-se enganado. Mas não. Era ele de certeza. Olhando-o surpreendida ainda com o seu aspecto, explicou-lhe o que sabia do movimento que devia eclodir no dia seguinte.

- Vim em má altura - disse na sua voz baixa e grave que tirou qualquer dúvida que restasse a Conceição de que era bem ele. - Em frente da casa tens notado alguma coisa?

Que não, que nada notara, nem lhe parecia que houvesse qualquer suspeita ou vigilância sobre o Pereira.

- Quero pedir-te três coisas - disse por fim “o Amigo”, ainda de pé. - A primeira é que me dês água para me lavar. A segunda que me dês uma bucha para comer. Finalmente que me deixes dormir um pedaço em qualquer lado. Convinha-me sair daqui por volta do meio-dia. Pode ser?

Conceição encaminhou-se para a cozinha.

- Assim não vês o meu companheiro. Só vem à tarde.

Encheu uma grande bacia de água, pôs uma toalha lavada nas costas de uma cadeira e acendeu o fogareiro a petróleo. “o Amigo” não dava mostras de pressa. Conservava-se silencioso e quieto, naquela atitude tão sua de profunda tranquilidade, vendo Conceição a arranjar as coisas em movimentos rápidos do seu corpo roliço e de respiração apressada como sempre que trabalhava. Quando o olhou de novo, pareceu-lhe mais alto, o rosto mais magro, o vulto mais cheio, e mais velho, terrivelmente mais velho, com as rugas todas marcadas pela poeira e o olhar vago e cansado.

Mas, quando passado um bocado abriu a porta da cozinha para Conceição entrar, parecia outra vez o mesmo que ela conhecera dois anos atrás. Barbeado e penteado, em mangas de camisa, atava volumoso embrulho. “Ele não trazia nada nas mãos quando entrou”, pensou Conceição, tirando do lume o tacho de barro. Seria o casaco? Não, não era o casaco.

- Depois, quando puderes - disse na sua voz baixa e tranquila, apontando o casaco pendurado nas costas da cadeira -, há-de fazer o favor de sacudi-lo lá fora. De forma que os vizinhos não vejam, pois deitará de certeza nuvens de pó.

Conceição encheu-lhe uma malga com sopa da véspera e pôs ao lado um pedaço de pão.

- Agora é o que te posso dar. Ao almoço, mato-te a fome, deixa lá.

Enquanto “o Amigo” se lavava, Conceição fizera a cama e cobrira-a com uma colcha nova de um tecido brilhante, tirada de um gavetão e cheirando a naftalina. As coisas que se têm é para se usarem, não é verdade? E se não é com os camaradas, com quem há-de ser?

- Podes aí dormir à tua vontade - disse, levando-o ao quarto.

- Obrigado - disse “o Amigo”, fazendo menção de a acompanhar até à porta para a fechar.

Conceição indignou-se.

- O quê! Vais deitar-te sem veres o meu menino?

Aproximaram-se os dois cautelosamente do açafate enfeitado e Conceição curvou-se levando um dedo ao nariz. “Cala-te e vê”, parecia ela dizer. Era verdade. Não havia no mundo menino mais lindo. Levemente voltado para o lado, apoiava a bochecha no punho cerrado. A outra mãozita, papuda e rosada, dois dedos encolhidos, dois dedos esticados, apoiava-se graciosamente na almofada. Dormia profundamente e transpirava.

- Já reparaste que todas as crianças nascem comunistas? - perguntou Conceição. - Olha para aquele punhinho cerrado. Com a idade é que algumas se estragam.

Quando, passadas algumas horas, Conceição abriu a porta a chamar “Q Antigo” para o almoço, foi dar com ele deitado no chão e ainda dormindo.



- Não, amiga - justificou-se. - Não te ia sujar a cama. Tenho a roupa tão suja que em qualquer lado em que me deite fica tudo neste estado. Olha!

De facto, olhando o sítio do sobrado onde ele estivera deitado, Conceição viu uma grande sombra da mesma poeira cinzenta. “Santo Deus!”, pensou. “Por onde teria este homem andado?” E, sem saber porquê, veio-lhe ao pensamento uma ideia que logo lhe pareceu absurda: “Vem do estrangeiro.”

Ao chegar à casinha de entrada, o menino já não estava onde Conceição o deixara. Em pé sobre as pernas gordas e cambadas, seguro a uma cadeira, arrastava-se para a porta da cozinha, sendo evidente o propósito de se escapar. Se naquele momento o agarrassem, seria inevitável uma terrível cena (toda a sua determinação o diz). Mas não. A mãe demora e ele avança mais resolutamente. Quando chega ao alcance da porta e vê que conseguirá sair antes que a mãe possa intervir, apressa os movimentos, com urna expressão ao mesmo tempo desesperada e triunfante como que dizendo: “Já não me apanhas!” Temerário, estende o bracito para o umbral da porta, larga a cadeira, dá uma passada oscilante, rápida e nervosa, reequilibra-se e ei-lo na cozinha. Conceição corre, agarra-o ao colo e, enquanto o beija e lhe ralha, o menino, abandonando o corpo, ri às gargalhadas. “Como, vês, ganhei-te!”, parece ele dizer, e continua a rir pela vitória alcançada, enquanto a mãe o devora com beijos.

Durante o almoço, “o Amigo” fez mais perguntas acerca do movimento do dia seguinte e, por todas as perguntas que faz, Conceição verifica que de certeza não está trabalhando há já algum tempo. “Vem do estrangeiro”, ocorre-lhe de novo a absurda ideia. Depois do almoço, antes de se despedirem, Conceição levou-o junto do menino, que agora brincava no chão e disse-lhe:

- Vá, beija o meu filho. Quando “o Amigo” saiu, pegou no menino e começou a falar-lhe numa voz baixa, pausada e cantante:

- Ele há-de ser um homem valente, tão valente como é “o Amigo”, como é o Vaz, como é o António, como é o seu paizinho.

Mas alguma ideia nova e triste lhe ocorre, pois aperta de repente o menino ao peito e começa a beijá-lo repetidas vezes, nos caracóis, nas orelhas, no pescoço.

- Meu querido filho, querido, querido, querido...

O menino sentia cócegas e dobrava o riso.

## Capítulo XIII

### 1

No dia 18 de manhã, os operários da Cicol amontoaram-se junto aos portões. A caminho da fábrica, muitos haviam encontrado manifestos afixados nas paredes, nos muros, nas árvores. Outros haviam-nos encontrado no chão, à beira das estradas e veredas, em maços seguros com uma pedra, como que convidando cada qual a retirar só um e a deixar os demais. Como desde há dias se falava na paralisação e como isso correspondia ao sentir geral, esperavam os mais decididos a ordem de parar, conformavam-se os tímidos com tal perspectiva e só alguns mais fracos, esgueirando-se em pequenos grupos para os pátios interiores, esperavam ocasião para pegar no trabalho. Algumas perguntas corriam de boca em boca:

- O Gaspar já veio? Viste o Gaspar? Onde está o Gaspar? E procuravam com a vista o vulto alto e conhecido do companheiro, esperando a sua decisão ou conselho.

Junto ao portão grande, rosto seco sulcado de rugas, Túlio olha a rua inquieto. As sirenes tocaram uma vez, depois outra. Silvos alarmantes e sinistros. Os camaradas da fábrica procuram os seus controleiros e perguntam: "Então?" E os controleiros dizem: "Esperem." Vão depois junto de Túlio e perguntam também: "Então?" E Túlio responde o mesmo: "Esperem." De boca em boca, o nome de Gaspar continua a correr "Onde está? Por que não vem? Por que não fala?"

- Isto não dá nada! - diz urna voz forte dominando o sussurro das conversas.

Como respondendo a esta palavra, um grupo de operários sai da imobilidade em que estava junto ao portão e avança para o pátio.

Em frente de Túlio, um homem gordo e baixo, a pala do boné sobre os olhos, manifesta impaciência.

- Já não faltam cinco minutos - grita a Túlio, - Temos de fazer alguma coisa.

- O Gaspar deve estar a aparecer. Recomendou nada fazermos sem ele chegar.

- E se não vem? - pergunta o gordo.

- Porque não havia de vir? - Túlio quer estar certo do que diz, mas a palidez do rosto e a tremura da voz atraíam-no.

Alguns operários riem num grupo.

- Isto, meu amigo - diz um deles -, sempre assim foi e sempre assim será.

O número de operários amontoados junto ao portão é agora consideravelmente mais pequeno. A maior parte passou já para os pátios interiores. Minutos antes, um contramestre que entrava na fábrica, vendo o ajuntamento, achara prudente safar-se despercebido. Agora um outro fala com insolência para alguns operários da sua secção, agrupados tristemente cá fora na rua.

- Então, rapazes, por que esperais? Que venha por aí o Zé Serralheiro?

Mais um grupo deixa o portão e entra na fábrica. Foi nesse momento que o operário de boné sobre os olhos saltou para cima do muro:

- Camaradas! - gritou numa voz aguda. - Hoje ninguém trabalha na região. Vamos nós trair os nossos companheiros?

Era porém tarde. A sirene abafou-lhe a voz.

- Agora! - berrou um operário desesperado e desiludido, enfiando para a fábrica com grandes gestos.

Os motores uivaram. E a Cicol, a maior fábrica da localidade, aquela onde havia a melhor organização do Partido, aquela de que estava dependente a paralisação das outras, começou a trabalhar. Túlio, o camarada gordo e mais alguns, pouco mais de uma dúzia ao todo, ficaram hesitantes uns minutos junto ao portão, ainda com a ideia em Gaspar. Por fim o grupo entrou também na fábrica. Ao tirarem o ponto, o encarregado sorriu olhando o relógio, mas, contra o costume, não fez caso.

Só Jaime, o camarada gordo de pala sobre os olhos, e um jovem aprendiz de rosto de criança, não pegaram no trabalho. Quando os companheiros todos se sumiram na fábrica, trocaram algumas palavras e correram rua fora.

## 2

Domingo, na última reunião, Gaspar, seguido por Pereira e Túlio, tinha feito vingar o seu ponto de vista que antes, com António, fora rejeitado. Assim, ficou assente que em toda a localidade esperassem a paragem da Cicol e que, quando a Cicol parasse, parassem também. Caso os outros não parassem por sua iniciativa, os operários da Cicol iriam fazê-los parar. Jerónimo e Vicente opuseram-se a tal orientação, mas, em minoria, tiveram de submeter-se.

- Lembrem-se disto, camaradas - dissera Gaspar como último argumento. - Se a Cicol não parasse, mesmo que houvesse outras pequenas paralisações, seria um completo fracasso.

De manhã ao entrar na fábrica, Pereira comunicou que se devia pegar no trabalho e esperar. Logo que chegasse a notícia da Cicol, que um camarada do serviço externo devia trazer, largariam também. O primeiro electricista era camarada. Se o pessoal não largasse, ele desligaria os motores.

As indicações de Pereira correram pela célula e pela comissão e, ao pegarem no trabalho, os operários tinham uma expressão nova, ao mesmo tempo alegre e concentrada, sendo evidente que a maioria esperava com entusiasmo o momento da suspensão.

Passaram alguns minutos. Com um pretexto ou com outro, dois operários conservavam-se sempre próximos de uma janela aberta sobre a rua lateral, onde o camarada do serviço externo ficara de trazer a notícia. Trabalhando, os operários olhavam uns para os outros, como que dizendo: "Eles já vão ver o pé de vento que se levanta." E os capatazes, que também haviam lido o manifesto e sabiam dos boatos que corriam há dias, olham os rostos dos operários e não se sentem tranquilos. Pelas expressões, por algumas palavras trocadas em voz baixa, por rápidos olhares surpreendidos, percebem que alguma coisa se prepara e estão inquietos.

O camarada apareceu esbaforido à janela combinada e as suas palavras gelaram os companheiros:

- A Cicol está a trabalhar!

Foram dizer ao Pereira e este correu à janela.

- Mentira!

- Está a trabalhar, já disse - insistiu o mensageiro.

- Tu viste? - e os olhos felinos do Pereira fitavam-no quase com ódio.

### 3

Na obra, já fora da terra, trabalhavam apenas dez homens. De manhã, Manuel Rato falou com os dois outros camaradas que ali havia, os três falaram com os restantes, mostraram o manifesto aos que o não haviam lido e resolveram não pegar no trabalho. Só um pedreiro, homem de meia-idade e ar triste, perguntou se tinham a certeza de que nas outras obras e nas fábricas também não pegavam.

- Não, companheiro, como podemos ter a certeza? - respondeu Manuel Rato. - Mas, se todos pensassem como você e esperássemos sempre uns pelos outros, nunca se faria nada.

Salvo o pedreiro que ficou deambulando desorientado diante da obra, os outros homens seguiram pela estrada em direcção ao centro da terra. Na primeira fábrica que encontraram passava-se alguma coisa de estranho. Cá fora, a rua estava deserta, nada de anormal parecia ter-se passado. Os operários conservavam-se dentro da fábrica. Mas as máquinas estavam paradas e, tal como se ouve à porta do mercado, ouvia-se lá para dentro o barulho de numerosas vozes conversando.

Com os seus oito companheiros, Manuel Rato atravessou o portão e entrou. O porteiro fez ainda menção de se opor, mas o gesto em tão tímido que se via bem que o fazia só para que o patrão amanhã não pudesse dizer que o não fizera. Atravessando ruelas desertas, Manuel Rato conduziu os companheiros em direcção ao ruído das conversas. Tendo contornado um edifício, deram com o pessoal da fábrica reunido diante dos escritórios.

- Também pararam? - perguntou sorrindo um operário.

Logo os que se encontravam mais próximos se voltaram contentes a ver os recém-vindos, não porque fossem muitos, mas porque há circunstâncias em que os mais pequenos apoios têm grande valor, até porque pouco mas de boa vontade vale mais do que muito contrafeito.

- Estão lá as Comissões - explicou um dos homens. - Queriam receber apenas três, mas tiveram de, receber trinta!

Acabara de dizer estas palavras, apareceram os camaradas no patamar em frente dos escritórios. Vicente, com o cabelo curto e rijo descoberto, ergueu os braços a pedir silêncio e um homem de rosto largo e cabelos brancos que estava a seu lado falou. O tom em o natural tom de uma conversa, mas, no profundo silêncio que caíra subitamente no pátio, a voz soava tão clara como numa pequena sala.

- Companheiros. Apresentámos as reivindicações aprovadas por todos vós. Apesar das promessas feitas de semana para semana, uma vez mais negam o aumento e uma vez mais voltam a prometer. Agora decidi.

Um clamor de exclamações e gritos elevou-se no pátio. Do alto do patamar, Vicente abriu novamente os braços a pedir silêncio e, quando o silêncio se fez, foi ele próprio que falou:

- Está decidido, camaradas, não é assim? Nesse momento, um homem gordo com a pala do boné sobre os olhos e um jovem de rosto infantil, vindos de fora da fábrica, abriram caminho por entre os operários e dirigiram-se ao patamar. O gordo aproximou-se de Vicente e disse-lhe em voz baixa:

- O Gaspar foi preso esta noite. A Cicol pegou no trabalho.

Com pasmo do camarada, Vicente não mostrou nem pânico nem surpresa.

- Claro! - murmurou com um sorriso estranho. Manuel Rato já nessa altura abrira também caminho até ao patamar e ouvira as palavras do camarada gordo da Cicol. Enquanto Vicente conversava com os das Comissões, gritou numa voz que a ele próprio surpreendeu pela firmeza e força:

- Camaradas, camaradas e, quando se fez silêncio, continuou: Na construção civil também não atenderam as nossas reclamações e também parámos. Aqui estamos a saudar-vos e a acompanhar-vos.

Entre os gritos de aplauso, Manuel Rato ouviu atrás de si a voz enervada de um dos membros da Comissão:

- Nós não temos nada com a construção civil. Estes gajos vêm estragar tudo.

Vicente tomou a erguer os braços.

- A opinião das Comissões - disse ele - é que devemos parar hoje o trabalho e voltar ao trabalho amanhã. Estais de acordo?

Mais aplausos e gritos de apoio. Mas logo um homem forte e sanguíneo subiu exaltado alguns degraus em direcção ao patamar. Como lhe cortassem o caminho, voltou-se a meio das escadas para os operários reunidos e gritou numa voz rouca:

- Camaradas, não vos deixeis enganar. Tudo isto é manobra dos comunistas. Quereis a prova? Está aqui a prova, aqui, aqui! - e dizendo isto erguia na mão e agitava no ar um exemplar do manifesto.

Ouviram-se gargalhadas.

- Está aqui outro igual ao teu! - gritou um operário, agitando a mão no ar.

Como o homem procurasse continuar falando, um outro operário, que estava uns degraus acima na escada, atirou-lhe uma sapatada às costas, que o fez vir estatelar-se cá baixo. O homem levantou-se de ombros erguidos, braços em arco e cabeça apontada como um touro e galgou feroz os primeiros degraus. Os operários que estavam mais longe viram naquele sítio um remoinho de gente que, tal um remoinho de vento, se deslocou, serenou, voltou a animar-se, para por fim se dissolver na multidão. Nesse momento, do alto do patamar, Vicente gritou:

- Todos à Cicol!

- À Cicol - gritou com voz penetrante uma rapariga de camisola vermelha.

- À Cicol! À Cicol! - gritaram de vários lados.

Alguns membros das Comissões, entre eles aquele que manifestara desacordo com a intervenção de Manuel Rato, olhavam sombriamente o entusiasmo geral. Era evidente que não o partilhavam.

Aos trezentos operários da fábrica de Vicente, ligeiramente reforçados pelo pequeno contingente de Manuel Rato, juntou-se adiante mais um grupo de operários, entre os quais se via Jerónimo. Tal como Manuel Rato, logo ao chegar à obra resolvera com os camaradas a paralisação e a eles se juntaram os operários de uma oficina de serralharia, onde haviam lido o manifesto. Pelas ruas e ruelas, os habitantes vinham às janelas e portas olhando com curiosidade. Aqui e acolá uma mulher gritava uma palavra de apoio. A garotada pegava-se ao cortejo, à frente e ao lado das primeiras filas, como se se tratasse de filarmónica em dia de festa. A Cicol ficava um pouco desviada do centro da terra, mas em poucos minutos lá chegariam. Já tinham cortado para a estrada que lá conduzia directamente quando um homem vestido de cinzento os ultrapassou em passo estugado, fazendo por não olhar os manifestantes e ganhando rapidamente a dianteira. Ainda o viram de longe entrar para a Cicol e, quando instantes depois lá chegaram, os pesados e altos portões da fábrica estavam fechados e, no outro extremo do pátio, o homem de cinzento desaparecia no escuro de uma porta.

Um tanto desorientados, os recém-vindos juntaram-se em grupos diante dos portões. No pátio, a uns quinze metros, o porteiro, um capataz e um empregado dos escritórios, os três muito juntos e muito parados, ora olhavam de soslaio para o lado da estrada, ora olhavam para os edifícios da fábrica. De fora gritavam-lhes que abrissem o portão, ameaçavam-nos, faziam-lhes negaças, e os três homens permaneciam sempre na mesma posição e imobilidade, como se nada ouvissem.

Os operários da fábrica de Vicente rodeiam as suas Comissões, mas os das Comissões encolhem os ombros, como que dizendo: “Que quereis que vos façamos? Isto agora é connosco.” Alguns respondem mesmo com gestos impacientes às perguntas que lhes fazem, como que dizendo: “Para isto não fomos tidos nem havidos e viemos só para não dizerem que não vínhamos.” Um pouco afastados, junto ao muro, Vicente, Jerónimo, Manuel Rato e a rapariga da camisola vermelha conversam com o gordo Jaime e com o jovem aprendiz de rosto infantil. Estes dois últimos são os únicos operários da Cicol que não pegaram no trabalho e dizem agora aos seus companheiros que se pode entrar facilmente na fábrica por uma cancela que deita para os campos. Jaime e o jovem propõem-se entrar por aí com mais uma dúzia de operários decididos e irem por dentro abrir os portões. Vicente concordou com a ideia e

dispôs-se a ir buscar mais alguns e a partir com os camaradas. Mas Jerónimo pediu-lhe num gesto lento que esperasse. e, olhando distraído com os olhos cinzentos e mortiços para os companheiros amontoados diante dos portões, falou numa voz lenta e inexpressiva:

- Não camarada, tu não deves ir. O teu lugar é ali, junto dos camaradas da tua fábrica, que não deves abandonar por um só instante e muito menos agora que hesitam e precisam da tua presença. E estes dois amigos devem indicar a cancela, mas não devem ir abrir o portão. Sendo da Cicol, ficariam queimados.

Instantes depois, Jaime, o jovem aprendiz, Manuel Rato, Jerónimo, a rapariga da camisola vermelha e mais alguns operários desapareciam uns cem metros adiante numa volta do muro da fábrica. Vendo-os desaparecer, alguns concluíram que a partida não estava ainda perdida e logo deixaram de ameaçar os três homens parados para lá do portão para passarem a crivá-los com chalaças e insultos.

Entretanto, Vicente falava com os membros da comissão. Produziu-se então um acontecimento para ele inesperado.

- Não, amigo, para isso não me convidem - dizia o homem de cabelos brancos, que comunicara meia hora antes aos seus companheiros o resultado da diligência nos escritórios. - Eu faço parte de uma Comissão de fábrica para defender os interesses dos trabalhadores. Não faço parte, nem quero fazer, de acções revolucionárias.

Dizendo isto, afastou-se, levando meia dúzia de companheiros consigo. Vicente julgou ainda que ele se afastava apenas para sublinhar a discordância quanto ao assalto à Cicol. Mas não. Atravessou os grupos de operários, seguiu, seguiu e afastou-se em direcção à terra seguido por mais alguns. "São meia dúzia", pensou Vicente, "e só das Comissões fazem parte mais de trinta" Mas muitos olhavam indecisos, sem saber que fazer, pois o homem de cabelos brancos era um dos operários mais prestigiados e há muito membro da Comissão. E, no fim de contas, que estavam ali fazendo? A Cicol trabalhava, os portões estavam fechados, que havia a fazer ali? Alguns operários começaram a despedir-se dos companheiros e a seguir o caminho da terra. Vicente passou a mão pela escova do cabelo, como a pretender domá-lo. Lembrou-se das palavras de Jerónimo: "o teu lugar é ali, junto dos companheiros da tua fábrica. Eles precisam da tua presença." Subindo a uma barreira do outro lado da estrada, gritou com quanta força tinha:

- Camaradas! Os nossos companheiros da Cicol estão lá dentro prisioneiros. Vamos deixá-los abandonados?

Os operários voltaram-se para ouvir e Vicente continuou falando. Mais do que orientar os seus companheiros, a sua preocupação fundamental era segurá-



los alguns minutos, evitar que grande número debandasse e dar tempo aos que haviam ido tentar entrar na fábrica para abrir os portões.

Não foi preciso esperar muito. Ouviram-se exclamações e gritos junto ao portão grande, dentro do pátio houve um rebuliço e, enquanto Manuel Rato e outros companheiros abafavam a resistência do porteiro e dos outros dois guardas, Jerónimo e Jaime (que, tal como o jovem aprendiz, não se contivera e acompanhara os outros com receio de que se desorientassem dentro da fábrica) abriram os portões de par em par.

A primeira pessoa que apareceu bem à vista dos que estavam cá fora foi a rapariga de camisola encarnada. Voltada para eles, de braços erguidos, berrava qualquer coisa repetidas vezes. Mas o barulho das vozes e dos gritos era tanto que ninguém entendeu o que dizia.

## 5

A coisa não foi tão fácil como parecia. Só alguns operários da Cicol, ao aperceberem-se de que trabalhadores vindos de fora entravam nos pátios interiores, largaram o trabalho e foram ao seu encontro. Inexplicavelmente, como desinteressado do que estava a acontecer, Túlio continuou a trabalhar.

Os companheiros da secção fitavam-no interrogativamente, porque ele era bem conhecido como o braço direito de Gaspar. Túlio fugia a esses olhares e, com o rosto pálido, as mãos trementes e o suor a banhar-lhe a testa e o peito, procurava apenas olhar para o seu trabalho. Entretanto, os capatazes e um empregado de escritório vestido de cinzento (aquele mesmo que na estrada passara à frente dos operários a prevenir para fecharem os portões) arregimentavam à pressa os homens da sua confiança, armavam-nos com barrotes e ferros e postavam-se em grupos junto das entradas.

Parecia a Túlio que uma névoa lhe tomava os sentidos e que era uma outra pessoa que ali estava, vivendo um pesadelo e procurando baldadamente sacudir o sono e acordar. Ouviu gritos e vozes no pátio, os passos apressados dos contramestres da secção, vidros estilhaçados, mais gritos e vozes e, envolvendo todos esses sons, o ruído cadenciado, monótono e suave das máquinas trabalhando. Túlio olha apenas a bancada de trabalho, mas sente sobre si, cravando-o como setas de fogo, os olhares dos camaradas da secção e, para lá das paredes e dos muros, os olhares de todos os operários da fábrica e de todo o operariado da terra. Vê os olhos firmes de Vicente debaixo da escova do cabelo claro; e os olhos cinzentos e mortícios de Jerónimo; e os olhos verdes e frios de Pereira; e os olhos sorridentes cercados de rugas de António. E todos se

juntam numa mesma censura e numa mesma condenação. A vozeria aumenta, mais vidros partidos, mais gritos e ruídos surdos e indecifráveis de coisas e corpos que se chocam, e tudo sempre envolvido no som monótono e suave das máquinas trabalhando. Túlio quer, quer erguer os olhos e ver o que se passa, ao menos ali à sua volta, mas eles estão presos com horror à tremura acentuada das pontas dos próprios dedos.

As escaramuças que tiveram lugar junto às entradas não resolveram as coisas. Os trabalhadores que haviam invadido a fábrica mantinham a determinação de fazê-la parar. Mas os capatazes e seus arregimentados cortavam-lhes firmemente o caminho. Dentro da fábrica, desorientados, sem organização, habituados a esperar todas as indicações de um único homem, de Gaspar, os operários continuavam a trabalhar, com um sentimento de culpa mas incapazes de reagir. E talvez as coisas ficassem por aí se um acontecimento inesperado não tivesse surgido: fábrica dentro, entrou novo grande contingente de trabalhadores estranhos. À sua frente os olhos verdes e frios como os de um gato, Pereira avançava rápido, gingando o corpo entroncado.

Foi então que o gerente, há muito barricado numa dependência e espreitando os acontecimentos, se encheu de um pavor súbito e, temendo destruições e prejuízos, deu ordem para desligarem os motores.

## 6

Quando Paulo entrou na camioneta para se dirigir ao local do encontro, deu de caras com Ramos, que baixara o jornal para ver quem entrava. Os olhos dos dois camaradas encontraram-se um breve instante para logo se afastarem como que desinteressados. Paulo escolheu um lugar mais atrás, junto de uma velha gorda vestida de preto, que quase ocupava os dois lugares do banco. Ao ver que Paulo pretendia sentar-se, fitou-o observadora e fez todos os gestos de quem se acomoda com gentileza no espaço que lhe cabe: levantou-se ligeiramente, sacudiu o corpo, tomou a sentar-se olhando o espaço deixado ao novo vizinho, compôs os folhos da saia e respirou fundo, como quem acaba de fazer um grande esforço em benefício alheio. Na verdade, não cedeu um centímetro que fosse das suas posições. Meio sentado, Paulo olhou a mulher de revés por cima dos óculos. Fazendo barbeta, a mulher olhou-o também de lado, sorrindo: “Não tem que agradecer”, dizia esse sorriso. “Somos uns para os outros.”

Paulo pensou em mudar de lugar, mas os passageiros que haviam entrado com ele tinham ocupado todos. A estrada era cheia de curvas e de covas, a camioneta corria em boa marcha e Paulo tinha de fazer constantes esforços para

se equilibrar na ponta do banco que a vizinha lhe deixam. Em má posição, a perna queimada magoava-o mais. “Chego mais cansado do que se fosse a pé”, pensava de si para si. “Esta mulher não compreenderá que está a ocupar o meu lugar?” E novamente olhou de lado a vizinha. Imponente na sua gordura, de pescoço ligeiramente torcido, a mulher continuava a mirá-lo de soslaio e, quando o viu voltar-se para ela, tomou a sorrir-lhe com o mesmo sorriso de quem fez grande favor e tem a generosidade de dispensar agradecimentos. Numa curva mais apertada, Paulo desequilibrou-se e quase se estatelou na coxia. A mulher não buliu. “Está a precisar que lhe diga alguma coisa”, pensou Paulo indignado. “Se fosse o Ramos já lhe tinha dito.” Mas, no fim de contas, a viagem era curta e não valia aborrecimentos. Depois, sabe-se lá se a mulher não faria escândalo, chamando sobre ele a atenção de todos os passageiros. Paulo aguentou até ao fim da viagem a incómoda posição e, pior do que isso, a irritação pelo procedimento da desconhecida e pelo seu próprio acanhamento.

Apearam-se os dois num cruzamento de estradas. Deixaram seguir a camioneta, tomaram por uma estradita estreita e igualmente esburacada, e só então falaram.

- Que houve? - perguntou Ramos olhando a mão entrapada de Paulo, a queimadura do rosto, as sobrancelhas e as pestanas chamuscadas.

- Parou a serração - respondeu Paulo - e pensam fazer esta tarde uma marcha. Do resto nada sei ainda.

- Isso! Isso! - disse Ramos apontando as queimaduras do camarada, que nada respondeu.

A estradita seguia sinuosa por entre pinhais e courelas de restolhos amarelos. Cigarras temporãs cantavam no ar pesado e quente. Adiante cortaram pelo carreiro de um pinhal e, depois de andarem uns cem metros, pararam. Ramos olhou em volta, fitou atentamente as copas dos pinheiros e acabou por escolher um sítio de fofo chão de caruma e pouco mato.

- Escolher sítio num pinhal - disse, tirando a gravata, tem a sua arte. Se não reparas bem nas copas dos pinheiros e no movimento do Sol, estás a mudar de sítio de minuto a minuto. Aqui ficamos bem - acrescentou, olhando para o ar, enquanto despia o casaco.

Em cabelo e mangas de camisa, desapertados e arregaçados, sentaram-se à sombra. Paulo viu o relógio: uma menos um quarto.

- O comboio já passou de certeza, mas da estação aqui o António gasta bem um quarto de hora.

- Gasta, gasta - concordou Ramos, estendendo-se de costas e olhando o camarada.

Paulo foi buscar ao casaco um guia dos caminhos-de-ferro e começou a folheá-lo.

- Não almoçaste, claro! - disse Ramos.

- Não.

- Nem eu, velhote. Mas este ar também alimenta.

Para se alimentar, respirou profundamente, enchendo a larga caixa.

- Já estamos ao sol - disse Paulo com evidente intenção.

- Diabo! Parece-me que não escolhi bem. - Ramos levantou-se e olhou com ares entendidos o alto dos pinheiros. - Chega-te para aqui. Aqui temos sombra até ao pôr do Sol.

Passado um quarto de hora e depois de terem fugido ao sol por mais duas vezes, ouviram passos e viram um homem magro e pálido aproximando-se com uma bicicleta à mão.

- Não te reconhecia - disse Ramos quando ele chegou ao pé.

- Estás magro.

- Já por aqui estava há uma boa meia hora - disse Vaz. - Julgava que viésseis mais tarde.

E contou em breves palavras o que já sabia do seu sector. Estivera com José Sagarra e com outros dois camponeses do organismo dirigente. Em todas as aldeias de que havia informação, os assalariados rurais tinham largado o trabalho e (coisa que se não esperava) pequenos artesãos tinham também parado. À tarde far-se-iam as marchas da fome sobre as duas vilas escolhidas. Estivera ainda com camaradas de duas localidades onde se verificaram paralisações. Além das informações dos camaradas, Vaz pudera ver, na viagem que fizera de bicicleta, que a greve era muito mais extensa nos campos do que a organização deixara prever. Por acção dos manifestos, de certeza tinham parado milhares de trabalhadores e era de esperar que as marchas da fome e as concentrações se fizessem na mesma escala. Quanto ao Comité Regional de Marques e Cesário, Vaz não estivera com ele, mas Sagarra falara com uma pessoa ida da cidade, que dissera ser ali a vida completamente normal. Da repressão era ainda cedo para saber alguma coisa.

- Vamos a ver as notícias que traz o António - disse Ramos.

- É o único centro industrial da região e talvez a melhor organização. Ali e nos teus camponeses é que o movimento pode dar brado.

António demorou ainda uns minutos. Ao chegar, suado e afogueado pelo calor, deu uma notícia desconcertante: nada sabia, porque Gaspar faltara ao encontro.

- E que fizeste para reatar a ligação? - perguntou Ramos como que dizendo: "Eu pergunto isto, mas estou já vendo que nada fizeste."

António ficou embaraçado. A verdade é que nada fizera. Esperara mais meia hora por Gaspar, o que já lhe parecera demasiado, empatara tempo e por fim fora tomar o comboio. Ainda o pior é que não via como poderia restabelecer a ligação nesse dia, pois tinha um encontro marcado com um camarada noutra local.

- Como?! - explodiu Ramos, indignado.

Os camaradas entreolharam-se. Todo o trabalho estava comprometido pela falta de informação do sector mais importante.

Ramos olhou ainda António com modo agressivo. "Agora não há tempo", parecia dizer esse olhar, "mas não perdes pela demora." Depois voltou-se para Vaz.

- Tu não devias ir - disse. - Indo tu, podemos acabar por ficar desligados de tudo... Mas na verdade...

Sem terminar a frase, Ramos olhou Paulo e todos adivinharam o que queria dizer: "Mas, na verdade, se tu, Vaz, não vais, não é decerto Paulo que poderá ir."

- Eu vou - disse Paulo numa voz tão calma e segura que Ramos o encarou surpreendido.

Mais surpreendido ainda, porque Paulo, como se a sua proposta fosse já coisa assente, logo começou a consultar o guia dos caminhos-de-ferro.

- Acho bem que vá - adiantou Vaz, como se receasse outra solução.

Olhando um e outro, envergonhado e confuso, António percebeu a pressa da intervenção de Vaz. O que Vaz receava era evidentemente que ele, António, se oferecesse e convencesse os outros a enviá-lo e a substituí-lo por Paulo no encontro dessa tarde.

- Camaradas - disse com voz pouco firme. - Reconheço que devia ter ido à terra e procurado ligação antes de vir. Não sei porque o não fiz. Mas penso que, a ir lá alguém, é justo que seja eu, porque sou o responsável do sector e porque conheço mais camaradas.

- Já viste? - perguntou Ramos a Paulo.

- Há um comboio às duas e um quarto - respondeu Paulo. - Levando a bicicleta de Vaz até a estação, ainda o posso apanhar.

Ainda mais confundido por ninguém ter sequer respondido à sua proposta, António indicou então onde vivia Manuel Rato. Como Paulo conhecia Jerónimo e a família, por um ou outro lado conseguiria a ligação.

Ramos seguiria para casa de Vaz. Os camaradas iriam lá ter logo que pudessem.

Paulo dobrou o casaco, pô-lo no porta-bagagens e pegou na bicicleta. Baixo, desasado, uma repa de cabelos brancos aparecendo sob a boina à

espanhola, os óculos de tartaruga descaídos, a queimadura na cara, a mão entrapada, parecia um pobre-diabo incapaz de fazer qualquer coisa de sério.

- Tu sabes andar de bicicleta? - perguntou Ramos subitamente na sua voz alegre, divertido com a figura do camarada, mas sentindo-se entretanto sem saber porquê um tanto comovido.

Paulo levou a bicicleta até ao carreiro. Aí pôs um pé no pedal, deu um, dois, três, quatro galões com o outro pé (- Ele sabe! Ele sabe! gritou Ramos gargalhando) e ei-lo sentado no selim. A bicicleta deslizou carreiro abaixo, encurvou perigosamente à direita, depois à esquerda (- Ele cai! Ele cai! - exclamou Ramos pondo-se de pé) e novamente se endireitou. A bicicleta voltou ao. meio do carreiro, e, agora serena e silenciosa, levando o vulto de Paulo com a cabeça tão encolhida entre os ombros que apenas se via a boina à espanhola, foi-se afastando até desaparecer com o próprio caminho.

## 7

Na região controlada por Vaz, a paralisação foi total nos campos. Nas localidades onde havia organização apresentaram-se reivindicações. Aonde chegou o manifesto, os assalariados rurais seguiram a indicação de não trabalharem no dia 18 e não pegaram portanto no trabalho. Aonde não havia organização nem chegara o manifesto, a paralisação deu-se ao longo do dia, à medida que chegava a notícia do que estava sucedendo noutras terras. Como na região predominavam os assalariados rurais, pode dizer-se que todos os trabalhadores agrícolas pararam no dia 18. Nas aldeias, os grevistas reuniam-se em grupos e a eles se juntavam artesãos e domésticas. Até os pequenos agricultores acabaram por largar as suas leiras e, por simpatia ou simples curiosidade, vinham juntar-se ao pessoal. Pôde então ver-se nessa região um estranho espectáculo. Pelas estradas, caminhos e atalhos marchavam grupos de homens, mulheres e crianças, em filas compridas e irregulares. Só alguns raros seguiam conversando. A grande maioria caminhava em silêncio, com ar pacato e tranquilo. Aqui e acolá, nos povos e casais por onde passavam, apareciam caras curiosas, eram feitas perguntas e mais alguns homens, mulheres e crianças se juntavam aos cortejos. Tal como os fios de água que descendo pelas encostas em direcção ao vale, confluindo timidamente de princípio, formam caudais cada vez mais densos até se transformarem em impetuosas torrentes, assim esse fio de gente, correndo todos em direcção às duas vilas da região, se foram encontrando, fundindo, engrossando e animando. Ao chegarem ao seu

destino pelas diversas estradas de acesso, eram já grupos compactos de muitas centenas de pessoas.

Em ambas as vilas, concentraram-se os manifestantes diante da Câmara Municipal. As duas concentrações tomaram porém diferentes aspectos. Numa das vilas, os camponeses reunidos no grande terreiro conservavam-se silenciosos e sossegados. Parte da população da vila veio juntar-se-lhes. As janelas apinharam-se de gente, a presenciar. Como o dia estava quente e luminoso, dir-se-ia haver festa na terra. O presidente da Câmara, que, ao primeiro rebate, se aferrolhara no gabinete a pedir pelo telefone “tropas para esmagar a revolta”, acabara por dar ouvidos aos subordinados e ir espreitar à janela. E, vendo aquela mole de gente pacata sem quaisquer sinais de rebeldia, reparando no elevado número de mulheres e crianças, dera ordens à Guarda para os fazer dispersar.

- Somos só seis, senhor doutor - disse o sargento. - o melhor é deixá-los. Eles acabam por ir-se embora.

A mansidão alheia toma bravos os cobardes. O presidente da Câmara, numa súbita resolução que ele próprio não saberia dizer a que se destinava, apareceu com os subordinados ao balcão do edifício. Então todo o povo olhou para ele e, no silêncio geral, alguns fizeram-lhe um gesto estranho que ele tomou indignado por qualquer obscenidade: os manifestantes erguiam a mão à altura da boca e pareciam apontar esta com os dedos. O gesto foi primeiro feito apenas por alguns, depois por dezenas, depois foi-se propagando por todo o largo. Tinha o seu quê a um tempo grotesco, trágico e ameaçador ver a multidão silenciosa apontar a própria boca. “Pão! Pão!”, percebeu por fim o presidente nesse gesto silencioso.

Na outra vila, as coisas correram de forma diferente. Das estradas de acesso chegaram milhares de homens, mulheres e crianças. Das bocas saíam gritos e, na ponta de paus ou canas, lenços negros, trapos negros, até uma saia negra, eram bandeiras da fome desfraldadas. Assustado, o comércio encerrou as portas e a Guarda correu a proteger a Câmara, colocando-se ao cimo da escadaria exterior. Destacou-se então dos manifestantes um grupo de camponeses, cinco homens, duas mulheres, que subiram as escadas com passos decididos.

- Queremos ser recebidos pelo presidente da Câmara - disse ao sargento da Guarda um camponês de rosto escuro e sardento, onde brilhavam uns olhos claros e luminosos, num dos quais se apercebia uma pequena névoa branca.

Entretanto centenas de vozes gritavam a compasso:

- Pão, pão, pão, pão...

Pelas 2 horas da tarde, caíram sobre os manifestantes as forças enviadas da capital. Centenas de guardas de capacetes de aço, armados de espingardas e pistolas-metralhadoras, saltaram dos camiões e, conduzidos por agentes à paisana, vindos em carrinhas e automóveis, cercaram o centro da vila. Toda a tarde, no meio de gritos, protestos e pequenas escaramuças, carros celulares ou simples camiões de carga, num vaivém constante, acartaram para a capital camponeses e camponesas, de envolta com artesãos e simples mirones. Aí foram metidos aos montes nos barracões de um quartel transformado à pressa em campo de concentração.

O presidente da Câmara, homem possante e sanguíneo, vermelho de raiva pela humilhação sofrida, explicava aos agentes à paisana os sinais dos membros da Comissão de camponeses, que horas antes recebera tremendo no seu gabinete. Não sabia os seus nomes, nem as suas terras, e isso ainda mais o enfurecia.

- O chefe deles tem uma névoa na vista e sardas na cara - gritava. - Sardas, percebe?

E de todo o acontecido não sabia dizer mais nada.

- Sardas, homem de Deus! - insistia. - Sardas!

## 8

Ao alvorecer, Marques, o carpinteiro levantou-se extremamente agitado. Na noite anterior, reflectindo no movimento em preparação, concluíra pelos perigos que ele representava para a organização local e resolvera não fazer distribuir os manifestos na cidade. Fora os destinados às fábricas e oficinas controladas por Cesário, ficara ele encarregado de organizar e dirigir a distribuição nocturna. Escolhera para esse efeito alguns camaradas e simpatizantes, desde logo com a ideia de que ou se recusariam, ou faltariam, ou apareceriam só para que lhes não chamassem cobardes. Com surpresa sua, dos cinco que procurou, quatro mostraram-se cheios de vontade. E, com maior surpresa, todos apareceram ao encontro que lhes marcara às 11 da noite.

- O amigo faltou-me - inventou Marques para justificar não ter trazido os manifestos. - Vocês desculpem, mas fica para outra vez.

Perante si próprio, Marques justificava esta conduta pela necessidade de defender a organização local de uma acção aventureirista comportando tremendos perigos, de que os camaradas de cima, por desconhecerem as circunstâncias concretas locais, se não apercebiam. Mas ter-se comprometido perante Cesário e Henriques a fazer a distribuição na cidade e não a fazer



deliberadamente, ver o entusiasmo dos camaradas e simpatizantes que considerava “não prestarem para nada” e desiludir esse entusiasmo com uma mentira, causava-lhe uma dolorosa inquietação, que as superiores razões invocadas não conseguiam vencer. As poucas horas que passou na cama, passou-as voltando-se de um lado para o outro, procurando reforçar perante si próprio as razões de tal conduta, repetindo e tomando a repetir mentalmente que só os interesses do Partido a determinavam, mas atormentado porque tal afirmação não conseguia restituir-lhe nem a tranquilidade nem o sono.

Saiu ainda lusco-fusco e foi procurar Henriques na própria casa. Henriques ficou surpreendido, quase assustado, com tal visita, pela hora insólita e por ser a primeira vez que Marques o procurava.

- Espere um instante - disse ao vir à porta. - Eu saio já. Na verdade, em casa não tinha onde recebê-lo, pois no quarto estava deitada a companheira e os dois filhos mais pequenos, e na cozinha a sogra e os dois filhos mais velhos.

- Resolvi vir falar-lhe, camarada - começou Marques, quando Henriques veio ter com ele, arrepiado pela frescura da madrugada e piscando os olhos ainda mais que de costume, porque a situação que atravessamos é particularmente grave. Pretende-se fazer hoje uma greve na sua oficina, na Juta e em outros locais de trabalho. Mas que resultará daí? Se damos a palavra para pararem e os trabalhadores não param sem um tremendo desprestígio para o Partido. Se nos seguem, resultará, sem dúvida alguma, uma furiosa repressão.

Marques parou na rua, voltando-se para Henriques, a fim de que este melhor o ouvisse e compreendesse. A frouxa claridade do alvorecer, Henriques viu apenas as lentes comendo o rosto do camarada.

- E um conhecido ensinamento de Lénine que a vanguarda se não deve lançar sozinha nas batalhas. Mas é isso precisamente o que aqui vai suceder. Nós, os comunistas, a vanguarda, lançamo-nos na batalha, não somos acompanhados pelas massas e expomo-nos assim a ser destroçados pelo inimigo.

Marques continuou ainda falando e Henriques, o corpo pequeno e magro encolhido à aragem, ouvia-o com atenção. Quando Marques terminou, dizendo que entendia ser a greve ali na localidade um disparate com trágicas consequências para o Partido, Henriques perguntou na sua voz cantante:

- O amigo falou com o Cesário? Que não, que não falara. Resolvera vir falar directamente com ele, porque não havia tempo a perder.

- Claro - disse Henriques numa voz de falsete e piscando os olhos. Bom, obrigadinho pela lição, amigo. Isto quem não sabe aprende, não é verdade?

E, despedindo-se de Marques, disse-lhe ainda como coisa sem importância:

- Se tiver tempo, ainda falarei com Cesário. Se tiver tempo. Parece-lhe bem, claro.

Henriques correu imediatamente a casa de Cesário e contou-lhe a conversa com Marques.

- Que anda esse homem a fazer? - exclamou Cesário com uma expressão de profunda contrariedade.

- Eu não sei repetir todas as suas palavras - disse Henriques. - Mas parece-me que em alguma coisa tem razão. Se nós, os do Partido, nos lançamos para a frente e não somos seguidos, ficamos queimados sem dúvida alguma.

Cesário interrompeu-o num tom exaltado que Henriques nunca lhe ouvira:

- Quer dizer: resolve-se uma coisa na organização, dão-se instruções a todos os camaradas, prepara-se tudo o necessário e à última hora um camaradinho (e utilizando pela primeira vez este termo depreciativo em relação a Marques, Cesário repetiu-o), um camaradinho, porque se julga um grande senhor dentro do Partido, vai por sua própria conta dar contra-ordens. Se eu não conhecesse tão bem o Marques, diria que anda a fazer trabalho de desagregação e provocação.

- Bom - disse Henriques abanando a cabeça. - Também acho mal que me tenha assim procurado e por isso vim ter contigo. Mas negar que ele tenha razão em algumas coisas não o posso fazer

- Amigo! - interrompeu novamente Cesário com a mesma exaltação. - Repara nisto. Influenciado pelo Marques, dizes que os camaradas do Partido, se não são seguidos, se expõem à repressão. E claro que se expõem, sobretudo se não souberem trabalhar. Mas ainda ontem me dizias que seríamos seguidos, que os trabalhadores sem partido e os membros das Comissões estavam também de acordo com a paralisação. O que vêm pois agora fazer as lições do camaradinho? Só confundir e desorientar. Agora não há mais razões, nem meias razões. Agora há apenas que levar por diante o que se resolveu e fazer os possíveis e os impossíveis para parar.

Henriques saiu dali decidido a seguir a indicação de Cesário. Mas, ao falar com a Comissão da oficina, encontrou-os com a opinião do dia anterior completamente modificada. Excepto um, todos os outros se apresentavam pessimistas, receosos, manifestando a opinião de que deveriam voltar atrás no propósito de parar a oficina. "Vê-se afinal que o Marques sempre tinha alguma razão", pensou Henriques.

O que Henriques não sabia é que Marques, depois de o deixar, tinha ido falar com aqueles mesmos que agora se mostravam desanimados.

Tendo recebido na véspera indicações e tendo lido o manifesto, os trabalhadores esperavam a ordem de parar. Ninguém a dava. Os camaradas responsáveis e os membros da Comissão procuravam passar despercebidos, como se de nada tivessem conhecimento.

- Afinal que gente temos nós à nossa frente? - berrou um rapagão tão congestionado pela cólera que as veias do pescoço pareciam cordas.

- São homens ou são Borrallhas? - Como estamos lembrados, Borralha era um pobre borracho, servente na oficina e motivo de chacota dos colegas.

Henriques falou então a uns e a outros, aconselhando a não pegarem no trabalho. Desamparado pelos membros da Comissão (todos desanimados pela intervenção de Marques), acabou por ir, com o operário que chamara Borrallhas aos membros da Comissão e por mais três outros que de momento se decidiram, apresentar as reivindicações ao gerente, conforme o combinado. A este não passou despercebido que Henriques aparecia sem os seus anteriores companheiros.

- Nova Comissão, Sr. Henriques? - disse ele. - Muito bem, muito bem. Por agora nada posso resolver, pois ainda há poucas semanas vos dei um aumento - e, fitando Henriques com um mau sorriso, acrescentou: - Sei que se dizem por aí umas coisas. Os seus colegas mais sensatos já o abandonaram. Veja o senhor o que faz. O que acontecer fica por sua conta.

Henriques olhou-o piscando os olhos com ar ingénuo.

- Mas atende ou não atende? Aumenta ou não aumenta?

O rapagão interrompeu-o, pondo o punho fechado sobre a secretária:

- O senhor está ameaçando o meu colega Henriques, mas quero dizer-lhe que eu e os meus companheiros estamos com ele. Por aquilo que ele responder também eu responderei.

O gerente pôs-se a brincar com uma faca de cortar papéis e olhou-o com o mesmo mau sorriso.

- Muito bem, muito bem. Fico sabendo e não esqueço. De homens assim é que eu gosto.

- Mas aumenta ou não aumenta? - insistiu Henriques. - Sempre é bom nós sabermos.

- A minha resposta está dada! - disse o outro pondo-se de pé, a dar a entrevista como terminada. - Se se meterem em loucuras, vocês é que são os prejudicados, não sou eu. O mal que tiverem, pela vossa mão o procuram.

Henriques e os companheiros saíram dos escritórios e comunicaram o resultado da diligência. O rapagão que acompanhara Henriques (e que na oficina passara sempre despercebido aos camaradas) falou com tanto ardor e as suas palavras correspondiam tanto ao sentir geral que por mais de uma vez o aplaudiram. Seguindo a opinião de Henriques, os operários resolveram fazer uma greve de 24 horas, tal como o manifesto indicara. Mas dois membros da antiga Comissão, sentindo-se intimamente apoiados pela opinião de Marques, desaconselharam tal passo e, com a sua influência, levaram muitos operários a pegar no trabalho.

À mesma hora, parou a pequena oficina de Cesário, algumas obras da construção civil, um armazém e a fábrica da juta. Aqui, muitas mulheres, prevenidas de véspera, nem se deram ao trabalho de aparecer. As demais, sem hesitação, decidiram não pegar. Alta, magra, com o cabelo louro em franja sobre a testa e atado atrás com uma fita (encarnada nesse dia), Lisete ia de grupo em grupo, serena e apagada, falando a umas e a outras. Uma mulher forte e trigueira agarrou-lhe uns instantes o braço:

- Se agora a Maria nos visse, ficava contente, há? - e sorria à lembrança da antiga camarada da fábrica, há meses desaparecida.

- Ela saberá - disse Lisete, sorrindo também com a sua expressão doce e envergonhada.

## 10

Paulo deixou a bicicleta a guardar numa taberna, tomou o comboio e desceu num apeadeiro anterior ao seu ponto de destino. Teria que andar alguns quilómetros a pé, mas a estação devia estar tão vigiada que Paulo julgou de boa prudência fazer assim. Quanta razão tinha viu-o logo ao descer do comboio: embora se tratasse de um mísero apeadeiro de terra sem indústria, uma patrulha da Guarda, no cais junto à coberta cinzenta de madeira, olhava atentamente os passageiros. Os guardas nada perguntavam e nada diziam, mas Paulo sentiu os seus olhos correrem-no da cabeça aos pés numa observação impertinente e hostil. Fora da cancela outra patrulha. Esta parecia não prestar atenção aos que saíam e um dos guardas, de gola aberta, limpava com o lenço o pescoço suado.

Paulo atravessou a terra e meteu pela estrada. Mal tinha andado umas centenas de metros, de surpresa, logo na primeira bifurcação, tropeçou com uma barragem. Quatro guardas de capacete formavam um grupo junto às tabuletas indicativas das direcções e quilometragem. Outros dois estavam no

meio da estrada que Paulo pretendia seguir e falavam com umas mulheres. Pelas bermas e junto dos guardas vários grupos de civis, na maioria camponeses, silenciosos e pensativos.

Era tarde para recuar e procurar caminho pelos campos. Paulo continuou no mesmo passo e parou a pequena distância dos dois guardas que falavam com as mulheres.

- Bem a percebo, não ponha mais na carta - dizia um dos guardas, de grande nariz encarnado. - o que você queria era juntar-se a eles. Para berrar já há que cheguem.

Claro que é isso que ela queria - apoiou o outro guarda com ar importante.

- O senhor nem sabe o transtorno que me faz - disse a mulher numa voz lenta e paciente. - Se não vou lá hoje, não sei quando poderei voltar, e quem ouve o meu homem sou eu, não são os senhores.

- Mesmo que a deixássemos passar, era caminho perdido - disse o do nariz encarnado. - Todo o comércio fechou.

E, olhando em volta com súbita desconfiança, acrescentou em tom sacudido:

- Já disse mais do que devia dizer. Carregando o sobrolho, tomou então uma expressão dura e cruel, a castigar os outros pela inconfidência que ele próprio cometera, e fitou Paulo, como se só agora reparasse na sua presença e lhe perguntasse o que fazia ali.

- Então quer dizer que há lá barulho? - perguntou Paulo numa voz tão tímida como todo o seu aspecto.

O guarda continuou a fitá-lo de rosto carregado. Parecia querer medir a resistência do recém-vindo à ameaça daquele olhar e ler, em qualquer impaciência ou sinal de receio, propósitos proibidos.

- Porquê? Também quer ir para lá?

- Se dão há barulho, quero, pois vivo lá e toda a minha família está lá. Agora, se há barulho, que se arranjem, que eu fico em casa da minha" comadre. Para dores de cabeça já me chega isto - disse Paulo indicando a mão entrapada.

As palavras saíam a Paulo tão naturais como se essa fosse realmente a sua situação. Sem qualquer propósito de representar, sorria com um sorriso malicioso, correspondendo perfeitamente às palavras.

O guarda de nariz encarnado, com ar enojado, afastou a vista de Paulo e olhou para o companheiro.

- Este deixa a família ao fogo e não se rala. Tem-lhe amizade, não há que ver.

O outro acenou afirmativamente com a cabeça, no mesmo ar de aprovação e importância.

- O senhor diz bem - continuou Paulo num tom entre acanhado e matreiro.  
- Mas valem menos três mortos que dois mortos e um vivo, e quem fez este já não faz outro.

- Bom, isso é lá consigo - disse depreciativamente o guarda de nariz encarnado, sentindo-se tão grande como defensor da boa moral que como defensor da ordem e, voltando-se para o companheiro, acrescentou:

- Isto hoje há gente para tudo...

Não sabendo ainda que género de exigências faziam a quem queria passar, Paulo afastou-se alguns passos juntando-se a outros civis na berma da estrada. Entretanto, chegou uma velha com uma cesta, falou com os guardas e estes, depois de espreitarem para a cesta, deixaram-na seguir. Paulo aproximou-se novamente apontando a velha que se afastava.

- Então, pode-se chegar lá sem novidade? - perguntou.

O de nariz encarnado ficou uns momentos apreciando aquele homenzinho baixo, em mangas de camisa e casaco no braço, de boina à espanhola sob a qual espreitava um tufo de cabelos brancos, de olhos tímidos atrás dos óculos, de sobrancelhas chamuscadas, cara ferida e mão entrapada. Depois encolheu os ombros.

- Cagarola é o que você é!

- Eu vou - disse Paulo com ar que aos guardas pareceu submisso e resignado. - Mas sempre gostava de saber, não é?

E, passando os guardas, seguiu pela estrada, esperando a cada momento que o chamassem para lhe perguntarem alguma coisa ou lhe revistarem os bolsos. Mas nada. Os dois seguiram-no com a vista e o de nariz encarnado disse ainda:

- Se não fosse eu não ia, pode você ter a certeza.

- Claro que não ia - confirmou o outro com importância.

## 11

Adiante Paulo encontrou, em sentido contrário ao seu, um homem tocando um burro. O homem parecia atontado de medo, dizia frases desligadas, contou a história de um avião que andara de noite a semear papéis, e Paulo percebeu pelo que ele dizia que as fábricas estavam paradas e tropas por todo o lado. O homem disse-lhe também que logo adiante, numa encruzilhada, estavam guardas fardados e outros à paisana a revistarem todas as pessoas e veículos que pretendiam passar para um lado ou para o outro.

- Só faltou verem as orelhas do burro - disse arregalando os olhos.

O homem seguiu o seu caminho, e Paulo, saindo da estrada, resolveu cortar pelos campos. Conhecia mal a região, mas a distância não era grande e não seria difícil orientar-se. Tomou como primeiro objectivo as casitas brancas de uma aldeia, calculando que, chegando ali, estaria já a pequena distância do ponto de destino e obteria novas informações. Uma coisa que o surpreendia enquanto caminhava era encontrar, num tão belo dia como aquele e numa altura de tão intensos trabalhos agrícolas, os campos completamente desertos. Viam-se paveias e molhos louros de cereal ceifado, mas ninguém a dar seguimento ao trabalho. O objectivo de Paulo era alcançar o centro industrial, estabelecer contacto com os camaradas, obter uma informação, dar indicações conformes com a situação e assegurar a ligação futura. Pelos guardas que encontrara e pela informação do homem do burro, concluía já que a greve operária fora um sucesso, mas, dado que não havia ali organização camponesa nem se preparara qualquer greve camponesa semelhante à do sector de Vaz, Paulo não raciocinava sobre o facto estranho de encontrar os campos desertos, nem o ligava ao movimento do dia.

Ao aproximar-se da aldeiazinha que tomara como primeiro alvo, pensava de si para si se encontraria nas ruas alguém que lhe desse informações, ou se iria entrar numa aldeia tão abandonada como os campos. O carreiro por onde entrou na aldeia e as primeiras quelhas estavam de facto desertas. Mas de súbito desembocou num terreiro onde havia grande animação e movimento. Ali estavam reunidas numerosas pessoas em volta de um camião descoberto. No camião encontrava-se uma vintena de camponeses e camponesas que falavam e riam e a cujas palavras e risos respondiam outros e outras do ajuntamento. No primeiro momento, Paulo pensou tratar-se de qualquer acontecimento festivo, mas logo a seguir viu com surpresa vários guardas armados em volta do camião. Não havia dúvida: os camponeses que riam em cima do camião estavam presos e iam ser levados. Isso não diminuía pelos vistos a sua boa disposição.

- Mariana! - gritou um. - Junta a ceia de hoje à ceia de amanhã para quando eu voltar. Assim ao menos já enche o prato.

Riram em cima do camião e no ajuntamento responderam da mesma forma.

O camião tinha de certeza qualquer avaria no motor, pois um militar estava às voltas corri ele. Entretanto os camponeses continuavam a chalacear e a rir.

- Vão rindo, vão rindo, que talvez chorem! - berrou o cabo da Guarda, vendo-se, pelo tom empregado, não ser a primeira tentativa feita para pôr termo àquele desaforo.

Os camponeses, como se se tivessem ensaiado, obedeceram prontamente à sugestão do cabo e começaram a lamuriar-se e a fingir que choravam.

- Que tristeza esta que não podemos rir!... Ai que não podemos No terreiro soaram novas gargalhadas.

- Sai-vos cara a paródia! - tomou o cabo, vermelho de ira e impotência.

Foi como se tivessem dado ordem para nova cena. Os camponeses presos, em grande alarido e redobrados choros, começaram a gritar:

- Ai que desgraça que já nem podemos chorar! Ai que já não podemos chorar! Ai que não nos deixam chorar!

E o povo continuava a rir. Até ria um rapazote que limpava incansavelmente com um enorme trapo o sangue que lhe escorria do nariz e do rosto horas antes esmagados por uma coronhada.

Ali repetiram a Paulo a história do avião que andara de noite a distribuir e soube que toda a indústria parara na terra para onde se dirigia, que nos campos dos arredores muitos trabalhadores haviam parado logo de manhã, que ninguém trabalhara depois do meio-dia, que muitos camponeses se haviam ido juntar aos operários, mas que agora a tropa não deixava seguir mais ninguém para lá, pois ia por lá um rebuliço dos infernos e que por todo o lado prendiam e espancavam gente.

## 12

O camponês que deu estas informações a Paulo era um velho baixo e magrinho, de cara chupada e enrugada e pequenos olhos encovados e observadores que quase desapareciam na sombra do chapéu. Enquanto conversavam, Paulo foi-o puxando para a extrema do terreiro e perguntou-lhe o melhor atalho para ir ao seu destino sem passar por barreiras de tropa. Justificou essa necessidade com a mesma história que contam aos guardas na estrada: que em de lá e tinha lá a família.

Enquanto Paulo falou, o velho não o largava com os seus olhitos observadores.

Depois de reflectir uns instantes, disse numa voz baixa e pausada:

- O que é preciso é chegar lá sem novidade e lá chegará. Eu mesmo lhe indico o caminho. O meu neto fará o resto.

O velho disse a Paulo para esperar já fora do terreiro, na sombra de' um muro que o ocultava e voltou pouco depois com um rapazinho dos seus 9 ou 10 anos, descalço, esfarrapado e em cabelo. Em passo vagaroso, porque o velho andava com dificuldade, os três cortaram por meio dos campos, dando a volta a



uma colina, sempre encobertos das vistas da estrada pela configuração do terreno e pela vegetação. Assim andaram uns dez minutos. De repente, surgiram-lhes, apenas a umas centenas de metros, a mancha clara e alegre do casario batido pelo sol, onde se destacavam, logo abaixo, as construções amarelas, pesadonas e desajeitadas de uma fábrica e mais longe o vulto vermelho e enorme da praça de touros.

- Vai sempre pela quinta - disse o velho ao rapaz -, e se aparecer o compadre ou alguém lá da casa, diz que sou eu que lhes peço.

E, voltando-se para Paulo, acrescentou:

- Assim vai sair já no meio da terra e evita maus encontros das estradas.

Paulo estendeu a mão ao velho e o velho apertou-lha com inesperado calor, ao mesmo tempo que os olhos se lhe humedecia. "Percebi muito bem que não tens lá família nenhuma, meu rapaz", dizia esse calor e essa comoção. "Se não o percebesse, não faria o que estou fazendo."

- Obrigado, camarada - disse Paulo sentindo o que ia na alma do velho.

Ao ouvir estas surpreendentes palavras, o velho estendeu também a mão esquerda, segurou a de Paulo no meio das suas duas mãos descarnadas, nodosas e trémulas e assim esteve uns instantes emocionado.

- Grande dia este - disse por fim numa voz que tremia como as mãos e, largando Paulo, empurrou-o com gestos precipitados: - Vai, vai, meu filho.

"Grande dia este", pensava Paulo caminhando um pouco atrás do rapazito por entre as árvores de um pomar. "Grande, grande dia."

O rapazito, sempre calado, em passos certos e silenciosos dos seus pés descalços, fê-lo atravessar a quinta e, sem que aparecesse ninguém, conduziu-o até uma cancela que dava para uma ruela da terra, completamente deserta. Aí parou, voltou-se para Paulo e sorriu.

Só então Paulo lhe viu bem a cara: uma cara seca e tostada do sol, com nariz e boca delicados de criança e uns pequenos olhos observadores e compreensivos como os do avô. Paulo estendeu-lhe também a mão e o rapazito estendeu a sua num gesto desajeitado, pois era a primeira vez na vida que apertava a mão de alguém.

"Grande dia este", pensaram os dois.

## 13

Como a casa de Jerónimo era já fora da terra na estrada principal, o que tornava difícil lá chegar sem tropeçar com a tropa para quem como ele não conhecia bem a localidade e arredores, Paulo resolveu dirigir-se primeiro a casa

de Manuel Rato. Sabia ser em frente de um edifício abandonado conhecido pela Fábrica Velha, e António dissera que, perguntando pela Fábrica Velha, toda a gente da terra lhe indicaria.

A ruela pela qual Paulo seguiu era um misto de estrada, azinhaga e rua, onde as casas se alternavam com muros e com rudimentares vedações de quintais. Não se via ninguém e as casas tinham janelas e portas fechadas.

A ruela ia morrer numa rua estreita e comprida com correntezas de casas dum lado e doutro e onde se viam parados vários grupos de pessoas. Só lá muito para o fundo Paulo distinguiu a mancha esverdeada de uma patrulha. De resto tudo estava tranquilo e as pessoas paradas na rua pareciam completamente sossegadas. Paulo escolheu para se dirigir a perguntar pela Fábrica Velha duas mulheres que conversavam no outro lado da rua, um pouco acima do sítio onde desembocara. Mas, quando se encontrava a alguns passos das mulheres, estas voltaram-se para o cimo da rua com súbita animação e, seguindo o seu olhar, Paulo viu a uns cinquenta metros um grande número de pessoas vindo apressadamente no seu sentido. Em poucos segundos, viu essa massa inchar, ocupar toda a largura da rua e engrossar para trás pelo caudal de gente que borbotava de duas travessas.

- Lá vêm eles! Lá vêm eles! - gritaram as mulheres, subindo para os degraus de pedra de uma casa próxima.

A mesma animação tomou os outros grupos que por ali estavam e todos procuraram apressadamente lugar no vão das portas. Olhando novamente a massa de gente que se aproximava ocupando a rua de lado a lado, Paulo fez como os outros e arranhou lugar ao pé das mulheres. Entretanto, do lado contrário, um pouco abaixo, na boca da ruela deserta por onde viera alguns momentos antes, estavam agora vários guardas armados, que de certeza por ela tinham vindo, e, ainda mais abaixo, outros guardas apareceram de uma transversal, seguiram apressadamente e tornaram a desaparecer.

À frente dos manifestantes vinha uma fila de jovens de mãos dadas. Uma rapariga de camisola encarnada seguia um pouco à frente dos seus dois vizinhos e parecia puxá-los, insatisfeita do andamento. Também nessa primeira fila se destacava um homem novo de rosto voluntarioso e cabelo curto como uma escova: dizia qualquer coisa aos que iam a seu lado. e, por mais de uma vez, voltou a cabeça para trás para falar com aqueles que o seguiam. Depois dessa fila de mãos dadas, um grupo numeroso ligeiramente destacado do grosso dos manifestantes, e Paulo reconheceu Jerónimo nesse grupo. Pareceu-lhe mais pálido e mais velho, mas era bem ele e a distância era tão pequena que lhe via o cinzento dos olhos mortícios e a barba irregular e por fazer. Se pudesse dizer-lhe duas palavras, duas palavras que fosse, combinando encontro... Mas já

a frente da manifestação passara, já Jerónimo desaparecera por detrás dos outros, e a multidão de homens e mulheres tomou-se densa, compacta, mais parecendo deslizar pela rua do que caminhar. Aqui e além, como destroço vogando na corrente, um trapo negro na ponta de um pau. Predominava o pessoal operário, mas viam-se largas manchas claras das camisas e blusas da gente do campo. Apareciam também homens e mulheres que, pelo chapéu, pelo penteado, pelos colarinhos, pela pintura do rosto, se via não serem operários nem camponeses. Na massa dos manifestantes, a atenção de Paulo fixou-se numa mulher forte e trigueira. Segurava com um braço de encontro ao ombro um cachopito enfezado e tranquilo e com a mão livre levantava tão alto quanto podia e agitava freneticamente no ar o lenço preto que tirara da cabeça. Os cabelos revoltos escorregavam-lhe pela cara, alguns sobre os olhos, mas ela parecia não os sentir. Berrava sem cessar, congestionada e talvez rouca, continuando a agitar incansavelmente o lenço preto. Paulo não entendia as palavras que a mulher gritava. Mas na força com que segurava o petiz, no vigor do braço levantado, na paixão violenta pintada no rosto, Paulo lia a determinação e a coragem do povo que desfilava, e não conseguia tirar os olhos da mulher até a perder de vista.

O rio de gente parou uns instantes, comprimindo-se mais. De certeza os da frente haviam parado também. Depois retomou o seu curso. Agora aparecia um grande dístico através da rua, preso a dois paus empunhados por uma mulher forte e por um jovem em cabelo. Nesse ponto do cortejo, diferenciando-se dos restantes, os manifestantes caminhavam em filas e dum lado e doutro viam-se cordões de mãos dadas. O rio de gente tomou a parar nesse momento e Paulo viu Manuel Rato apenas a dois passos de si.

Estava com a cabeça descoberta, e a testa poupada ao sol destacava-se pela sua brancura do rosto escuro, ainda mais enegrecido pelo negro do bigode raso. De sobrancelhas franzidas, o rosto crispado, Manuel Rato olhava para a frente, para um ponto indefinido.

Paulo desceu os dois degraus e chamou o camarada. Manuel Rato não ouviu, mas um outro que estava a seu lado chamou-lhe a atenção.

- Tu?! - espantou-se Manuel Rato, mais admirado ainda pela expressão de Paulo, queimado e chamuscado.

Logo o cordão de mãos dadas se abriu para o deixar passar.

- Onde te posso encontrar quando isto acabar? - perguntou Paulo.

- Quando isto acabar?! - repetiu Manuel Rato, e pareceu perplexo e confuso, sem encontrar resposta.

Nesse momento, o cortejo retomou a marcha e Paulo, depois de tentar inutilmente sair da corrente humana, foi por ela arrastado.

Na boca da ruela por onde Paulo viera, lá continuava o grupo de guardas. Ligeiramente recuados, não procuraram intervir. Adiante, noutra transversal, dum lado e doutro, novos grupos de guardas tão-pouco faziam menção de intervir. Por mais de uma vez, Paulo procurou sair do cortejo. Debalde. Na rua estreita e afunilada, os manifestantes varriam literalmente as paredes.

- Que imprudência, amigo - repetiu Manuel Rato, abanando a cabeça descontente, a ampla testa clara distendida e o rosto escuro contraído e soturno.

Apesar da atenção para com Paulo e de tudo quanto se passava em volta, dir-se-ia imerso e subjugado pela lembrança de qualquer distante pesadelo. Mas quando, noutra transversal, se repetiu a cena dos guardas parados sem intervirem, Manuel Rato pareceu voltar a si.

- Estão a encurralar-nos - disse a Paulo. - Tens por força de sair daqui.

Como para dar razão a estas palavras, ouviram-se lá para a frente do cortejo vozearias, gritos e clamores. O cortejo voltou a parar. Nesse momento, ouviram-se também para trás gritos e clamores e, passados alguns momentos, uma súbita pressão da massa de gente pareceu acusar, como em ondas, qualquer acontecimento anormal na retaguarda.

- Tens de sair - repetiu Manuel Rato. - Tu não podes ser preso.

Os outros manifestantes também se iam apercebendo da situação: o cortejo estava sendo envolvido pela tropa.

- Não te separe de mim - avisou Manuel Rato.

E disse algumas palavras a dois dos seus vizinhos, um rapaz de camisola azul de pescador e um homem de chapéu preto. Estes, por sua vez, procuraram romper mais para o centro do cortejo, e desapareceram uns instantes de vista. Entretanto o cortejo retomou lentamente a marcha. Lá para a frente continuava a ouvir-se um constante clamor e o rapaz da camisola e o homem do chapéu preto voltaram a aparecer, e houve um redemoinho no cortejo, e desapareceram os cordões de mãos dadas, e o dístico, empunhado pelo jovem em cabelo e pela mulher forte afastou-se oscilante do sítio onde ia Paulo, e este viu-se rodeado de caras novas.

- Não te separe de mim - repetiu Manuel Rato. - Temos de romper.

Enquanto caminhavam, falava a um e a outro e ia puxando Paulo para a beira exterior do cortejo. Depois tudo se passou com a velocidade de um relâmpago. Ao passarem por uma ruazita, Manuel Rato, o rapaz da camisola azul, o homem do chapéu preto e mais um numeroso grupo de manifestantes

precipitaram-se sobre a guarda. Paulo precipitou-se também, sentiu que os camaradas da frente tinham aberto caminho, passou de certeza o sítio onde há segundos estavam os guardas, mas logo, de surpresa, viu diante de si uma farda cinzenta e um rosto jovem e hesitante que o fitava sob o capacete. Segurou um braço que se erguia, procurou assentar uma joelhada no adversário, mas sentiu que ambos eram empurrados brutalmente para o lado e recebeu um violento choque na fronte. Atordoado, viu um outro guarda precipitar-se para ele, procurou ainda romper, ergueu o punho, mas outro golpe, este na nuca, derrubou-o e tudo ficou escuro por uns instantes. Depois teve uma vaga noção de correrias a seu lado, de gritos que pareciam muito distantes e de alguém que o levantava pelos sovacos e o amparava e uma voz ofegante e velada que lhe soprava junto do rosto:

Vá, amigo, faz um esforço, faz um esforço.

## 15

Paulo amparou-se nos braços que dum lado e doutro se lhe ofereciam e, em passos incertos, deixou-se conduzir, nada mais conseguindo ver, através da humidade quente e vermelha que lhe cobria as pálpebras, do que a luz dolorosamente intensa do Sol. Um grande silêncio parecia envolver os sítios por onde passavam apenas cortado pela respiração ofegante, muito próxima, daqueles que o levavam.

- Vá, amigo, procura subir - disse uma voz mesmo junto aos seus cabelos.,

Ajudaram-no a passar um parapeito de pedra e sentiu-se empurrado, agarrado pelos pulsos, suspenso no ar, enquanto outras mãos lhe tacteavam as pernas e os pés. Olhando para cima, viu pela primeira vez a cara daquele que o segurava, uma cara desconhecida encharcada de suor.

- Larga! - disse uma voz em baixo.

A cara ficou acima, cada vez mais acima e desapareceu. Novos braços o ampararam e ouviu a voz bem conhecida de Manuel Rato mesmo junto de si:

- Segura desse lado.

Assim o levaram, tropeçando em restolhos e parando de quando em quando a descansar na frescura das sombras. Por fim deitaram-no cuidadosamente dentro de um caniçal e Paulo ouviu passos que se afastaram e voltaram a aproximar-se e sentiu que lhe passavam um lenço molhado pela testa, pelos olhos, pelo rosto. Os passos voltaram a afastar-se e a aproximar-se e alguém tomou a lavar-lhe a testa e os olhos. Só então Paulo sentiu uma dor. aguda numa das fontes e estremeceu fugindo ao lenço molhado. Dois homens murmu-

raram qualquer coisa em voz baixa. Depois pousaram-lhe o lenço molhado sobre a testa, aconchegando-o bem, e de repente as mãos que o faziam ficaram quietas e suspensas.

- Ouviste? - perguntou a voz de Manuel Rato. Os homens pararam todos os movimentos e por uns instantes só se ouviu um breve bulir de folhas. Logo soaram longe uns estalidos secos e espaçados.

- Tau... tau... tau...

Os homens suspenderam a respiração. Voltou a ouvir-se apenas um leve e irregular bulir de folhas. Murmuraram qualquer coisa mais e Manuel Rato afastou-se em passos apressados.

Quantas horas passaram? Paulo sentia-se tomado por uma invencível moleza que o impedia de pensar e falar. Dormitava aos bocados, num sono pesado, ao mesmo tempo doloroso e repousante. tinha consciência de estar ferido, mas não saberia dizer como e onde o haviam ferido. Quando abriu os olhos, viu a seu lado, sentado no chão, um desconhecido de chapéu preto, alisando cuidadosamente uma cana verde com urna navalhita. De quando em quando, esse desconhecido tirava-lhe o lenço da testa, afastava-se e voltava pouco depois para lhe colocar novamente o lenço ensopado de água fresca. Por vezes, Paulo como que acordava sobressaltado, procurando erguer-se. E via então o outro suspender o movimento da navalhita e olhá-lo de lado com atenção. Uma vez, ao acordar, pareceu-lhe o ar mais sombrio e fresco. O camarada não estava ali. Essa ausência deu-lhe uma súbita sensação de insegurança e soergueu-se com esforço. Lembrou-se então com toda a nitidez da manifestação, do encontro com Manuel Rato, da luta contra a Guarda a abrir caminho. Entretanto, o camarada do chapéu preto voltou e, vendo-o soerguido e encostado às canas, olhou-o com curiosidade.

- Temos ainda de esperar - disse numa voz muito distinta.

## Capítulo XIV

### 1

O movimento surpreendeu toda a gente. Surpreendeu os seus organizadores, que não contavam com tão pronta e ampla aceitação das palavras dadas. E surpreendeu as autoridades, que não haviam acreditado nos boatos de greve chegados de todo o lado através da rede de informadores. Se, na noite de 17 para 18, haviam ido prender Gaspar a sua própria casa, não fora tanto por receio da greve, como para pôr fim a tais boatos, que várias informações atribuíam a Gaspar. Depois, no dia 18, aqueles mesmos que na véspera desdenhavam da possibilidade de uma greve, julgaram tratar-se do prólogo de uma insurreição. Daí os apelos ao governo das autoridades locais apavoradas e as impressionantes forças enviadas para a região.

Querendo punir exemplarmente todos os que participaram no movimento, os fascistas prenderam milhares de pessoas na tarde do dia 18. Prenderam a eito, sem fazerem selecção, como um monstro furioso dando sapatadas no escuro. Homens, mulheres e crianças, operários e camponeses, artesãos e comerciantes, todos quantos foram encontrados nos locais das manifestações, foram cercados, fechados em círculos de espingardas e metralhadoras e assim mantidos, enquanto um vaivém de camiões os ia levando para a capital. Na maior manifestação, aquela em que Paulo fora arrastado, a tropa, depois de cercar os manifestantes e depois de alguns recontros com tiros e espadeiradas, fê-los entrar na arena da praça de touros e daí os acartou durante a noite e na manhã do dia seguinte.

Logo no dia 19, as autoridades se deram conta do erro cometido. Eram tantos os presos que a polícia se sentia incapaz de diferenciar os cabecilhas numa massa que, em alguns casos, abarcava quase toda a população de pequenas aldeias e, noutros casos, quase todos os operários de fábricas e oficinas. Para agravar as coisas, em vários locais da região tiveram lugar manifestações de protesto contra a repressão. E assim, na noite de 19 para 20, foi libertada a grande maioria dos presos. Ficaram apenas uns trezentos, afirmando a polícia que por serem “suspeitos”, mas na verdade tão suspeitos com os demais. Tão má foi a pontaria que, entre os libertados, se encontravam quase

todos os responsáveis do Partido na região: Vicente, Pereira, Cesário, Sagarra, o da Barrosa, Lisete e muitos outros.

Manuel Rato e Marques escaparam de ser presos. Manuel Rato porque quando abrisse caminho a Paulo, a Guarda desistira de o perseguir, vendo desde logo o erro de perseguir um pássaro, deixando aberta a gaiola onde se encontravam todos os outros. Marques, Porque ficara essa tarde em casa, fechado no quarto, passeando nervosamente de um lado para o outro. Resolvera não sair para se alhear por completo dos sucessos e não tomar parte daquilo que se lhe afigurava ir ser trágico malogro, que se lhe afigurava ir ser uma tragédia. Foi só à tarde que a mãe, regressando a casa, lhe disse ter havido uma greve na Juta e estar muito Povo reunido no centro da cidade

- E a mãe que foi lá cheirar? - gritou Marques subitamente exaltado.

A velha olhou o filho com os seus dois grandes olhos desconfiados e, persignando-se três vezes, saiu do quarto. Voltou ainda à porta e, observando novamente o filho, tomou a persignar-se. Marques percebeu bem que a mãe julgara trazer-lhe uma boa novidade e que não compreendia nem porque ele ficava em casa nem porque tão manifestamente desaprovava o movimento. Ao anoitecer, contra o que projectara, Marques saiu. Soube então das greves, das manifestações e de dezenas de prisões na cidade. Acerca do que se passava na região, as notícias eram muito confusas. Havia quem falasse de uma revolução e muita gente afirmara que estalara um movimento em Lisboa.

Só no dia 20 à noite Paulo conseguiu chegar a casa de Vaz, onde o julgavam já preso. Juntando às marcas das queimaduras, Paulo apareceu com a cabeça ligada, febril e ainda atontado pelos golpes recebidos. Nessa mesma noite chegou António com boas notícias e no dia 21 Vaz regressou depois de ter estado com Cesário e José Sagarra, já libertados. Assim os camaradas puderam manter a direcção da luta.

Uma semana depois do movimento, apareciam em toda a região novos manifestos, em várias fábricas Comissões pediam à gerência para transmitir às autoridades a reclamação dos trabalhadores de que fossem libertados os seus companheiros ainda presos e o mesmo era feito em vilas e aldeias junto das autoridades locais. Em tais condições, manter a prisão de “suspeitos”, contra os quais nada de especial se conseguia provar, torna-se coisa sem sentido, servindo apenas de fermento para novas lutas. Assim o compreendeu o governo, e no dia 11 de Junho foram libertados os “suspeitos”. Entre eles Henriques, a rapariga da camisola encarnada e Jaime, Zé, o camarada gordo da Cicol. Dos milhares de presos ficaram apenas três: Gaspar, em cuja casa a polícia havia encontrado imprensa clandestina e viria por isso a ser condenado a vários anos; um indivíduo contra quem havia mandato de captura por



qualquer delito; Jerónimo, dadas as suas prisões anteriores. Em casa de Jerónimo, na busca aí passada, nada fora encontrado. A todos os interrogatórios, Jerónimo, olhando calmamente os agentes com os seus olhos mortiços, respondeu sempre que “tinha ido com os outros”. Interrogado Gaspar acerca de Jerónimo, Gaspar, que se negara a prestar quaisquer declarações sobre a actividade do Partido, dissera que de facto conhecia Jerónimo de vista, mas nunca lhe falara e nem sequer sabia que já estivera preso por razões políticas.

Uma madrugada foram buscar Jerónimo à cela onde se encontrava incomunicável e, num carro celular, levaram-no à polícia.

- Sais esta manhã em liberdade, - disse-lhe o investigador numa voz rápida e seca. - Mas não julgues que nos comeste as papas na cabeça. Podes lá dizer aos camaradas que o último a rir é quem rirá mais.

De beijo descaído, os olhos cinzentos fitando distraidamente os movimentos das mãos do investigador sobre o tampo da secretária, Jerónimo pareceu desinteressado das ameaças.

- Hoje são três? - perguntou quando o agente acabou de falar.

- São, são três. Já tens encontro marcado? - disse o agente com um riso trocista tão seco como a voz.

- Não - respondeu Jerónimo na sua voz arrastada. - No dia três faz anos um ganapo que lá tenho e aproveito estar em Lisboa para lhe comprar qualquer coisita. Até calhou bem.

## 2

No dia 19, apresentaram-se ao trabalho todos quantos estavam em liberdade, mas, em muitos casos, quer em fábricas e oficinas, quer nos campos, a faina foi reduzida, dado o elevado número de presos. No dia 20, apesar de ficarem ainda presos trezentos trabalhadores, o trabalho recomeçou normalmente em toda a parte. Apenas a Cicol ficou parada. Não porque os trabalhadores se não apresentassem, senão porque o governo resolvera o encerramento da fábrica para punir o gerente que mandara desligar os motores, “colaborando assim com os elementos perturbadores da ordem e dando mau exemplo de sentido de responsabilidade da direcção”. Mas também tal medida não pôde ser mantida. Coma fábrica encerrada e os operários a quererem trabalhar, juntando-se todas as manhãs aos portões, onde se mantinha numerosa força da GN'R, e dispersando depois pelas ruas, por onde deambulavam o dia inteiro, criava-se novo factor de agitação, que as autoridades estavam interessadas em eliminar. Assim, quando nas fábricas de Vicente e de Pereira os trabalhadores

suspenderam dez minutos o trabalho como protesto contra o encerramento da Cicol, as autoridades entenderam por bem cortar tais pretextos de agitação e ordenaram a reabertura da fábrica. Os trabalhadores consideraram isto mais uma vitória, e um entusiasta deitou três foguetes no pátio, mesmo nas barbas da Guarda. Foi despedido por isso, mas, tal como dias depois havia de suceder com Jaime, a luta dos seus companheiros obrigou a gerência a readmiti-lo.

Ainda no mês de Maio, tanto nos campos como nas fábricas e oficinas, registaram-se apreciáveis aumentos de salários e por todas as terras da região apareceram géneros que há muito faltavam. Em todos os casos, era dito que tais medidas só eram possíveis com ordem nas ruas e com espírito de cooperação entre as classes e entre o povo e o governo e que, a verificarem-se mais perturbações como a do 18 de Maio, não poderiam ter lugar ou manter-se as melhorias. Os trabalhadores e a população em geral sorriam dessas razões, pois estava à vista que só em virtude do 18 de Maio tais concessões haviam sido alcançadas.

Significava isto que as autoridades se tivessem conformado com tão completa derrota? Decerto que não. Os fascistas e os patrões em geral compreenderam bem o 18 de Maio como um sério aviso e consideraram necessidade imperiosa descobrir e aniquilar a organização do Partido na região. A organização tinha-se defendido habilmente, como um estado-maior que se fundisse com os seus próprios soldados. As prisões em massa haviam coberto completamente os responsáveis. Estes não escapariam porém a uma investigação em profundidade, que os colhesse desprevenidos.

Assim caiu sobre a região uma chuva de polícias disfarçados, vigiando indivíduos, fazendo rondas nocturnas à caça dos distribuidores de manifestos, procurando nos locais de trabalho informações do desenrolar dos acontecimentos, dirigindo investigações levadas a cabo pelos próprios patrões e autoridades locais e batendo sistematicamente todas as vias e meios de transporte à caça de elementos do aparelho clandestino.

### 3

Manuel conduzira Paulo para uma cabana de pescadores ribeirinhos. Era família demasiado grande para o pouco espaço (uma velha, um casal já idoso, três filhos adultos e uma criança), mas todos receberam com boa vontade o ferido, que, no seu próprio bote, lhes trazia um dos filhos adultos, o Renato, precisamente o rapaz de camisola azul que ajudara a romper a barragem da Guarda.

Havia ali, reservada à água, em sítio ermo ligado ao resto do mundo pelo rio, meia dúzia de cabanas, encostadas umas às outras como a amparar-se mutuamente na solidão e na miséria. Ali não se podia guardar segredo. Na manhã seguinte todos os vizinhos vieram ver o ferido e saber do que se tratava e saíram depois da cabana com grandes gestos, exclamações e comentários. Naturalmente atribuíam à Guarda não apenas o ferimento na cabeça, mas a mão entrapada e as chamuscadelas bem visíveis no rosto de Paulo. Rodeavam Renato, obrigavam-no a descrever vezes sem conta a manifestação, a luta com a Guarda, o transporte de Paulo. E via-se bem nos acenos aprovativos dos mais velhos, nas exclamações exaltadas das mulheres, no sorriso das raparigas e nas atitudes solenes das crianças, que o pequeno povoado aprovava a conduta de Renato e o olhava como um herói subitamente revelado. Renato voltou à vila a saber notícias e, quando voltou dizendo que o povo fora encurralado na praça de touros e levado depois para Lisboa, aumentaram as exclamações e comentários.

Na manhã do dia seguinte, Paulo procurou levantar-se da cama improvisada, pois, no meio da modorra, lembrava-se dos cuidados em que deviam estar os camaradas e dos prejuízos da sua ausência para a continuação da luta. Cego por tonturas e vertigens quando em pé, teve de deitar-se novamente. Manuel Rato não saiu da sua beira. Mudava-lhe os pachos de água fria com vinagre na cabeça magoada, ele próprio lhe servia a sopa ou o café que os donos da casa ou os vizinhos traziam, perguntava de quando em quando como se sentia e deixava-se ali ficar, sentado, o rosto contraído, olhando em silêncio.

Depois da tragédia de Vale da Égua, Paulo não pensava com tranquilidade num futuro encontro com Manuel Rato. Fora ele o instigador da luta dos pequenos proprietários dos pinhais, animara directamente Manuel Rato, a companheira e a filha, e, por isso, por mais justas razões que chamasse ao espírito, não conseguia afastar um vago mas doloroso sentimento de culpa pela morte de Isabel. Ao pensar num futuro encontro com Manuel Rato, imaginara sempre que este o olharia com uma certa reserva e censura.

Sucedera o contrário. Não só Manuel Rato o salvara de uma prisão. Certo como agora o acompanhava com solicitude fraternal. Nas longas horas de silêncio, que, nesse dia e nessas duas noites, esteve à sua beira, Manuel Rato nem só um momento se deixou de lembrar de Vale da Égua, da sua casita, da preparação do movimento, da distribuição do manifesto com a companheira e a filha e daquele terrível dia de pesadelo que lhe roubara a filha querida. À beira de Paulo contuso e febril, Manuel Rato lembra tudo isso, e as recordações são tão dolorosas que por vezes as tem de afastar num violento esforço, pois tem a

ideia de que, se o não fizer, lhe estalará a cabeça e o peito. Mas nem um só instante lhe vem ao espírito uma recriminação contra Paulo. Paulo e Vaz são no coração de Manuel Rato dois camaradas particularmente queridos, porque um e outro a conheceram e a estimaram. Por qualquer razão estranha e infundada, Manuel Rato pensa mesmo ter sido Paulo o autor dos versos em homenagem à filha morta e sente-se enternecido por essa suposição.

No dia 19 ao anoitecer, Paulo, que dormitara todo o dia, conseguiu levantar-se e dar alguns passos. Aquela tenaz que lhe apertava a cabeça tinha afrouxado e aquela nuvem que lhe pesava sobre os olhos quase desaparecera. Quis partir imediatamente, mas Manuel Rato dissuadiu-o disso. Pouco adiantaria partir. Àquela hora não conseguiriam já apanhar transporte e Paulo não estava de certeza em condições de andar a pé muitos quilómetros.

Na manhã seguinte, ao dirigirem-se ao bote, onde Renato os levaria, toda a gente das cabanas os acompanhou. Aquela estada ali de Paulo e Manuel Rato era um importante acontecimento na vida parada, de miséria, sem saída, daquela gente. Os pescadores aprenderam naqueles dias que no mundo e bem perto se lutava por uma vida melhor. Um pescador dentre eles, Renato, com a presença dos seus amigos, mostrava-lhes a possibilidade de uma nova conduta. Os homens despediram-se com gravidade dos dois desconhecidos e várias mulheres levaram aos olhos os dedos ou a ponta da saia.

Manuel Rato acompanhou Paulo à camioneta e tomou o comboio para regressar à terra. Preocupava-o a situação que iria encontrar, com a prisão quase certa dos camaradas responsáveis, e imaginava o que poderia fazer para estabelecer contacto com as restantes organizações e poder assim dar urna informação correcta no encontro que marcara com Paulo dois dias depois. Mas, quando chegou à terra, já Pereira e Vicente haviam sido libertados e já Pereira lhe mandara um recado a casa para que o procurasse.

Além desta boa notícia, Manuel Rato encontrou outra: uma carta da companheira escrita numa letra dificultosa. Dizia estar de saúde, queixara-se da colheita e terminava com estas extraordinárias palavras:

“Durante muitos anos, mesmo quando cá não estavas, por nada do mundo abandonaria a casa e o que é nosso. Agora que faço aqui? Leva-me de vez para a tua companhia. Em tudo te quero ajudar. Quem tinha menos obrigação deu a vida pelo bem dos outros. Pelo que ela morreu, devemos nós viver.”

No campo de concentração improvisado onde estivera no dia 19, Sagarra encontrara-se com quase todos os camaradas da sua organização. Encontram também muitos camponeses de várias outras terras e logo combinara com eles visitá-los. Assim, quando foi libertado na noite seguinte, levava já marcados encontros com todos os sectores e novas e amplas possibilidades de organização. Mas, para acorrer a tudo, como podia ele pegar a trabalhar de sol a sol? E, não trabalhando, como dar a sua parte para a casa e como sustentar-se? Dantes, de acordo com o irmão mais velho, era frequente perder de quando em quando um quartel para poder ir a um lado ou outro. Agora isso não era suficiente. Só os encontros combinados naquele dia de prisão lhe tomariam, com as deslocações necessárias, toda uma semana. A situação era embaraçosa e tanto mais embaraçosa quanto se sentia acanhado de a colocar ao irmão e até ao próprio Vaz, a cujo encontro não tinha tido tempo de aparecer no dia 20, mas a cujo recurso voltaria no dia 21.

No dia 21, Vaz apareceu. Olhando impressionado o abatimento físico do camarada, Sagarra deu-lhe urna pormenorizada informação acerca do movimento e falou das novas possibilidades de trabalho.

- Dentro de um mês - concluiu -, teremos o dobro dos membros do Partido que tínhamos antes do movimento.

Ao expor isto a Vaz, não lhe ocorreram sequer as dificuldades da sua vida pessoal, a impossibilidade de ao mesmo tempo trabalhar profissionalmente como jornalista e ir a todos os lados onde em necessário ir. Mas o que agora não ocorria a Sagarra ocorreu a Vaz. Demasiado sabia este que há tarefas que só pode desempenhar quem lhes consagre todo o seu tempo e mesmo assim com tão grande esforço que até as saúdes de ferro se ressentem.

- Se o Partido estivesse interessado em que passasses aos quadros de funcionários, estarias tu pronto para isso?

José Sagarra ficou uns instantes silencioso, como desorientado.

- Poucos conhecimentos tenho - disse por fim. - De certeza há camaradas com mais condições do que eu.

- Não é isso que pergunto - insistiu Vaz. - o que pergunto é se estás pronto para deixares toda a tua vida presente, deixares terra e família e passares a viver exclusivamente para o Partido.

José Sagarra continuou a hesitar.

- Bom, amigo. A dificuldade é que não seria capaz, pois não tenho a tua preparação e a dos outros camaradas. Quanto a vontade, já sabes.

E no rosto carregado e sardento, os olhos puros voltados para o camarada confirmaram as palavras.

Separaram-se. E só então veio novamente ao espírito de José Sagarra que, para executar as suas tarefas imediatas nos dias seguintes, não podia ir trabalhar, nem sabia que dizer em casa, nem sabia como comer. Por mais que pensasse, não via como sair da dificuldade, pois não lhe ocorria sequer a ideia de poder deixar de ir aonde os interesses do Partido o chamavam.

À noite, ao chegar a casa, falou com o irmão mais velho e disse-lhe que tinha umas coisas a tratar no dia seguinte e não podia ir trabalhar. O irmão era também homem de semblante carregado e de poucas falas, Olhava para o chão e ia acenando com a cabeça enquanto o escutava. No fim não fez qualquer comentário.

Na madrugada seguinte, ao saírem os dois de casa, o irmão para o trabalho no campo, José para um encontro distante, o irmão disse-lhe:

- Vem comer à mesma, ouviste? José Sagarra não foi comer. Voltou já noite alta e tornou a sair ainda de noite, para evitar falar com o irmão. Nada comeria nesse dia e novo dia igual o esperava.

## 5

Ao saber que tinham regressado em liberdade os camaradas presos no dia da greve, Marques procurou Cesário. Encontrou-o radiante, ce4ndo com a companheira e Lisete. Os sogros e alguns vizinhos também ali se encontravam e todos comentavam alegremente o sucesso do dia.

- Senta-te disse Cesário, oferecendo uma cadeira ao carpinteiro. - Ainda bem que vieste. Receava que estivesses preso.

Estas palavras foram ditas sem ironia, mas Marques sentiu-as como alusão ao seu desinteresse pelo movimento. Sentou-se calado e carrancudo.

- E isso, tal qual! - disse o sogro de Cesário, continuando a conversa. - Se nada se faz, nada se alcança. Sempre o disse

Claro que não o dissera. Pelo contrário. Nos dias anteriores ao movimento, ao aperceber-se de que alguma coisa se preparava e de que o genro e a filha mais nova estavam metidos nisso, fizera tudo para os dissuadir. Agora, depois do sucesso e na alegria da libertação dos dois, esquecia os seus juízos anteriores.

- Sempre te tenho dito - acrescentou olhando Lisete com vaidade, sempre te tenho dito que esses sujeitos não vão com tretas. Agora tomarão conta de mim.

Silencioso, Marques ouviu durante algum tempo a conversa. Todos falavam à vontade diante dele, pois sabiam bem quem ele era. Mas, pela posição que tomara em relação ao movimento e sobretudo por não haver nele

participado nem haver sido preso, sentia-se incapaz de tomar parte na conversa e na alegria geral. Além disso parecia-lhe um tanto ridículo tanto barulho por tão pouca coisa. Haviam estado dois dias presos e já queriam passar por heróis. Acabou por sentir estar ali a mais e, dado o seu absoluto silêncio e o seu ar fúnebre, tão em contraste com o ambiente, os outros começaram a senti-lo também.

Marques levantou-se.

- Vinha só ver se sempre era verdade terem-te largado - disse a Cesário num tom sombrio.

E, despedindo-se secamente de todos, abalou.

Cesário acompanhou-o até à porta, sorridente e de bom modo. "Como vês - dizia o sorriso e o modo de Cesário -, as coisas correram melhor do que julgavas."

- O Henriques ainda lá ficou - disse Cesário à despedida. - Alguma coisa faremos para o pôr cá fora. Amanhã ou depois temos de conversar, não te parece?

Cesário ficou de procurar Marques à hora do almoço, mas não apareceu. Marques foi esperá-lo à saída da oficina e notou logo pela cara do amigo que havia novidade.

- Esteve cá o Vaz - disse Cesário. - Qualquer dia volta e então falará contigo.

- Qualquer dia, quando? - Perguntou Marques. E os olhos inteligentes fixos no amigo procuravam adivinhar alguma coisa por detrás das palavras.

- Não marcou - disse Cesário numa voz que a Marques pareceu embaraçada. - Quando vier, logo to digo.

A verdade é que Vaz, depois de ser informado da atitude de Marques antes do movimento e particularmente da diligência junto de Henriques na própria manhã do dia 18, dissera a Cesário que, quando voltasse no sábado à noite, o procuraria só a ele e que entretanto exporia superiormente o caso de Marques.

Sábado à noite voltou e, acompanhado de Cesário, foi Procurar Marques.

Sentado à sua pequena mesa, Marques estudava. Ficou visivelmente satisfeito por ver Vaz e mais satisfeito pelo facto de os camaradas, vindos de surpresa, o terem encontrado a estudar à noite. "Podeis ver como emprego o meu tempo com utilidade", dizia a sua expressão. Mas logo, em meia dúzia de minutos, se esvaiu essa satisfação. Vaz sentou-se fatigado, as narinas abertas respirando com dificuldade, e estendeu um papel a Marques.

Marques leu. Era uma resolução. Considerando a actividade indisciplinada de Marques e a sabotagem que tinha exercido em relação à preparação do

movimento (citava apenas a conversa com Henriques), censurava Marques e determinava que fosse afastado do trabalho de direcção regional ou local.

Extremamente pálido, as mãos ligeiramente trémulas, os olhos faiscando através das lentes, Marques restituiu o papel. Por duas vezes fez menção de falar, mas ficou silencioso como se se arrependesse das palavras que ia proferir. Por fim, disse numa voz que se esforçava para dominar, mas que saía indignada e comovida por entre os lábios lívidos:

- Quero dizer que considero injusta essa decisão e considero completamente anormal que se tome tal decisão sem ouvir primeiro o interessado.

Parou, fez de novo menção de acrescentar alguma coisa, mas disse apenas:

- É tudo.

Cesário também estava comovido. Tinha concordado com a decisão, quando Vaz a comunicara. Mas, nesse momento, lembrava-se de que Marques era o mais velho e conhecido camarada da cidade, que já estivera preso e se portara bem e que fora ele próprio que o atraía à luta e o filiara no Partido. E não teria razão ao dizer que o deveriam ter ouvido primeiro?

Vaz conservava-se impassível e foi com voz calma que falou.

- Se quiseres escrever ao Comité Central, podes fazê-lo. Entretanto, não será difícil encontrar para ti uma outra tarefa.

Seria talvez de esperar uma explosão de cólera do carpinteiro. Ficou porém calado e era evidente que o fazia porque temia o que pudesse dizer. Vaz e Cesário levantaram-se.

- Camarada - disse Vaz. - o teu futuro no Partido está nas tuas próprias mãos.

Um sorriso irónico passou pelos olhos inteligentes e pelo rosto pálido e contraído de Marques. De novo moveu os lábios e de novo os cerrou em silêncio. Apenas à despedida disse a Vaz:

- Tens razão para estar contente. Conseguiu o que querias,

## 6

Vaz passou a noite em casa de Cesário e de madrugada saiu para ir encontrar-se com Afonso na estação seguinte à da cidade. Afonso tinha sido proibido de ir à terra e, para este encontro com Vaz, fora-lhe indicado por Fialho o comboio que devia tomar. Nos últimos tempos, Vaz não conseguia fazer de bicicleta marchas apressadas e em quase todas as subidas se tinha de apear. Mas, como saíra com bastante tempo de casa de Cesário, chegou à estação antes da hora do comboio.



A manhã estava enevoadada e morna. Deserto o largo da estação. Vaz sentou-se à espera numa pilha de madeira. Passados minutos, o comboio chegou num estardalhaço de ferraria velha. No estranho silêncio que se seguiu, Vaz viu sair da estação um casal de camponeses: ela com uma cesta, ele com duas sacas de retalhos coloridos. Não estavam decerto contentes com a distribuição dos volumes, pois o homem pegou na cesta e deu uma saca à mulher e depois tomou a parar e trocaram as sacas, para logo adiante voltarem à primitiva, ele com as sacas, ela com a cesta. Nesse momento o comboio apitou e partiu. À porta da estação apareceu um ferroviário, que olhou para um lado e para outro e voltou para dentro. “Decerto Afonso está esperando que saia toda a gente”, pensou Vaz. Então Vaz olhou para o outro lado do largo e viu o casal de camponeses novamente debruçados sobre os volumes e um rapaz com um embrulho vindo pela estrada. Decidiu então ir certificar-se ao cais de que Afonso não viera, mas, ao levantar-se e ao olhar novamente para o lado da estrada, viu, já a uns vinte passos, o rapaz do embrulho e logo o reconheceu. Era Afonso. -

- o Fialho não te disse para vires de comboio? - perguntou.

- Eu vim - disse Afonso num tom de impaciência e ironia que Vaz lhe notara pela primeira vez quando dias antes lhe dissera que tirasse o sentido de Maria. - Saí pela cancela.

Os olhos claros de Vaz fixaram um instante com severidade o camarada, mas Vaz não disse mais nada sobre o assunto e seguiram os dois conversando pela estrada, afastando-se da cidade. Tinham andado um bom quilómetro, passou por eles uma furgoneta escura na direcção da cidade.

- Ainda agora passou para o outro lado - disse Vaz.

- Não é a mesma - respondeu Afonso.

Adiante separaram-se. Afonso devia tomar uma camioneta nessa mesma estrada e Vaz seguiria noutra direcção de bicicleta.

- Vê bem se és seguido - recomendou Vaz.

- Não te dê cuidado.

Vaz seguiu de bicicleta. Muitos quilómetros adiante passou-lhe à frente uma furgoneta escura que lhe pareceu a mesma de há pouco. Apeou-se da bicicleta e escreveu o número da matrícula da furgoneta. Passada uma hora, já relativamente perto de casa - aí a umas três léguas - voltou a encontrá-la num pequeno povo. Estava parada e sem ninguém.

Vaz já não seguiu direito para casa. Cortou à Primeira encruzilhada, meteu por atalhos e estradas secundárias e deu uma volta tão grande que, ao chegar a casa se dirigiu directamente ao quarto e se deixou cair em cima da cama, sem forças para dizer uma palavra à companheira.

Sentada na borda da cama, Rosa olha-o séria e preocupada. Apesar de o dia estar quente, Vaz queixara-se de frio e, incomodado pela luz e pelo ruído, fora deitar-se no quarto em penumbra. Por mais de uma vez o viu fechar os olhos e, quando julgava que ele ia finalmente adormecer, via-o abrir de novo num repente os olhos espantados, com uma expressão convulsionada e dolorosa, por vezes com um estremeção violento de todo o corpo, e perguntar: “Hã?” ou “o quê”, como se algum facto espantoso ou algum ruído infernal se tivesse passado ou ouvido naquele quarto silencioso. Rosa pousava-lhe então os dedos no rosto ou na testa húmida e fria.

- Que tens? Que sentes? Vaz perdia logo aquela expressão de espanto e sofrimento e, fitando Rosa com o seu ar sereno habitual, respondia:

- É estranho. No próprio momento em que adormeço, parece-me ouvir um grande estrondo e cair desamparado.

- Vê se dormes, amigo. Estás esgotado, é o que é.

Antes porém que Vaz conseguisse adormecer a cena repetiu-se várias vezes. Agora, quando retomava consciência de depois de num sobressalto abrir os olhos espantados, fitava a companheira e sorria num sorriso meigo e melancólico, que era novo nele. “Vê este disparate”, parecia dizer esse sorriso, a pedir desculpa. O certo é que sofria.

Acordou ao entardecer, de uma palidez de cera e encharcado em suor. Durante o jantar voltaram a falar no seu estado de saúde e Rosa insistiu em que devia repousar alguns dias ou pelo menos reduzir a actividade durante uns tempos até se restabelecer.

- É má altura para isso - replicou Vaz. - A greve abriu novas possibilidades ao nosso trabalho e temos que aproveitá-las.

- E se caís à cama? - perguntou Rosa. - Depois não fazes muito nem pouco e o Partido tem de passar sem ti.

Os olhos fixos e serenos de Vaz fitavam impassíveis a companheira, não se percebendo se agradecendo os cuidados, se censurando a incompreensão.

- Sei haver quem pense - disse numa voz calma e grave - que a saúde dos militantes se deve poupar com vistas ao futuro, com vistas aos grandes combates, que nos esperam. Mas se hoje todos assim pensassem, nunca chegaríamos a esses desejados grandes combates, porque para chegar a eles, é condição indispensável a vitória nos combates mais pequenos que hoje se travam.

- Nem tanto ao mar nem tanto à terra - disse Rosa. - Que hoje é preciso um grande esforço ninguém contesta. Que se façam sacrifícios. Há porém lutas que exigem mais do que outras. O sacrifício completo da vida é o máximo sacrifício. A insurreição, e não os dias de hoje, é o grande momento para ele,

- Estás enganada - disse Vaz. - Esse não é o sacrifício máximo. Dar a vida de uma só vez na insurreição exige menos espírito de sacrifício do que a luta apagada, demorada e paciente dos dias de hoje.

Ficaram uns momentos silenciosos.

- Dar a vida de uma só vez - acrescentou Vaz - é extremamente mais fácil do que dá-la aos poucos.

Embora insistisse junto do Companheiro para que reduzisse a actividade ou descansasse uns tempos, Rosa estava no fundo de acordo com ele e era sempre com íntima alegria e orgulho que o via lançar-se ao trabalho em condições em que muitos outros recolheriam a cama.

“Sim, ele está a dar a vida aos poucos”, pensava Rosa, “e é necessário que ele e muitos outros tenham a coragem de assim a dar.”

Depois de conversarem, Vaz trabalhou à mesa algumas horas e, já na cama, como não tivessem sono, ficaram muito tempo acordados, de luz apagada e aberta a janela por onde entrava uma lufada fresca e uma frouxa claridade. Lembrando-se da furgoneta escura, Vaz pensa que pode ser preso, estar em consequência muitos anos sem ver Rosa, possivelmente mesmo não a volta, a ver, e separarem-se assim., sem que tenha sido vencida no seu convívio aquela barreira levantada pelo acordo em não falarem no passado. Agora Rosa está a seu lado, calada e pensativa e (quem sabe?) talvez arrastada naqueles pensamentos e recordações que a afastam dele, talvez presa à presença misteriosa que Vaz desconhece.

- Rosa... - murmura Vaz.

Pensa acrescentar “Por que não havemos de destruir aquele pouco que ainda nos separa? Por que havemos de permitir, não que o passado, mas que o desconhecimento dele, se interponha entre nós e mantenha uma constante distância nas nossas vidas?” Qualquer coisa o impede porém de colocar assim as coisas e, se lhe perguntassem, não saberia dizer se esse qualquer coisa é o receio de que Rosa tenha dificuldades em falar do seu passado, ou receio de que este passado venha interpor-se entre eles, ainda com mais força que o seu desconhecimento.

As palavras trocadas rodam noutras direcções na atmosfera tranquila e fresca do quarto em penumbra.

- Tem graça - disse Rosa em voz baixa, depois de estar alguns minutos prendendo o pulso de Vaz entre os dedos. - Bate devagar, devagar.. e de vez em quando deixa de bater uma vez.

## 8

Passados dias, Vaz chegou já de noite à cidade. Com a bicicleta à mão, dirigiu-se a casa de Cesário pelas quelhas e carreiros por onde era hábito seguir. A noite estava escura e mais escuro parecia o caminho, em contraste com o brilho das luzes da cidade enfileiradas como estrelas a algumas centenas de metros de distância. Embora conhecesse bem o caminho, Vaz parou uns momentos à entrada de um terreno vago, procurando divisar o pequeno carreiro apenas ligeiramente mais claro.

De súbito recuou alguns passos, procurando confundir-se com a sombra de um velho muro. Vindo da escuridão em direcção oposta, destacava-se um vulto encorpado, caminhando em passos silenciosos e incompreensivelmente vagarosos naquele sítio deserto. O vulto parou a meio do terreno vago e ficou assim uns instantes, mal distinto na escuridão. Deu alguns passos e voltou a parar, agora mais próximo. Assim esteve um tempo, que a Vaz pareceram longos minutos, parado e pesadão. Nada fazia, e era precisamente nessa imobilidade absoluta que se via claramente estar aquele homem ali com um propósito preciso e bem definido. Depois afastou-se lentamente e, quando desapareceu por completo, Vaz saiu de ao pé do muro e seguiu estugando o passo.

Ao chegar a casa de Cesário contou o incidente, perguntando se haviam notado alguma coisa. Não haviam notado, mas também achavam o caso esquisito.

- Naquele sítio e àquela hora, de certeza não andava às gatas - disse Henriques, que saíra dias antes em liberdade e ali se encontrava.

Em casa de Cesário esperavam Vaz duas importantes novidades. A primeira dizia respeito a Marques. Henriques estivera na prisão com dois jovens, presos durante as manifestações, a quem Marques convidara para distribuírem o manifesto na noite de 17 para 18. Ambos contaram como, tendo aparecido eles e outros a meio da noite, Marques viera dizer-lhes que não tinha os manifestos para lhes dar, porque o amigo que os devia ter trazido havia faltado ao encontro. Estivera também com aquele único membro da Comissão da sua oficina que participara na paralisação e ele contara que Marques falara com ele e com os outros membros da Comissão na própria manhã do dia 18

procurando dissuadi-los do movimento, o que conseguira em relação a todos os outros.

- É fantástico! - exclamou Cesário. - Os manifestos fui eu que lhes dei, podem vocês ter a certeza que lhes dei. E dois dias antes!

E insistia nisso, como se pudessem duvidar dele e acreditar no que Marques dissera aos jovens.

Henriques, embora já há quinze dias tivesse sabido estas estranhas novidades, ainda falava delas com animação, o que lhe dava à voz um som agudo e irregular.

- No dia 18, quando os amigos da Comissão me apareceram completamente torcidos, ainda pensei: "Afinal o Marques tem razão. O pessoal não está disposto como parecia e os melhorzinhos vêm as coisas tal como ele as vê." Afinal estavam a repetir o padre-nosso. Quer dizer: se só metade da oficina parou, ao camarada o devemos.

E, voltando para Vaz o rosto afilado e os olhos piscos, acrescentou:

- E se o camarada visse o marmelo que nos tinha dado a comer, a mim e aqui ao Cesário. Isto de saber de mais é pior que saber de menos.

No rosto de Vaz, os músculos contraídos acusavam extrema tensão. Que significava tudo aquilo? Com que propósito Marques agira dessa forma? Apenas por discordância e indisciplina? Marques era um velho camarada, com provas dadas, mas isso era mais uma razão para tomar estranha a sua conduta. Se um velho camarada procede tal como procederia um provocador, como distingui-lo de um provocador? Ao espírito de Vaz vem a amizade de Marques por Vítor, a defesa constante de Vítor por ele feita, mesmo quando Vítor se tomara mais do que suspeito. Haveria um entendimento entre ambos?

- Sabem se Vítor já voltou? - perguntou.

Segundo o que Cesário sabia, dizia-se que continuava na aldeia junto da mãe doente, mas havia quem dissesse tê-lo visto recentemente na cidade.

- Há dois dias - disse Vaz -, embora estes factos não fossem conhecidos, Marques foi afastado de qualquer trabalho de direcção.

O pouco que se sabia da sua atitude em relação ao movimento e em particular da sua conversa com o camarada. Henriques na manhã de 18 já era, juntamente com muitas outras hesitações e erros, mais que suficiente para tal decisão. Ao ser-lhe comunicada a decisão, o camarada Marques insurgiu-se contra ela, considerou-a injusta, afirmou que devia ter sido ouvido anteriormente. E contudo ele sabia perfeitissimamente que, além das faltas por que era sancionado, tinha cometido outras e mais graves. Quando for tomada nova decisão, e sem dúvida o será, não sei que irá dizer. Isto é assim, amigos:

quem não rectifica um erro, cai num erro maior e tomba de erro em erro como de degrau em degrau.

- E quanto às tarefas que se tinham pensado para ele? - perguntou Cesário.

- Ainda ontem disse que estava disposto a cumprir o que fosse determinado...

Vaz não respondeu. A outra novidade importante dizia respeito a Afonso. Dias atrás, uma pessoa da família de Henriques fora à noite a casa dos pais de Afonso e encontram Afonso lá em casa.

Deve haver confusão - disse Vaz. - Não pode ser. Mas, como a pôr em dúvida as próprias palavras, veio-lhe ao espírito o último encontro que tivera com Afonso na estação a seguir à cidade, quando Afonso lhe aparecem do lado contrário à estação. E lembrou-se da furgoneta escura que havia passado por ele várias vezes.

- Deve haver confusão - repetiu.

- Não, camarada - disse Henriques, piscando mais os olhos -, não há confusão. Eu não sei o que Afonso faz ou não faz, se saiu de vez da cidade ou se já voltou. Agora o que de certeza posso dizer é que, quando meu sobrinho lá esteve em casa, ele estava lá também. Meu sobrinho é rapaz sério, falei com ele e não há enganos possíveis.

## 9

Na verdade não havia engano.

Se, desde o princípio da sua vida de funcionário do Partido, Afonso considerara como verdadeiras niquices as instruções sobre trabalho conspirativo e, de quando em quando, fugia a elas, hoje não fazendo a barba, amanhã apanhando fruta num caminho deserto, depois tomando um meio de transporte desaconselhado, essa atitude, por uma relação indeterminada, tomou-se para ele uma regra de conduta desde o dia em que Vaz lhe dissera que tirasse o sentido de Maria.

Afonso queria tanto convencer-se da afeição de Maria que, às primeiras palavras de Vaz, embora fossem bem claras, não considerara o assunto arrumado. Decerto algum camarada tinha a ideia em Maria e procurava impedir a aproximação dos dois. Não seria o próprio Vaz? Não viria mesmo daí toda a má vontade que desde o princípio mostrava? Afonso não se deu pois por vencido com as primeiras palavras e insistiu com inesperada firmeza no encontro pedido. Vaz dissera então estas cruéis palavras:

- O encontro foi autorizado, amigo. A camarada é que disse não ter qualquer situação pessoal contigo, nem interesse nesse encontro.

Tudo para Afonso se tornara confuso. Como se fosse outro a falar, perguntou se tinham dito a Maria que ele era funcionário do Partido, que continuava a pensar nela como antes e pretendia fazer dela sua companheira.

- Sim, tudo foi dito - respondera Vaz severamente. E, como se não compreendesse haver mil perguntas que Afonso tinha a fazer, acrescentou: - Passamos a outro assunto?

Haviam passado a outro assunto. A tudo quanto nesse dia Vaz colocou, Afonso respondeu com impaciência, encolhendo os ombros muitas vezes, ou sorrindo ironicamente, embora a propósito. Nesse dia, até regressar ao seu quarto, Afonso, com um estranho prazer, fugira em todos os casos a obedecer às “niquices” a que os camaradas chamavam “regras conspirativas”. Ao ir à loja de fazendas, não tivera o cuidado habitual, que lhe estava indicado, de limpar o pó dos sapatos, pentear-se e compor-se o melhor possível. Depois, em vez de ir a pé à estação onde pela primeira vez fora com Fialho, tomara para essa estação uma camioneta a algumas dezenas de metros da loja de fazendas. Depois viajara num comboio de longo curso vindo da fronteira e desaconselhado por nele viajarem sempre agentes da PIDE. Depois descera na estação central de Lisboa. Finalmente subira para um eléctrico à saída da estação e apeara-se na paragem mais próxima do seu quarto. Quando chegara ao quarto, deitara-se em cima da cama, respirando fundo e pensando irritado:

“Ora aqui está! Tanta coisa, tanta coisa, complicam tudo e afinal tudo é tão simples.”

Mas nessa noite pouco dormiu e no dia seguinte, em que calhou não ter encontros, sentiu, como nunca sentira, a angústia, o peso, a tortura da solidão. Só agora senda que de tudo o mais duro na vida de um funcionário do Partido era essa solidão pessoal, não quebrada, antes reforçada, pelas muitas viagens e encontros com camaradas nas estradas ou ruas. Reparava agora pela primeira vez que os camaradas só tinham palavras para o trabalho, para a execução das tarefas, para fazer exigências, para falar em “niquices”, para criticarem e ofenderem, e não tinham uma palavra, uma só palavra, para os seus problemas pessoais, para o ser humano que ele era, um jovem sedento de amor, de amizade, de carinho, de compreensão. Até àquele dia animara-o a esperança de se encontrar com Maria e fazer dela sua companheira, e se isso sucedesse - ah, se isso tivesse sucedido! - a vida de funcionário do Partido tornar-se-ia a melhor e a mais alegre das vidas. Afinal todo o sonho caía por terra. Segundo Vaz, Maria dissera não ter qualquer situação pessoal com ele nem estar interessada no encontro. Mas logo a seguir, voltando ao mesmo curso de pensamentos, concluía de forma diversa: “São todas umas curtas, é o que é.”

Nos dias que se seguiram a essa conversa com Vaz, Afonso lembrou-se com insistência da família e particularmente da mãe. Surpreendia-o só agora pensar no sofrimento que a sua partida e a falta de notícias lhe deviam estar causando. Comovido, chamou-se a si próprio mau filho, espantado com a crueldade de que fora capaz para com aqueles que mais amava.

Passados dias, tendo de ficar uma noite na sua região, pensou assim: “Casa de camaradas onde ficar não tenho por estes lados. Pensões não são seguras. Ainda o melhor é ir ficar a casa.” E foi. As ternuras, as censuras, as súplicas, haviam-no feito chorar, sentindo toda a atrasada saudade pela casa onde nascera e vivera, pela família e sobretudo pela mãe. Depois dessa vez, num curto espaço de tempo, voltara outras.

Quando Fialho lhe marcara encontro com Vaz na primeira estação depois da cidade, indicando-lhe o comboio em que devia ir, Afonso, em vez de fazer como lhe era indicado, fora passar uma vez mais a noite em casa da família e fizera o caminho a pé. Respondera a Vaz que viera de comboio porque, quanto às “niquices”, quanto às resoluções disparatadas, ia criando uma filosofia para uso próprio: “o importante não é cumpri-las”, pensava Afonso. “o importante é deixar de as cumprir sem que isso seja conhecido dos camaradas e sem que daí resultem prejuízos.” Era esta filosofia que dava agora com frequência às suas palavras um tom irónico e impaciente.

Quando Vaz notara que Afonso vinha da estrada, e não da estação, Afonso afirmara ter vindo de comboio e saído pela cancela. E quando Vaz, notando a passagem da furgoneta escura, chamara para isso a atenção, Afonso respondera categórico: “Não é a mesma.” Essas respostas saíam a Afonso antes mesmo de as pensar, talvez por instinto de defesa. Na verdade, como poderia ele dizer que viera ainda noite a pé da cidade, de casa dos pais onde dormira, e que essa mesma furgoneta já passara antes por ele? Pela primeira vez assaltou-o a preocupação, não tanto das possíveis consequências das suas faltas, como de que, mais dia menos dia, o apanhassem em qualquer delas. Pensando nisso quando só, sentia um tão grande descontentamento por si próprio que lhe vinha um desejo imenso de fechar os olhos e esquecer tudo, sonhos, desilusões, filosofia para uso próprio, mentiras aos camaradas. E lançava-se com mais vigor ao trabalho, não faltava a um encontro, aparecia a horas certas, não poupava caminhadas, nem se queixava das refeições em branco e das noites perdidas. Só nas “niquices” não transigia. Era superior às suas forças.



Passados dois dias desse encontro com Vaz, Afonso esteve com Fialho. Parado junto a um marco quilométrico da estrada, Fialho dissera-lhe que fosse certa noite a um ponto de apoio próximo buscar material, mas que não se dirigisse lá sem ver se Fialho deixara um sinal nesse marco quilométrico. Se estivesse o sinal, não devia lá ir, pois Fialho teria já lá ido. Se lá não estivesse o sinal, devia ir buscar o material. De qualquer forma, encontrar-se-iam os dois na mesma noite a cerca de uma légua daquele sítio.

De facto encontraram-se e Afonso comunicou que tinha ido ao ponto de apoio, mas o material já lá não estava.

- Como assim! - exclamou Fialho. - Esqueceste-te de ir ver o sinal?

Conforme já há tempos sucedia quando o interrogavam sobre tais assuntos, Afonso justificou-se com prontidão, antes mesmo de reflectir ou medir o alcance da resposta:

- Não vi sinal nenhum, amigo. E olha que gastei quase uma caixa de fósforos.

Na escuridão da noite, Afonso viu a cabeça do camarada voltar-se num gesto brusco para ele e adivinhou-lhe os olhos inquietos e observadores sob a pala das sobrancelhas negras.

Fialho não falou mais sobre o assunto. Em vez porém de seguir pelo caminho que mais lhes convinha, arrastou Afonso estrada fora, com rumo para o qual Afonso não encontrou imediatamente explicação. Só a encontrou uma hora mais tarde, quando Fialho o fez parar junto do marco quilométrico onde haviam combinado o sinal. Fialho tirou uma lâmpada eléctrica do bolso.

- Vê - disse fazendo incidir a luz sobre o sinal. - Está bem à vista, parece-me.

- Olha, amigo, não vi - disse Afonso encolhendo os ombros com impaciência e afastando-se para o meio da estrada.

Fialho não o seguiu logo. Ficou ainda junto do marco, dirigindo o fecho de luz para aqui e para acolá, procurando cuidadosamente alguma coisa no chão. Depois veio juntar-se a Afonso e, de- regresso, seguiram um bocado silenciosos pela estrada. Fialho caminhava num passo decidido e, pelos movimentos da cabeça, adivinhava-se que procurava com avidez alguma coisa que se destacasse na escuridão. Mais alto e ligeiramente curvado, Afonso caminhava em passos largos e vagarosos e parecia absorvido em pensamentos.

- Meteste-te na lama até aos joelhos - disparou subitamente Fialho, numa voz rápida que se adivinhava sair por entredentes cerrados. - Faltas puxam faltas, mentiras puxam mentiras. Para quê essa história dos fósforos? Gastaste uma caixa de fósforos e nem um pau de fósforo lá ficou... Primeiro não foste ver

o sinal porque te esqueceste do combinado ou por preguiça. Depois ainda querias passar por inocente, mesmo que um camarada passasse por culpado.

- Não compreendo - murmurou Afonso. - Só se...

- Cala-te! - interrompeu Fialho numa voz baixa e imperativa. Devias ter vergonha!

Seguiram Afonso, sentia necessidade de reagir, defender-se, dizer alguma coisa. Mas o quê? Foi ainda Fialho que falou:

- Infelizmente esta não é maior que as outras. E mais uma a juntar-se à colecção. Logo no primeiro dia, que tinhas que ir cheirar para o local do encontro? Os amigos estão presos, pode-se falar disto. Que tinhas tu que ir cheirar ao carro e ver o nome do camarada? Tudo porque não ouviste dessa vez e quase nunca queres ouvir as indicações que te dão. Um estendal de faltas e mentiras é o que tem sido a tua vida de funcionário do Partido. E em tudo, camarada. Até nas mais pequenas coisas. Até naquelas miseráveis nêspers de que deves estar lembrado. - Afonso corou no escuro: o camarada vira! - Avaliaste mal a vigilância do Partido e vê agora a situação que criaste. Estive hoje com Vaz e ele disse-me que tens ido visitar a família. - o coração de Afonso começou a bater descompassadamente. - Isto são verdadeiros crimes contra o Partido, camarada. A polícia faz neste momento um esforço feroz para atingirmos. E, nesta situação, tu jogas com a segurança e a vida dos camaradas, com a segurança e o trabalho do nosso aparelho de imprensa, ao sabor dos teus caprichos e dos teus problemazinhos sentimentais. Ou não medes as coisas e então procedes como um garoto, ou as medes e então és fraca prenda.

Fialho calou-se uns instantes. Percebia-se que olhava com atenção para a luz que se acendera numa casa retirada da estrada e que observava depois com interesse as constelações no céu estrelado. Essa pausa foi mais dolorosa para Afonso que as palavras que o camarada dissera.

- Não sei o que o Partido decidirá - continuou Fialho. - Não me admirava se fosses expulso dos quadros de funcionários. Aí tens. Sé és um comunista, como apesar de tudo julgo que és, a lição deve aproveitar-te. Se não aproveitar, és um homem atirado ao charco - e depois de uma pausa repetiu por entredentes: - Atirado ao charco.

No andar de Afonso, uma quase imperceptível mudança se tinha operado, no modo de oscilar os braços, na irregularidade e incerteza dos passos. Olhando-o de relance, Fialho percebeu que chorava. Mas continuou duro a castigá-lo.

Três dias depois de ter sido libertado, José Sagarra encontrou-se com o da Barrosa na sombra de uma velha oliveira. Tacho assente nos joelhos, o da Barrosa sorvia o caldo e falava ao mesmo tempo, saindo-lhe da boca como resultado um barulho infernal e indecifrável. Comia com tanta avidez que só quando acabou o caldo notou o olhar que o camarada, contra todos os esforços, lançava ao tacho. Pigarreou, desembrolhou de um papelito um minúsculo pedaço de queijo cabreiro e puxou da navalha. Os dedos levaram a navalha até perto do queijo para cortar a primeira lasca, mas sustiveram-se indecisos. O da Barrosa reflectia que, para estar com ele àquela hora e no sítio em que estava, vindo de outros encontros e indo para outros encontros, Sagarra tinha de certeza mau passadio. O olhar sôfrego dirigido ao tacho que lhe surpreendem não podia ter duas interpretações. Continuando a pigarrear e falando por meias palavras, o da Barrosa acabou por fazer partilhar Sagarra do pão e do queijo e deu-lhe, com mais liberalidade, um golo de vinho. Mas, ao acabar o encontro, a propósito do aumento das jornas já alcançado em alguns sítios, falou das dificuldades da vida.

- Tudo é um dinheirão. Quanto vá além do caldo não se lhe pode chegar. Toucinho não há, bacalhau não há, queijo só em dias de festa se pode comer. Chega-se ao fim do jantar ou da ceia e tem-se a mesma fome que ao princípio.

José Sagarra sabia bem ser isso a pura verdade e daí aceitar sempre constrangido aquilo que os camaradas lhe ofereciam. Aliás, poucos ofereciam. Encontrava-se com eles em pleno campo e nenhum se lembrava de lhe perguntar se já comera ou se tinha fome. Em casa não voltara a comer. Passara a entrar sempre já noite e a sair sempre ainda noite. Assim evitava explicações e possíveis insistências do irmão e demais família para que comesse. E certamente teria num desses dias acabado por cair de inanição em qualquer valeta se não tivesse decidido que precisava de comer, que tinha de comer, sem poder trabalhar para ganhar, sem ter quem lho desse e sem dinheiro. Desde o momento em que o pensou, a sua preocupação durante as longas caminhadas era só uma: encontrar favais. Quando dava com um, enchia os bolsos, por vezes também o chapéu, e ia rilhando. Durante uma semana foi essa a sua exclusiva alimentação. Nessa semana correu a pé a região em todas as direcções, andou léguas e léguas sem descanso, falou com todos os camaradas com quem tinha de falar, teve reuniões com comissões de praça, incluindo a da sua terra, procurou camponeses que conhecera no dia da prisão, e, ao fim dessa semana, não só tinha orientado a continuação da luta para além do 18 de Maio como tinha lançado os fundamentos da organização do Partido em mais oito aldeias e lugarejos.

Um facto começou a inquietá-lo: a frequência com que tropeçava com patrulhas da GNR e as repetidas notícias dos camaradas acerca do aparecimento de tipos estranhos, vindos de automóvel ou de furgoneta e vistos por vezes parados em plena estrada ou às entradas das povoações, observando de perto e com cuidado os camponeses que passavam. Dizia-se a esse respeito muita coisa: que eram da Intendência, que eram dos impostos, que eram ratoneiros ou andavam à sua caça. Mas a luta de 18 de Maio e os milhares de prisões estavam demasiado frescos para que os mais avisados não estabelecessem ligação entre urna coisa e outra. Contava-se que, numa aldeia, tais indivíduos suspeitos haviam estado longo tempo em casa do padre, noutra falando com o regedor e noutra ainda com um merceeiro, nas paredes de cuja loja se exibiam cartazes e fotografias de propaganda nazi.

Quando lhe deram estas notícias, elas foram completa novidade para José Sagarra, pois ainda nada notara além das patrulhas anormalmente frequentes da GNR. Mas dias depois, seguindo por uma estrada, deu de súbito com um automóvel parado. Lá dentro estavam vários homens, e um dos homens, quando ele se aproximou, saiu do automóvel espreguiçando-se, quase lhe cortou o caminho e, ao passar José Sagarra, fixou-o estranhamente, como se lhe quisesse descobrir qualquer coisa no rosto e na expressão, talvez as sardas, talvez a cor dos olhos. “É um disparate!”, pensou seguindo pela estrada. “Como iam eles saber?”

Já a distância, olhando para trás, viu o automóvel no mesmo sítio. Alguns quilómetros adiante, depois de uma grande recta, tomando a olhar para trás, viu de novo o automóvel quase a sumir-se na distância. Parecia continuar parado, mas o certo é que se deslocara alguns quilómetros na mesma direcção que ele, Sagarra, e com a mesma velocidade com que ele caminhava a pé.

Meteu-se então aos campos e não voltou a ver o carro.

## 12

Na segunda-feira seguinte apresentou-se na praça. Tal como os demais trabalhadores, foi contratado pelos mais altos preços dos últimos anos, preços impostos pela Comissão de praça aos patrões e manajeiros. Apenas um incidente lhe chamou a atenção. Girando pelo largo na companhia de um manajeiro, andava um desconhecido. O facto nada tinha de especial. Estranha era a forma atenta como esse indivíduo olhava os camponeses e o olhou a ele. Pareceu-lhe, tal como dias antes o do automóvel, que pretendia ver-lhe qualquer coisa no rosto ou nos olhos.

Durante três dias em que fez vida normal na sua terra, passando o dia a trabalhar no campo e regressando a casa com sol-posto, Sagarra nada mais notou de extraordinário. Mas, quando na quarta-feira, ao anoitecer, se dirigia para o encontro com Vaz, deu com uma furgoneta parada e de luzes apagadas na encruzilhada a seguir à aldeia. Disse-o a Vaz logo que chegou ao pé dele. Vaz tirou uns papéis do bolso, pediu a Sagarra para acender um fósforo e copiou para um papelito o número da furgoneta escura que passara por ele várias vezes no dia do encontro com Afonso.

- Se a tomares a encontrar, hás-de ver se é este o número - disse Vaz, e contou como lhe parecia ter sido seguido por uma furgoneta com tal matrícula.

José Sagarra informou Vaz dos indivíduos suspeitos vistos na região, dos aumentos de salários alcançados e dos progressos da organização. Vaz comunicou-lhe não ter ainda resposta acerca da entrada de Sagarra para os quadros de funcionários do Partido.

Depois de se separarem, José Sagarra passou novamente pela encruzilhada. A furgoneta ainda lá estava. Aproximou-se e tomou nota do número que, negro em fundo branco, sobressaía na semi-obscuridade do crepúsculo. A furgoneta estava abandonada e Sagarra entrou na aldeia e dirigiu-se a casa.

Mal havia chegado a casa, bateram à porta da frente. À pergunta da cunhada, respondeu uma voz de homem. Sagarra correu à porta traseira e na penumbra viu um vulto abrindo a cancela, do pátio. Como um raio, Sagarra galgou por cima do muro, enquanto ouvia vozes de homem berrando atrás de si. No preciso momento em que pulava para o quintal vizinho, ouviu um disparo. “Quem andarà a estas horas brincando ao S. João?”, pensou, sem estabelecer qualquer relação entre o disparo, a sua saída de casa e o homem junto à cancela. Correu mais, galgou novo muro, meteu por um carreiro e saiu o campo. Quando parou, ofegante, afagou-o a tranquilidade da noite, que o cantar dos grilhos sublinhava.

## 13

Quando viu Sagarra saltar-lhe ao caminho de uma moita, Vaz logo percebeu que havia novidade. Sagarra contou-lhe como tinha mergulhado e como estava escondido na casa do Tomé, no mesmo palheiro onde em tempos tinham tido uma reunião com Vaz. Confirmou que o número da furgoneta era o mesmo que Vaz lhe dera e contou como, desde que lhe haviam assaltado a casa, a polícia e a GNR e por vezes as duas juntas mandavam parar ciclistas à entrada

ou nos arredores da aldeia, pediam documentos, faziam interrogatórios e buscas.

- Andam à tua procura, podes ter a certeza - concluiu José Sagarra.

Por sua indicação, meteram por atalhos e carreiros para que Vaz fosse tomar outra estrada já longe da aldeia. Vaz entregou dinheiro a Sagarra, recomendou-lhe prudência e marcou novo encontro para daí a uma semana. Nessa altura contava trazer já tudo resolvido para a funcionalização do camarada.

Dali seguiu Vaz para várias outras localidades e, em duas delas, os camaradas referiram também que a GNR mandava parar ciclistas e pedia documentos. Foi porém Cesário quem lhe deu uma informação mais precisa.

Falando dos resultados do movimento, de alguns aumentos já conseguidos nos salários e da melhoria do abastecimento, Cesário citou também a repressão dos candongueiros.

- Até ao nosso movimento - disse Cesário -, nada se preocupavam com a candonga. Agora já se resolveram a fiscalizar, embora só os pequenos.

E contou como às portas da cidade brigadas da Intendência passavam buscas às camionetas de carreiras, faziam parar ciclistas e revistavam embrulhos.

- Disseram-me hoje - concluiu - que andam à procura de um candongueiro que transporta azeite numa bicicleta azul.

Mal tinha dito essas palavras, Cesário compreendeu o verdadeiro sentido de toda essa súbita fiscalização.

- O amigo! - exclamou agarrando Vaz por um braço.

Na verdade a bicicleta de Vaz era azul e agora parecia, claro que Vaz estava localizado e davam uma batida geral para o caçarem. Como pudera Cesário acreditar na história da repressão à candonga?

Entretanto, na viagem que de bicicleta fez até casa, onde foram ter Ramos, Paulo e António, nada notou de especial. Mas, como nessa reunião António comunicasse que também na terra da Cicol os camaradas notavam vigilância na estação, à chegada das camionetas, foi resolvido, a fim de despistar a polícia, que Vaz, Paulo e António trocassem entre si algumas ligações. Vaz passaria a estar com Pereira e Jerónimo, Paulo ficaria com Sagarra e a sua região e António seria ligado a Cesário. Resolveram também deixar de ter encontros em casa de Vaz e reforçar a vigilância e as medidas de defesa. Aliás, quanto a Vaz, as medidas tinham um carácter provisório. Como membro do Comité Central para que fora recentemente cooptado, seria em breve destacado para outro sector e viria outro camarada substituí-lo.

Coisas estranhas continuavam entretanto a surgir e, se em condições normais pouca atenção teria sido dada a algumas, agora nenhuma escapava ao exame de Vaz. No dia em que fora apresentar António a Cesário, ao saírem da casa, no mesmo terreno vago onde dias antes vira de noite o vulto suspeito, os dois camaradas deram com um homem parado e imóvel, alguns metros fora do carreiro e de costas para este. Olhando na direcção para onde o homem estava voltado, Vaz nada viu que pudesse prender tão longo tempo a atenção, mas o certo é que, embora, em sítio tão deserto, fosse natural que o homem, ouvindo passos e vozes, olhasse para quem vinha, conservou-se nessa imobilidade, mesmo quando Vaz e António lhe passaram a escassos metros de distância. Alguns passos adiante, Vaz voltou-se bruscamente para trás e o seu olhar encontrou-se com o olhar do homem: um olhar atento numa cara carregada. Nesse breve instante, Vaz não teve dúvidas de que o homem acompanhara com interesse a aproximação dos dois e quisera disfarçar esse interesse e ocultar o rosto.

- Andam a bater a cidade - disse Vaz. - Quando cá vieres, toma cuidado.

- Ai tomo, tomo - disse António. - Não tenho qualquer interesse em ser preso.

E, olhos sorrindo na sombra da aba do chapéu demasiado grande, acrescentou:

- Por todas as razões e mais urna...

Vaz percebeu que esse “mais uma” era Maria, mas a satisfação e o ar malicioso de António pareceram-lhe despropositados.

Nessa noite, depois de fazer de camioneta grande parte da viagem, ao regressar a pé a casa, aí a uns dez quilómetros antes de lá chegar, um novo incidente veio agravar as suas preocupações. Passava já muito da meia-noite e na estrada deserta apenas se ouvia o ruído dos seus passos. Nuvens baixas e espessas filtravam a luz da Lua. Distinguia-se a tira clara da estrada, as árvores das berinas e o volume sereno das colinas circundantes. Tudo parecia de contornos imprecisos, diluído numa ténue névoa de luz. Adiante a estrada em recta descia suavemente para uma pequena ponte entre árvores frondosas, abraçadas em abóbada, que tornavam aquele troço mais sombrio. Foi ao entrar nessa descida que Vaz divisou dois vultos separando-se no meio da estrada e desaparecendo na escuridão, um de cada lado. Logo se lembrou do que lhe haviam contado acerca de assaltos de ladrões a viandantes isolados por aqueles sítios. Ao aproximar-se do local onde os dois vultos deviam estar emboscados,

sacou da pistola e meteu ruidosamente uma bala na câmara. No silêncio da noite, o ruído metálico e seco ecoou à distância. Quem quer que fossem os emboscados, de certeza o ouviram.

De pistola na mão atravessou o troço sombrio, onde nada se distinguia além do vulto confuso das enormes árvores. Nenhum ruído nem movimento suspeito. Entretanto ali, algures na sombra, dois homens lhe espiavam de certeza os passos. Quem eram e o que pretendiam? Quando Vaz entrou de novo na parte mais clara da estrada, a luz de dois faróis descreveu um semicírculo no espaço em sua frente e logo a seguir bateu-lhe de chapa no rosto, iluminando cruamente a estrada. Vaz voltou-se para trás e viu, já para lá do sítio mais sombrio, dois homens afastando-se apressadamente, dum lado e doutro da estrada, perseguidos pelo fecho potente dos faróis. Um pesado camião, chocalhando ferros soltos e tábuas desconjuntadas, passou por Vaz largando uma nuvem de poeira. De novo a estrada ficou silenciosa e quieta mergulhada numa tênue luz filtrada pelas nuvens.

Ao chegar a casa, Rosa contou-lhe que tinha procurado puxar conversa com as vizinhas e saber se alguém suspeito havia aparecido na term. Ninguém notara nada. Rosa contou entretanto que fora lá a casa pedir esmola uma mulher e uma criança. Ali apareciam frequentemente mendigos, alguns deles pela primeira vez, e o caso em si não tinha por isso nada de extraordinário. Mas Rosa ficara apreensiva.

- Quando estamos preocupados e alarmados, tudo nos parece suspeito - disse Rosa. - Mas alguma coisa havia naquela mulher que não era natural. Tinha uns olhos secos, mexidos e comprometidos, e olhos desses não os têm os mendigos.

## 15

Na manhã seguinte, Vaz e Rosa saíram a dar uma volta pela terra. Estava um belo dia de sol, soprava uma brisa e os vizinhos que encontravam faziam-lhes festa, sobretudo a Vaz, que raras vezes aparecia fora de casa. Conversaram com a menina Ermelinda e com o marido, puxaram conversa com a Amélia, falaram com outros. Deambularam pelo povo, pela estrada, pelos pinhais mais próximos. Ninguém notara nada e eles também nada viram, absolutamente nada, que pudesse considerar-se suspeito fosse a que título fosse. Tudo parecia como sempre e a atmosfera luminosa reforçava essa impressão de serenidade e segurança.



À tarde, sozinho, Vaz resolveu dar uma volta maior pelos campos de forma a observar a estrada. Em alguns locais, deixou-se ficar sem pressa, observando o raro trânsito de veículos e peões. Tudo normal.

Já de regresso, a mais de uma légua de casa, desceu à estrada alcatroada. Como se sentisse extremamente fatigado, escolheu para descansar um pouco a sombra de uma árvore, sentando-se na berma forrada de uma erva cujo verde-vivo dava por si só uma sensação de frescura.

Olhava para um lado e para outro, procurava interessar-se pela paisagem, pelos pássaros, pelos insectos, e entretanto a vista era-lhe atraída irresistivelmente, sem ele saber porquê, para o piso alcatroado da estrada, ali mesmo na sua frente, na sombra da árvore. Alguma coisa o levou a olhar uma, duas, várias vezes. Por fim levantou-se e começou a observar o chão. Impressas distintamente no escuro do alcatroado, distinguiram-se as marcas de poeira de umas solas de borracha. Não eram de alguém que tivesse apenas passado. As marcas apareciam impressas em todas as direcções e por vezes em manchas densas e sobrepostas. Alguém com calçado pouco vulgar na, região, alguém que não um camponês, estivera também ali naquela sombra. Não era só o tipo de sola que chamava a atenção. Quem quer que fosse tinha ali estado longo tempo, ora voltado para um lado da estrada, ora para outro, ora passeando e parando mais adiante. E o incidente ganhou ainda maior interesse para Vaz quando, seguindo estrada fora, a umas centenas de metros adiante e noutra sombra, agora do outro lado da estrada, viu de novo as marcas das mesmas solas de borracha, indicando, tal como na primeira sombra, que o seu possuidor estivera ali longo tempo à espera de qualquer coisa.

- A minha vontade era mudar já de casa - disse a Rosa ao voltar a casa. - Mas, vistas as coisas com calma, nada justifica uma mudança precipitada. Se fôssemos a mudar de casa sempre que observamos uma mendiga com olhos secos e mexidos, ou umas marcas de sapatos no asfalto a uma légua de casa, ou uns vultos de noite na estrada, nunca parávamos em parte alguma. Se agora reparamos nestas coisas é apenas porque andamos de sobreaviso com o que se passa noutras regiões, com o facto de eu ter sido possivelmente localizado e seguido num sector que controlava. Como redobramos a vigilância, vemos mais do que víamos antes. Até me tens transformado num Sherlock Holmes...

E, como só raramente acontecia, Vaz riu satisfeito deixando ver as brancas fileiras dos dentes biselados. Tal como Maria uma vez dissera, Rosa pensava que o riso ficava bem ao companheiro e pena era rir tão raramente. Mas já o rosto severo de Vaz se fechava novamente na impassibilidade.

- Reforcemos ainda a vigilância. Se alguma coisa o justificar, tomaremos medidas.

De facto, Vaz e Rosa reforçaram a vigilância, mas, nos dias seguintes, nada lhes chamou a atenção. Sob o céu azul e o sol luminoso, tudo parecia alegre e tranquilo.

## Capítulo XV

### 1

Num dia da semana seguinte, pela tarde, quando Vaz atravessava a vila a cerca de uma légua de casa, um camponês meteu-se à frente da bicicleta e, logo que Vaz travou, agarrou o guiador com gestos precipitados de borracho.

- Sr. Francisco! - berrou numa voz avinhada. Com surpresa Vaz reconheceu o Ernesto. - Chegue aqui!

Seguiram até uma ruazita tranquila. O Ernesto estacou vacilante, olhou desconfiado para um lado e para outro e contou numa voz rouca que de manhã tinham estado lá na terra uns sujeitos a falar com as Pim-Pa-Pum. A menina Ermelinda, a quem nada escapava e que sabia correr a informar-se, dissera à mulher do Ernesto que eram uns tipos da Intendência, procurando informações acerca da família que habitava a casa do Costa (o Costa era o senhorio de Vaz). O Ernesto lembrara-se de mandar a mulher prevenir a Senhora, mas não o fizera para não a assustar. À hora do jantar, o Sapo, que fora de manhã à vila, contou que, nos Quatro Caminhos, entre a vila e o lugarejo, estava uma patrulha da GNR com dois paisanas, fazendo parar os ciclistas, pedindo documentos, perguntando onde viviam e passando revista a bagagens e bolsos. Em face destes acontecimentos e sabendo pela Anica que Francisco não estava em casa, resolvera-se a perder a tarde de trabalho e vir até à vila para o apanhar de regresso a casa. Ele próprio vira como nos Quatro Caminhos faziam parar os ciclistas.

- Eu não esqueço o que o senhor um dia fez por mim - concluiu numa voz chorosa. - Isto pode ser maluqueira minha, o Sr. Francisco desculpe, mas enfim, às vezes, sei lá, não fosse haver algum azar.

E o Ernesto, olhando sempre para um lado e para outro, gaguejava com forte bafo de vinho.

- Obrigado - disse Vaz apertando-lhe a mão. - Não deve ser comigo, mas obrigado. Obrigado, amigo.

O rosto de Vaz, pálido e contraído, conservava-se impassível, mas, pelo aperto de mão, pela insistência em agradecer, pela palavra amigo, que pela primeira vez Vaz lhe dirigia, Ernesto percebeu a importância da prevenção que

acabava de fazer. Ao percebê-lo, começou a tremer todo como se tivesse maleitas e, ao tentar dizer duas palavras mais, não conseguiu senão articular uns sons indistintos.

## 2

Vaz foi pôr a bicicleta numa oficina, pedindo que lha guardassem alguns dias, caso não aparecesse até à noite a buscá-la. Saiu depois da vila e meteu pelos campos em direcção a casa.

Apesar da fadiga que trazia da viagem e do seu grande abatimento, correu enquanto teve fôlego, seguiu depois em passo estugado e voltou a correr com desespero. Não duvidava agora de que essas investigações o tinham a ele como objectivo e era forçoso admitir que a casa estava já localizada. A questão era apenas do momento em que a polícia a assaltaria. Possivelmente, procuravam apanhá-lo na estrada e só depois assaltar a casa para, como em outros casos haviam feito, lhe atribuírem a ele a denúncia. Quem o podia saber? Que garantia tinha ele, Vaz, de que não tinham já assaltado a casa para lá o esperarem? Horas antes, quando Ernesto partira da terra, ainda o não tinham feito. Mas agora? Com o peito despedaçado por um gancho de fogo, Vaz continua a correr. O único receio que sente é que a fadiga o faça cair de borco no chão. Por detrás de umas moitas, viu de longe os Quatro Caminhos. Distinguiu a mancha das fardas militares, o luzir metálico das armas e dois outros vultos meio encobertos pela placa indicadora das direcções. Logo tomou a partir, em pequenas corridas, às arrancadas, pois o fogo que lhe queima o peito quase o asfixia. Chegar a tempo, chegar a tempo, é o único pensamento que lhe ocorre. Sufocado, escorrendo suor, as dores de fogo apertando-lhe mais e mais a garganta e o peito, tropeça nas pedras e no mato, já mal se equilibra, não domina os passos. Agora não corre, nem marcha. Avança em passadas arrastadas e irregulares, aos tropeções, como se, desequilibrado, cada passo o defendesse de cair. Sente-se como um ébrio, atordoado, tudo em roda oscilante e incerto.

Quando a casa, à distância, lhe apareceu à vista, olhou-a com ansiedade. Como sempre (uma janela aberta, as outras fechadas) espreitava branca, pacata e alegre por entre as oliveiras.

No casal do Ernesto, por onde resolvera passar primeiro, a mulher olhou-o com os olhos negros abertos de terror. “A casa foi assaltada”, pensou Vaz, “cheguei tarde.” o que aterrorizava a mulher do Ernesto nada tinha porém a ver com a casa. O que a aterrorizava era o próprio aspecto de Vaz, rosto inchado de

fadiga e calor, escorrendo água como se tivessem entornado do alto da cabeça, boca aberta e seca, lábios exangues, o peito resfolegando, os olhos fixos, ardentes, encovados em dois anéis pisados e roxos. Que não, respondeu por fim a mulher, que não havia novidade lá em casa, pois ainda há pouco vira a Senhora cá fora a apanhar roupa.

- Há quanto tempo? - perguntou Vaz. E a voz saiu-lhe tão sumida e confusa que teve de repetir a pergunta.

Há um bocadinho, só há um bocadinho... Bom - suspirou Vaz, e até a respiração se lhe tomou mais fácil. Nervosa e amedrontada ainda pela aparição e aspecto de Vaz, a mulher do Ernesto, depois de lhe perguntar se tinha estado com o marido, contou-lhe que, já passado do meio-dia, viera uma furgoneta com quatro ou cinco paisanas, parara perto da mercearia e dois desses tipos tinham estado cochichando na estrada, ali mesmo em frente, junto à casa da menina Ermelinda. Também, havia meia hora, um automóvel parara lá abaixo na curva grande, mas, como dali não se via o sítio, não sabia dizer se ainda lá estava.

- Um dia compreenderá melhor tudo isto - disse Vaz, apertando-lhe a mão -, compreenderá melhor e ficará a estimar-nos mais.

Deixando a mulher do Ernesto, comovida por um perigo que adivinhava suspenso e terrível sobre os vizinhos, Vaz desceu o atalho em passos largos e, agora sem pressa, atravessou a estrada, passou em frente da casa da menina Ermelinda, subiu o olival e bateu à porta. Rosa veio abrir. Vaz nem lhe deu tempo que o olhasse.

- Calça-te e pega no casaco - disse e entrou.

Com gestos calmos e seguros, como se os tivesse estudado longo tempo, em profundo contraste com a fisionomia desfigurada, esvaziou para o chão uma cesta de batatas, levou-a ao quarto de trabalho e, em meia dúzia de movimentos, atirou-lhe para dentro todos os papéis que tinha em cima da mesa.

- Estás pronta? - perguntou

Rosa quis dizer alguma coisa, mas o que tinha para dizer era demasiado para o tempo de que dispunha. Vaz percebeu o olhar que ela lançou em roda: E os livros? E a máquina? E as roupas? E os objectos de uso pessoal? E tudo o resto, pouco sim, mas afinal tudo quanto tinham?

- Estás pronta? - repetiu.

Como que lembrando-se de súbito de qualquer coisa muito importante, Rosa deu uma corrida ao quarto e voltou com uma bolsita na mão. Menos de um minuto depois de Vaz ter entrado em casa, saíram os dois, desceram o olival, atravessaram a estrada e meteram por uns pinhais acima da casa do Ernesto. Pareceu-lhes que ninguém os vira.

Já à distância, atrás de uma aberta de árvores, descortinaram lá em baixo, à luz tranquila do entardecer, o princípio do atalho que da estrada conduzia à casa. A casa não se via dali, mas pelo atalho seguiam apressados alguns vultos escuros, de certeza homens e de certeza vestidos à moda da cidade.

Era de facto a polícia. Minutos depois, metida dentro a porta, cinco homens de armas em punho irrompiam pela casa abandonada.

### 3

Passava da meia-noite, Vaz e Rosa sentaram-se cansados à beira da vereda. A noite estava tranquila e morna e as estrelas salpicavam de luzes o céu negro e profundo. De certeza a polícia bateria a região durante a noite e havia por isso que evitar povoados e estradas. O ponto mais próximo onde Vaz sabia ter acolhimento seguro ficava a cerca de 20 quilómetros por estrada. Como Vaz queria seguir por atalhos e campos e seria certamente obrigado a voltas e desvios, teriam de andar toda a noite. Desabituada de longas caminhadas, Rosa tinha já os pés cheios de bolhas e as pernas entorpecidas. A Vaz, de tão fatigado, só a excitação impedia de tombar e adormecer. Apesar do revés que o atingia, sentia-se sereno. As mãos acariciavam a pesada cesta onde sabia estarem todos os documentos que havia em casa - apontamentos, relatórios, cartas, imprensa -, que, por velho hábito, tinha sempre em cima da mesa e em mais parte alguma. Sempre assim o fizera pensando na possibilidade de um assalto da polícia à casa e na necessidade de ter todos os materiais num só sítio para mais rapidamente os inutilizar ou, caso tempo houvesse, pegar neles e abalar. Fizera isso durante anos e mantivera sempre a disciplina necessária para nunca deixar de o fazer. Às vezes os camaradas referiam com certa ironia aquilo a que chamavam um “excesso de arrumação e de precaução”. O momento chegara e o esforço tenaz de anos inteiros fora compensado. A polícia ocupava a casa, mas os materiais sorriam ali naquela cesta.

Estavam já há longos minutos sem trocar palavra. Rosa pousou na coxa do companheiro a mão magra e leve e Vaz percebeu por esse gesto que ela ia dizer alguma coisa a que ligava importância. Rosa acariciou ligeiramente a perna do companheiro com a ponta dos dedos. Suspendeu esse movimento e falou.

- Ouve, José - disse tratando-o pelo seu verdadeiro nome, como há muito não fazia. Tornou a ficar calada e, ao calar-se essa voz quase impertinente na grandeza da noite, a noite pareceu de novo mais ampla, tranquila e solene. - Sabes que tenho uma filha?

Esta notícia, noutra altura, teria sido recebida por Vaz com surpresa e alvoroço. Agora pareceu-lhe uma coisa distante, indiferente, quase despropositada. Qualquer coisa que nada tinha a ver com a situação presente, com a sua vida, com a vida de Rosa, com a vida de ambos no que tinha de essencial - luta e a actividade do Partido.

- Sim, tenho uma filha - continuou Rosa numa voz calma e triste. - Uma filha burguesa, como o pai, uma filha que não conhece nem quer conhecer a sua mãe. Roubaram-ma. Pai, avó, juízes, todos eles ma roubaram. Primeiro ameaçaram-me, depois ofereceram-me dinheiro. Dinheiro, amigo, para uma mãe abandonar a filha. Acabaram por ma roubar. Disseram que eu era um estorvo à felicidade de minha filha e que ela correria perigo em viver na minha companhia. Apenas por ser operária e por ser comunista.

Rosa calou-se e de novo ficou o acariciador silêncio da noite. Vaz começava a sentir que as palavras de Rosa não eram afinal indiferentes à sua vida de militantes e aos acontecimentos do dia, mas que, pelo contrário, eram esses acontecimentos que a levaram a falar.

- Pessoalmente não os odeio - continuou ela com a voz ainda mais calma, mas onde se percebia uma antiga e profunda emoção. - A classe, sim, odeio, odeio com um ódio de morte. Odeio-lhes a moral, as ideias, os hábitos, os sentimentos, as palavras. Tudo quanto vem deles é empeçonhado. Temos de fazer o mundo de novo, amigo - acrescentou depois de uma pausa.

A mão de Rosa pesou mais na coxa de Vaz e ele pousou-lhe a sua em cima. Aquela presença misteriosa do passado de Rosa, ele a tinha agora na sua frente. Certas distrações, certos gestos, certas maneiras de proceder, tudo ficava num momento claro, e Vaz sentiu que, de todas as causas possíveis, esta em nada rebaixava Rosa a seus olhos, nada acrescentava ao que dela sabia e longe de os afastar mais os uniria.

- Temos de fazer o mundo de novo - repetiu Rosa.

E apertando por um instante ligeiramente a mão de Vaz entre as suas, moveu com dificuldade o corpo moído e entorpecido, levantou-se e pôs o casaco pelas costas. Vaz levantou-se também, estremeceu com um arrepio do corpo suado e esgotado e pegou na cesta.

- Não podemos fazer paragens tão demoradas - disse tossicando com uma tosse velada e dificultosa. - Se arrefecemos, acabamos por não poder dar um passo.

Agora tratava-se de andar toda a noite até chegar ao lugar seguro' Ele estava habituado. Mas Rosa? E sentiu uma grande piedade pela mulher fraca que tinha ao seu lado, privada de tudo e que de nada se queixava.

De pé, Rosa ficou ainda um instante quieta com a cabeça voltada para a imensidão do céu estrelado. Lembrava-se da filha? Do sedutor? De tudo quanto ficara na casa abandonada? Da violência da marcha que lhe em imposta? Dos pés chagados? Dos novos sacrifícios e perigos que a esperavam? Sumida na noite, parecia débil, desamparada e infeliz. Vaz passou-lhe o braço em volta e apertou-a contra si, de lado, ombro com ombro. Rosa esticou o pescoço até encostar a cara à dele - dois rostos magros, fatigados, contraídos, húmidos e frios, que se compreenderam e quiseram mais por isso.

Foi ainda Rosa que rompeu o silêncio.

- Se não fosse o Partido - disse numa voz calma e triste -, não valia a pena viver.

#### 4

Ramos chegou a casa de António ainda com ares de dia. Contra o costume, viera de bicicleta, uma bicicleta negra e pesadona com guiador revirado como a armadura de um boi.

- Que dizes a este toiro? - perguntou empurrando a bicicleta corredor fora.

Como Maria procurasse dar-lhe passagem, Ramos torceu bruscamente o guiador dirigindo-o para ela. Assustada e risonha, Maria encostou-se à parede. Na verdade, a bicicleta parecia um toiro.

Enquanto Maria contava como António ficara de vir a meio da tarde, estando portanto atrasado, Ramos arrumou a bicicleta, tirou a pasta e a pistola para cima da mesa, despiu o casaco e aproximou-se do lavatório. Maria ficou a vê-lo, pois apreciava a maneira como ele lavava as mãos. Primeiro arregaçava lentamente as mangas, depois pegava no sabão, molhava-o com uma pancada rápida na água e fazia-o deslizar ora nas palmas ora nas costas das mãos. Depois punha de lado o sabão e fazia abundante espuma num movimento lento, num jeito especial, parecendo a palma de cada mão o molde das costas da outra. Finalmente, mergulhava-as várias vezes na água até não ficar nelas o mais ligeiro vestígio de espuma. Quando acabou, Maria estendeu-lhe a toalha e disse sem pensar no que dizia:

- Vês? Se tivesse ido viver contigo, tinhas sempre quem te desse a toalha.

Ramos olhou-a, sorridente e observador, e Maria corou vivamente. Não tanto pelo olhar impertinente do camarada, como pelas palavras que dissera e de cujo sentido só agora se apercebia. Tentou emendar.

- Se calhar estou-te a criar maus hábitos. A tua companheira, se soubesse, era capaz de me ralar.



- A minha companheira? - gargalhou Ramos entre divertido e irritado. - Quem te disse que tenho companheira?

Percebendo que Ramos queria insinuar não ter companheira, veio subitamente à lembrança de Maria a conversa com António, quando ela repelira as suas propostas e ele falara na companheira de Ramos. Maria nunca pusera em dúvida essas palavras e elas tinham contribuído (sabia-o bem) para acabar por ceder. Teria António mentido? Maria tomou a corar levando a mão ao rosto.

Ramos arrumou a toalha e os dois sentaram-se à mesa. Fora-se porém a alegria dos primeiros minutos. Dir-se-ia que aquela breve troca de palavras. Os tomara pensativos e tristonhos. Enquanto esperavam António para o jantar, foram conversando de coisas soltas, mas depressa esgotavam os assuntos e ficavam largos momentos olhando-se silenciosos, pensando cada qual em qualquer coisa, com a ideia de que o outro estava pensando no mesmo. Então um ou outro falava de António.

- Está a demorar?

- Sim, está a demorar.

E Maria surpreendia-se a si própria a pensar que não faria mal se António se demorasse um pouco mais, para prolongar uns instantes o inocente prazer de estar só com Ramos.

Pelas 9 e 30 da noite começaram ambos a estar inquietos.

- Puseste o sinal no sítio combinado? - perguntou Ramos.

- O que era para ti era para ele. Não o viste?

Ficaram longo tempo calados, Ramos fazendo um tosco desenho, Mana arranjando as unhas. Depois voltaram à conversa sobre coisas soltas, intervaladas com grandes pausas, e agora não havia no que diziam a mínima sombra de gracejo.

Às 10 e 40 Maria foi pôr novamente uns carvões no lume para conservar quente a sopa e propôs a Ramos que comesse, pois devia estar precisado. Ela comeria com António, quando viesse.

- Espero também - disse Ramos.

Tirando da pasta um maço de jornais começou a lê-los, marcando-os com grandes riscos do coto de um lápis vermelho. Maria também tentava ler, mas mal o conseguia por duas razões contraditórias. Por um lado, desejava com ansiedade o regresso de António. Por outro lado, levantava de vez em quando os olhos do livro e sentia um estranho prazer vendo Ramos trabalhando no sossego do serão, na intimidade do quatinho tranquilo, mal iluminado pelo candeeiro a petróleo. Vendo-o sem ser vista, observava-o agora à vontade, sem a perturbação que por vezes lhe causavam a vivacidade, os gestos e expressões de Ramos, quando se dirigia a ela.

Ramos viu o relógio: meia-noite menos vinte e cinco. Puxou de uma agenda.

- Hoje não é quinta-feira? - perguntou, embora o soubesse perfeitamente.

- Sim, é quinta-feira - respondeu Maria.

Não havia engano possível. O atraso de António não tinha justificação. E começavam a estabelecer projectos para o caso de ele não vir a é à meia-noite quando ouvirem um ruído do lado da rua.

- Escuta! - disse Maria. Dir-se-ia que à porta esperavam ouvir a voz de Maria para baterem. Bateram.

- Aí o tens! - disse Ramos numa exclamação de alívio e alegria.

Maria correu alvoroçada.

## 5

Não era António, mas Vaz. Entrou com passos arrastados. Na cozinha sentou-se no banco que lhe chegaram e ficou fitando os camaradas com os olhos febris e encovados no rosto extremamente pálido, brilhando de suor à luz do candeeiro. Tirara o boné e os cabelos revoltos empastavam-se na testa.

- Desastre? - perguntou Ramos.

Vaz acenou ligeiramente com a cabeça e quis falar. Apenas tossiu numa tosse baça e abafada. Bebeu corri dificuldade o copo de água que Maria lhe estendeu e, antes de conseguir falar, teve de esperar ainda um pouco.

- A minha casa foi assaltada - pôde finalmente dizer. - A amiga e os papéis estão a salvo - e as mãos, num gesto estranho, pareciam procurar apoio em inexistentes braços de uma cadeira.

Sem nada perguntar, Ramos ajudou o camarada a levantar-se do banco e a deitar-se em cima da cama. Maria acomodou-lhe a almofada. Vaz fechou os olhos. Pálido de morte, respirava com dificuldade. Assim estiveram longos minutos, Ramos e Maria sentados na borda da cama e Vaz imóvel e de olhos fechados. Por fim respirou profundamente, tossiu na mesma tosse abafada, tomou a respirar fundo e sentou-se na cama.

- Temos de conversar - disse numa voz velada.

Contou então em poucas palavras o que se passou. Depois de pôr Rosa em casa de um camarada onde haviam chegado ao alvorecer completamente exaustos, Vaz, sem descansar um minuto, pusera-se a caminho para não faltar a encontros que tinha nesse dia e andara a pé quase todo o dia, sem comer fosse o que fosse. Apenas uma hora de camioneta que o deixara a duas léguas da casa de António.

- Bom, depois falaremos - disse Ramos. - Agora vamos comer.

Pegando no candeeiro, dirigiu-se à cozinha, seguido por Maria. Ele mesmo distribuiu a sopa. Vaz apareceu pouco depois e o seu abatimento era tanto, as faces tão chupadas e os olhos tão febris que Ramos e Maria não conseguiram tirar os olhos dele até que se sentou e começou a comer a sopa com a mão ligeiramente trémula.

Ramos comunicou a Vaz o atraso de António e perguntou-lhe se sabia onde tinha ido.

- Foi substituir-me - disse Vaz. - Tinha ontem o primeiro encontro em casa de Cesário.

Olharam-se. Um mesmo pensamento lhes ocorreu: de certeza, António fora preso.

## 6

Depois de comerem, pediram a Maria que os deixasse sós alguns minutos e combinaram então o que haviam de fazer. Sairiam imediatamente. Vaz apanharia um comboio às 2 da manhã, iria procurar Paulo com todas as cautelas e estudaria com ele a melhor forma de saber de António, talvez por via de José Sagarra. Caso António tivesse sido preso, trataria da mudança de Maria. Ramos iria a uma série de encontros que Vaz deveria ter (entre eles a casa dos Pereiras), pois Vaz não estava em condições de maior esforço. Encontrar-se-iam os dois juntamente com Paulo dentro de dias, num pinhal já conhecido dos três.

Chamaram Maria. Vinda do escuro, apareceu franzindo a cara à luz.

- Vamos sair - disse-lhe Ramos. - Pode ser que não tenha havido nada de grave com António e se tenha simplesmente atrasado por razões que desconhecemos. Se aparecer, tanto melhor. Nós vamos saber. Se houve novidade com ele, viremos buscar-te dentro de dois ou três dias. Se notares alguma coisa de suspeito cá na terra, tens onde te dirigir?

Maria lembrou a casa do advogado, onde estivera quando tratara dos dentes.

- Bom - disse Ramos. - Que dinheiro tens?

Maria foi buscar uma caixinha de cartão, tirou uma nota de vinte escudos e espalhou as moedas na mesa. Ramos não a deixou contar.,

- Toma - disse entregando-lhe duas notas. - Podem ser-te precisas - e começou a arrumar a pasta.

Maria acompanhava-o de perto, colada a ele, segurando-lhe o braço. Por uns instantes, Ramos viu-lhe os olhos pestanudos fitos nele, com a mesma

segurança, doçura e tristeza dos dedos que lhe apertavam o braço. Adivinhou que Maria estava mais inquieta por ele, Ramos, e pela separação naquele instante, que pela sorte de António.

- Tem coragem, rapariga - disse. - Não há-de haver nada.

Vaz aproximou-se dela e em silêncio abraçou-a, coisa que nunca tinha feito. Pela primeira vez também, Maria beijou-lhe a face pálida e fria. Ramos desprende o braço da mão de Maria, pegou na bicicleta e voltou-a para a porta.

- Parece um toiro, há? - disse sorrindo e indicando o guiador revirado para cima.

Maria sorriu também. Um sorriso triste em que transparecia uma vaga, censura: "Por que me deixais só, amiguinhos, porquê?"

## 7

Depois de saírem da aldeia e ao passarem, numa bifurcação, por urna estradita, Vaz e Ramos viram, à distância de uns metros, o farolim vermelho de um carro parado. Na escuridão lançaram um olhar em volta. Sabiam que aquela estradita, cuja construção começara e nunca acabara, não, tinha saída. Nenhumas casas havia naquele sítio e nada justificava ali àquelas horas um automóvel ou uma camioneta. Porquê e a fazer o quê? Haviam dado alguns passos, o carro parado acendeu os faróis, avançou, recuou, tornou a avançar, deu a volta na estrada e aproximou-se. Era um jipe. Encostados à berma, Vaz e Ramos viram-no tomar a direcção da aldeia. Seguindo com a vista o clarão dos faróis movendo-se no céu por sobre o horizonte, observaram que o jipe atravessava a aldeia sem parar e continuava sempre para mais longe, até o clarão se perder subitamente no escuro.

- Pode não ser nada - disse Vaz. - De qualquer forma, não devíamos deixar a amiga.

Ramos acendeu o isqueiro e viu o relógio: meia-noite e trinta e cinco. - Sim, é melhor levá-la - disse, e lembrou-se da mão de Maria premindo-lhe o braço, dos grandes olhos fitando-o e da vaga expressão de censura: "Por que me deixais só, amiguinhos, porquê?" - Vai tu tomar o comboio. Eu irei buscar a amiga, pô-la em lugar seguro e tirar de casa todos os papéis.

Os dois camaradas apertaram a mão.

- Logo que possas, procura dormir - disse Ramos. - E come, ouviste? Come! Em circunstâncias destas, é um crime deixares de comer para poupar uns tostões ao Partido.

Num passo arrastado e dificultoso, Vaz afastou-se. Ramos montou a bicicleta e voltou atrás.

- Esqueceu-te alguma coisa? - perguntou Maria quando o viu entrar, e os olhos brilharam de satisfação.

Ramos contou o que haviam visto. Era melhor saírem imediatamente de casa, levando todos os papéis. Depois, quando pudesse ser e se até então não tivesse havido novidade com a casa, viriam buscar as outras coisas.

Maria recebeu com evidente contentamento essa decisão. Nem perguntou o que sucederia se António voltasse, pois tal como Vaz e corno Ramos, considerava como certa a prisão de António. Encheram uma pasta com documentos e imprensa clandestina. Ramos preparou-se para fazer um grande embrulho com os melhores livros.

- Que posso eu levar? - sussurrou Maria, segurando a maleta que trouxera quando passara à clandestinidade.

Ramos reconheceu, bem essa maleta e lembrou-se do primeiro dia em que conhecem Maria, e também Maria se lembrou e viu o camarada do outro lado da vala, pousando a maleta no chão e abrindo os braços para que ela saltasse.

- Enche a maleta com o que quiseses - disse Ramos. - Com roupa tua ou com aquilo em que tenhas mais interesse.

Enquanto Ramos acabava de fazer o embrulho de livros, Maria foi arranjar-se ao quarto.

Vestiu primeiro uma blusa. Depois outra por cima dessa, depois ainda outra. Todas as que tinha. Apesar de ser Verão, vestiu uma camisola de lã e, depois de hesitar um pouco, vestiu por cima uma outra. Descontente, abanou duas vezes a cabeça, tomou a despir-se, vestiu uma segunda combinação, tomou a vestir as três blusas e as duas camisolas. Visivelmente mais satisfeita, meteu na maleta a melhor roupa de António (duas camisas, uma gravata, urnas calças), alguns objectos de uso pessoal de António, dois livros preferidos de António. Só depois meteu mais uns trapos e objectos seus. Quando acabou esse trabalho (e bem depressa foi, pois a maleta pouca coisa levava), Ramos já escrevera um bilhete para deixar sobre a mesa, admitindo o caso pouco provável de António aparecer e, contra o costume, fazer uso da chave. Indicou a Maria que escrevesse uma carta à dona da casa, dizendo que o marido tinha voltado tarde, que a mãe estava à morte e que haviam resolvido partir no comboio da madrugada.

- Mete-se-lhe por debaixo da porta - disse Ramos. - Assim, não haverá alarme na terra.

Enquanto Maria escrevia, Ramos atou a maleta no porta-bagagens, atou em cima a máquina de escrever, o embrulho de papéis e de livros e no alto da pirâmide a pasta de António.

- Consegues levar isso tudo? - perguntou Maria espantada.

- Ainda te levo a ti - gargalhou Ramos, fixando no quadro a própria pasta.

Isto feito, verificou os pneus e deu algumas bombadas enérgicas.

- Vamos? Maria fechou as portas interiores das janelas, aferrolhou a porta da cozinha e pegou no casaco.

- Veste, está fresco! - aconselhou Ramos. Mas, como Maria dissesse ter já demasiada roupa vestida, Ramos atou o casaco por cima da pasta de António.

- Um arranha-céus! - disse olhando de lado a camarada, enquanto ajustava melhor os cordéis junto ao selim.

Apagaram a luz. Equilibrando dificilmente a bicicleta com tamanha carga, Ramos saiu. Maria fechou a porta da rua e juntou-se-lhe na penumbra. Adiante, na aldeia silenciosa, meteram o bilhete por debaixo da porta da senhoria. Saíram da povoação. Ao começar a estrada a descer, Ramos encavalitou-se na bicicleta com os pés ainda assentes no chão.

- Sobe - disse ele. E como Maria não percebesse o que ele pretendia, repetiu. - Sobe - e ajudou-a a sentar-se no quadro.

- Tu és capaz de levar tudo, amiguinho? - perguntou Maria numa voz pela qual se adivinhava que sorria.

De farolim apagado, a bicicleta deslizou suavemente como se nenhum peso levasse. Maria sentiu o rosto do camarada encostado aos cabelos, o,1 peito encostado às suas costas e os braços enlaçando-a. "Como é possível?", pensava enquanto a aragem provocada pela deslocação lhe batia no rosto e lhe levava os cabelos ao encontro do rosto do camarada. "Como é possível? António foi preso e eu sinto alegria por ir aqui com Ramos."

Sempre em silêncio, andaram duas horas. Por várias vezes desceram da bicicleta, ora nas subidas, ora para Maria descansar um pouco da má posição, ora para Ramos compor e prender melhor a bagagem. À vista duma terra iluminada, Ramos tornou a parar.

- Ouve, amiga - disse numa voz que pareceu a Maria pouco firme. - Quando saímos de casa, calculei mal as horas. Temos que esperar aqui a camioneta da manhã. O melhor era passarmos o resto da noite numa pensão.

Ramos calou-se um instante. No escuro nada conseguia distinguir do rosto de Maria.

- Apresentarmo-nos como irmãos toma-se estranho - continuou. - Mas não sei se acharás mal dormires no mesmo quarto comigo.

Como Maria nada respondesse, Ramos acrescentou numa voz ligeiramente irritada:

- Não interpretes mal o que disse. Proponho isto apenas por razões conspirativas.

Maria continuava calada. Ramos procurava baldadamente distinguir-lhe o rosto. Só a silhueta. Um braço caído ao longo do corpo e o outro encolhido, possivelmente com a mão encostada à cara, num gesto habitual quando Maria corava.

- Olha, amigo - disse por fim Maria numa voz fraca, onde Ramos julgou adivinhar uma ponta de alegria. - Se achas que isso é preciso, pois faça-se assim.

## 8

Pasta na mão, a máquina de escrever na outra, Maria entrou no quarto pequeno e mal iluminado. Viu uma cama de madeira com uma colcha amarela, um tapete esgarçado ao lado da cairía, uma mesa-de-cabeceira. Tendo dado alguns passos sem sentir no ombro a mão de Ramos, conforme, sem saber porquê, esperava, voltou-se para ele. Ramos acabava de fechar a porta dando volta à chave e punha no chão a um canto a maleta, a outra pasta e o embrulho. Ao endireitar-se, olhou por sua vez a camarada. No rosto de Ramos, Maria não viu a alegria habitual, nem o ar observador e malicioso, nem aquela expressão convidativa e inquietante que lhe vira no comboio no dia em que o conhecera e que (também sem saber porquê) esperava agora ver-lhe de novo. Ramos tinha o rosto, extremamente contraído e olhava-a com severidade, quase com antipatia.

Ainda de chapéu na cabeça, Ramos dirigiu-se à cama, abriu-a, viu ter dois fracos cobertores de algodão e tirou um para fora.

- Tens sorte - disse numa voz rápida e nervosa. - Os dois lençóis e a almofada estão limpos. Assim podes despir-te e deitar-te.

Ao contrário do que sempre sucedera entre os dois, em Ramos que agora se mostrava agitado, e face ao nervosismo de Ramos, como respondendo a ele, Maria estava calma e senhora de si.

- Onde vais tu dormir? - perguntou ao ver que Ramos estendia o cobertor no chão ao lado da cama.

Ramos tirou o casaco que estendeu na cama, no sítio dos pés, aproximou-se do lavatório e lavou as mãos, limpando-as depois às palmadas na toalha poída. Sentada na borda da cama, do lado contrário àquele em que Ramos estendera o cobertor no chão, Maria seguia-lhe os movimentos, com os olhos

pestanudos muito abertos e sentindo crescer dentro de si uma grande tristeza. “Que mal lhe fiz eu?”, pensava nesse instante.

Sempre em movimentos rápidos, Ramos deu a volta à cama, sentou-se no chão em cima do cobertor, deslaçou a gravata, descalçou-se, tirou do pulso o relógio a que deu corda e pôs em cima da mesa-de-cabeceira, puxou o travesseiro sob o qual meteu a pistola e, ajeitando melhor o cobertor, deitou-se, acomodou-se e cobriu-se até às orelhas.

- Quando quiseres, podes apagar a luz e deitar-te - disse numa voz rápida e seca.

Maria aninhara-se em cima da cama e não o perdera de vista um instante. Abanava ligeiramente a cabeça, num gesto de surpresa e desaprovação.

- Aí não vais descansar nada, amigo - disse comovida. - Podias deitar-te em cima da cama ao meu lado. Isso que tem?

- Deita-te, deita-te - disse Ramos sem mudar de posição.

- É um disparate - insistiu Maria.

Ramos não respondeu. Maria conservou-se assim alguns minutos. Depois inspeccionou lençóis e almofada, viu que na verdade estavam limpos, tirou o casaquito, a camisola de lã, as três blusas e descalçou-se. Ficou um instante olhando cismadora as próprias pernas brancas e roliças e, sacudindo a cabeça, apagou a luz, tirou a saia e deitou-se voltada para o lado de Ramos.

- Amigo - disse passado um pouco, quase ciciando. Como Ramos nada correspondesse, repetiu: - Amigo.

- Hum! - rosnou Ramos.

- Por que te não deitas em cima da cama? Aí não vais descansar nada e vais apanhar frio.

- Não é preciso, não é preciso - disse Ramos numa voz rançosa. abafada pelo cobertor em que se enrodilhara.

Essas palavras soaram aos ouvidos de Maria como que dizendo: “Não me peças impossíveis, amiga,” E, apesar de tê-las assim compreendido, insistiu ainda, num modo infantil, quase suplicante:

- Deita-te em cima da cama, amiguinho.

Ramos não respondeu.

Passados alguns minutos, Maria ouviu ressonar. “Está a fingir””, pensou instintivamente,



Ao abrir a porta, a criada do advogado ficou embaraçada ao ver Maria com um homem desconhecido.

É meu irmão - explicou Maria. Levei-lhes há bocado o café à cama - disse a criada, olhando de través para Ramos, lisonjeada com a maneira como a fitava aquele simpático cavalheiro. - Não sei se já estão levantados. Vou dizer-lhes e, mandando-os entrar para a sala, sumiu-se pelo corredor.

Maria sentou-se cansada, as mãos pousadas no colo. Aos pés a maleta, a máquina de escrever, as pastas, o embrulho. Parecia um viajante esperando o comboio numa gare de província. Com as mãos nos bolsos, Ramos mirava irónico os quadros que ornamentavam as paredes. Nada se apercebia da preocupação pelos graves acontecimentos que se estavam a passar. Recuperam a disposição habitual. Não mais olhara Maria com a severidade e antipatia da noite anterior, e Maria julgava mesmo descortinar, quando a olhava, uma estranha expressão de alegria e mofa, como se estivesse gozando com a sensação confusa de vergonha e decepção que Maria sentia depois daquela noite. “Por que é ele assim mau para mim?”, perguntava-se Maria, que entretanto seria incapaz de encontrar em que era mau o camarada para ela.

A mulher do advogado apareceu com um fulgurante robe azul e o cabelo em desalinho. Via-se que ainda não lavara a cara, mas pintara os lábios de um vermelho de sangue.

- Então, outro dente? - perguntou pegando nas mãos de Maria, chegando-lhe a cara e dando um beijo no ar para a não sujar de bâton.

Maria explicou em poucas palavras que necessitava de ficar alguns dias, pois tivera de sair precipitadamente da casa onde vivia.

- Pois sim - disse apenas a mulher do advogado. E olhou primeiro e severamente a bagagem e depois Ramos com um ar de desconfiança e perplexidade. Em superior à sua compreensão ver assim uma rapariga, e para mais engraçadinha, acompanhada por homens a toda a hora e por todos os caminhos.

O advogado entrou nessa altura. Vestindo um pijama às riscas, sorridente, avançou num passo rápido e apertou a mão aos camaradas sem fazer qualquer pergunta. Parecia satisfeito por vê-los ali.

- Pior dos dentes? - perguntou tal como fizera a mulher.

- Disparate! - comentou a mulher, já esquecida de que fizera precisamente a mesma pergunta.

Explicaram-lhe também do que se tratava e o advogado propôs que tornassem o pequeno-almoço, pois certamente estavam em jejum- Ele próprio chamou a criada e mandou preparar a refeição.

Na casa de jantar, foram conversando. Tinha o seu sal o contraste entre a maneira de falar do advogado, rebuscando as frases com gestos mundanos e um tanto teatrais, e a maneira de Ramos, de uma franqueza e à-vontade que tocava a insolência, se não fora a segurança de si mesmo. Ramos procedia e falava como se estivesse em sua própria casa, ou se conhecesse os donos daquela há muitos e muitos anos. O curioso é que se via desde logo que a sua presença agradava. No meio da conversa, Ramos abriu mais um papo-seco, barrou-o de abundante manteiga e estendeu-o a Maria.

- Vá, come, eu sei que gostas. Voltando-se para a mulher do advogado acrescentou:

- Tem de obrigar esta menina a comer, senão mata-se à fome E, gargalhando, contou o que acontecera a primeira vez que ficaria lá fora a casa, quando, ao sair depois do almoço, tivera de ir comer qualquer coisa com António.

O advogado, surpreendido, acabou por rir, mostrando os dentes amarelos mas polidos. A mulher encolheu o queixo contrafeita e embaraçada e sorriu por cortesia. Afogueada, as lágrimas subindo-lhe aos olhos, Maria morria de vergonha, como se a estivessem acusando publicamente de alguma indignidade. “Por que é ele tão cruel para mim? Que mal lhe fiz eu?”, pensava.

Ramos preparou-se para sair. Ao despedir-se de Maria diante do advogado e da mulher e como se não notasse a presença deles, agarrou Maria pelos ombros, as mãos coladas no redondo da carne, e, olhando-a de frente, percorreu-lhe todo o rosto numa mirada fugitiva e observadora, os cabelos negros arrepanhados junto às orelhas, as faces coradas, a boca, e acabou por fixar-se nos olhos pestanudos com uma expressão convidativa e provocante. Nesse momento, Maria compreendeu a conduta de Ramos na noite anterior e compreendeu também nesse momento claramente que gostava de Ramos como nunca gostara de ninguém e que teria sido sua, se ele o tivesse querido.

- Saúde, camarada - disse Ramos.

- Saúde - disse Maria.

## 10

Conforme combinara com Vaz, Ramos foi em seu lugar a uma série de encontros. Durante dois dias tudo correu normalmente. Nas terras aonde foi nada de extraordinário havia ocorrido. Em toda a parte referiram êxitos e progressos. Por seu lado, em todas as deslocações que, de bicicleta, de comboio

e de camioneta fez nesses dois dias, também nada notou que pudesse ser tido como vigilância excepcional.

No segundo dia procurou um casal de velhos de militantes, que por doença e pela idade pouco podiam fazer e, estavam quase esquecidos. De início mostraram rostos carregados de censura, mas ficaram radiantes com o pedido de Ramos para pernoitar lá de quando em quando e mais radiantes ainda quando Ramos lhes anunciou que começaria a utilizar a casa logo no dia seguinte. À despedida, a velha entregou-lhe um pequeno farnel e o velho insistiu para que levasse também o que restava de um maço de cigarros.

Alegre, Ramos beijou um e outro, abriu a Porta para sair, voltou-se ainda para dentro e ciciou para que de fora não ouvissem:

- Até amanhã, camaradas!

A velha acenou um adeus e Ramos partiu.

Foi no terceiro dia, ao dirigir-se a um encontro numa pequena localidade, que se lhe deparou a primeira surpresa.

Tendo-se apeado do comboio no apeadeiro deserto e tendo tirado a bicicleta do furgão, seguiu o cais e saiu da cancela para a estrada na passagem de nível. Nesse momento chamou-lhe a atenção, a meia centena de metros, um homem de casaco branco, que olhou para trás, para ele de certeza, e desapareceu na porta de uma loja. Quando Ramos passou pelo estabelecimento deu com o homem agarrado ao telefone na penumbra do interior. Olhava a estrada, mas voltou a cara logo que o viu. “Não gosto disto”, pensou Ramos.

Junto do apeadeiro, havia apenas uma dúzia de casas à borda da estrada. A povoação ficava a algumas centenas de metros. Em vez de seguir a estrada direito à entrada da povoação, onde era o encontro, Ramos cortou para uns restolhos com a bicicleta à mão, subiu a uma colina onde ficou meio encoberto por umas paveias e pôs-se a observar a estrada. Não estava ainda ali há dois minutos, viu virem do lado da povoação, em passo estugado, dois homens bem vestidos, um dos quais baixo, entroncado e em cabelo, cuja figura lhe pareceu familiar. Viu depois aparecer, vindo do lado do apeadeiro, o homem de casaco branco. Ao encontrarem-se, os três homens estacaram e o baixo e entroncado, olhando em roda para os campos, fez grandes gestos, que novamente lhe pareceram familiares. Ramos agachou-se atrás das paveias e viu os três homens, tal como ele havia feito, subirem a uma pequena elevação, voltando-se para todos os lados. Depois o baixo e entroncado, sempre a olhar para um e outro lado da estrada, seguiu com o do casaco branco para o lado do apeadeiro, enquanto o outro voltava a correr em direcção à aldeia. “Vamos ter festa”, pensou Ramos, começando inexplicavelmente a divertir-se.

A sua surpresa aumentou ainda mais quando viu parar junto do que corria um automóvel vindo da aldeia e descenderem três homens que olharam também para todos os lados. Depois, o automóvel deu a volta na estrada em poucas e hábeis manobras e voltou para trás, levantando rolos de poeira. “Bonito, sim senhor.” Não tinha mais qualquer dúvida do que era a polícia, num autêntico cerco, esperando Vaz, que devia ir ao encontro. Não tinha também qualquer dúvida de que o do casaco branco o vira descer do comboio (o único passageiro a descer do comboio e com uma bicicleta tal como Vaz devia aparecer) e alertara os outros. Pela configuração do terreno, compreendeu rapidamente não ser fácil sair dali sem um encontro com eles. Em frente, do outro lado da estrada e envolvendo-a desde o apeadeiro até à aldeia, estendia-se um campo de restolhos, baixo e chato, onde seria sem dúvida imediatamente visto, tanto do lado do apeadeiro como do lado da aldeia. “Por muito que corresse”, pensou Ramos, “seria ali caçado como uma lebre por uma matilha de cães.” Para a direita, tinha o apeadeiro e a linha do comboio. Para trás, mais restolhos e altos e brancos muros de duas quintas. Para a esquerda, a aldeia, espreitando logo na primeira curva da estrada. “Ficar aqui não posso”, pensou Ramos vendo dois trabalhadores que se aproximavam apanhando e juntando as paveias. “Só tenho duas soluções: ou procurar saltar para dentro de uma quinta e aí esconder-me até à noite, e, mesmo que consiga saltar o muro e que não haja cães, será muito difícil fazê-lo sem ser visto; ou procurar romper já.” Ramos decidiu-se pela última, hesitando se devia ou não abandonar a bicicleta. Depois de ver novamente com atenção a disposição do terreno, decidiu-se a atravessar a estrada perto da entrada da aldeia e tentar ganhar uma ondulação de terreno que via à esquerda. Mas, quando se aproximou e olhou mais a descoberto as primeiras casas, deu logo com dois vultos parados na estrada.

- Sim, senhor, com todas as regras - disse em voz baixa, cada vez mais divertido.

Numa brusca decisão, voltou atrás, tomou a subir a colina, desceu de novo à estrada e, montando na bicicleta, dirigiu-se para o lado do apeadeiro.

Ao chegar a uma centena de metros da cancela, viu encostado a esta o homem baixo e entroncado e imediatamente o reconheceu: o Soares. Sim, era o Soares, o agente da polícia Soares que ele bem conhecia e que bem o conhecia a ele. Voltava a cabeça inquieta para um e outro lado. Quando deu com Ramos, ficou imóvel, notando-se apenas que enfronhava mais a mão no bolso exterior do casaco. “Já vamos ver isso, meu menino, já vamos ver isso”, pensou Ramos. E descendo da bicicleta e conduzindo-a com a mão esquerda, meteu por sua vez a direita no bolso exterior do casaco. Sem perder o outro de vista um instante, continuou em direcção às cancelas. Via agora com todo o pormenor o rosto

redondo e barbeado do Soares, a falta de cabelo realçada pelo uso exagerado de brilhantina, os olhinhos maus fitando-o também. Ramos está a menos de meia dúzia de passos. Os dois homens olham-se com intensidade e como que uma corrente vertiginosa de observações, de dúvidas, de perguntas, corre de um olhar para outro olhar. Soares, num gesto ostensivo mexeu a mão dentro do bolso. Já Ramos, sempre a olhar para ele, abria a portinhola da cancela e entrava na linha.

- Boa tarde! - disse Ramos, sem saber porque o dizia, mas sentindo absoluta necessidade e extremo divertimento em dizê-lo.

- Boa tarde - respondeu o Soares numa voz apagada.

De si para si, Ramos deu uma gargalhada. Saltando para cima da bicicleta, foi pedalando com ar estouvado até ao fim do cais do apeadeiro e, chegando aí, seguiu a linha urnas dezenas de metros e voltou-se para trás. Tal como à chegada o do casaco branco, o Soares corria agora em direcção ao estabelecimento comercial. "Telefona, menino, chama o paizinho!" Ramos está cada vez mais divertido.

Se pensasse nisso, teria certamente a ideia de que a própria expressão era descontraída, prazenteira, mesmo gozona. Mas não. A expressão não condizia com o prazer que sentia. Por isso, um camponês que passava ficou-se a olhar aquele homem alto e moreno, segurando uma bicicleta de enorme guiador revirado, cujo rosto crispado acusava espanto e inquietação e cujos olhos brilhavam de ódio fitando a estrada.

## 11

Seguiu uns quilómetros de bicicleta ao longo da linha e cortou depois por uns campos ondulados tufados de moitas. Resolvera aproximar-se da terra dos Pereiras sempre a corta-mato, mas, depois de algumas horas de marcha, viu ter avançado pouco, devido ao peso e embaraço da enorme bicicleta negra. Hesitava no que devia fazer, quando deu com um casal isolado, à porta do qual estavam um homem e uma rapariga, que o olharam com desconfiança.

- Quer ganhar dez escudos, compadre? - perguntou Ramos de entrada.

Como sempre lhe sucedia quando falava com desconhecidos, o camponês ficou tranquilizado com o seu modo de falar e sorriu, tomando a frase à conta de gracejo. A rapariga sorriu também, mostrando os dentes bonitos e verificando que Ramos reparava neles.

- Tenho de ir a S... ver uma lenha - disse Ramos , mas por estes caminhos com a bicicleta nunca mais lá chego. Você guarda-me a bicicleta até amanhã, ou alguns dias, se eu não puder vir amanhã, e eu pago-lhe dez escudos.

O camponês voltou a sorrir e os pequenos olhos matreiros, espreitando Ramos por baixo da aba do chapéu, pareciam dizer: “Eu guardo-te a bicicleta, mas isso dos dez escudos é a brincar ou a valer?”

- E a valer! - disse Ramos, adivinhando-lhe o pensamento.

O camponês encolheu os ombros para mostrar que, se guardava a bicicleta, não era pelo dinheiro, deu mesmo a entender com esse gesto que o dinheiro nada lhe interessava. Depois disse à rapariga para se levantar, saiu do limiar da porta e deu passagem a Ramos e à bicicleta para o interior da casa. Mal imaginava que esse pedido e essa bicicleta seriam para ele durante anos o maior motivo de mistério e inquietação.

Já caía a tarde quando Ramos chegou a casa dos Pereiras. A alguns metros da porta, um homem de fato de ganga olhou-o de revés. “Já vejo polícias em toda a parte”, pensou sorrindo de si próprio.

Subindo a escada, foi bater à porta. Veio abrir uma mulher desconhecida, com uns olhos assustados, que disse, numa voz baixa e medrosa, não estar ninguém em casa.

- Demoram? - perguntou Ramos lembrando-se do homem do fato de ganga.

Com os olhos cada vez mais atemorizados, a mulher murmurou qualquer coisa de confuso, palavras soltas e desconexas, como se não pudesse exprimir o que queria dizer. Nesse instante Ramos ouviu dentro de casa o arrastar de uma cadeira.

- Até depois! - disse à mulher, e desceu as escadas a correr.

Ao chegar à rua viu dois homens, em frente, parados um ao lado do outro. A pequena distância o do fato de ganga. Viu de relance a expressão igual e um gesto igual nos dois. Segurou com força a pistola dentro do bolso e seguiu em grandes passos pela rua procurando ganhar uma quelha sua conhecida.

- Faz alto! - gritaram-lhe atrás.

Logo a seguir sentiu um choque estranho e indefinível, como se lhe atirassem com toneladas de algodão, retirando-lhe o apoio das pernas e projectando-o de borco para diante. A mão esquerda correu à pequena algibeira do casaco, retirou uma agenda, levou-a à boca, e Ramos começou desesperadamente a trincá-la e a rasgá-la com os dentes. A mão direita puxou a pistola para fora, mas ficou estendida e inerte de encontro ao chão. Ramos ouviu aproximarem-se passos, num ruído medonho, fazendo tremer o solo

como se fossem passos de gigante. O papel que morde sempre e sempre tem agora um sabor a terra e a sangue.

A três passos, o chefe da brigada foi atirando até esvaziar o carregador.

## Capítulo XVI

### 1

Preso Gaspar na véspera da greve, encontrando lá em casa imprensa clandestina, a PIDE ficou certa de ter apanhado uma importante malha da rede do Partido. Gaspar não era qualquer pessoa. Os patrões informaram tratar-se de um operário invulgarmente capacitado e com grande prestígio entre os companheiros. Tinha sido ele o animador dos movimentos na fábrica e na classe e fora recentemente eleito presidente do Sindicato Nacional, numa lista que, pela primeira vez, opusera os trabalhadores à direcção fascista. Na assembleia, a primeira a que os trabalhadores tinham concorrido, todas as tentativas de impedir, interromper ou falsificar a eleição tinham sido impedidas pela acção enérgica dos trabalhadores.

Além da imprensa clandestina, a polícia nada apanhara a Gaspar por onde pudesse descobrir outros membros do Partido. Espancado três noites a seguir, Gaspar negou-se a denunciar os companheiros.

A PIDE procurou então saber junto da gerência da fábrica e de alguns informadores quem mais acompanhava com Gaspar. Nisso coincidiam todas as informações: o braço direito de Gaspar era Túlio.

Túlio foi seguido e observado, dentro e fora da fábrica. Como nada tivessem podido concluir e houvesse notícia da sua conduta timorata no dia 18 resolveram prendê-lo e experimentá-lo. Túlio foi preso em casa alta noite, metido numa furgoneta e levado para Lisboa.

A furgoneta parou em frente da sede, silenciosa e aparentemente adormecida, na rua obscurecida naquele troço pelas luzes apagadas com intenção. O postigo da porta chapeada, com um fraco ruído metálico, deixou ver o seu rectângulo iluminado, logo tapado pela sombra de uma cabeça. A porta abriu-se cautelosa. Os dois agentes que acompanhavam Túlio empurraram-no para o átrio e desapareceram num gradão aberto por dentro com grande ruído de chaves e ferros.

Encontravam-se ali apenas dois homens: o guarda da porta, fardado, e outro agente, de fato-macaco. Um e outro estavam calados, de mãos nos bolsos, ambos com o cigarro ensopado de cuspo descaído no lábio, ambos com os olhos



semicerrados do sono e do fumo. As duas figuras, as duas atitudes e as duas expressões eram tão iguais e tão repugnantes, transparecia nelas tanta insensibilidade, cinismo e malvadez, que não se percebia se esse aspecto provinha da natureza dos homens, ou se estes tornavam para infundir terror. O certo é que, ao olhá-los, Túlio teve a ideia de ter caído num covil, onde nenhum socorro havia a esperar e onde estaria completamente à mercê de homens como aqueles. A rótula da perna direita começou a tremer-lhe e uma sensação estranha de paralisia lhe tomou o queixo.

Um dos agentes que o trouxera reapareceu ao gradão, chamando-o com o dedo e um assobio. Disse-lhe para seguir à frente e fê-lo subir umas escadas estreitas e escuras até ao terceiro ou quarto andar. Aí abriu repentinamente uma porta, uma crua chapa de luz fustigou o rosto de Túlio e este viu-se em frente de uma secretária, à qual estava escrevendo um homem forte em camisa de mangas arregaçadas, com o cabelo chispado e lustroso. Apercebeu-se confusamente que, dum lado e doutro, estavam outros homens sentados e em pé.

- Vamos a saber - disparou o da secretária, fitando-o com dureza. Quem são os outros da Cicol? Mal Túlio tivera tempo de encolher os ombros a mostrar perplexidade, logo uma pancada lhe estoirou num ouvido e, como o corpo oscilasse, uma bofetada brutal do outro lado restabeleceu o equilíbrio. Sentou-se desorientado.

- Então? - perguntou o da secretária continuando a fitá-lo.

Túlio mal o via. No meio da chiadeira que o atordoava, tudo lhe parecia confuso e terrível àquela luz branca e crua. Sentia-se completamente desamparado, à mercê da força bruta, sem qualquer possibilidade de resistência. Sabia já nesse momento que acabaria por falar. Sabia-o desde o dia 18 de Maio, quando diante da bancada ouvira a luta dos companheiros sem levantar os olhos do trabalho e das mãos que tremiam. Alguma coisa o impedia contudo ainda de dizer nomes.

- Não sei de nada... - balbuciou.

Logo, como explosão, lhe estoiraram na cabeça e no rosto novas pancadas. Túlio sentiu-se empurrado para o meio do compartimento e aí, no centro de uma roda de agentes, uma chuva de pontapés, de socos, de bofetadas, de golpes com cavalo-marinho, lhe desabaram em cima, fazendo-o desequilibrar-se para um lado e para outro, voltar-se, cair, tomar a levantar-se, enquanto lhe apareciam diante dos olhos um rosto desconhecido e pavoroso a berrar, uma perna, um tapete verde, um punho, outro rosto, e lhe soavam aos ouvidos palavras indistintas, insultos, berros e o som surdo das pancadas.

O homem da secretária levantara-se e estava agora de pé, em frente dele, cruzando os braços nus e felpudos onde brilhavam um vistoso relógio e uma

pulseira de ouro. Respirando com dificuldade, curvado, uma vista fechada e os lábios tumefactos, Túlio procurava engolir o sangue que constantemente se lhe juntava na boca. ,

- Diz só quem são os da Cicol. Nada mais queremos de ti. Diz isso e deixamos-te em paz.

Túlio recusou-se ainda a falar e o espancamento continuou.

Às 5 da manhã, deixaram-no alguns momentos e trouxeram-lhe um copo de água. Tremendo convulsivamente, entornando grande parte, Túlio bebeu com avidez e dificuldade. Ao engolir a água fresca, parecia-lhe regressar de um horrível pesadelo para uma vida deliciosa de prazer e frescura. Daria anos para não voltar a esse pesadelo e continuar a beber, sem pressas e tranquilo, aqueles goles de água fresca.

O investigador estava de novo sentado.

- Bom - disse numa voz branda e amável. - Para acabarmos com isto, diz quem são os da Cicol e fica tudo resolvido. Ninguém te toca mais e, pegando num lápis, preparou-se para escrever.

Falando numa voz quase ininteligível, Túlio disse cinco nomes, que o outro se apressou a escrever. Mas, quando julgava ir finalmente poder dormir e esquecer, de novo o obrigaram a levantar e lhe caíram em cima com fúria. Agora o investigador dava gargalhadas e berrava-lhe junto à cara, como um demónio.

- Comes-nos por parvos, ou quê? Ou dás o Comité Local ou matamos-te, cão!

E nessa madrugada e nos dias seguintes Túlio deu os nomes de Pereira e Jerónimo. E disse que o Gaspar era do Comité Local. E disse que a lista apresentada no sindicato tinha sido elaborada pelo Partido. E disse que fora a uma reunião do Comité de Greve e quem aparecera com o camarada controleiro fora o Pereira. E que percebera que esse camarada se tinha dirigido a casa do Pereira. E disse mais quatro nomes de camaradas da Cicol. Túlio disse tudo quanto sabia. Só não falou em Vicente. Não para o defender. Se o não fez, por muito estranho que pareça, foi apenas porque se não lembrou dele.

Mesmo falando, não o pouparam. Durante os interrogatórios, Túlio foi invariavelmente agredido e espancado. Já mal via e mal podia falar. Levavam-no e traziam-no amparado. Mas davam sempre. Até fornecendo indicações verdadeiras era maltratado, quando a polícia tinha uma ideia diferente das coisas. De forma que, para o fim, apanhava por estar calado, apanhava por mentir e apanhava por falar verdade.

- Isso não é exacto - declarou calmamente Jerónimo ao investigador. - Já há muito tempo que não tenho qualquer actividade.

- Não somos nós que o dizemos - disse o investigador repetindo uma expressão favorita. - Quem o diz são os teus camaradas.

- Venham dizê-lo à minha presença - disse Jerónimo de beijo descaído, olhando distraidamente a mão do investigador, que, cheia de vistosos anéis, sacudia a cinza do cigarro. - Logo se vê quem fala verdade.

- Não, não te damos esse gosto. Agora negas. Nós te faremos falar.

- Ameaças? - perguntou Jerónimo na mesma voz calma, sem deixar de olhar a mão, os anéis e o cigarro.

- Não, não são ameaças - disse o outro com uma pequena gargalhada nervosa. - A polícia não trata mal ninguém e tu bem o sabes. Mas temos processos científicos de investigação - dizendo isto, deu outra pequena gargalhada.

O olhar mortíço de Jerónimo passou com indiferença pelo rosto do investigador, fitou-lhe um instante os olhos e voltou a distrair-se com os movimentos das mãos e do cigarro.

- Falemos com franqueza - disse numa voz cada vez mais arrastada e calma. - o senhor já não é uma criança e eu também não sou. Sabe que já estive preso e que por duas vezes utilizaram comigo esses processos científicos de que fala - nem ao dizer a palavra “científico” a voz de Jerónimo se alterou. - Sabe que no meu caso não deram resultado. Estive três meses no calabouço entre a vida e a morte e um mês no hospital, mas não deram resultado.

Parou um momento a esperar que o agente esmagasse bem a ponta do cigarro no cinzeiro e continuou:

- Não há razões para pensar que desta vez o dessem. Isto é, não dariam mesmo. Agora façam o que quiserem.

Sem nada acrescentar, o investigador, depois de estar longos minutos olhando o preso, levantou-se e foi junto da janela falar com outro agente que ali se encontrava. Este saiu e o investigador voltou a sentar-se à secretária, silencioso, olhando fixamente Jerónimo com ar trocista.

- A propósito - disse subitamente Jerónimo, como se considerasse a conversa anterior completamente encerrada. - Os senhores vejam lá se dão comer que se coma. Hoje o feijão estava cru e a sopa parecia lavagem de porcos.

Nos olhos do investigador brilhou um clarão de maldade.

- Não pretendes mais nada? - perguntou com um sorriso afectado, desmentido pela expressão transtornada por súbita tremura numa das faces.

- Não - respondeu Jerónimo na mesma voz, como se não reparasse na expressão do outro e se a pergunta fosse feita a sério. - Por agora não pretendo mais nada.

Levaram Jerónimo para o calabouço e só passado um mês o chamaram. Sem insistência, fizeram-lhe meia dúzia de perguntas para auto, às quais ele respondeu negando as acusações.

### 3

Por virtude da denúncia de Túlio e da sua informação de que aí costumavam dirigir-se funcionários do Partido, a casa dos Pereiras foi assaltada com especial aparato. Enquanto para prenderem Gaspar, Túlio, Jerónimo e vários operários da Cicol se tinham apresentado nas respectivas casas dois ou três agentes, a casa dos Pereiras foi cercada e a porta metida dentro a meio da noite. Pela correria que logo fizeram através dos compartimentos, viu-se terem a ideia de poder estar ali mais alguém. Perguntaram a quem queriam deixar a casa entregue. Como dissessem que a uma irmã do Pereira que morava perto, logo a foram buscar.

- Precisamos de passar uma busca - explicou o chefe da brigada, mas só queremos fazê-lo estando alguém da vossa confiança. Não queremos que depois digam que tocámos em alguma coisa.

Isto dito, levaram Pereira e Conceição e, ao colo desta, o menino. Tinham procurado convencer Conceição a deixar o filho aos cuidados da cunhada, mas Conceição, cujo primeiro gesto ao sentir a polícia entrar casa dentro fora precipitar-se para o berço do filho e pegar-lhe, recusou-se com toda a energia a deixá-lo.

A primeira vez que na manhã seguinte chamaram Conceição a ser interrogada, fizeram-lhe um grande discurso. Que compreendiam muito bem a situação dela procurando ajudar o seu marido legítimo (duas ou três vezes repetiram esta expressão “marido legítimo”) e esse era um procedimento que só a honrava. Poderia ter a certeza de que lhes em muito desagradável prender uma mulher honesta, sobretudo com uma criança de peito. A vontade deles era arrumar depressa aquele caso e mandá-la sossegada para casa. O Pereira também decerto não estaria muito mais tempo - asseguravam. Tudo se resumia no seguinte: sabiam que iam lá a casa pessoas estranhas à terra. Queriam saber quem eram, há quanto tempo lá iam e quando e como costumavam aparecer.

- A senhora em dez minutos diz o que tem a dizer e fica despachada - concluiu o investigador. - Aliás, estou convencido de que nem a senhora nem o

seu marido legítimo tinham ideia da responsabilidade dessas visitas. Se tivessem, o caso era feio para vocês. Assim, quanto mais depressa esclarecerem o caso mais depressa vão em paz.

- Não sei o que o senhor quer dizer com tudo isso - disse Conceição. - Palavra que não percebo.

O investigador olhou-a uns momentos calado.

- A senhora está ainda muito nervosa - disse por fim, levantando-se. - Não faz mal, volta cá mais logo.

Depois de ter chegado à porta e dito qualquer coisa para fora, veio até meio do gabinete.

- Se precisar alguma coisa para o menino diga, não se acanhe. Nós não somos tão feios como nos pintam.

- Sim, preciso! - atirou Conceição numa voz exaltada e agressiva. E abrindo o xaile mostrou as pernas gordas e rosadas do filho e o rabito envolto num pano branco molhado. - Preciso de lhe lavar as fraldas e a roupa todos os dias.

- E bonito, o menino - disse o investigador debruçando-se sobre a criança e sorrindo-lhe.

Logo num relâmpago, como ave a defender o filho de um abutre, Conceição o embrulhou e escondeu.

- Eu vou tratar disso, esteja sossegada - disse o investigador, como se não tivesse reparado no gesto de Conceição. - Logo volto a chamá-la. Entretanto pense bem: em dez minutos pode resolver tudo e ir-se embora para casa.

Depois do almoço voltaram a chamá-la.

- Deram-lhe o que precisava? - perguntou logo de entrada, procurando sorridente fazer uma festa à criança que, agora acordada, se mantinha muito direita ao colo da mãe.

Deram - respondeu Conceição fugindo novamente com. O filho a carícia.

Na verdade, logo que chegara ao calabouço, a haviam levado a um lavatório onde pudera lavar a roupa e pô-la a enxugar ao sol em frente de uma janela.

- E então? - perguntou o investigador cruzando os braços e sorrindo.

Referia-se evidentemente às perguntas anteriormente feitas e à disposição de Conceição para responder a elas.

- Então - respondeu Conceição como se não compreendesse a intenção da pergunta e sempre no mesmo tom exaltado e agressivo um calabouço às escuras não é sítio para ter uma mulher com uma criança desta idade.

- Quer mandar o menino para casa? - perguntou o investigador sempre sorrindo.

- Não, quero que me ponham num sítio claro.

- Isso não há-de ser preciso - disse o investigador após uma pausa. - o que é preciso é que a senhora despache isto e vá para casa tranquila.

Calou-se e estendeu um lápis de cor ao menino, que logo o agarrou.

- Então, minha senhora?

- Não o percebo - respondeu Conceição.

O investigador encostou-se para trás na cadeira, respirando fundo com enfado e logo voltou a sorrir, como pedindo desculpa do seu ligeiro sinal de impaciência.

- Percebe, percebe muito bem. Vamos ver. quando ficou de lá voltar o amigo?

- Qual amigo? - perguntou Conceição, julgando ser nessa palavra uma alusão ao "Amigo", tratado desta forma apenas por ela e por Pereira e que portanto seria extraordinário ser assim conhecido pela polícia.

- A senhora faz-se de novas - disse o agente sem perceber a razão e o sentido da exaltação de Conceição -, mas a polícia sabe tudo.

E insistiu nas mesmas perguntas, sempre sorrindo para a criança, sempre com paciência, mesmo perante as exclamações inamistosas de Conceição.

- Vá! - disse por fim. - A senhora responde a isto e mando dar-lhe um quarto claro para o seu menino poder brincar.

- Mais depressa se apanha um mentiroso do que um coxo! - berrou Conceição. - O senhor está farto de dizer que, se eu responder a essas perguntas, me mandam logo para casa em paz. E agora diz que me manda de um calabouço escuro para um claro. Afinal em que ficamos?

O investigador mordeu os beijos, encolheu os ombros, levantou-se e disse a um colega para levar a presa.

- Alta noite voltaram a chamá-la. Como insistisse em que ninguém lá ia a casa, o investigador começou a brincar com um lápis, batendo ora ,com o bico ora com a outra extremidade no tampo da secretária.

- Os interrogatórios são em seu benefício, não são no nosso. A senhora julga que precisamos das suas declarações para alguma coisa. Nós apenas desejávamos saber se a devemos manter presa ou mandar embora. Se não quer responder, é porque está comprometida e então fica presa. Se respondesse, mostrava que nada tinha a ver com o caso, que não medira as responsabilidades, e ia em paz. Só por isso lhe fiz as perguntas, pois as suas declarações não nos são precisas para nada.

Depois de uma pausa em que olhou fixamente Conceição, acrescentou:

- Sabemos muitíssimo bem que o Vaz tem ido lá a casa e que deve voltar esta semana.

O coração saltou-lhe no peito, mas continuou a desmentir.

- Não lhe vale a pena tanto trabalho - disse o investigador sempre no mesmo tom paciente. - Quem o tem dito é o seu marido.

- Meu marido não pode inventar coisas dessas. Ao dizer estas palavras, ouviu a seu lado e atrás de si dois agentes a rir, e esse riso inquietou-a mais do que tudo quanto até então se passara.

- Vejam lá o dom de invenção de seu marido - disse o investigador. - Inventou entre outras coisas que o António e o Vaz iam lá a casa. É positivamente o que se chama um grandessíssimo inventor.

Os agentes voltaram a rir.

- Ela é parva! - disse um deles.

O investigador fez-lhe sinal para que se calasse, mas esse primeiro insulto, ligado aos risos, fizeram compreender a Conceição toda a gravidade da situação. Apertou mais o filho adormecido contra o peito.

- Já disse e repito - insistiu ainda. - Meu marido não pode dizer existirem coisas que não existem. Já disse que ninguém lá ia a casa e esta é a verdade. Meu marido não pode dizer mentiras. \_ Pois então mente! - disse o investigador.

Os outros voltaram a rir.

- Só ouvindo o acreditaria - disse Conceição.

- E vais ouvir - disse o investigador levantando-se e tratando-a por tu pela primeira vez.

O investigador e um agente saíram, e durante cerca de duas horas que Conceição ali esteve esperando guardada por outro agente não trocaram palavra. O homem fazia e desfazia uma comprida cadeia com clipses e jogava com ela à roda de um dedo, infatigavelmente.

Fizeram entrar o Pereira de surpresa. Conceição levantou-se num salto e dirigiu-se a ele para o beijar. Mas qualquer coisa em toda a sua expressão e atitude a reteve e repeliu. Não os inchaços e equimoses que lhe desfiguravam o rosto, nem a barba crescida e o cabelo desalinhado, nem o traje em desordem e a camisa rasgada, mas qualquer coisa de incerto e suplicante no rosto, qualquer coisa de humilhante e conformado, na atitude, qualquer coisa de culposos na expressão fria dos olhos verdes. De certeza falara!

- Tua mulher diz que és um mentiroso - riu-se o investigador.

- Que não conhece, nem nunca viu, nem vai lá a casa nenhum Vaz, nem nenhum camarada. Diz, diz aqui na frente dela essas mentiras.

- Que queres? - disse o Pereira voltando-se para Conceição e encolhendo os ombros, com uma expressão de cão batido.

Os agentes riram.

- Como é possível? - disse Conceição numa voz apagada.

- Como é possível que tenhas descido tanto?

O investigador meteu-se de permeio.

- Não, isso não. A senhora não vai agora desmoralizar o seu marido. Isso não lhe consinto. Responda às perguntas e nada mais. Insiste em dizer que o Vaz e o António não iam lá a casa?

- É mentira! - disse ela numa voz rápida e exaltada. - Não conheço ninguém com esses nomes.

O investigador encolheu os ombros e voltou-se para o Pereira.

- Então, Conceição - disse Pereira, com o mesmo ar suplicante.

- É mentira! - berrou Conceição cada vez mais agitada. - Tu nem sei quem és. Não és homem, não és nada.

- Levem-na, levem-na! - disse o investigador metendo-se entre os dois.

Os agentes empurraram Conceição para fora do gabinete. Da porta e do corredor ainda lá chegaram os seus berros!

- Por Deus, não fales! Não fales! Não fales!

## 5

Nos dias seguintes não a chamaram e foram-lhe permitindo que lavasse a roupa do menino. Ela prolongava o mais possível esses escassos minutos, os únicos do dia em que o filho estava num compartimento iluminado. O resto do dia em uma constante tortura sempre que a criança estava acordada. No calabouço mal entrava uma réstia de luz, nenhum espaço havia além da tarimba, e, apesar dos prodígios de imaginação da mãe para o entreter e distrair, apesar de contra o costume lhe oferecer o peito a todo o momento, o menino passava os dias chorando. Depois era a tortura dos percevejos, espertos e agressivos pelo calor do Estio. Conceição fazia por não dormir para livrar deles a criança, para lhe estar constantemente apalpando as orlas da roupa e a pele até encontrar com os dedos as bagas repugnantes. Mas por vezes adormecia e quando acordava não se perdoava ter-se deixado adormecer.

Ao fim de alguns dias voltaram a chamá-la. O mesmo investigador a recebeu no gabinete. Quando ela entrou, levantou-se e veio colocar-se-lhe imóvel na frente, fitando-a nos olhos. Todo o aspecto de correcção e paciência haviam desaparecido. No rosto e na atitude apenas ódio e furor. "Que me quer este homem, Santo Deus?" Pela primeira vez Conceição sentiu medo, por si e pelo filho. O investigador esteve assim alguns momentos e na sua expressão acentuou-se mais e mais o furor é o ódio adivinhando-se que essa tensão



conduzia a alguma coisa de brusco e violento. Subitamente ergueu o braço e um soco rápido e pesado atingiu em cheio o rosto da presa.

- Sua puta! E deu outro e outro, fazendo-lhe rebentar o sangue dos lábios e do nariz.

Ainda Conceição não voltara a si do pasmo, da indignação e da dor, já a levavam para fora do gabinete e a reconduziam ao calabouço.

Conceição não percebeu este incidente - nem as causas- nem o fim - e só muito mais tarde o perceberia. O facto é que, quando da falhada acareação com a mulher, Pereira não só dissera já que António e Vaz iam lá a casa como confirmara as declarações de Túlio acerca da composição do Comité Local com Gaspar e Jerónimo. Depois da acareação, em vez de prosseguir nas declarações, conforme a polícia tinha já por certo, não só não dera mais quaisquer elementos acerca da actividade do Partido como, apesar de repetidas vezes espancado, se desdissera no que respeita a Jerónimo, afirmando agora que decerto haviam percebido mal o que dissera, pois Jerónimo, não sendo sequer do Partido, não podia ser do Comité Local.

O investigador convenceu-se definitivamente de que Pereira tinha feito marcha atrás, quando lhe trouxeram a notícia de que Ramos tinha sido abatido à porta da sua casa depois de o ter lá ido procurar. Interrogado e espancado nos últimos dias para dizer se mais alguém além de Vaz e António ia lá a casa, Pereira negara teimosamente. E mesmo depois da morte de Ramos, citando-lhe o investigador o nome, continuou a negar.

Foi então que chamaram Conceição para a esmurrar e insultar. Depois da acareação, à noite, já com o filho adormecido, Conceição fizera as suas orações. Entre elas a seguinte: “Virgem Maria, Senhora Imaculada, livrai o meu companheiro da tentação de trair os seus amigos e o seu ideal para se poupar ao sofrimento. Dá-lhe coragem e forças para aceitar a tortura e mesmo a morte em defesa da sua honra e da honra do seu filho.”

Conceição contou mais tarde como esta sua oração havia sido ouvida e atendida. O camarada a quem o contou, observou-lhe que, antes do milagre dos céus, ela, Conceição, fizera o milagre na terra.

- Como podes dizer tal coisa? - perguntou Conceição corando e sorrindo.

## 6

Tal corno Vaz e Ramos tinham pensado, António fora preso ao ir pela primeira vez a casa de Cesário. Decerto espiavam os arredores e o viram entrar. Minutos passados, a PIDE irrompeu casa dentro de armas na mão. Passaram

rápida busca e levaram Cesário e António numa furgoneta. Com um automóvel à porta, ficaram dois agentes revolvendo gavetas, malas e armários, desfazendo camas e colchões, esvaziando o carvão do caixote, terra de um vaso, o açúcar de um cartucho. Papéis e fotografias encontradas arrebanharam-nos a esmo sem cuidar de ver do que se tratava. A companheira de Cesário, limpando de quando em quando uma lágrima teimosa, ia reclamando com voz calma, mas apenas conseguiu reaver alguns recibos da casa e contas pessoais.

Entretanto, prevenidas por uma vizinha, chegaram Lisete e a mãe. Ao ouvirem mexer na porta, os agentes correram alvoroçados, metendo nervosamente balas na câmara das pistolas. Mas quando souberam que era a mãe e a irmã da dona da casa (o que se via bem pelas parecenças) serenaram. Pareceu mesmo agradar-lhes a presença de mais mulheres, em especial da jovem e loura Lisete, com a sua expressão doce e envergonhada.

Continuaram a vasculhar toda a casa, agora com melhor disposição, apreciando com palavras ou gestos o que iam vendo ou encontrando, como se tal espectáculo devesse ser um divertimento para as mulheres.

- Que tal o modelo? - perguntou um ao outro, pegando com dois dedos, como receando contágio, numa meia cheia de buracos.

- Moda russa - respondeu o outro e olhando as raparigas a convidá-las a participar nos gracejos.

- Façam o que têm a fazer e girou! - disse subitamente Lisete numa voz tão enérgica e feroz que a mãe e a irmã a olharam assustadas.

Sem suspender a sua ocupação, os agentes fitaram a rapariga com o ar condescendente que se tem quando crianças inocentes tomam ares de pessoas crescidas.

- Tão novinha e tão má. Já viste? - disse um deles metendo lentamente os braços até ao fundo de uma gaveta donde já havia tirado toda a roupa para o chão.

Como resposta, o outro ergueu e desdobrou nas mãos, com exageradas precauções, uma leve peça de roupa interior de mulher. Depois de olhar insolentemente Lisete piscou o olho ao colega.

A companheira de Cesário sentou-se e começou a soluçar.

- Que julgam os senhores? - berrou Lisete batendo com o pé no chão e numa voz fina e penetrante que nem a irmã nem a mãe lhe conheciam. - É por estarmos só aqui mulheres que cuidam que fazem pouco?

- Hã? - fez um dos agentes no mesmo ar trocista e adocicado.

- Não é hã nem meio hã! - continuou a gritar Lisete. E, chegando a uma janela, abriu-a de par em par. - Não cuidem que fazem pouco!

- Calma, menina, calma, vão julgar.. Andando de um lado para o outro na casa, Lisete interrompeu-o, gritando numa voz cada vez mais penetrante.

- Vejam! Vejam! - berrava ela. - Gavetas arrombadas, roupa estragada, açúcar entornado, e o que é isto? o que é isto? - perguntou subitamente olhando o monte de papéis e fotografias que já tinham junto em cima da mesa para levar. - o meu retrato aqui?! Que têm vocês com o meu retrato? - e, num gesto rápido, antepôs-se a um agente e tirou um punhado de papéis e fotografias.

Num salto, o agente agarrou-lhe no braço e, torcendo-lhe os dedos, obrigou-a a abandonar a presa.

- Largue-me! - berrou Lisete com voz desesperada. - Não me toquem! Não me toquem! Largue-me! - e, dando novo balanço, procurou atirar outra vez a mão aos papéis e fotografias.

O homem deu-lhe um empurrão violento que a afastou em desequilíbrio até bater com as costas na parede, num som cavo e seco. Agora o homem nem sorria nem gracejava. Lívido de cólera, toda a sua expressão acusava brutalidade.

Enquanto, num gesto lento e ameaçador, olhando de revés a rapariga, metia os papéis e fotografias na pasta para evitar novas intervenções de Lisete (que, magoada, continuava a berrar e era agora acompanhada pela mãe), o outro chegou à janela e viu a rua cheia de gente parada em frente da casa.

Voltando-se para dentro, segredou qualquer coisa ao colega. Este espreitou também pela janela e voltou-se para Lisete:

- Talvez te arrependas desta cena, minha jóia!

Abrira ainda uma gaveta que vazaram no chão. Mas logo depois fecharam a pasta e, em passos rápidos, saíram de casa. Pararam um breve instante em atitude provocante frente ao ajuntamento, subiram para o automóvel e, metendo ruidosamente o acelerador a fundo, arrancaram derrapando e chiando, a exhibir arrogância e destemor.

Lisete foi à porta vê-los partir. Correndo a vista pelo ajuntamento, logo deu com o rosto afilado do Henriques, discretamente retirado atrás de umas mulheres. Lisete calculara que o Henriques devia ter vindo reunir nesse cair da tarde com o cunhado e com o camarada que viera de fora, e a alegria de o ver a salvo (a sua preocupação era que ele, sem saber o que se passava, batesse à porta) foi de momento maior que a pena de saber o cunhado preso.

- Uf! - soprou ela compondo a franja e descendo à rua a falar com o pessoal.

O cabelo louro preso atrás com uma fita, curto à frente sobre a testa, acentuava ainda mais no rosto corado e excitado a sua extrema juventude e todo o seu ar de rapariga modesta e pacata.

Lá dentro, à doce claridade do crepúsculo, espedada e ligeiramente curvada, a companheira de Cesário olhava espantada a cama desfeita, o colchão rasgado e remexido, as gavetas tiradas, a roupa espalhada, a cadeira derrubada, a desarrumação e desordem de tudo, a acusar a desgraça que caíra sobre a casa.

## 7

Nessa mesma noite, foram contar a Marques o ocorrido. Por duas ou três vezes o carpinteiro obrigou a repetirem a notícia. Não satisfeito, saiu e foi a casa dos sogros de Cesário. A companheira de Cesário estava aí, o ambiente era carregado e pareceu a Marques que o olhavam com estranha atenção e lhe falavam mais secamente que de costume. A notícia foi definitivamente confirmada: Cesário fora preso, não juntamente com Vaz (como Marques supusera), mas com um camarada novo que viera de fora. A polícia investira a casa pouco depois de este último ter chegado.

Marques voltou para casa terrivelmente excitado. “Que vão agora julgar os camaradas?”, pensava. “Eu era dos poucos que sabia dos encontros em casa do Cesário, de que era lá que se dirigia o camarada de cima. Sou sancionado, tiram-me do Comité e dá-se logo este desastre. Que vão pensar?”

Nessa noite pouco conseguiu dormir. Não que lhe ocorresse que também o poderiam vir prender. Não, essa ideia não lhe ocorreu. Apenas o dominava a consciência tranquila. “Mas isso bastará?”, perguntava a si próprio. “Não, não basta”, respondia. “Ninguém diga que lhe basta a tranquilidade de consciência. Além da consciência tranquila, precisamos que é que nos façam justiça. Se desconfiarem de mim, a tranquilidade de consciência de nenhuma forma me compensaria.”

Depois procurava sossegar. “Os camaradas sabem que eu fui preso e me portei bem. Que conhecia muita coisa e ninguém foi preso por minha causa. Além disso, também o Afonso sabia que se faziam ali reuniões e também o Vítor o sabia... Sim, também o Vítor o sabia.” E aqui Marques estacou pensativo, lembrando-se das opiniões de Vaz acerca de Vítor. Haviam-lhe dito há dias que Vítor estava outra vez na cidade, mas ele ainda o não vira. E se... “Não, nem devo pensá-lo. Isso seria atirar para cima de outro camarada uma suspeita tão infame como aquela que pudesse recair sobre mim.”

E logo vinha a ideia obcecante: “Enquanto fui às reuniões em casa de Cesário, nada aconteceu. Sou sancionado, sou afastado do Comité Regional e logo este desastre. Com as opiniões que há a meu respeito, com a má vontade de Vaz, com a precipitação e má informação ao Comité Central, que vão

pensar? Que vão eles pensar?” E só agora recapitulava, pondo em dúvida a sua justeza, as próprias atitudes em relação à orientação do Partido, à praça de jornas, ao movimento, a Vítor, e as conversas com Henriques e com os membros da Comissão da sua oficina, e o ter inutilizado os manifestos que se comprometera a fazer distribuir. “Depois disto o que vão pensar? Irão pensar que fui eu?”

Já a claridade da manhã se distinguia pelas frinchas da janela ainda Marques se voltava para um e outro lado na cama, procurando inutilmente adormecer.

## 8

Dois dias depois, no caminho para o trabalho, teve um encontro inesperado. Vítor dirigiu-se a ele estendendo-lhe a mão.

- Parece que volto em má altura - disse sorrindo e olhando-o atentamente.

Marques apertou-lhe a mão em silêncio.

- Quando posso conversar contigo? - perguntou Vítor. - Sempre é verdade que o Cesário foi preso?

- Parece que sim - disse Marques numa voz involuntariamente desagradável. - Não é grande altura para termos encontros.

Vítor parou surpreendido com o ar pouco cordial do camarada. Puxou da cigarrilha.

- Queres?

Marques acenou negativamente com a cabeça e Vítor acendeu com lentidão o cigarro, fazendo concha com as mãos para abrigar a chama e observando entretanto o carpinteiro. Com a primeira baforada, de novo animou.

- A mim parece-me o contrário - disse numa voz rápida, expelindo o fumo ao mesmo tempo. - Precisamente agora que Cesário foi preso e a organização atravessa uma situação difícil, aumentam as nossas responsabilidades como membros do Comité Regional.

Marques interrompeu:

- Estás atrasado, amigo. Eu já não sou do Comité Regional e tu também me parece que o não és.

- Não és membro do Comité Regional! - espantou-se Vítor, sem fazer reparo à afirmação de Marques de que também ele, Vítor, o não era.

- Não, não sou - respondeu Marques impaciente. - E sobre isto não quero mais conversa.

- Queres-me levar, mas adiante... - comentou Vítor, a dominar a irritação.

Puxou algumas fumaças em silêncio e falou depois em tom tranquilo, olhando de soslaio e com curiosidade o companheiro

- Temos de ser providentes e combinar bem as coisas. Cesário foi preso. Quem nos garante que também o não sejamos?

- Sejam os quê? - perguntou Marques, como se essa possibilidade fosse um absurdo, depois de ter sido sancionado.

Na verdade, era agora a primeira vez depois da prisão de Cesário que era levado a encarar a hipótese de ser preso e essa hipótese parecia-lhe ainda sem qualquer ligação com as realidades.

- Está sossegado - acrescentou com ironia -, não o seremos. Era, porém, Vítor quem tinha razão. Na noite seguinte, de novo a polícia apareceu na cidade a fazer prisões. Prendeu Marques, Vítor, alguns empregados, um camponês dos arredores, um médico, um comerciante e um sargento.

Lisete também foi presa, mas apenas a tiveram lá alguns dias. De nada em especial a acusavam além do escândalo que fizera em casa do cunhado. Minutos antes de a libertarem, levaram-na a um gabinete onde um chefe de brigada lhe fez um sermão.

- O que a menina disse e fez em casa de sua irmã chegava e sobrava para estar por cá uma temporada. Mas apesar disso e da gracinha ri? Jura, sabemos que não é má pequena e não lhe queremos mal. Tem um bocadito de génio, mas quem o não tem? A menina queixou-se de que um colega meu lhe deu um tabefe. Acredite que o lamentamos sinceramente, pois isso é contra os nossos hábitos e contra as ordens que os rapazes têm. Aquele excedeu-se. Será castigado. A menina, que tem um bocadinho de génio, também desculpa um bocadito nos outros, não é verdade? Vá-se embora e seja feliz.

Lisete saiu. Um agente que se encontrava no gabinete chegou-se ao pé do chefe de brigada, que agora folheava uns papéis, debruçou-se-lhe ao ouvido e murmurou algumas palavras. O chefe de brigada disse apenas:

- Não tarda uma semana que a não procurem.

## 9

Durante cinco dias e cinco noites, Marques foi constantemente interrogado. Ao contrário da primeira vez que fora preso, ninguém lhe bateu. Tratavam-no delicadamente e faziam-lhe com frequência grandes elogios. Apenas o não deixavam dormir. Insistiam, insistiam, insistiam, sempre nas

mesmas coisas, sempre na mesma lengalenga, revezando-se os investigadores com uma paciência e tenacidade que ao próprio Marques admiravam.

- Não queremos que nos digas nada que não saibamos - dizia-lhe o chefe de investigação enquanto polia remansadamente as unhas.

- Queremos apenas que não nos desmintas, nem desmintas os teus camaradas. O doutor já o cá temos, já cá temos o sargento, estamos fartos de saber que eras tu que os controlavas, por que insistes em negar?

A polícia mostrava estar a par de muitas coisas. Entretanto surpreendia Marques a ideia que ela fazia dos organismos de direcção do sector.

- Para que negas também isso? - insistiam. - Sabemos perfeitamente que do Comité Regional fazes parte tu, o Cesário e o Vítor. O Vítor cala-se, mas o Cesário já foi ao barril e o António também. Por que negas tu?

Que queria isto dizer? Porque tinha a polícia a ideia de uma composição do Comité Regional que há muito não existia? E, se Cesário o dissera, com que fim o fizera? E como poderia dizê-lo esse tal António sendo novo no controlo? Depois, a prisão de Vítor trazia-lhe à memória as discussões com Vaz. Via-se agora quem tinha razão. Tantas dúvidas sobre o camarada e afinal agora preso, talvez torturado e portando-se bem. Ao passo que Cesário, o menino bonito dos controleiros, se o investigador falava verdade, já estava cantando.

A partir do segundo dia, o tema preferido passou a ser outro:

- Admiro os homens como tu, palavra que admiro. Mas qual o prémio que vocês recebem? Os melhores, os mais dedicados e sinceros, aqueles que como tu têm uma vida honesta e limpa e chegam aqui e se calam, são mal vistos e desprezados pelo Partido. Os aventureiros, os tipos sem vomitam a profissão que vivem à vossa custa, que quando aqui chegam que sabem e o que não sabem, esses continuam a ser os grandes homens do Partido, os heróis! Aí tens a justiça do Comité Central. O Vaz anda a passear pelas praias. Tu é que estás sofrendo.

Estas palavras mostravam a Marques que a polícia sabia alguma coisa da sanção que sofrera e, com surpresa, indignação, cólera e desespero, reconhecia que a polícia falava verdade, que enquanto ele, que ali estava defendendo firmemente os camaradas, fora desprezado pelo Partido e afastado do organismo de direcção, muitos outros de comportamento duvidoso dirigem, mandam, decidem da orientação, das lutas, dos quadros. Talvez que o investigador lesse na expressão de Marques quanto as suas palavras iam ao encontro dos seus sentimentos. O facto é que insistiu mais e mais no mesmo aspecto, contando incidentes desprestigiante para dirigentes do Partido, como indignas histórias de mulheres passadas com Ramos.

Ao fim de cinco dias, disse-lhe assim:

- Tu não queres acreditar no que te digo. Talvez acredites no que dizem os teus camaradas. Os teus ex-camaradas - emendou com um imperceptível sorriso, estendendo-lhe um papel escrito à máquina e cuidadosamente dobrado.

Marques leu. Com a avidez da leitura, as letras embaralhavam-se-lhe à vista. Saltava palavras sem as ver, mas o sentido, sim, esse apanhava-o. “Considerando a atitude... durante o movimento... procurando camaradas e membros das comissões... a fim... contra a orientação do Partido... sabotar a paralisação... ; Considerando... encarregado da distribuição... na noite... tendo recebido... convenceu os camaradas... lhes disse ficar sem efeito por virtude de lhe ter faltado...; Considerando indisciplina, desagregação... sabotagem da actividade do Partido... da luta da classe operária... O Secretariado resolve expulsar do Partido... ” Marques tomou a ler a última frase palavra a palavra: “Resolve expulsar do Partido... ”

- Habilidades! - disse extremamente pálido, os olhos faiscando detrás dos óculos. - Já estou velho para elas.

- Não acreditas? - disse o investigador condescendente. - Podes ter a certeza de que é a pura verdade. Negas-te a falar, porque julgas que assim deves fazer como membro do Partido. E nem sequer membro do Partido és. Eles não te querem lá, és sério de mais para eles.

O papel dado a ler a Marques era, de facto, autêntico. A polícia apanhara-o a António que o levava para o comunicar no primeiro encontro com Cesário e Henriques. Embora não mencionasse o nome de Marques não fora difícil à polícia concluir que dele se tratava. Só não lhe deixaram ler uma passagem em que se lembravam as provas dadas por Marques no passado e se dizia não lhe estarem definitivamente fechadas as portas do Partido.

Depois desse interrogatório, o investigador multiplicou as insistências e, como o informassem de que Marques chorava no calabouço, fez-lhe promessas, mandou-lhe o médico, substituiu-lhe o rancho por dieta, transferiu-o para uma cela mais clara. Mas, ao contrário da expectativa, se, nos primeiros interrogatórios, Marques respondia negativamente às perguntas ou procurava desmentir as acusações, agora fechava-se num mutismo quase completo. Emagrecera muito nesses poucos dias. Com a barba crescida, a pele de um pálido doentio, os olhos franzidos pela falta dos óculos que lhe haviam tirado, “para que se não matasse com os vidros”, conserva-se ferozmente silencioso ante as perguntas e os rodeios do investigador. Só de longe em longe encolhia os ombros irritado e impaciente. Um dia o investigador, depois de novas e inúteis insistências, concluiu num tom de desprezo diferente do habitual:

- Que representa isso para ti, que nem comunista já és? Tantas valentias e afinal és um rachado. Es um rachado é o que és.



Marques teve uma súbita explosão de cólera.

- Com as questões internas do Partido não têm vocês que ver berrou fora de si. - Se fui expulso, isso ao Partido e a mim diz respeito e a mais ninguém. E, se julgam que por isso me fazem falar, tirem daí a ideia. Não são os títulos que fazem as pessoas honestas. A honestidade é que nos torna dignos dos títulos.

- Bem declamado! - disse o investigador numa voz exageradamente vagarosa, com o rosto subitamente transtornado por uma tremura. Depois enroscou lentamente a caneta. - Será como queres. És tu quem procura os trabalhos, não somos nós.

Passados três dias e três noites, de face contra a parede, Marques continuava a ser obrigado a permanecer de pé e imóvel. Sem qualquer descanso, guardado permanentemente e erguido à força e à pancada quando por duas vezes exausto se sentara no chão, já não sentia o corpo dorido nem as pernas e os pés inchados como trambolhos. Nesse terceiro dia de “estátua”, ao urinar, viu tombarem algumas gotas de sangue vivo. Três palavras lhe ocorreram: “Até à morte!”

## 10

António chegara já noite à sede da polícia, e o agente que o acompanhava conduziu-o a um pequeno corredor onde, sentados num banco, já se encontravam outros três presos. Um deles, rapaz de camisa de ganga e calças cheias de buracos, de longa barba negra e rosto pisado de pancadas, olhou o recém-vindo com uns olhos tranquilos, em contraste com a sua figura. Outro debruçava-se sobre os joelhos apoiando a cabeça nas mãos e ocultando o rosto. O terceiro, homem magrinho dos seus 70 anos, de ralo cabelo branco cuidadosamente penteado, vestido com elegância, conservava-se exageradamente direito, visivelmente mal conformado com a sua situação de preso. Fazia pequenos e constantes movimentos com a cabeça em direcção ao agente que os guardava como que preparando-se para falar e logo se arrependendo. Por fim as palavras saíram-lhe, sibilando ligeiramente entre a dentadura postiça;

- Os senhores não têm o direito... Não têm o direito...

O agente encolheu os ombros, vendo-se bem que as queixas do velho já vinham de trás. Nesse momento chegou um outro agente, um rapazelho raquítico, de vistosa camisa de seda e sapatões de camurça. Trocou algumas palavras com o colega.

Foi de certeza uma informação falsa - continuou o velho. - Não tem o direito.

Os dois agentes olharam para o velho e trocaram mais algumas palavras. Com um ar gingado, o rapazelho veio até à frente do velho e ficou quieto a olhá-lo, numa atitude tanto em contraste com o seu físico que António concluiu ser copiada de algum superior de compleição atlética. Deu uma gargalhadinha e, levando a mão até à nuca do preso, num gesto brusco ao longo do crânio, despenteou-lhe o cabelo raio para a testa. Uma onda de sangue correu pelo rosto do velho. Sem tentar compor o cabelo, endireitou-se ainda mais, como se no endireitar-se estivesse toda a sua força e dignidade. O rapazelho tomou a dar uma gargalhada e agarrou-lhe mansamente uma orelha. O preso da barba negra chegou-se para o velho quase se lhe metendo à frente, sendo evidente que procurava chamar sobre si a atenção e a maldade do rapazelho da camisa de seda.

A cena foi interrompida pela chegada do chefe de brigada que prendera António. Mal espreitou para o corredor, logo gritou furioso.

- Quem foi a besta que o pôs aqui junto com os outros?

O agente de guarda respondeu qualquer coisa em voz baixa e o rapazelho da camisa de seda largou o velho e foi-se-lhes juntar. António olhou novamente o velho. Continuava na mesma posição, congestionado, hirto, espantado, sem tentar compor as farripas brancas agora espetadas para a testa e esticando-se sempre numa atitude de dignidade. O da barba negra apertava-lhe disfarçadamente um braço e dizia-lhe baixo algumas palavras. Os agentes falavam, mas António estava tão absorvido a apreciar os seus companheiros que não prestou atenção ao que diziam. De repente, entre ele e o outro banco interpôs-se uma sombra e uma mão pesada caiu-lhe no ombro.

- Eu? - perguntou António.

- Tu, sim! Fazes-te tonto?

António levantou-se. Mal tinha dado dois passos na direcção da saída do corredorzinho, um inesperado e violento empurrão fê-lo desequilibrar e bater com o rosto no umbral da porta. Levou o punho à boca e o punho ficou ensanguentado. "Começou", pensou António.

## 11

Na verdade, "começara".

- Recusas-te a dizer onde moras - disse-lhe o chefe de brigada já sentado no gabinete - e eu quero pôr-te as coisas com toda a clareza. Dizê-lo tens que o dizer. A bem ou a mal tens de o dizer. Agora escolhe. Se queres a bem, será a bem. Se não queres a bem, será a mal.

António ficou calado, e enquanto procurava estancar o sangue do lábio aberto, os olhos cercados de rugas, sorridentes e maliciosos, fitavam o agente. Via nesse momento a casa e Maria sentada à mesa estudando. “Está tranquila, companheira querida”, pensava António. “Está tranquila.” E os olhos sorriam mais para o investigador.

- Bom, não vamos já pelo pior - disse o outro mais apaziguado. Sente-se aí nessa cadeira para conversarmos.

“Já recuas”, pensou António.

E acercou-se da cadeira. No preciso momento em que se ia a sentar, alguém lhe tirou bruscamente e ele caiu desamparado no chão, enquanto ouviu à sua volta gargalhadas.

Ainda no chão, endireitou-se lentamente, olhando de baixo para cima um e outro, com os mesmos olhos sorridentes e maliciosos. “Não me desconcerto com tão pouco”, diziam esses olhos. E já se ia a levantar, com a ideia de se sentar mesmo na cadeira, recebeu no peito uma patada brutal e tomou a cair no meio de gargalhadas.

- Basta de arrelhar o rapaz - disse uma voz imperiosa. Pálido e dorido (os olhos agora já não sorriam), olhando para cima na direcção dessa voz, António viu um agente forte e bem parecido que o olhava com simpatia.

- Levanta-te, levanta-te - disse o agente estendendo-lhe a mão. António agarrou essa mão para se levantar (nunca havia de perdoar a si próprio tê-lo feito) e, logo que ficou de pé, o agente com a outra mão livre descarregou-lhe um violento golpe no rosto. Logo a seguir caíram sobre ele de todos os lados socos, pontapés, pancadas. Empurrado por uns era amparado por outros e desequilibrado por umas pancadas era equilibrado por outras. Isso continuou, continuou, continuou sempre, sempre, sempre, até que num momento lhe faltou o apoio das pancadas ou de um corpo, sentiu o espaço vazio à sua frente e foi cair enrodilhado, estacando numa pancada seca de encontro à madeira da secretária.

- Assim não! - ouviu uma voz.

Logo a seguir tudo se apagou. Quando voltou a si, estava sentado em frente da secretária. O investigador brincava com um pisa-papéis. Dois agentes amparavam-no. Estava encharcado (de certeza lhe tinham vazado para cima o balde de água que via a seu lado no chão) e sentiu o rosto e o corpo inchados e doridos. Uma dor particularmente aguda mordia-lhe uma têmpora. Do nariz e dos lábios tumefactos corriam espessos fios de sangue.

- Onde moras? - repetiu o outro logo que António abriu os olhos. Estás a ouvir? Onde moras?

António moveu os lábios, mas nenhum som saiu. Com dificuldade endireitou-se na cadeira. Via de novo a casa e Maria, agora olhando-o com os olhos, pestanudos.

- E melhor dizeres - disse uma voz atrás dele, quase junto à cabeça.

- Onde moras? - berrou o investigador pousando o pisa-papéis. Onde moras? Onde moras?

António acenou negativamente com a cabeça. Ainda não tinha completado o gesto, sentiu que lhe enfiavam o balde até aos ombros e o atiravam de roldão juntamente com a cadeira. Seguravam-lhe os pés, batiam-lhe por todo o corpo, davam pancadas no balde e assim o rolaram pelo chão com mais e mais pancadas. Depois levantaram-no e tiraram-lhe o balde da cabeça e viu diante de si o rosto exaltado do investigador, que berrava qualquer coisa que não percebeu, e logo recebeu nova pancada, e outra e outra, e recomeçou o espancamento no meio do gabinete. Por fim atiraram-no como um trapo para cima de uma cadeira, colocada entre a secretária e um armário para ele não cair. Cara e roupa ensanguentadas, inchado, negro, olhos perdidos numa massa de carne, boca disforme cheia de espuma e sangue, corpo mole e desengonçado como se lhe tivessem partido todos os ossos, António, de cabeça atirada para trás, arfando, roncava e gemia. Uma mão vigorosa agarrou-o ainda pelos cabelos, abanando-lhe a cabeça em sacolões repetidos como se lha quisesse arrancar.

- Mato-te, cão!

E logo um punho rápido e pesado caiu uma, duas, mais e mais vezes, repetido e frenético, sobre o rosto. martirizado. Tudo se passava agora como num mundo irreal e toda a fraca atenção de António se concentrava apenas na contagem do tempo, do tempo que lhe parecia imenso, pensando que tudo tem um fim e que também aquilo o teria. De quando em quando, uma pancada sobressaía entre as outras por demasiado dolorosa, de quando em quando via um rosto, ouvia perguntas, "Dizes ou não dizes? Onde moras? Onde moras, cão?", e logo tudo continuava naquela monstruosa e entontecedora desordem de pancadas.

Em certo momento, viu quase pegado ao seu o rosto doentio do rapazelho da camisa de seda, que horas antes despenteara o velho no corredor. O rapazelho teve uma risadinha seca e António sentiu uma dor tão particularmente aguda no pescoço que deu um berro. A dor não era pior nem melhor que as outras. Apenas diferente. Não percebeu com que lha causaram, mas, no meio das pancadas, ela repetiu-se várias vezes, no pescoço, na mão, na testa. Só mais tarde havia de saber que toda a noite a sua pele fora o cinzeiro obrigatório para os torturadores apagarem as pontas dos cigarros.

Já clareava o dia, uma pancada de cutelo com uma tábua fez-lhe novamente perder os sentidos. Apesar dos baldes de água que lhe atiraram para cima, não voltou a si. A tortura ficou por aí naquele dia.

## 12

Na noite seguinte, levaram-no em braços e semiconsciente a novo interrogatório. Só muito confusamente percebeu que lhe perguntavam de novo onde morava. Depois de algumas pancadas, tomou a perder os sentidos. Mandaram-lhe um tipo de bata branca ao calabouço. Falava com bons modos, observando-o com atenção, e perguntou-lhe com ar distraído onde morava. António nada respondeu e mesmo que quisesse não poderia fazê-lo, tão inchada, ferida e magoada tinha a boca. Nos dias seguintes pensaram-lhe os ferimentos. Conservava-se numa constante e estranha sonolência, em que via Maria e os camaradas, em que recordava o momento da prisão juntamente com Cesário, em que sentia uma profunda satisfação consigo próprio em que se misturavam as mais dispersas imagens (futebol, paisagens, animais, cenas passadas da vida, imaginação do futuro) sem conseguir distinguir com nitidez quando estava acordado e quando sonhava. Doíam-lhe sobretudo as queimaduras e a boca. Em certa altura, como se com isso pudesse aliviar as dores, meteu um dedo na boca a procurar os sítios doridos. De princípio, na massa inchada, sangrenta e morna, António não reconheceu o feitio da própria boca. Só depois de longas e repetidas investigações o dedo lhe disse o que se passara. Naquela massa informe de carne inchada, de todos os dentes restavam-lhe três apenas.

Dois ou três dias depois, visto por um médico, levaram-no a novo interrogatório e a novo espancamento. Deitado no chão, já quase sem acordo, um agente saltou-lhe para cima do peito. Perdeu novamente os sentidos e só voltou a si muito depois, no calabouço, com um homem de bata branca a seu lado dando-lhe uma injeção.

Foi ainda interrogado várias vezes por novo investigador, mas não lhe voltaram a bater. Não disse onde morava e recusou-se a responder a quaisquer outras perguntas. O novo investigador tratou-o com modos delicados, como se nada de diferente se tivesse passado, e disse-lhe um dia sorrindo:

- Você é dos fortes e é dos fortes que eu gosto. É porém difícil compreender como há quem prefira estragar toda a sua vida, ficar para aí a apodrecer na prisão, e tudo isso só para não falar de coisas que afinal a polícia

ou já sabe, ou descobre sem as vossas declarações. Palavra de honra: é-me difícil compreender isto.

O rosto de António estava ainda deformado por feridas, inchaços, manchas negras e amarelas, dois pensos na testa e a falta dos dentes. Mas os olhos de novo sorriam maliciosos no meio de um círculo de pequenas rugas.

“Difícil de compreender”, pensava António, “não é que haja quem não fale; difícil de compreender é como há quem fale.”

Na verdade, nem uma só vez, durante as torturas e os interrogatórios, lhe viera ao espírito a eventualidade de poder não resistir e falar. Isso era-lhe tão impossível de admitir que nem sequer como trágica hipótese lhe ocorrera. A observação do agente parecia-lhe digna de mofa: dizer a casa onde morava? A casa onde vivia a companheira amada? A casa onde iam os camaradas e onde estavam documentos? Onde Ramos teria ido certamente no dia seguinte ao da sua prisão? Dizer nomes de camaradas? Provocar prisões? Dar elementos mais ou menos importantes ao inimigo cruel e sem piedade? António senda que em nenhum caso seria capaz de tomar tal atitude; que nunca, nunca, nunca seria capaz de colocar as alternativas: tortura-traição ou morte-traição. Muitas e muitas vezes antes de ser preso discutira essa questão com os camaradas. Muitas vezes ouvira opiniões segundo as quais há homens mais fortes que outros, torturas mais violentas que outras, maior ou menor capacidade de resistência. “o que decide”, pensa agora António, “não é a força da tortura. O que decide é a força do carácter.”

## 13

Afonso fora expulso dos quadros de funcionários do Partido e, tendo recusado trabalho profissional noutra região do país, decidido a afastar-se de toda a actividade, voltou à cidade natal alguns dias depois das prisões. Disse à família desejar fazer uma vida muito recatada, não aparecendo em público e pediu para lhe arranjam trabalho na oficina de um do situada nos arredores. A mãe, que, quando das visitas furtivas de Afonso, tanto insistiu em que ele regressasse à vida normal, recebeu-o com entusiasmo. O pai recebeu-o de humor sombrio. Primeiro por receio que o prendessem. Depois por pensar que não haveria tal perigo. Nos primeiros dois dias, olhava Afonso em silêncio, surpreendia conversas em voz baixa com a mãe, percebia a satisfação desta com o estado de espírito do filho e abanava a cabeça descontente. Ao fim do segundo dia explodiu:

- Antes te queria ver preso como o Marques e o Cesário que te ver desprezado pelos teus próprios camaradas.

Estas palavras do pai, assim como a prisão dos antigos camaradas, exerceram profunda influência no espírito de Afonso. Ele, que ao ser-lhe comunicada por Fialho a expulsão dos quadros de funcionários, decidira afastar-se da actividade política, sentia agora unia invencível necessidade de saber o que se passava e de ajudar a organização local. Com a prisão de Cesário, Marques e Vítor via a organização completamente decapitada e sabia existirem muitos camaradas além daqueles que tinham sido presos. Que ia agora acontecer? De certeza esses camaradas ficariam dispersos e inactivos, desligados do Partido durante meses ou anos, talvez até que Cesário e Marques fossem libertados. Afonso sente não poder passivamente aceitar que as coisas se passem assim.

Alguns dias depois, já noite, com cuidados, foi a casa de Cesário. Não sabendo que Afonso se encontrava na cidade e supondo-o na clandestinidade, a companheira de Cesário comunicou-lhe tudo quanto se passara. Mas, quando Afonso lhe disse que estava vivendo na cidade, ficou confundida e desorientada. Afonso voltou entretanto diversas vezes e as suas atenções pareciam tão espontâneas, entregou com tanta simplicidade à companheira de Cesário parte do seu salário, o seu rosto bondoso e melancólico expressava tanta sinceridade, que todas as desconfianças desapareceram. Nesses dias em que nada sabiam de Cesário, pois estava rigorosamente incomunicável, Afonso acompanhou e ajudou moral e materialmente a companheira do camarada preso. Encontrando aí Lisete, ficou agradavelmente surpreendido pelas ideias firmes e claras da rapariga.

Três semanas depois, dirigia-se uma noite para casa de Cesário, estacou subitamente ao passar no largo, duvidando dos próprios olhos. Parado, como esperando alguém, estava Vítor, em cabelo e fumando despreocupado. Afonso aproximou-se e pareceu-lhe que, ao reconhecê-lo, Vítor tentou desviar-se.

- Tu aqui!

- Chiu! - fez Vítor de uma forma que não pareceu natural. Ainda bem que te encontro. Preciso de te falar. Encaminhando Afonso para um sítio mal iluminado, com preocupações destoando do seu à-vontade de momentos antes, comunicou-lhe em voz baixa e confidencial que tinha fugido da prisão e precisava de ligação com o Partido. Confundido e alarmado, Afonso disse-lhe estar afastado de tudo e, por um súbito instinto de defesa, exagerou esse afastamento afirmando ter sido expulso do Partido (o que não era verdade).

- É uma chatice! - disse Vítor sem manifestar interesse por uma tão grave notícia como seria a expulsão de Afonso -, preciso absolutamente de ligação. Por um lado, pela minha própria situação clandestina

- Estas palavras pareceram a Afonso ditas forçadamente -, por outro lado, para comunicar coisas graves que se passam.

Depois de uma pausa, em que na penumbra procurava adivinhar a expressão de Afonso, acrescentou.

- O Cesário é um traidor, sabes?

- Traidor como? - perguntou Afonso numa voz que mal se ouvia.

- Um traidor - repetiu Vítor, exaltando-se na medida em que falava. As prisões a ele se devem. Foi ele que me entregou a mim, ao Marques e a outros camaradas. Quanto sabe, quanto diz - acrescentou quase berrando.

- Fala mais baixo! - preveniu Afonso.

- É uma chatice estares desligado - repetiu Vítor, continuando a não fazer reparo na suposta expulsão de Afonso e falando em termos em que um camarada responsável fugido da prisão não fala a um expulso do Partido por causas que ignora. - Estou sem dinheiro, sabes? E, na minha situação clandestina - e novo pareceu a Afonso que Vítor sublinhava desnecessariamente esta palavra -, sem dinheiro não me posso defender.

- Como já te disse, não tenho ligação, pois já não sou membro do Partido. E dinheiro não tenho. Mas, se meia dúzia de escudos te fazem arranjo, posso amanhã entregar-tos.

Nesse momento a atenção de Vítor foi visivelmente atraída para o outro lado do largo e não deu seguimento nem resposta às palavras de Afonso.

- Agora tornos de nos Separar - disse Precipitadamente. - Tenho de me encontrar com um camarada.

"Ainda há uns instantes precisavas de ligação" pensou Afonso. "Agora dizes que tens um encontro com um camarada. Que quer isto dizer?"

Cada vez mais confundido e alarmado, Afonso afastou-se. Não ia ainda a cinquenta metros, voltou atrás em passos apressados, quase correndo. Cosendo-se com as sombras do largo, erguia o pescoço procurando alguma coisa. Decerto a achou, pois recuou subitamente para o escuro de uma porta.

Ao lado da rapariga dos correios, Vítor seguia despreocupado, não se defendendo das luzes. Abanando a cabeça e sacudindo a cabeleira, a rapariga ria em altas gargalhadas. Afonso ouviu distintamente a voz de Vítor

- Se quiseres vamos ao cinema e deixamos o plano para depois. Se quiseres fica o cinema para amanhã.

No escuro, o coração de Afonso batia apressadamente.



Era evidente que no caso de Vítor várias coisas não jogavam certas. Dizia ter fugido mas não só isso teria sido extremamente difícil da incomunicabilidade como, a ter fugido, era inaceitável que logo aparecesse na cidade, sem qualquer resguardo, marcando entrevistas com uma mulher desacreditada amiga de legionários e indo ao cinema onde seria reconhecido por toda a fascistagem da terra. Vítor dizia não ter dinheiro e entretanto Afonso bem cheirava o tabaco caro que fumava, e aventuras com aquela mulher, se não era um chulo, implicavam despesas. Depois a forma Pouco natural de falar e o contraste entre todo o seu aspecto satisfeito, farto, e a situação grave e perigosa em que dizia encontrar-se. Mas acima de tudo, o que mais suspeito se tomava aos olhos de Afonso eram as acusações lançadas sobre Cesário. Afonso conhecia o suficiente da organização local para saber que os camaradas presos eram os conhecidos de Marques e Vítor, possivelmente todos conhecidos de Vítor. Não tinha notícias de que tivessem sido presos os camaradas conhecidos de Cesário.

Na tarde seguinte, compareceu ao encontro a que à despedida marcara com Vítor. Vítor repetiu o que dissera na véspera, mas, ante as perguntas de Afonso, não deu quaisquer pormenores da sua fuga. Apenas disse que fora numa transferência de prisão. Insistiu na necessidade de ligação e do dinheiro. Afonso repetiu por sua vez que havia sido expulso do Partido, que não tinha ligação alguma, que estava de vez desinteressado dessas coisas mas de boa vontade e a título de amigo lhe trazia alguns insignificantes escudos para qualquer necessidade gente. Vítor aceitou o dinheiro, olhando ironicamente o amigo. “És um tanso”, leu Afonso nesse olhar, “não conheces nada da vida.”

- Deves ter cuidado - disse Afonso, cuja conduta e palavras eram agora apenas orientadas pela intenção de convencer Vítor de que lhe falava verdade. - Vê lá se te tomam a apanhar.

- Não apanham - disse Vítor e, num riso desagradável, deixou ver os dentes irregulares e estragados.

Afonso saiu desse encontro convencido de que Vítor mentia. Sendo assim, que concluir senão tratar-se de um caso de provocação? Afonso lembrava-se das dúvidas e opiniões de Vaz, mas a ideia de que Vítor seria um agente da polícia já antes das prisões, a ideia de que teria assistido, já como bufo, às reuniões do Comité e participado durante longo tempo na actividade do Partido, a ideia de ter sido ele o causador do desastre, exigiam um tão súbito esforço de adaptação para quem como Afonso com ele tinha trabalhado no Partido durante tanto tempo que hesitava ainda em aceitá-las. E se Vítor era um

provocador, quem dizia a Afonso que não fora por indicação de Vítor que haviam vigiado a casa dos seus pais (agora já não punha isso em dúvida) e o haviam seguido daquela vez que fora ter com Vaz? E estes novos pensamentos ligados à impressão causada pelas prisões davam pela primeira vez a Afonso uma ideia da gravidade dos seus erros e via-se tão fraco e indigno que a sanção recebida lhe parecia demasiado generosa.

Falando com Lisete, contou-lhe o encontro com Vítor e tudo quanto com ele se passara. De princípio, Lisete corou vivamente e nada disse. Mas, quando Afonso citou as acusações que ele fazia a Cesário, Lisete falou indignada:

- Tu não sabias, mas fica sabendo que também sou membro do Partido. Conheço os camaradas que Cesário controlava e estou ligada a eles. Por este lado nada houve. Cesário é um camarada honesto, não é um Vítor. O tempo o dirá.

Mal imaginava Lisete como o tempo o diria em breve.

A irmã de Lisete ia de quinze em quinze dias a Lisboa levar roupa lavada e buscar a roupa suja do preso. Não lhe deixavam falar com ele, nem sequer lhe diziam onde se encontrava. Era à sede da PIDE que se dirigia e aí entregava um embrulho e recebia outro. Dias depois destes acontecimentos, ao chegar à polícia, entregaram-lhe o embrulho de roupa suja, mas não lhe receberam o da roupa lavada.

- Temos uma triste notícia a comunicar-lhe... - disse um agente.

Sozinha, a companheira de Cesário não teve coragem de se dirigir à nova morada que o agente indicou. No dia seguinte, acompanhada de Lisete e da mãe, na morgue, tomou a ver o companheiro. Deitado de costas na mesa gelada de pedra, estava irreconhecível, o rosto deformado, negro, inchado, pavoroso.

- Eles dizem que se enforcou - disse um empregado. - Mas os médicos dizem que o mataram.

Na roupa suja, escapando à busca precipitada da polícia, Lisete encontrou um bilhete escrito numa mortalha com uma tinta acastanhada, que mais tarde alguém diria ser sangue. Dizia o bilhete: "Tenho sido torturado e sinto-me mal. Confiem em mim. Ajudem a minha companheira."

Ao saber da morte e da conduta de Cesário, recordando o seu rosto largo transpirando saúde e alegria, os seus braços morenos cruzados sobre o peito, os seus modos afáveis e francos, os seus olhos contentes e o seu sorriso, Afonso teve tão profunda comoção que Lisete se sentiu obrigada a dizer-lhe algumas palavras de conforto.

## Capítulo XVII

### 1

Ao sair de casa de António, na mesma noite em que Ramos dali saiu com Maria, Vaz procurara Paulo. Conforme o resolvido, já anteriormente havia dado a ligação para José Sagarra. Combinaram que Paulo tentaria saber por este se acontecera alguma coisa na cidade. Aliviado por Ramos dos mais importantes encontros, Vaz iria arranjar porte e lugar seguro e preparar tudo para tirar as coisas da casa de António, caso se confirmasse a sua prisão. Daí a quatro dias voltariam a encontrar-se os dois juntamente com Ramos.

Sagarra não tinha ouvido falar de prisões na cidade. De acordo com Paulo, ficou de lá enviar um camarada e tentar assim saber alguma coisa. Apareceu depois com a notícia de que houvera de certeza muitas prisões. Nada mais conseguira apurar.

No dia aprazado, Paulo dirigiu-se ao encontro com Vaz e Ramos, marcado para as 10 horas num pinhal conhecido dos três. Tendo chegado um pouco adiantado, rubro de calor, despiu o casaco, sentou-se à sombra e esperou.

Um intenso cheiro a resina e a carrasca seca desprendia-se de tudo. A chiadeira das cigarras em tão densa que dir-se-ia comunicar ao ar a sua vibração. Paulo olhava o ar parado como procurando certificar-se com a vista do que o ouvido acusava. Às 10 horas precisas, levantou-se e veio até à beira do pinhal, esperando ver surgirem os camaradas. A estrada, batida pelo sol, clara a ferir a vista, estava deserta. Habitado à pontualidade, Paulo ficou inquieto. “Também foram presos”, foi o primeiro pensamento que lhe ocorreu. Procurou serenar. “Mesmo os mais pontuais podem ser obrigados a atrasar-se”, reflectiu. “Um caso de força maior acontece a qualquer um”, repetiu para si mesmo. Depois de esperar um quarto de hora naquele sítio, admitiu, embora sem motivo, que talvez os camaradas estivessem noutro ponto do pinhal, e deu uma volta pelos arredores. Tudo estava igualmente deserto e as cigarras sublinhavam a solidão. Paulo voltou ao sítio primitivo, desceu à estrada, andou sob o sol escaldante algumas centenas de metros num sentido, algumas centenas de metros no outro e às 10 e 45 estava de novo no pinhal, sentado e olhando com avidez a estrada batida de sol., Ao meio-dia ainda ali estava. Às 3

da tarde ainda ali estava. Só então, reparando que já por várias vezes passara um camponês olhando-o desconfiado, resolveu partir. Na verdade o podia ter feito mais de quatro horas antes, pois, se até então Ramos e Vaz não haviam aparecido, é porque já não apareceriam.

Foi dali tomar uma camioneta, resolvido a procurar Manuel Rato. Indicaram-lhe a Fábrica Velha, que sabia fronteira à casa do camarada, e ao cair da tarde batia-lhe, à porta. As duas irmãs vieram abrir, com a costura nas mãos, uma com os óculos na testa, outra com eles descaídos. Olharam-no assustadas.

- O senhor quem é? - perguntaram sem responder se ali vivia ou não Manuel Rato.

- Sou um patrício dele - respondeu Paulo. - Trago-lhe notícias da mulher.

Nesse momento alguém entreabriu a janela ao lado e logo depois Manuel Rato apareceu por detrás das hospedeiras.

- Entra, entra - disse ele. - É um patrício meu - confirmou às duas irmãs.

Mais sossegadas, as mulheres abriram passagem e os dois camaradas entraram para o quarto de Manuel Rato. Rosto contraído, um forte vinco entre as sobrancelhas, Manuel Rato olhou-o sem o convidar a sentar-se.

- Já sabes?

- Não, não sei nada - respondeu Paulo.

- Mataram um camarada - disse Manuel Rato.

E contou então as prisões de Túlio, de Pereira, de Jerónimo e de mais uma dúzia de camaradas da Cicol e referiu a morte a tiro de um camarada à porta de casa do Pereira.

- Não sei quem é - concluiu. - Quem o viu disse ser um pedaço de um homem.

"Foi Ramos", pensou Paulo, lembrando-se de que Vaz dissera que Ramos iria por ele a casa do Pereira.

Combinou encontro com Manuel Rato e saiu da terra com a ideia de procurar Maria.

Ramos morto, António preso de certeza, Vaz preso ou assassinado, Rosa presa ou em sítio desconhecido, das duas únicas casas do sector uma assaltada, outra abandonada, preso o melhor Comité Local, presos os camaradas da melhor célula fabril, uma razia na cidade - Paulo tinha a ideia de assistir ao desabar do Partido, a destruição em meia dúzia de dias do produto do trabalho, dos esforços, dos sacrifícios de numerosos camaradas durante longo tempo. Sentia confusamente que a força causadora de tal desastre continuava activa e ameaçadora, sentia que essa força também o visava a ele e que de todos os lados o espreitava, o esperava, o procurava. Mas tal como aquele que impulsivamente corre a socorrer a vítima de um desastre com fio de alta tensão para lá ficar

também preso e fulminado, assim Paulo sentia dentro de si uma só ideia e um só impulso: correr a todo o lado, segurar e defender o Partido. tentar impedir que o desastre se transformasse numa catástrofe.

## 2

No escritório do advogado, Paulo contou a Maria os últimos e graves sucessos. Maria ouviu-o com calma.

- Há a certeza de que foi Ramos? - foi tudo quanto perguntou numa voz pausada que mal se ouvia.

- Tudo o indica - respondeu Paulo.

Com surpresa, Maria notou que, sendo Paulo habitualmente tão sensível, comovendo-se com tanta facilidade com pequenos acontecimentos, se mostrava sereno perante notícias tão terríveis como a morte, a prisão e o desaparecimento dos mais próximos amigos. Notou-lhe mesmo como que urna secura e urna frieza novas nas palavras e uma rispidez nova na expressão. Daquele Paulo tão atento e amável para os amigos, sempre tão temo para ela, só restava a mão vermelha e sardenta, de dedos curtos e unhas rentes, pousada na sua.

- Tens de me ajudar em duas coisas - disse Paulo, como se nada mais houvesse a dizer acerca das desgraças conhecidas. - A primeira é ires comigo à tua antiga casa para de lá tirarmos tudo quanto lá ficou. A segunda é ires comigo à tua terra procurar estabelecer ligação com os camaradas. Antes tenho ainda de verificar se nada houve e arranjar sítio para pôr as coisas. Depois de amanhã é boa altura.

Marearam encontro e Paulo levantou-se. Nem uma palavra de consolo pela prisão de António ou pela morte de Ramos. Nem um abraço, nem um carinho, de que Maria sentia nesse momento tanta necessidade. Só ao apertar-lhe a mão à despedida, olhando-a por cima dos óculos, a sua expressão ganhou por um instante a costumada ternura.

- Atravessamos uma situação muito difícil - disse numa voz dificultosa que logo dominou. - Todos os nossos esforços e atenções devem concentrar-se na defesa do Partido. Todos, camarada. Não devemos ter tempo para pensar em nós próprios, nem sequer devemos ter tempo para sofrer.

No rosto de Maria, pálido de cera, brilhavam, enormes, os olhos negros e pestanudos.

- Compreendo - disse numa voz que quis fosse firme e segura.

E, nesse momento, num gesto súbito e irreprimível, contrário às palavras e propósitos, abraçou desesperadamente o camarada, cabeça esmagada no seu

ombro, mãos crispadas nos seus braços. Os dedos sapudos de Paulo acariciavam por entre o denso cabelo negro a cabeça de Maria, enquanto as lágrimas lhe corriam, espessas e silenciosas, cara abaixo.

### 3

Com as indicações de Paulo, José Sagarra foi à terra onde haviam vivido António e Maria e, dirigindo-se ao Inácio da casa do telheiro, perguntou-lhe onde morava o Sr. Lemos, pois trazia uma encomenda para ele. O homem não mostrou qualquer surpresa. Disse-lhe para perguntar adiante na aldeia e limitou-se a comentar que, segundo parecia, o Sr. Lemos e a senhora não estavam. O mesmo disse depois o merceeiro. Indicaram-lhe a casa. Sagarra falou ainda com uma vizinha, que repetiu o mesmo. Acabou por bater à porta da casa deserta, confirmando-se assim nada ter havido.

Paulo, Sagarra e Maria combinaram levar as coisas para o casal do Tomé e dois dias depois fez-se a mudança.

Tudo corria sem novidade, quando apareceu a senhoria com modos desabridos e inquietantes. Ao cair da tarde, entrou casa dentro sem cerimónias e despejou o saco: que desejava conversar com António, pois fora com António que fizera o contrato, que não se podiam ir embora sem pagarem mais três meses e que a casa tinha sido entregue lavada e limpa e que portanto assim a deviam deixar. Sem se deixarem intimidar, continuando a empacotar as coisas, Maria e Paulo responderam que isso dos três meses era invenção dela e que a presenteavam com uma bela estante e outros objectos que de longe a compensavam da despesa que podia ter com a nova lavagem. Mas a mulher, sempre com modos insolentes, insistia na sua e acabou por dizer que ia chamar os filhos para resolverem o assunto. Se os filhos viessem com o mesmo propósito e com a teimosia e arrogância da mãe, já o caso se tomaria bicudo, tanto mais que os camaradas, mesmo que quisessem satisfazer as exigências, não tinham dinheiro para isso. Mas o que mais os inquietava era a ideia de que a mulher quisesse ir chamar as autoridades, ou tivesse mesmo já qualquer indicação da polícia a esse respeito. Foi então que José Sagarra acendeu o candeeiro e o estendeu à mulher.

- A senhora pegue aí um instantinho, se faz favor - disse ele.

E, enquanto a mulher, sempre insistindo na sua, pegava no candeeiro, os três continuaram a arranjar e a empacotar as coisas. Entretanto caiu a noite, o chão e as duas mesas estavam cheios de tralha em desordem, giravam todos de

um lado para o outro e a mulher não via modo de largar o candeeiro. Com um sorriso malicioso que ninguém suporia ter, José Sagarra dizia volta e meia:

- Tenha a bondade, chegue aqui com a luz um instantinho... Se faz favor.. Obrigado... Muito agradecido... Aqui, agora, tenha a bondade... Obrigado... Muito agradecido...

E a mulher ia sempre resmungando, mas representando sofrivelmente o papel de ajudante indispensável dos três.

Já tarde, apareceu um dos filhos da senhoria, a ver o que acontecera com a mãe. Era um moço alto e esguio, com um belo rosto moreno e uma expressão curiosa e ingénua. Afinal não se parecia com a mãe. Ali estava, silencioso e retirado para um canto, para não estorvar. Depois correu num gesto apressado a dar a Paulo uma corda que Paulo procurava e que ele vira primeiro, correu da mesma forma a ajudar Maria a erguer um volume demasiado pesado, e logo, depois de cada um desses gestos, voltava silencioso para o seu canto. Entretanto a mãe, com o candeeiro na mão, rezingava sempre.

À despedida, quando já todos os embrulhos estavam prontos, José Sagarra limpou o suor da testa e olhando para o rapaz com os seus olhos de um azul luminoso perguntou indicando a mãe com o queixo:

- Dá-lhe que fazer, há?

O rapaz sorriu acenando com a cabeça.

O maior trabalho começou então, dado o mau cálculo feito ao volume das coisas.

Com os livros, papel de impressão ali depositado, o rolo de ferro de um prelo, as roupas da cama e os géneros que Paulo e Maria queriam deixar, mas que Sagarra insistiu em levar, e toda a tralha junta aos poucos nos meses que António e Maria ali haviam vivido, a carga era respeitável. Mesmo abandonando objectos de barro, a estante que António arranjara e outras pequenas coisas que Sagarra com dificuldade se conformou a abandonar, os três camaradas saíram tão carregados de casa que tiveram de descansar centenas de vezes até à estação, onde chegaram alagados em suor e mal se podendo ter em pé.

Depois tudo foi fácil. Na estação de destino estava Tomé à espera com um carro de bois. Do mesmo comboio em que seguiram para a cidade, onde iam tentar estabelecer ligação, Paulo e Maria viram ainda, à luz frouxa de petróleo, Sagarra e Tomé agarrarem um fardo cada qual por sua orelha e levando cada qual na outra mão um volume saírem ajoujados a porta da estação.

- Está bem entregue - disse Paulo.

Chegaram antes do meio-dia às barreiras da cidade. Em vez de tomarem a estrada principal para o centro, cortaram por uma azinhaga deserta e soalhenta e foram bater a uma casita amarela, numa correnteza de casas pobres.

Veio abrir uma velha de pele morena e avental negro, que ficou admirada e indecisa ao ver os recém-vindos. Depois, numa grande exclamação de espanto, gritou “Ai, a Mimizinha!” e, limpando as mãos ao avental, logo a mandou entrar.

- A Bela? - perguntou Maria A velha disse que viria jantar, que esperassem, que Maria tinha ali um banco, que se sentasse pois de certeza estava cansada, pois sabe-se lá o que tem passado, e que já ia buscar uma cadeira para este senhor, e que se sentasse e estivesse como em sua casa, e que a Bela viria jantar não tardaria, e que graças a Deus com ela não houvera nada, que bem medo tivera.

- Ai, Mimizinha - concluiu a velha -, quem havia de dizer, o Cesário tão bom sujeito...

E, respondendo a perguntas de Maria, contou que o tinham prendido e enforcado por ele não querer dizer os nomes dos companheiros, e que vinha na roupa uma carta muito bonita escrita com o próprio sangue, e que outro do qual não sabia o nome mas que lhe parecia ser um carpinteiro estivera também vai não vai para ser enforcado, e que o causador daquilo tudo havia sido um tal Vítor, e que desculpassem mas tinha de ver a panela, e que o tal Vítor fora preso só a fingir durante alguns dias para não ficar descoberto, e que agora dizia ter fugido, mas isso era para ver se conseguia ainda fazer maior mal, e que lhe haviam feito uma espera de noite para lhe dar uma ensinadela, mas ele conseguira escapar e desaparecera da cidade, e que se tivessem prevenido tinha contado com eles, mas assim teria que acrescentar com água, claro está, e que haviam sido presos muitos outros na cidade, até um doutor e um oficial, e que o caldo estava pronto e tinha que pôr a mesa, e que na casa de Cesário fora preso com ele um comandante, e que a mulher do Cesário com a paixão estava muito doente, a pobrezinha, e que a Lisete de quem a Mimizinha devia estar lembrada, pois também trabalhava na Juta, a tinham prendido, mas que só lá estivera alguns dias, e que a Bela não fora presa, mas se o tivesse sido, não era por ser sua filha, mas também lhes saberia contar...

- Tanta desgraça por este mundo, Mimizinha - concluiu a mulher limpando as mãos ao avental negro. - Sabe? A minha pena é ser velha e faltarem-me as forças. Mas ainda me faz mais pena pensar que há novos que nem parecem sê-lo.



Nesse momento ouviram-se vozes e risos de mulher na azinhaga, passos apressados, primeiro na rua, depois casa dentro, e entrou na cozinha uma mulher baixa, forte e trigueira. Depois de estacar à vista dos visitantes, correu para Maria com grandes exclamações, a beijá-la ora numa face ora noutra, em beijos enormes e estalados.

- É um camarada - explicou Maria a um gesto interrogativo de Bela na direcção de Paulo.

Pouco depois apareceu o sobrinho de Bela, um rapazote dos seus 12 anos, com ares sisudos. Enquanto os cinco comiam o caldo, Maria disse o que pretendia. Precisava de falar com a Lisete, mas não queria ir lá a casa por ser um sítio muito central e não desejar ser vista na cidade e porque a mãe e o pai eram uns tagarelas.

- Ela ainda trabalha na Juta? Como Bela respondesse afirmativamente, Maria pediu para a trazer ali a casa à tarde, depois, do trabalho.

- Não vos faz diferença aqui ficarmos todo esse tempo?

- Que disparate, Mimizinha - respondeu a velha. - Que diferença havia de fazer. A menina e este senhor podem estar aqui sossegados. Se os vizinhos perguntarem alguma coisa diz-se-lhes que são pessoas de família do Jeremias e pronto. Agora vê lá tu se vais dizer a alguém! disse a velha rispidamente voltando-se para o neto.

- Sou parvo, não? - disse o rapaz engrossando a voz e encolhendo os ombros.

- Ainda outra coisa te quero pedir - disse Maria corando subitamente. - Lembras-te daquele rapaz que me ia esperar à Juta?

- Quem? O Afonso do Manuel Chofer?

- Sim, esse. Sabes se está na cidade?

- Está, está de certeza, disse-me a Lisete - respondeu Bela com um sorriso cheio de malícia no seu rosto redondo e moreno. - Mas o quê? Ainda tens aí o sentido?

Maria corou novamente e abanou a cabeça.

- Preciso de falar com ele, mas não é para o que pensas.

- E que fosse, e que fosse! - desculpou-se Bela.

E prometeu falar com Lisete a esse respeito e ver com ela a forma de o tirar dali.

- O que não sei é se será possível já hoje.

- O filho do Manuel Chofer? - interrompeu o sobrinho de Bela engrossando novamente a voz. - Eu sei onde trabalha. Se quiserem trago-o cá.

Depois de verem bem as coisas, ficou assente que Bela traria a Lisete, falaria com esta no caso de Afonso e que entretanto o sobrinho de Bela

procuraria também dar o recado a Afonso, embora sem lhe dizer quem ali estava em casa.

- Agora vê lá se te descoses – disse a velha. – Vê lá se lhe vais dizer que está aqui a Mimizinha.

- Sou parvo, não! – repetiu o rapaz encolhendo os ombros.

Bela levanto-se para voltar à fábrica.

- Ouve! – disse Maria com uma súbita expressão de ansiedade e tristeza.

Bela voltou-se e ficou quase assustada com o tom da voz e a expressão de Maria.

- Não sabes nada do meu pai?

- Do teu pai? – e no rosto de Bela reflectiu-se a tristeza do rosto da amiga. – Não, não sei nada – e depois duma pausa acrescentou: - Não o vais ver?

Maria abanou lentamente a cabeça, e os olhos eram tão suplicantes e desgraçados que Bela baixou os seus.

## 5

Afonso apareceu antes de Lisete. O sobrinho de Bela dera-lhe o recado e ele pedira ao tio, dono da oficina, que o dispensasse de tarde.

- Nem vendo os outros a arder vocês ganham juízo – resmungou o tio de mau modo.

A velha conduziu-o à cozinha. Ao ver Maria, o espanto de Afonso foi tão grande que ficou alguns momentos sem saber que dizer nem fazer. Depois reparou no ar mais velho e mais grave de Maria, na sua palidez, na perda daquela expressão infantil e mimenta que lhe conhecia. Maria encontrou Afonso precisamente igual ao que era alguns meses antes, a mesma expressão melancólica e bondosa. A mesma madeixa seca tombada sobre a testa.

- É este amigo que te quer falar – disse Maria logo de entrada, como receando que Afonso pudesse pensar tratar-se da entrevista em tempos pedida.

Paulo, que dissera á velha querer falar com Afonso em particular, levou o camarada para um quartinho interior e aí se sentaram os dois na borda duma cama.

- Não, não sei nada – murmurou Afonso. – Deves ter conhecimento de que fui...

Sim, tenho. E o saber que foste funcionário do Partido é uma das razões por que te procuro. O que se passa diz-se em poucas palavras. Ramos foi assassinado. Vaz, que também conhecias, ou foi morto ou foi preso. Outro camarada funcionário foi também preso aqui na cidade em casa de Cesário. Há

ainda outras prisões. O resultado é que sou o único funcionário do sector e estou desligado dos camaradas que os outros controlavam.

Paulo fez uma pausa, olhando Afonso por cima dos óculos. Era vulgar todos encontrarem em Paulo, particularmente quando assim olhava, um ar tímido e hesitante. Afonso não encontrou porém tal ar neste camarada desconhecido. Pelo contrário. Apesar da voz branda com que falava e de todo o seu ar modesto, achou-lhe uma expressão enérgica, quase autoritária.

- Sei que foste expulso dos quadros de funcionários e julgo que a estas horas, depois das trágicas experiências que temos estado a colher, já terás reconhecido a gravidade das tuas faltas e o acerto da decisão do Partido - (Afonso corou vivamente). - Entretanto, pelas informações de Ramos e de Vaz, continuo a pensar que és um camarada sincero e por isso te procuro. Também a camarada Maria me diz ter a opinião de que és um amigo sério em quem se pode confiar.

Paulo observou por instantes o camarada a ver o efeito das suas palavras.

- Eras o responsável da distribuição do sector e tinhas ligação com pontos de apoio controlados pelos camaradas que foram presos. É a ligação para esses pontos de apoio que quero que me dês.

Afonso dispôs-se a fazer o que Paulo lhe pedia e conversaram detalhadamente sobre o assunto.

Depois da conversa com Paulo, Afonso voltou à cozinha, olhou indeciso para Paulo, para a velha e para Maria, sem saber se haveria de abalar, ou se Maria lhe queria dizer alguma coisa.

- Tens pressa? - perguntou Maria.

"Pressa?", pensou Afonso. "Pressa de quê, quando aqui estás e o Partido não me chama noutro lado?"

- Não - respondeu.

- Há uma coisa que te queria ainda dizer - começou Maria. Se te fiz algum mal, perdoa-me.

- Não - e Afonso corou de novo pelas palavras de Maria e por ela as dizer diante de Paulo e da velha. - Não tens nada de que pedir desculpa.

- Se fiz, perdoa - repetiu Maria. - Parece-me que ambos nos enganámos e que hoje as coisas estão claras.

"Enganar-me eu?", disse um breve lampejo nos olhos de Afonso.

- Sim, estão claras - respondeu. Despediram-se. Já à porta da cozinha, Afonso voltou-se.

- Ainda aqui estás algum tempo? Maria olhou Paulo sem saber que responder.

- Queres que procure teu pai e te traga notícias? Maria levantou-se num salto.

- O quê, amiguinho, tu és capaz?

## 6

Lisete disse a Paulo que a Juta não tinha sido tocada, que estava em contacto com Henriques e que este, por sua vez, lhe dizia não ter sido tocada a sua oficina nem alguns camaradas dispersos. Na Juta, a Comissão a que Bela pertencia continuava a trabalhar. Quanto à Comissão da oficina de Henriques, não sabia.

Com a prisão dos dirigentes locais e a falta de imprensa, a vida da organização e as lutas tinham paralisado praticamente e não lhe constava que se fizessem quaisquer reuniões. Apenas se desenvolvia um movimento para ajudar a viúva de Cesário, a mãe de Marques e a família de outros camaradas. De uma forma geral, depois das prisões e da morte de Cesário, apesar de crescer o número dos que, em meias palavras, manifestavam o seu descontentamento, notava-se receio de fazerem qualquer coisa.

Lisete contou tudo isto com o seu ar envergonhado, olhando de quando em quando para Maria, como perguntando se estava a dizer bem.

Paulo combinou voltar daí a dias para uma reunião em conjunto com Lisete e Henriques. A dificuldade era o sítio para reunirem.

- Em casa do Henriques não pode ser - disse Lisete. - Ainda o Cesário era vivo, ouvi-o uma vez dizer que a casa era tão acanhada que não podia receber um amigo.

A mãe de Bela, que com a filha saíra da cozinha para o quartinho pegado a fim de os deixar conversar à vontade e não tomar conhecimento daquilo que não tinha que saber, entrou nessa altura limpando as' mãos ao avental negro.

- Desculpem, meninos, mas tenho que ver se está aqui a tesoura. E pôs-se a rebuscá-la em cima de uma mesa e dentro da gaveta dos talheres, com gestos tão espalhafatosos que logo se via serem apenas para os outros verem. De repente, tendo-se esquecido completamente da tesoura, voltou-se para os três e perguntou-lhes se estavam mal ali em casa e que mais seguros não podiam estar e que para ela e para a Bela era uma grande satisfação tê-los ali, não é verdade, Bela? (gritou para o outro quarto). Que nem a Mimizinha calculava a alegria que tivera em vê-la, não desfazendo na Lisetinha e neste senhor, e que a casa estava sempre às ordens para o que fosse preciso e quando fosse preciso e que afinal se lembrava que tinha deixado a tesoura dentro da caixa. A velha

saiu, sendo evidente que ela e a filha ouviram do quarto ao lado toda a conversa.

- Não é por curiosidade nem por mal - disse Lisete. - A culpa é da casa que é pequena, e é nossa que falámos alto. - Parece-me que devíamos aceitar a oferta.

Chamaram Bela e a mãe e ficou combinado que Paulo ali se reuniria com Henriques e Lisete no domingo próximo.

Ao cair da tarde, voltou Afonso com notícias do pai de Maria. O velho estava na mesma, ou antes, estava cada vez pior. Agora passava, a maior parte dos dias deitado e dissera-lhe a nora que acontecia molhar !1 cama de noite. Enquanto Afonso dava as notícias, Maria via diante de si, com tamanha nitidez como se ali o tivesse, o velho pai, de lágrimas senis nos olhos, movendo os lábios sem falar e mordiscando os pêlos brancos do bigode. E porque se encontrava na cidade e o sabia a umas escassas centenas de metros e pensava que provavelmente nunca mais o voltaria a ver, mais viva e real lhe aparecia essa imagem.

Enquanto Afonso falava, curvada, olhando as próprias mãos e esfregando distraidamente os dedos de uma com os dedos da outra, Maria chorava silenciosamente.

- Viste-o? - perguntou, quando Afonso terminou.

- Vi, sim, e perguntei se queria alguma coisa para ti. Manda-te isto.

E estendeu a Maria uma pombita de vidro que ela nem se lembrava de existir lá em casa. Agarrando-se a ela, Maria chorou então convulsivamente. “Minha pombinha”, era como o pai a tratava quando ela era criança.

Quando Paulo e Maria se preparavam para sair, Afonso disse querer ainda dizer alguma coisa. E corno Bela perguntasse se queria que fossem para o quarto vizinho, Afonso pediu-lhes que ficassem.

- As palavras que tenho a dizer, quero que todos as ouçam e só lamento que as não possam ouvir aqueles que mais contribuíram para que elas sejam ditas - com os lábios tremendo, Afonso parou um momento para se recompor. - Quero que os camaradas saibam que reconheço ter cometido faltas graves, tão graves que não sei mesmo se a elas se ligam alguns dos tristes sucessos dos últimos tempos. Mas quero também que saibam que podem contar com tudo quanto estiver ao meu alcance, tudo, absolutamente tudo, tudo sem qualquer limite ou excepção.

Afonso leu surpresa na expressão de Bela e da mãe, aprovação admirativa na do rapaz, distracção na de Maria e certas dúvidas por tão exaltadas palavras na de Paulo. O olhar de Afonso encontrou finalmente Lisete: compondo a franja loura, Lisete sorria.

Ao conhecer as principais notícias do desastre, Paulo pensara segurar o que fosse possível segurar, impedir que o desastre se transformasse numa catástrofe. Vi-a agora não ser essa apenas a sua tarefa. Via que, apesar dos duros golpes sofridos, mesmo se outros tivessem atingido as organizações de que estava desligado, o Partido continuava de pé. E não só isso. Via não ser afirmação gratuita o conhecido conceito das reservas inesgotáveis do proletariado. Lembrava-se bem da opinião do carpinteiro Marques, que Vaz relatara, quando Maria saíra da cidade para a vida clandestina. Marques dissera então que, com a saída de Maria, a organização e o movimento na Juta se perderiam por completo. Maria saíra e Lisete aparecera, demonstrara, crescera. E se agora, por qualquer razão, Lisete tivesse de se afastar, Paulo bem via que a Juta se não perderia, porque aí estava Bela, com o seu vigor e o seu rosto moreno, a dizer que não se perderia. Este exemplo não era único, e Paulo pensava ser sua tarefa descobrir, debaixo dos golpes da repressão, os novos quadros de combatentes de vanguarda. “Eles existem”, pensava Paulo. “Depende de nós encontrá-los, ajudá-los e dar-lhes ocasião de se afirmarem e provarem.” Assim pensando, já não lhe aparecia o panorama sombrio que lhe haviam dado as primeiras notícias do desastre, antes começava agora, maravilhado, a descobrir amplas possibilidades de trabalho. Em vez de Cesário e Marques, tinha Henriques e Lisete. Em vez de Gaspar, Pereira e Jerónimo tinha Manuel Rato e Vicente. Por Sagarra asseguraria o controlo de todo o sector camponês. Por Afonso e pelo antigo aparelho de distribuição chegaria aos sectores dantes controlados por António e Vaz. Quanto àqueles que já antes controlava, espaçaria um pouco os encontros. Sagarra tinha já sido aprovado, antes do desastre, para funcionário do Partido. Chamá-lo-ia a colaborar em toda a direcção do sector. O necessário era instalar corri ele e com Maria uma casa o mais depressa possível e pôr aí a funcionar um copiador (a máquina de escrever da casa de António tinha-a consigo) para de certa forma tapar as faltas de imprensa que, em virtude da perda de ligação com a Direcção, não sabia quanto tempo demoraria.

Paulo via já a organização recomposta dentro deste simples plano e toda a sua atenção se concentrava a assentar bem, de si para si, os pormenores do trabalho. Estava já em casa, descansando um pouco em cima da cama e seguindo este curso de pensamentos, entrou Rita, com os seus laçarotes

espetados, de mão dada com a irmã mais pequena. Como tinha qualquer coisa a pedir, começou por oferecer.

- Primo, um tostão, toma! - e estendeu a Paulo uma moeda que achara algures.

Rita esperava ver, como sempre, Paulo levantar-se para a atender, com gestos lentos e sossegados. Por isso ficou surpreendida ao vê-lo levantar-se de repente batendo com a mão na testa.

Na verdade, Rita fizera lembrar a Paulo um problema essencial para a realização do seu plano de trabalho: o dinheiro. Consigo tinha uma escassa centena de escudos. Nas organizações que controlava, dada a sua pobreza, não era de esperar um auxílio importante. O mesmo podia dizer das organizações camponesas e daquelas que acabavam de receber profundos golpes e tinham de fazer um grande esforço de solidariedade. Entretanto, no princípio do mês, tinha de pagar a sua mensalidade a Evaristo, e tinha de entregar dinheiro a Sagarra para a sua manutenção, e tinha de pagar as deslocações suas, as de Sagarra e as que pedira a Afonso que fizesse e, para realizar o seu plano, havia a despesa da instalação de uma casa, que não era tão pouco como isso, e a compra de um copiador e a compra da tinta e do papel... Paulo compreendia que um problema imediato, fundamental, sem resolver o qual não poderia dar um passo sério, era o problema do dinheiro.

- Obrigado pelo teu tostão - disse à pequenita. - Também ajuda e meteu-o no bolso como um talismã.

Essa noite mal dormiu. Ao levantar-se de manhã, tinha assente as diligências a fazer.

## 8

Começou pelo próprio dono da casa onde vivia. Pelas conversas ouvidas à mesa, ganhara a ideia de que os negócios não corriam mal. Algumas semanas atrás percebera mesmo que Evaristo desviara para a candonga das confeitarias farinha de primeira, metendo por isso no pão fino boa porção de farinha de segunda. Ouvindo involuntariamente a conversa, Paulo achara mal que o amigo entrasse por tal caminho e chamara-lhe a atenção para os perigos. Evaristo rira-se.

- Estás com dó dos fregueses do pão fino? Olha que não são os trabalhadores que o comem. A gente não pode ver os outros andar para a frente e ficar parado.

A mulher apoiara vigorosamente as palavras do marido e Paulo concluía ter sido muito rendoso o negócio. Expondo a Evaristo a situação presente do Partido, ele decerto iria prestar uma boa ajuda.

Durante o almoço colocou a questão, mas logo percebeu que achavam mal que ele a tivesse colocado.

- Se tivesses falado há dois dias... - disse Evaristo olhando de lado a mulher.

- Agora a altura é má. Estou quase desprevenido, tenho de pagar a um fornecedor, os fregueses pregam o cão, é o diabo...

- E nós somos pobres! - quase gritou Mariana, com voz zangada, suspendendo no ar, ante o espanto da filha mais pequena, a colher com que lhe dava a sopa.

Ficaram os três contrafeitos, evitando olhar-se e comendo em silêncio. As crianças percebiam o mal-estar e comiam com invulgar cuidado e aprumo.

- Estamos quase no fim do mês - disse por fim Evaristo, olhando novamente de lado a mulher como pedindo a sua opinião. - Se tens dificuldade em entregar a mensalidade no dia 1, como de costume, e se te atrasares alguns dias, enfim mesmo uma semana que seja - Evaristo olhou de novo a mulher -, por nós não há novidade...

- Nós somos pobres... - repetiu a mulher obstinadamente. Paulo olhava os camaradas por cima dos óculos e Evaristo confundiu-se ao ver-lhe um estranho e raro sorriso nos lábios.

- Nem calculas a pena que tenho - acrescentou em resposta a esse sorriso. - Palavra!

Quando Paulo voltou ao quarto, Rita e, a irmã quiseram segui-lo. Paulo fechou a porta e, pela primeira vez desde que ali vivia, não respondeu quando as crianças bateram. Estava certo de que Evaristo possuía boas economias, e a atitude do casal, revelando, contra o que ele esperava, ganância e sovinice, indignava-o e entristecia-o. A sua vontade em sair daquela casa o mais depressa possível, para evitar o convívio constante com gente por quem sentia um súbito e profundo desprezo.

Depois serenou mais e lembrou-se de que havia muitos meses ali lhe davam guarida e lhe criavam condições para o seu trabalho, embora com isso jogassem a liberdade; e se arriscassem a possíveis transtornos irreparáveis na pequena indústria que era o seu ganha-pão; e que no fim de contas lhe levavam um preço de favor, não pagando sequer as despesas; e que, de uma forma geral, eram solidários para com ele, tolerantes e amigos. Paulo reconhecia ter sido naquela casa, no convívio com aquele casal e aquelas crianças, que pela



primeira vez, desde a sua meninice, lhe fora dada uma verdadeira vida de família.

“Não é com seres imaginários e ideais que podemos contar”, pensava Paulo. “Devemos é certo trabalhar para nos melhorarmos a nós e melhorarmos os outros. Mas todos sofremos a influência da sociedade em que vivemos e temos em consequência, numa ou noutra escala, num ou noutro aspecto, defeitos e grandes defeitos. Todos, todos os temos. Os melhores dos homens os têm. E com homens assim que se vive, se luta e se vence.”

## 9

Paulo lembrou-se de dois antigos companheiros de prisão, ambos então estudantes, que sabia estarem agora vivendo com desafogo. Resolveu procurá-los em L... Segundo lhe haviam dito, um recebera uns milhares de contos por morte do avô. Com um pouco de boa vontade, sem o mínimo de transtorno, poderia resolver as dificuldades. Paulo sabia-o afastado e desinteressado de qualquer actividade política, mas, fiando-se no seu conhecimento da prisão e na lembrança que tinha do espírito simples e solidário do antigo companheiro, estava convencido de ser bem-sucedido na diligência.

Encontrou-o em casa. Foi recebido num escritório escuro e solene, acusando, na sua luxuosa velharia, o viver confortável de algumas gerações. Com dificuldade reconheceu o antigo companheiro. Em vez do rapazinho magro e desalinhado, de fato de ganga e tairocas, que conhecera na prisão, tinha agora diante de si um homem cheio, de expressão e pose impertinentes, de traje vistoso e caro.

Também o outro teve dificuldade em reconhecê-lo.

- Ah! - admirou-se, quando Paulo o tomou lembrado, e, sem o mandar sentar, ficou-se a olhá-lo com impaciência.

Tal modo mostrava tão arrogantemente o desagrado pela visita, afirmava tão claramente não haver já nem poder haver entre os dois a velha amizade, terem-se as duas vidas afastado e nada de comum haver entre elas, que Paulo não colocou o que ali o levava e limitou-se a pedir uma informação que nada lhe interessava acerca de um indivíduo que com eles estivera preso. O visitado disse nada saber e Paulo deixou-o.

Saiu daquela casa com um tão doloroso sentimento de desilusão que esteve para não procurar o outro. “Na maior parte”, pensava Paulo, “os filhos da burguesia são assim. Enquanto jovens, enquanto não tomam directamente posse dos instrumentos de exploração, são por vezes levados a atitudes

combativas por ideais de justiça social. Depois, corri facilidade os problemas de consciência cedem passo ao interesse material e aos privilégios de classe.” Assim pensando, só quase por curiosidade foi procurar o outro antigo companheiro.

Recebeu-o numa “a moderna, de cores claras e grandes janelas. Igualmente mudado no aspecto físico, surpreendido, foi sorrindo que o mandou sentar:

- Ora tu... Ora tu... Estava longe de pensar.

- Que fazes? - perguntou Paulo.

O outro lançou um olhar pela bonita sala. “E isto que vês”, disse esse olhar.

- Sou médico, ganho a vida, casei, tenho filhos. E tu? Como vives? Que fazes? - o olhar do médico, correndo pelos cabelos grisalhos de Paulo e pelo seu traje modesto, era triste e carinhoso.

- Não mudei a não ser nos anos. O que era é o que sou.

O médico recostou-se, apoiando os cotovelos nos braços do amplo cadeirão e cruzou os dedos compridos e tratados junto aos lábios.

- A minha vida mudou - disse depois de uma ligeira hesitação. Mudou muito. Mas, por dentro, sou ainda o mesmo que era.

Tomou a fazer uma pausa e sempre com os dedos cruzados junto aos lábios prosseguiu:

- Não é cómoda esta situação. Por um lado, não sinto nem disposição nem coragem para fazer o que fazia quando rapaz. Sinto-me demasiado preso à mulher, aos filhos, profissão, às coisas de que gosto. Por outro lado, sufoco nesta vida acanhada e egoísta, quando o meu coração está onde sempre esteve.

Falou longamente e fez numerosas perguntas sobre o Partido e os camaradas. Por duas vezes uma criada o veio chamar e das duas vezes ele se ausentou breves instantes para voltar com evidente gosto na visita e na conversa. Paulo acabou por dizer o que o tinha ali levado e o médico entregou-lhe umas centenas de escudos.

- Para mais nada presto - disse ao entregar-lhe o dinheiro. Se puderes, aparece. Gostaria de contribuir regularmente. É o que posso fazer.

- Alguma coisa é - disse Paulo.

Os dois olharam-se com estima. Tanto Paulo como o médico sentiam ser aquilo apenas um começo.

O advogado em casa de quem estava Maria, quando Paulo lhe colocou a questão, entregou-lhe cem escudos e perguntou:

- Está bem?

- Decerto está bem - disse Paulo. E, depois de um longo silêncio em que Permaneceu pensativo, acrescentou:

- Sim, amigo, está bem. Há quem dê muitíssimo menos, podendo tanto e mais do que tu. Depois tu tens cá em casa uma amiga e isso representa já um encargo para ti e um importante auxílio ao Partido. Mas é meu dever dizer alguma coisa mais. Atravessamos uma si difícil neste sector. O controleiro foi assassinado e não temos ligação com a Direcção. De outros dois funcionários, um foi preso, o outro preso ou morto. Das duas casas deste sector uma foi assaltada e perdeu-se tudo quanto nela havia, da outra salvaram-se as Coisas, Mas teve de abandonar-se. Além de mim há um camarada que passou à clandestinidade e é preciso instalar-lhe uma casa onde ele possa viver e trabalhar e onde possamos reunir. O copiador que tínhamos foi apanhado e necessitamos de um novo. Temos de assegurar ligações com numerosos camaradas. Temos de fazer deslocações e os transportes são caros. Por aqui já fazes uma ideia da situação e das necessidades.

Paulo fez nova pausa, observando o advogado por cima dos óculos, corno pedindo-lhe desculpa das suas palavras. Sentado na borda da secretária, com o rosto seco, enrugado, contraído e concentrado, o advogado puxava grandes fumaças.

- Há quem diga - continuou Paulo - que o Partido mata a todo o momento a galinha dos ovos de ouro; que, quando apanha um camarada de boa vontade, exige o que o camarada Pode dar e o que não pode dar e acaba assim por provocar fadiga, impaciência, retraimento, recusas, afastamentos. Infelizmente temos de reconhecer que isso se tem dado algumas vezes e gostaria que neste caso se não desse contigo.

Tendo levado o cigarro a meio com meia dúzia de ávidas fumaças, o advogado esmagou-o demoradamente no cinzeiro.

- Bom - disse, quando Paulo terminou. - Tu vais aqui esperar um Pouco. Eu vou falar à minha mulher.

E depois de arrumar uns papéis na secretária e de, por hábito, fechar as gavetas, acrescentou:

- Eu dizia-te para ires já a casa, Pois certamente gostarias de ver a amiga. Mas hoje é mau dia. Está minha cunhada que é fina como um coral e um bom pedaço curiosa. Se Precisares absolutamente de falar com a amiga, ela dá aqui um salto com qualquer pretexto. Se podes dispensá-lo, é melhor.

Paulo concordou com o advogado, mas sentiu uma tristeza que a si mesmo pareceu exagerada por não ver Maria, tendo-a tão perto.

Passados três quartos de hora o advogado voltou.

- Falei com a minha companheira - disse sorrindo e empregando com visível prazer esta palavra que alguns meses antes quase lhe parecera Ofensiva. Com ar radiante estendeu a Paulo um envelope. - É de nós ambos.

Depois de sair de casa do advogado, Paulo abriu o envelope. Os dois contos que continha eram a mais elevada quantia que de uma só vez um só camarada dera até então naquele sector.

## 11

Manuel Rato tinha já a companheira junto de si, mas continuava a viver no mesmo quarto em casa das duas irmãs. Logo que arranjasse uma casita de preço acessível, mudar-se-ia e então o Comité Local poderia lá reunir. Entretanto, à falta de uma casa de confiança e em condições, reuniam no campo.

Paulo encontrou os camaradas num olival de encosta nas cercanias da terra. Via-se dali uma fábrica com alta chaminé, algumas casas encolhidas na baixa e parte do vulto pesado da praça de touros a esconder-se numa curva do terreno. Casas, árvores, colinas, tudo estendia, em direcção à risca prateada do no, as compridas sombras do entardecer. Na atmosfera sossegada e luminosa corriam, chilreando em desordem, bandos de Pardais. As vozes prudentes dos quatro camaradas pareciam temer perturbar a natureza.

O Comité Local ficara constituído por Manuel Rato, Vicente e Jaime Dava agora conta do trabalho realizado. Manuel Rato estabelecera as ligações com núcleos de camaradas anteriormente ligados a Gaspar e Jerónimo e conseguira ligação com os ligados a António. Vicente dava notícias da sua fábrica, onde os progressos eram importantes: de sete camaradas existentes na altura da paralisação assara-se para cerca de vinte, dos quais cinco mulheres. Só Jaime, o camarada gordo da Cicol, não apresentava um panorama optimista. Encontrava muitas dificuldades. A prisão de Gaspar, que pelo seu trabalho individualista fizera depender tudo da sua pessoa, o mau comportamento de Túlio na Polícia, de que resultara a prisão de mais de uma dúzia de camaradas da fábrica, provocara grande retraimento. Apenas entre os aprendizes se estava passando coisa diferente. Na altura do movimento não havia praticamente organização da juventude. Agora, graças ao Guilherme (aquele jovem aprendiz que, com Jaime, fora no dia 18 de Maio o único a não pegar no trabalho), tinha-se formado uma comissão de aprendizes e trabalhava-se com entusiasmo na

criação do grupo desportivo da fábrica. Já no tempo de Gaspar, Guilherme era membro do Partido e pertencia à antiga comissão operária. Mas fora no dia 18 de Maio e a partir de então que revelara todas as suas possibilidades.

- Isso é apenas uma ideia - disse Jaime. - Mas parece-me que o nosso trabalho só tinha a ganhar chamando esse camarada Local.

Sacudindo a escova do cabelo claro como se poeira lhe tivesse caído em cima, Vicente apoiou a proposta.

Também na sua fábrica o trabalho do Partido se tinha desenvolvido a partir do movimento sobretudo graças à actividade da rapariga da camisola vermelha que muito se distinguira na greve, nas manifestações e na prisão. Na sua opinião havia só vantagens em ter no Comité Local um camarada inteiramente dedicado ao trabalho da juventude.

Paulo perguntou se, antes das prisões, havia na localidade algum organismo de direcção do movimento juvenil, mas nenhum deles soube responder, pois nenhum deles pertencia então ao Comité Local.

- Se havia, não dá acordo de si - disse Manuel Rato. - Nós não podemos ficar presos a fantasmas. Corri Guilherme, com a amiga da fábrica de Vicente, com uma amiga costureira, que tem já à sua volta algumas outras, e com Renato, o pescador, que já conheces - disse voltando-se para Paulo -, pode criar-se um Comité para dirigir todo o trabalho da juventude. O Guilherme viria trabalhar connosco.

Assim ficou assente.

Os Camaradas deram depois conta do esforço para arranjar fundos. Apesar de acabar de receber graves golpes e estar sobrecarregado pelo auxílio a algumas famílias de camaradas presos, a organização respondera ao apelo. O que causava maior admiração não era tanto a quantia obtida (relativamente modesta), como a prontidão de que os camaradas deram provas, o número elevado de contribuintes (mais de trezentos) e a compreensão geral das dificuldades do Partido e da necessidade de ajudar a removê-las.

Além do dinheiro entregue com as listas, Manuel Rato, Vicente, Jaime, Guilherme, a rapariga da camisola encarnada e mais alguns camaradas haviam resolvido contribuir com o salário de um dia. Vicente entregou também a Paulo dois objectos para serem vendidos ou rifados noutros sectores: uma caneta e um relógio. Quem havia oferecido a caneta, não o sabia Paulo. Mas aquele relógio, com aquela mesma braçadeira de plástico transparente, bem o vira quinze dias antes no pulso de Vicente na altura em que o conhecera.

Paulo falou a José Sagarra na necessidade de se instalar imediatamente. Disse-lhe a região onde devia procurar casa, entregou-lhe dinheiro, insistiu para que utilizasse um fato e sapatos de António que levava com as outras coisas para a casa do Tomé (a verdade é que José Sagarra não possuía nem casaco nem sapatos) e fez-lhe boas referências de Maria, com quem Sagarra iria viver.

- E uma ótima camarada - disse Paulo. - Pode ajudar-te muito em todo o teu trabalho.

Sagarra pareceu ficar confundido com a conversa. De olhos baixos e furtivos, guardou com as mãos desajeitadas o dinheiro e limitou-se a acenar afirmativamente com a cabeça em sinal de aprovação.

Falaram depois da organização camponesa, do belo trabalho do da Barrosa, de uma vitória na debulha do cereal, das queixas dos camaradas pela falta de imprensa, mas em tudo José Sagarra falava com ar preocupado, não atinando posição para os braços e evitando olhar Paulo de frente. Só quando acabaram de tratar todas as coisas fitou em Paulo os seus olhos puros e perguntou:

- Isso está mesmo resolvido assim?

- Isso o quê? - perguntou Paulo.

- Isso da casa e da amiga - disse Sagarra. E antes que Paulo respondesse, acrescentou:

- É que eu tenho uma rapariga, sabes?

- Que mal tem? - perguntou Paulo. Esta pergunta pareceu desconcertar ainda mais José Sagarra, e Paulo, vendo a confusão do camarada, atribuindo-a ao meio acanhado em que vivera, a convenções, a falta de convívio com mulheres, entendeu necessário explicar-lhe o que era a vida numa casa do Partido, e as relações fraternais possíveis entre homens e mulheres, e acrescentou, em reforço, que também a camarada com quem iria viver não era uma mulher livre.

Ao terminar esta explicação, Paulo ficou surpreendido ao ver no rosto de José Sagarra brilhar um sorriso cheio de mocidade, tão inesperado como os olhos azuis e puros nas feições em geral carregadas.

- A questão não é essa, amigo - disse Sagarra. - A questão é que a minha rapariga está pronta a vir comigo.

Sabendo Sagarra solteiro, Paulo estava tão longe de pensar que ele pudesse ter uma mulher que o acompanhasse numa vida clandestina que nem sequer tinha encarado tal eventualidade. Mas, apesar--de admirado, o novo rumo das coisas agradou-lhe sobremaneira. Na verdade, não fora sem dificuldade íntima que encarara e resolvera a instalação de uma casa com Sagarra e Maria. Admirava cada vez mais as qualidades de Maria e, ao pensar

em instalá-la com outro camarada, não o fizera sem uma ponta de inveja e tristeza. No fim de contas, por que não havia de instalar uma casa para si próprio com Maria? Não era verdade que a sua permanência com Evaristo se estava já a tomar demasiado prolongada e que de há muito se reconhecia não ter ali convenientes condições de trabalho? Por que se haviam de instalar casas para os outros camaradas e não para ele? Não era também verdade ser junto dele que Maria podia ser mais útil e mais se poderia desenvolver.

- Bom, bom, amigo - disse Paulo alegremente depois de conversar com Sagarra acerca da rapariga, camponesa como ele. - Melhor é assim. Tenta agora arranjar casa depressa. - Dizendo isto Paulo imaginou-se a si mesmo procurando casa para ir viver com Maria.

Separou-se do camarada e seguiu pela estrada assobiando baixinho. Desafinado, claro, porque não tinha prática. Mas alegre, feliz, quase brejeiro. Se Rita o visse, o que havia de rir!

### 13

Ninguém, ao ver Paulo, seria capaz de supor a iniciativa, a actividade, a energia e a resistência física. de que deu provas nesses tempos. Não só mantinha as ligações anteriores, já bastantes para o ocupar, como ia pegando e segurando aquelas que anteriormente cabiam a Vaz e a António, e que Afonso, por via das antigas ligações do aparelho de distribuição, por um lado, e Manuel Rato, sabe-se lá por onde, por outro, iam procurando e conseguindo. Mas Paulo não se limitava a aguentar ligações. Reconstituía organismos, tratava de arranjar fundos, convocava reuniões de activistas, atendia a variadas questões, procurava imprimir à organização o tipo de actividade do tempo de Ramos, Vaz e António. Para desenvolver esse trabalho, não parava um instante, fazia extensas caminhadas, quase nem dormia nem comia, e entretanto realizava todo esse tremendo esforço com o seu ar timorato e apagado de sempre, e os camaradas, ao encontrá-lo, colhiam sempre a impressão de um ser lento de movimentos, repousado e pouco activo. Apenas na maneira de falar se notava apreciável mudança. Falava agora com mais secura, de forma mais incisiva e até por vezes com rispidez. Aqueles que dantes o conheciam, embora surpreendidos, não desagradava essa nova maneira e sorriam satisfeitos mesmo quando Paulo os tratava mais bruscamente.

Uma vez instalado, Sagarra entregou ao da Barrosa e a outros camponeses as ligações que tinha anteriormente, a fim de pegar noutras que tinham estado a cargo de António. Logo se vira, porém, que o da Barrosa e os outros camaradas

do organismo de direcção camponesa, tendo a sua vida profissional, não poderiam deslocar-se senão de longe em longe às outras terras, e por isso, apesar da sua boa vontade, a organização e o movimento camponês, com a saída de Sagarra, enfraqueceram a olhos vistos. Sagarra pegou novamente em algumas ligações, mas para isso ficou Paulo demasiado sobrecarregado.

“Não há volta a dar-lhe”, pensava Paulo. “Para desenvolver a organização do sector, tudo quanto sejam menos de três funcionários é pouco.” Esta conclusão não era afinal uma descoberta, pois a organização, depois das quebras de ligações, dificuldades e recuos aqui e além que se seguiram às prisões, retomara no fundamental as características anteriores. E os lugares mais atingidos, apesar de reconstituídos os Comitês Locais, num lado com Manuel Rato, Vicente e Jaime e noutro com Henriques, Lisete e Afonso, davam mais trabalho que anteriormente. Paulo e Sagarra não podiam pretender fazer tudo quanto dantes faziam Paulo, Vaz e António com a ajuda de Ramos e apoiados em muitos quadros locais agora presos.

Tendo reflectido muito na questão, Paulo procurou Manuel Rato para lhe propor a sua passagem aos quadros de funcionários do Partido e a sua instalação noutra localidade. Apesar das provas de dedicação de Manuel Rato, não sabia como este encararia tal mudança de vida. Uma coisa é um camarada passar aos quadros de funcionários, quando a vida legal se lhe torna impossível, quando é perseguido ou corre o risco de ser preso, e Paulo sabia ser nessas circunstâncias que era recrutada a maior parte dos funcionários do Partido, outra coisa era um camarada passar a frio à vida clandestina, com todas as suas privações, sacrifícios e perigos.

Manuel Rato recebeu serenamente a proposta.

- Já o tinha pensado - disse ele. - Só não me parecia bem ser eu a propô-lo.

Conversaram ainda sobre os efeitos que, na organização local, podia ter a saída de Manuel Rato. Paulo mostrou-se preocupado, pois não podia esquecer que aquela organização sofrera a perda recente de toda a sua direcção, camaradas com muitas qualidades e muita experiência de trabalho, como Gaspar, Jerónimo e Pereira, além da maior parte dos camaradas da fábrica mais importante. A saída de Manuel Rato não iria criar demasiadas dificuldades?

- A meu ver, não - disse Manuel Rato. - Vicente e Jaime dão perfeitamente conta do recado. Além disso, quando a influência do Partido chega ao ponto a que chegou no proletariado desta terra e em particular na juventude, não há o perigo de faltarem os frutos na árvore: por cada fruto que colhes, são dois frutos que nascem.



Durante dois meses e meio, o Comité Central procurou baldadamente estabelecer ligação com o sector. Ramos faltara ao encontro com o camarada da Direcção e não mais aparecera na casa onde vivia. Vaz, que devia ter um encontro com um camarada do Secretariado para combinar a sua transferência para outro sector, faltara também. Com extremos cuidados, foi enviado um camarada à terra onde vivia Vaz e aí conseguiu saber ter sido assaltada a casa e terem fugido minutos antes Vaz e a companheira. Esta notícia tomava a situação ainda mais obscura. Porque Vaz conseguira salvar-se de casa e faltara aos encontros com a Direcção, concluiu-se que Vaz fora preso com Rosa depois de sair de casa. Procurara depois estabelecer-se ligação por um sindicato, onde se sabia ter sido eleito presidente um camarada. Soube-se aí que esse camarada (Gaspar) havia sido preso e que na sua terra haviam prendido muitos outros e matado a tiro um camarada de fora. Quinze dias depois desta notícia, o Comité Central conseguiu saber, pela família de Ramos, que fora este a vítima, pois a polícia comunicam a notícia para a família pagar o funeral. Todo o sector continuou entretanto desligado e as tentativas para tocar a organização por vários lados falharam sucessivamente.

Estando Paulo em liberdade e o seu sector desligado, seria de esperar que Paulo procurasse camaradas de Lisboa, seus velhos conhecidos. A Direcção procurou esses camaradas e, como Paulo não lhes tivesse aparecido, concluiu que também com Paulo se passara algo de grave. Em último extremo, resolveu-se que Fialho procurasse Afonso. A coisa não era fácil e comportava perigos, pois Fialho não conhecia a casa da família de Afonso, nem o seu nome completo, e seria obrigado a diligências e permanências na cidade, perigosas para um camarada com as suas delicadas tarefas. Por todas estas razões, já passavam dois meses da morte de Ramos quando Fialho conseguiu finalmente apanhar Afonso.

Afonso apresentou Fialho a Lisete, e Lisete, nada adiantando sobre a ligação, combinou com Fialho que este voltaria dez dias mais tarde. Fialho apareceu e Lisete levou-o a casa de Bela. Pouco depois apareceu Paulo. A ligação estava restabelecida.

Fialho limitou-se a uma conversa rápida e muito geral, pois a sua missão em apenas restabelecer ligação e marcar encontro.

Paulo comunicou-lhe a prisão de António, a morte de Cesário, todas as prisões do sector que a Direcção do Partido na maior parte desconhecia ainda. Quanto a Vaz, confirmou que antes do assalto conseguira fugir de casa com

Rosa. Mas faltara a Paulo e nunca mais o procurara, embora lhe conhecesse a casa. Paulo calculava que tivesse sido preso ou morto.

Na semana seguinte, Fialho apresentou Paulo ao camarada que vinha dirigir o sector. Carlos era um homem de estatura mediana, pobremente vestido, e cujos modos e expressão ofereciam um permanente contraste de brusquidão e amabilidade.

- Até que enfim amigo - disse ele apertando-lhe a mão com simpatia. - Também julgámos que estivesses preso. Já sabemos por Fialho dos duros golpes sofridos. Calculamos o bocado difícil que tens passado. Só uma coisa o Comité Central não compreende: por que não procuraste tu ligação por Lisboa, onde conheces velhos camaradas e por onde seria fácil restabelecê-la? Estando tu vivo e livre, não se percebe por que o não fizeste.

Paulo estremeceu ao ouvir estas palavras. Na verdade o podia e devia ter feito. O facto é que nem por sombras lhe ocorrera coisa tão simples, que antes de qualquer outra lhe deveria ter ocorrido. Paulo, que se sentira até então intimamente satisfeito e contente com o próprio trabalho nesses meses, tomava súbita consciência de que nem tudo tinha sido positivo da sua parte e assaltou-o de momento a incerteza acerca das suas outras decisões.

- Falta grave a tua - continuou o camarada -, de que teremos ainda que falar. Mas o que se trata agora é de ires aguentando o melhor que puderes até que venham outros camaradas para te ajudarem. Então se reorganizará o sector.

Paulo olhava cabisbaixo por cima dos óculos e Carlos julgou ler nesse olhar o embaraço pelas fraquezas do próprio trabalho.

- Decerto fizeste o que pudeste, amigo - disse para o animar. - Ninguém pode fazer milagres e nem todos têm o mesmo espírito de iniciativa. Já é alguma coisa teres conseguido salvar-te no meio da derrocada. Quando vierem os outros camaradas, então recuperaremos o tempo perdido.

- Referes-te a funcionários? - perguntou Paulo numa voz fraca.

- Sim, funcionários.

- Mas não és tu que vens controlar e dirigir o sector?

- Sou, sou eu. Mas não posso ficar só com um camarada neste sector. Não posso ficar só contigo. Temos de constituir um novo organismo de direcção.

Paulo pareceu extremamente confundido com estas palavras. De novo estremeceu. Só agora pesava a importância das decisões que tomara sem ouvir a Direcção do Partido e em particular a chamada de camaradas à clandestinidade e aos quadros de funcionários.

- Parece que não ficaste satisfeito - disse Carlos notando admirado a estranha reacção de Paulo.

- Não... isto é... - murmurou Paulo. Perante as palavras do camarada sentira, num primeiro instante, mordê-lo a dúvida acerca do próprio trabalho e das próprias decisões. Mas, na medida em que continuou falando, esse trabalho, essas decisões, o esforço desesperado que fizera durante esses dois meses e meio, iam dando cada vez mais firmeza às palavras e emprestando-lhes aquele tom seco e incisivo que ultimamente ganhara.

- Temos ainda que falar muito, camarada - continuou Paulo depois de dar uma informação do sector. - Depois o Comité Central resolverá. Mas, como vês, não há nenhuma derrocada. Não, não há que falar em derrocada e nem sequer em reorganização. Apesar dos graves golpes sofridos, a organização não está, em geral, mais fraca que dois meses atrás. Há até, em alguns sítios, progressos a assinalar. Quanto a camaradas, quero dizer que aqui no sector está já a funcionar um organismo dirigente constituído por funcionários. Dentro de três dias temos nova reunião e podes assistir a ela para fazeres uma ideia.

No tom de Paulo não havia agora timidez ou indecisão. Com admiração dele próprio, as palavras soaram firmes e imperativas.

## Capítulo XVIII

(Epílogo)

### 1

Era uma casita roída pelo tempo, escura e solitária, um Pouco recuada de um atalho por onde raras vezes se ouviam passos de gente ou o pisar pesado e manso de animais. Se alguém por ali passasse naquele dia enevoadado de Outono, diria tratar-se de uma casa como tantas outras, habitada por camponeses, talvez de momento abandonada. Podia calhar, se desse uma volta pelos campos da retaguarda, ver sair uns instantes, para buscar um balde de água ao poço próximo, uma camponesa magra e bonita, de rosto agitado e olhos negros. Mas, se esse alguém pudesse entrar, naquele dia enevoadado de Outono, na casita escura e roída pelo tempo, ficaria decerto surpreendido.

Sentados em bancos improvisados à volta de uma mesa tosca, tão escura e roída como a casa, quatro homens conversavam em voz pacata. Cada qual falava na sua altura, com simplicidade, mas com estranha sisudez. Com as mãos curtas, largas e vermelhas sobrepostas e imóveis sobre a mesa, cabelos grisalhos, os olhos espreitando de quando em quando por cima dos óculos, um deles falava brandamente. Apoiado com força sobre a mesa, o rosto contraído e tisonado do sol e do ar, a testa clara e abaulada, outro aparava interminavelmente o lápis com uma faca de bolso. terceiro, encostado à parede, rosto magro e sardento, fitava o que falava com os olhos de um azul luminoso, sentindo a vista constantemente atraída, seja para as mãos vermelhas, seja para os cabelos grisalhos, seja para uma das hastes dos óculos, partida e atada com um fio de cor. O quarto escrevia e de quando em quando atirava um olhar rápido e interrogativo ao que falava, como a certificar-se bem do que estava dizendo.

Era a casa alugada onde agora viviam, com nome suposto, Manuel Rato e a companheira. Reuniam-se ali o próprio Manuel Rato, Sagarra e Paulo, os três constituindo o organismo dirigente do sector. Carlos, o novo controleiro, assistia.

Sentada no bordo da lareira, a mão direita segurando o cotovelo esquerdo e a mão esquerda crispada sobre a boca, a companheira de Manuel Rato, sem despegar os olhos de Paulo, não perdia palavra. Mas esses olhos negros,

brilhantes e apaixonados não viam nesse instante o que estava na sua frente: viam Isabel, esbelta e mimosa, o alto pescoço branco e tenro, as tranças em arco, o sorriso, aprovando as palavras do camarada.

A reunião durou dois dias. Pelo balanço geral dado à situação, viu-se continuarem a registar-se progressos, embora ainda muitas dificuldades persistissem nos locais mais atingidos pela repressão. De uma forma geral, a organização crescera e por todo o lado continuavam a travar-se pequenas lutas parciais. A imprensa do Partido, depois de meses de ausência, voltava a circular. O Comité Central aprovara a actividade de Paulo e a chamada de José Sagarra e Manuel Rato para os quadros de funcionários.

Tal como, um ano antes, Vaz, António e Paulo haviam feito com Ramos, em agora a vez de Paulo, Sagarra e Rato, juntos com Carlos distribuírem entre si as várias organizações e ligações para o efeito de direcção e controlo. Paulo conhecia quase todas as organizações. Acompanhara-as num momento particularmente difícil. Ajudara a confirmar as suas favoráveis perspectivas. Sentia-se por isso tentado em ficar com o controlo das mais evoluídas. Lembrando-se porém da sua decepção quando, um ano atrás, ao distribuírem as tarefas no organismo, lhe haviam somente confiado as ligações com menores possibilidades, propôs uma equitativa distribuição pelos três.

A uma das refeições, a mulher de Manuel Rato, depois de todos comerem a sopa, tirou da panela um pedaço de toucinho, partiu-o em cinco pedacinhos e deu a cada um uma fatia de pão com um pedacinho. Fez isto com estranha agitação, com um rubor súbito no rosto magro, compondo de quando em quando nervosamente o cabelo que teimava em cair para o rosto. Quando deu a Paulo o respectivo quinhão, o seu olhar brilhante fitou o camarada de forma estranha, e Paulo compreendeu que aquela refeição não fora assim preparada por acaso e que Joana sentia prazer em repetir o mesmo gesto que Paulo tivera na pobre casita de Vale da Égua num dia que parecia remoto por se ter perdido a filha querida então presente.

Depois da reunião, Carlos e Sagarra saíram juntos, e Paulo, constrangido e triste, ficou só com o casal. Com surpresa sua, igual à que sentira quando estivera refugiado na aldeia de pescadores, tanto Manuel Rato como a companheira ficaram visivelmente satisfeitos por ser ele o último a sair. O rosto de Manuel Rato, muito modificado por ter rapado o bigode, parecia descontraído e rejuvenescido. No rosto magro e agitado de Joana, os olhos negros brilhavam com ansiedade. Paulo viu bem, pela Sagarra, pelo trocar mudança de expressões depois da saída de Carlos e de olhares e pelos gestos, que tinham alguma coisa para lhe dizer a ele pessoalmente e alguma coisa de agradável.

Estiveram entretanto um bocado sem se decidirem, e os olhos negros da mulher, fitando o companheiro, insistiam: “Então? Então?”

- Uma novidade, camarada - disse por fim Manuel Rato. Fez uma pausa e concluiu em voz rápida: - Minha companheira está grávida.

Um clarão de alegria iluminou o rosto bonito e agitado da mulher. Os três sentiram que talvez viesse a reparar-se de certo modo uma perda que parecera irreparável. Nesse momento todos viam Isabel. Não a Isabel que morrera, mas aquela que estava para vir. Todos pareciam certos de que o novo ser seria uma menina e viria a ser igual, precisamente igual, à irmã desaparecida.

## 2

Uma outra surpresa, e extraordinária, aguardava Paulo em casa. Deitado na cama, erguendo-se à sua entrada, estava Vaz! Pareceu-lhe ainda mais magro do que quando o vira a última vez, mas com a barba escanhoad, penteado, arranjado com asseio, não aparentava tão grande abatimento e fadiga.

- Admiras-te? - disse Vaz com a sua voz calma e serena, estendendo-lhe a mão. - Tens razão para te admirar.

E, numa voz cortada por súbitas pausas para tomar fôlego, contou o que lhe acontecera. Quando saíra dali da casa de Paulo cerca de três meses antes, com a ideia de preparar a retirada das coisas da casa de António, já mal se tinha de pé. Conseguira chegar a casa de um simpatizante, onde se refugiara com Rosa. Já não conseguira sair. Ardendo em febre, caíra à cama e entrara em delírio. Chamado o médico, tivera de tratar-se de uma pleurisia acompanhada de um esgotamento geral. Mais de uma semana estivera em estado de quase permanente inconsciência. Quando voltara a si, procurara prevenir os camaradas por Rosa. Pensara mesmo enviar Rosa a casa de Paulo, mas a verdade é que, embora tivesse ido muitas vezes àquela casa, tomara sempre tais caminhos que não saberia explicar a outrem como lá chegar. Não podendo abandonar Vaz, só mais de quinze dias depois Rosa fora à capital procurar ligação junto de camaradas que conhecia. Debalde. Um tinha mudado de casa, outro estava desligado. Durante várias semanas, Rosa repetira as caminhadas sem qualquer resultado. Se Vaz agora ali se encontrava, era a primeira vez que se levantava e saía, contra a opinião expressa do médico. Dali voltaria para casa para se meter na cama.

- Escapei do fogo. Não sei se escaparei do rescaldo - concluiu Vaz.

Olhando o rosto magro e escanhado, de pele lisa e brilhante, Paulo via bem que só o extremo asseio lhe emprestava algum aspecto de saúde. Aquelas súbitas pausas da voz nada acusavam de bom.

Paulo contou, por sua vez, a morte de Ramos e Cesário, as numerosas prisões no sector e a situação presente. Vaz recebeu todas as notícias com aparente impassibilidade, mas, na magreza do rosto, os músculos contraídos acusavam emoção e esforço.

Vaz deu a Paulo a morada e este ficou de lá ir e de lá levar Carlos, o novo controlador do sector.

No meio da conversa, soaram à porta do quarto duas vozitas agudas e meigas.

Paulo foi abrir. Rita e Elsa entraram. Dirigiram-se a Paulo e beijaram-no. Vendo outro amigo, embora o não conhecessem, dirigiram-se também a ele para o beijar. Vaz afastou porém as crianças com um gesto. E como Paulo o olhasse surpreso, explicou, com um pálido sorriso, apontando o próprio peito e batendo nele com a ponta do dedo:

- São pequenos, mas mordem.

Assim, Paulo teve a confirmação do que estava suspeitando. Vaz, aquele camarada de energia de ferro, de resistência sem limites, aquele militante que, no dizer de Ramos, não em um homem mas um toiro, estava tuberculoso.

Paulo sentou as crianças à mesa, dando-lhes papel e lápis de cor para se entreterem desenhando, e os dois camaradas continuaram a conversar. Em todas as palavras de Vaz, na sua expressão severa, na fixidez e firmeza do olhar, transparência a impaciência por retomar a actividade, nas novas tarefas que o Partido lhe destinasse. E Paulo teve bem a certeza de que aquele camarada com a saúde arruinada caminharia sempre e sempre com uma energia feroz, enquanto, não como imagem literária, mas no sentido literal, tivesse um sopro de vida.

### 3

À medida que se aproximava da terra do advogado, Paulo não conseguia afastar o pensamento de Maria. Bem procurava pensar noutras coisas. Não conseguia. Alegrava-o pensar que a camarada, depois de ter passado duras privações, vivia agora uns tempos com conforto, dormia numa boa cama, com alimentação abundante e saborosa. Sabia que o advogado e a mulher a enchiam de presentes: uns belos sapatos, dois vestidos quase novos, um porta-moedas,

uma caneta de tinta permanente. Paulo sorria ao imaginar Maria objecto dessas atenções e cuidados.

E como estaria de saúde? Já teria acabado de ler os livros? Teria passado à máquina os trabalhos que lhe deixara? Como viria recebê-lo quando ele chegasse?

Que expressão Maria nos olhos pestanudos? Quais seriam as primeiras palavras que lhe diria?

A camioneta corre estrada fora, os campos fogem dum lado e doutro. Paulo bem quer afastar o pensamento de Maria, mas não consegue. Além do mais, pensa finalmente instalar uma casa para si e pensa propor que seja Maria a camarada que vá viver com ele. Sabe que ela o estima e sabe que ninguém mais do que ele a estimará. A situação está aprovada de antemão.

Tão distraído ia com estes pensamentos que nem deu por que a camioneta tivesse chegado à terra: foi preciso o condutor chamá-lo e abaná-lo pelo braço.

Naquelas centenas de metros, do largo à casa do advogado, Paulo sentia crescer dentro de si uma desproporcionada impaciência. Haveria novidade? Estaria de saúde? E se não estivesse em casa?

Maria veio abrir. Com uma acolhedora expressão de alegria, logo o levou para a saleta onde costumava recebê-lo.

- Então, tiozinho, então? Já pensava que não vinhas.

Maria apresentou prontos os trabalhos dactilografados e conversaram como sempre da situação e actividade do Partido. Mas Paulo notava qualquer coisa de estranho na sua expressão. Quase imperceptíveis distrações, rápidos e incompreensíveis olhares para a porta e um certo nervosismo nos gestos e posições das mãos.

- Há alguma coisa com os camaradas? - acabou por perguntar.

Maria olhou-o com os olhos inquietos.

- Não, não há nada - respondeu. - Por que perguntas isso?

Ficaram os dois calados e pensativos. De súbito, agarrando o braço de Paulo e numa voz comovida, Maria acrescentou:

- Leva-me depressa daqui, amigo. Leva-me, leva-me daqui.

Paulo insistiu para que Maria lhe dissesse o que havia. Maria insistiu em que nada havia com os camaradas, que continuavam a tratá-la com delicadeza e atenção.

Por fim, Paulo julgou adivinhar que a razão do estado de espírito de Maria seriam incidentes entre a mulher do advogado e a criada. A sua qualidade de amiga e hóspede da dona da casa tomavam certamente ainda mais dolorosas para Maria as exigências, os ralhos e as injustiças para com a rapariga que ali servia. Mas seria de facto essa a causa de tanto desespero?



- Há alguma coisa com os camaradas? - repetiu ainda. Maria não respondeu à pergunta.

- Leva-me, tiozinho - insistiu. - Leva-me para a tua companhia. Depressa, depressa. Pede ao Partido para eu ficar ao pé de ti.

Paulo saiu de casa preocupado e intrigado. Havia uma razão. Mas qual? As interrogações cederam porém passo aos sentimentos. Paulo sentia-se comovido pela estima que Maria lhe dedicava e mais ainda pela estima e ternura que por ela sentia. Qualquer coisa de grande, de novo na sua vida, de profundamente reconfortante, o invadia e acariciava.

Chegado a casa, como fosse a hora do jantar, dirigiu-se ao quarto no seu passo ligeiramente trôpego para deixar a pasta e lavar as mãos. Na parede, diante do lavatório, tinha suspenso um pequeno espelho. Contra o costume, Paulo pegou no espelho e olhou demoradamente e com atenção o próprio rosto. Depois, baixando ligeiramente a cabeça, os óculos descaídos, olhando sempre o espelho, foi desfolhando com os dedos espessos as madeixas brancas de cabelo. Achou-se feio, franzido e velho.

- Tonto! - murmurou. - Apaixonado é o que estás.

Quando dias depois se encontrou com Carlos, falou na necessidade de tirar Maria da casa do advogado e acrescentou:

- Uma coisa quero pedir à Direcção. Está-se tratando de instalar uma casa para mim. Quero pedir que não me instalem com a camarada Maria.

#### 4

Num banco da estação, ao lado de uma mulher roliça de feições delicadas, sorridente e atenciosa, está Maria com uma maleta, uma cesta e um embrulho aos pés. Maria sabe que irão fazer a viagem juntas, mas nada sabe ainda das suas futuras tarefas. Custa-lhe muito separar-se de Paulo, sente deixar ali, naquela região, uma parte importante da sua vida (a família, a entrada no Partido, a primeira casa clandestina, António, Ramos) e toma-a um vago sentimento de desconforto e desânimo. Ficara contente por ser uma mulher, e não um homem, a que fora ligada e a acompanhava. Mas depois?

- Não te vejo mais? - perguntou receosa.

Impedida de responder pelo barulho ensurdecido de uma carreta de bagagens, que nesse momento passou em frente, a camarada olhou para ela sorrindo, franzindo a cara e levando a mão aos ouvidos.

- Vais trabalhar comigo - respondeu, quando a carreta parou.

Com uma expressão feliz de criança, Maria disse qualquer coisa, mas a camarada não percebeu o que dizia porque nesse mesmo instante a carreta se pusera de novo em movimento.

Ao longo do cais iam-se juntando passageiros. Um cão apressado cheirava paredes, bancos e volumes, dando à cauda em caracol. De algures corria um vivo odor a peixe frito. Um velho berrou para alguém que se encontrava Junto à porta, não conseguiu fazer ouvir-se, mas não se decidiu a largar os volumes e aproximar-se. Dois moços camponeses apontavam para qualquer coisa do outro lado da linha. Uma criança chorava. Os passageiros iam-se juntando, quietos e solenes uns, observadores e agitados outros, uns isolados e tristes, outros em grupos ruidosos, todos com aquele ar de mistério que empresta a espera de um comboio numa gare de província.

Pela resposta da camarada, Maria julgou compreender que ia viver com ela e ajudá-la em casa no seu trabalho do Partido. Isso agradou-lhe tanto quanto a inquietara a ideia de ir viver, como quadro auxiliar numa nova casa do Partido, com um camarada desconhecido.

- Ainda bem que vou viver contigo - disse em voz baixa agarrando o braço da outra. - Vais ver que te ajudo.

A mulher de novo sorriu para Maria, e Maria leu nesse sorriso aquele respeito carinhoso e compreensivo que só uma larga experiência da vida pode dar.

- Não, não vais viver comigo - disse a camarada. - A tua nova tarefa não é numa casa do Partido. Tu vais trabalhar comigo na organização das mulheres da indústria têxtil.

Maria levou a mão ao rosto.

- Agrada-te? - perguntou a camarada. "Como pode perguntar semelhante coisa?", pensou Maria.

## 5

José Sagarra saíra de casa há três dias. Nesses três dias calcorreara muitas léguas, pouco comerá e escassas horas dormira. O seu rosto seco não reflectia porém qualquer fadiga. Apenas determinação. Era a segunda volta que dava pelo sector que lhe fora confiado. As coisas não corriam mal.

Fizera uma reunião com Alfredo, sempre nervoso e vivo, o da Barrosa e o camponês de voz fina e suave, de rosto sumido debaixo do chapeirão. Os três constituíam agora um novo Comité Regional que controlava as organizações camponesas do sector.

Com o da Barrosa, o trato continuava a não ser fácil para quem o não conhecesse. Não era o caso de Sagarra. A tudo quanto Sagarra lhe disse respondeu invariavelmente:

- Deixa isso comigo. Sagarra, que o conhecia bem, não aceitou porém que as coisas ficassem assim. Para cada questão, repetiu, insistiu, fez repetir, voltou a repetir. Quando o deixou, sabia poder confiar.

Estivera também com os responsáveis da serração onde a organização aumentara desde o movimento de Maio. A fábrica ficava isolada, trabalhava ali pessoal de mais de uma légua em redor e era portanto possível chegar por via dos camaradas a numerosas aldeias.

- A dormir é que lá não chegamos - dissera o camarada coxo, ajeitando a muleta e olhando com expressão indignada para um e para outro a buscar aprovação. - Se cada camarada na terra onde nasceu e onde vive não consegue arranjar um outro camarada, então que espécie de comunista é ele?

Sagarra saíra da reunião com a ideia de que, dentro de pouco tempo, estaria ali estabelecida uma ampla organização.

Estivera também com um célebre Comité Local, cujas reuniões durante muito tempo o responsável, sapateiro, sabotara. Agora estava de novo reconstituído o organismo e, como ia ser inaugurada na terra uma fábrica de curtumes, abriam-se novas possibilidades ao trabalho do Partido. O camarada que mais se estava destacando pela sua iniciativa e dedicação era o ferreiro magrito de lábios desmaiados e voz grossa com quem Paulo em tempos falara. Depois da reunião do Comité Local procurou ficar só com Sagarra. Via-se ter lavado a cara há pouco tempo, mas as marcas do carvão mantinham-se junto aos cabelos, nas orelhas e nas rugas mais profundas. Uns olhos cansados e debruados do mesmo negro do carvão fitavam José Sagarra.

- Comunica aos amigos - disse o ferreiro na sua voz de baixo, que entretanto casava com a figura franzina - que a minha oficina está ao dispor para o que for preciso. Sou fraco artista, mas no que for preciso dá-se um jeito.

Sagarra estivera ainda durante esses três dias com várias outras organizações e camaradas. Em toda a parte via boas perspectivas. Mesmo onde os camaradas se mostravam com menos iniciativa, estava certo de conseguir fazer andar as coisas para diante. Onde são poucos, espera que serão mais. "É de pequenas sementes que nascem grandes árvores", pensava confiante.

José Sagarra ia agora aos últimos encontros desta sua volta pelo sector. Depois poderá regressar a casa, à casa clandestina onde vive e onde o espera a companheira, aquela modesta camponesa, analfabeta e de poucas falas, que abandonou tudo para o seguir na vida dura e perigosa dos revolucionários profissionais.

José Cavalinho já o esperava junto do barracão. Com o boné de ferroviário atirado estouvadamente para a nuca, afagando o bigode branco, fitou-o com os olhos vivos que brilhavam por debaixo das sobrancelhas espessas e grisalhas.

- Já aí estão os homens! - disse sem quaisquer cumprimentos.

E, atirando o boné ainda mais para a nuca com decidido ar de desafio, foi à porta do barracão, olhou para dentro e deu um estalo com os dedos a chamar alguém. Logo apareceu um rapaz baixo e moreno e um camponês alto, magríssimo, com uma barba rala e loura e uns olhos parados e inexpressivos. Segundo dizia José Cavalinho, o moço trabalhava como um furacão e o outro, como confirmara Manuel Rato, tivera papel destacado e corajoso na luta dos pequenos proprietários dos pinhais. O moço falou das conversas que tivera em várias aldeias das cercanias, da formação de grupos de simpatizantes, das possibilidades de organizar a luta. Enquanto falava, os olhos de um negro aveludado exprimiam uma intensa alegria. José Cavalinho aprovava com ar protector, acenando a cabeça e, a cada frase que o moço completava, olhava rápido e observador para Sagarra a ver o efeito. “Que tal o rapazote?”, parecia perguntar. Com os braços enormes corridos ao longo do corpo, o camponês louro respondeu nervoso e indeciso às perguntas de Sagarra. Sagarra propôs ir à Aldeia do Mato ter uma reunião conjunta com os camaradas. A tal proposta, o camponês, louro respondeu com estas palavras inesperadas:

- Os cinco não chegam. Era evidente não ter ouvido o que dissera Sagarra, não estar respondendo à proposta, mas seguindo o curso dos seus pensamentos e exprimindo qualquer coisa que o preocupava desde o início do encontro.

Sagarra não percebeu imediatamente o que ele ia dizer, mas José Cavalinho com certeza o percebeu porque voltou para Sagarra os seus olhos alegres cheios de juventude, como que dizendo: “Então, não te dizia que era um bom camarada?” De facto os cinco jornais pedidos havia quinze dias já não eram suficientes, porque entretanto o camponês da barba loura arranjava mais leitores.

Combinaram finalmente a ida de Sagarra à Aldeia do Mato daí por oito dias, combinaram encontro com o moço, e Sagarra ficou só com José Cavalinho. “Então que tal? Não te dizia que eram bons camaradas?”, continuavam a perguntar os olhos do ferroviário por detrás das sobrancelhas espessas e grisalhas.

- Aqui, corno vão as coisas? - perguntou Sagarra.

- Aqui? - repetiu Cavalinho e tossiu, numa tosse seca e provocada. - Aqui é outra loiça, meu amigo. Outra loiça.

E fez uma prolongada pausa, observando o camarada, a gozar a sua ansiedade ante as boas notícias que ia dar-lhe.

Na verdade, as notícias eram boas. Naquela localidade, onde um ano atrás o único do Partido em o próprio José Cavalinho, cuja ligação Manuel Rato resistira a dar apesar da insistência de Vaz, havia agora um núcleo considerável de camaradas, dos quais três ferroviários. “Que tal? hã?”, perguntavam constantemente os olhos de José Cavalinho, enquanto ia falando.

Aproximava-se a hora do comboio. Os dois foram caminhando ao longo do talude que acompanhava a linha desde o barracão até à gare. A despedida, já com a mão do camarada na sua, olhando com simpatia o rosto sardento cortado à machada de José Sagarra e os seus olhos azuis luminosos, José Cavalinho perguntou:

- O amigo está com o Manuel Rato?

- Estou - respondeu José Sagarra e, como o outro, sempre conservando a sua mão presa nas suas, nada mais dissesse, acrescentou:

- Queres alguma coisa para ele?

- Nada, nada... - disse José Cavalinho deixando-lhe a mão. De novo os seus olhos brilharam jovens e maliciosos por de trás das sobranceiras grisalhas.

“Mal sabes tu o que eu tinha para dizer ao Manuel Rato”, diziam esses olhos, “mal sabes! Mas não to digo.”

Ouviu-se o apito alegre do comboio. Sagarra correu a comprar bilhete e José Cavalinho entrou no cais. O comboio chegou, Sagarra subiu e José Cavalinho acompanhou-o com a vista até ele se sumir. E ficou olhando a carruagem onde Sagarra entrara, tossicando de vez em quando e acenando ligeiramente com a cabeça, a aprovar qualquer ideia que lhe ocorrem.



<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>  
[http://groups-beta.google.com/group/Viciados\\_em\\_Livros](http://groups-beta.google.com/group/Viciados_em_Livros)